MAURICE PINAY

COMPLÔ CONTRA A IGREJA

TOMO I

NOTA DO EDITOR

A presente obra foi editada originalmente em italiano, em 1962, por abnegados católicos que, por sua firme convicção, acreditavam que a Igreja estava atravessando naquele momento uma das mais perigosas fases de sua existência.

Para mostrar quais os perigos e de onde partiam as ameaças contra sua Igreja, desde os mais remotos tempos, este grupo de idealistas lançou-se ao gigantesco trabalho de examinar e juntar incontáveis documentos para redigir a presente obra.

Ela foi imediatamente traduzida para vários idiomas. Em português é a primeira editada no Brasil.

Recentemente foi assinado um **ACORDO EXPERIMENTAL DE INTENÇÕES**, entre uma autoridade do Vaticano e da cidade de Jerusalém, visando um possível entendimento posterior maior, o qual após um período experimental de seis meses, eventualmente poderá chegar ao reconhecimento oficial de Israel, por parte do Vaticano, o que culminaria até na troca de embaixadores.

Este acordo, além de defender os interesses cristãos, seguramente está vinculado ao reconhecimento e existência le-

gal da Palestina, por parte de Israel, questão de dificil solução.

Após este **ACORDO EXPERIMENTAL**, a presente obra — depois de 32 anos de lançamento em Roma — torna-se verdadeiramente empolgante, pois mostra as intermináveis lutas enfrentadas pela Igreja contra seu maior inimigo: a Sinagoga Judaica.

Apesar de revelações históricas mais recentes terem alterado alguns conceitos constantes desta obra, mantivemos a autenticidade total das opiniões do autor e de seus dedicados pesquisadores e colaboradores, por serem as vigentes na época do lançamento.

Estamos seguros de que esta publicação ajudará a esclarecer inúmeros acontecimentos que nunca haviam sido comentados ou divulgados anteriormente, proporcionando a ampliação do conhecimento geral, não só de religiosos, mas também dos amantes da história, professores, políticos, militares e interessados no assunto.

Porto Alegre,
1º de Fevereiro de 1994.

REVISÃO EDITORA LTDA.

Siegfried Ellwanger
(S.E.Castan)

LIVROS À VENDA NA REVISÃO EDITORA LTDA.

— HOLOCAUSTO JUDEU OU ALEMÃO?, de S. E. Castan. O que realmente aconteceu.
— HOLOCAUSTO JUDIO O ALEMAN?, de S. E. Castan em espanhol.
— HOLOCAUST — JEWISH OR GERMAN?, de S. E. Castan, em inglês.
— HOLOCAUST — Der Juden oder der Deutschen?, idem, em alemão.
— ACABOU O GÁS!... O FIM DE UM MITO, de S. E. Castan. Engenheiro norte-americano desmente câmaras de gás.
— S. O. S. PARA ALEMANHA, de S. E. Castan. Sensacionais revelaçoes e constatações.
— A IMPLOSÃO DA MENTIRA DO SÉCULO, de S. E. Castan. O derradeiro ato da farsa do "holocausto".
— DOS JUDEUS E SUAS MENTIRAS, de Martin Luther. Raridade escrita em 1543. Obra numerada.
— AUSCHWITZ E O SILÊNCIO DE HEIDEGGER — OU "PEQUENOS DETALHES", de Dr. Roger Dommergue Polacco de Menasce.
— O MASSACRE DE KATYN, de Sérgio Oliveira. Ponto final à farsa de quase meio século.
— HITLER CULPADO OU INOCENTE?, de Sérgio Oliveira. Novos fatos e provas referentes à II Guerra Mundial.
— SIONISMO X REVISIONISMO, de Sérgio Oliveira. Fantasias contra realidades.
— A FACE OCULTA DE SACRAMENTO, de Sérgio Oliveira. Novíssimas revelações e segredos da História do Brasil.
— A HISTÓRIA DO LIVRO MAIS PERSEGUIDO DO BRASIL, do Jornal RS. Amplo comentário e entrevista com S. E. Castan.
— QUEM ESCREVEU O DIÁRIO DE ANNE FRANK?, de Robert Faurisson. Esclarecendo outra farsa que sensibilizou o mundo.
— CARTA AO PAPA, do Gen. Leon Degrelle. Enviada a João Paulo II quando visitou Auschwitz.
— CONDENADO À MORTE AOS 24 ANOS, de Georges Laperche. A face nunca revelada da "resistência francesa".
— OS CONQUISTADORES DO MUNDO, de Louis Marschalko. Quem nos governa? Obra vigorosa e de impacto.
— O JUDEU INTERNACIONAL, de Henry Ford. Impressionantes revelações e previsões do gênio da indústria automobilística
— BRASIL — COLÔNIA DE BANQUEIROS, de Gustavo Barroso. Um histórico dos nossos empréstimos e dívidas.
— OS PROTOCOLOS DOS SÁBIOS DE SIÃO, de Gustavo Barroso. Faz a melhor análise do famoso plano de dominação mundial.
— HISTÓRIA SECRETA DO BRASIL — Vol. I, II, III, IV, V e VI, de Gustavo Barroso. A história que gostariam de eliminar.
— A BÍBLIA — Velho Testamento, em quadrinhos coloridos. Edição de luxo.
— O CACHORRO, de Marco Pollo Giordani (ficção policial).
— SAPO GAITEIRO E BUGIO DOMADOR, de Marco Pollo Giordani (infantil).
— TEBAS O PEQUENO CAMPEADOR, de Marco Pollo Giordani (infantil).
— BAÚ DE RECUERDOS, de Galvão de Almeida Souza (poesia tradicionalista).

Atenção: As presentes **obras** destinam-se para estudos/pesquisas em geral e como contribuição para a ampliação do conhecimento/aperfeiçoamento do cidadão brasileiro sobre História e Política Mundial.

PEDIDOS DE LEITORES E LIVRARIAS PARA: **REVISÃO EDITORA LTDA.**
Caixa Postal 10466 — CEP 90001-970 ou Fone e Fax (051) 223.16.43 — PORTO ALEGRE — RS — BRASIL.

ADQUIRA — LEIA — PRESENTEIE — DIVULGUE
Os livros fundamentais para a compreensão da história.

TOMO I

COMPLÔ CONTRA A IGREJA MAURICE PINAY

COMPLÔ
CONTRA A
IGREJA

PARROQUIA DEL SAGRARIO METROPOLITANO

APARTADO 469 TELEFONO 3-55-01

HERMOSILLO, SONORA, MEXICO

Habiendo leído el libro publicado en Roma en 1962 COMPLOT CONTRA LA IGLESIA que fue distribuído entre todos los Padres Conciliares, no encontrando en él nada que se oponga a la fe y buenas costumbres, no tengo inconveniente en conceder el IMPRIMTUR CANONICO que se me ha pedido para la edición española que se está publicando en México.

Abril 18 de 1968.

+ Juan Navarrete
Arz. de Hermosillo

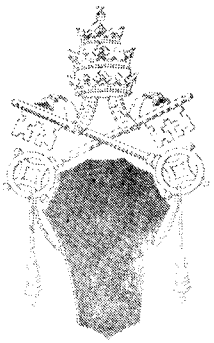
JUAN NAVARRETE

ARZOBISPO DE HERMOSILLO

MAURICE PINAY

COMPLÔ CONTRA A IGREJA

Do original em italiano publicado em Roma em 1962.



TOMO

I

REVISÃO
EDITORA LTDA
BRASIL - 1994

ÍNDICE GERAL DA OBRA

Prólogo à edição venezuelana 11
Introdução à edição italiana 15
Prólogo à edição austríaca 21

TOMO I

PRIMEIRA PARTE

O MOTOR SECRETO DO COMUNISMO

Capítulo I — O comunismo destruidor e assassino 27
Capítulo II — Os criadores do sistema 33
Capítulo III — A cabeça do comunismo 41
Capítulo IV — Os financeiros do comunismo 75
Capítulo V — Testemunhos judeus 85

SEGUNDA PARTE

O PODER OCULTO POR DETRÁS DA MAÇONARIA

Capítulo I — A maçonaria inimiga da Igreja..... 91
Capítulo II — Os judeus fundadores da maçonaria 93
Capítulo III — Os judeus dirigentes da maçonaria 99
Capítulo IV — Os crimes da maçonaria..... 105
Capítulo V — A maçonaria propagadora das revoluções .. 109

TERCEIRA PARTE

A SINAGOGA DE SATANÁS

Capítulo I — Imperialismo judeu e religião imperialista .. 121
Capítulo II — Algumas coisas sobre as crenças religiosas dos judeus 131
Capítulo III — Maldições de Deus aos judeus..... 141
Capítulo IV — Matanças de judeus ordenadas por Deus como castigo 151
Capítulo V — Anti-semitismo e cristianismo 155

TOMO II

TERCEIRA PARTE (Cont.)

Capítulo VI	Cristo Nosso Senhor, símbolo do anti-semitismo, segundo os judeus	163
Capítulo VII	O povo deicida	171
Capítulo VIII	Os Apóstolos condenam os judeus pelo assassino de Cristo	179
Capítulo IX	Moral combativa e não derrotismo mortal ..	183
Capítulo X	Os judeus matam cristãos e perseguem os Apóstolos	193
Capítulo XI	As perseguições romanas provocadas pelos judeus	203

QUARTA PARTE

A QUINTA COLUNA JUDAICA NO CLERO

Capítulo I	O polvo estrangula a cristandade	209
Capítulo II	Origens da quinta coluna	213
Capítulo III	A quinta coluna em acção	221
Capítulo IV	O judaísmo, pai dos gnósticos	231
Capítulo V	O judeu Arrio e a sua heresia	243
Capítulo VI	Os judeus aliados de Juliano, o Apóstata ..	253
Capítulo VII	São João Crisóstomo e Santo Ambrósio condenam os judeus	257
Capítulo VIII	São Cirilo de Alexandria vence Nestor e expulsa os judeus	267
Capítulo IX	Invasão dos bárbaros, triunfo arriano judeu	277
Capítulo X	Vitória católica	283
Capítulo XI	O Concílio Terceiro Toledano elimina os judeus dos postos públicos	289
Capítulo XII	O Concílio Quarto Toledano declara sacrílegos e excomungados os bispos e padres que apoiem os judeus	293
Capítulo XIII	Condenação de reis e sacerdortes católicos negligentes na sua luta contra o criptojudaísmo	303
Capítulo XIV	A Igreja combate o criptojudaísmo. Excomunhão de bispos negligentes	313

TOMO III

QUARTA PARTE (Cont.)

Capítulo XV	O Concílio XVI de Toledo considera necessária a destruição dos judeus quinta-colunistas	327

Capítulo XVI — O Concílio XVII Toledano castiga com a escravidão as conspirações dos judeus 331
Capítulo XVII — Reconciliação cristo-judia, prelúdio de ruina 339
Capítulo XVIII — Os judeus atraiçoam os seus mais fiéis amigos 349
Capítulo XIX — Os Concílios da Igreja lutam contra o judaísmo 363
Capítulo XX — Tentativa de judaização do Sacro Império Romano Germânico 373
Capítulo XXI — O Concílio de Meaux luta contra os judeus públicos e secretos 385
Capítulo XXII — Terror judeu em Castela no século XIV ... 393
Capítulo XXIII — Os judeus atraiçoam o seu mais generoso protector 405
Capítulo XXIV — A infiltração judia no clero 411
Capítulo XXV — Um cardeal criptojudeu usurpa a Papado .. 427
Capítulo XXVI — São Bernardo e São Norberto libertam a Igreja das garras do judaísmo 437
Capítulo XXVII — Uma revolução judeo-republicana no século XII 447
Capítulo XXVIII — A quinta-essência das revoluções judaicas. Ataques seculares à tradição da Igreja.... 455
Capítulo XXIX — O criptojudaismo e as heresias medievais. Os Albigenses 467
Capítulo XXX — O judeu, o mais perigoso inimigo da Igreja. Os Valdenses 479

TOMO IV

QUARTA PARTE (Cont.)

Capítulo XXXI — O grande Papa Gregório VII (Hildebrando) destrói uma teocracia judaica no Norte de Itália 485
Capítulo XXXII — Quinta coluna judia na Igreja Ortodoxa Russa 489
Capítulo XXXIII — Os judeus propagadores do culto a Satanás 497
Capítulo XXXIV — A Igreja e os estados cristãos organizam a sua defesa contra a grande revolução judaica medieval 501
Capítulo XXXV — Um arcebispo e sete bispos processados por adorarem Lúcifer 509

Capítulo XXXVI	O Concílio III de Latrão excomunga e destitui os bispos e clérigos que ajudem ou não se oponham fortemente aos hereges ...	515
Capítulo XXXVII	O grande Papa Inocêncio III e o famoso Concílio IV de Latrão impõem como bom e obrigatório aquilo que os judeus chamam racismo e anti-semitismo	523
Capítulo XXXVIII	Frades, freiras e prelados criptojudeus ...	531
Capítulo XXXIX	Inflitração judeo-maçônica na Companhia de Jesus	551
Capítulo XL	As conjuras da História e dos ritos	563
Capítulo XLI	Os erros nazis e imperialistas	569
Capítulo XLII	Papas, Padres da Igreja e santos lutam contra os judeus e condenam-nos. A verdadeira doutrina da Igreja sobre os Judeus	577
Capítulo XLIII	Fraternidades judeo-cristãs — lojas maçônicas de novo cunho?	597
Capítulo XLIV	A aproximação amistosa cristã-judaica	601
Apêndice	A tenaz soviético-israelita estrangula os árabes. Outros segredos do judaismo	605-I
Capítulo XLV	Sionismo e Comunismo	605-III
Capítulo XLVI	Outras conseqüências do sisma judaico-estalinismo	605-V
Capítulo XLVII	A tenaz soviético-israelita estrangula os árabes	605-XVII
Bibliografia		607

PRÓLOGO A EDIÇÃO VENEZUELANA

UM LIVRO SENSACIONAL

«COMPLOT CONTRA A IGREJA»

Os factos confirmam que não é exagerado o qualificativo de sensacional aplicado ao livro «Complot contra a Igreja». Mal os primeiros exemplares da primeira edição italiana começaram a ser distribuídos pelos Padres do Concílio Vaticano Segundo, no Outono de 1962, logo a Imprensa de diversos países do mundo começou a fazer comentários sobre esta obra, cuja leitura é de capital importância não só para os católicos como também para todos os homens livres.

Pode assegurar-se, sem receio de exagerar, que nenhum livro, no presente século, foi objecto de tantos comentários na Imprensa mundial: virulentamente desfavoráveis os das publicações comunistas e os de todas aquelas que estão controladas por mações e judeus, e favoráveis em extremo os de alguns jornais católicos, independentes dessas forças sombrias, e que tiveram a coragem e a possibilidade de expressar com liberdade os seus pontos de vista. Um ano depois de distribuída no Santo Concílio a primeira edição italiana, ainda a Imprensa de diversos países do orbe continuava a ocupar-se do extraordinário livro, coisa verdadeiramente inusitada em assuntos de publicidade.

Para que os leitores possam dar-se conta da importância desta obra, vamos transcrever interessantes parágrafos do que o correspondente em Roma do semanário católico português «Agora», de Lisboa. escreveu em 1 de Março de 1963:

«Roma. Fevereiro de 1963.

Vamos referir-nos a uma publicação que saiu há tempo em Roma. Além da informação, pudemos conseguir um exemplar deste livro, que se converteu, em um par de meses, numa raridade bibliográfica»... «O livro foi impresso numa tipografia romana, mas quando as actuais autoridades democrato-cristãs de Itália, favoráveis ao marxismo, se deram conta da sua publicação, já os exemplares do grosso volume de 617 páginas haviam sido distribuídos (entre os Padres do Concílio

Ecuménico), o que provocou alarme no governo do Vaticano, alarme no mundo diplomático e nos partidos da esquerda. Durante vários dias, a tipografia recebeu a visita de altíssimas autoridades policiais, que só obtiveram a declaração de que se havia encarregado de imprimir a obra, e que o preço da edição fora totalmente pago. A Imprensa das esquerdas lançou-lhe ataques furibundos»...

«A excepcional importância do livro reside principalmente num elemento fundamental: quer seja um quer sejam muitos os seus autores (é mais fundamentada esta hipótese), deixa-se adivinhar por qualquer pessoa de elementar cultura que a compilação foi feita por padres. Naturalmente que, com respeito a este assunto, surgem as mais variadas versões. Há quem afirme que foram prelados italianos em colaboração com elementos do catolicismo inglês; outros falam de um grupo de sacerdotes, incluindo alguns bispos, de um país da América Meridional, não bem identificado» ... «Esta obra, pela sua enorme seriedade, pela minuciosa, escrupulosa e erudita documentação, não é um a mais desses produtos do anti-semitismo baseados nos «Protocolos dos Sábios do Sião» (que não são utilizados nela para coisa nenhuma). «Finalmente, nas suas páginas, nos argumentos e no próprio estilo do livro, sobressai, inconfundível, a presença de padres católicos, militando contra a eterna heresia, que tem tentado sempre subverter as bases religiosas, éticas e históricas do cristianismo, servindo-se sucessivamente de Simão Mago, de Arrio, de Nestor, dos Albigenses e, actualmente, dos esquerdistas do Concílio Ecuménico». Até aqui as citações do interessante comentário publicado, sobre «Complot contra a Igreja», pelo periódico católico português «Agora».

No entanto, a versão que mais se tem imposto, tanto em Roma como na Imprensa mundial, é que o sensacional livro foi elaborado nem mais nem menos do que por elementos destacados da Cúria romana, que, como é sabido, é o governo supremo da Igreja, auxiliar de S. S. o Papa nas suas máximas funções. Tem-se vindo a repetir que a obra «Complot contra a Igreja» é um dos maiores esforços feitos pela Cúria romana para fazer fracassar as reformas que intenta realizar a ala esquerda do clero católico, reformas que, a verificarem-se, subverteriam por completo as bases sobre as quais descansa a Santa Igreja. Há jornais que a este respeito têm sido ainda mais explícitos e que afirmam que foi o chamado «Sindicato de Cardeais» quem elaborou o livro. É preciso explicar que os mações, os comunistas e seus cúmplices deram em chamar «Sindicato de Cardeais» ao grupo heróico de cardeais da Cúria romana, que estão a lutar no Concílio Vaticano Segundo para

impedir que um grupo de padres, que de forma estranha se encontra ao serviço da maçonaria e do comunismo, imponha no Sínodo Universal toda uma série de teses subversivas e algumas até heréticas, destinadas a causar a ruína da Igreja, coisa que não chegará a consumar-se, porque escrito está «que as forças do inferno não prevalecerão contra ela», se bem que também profetizado esteja no Apocalipse de S. João que tais forças infernais lograrão vistosos triunfos temporais, depois dos quais serão vencidas e aniquiladas.

Para não alargar demasiado este Prólogo, só transcrevemos a seguir o que disse a tal respeito um importante periódico da América Latina, de tendências maçónicas e comunistas. Referimo-nos ao semanário «Tiempo», publicado, na Cidade do México, pelo senhor Martin Luiz Guzmán, distinto jerarca da maçonaria, e que, no número 119, volume XLIII, páginas 60, de 14 de Outubro de 1963, diz, referindo-se aos Bispos chamados progressistas:

«A rebelião dos Bispos foi considerada por Ottaviani e outros Cardeais do «Sindicato» como um princípio de heresia. Até se falou em «L'Osservatore Romano» da possibilidade de o Concílio depor o Papa se o considerasse herege. O «Sindicato» (de Cardeais) editou então, Outubro de 1962, um libelo intitulado «Comploto contra la Chiesa» (Conspiração contra a Igreja) com o pseudónimo de Maurice Pinay.» Até aqui o comentário do periódico antes mencionado.

O que confere a este livro um definitivo valor probatório é que se trata de uma magnífica e importante compilação de documentos e fontes de indiscutível importância e autenticidade, que demonstram, sem dar lugar a dúvida, a existência de uma grande conspiração que, contra a Santa Igreja Católica e contra o mundo livre, tramam os seus tradicionais inimigos, que pretendem converter o catolicismo num instrumento cego ao serviço do comunismo, da maçonaria e do judaísmo, para debilitar com isso a humanidade livre e facilitar o seu afundamento e, com ele, a vitória definitiva do comunismo ateu, sendo os instrumentos mais úteis em tal conspiração os padres católicos, que, atraiçoando a Santa Igreja, intentam destruir os seus mais leais defensores, ao mesmo tempo que ajudam, em tudo o que podem, comunistas, mações e judeus nas suas actividades subversivas.

Com a presente edição pretendemos lançar o grito de alerta não só aos católicos mas a todos os anticomunistas da Venezuela e da América Latina, para que se dêem conta dos graves perigos que ameaçam actualmente não só a Igreja Católica mas a cristandade e o mundo livre em geral, e para que se apressem a oferecer todo o seu apoio ao grupo benemérito de

Cardeais, Arcebispos, Bispos e Sacerdotes que estão a lutar, no Santo Concílio e nos seus países, contra os inimigos externos e internos tanto da Santa Igreja como do mundo livre, que, com perseverança satânica, tentam destruir as mais sagradas tradições do catolicismo e mergulhar-nos, a nós e aos nossos filhos, na espantosa escravatura comunista.

Caracas, Venezuela, 15 de Dezembro de 1963.

O Editor

URGENTE AO LEITOR

CONSPIRAÇÃO CONTRA A IGREJA

Introdução à edição italiana

Roma, 31 de Agosto de 1962.

Está a consumar-se a mais perversa conspiração contra a Santa Igreja. Os seus inimigos tramam destruir as suas mais sagradas tradições e realizar reformas tão audazes e malévolas como as de Calvino, Zwinglio e outros grandes heresiarcas, com o fingido zelo de modernizar a Igreja e pô-la à altura da época, mas, na realidade, com o oculto propósito de abrir as portas ao comunismo, acelerar o derrubamento do mundo livre e preparar a futura destruição do cristianismo.

Tudo isto, que parece incrível, se pretende realizar no Concílio Vaticano. Temos dados que provam que tudo se tramou em secreto contubérnio com os altos poderes do comunismo, da maçonaria mundial e da força oculta que os controla.

Planeiam iniciar uma sondagem prévia e começar pelas reformas que menos resistência provoquem nos defensores da Santa Igreja, para ir conseguindo, pouco a pouco, a transformação desta, até onde a resistência daqueles o permita.

Afirmam também algo ainda de mais incrível para aqueles que ignoram que essas forças anticristãs contam, dentro das jerarquias da Igreja, com uma verdadeira quinta coluna de agentes incondicionais da maçonaria, do comunismo e do poder oculto que os governa, pois indicam que esses Cardeais, Arcebispos e Bispos serão os que, formando uma espécie de ala progressista dentro do Concílio, tratarão de levar a cabo as perversas reformas, surpreendendo a boa fé e a ânsia de progresso de muitos piedosos padres.

Asseguram que o chamado bloco progressista se formará ao iniciar-se o Sínodo e contará com o apoio do Vaticano, que essas forças anticristãs dizem influenciar, o que nos parece incrível e fruto mais de alardes jactanciosos dos inimigos da Igreja do que uma realidade objectiva. No entanto, fazemos

menção do facto, para que se possa ver até onde quiseram chegar os inimigos do catolicismo e do mundo livre.

Além de reformas perigosas na doutrina da Igreja e na sua política tradicional, que contradizem manifestamente o que foi aprovado por Papas e Concílios Ecuménicos anteriores, procuram anular a Bula de excomunhão lançada por S. S. Pio XII contra os comunistas e os que com eles colaboram, para tratarem de estabelecer uma convivência pacífica com o comunismo, que por um lado desprestigie a Santa Igreja perante todos os cristãos que lutam contra o comunismo materialista e ateu, e por outro lado quebre o moral destes lutadores, facilite a sua derrota e provoque a debandada em suas fileiras, assegurando o triunfo mundial do totalitarismo vermelho.

Procura-se que, por nenhum modo, sejam convidados como observadores os protestantes e ortodoxos, que heròicamente estão lutando contra o comunismo, mas só aquelas Igrejas ou Conselhos de Igrejas controlados pela maçonaria e comunismo, ou o poder oculto que os dirige. Dessa forma, os mações ou comunistas revestidos de hábito sacerdotal, que usurpam os postos directivos em tais Igrejas, poderão colaborar súbtil, disfarçada, mas efectivamente com os seus cúmplices introduzidos no clero católico.

Por sua parte, o Kremlin já decidiu negar passaporte aos Prelados firmemente anticomunistas, permitindo sòmente a saída dos Estados satélites aos seus agentes incondicionais ou àqueles que, sem o ser, se hajam vergado ante o temor das represálias vermelhas. Dessa maneira, a Igreja do Silêncio carecerá, no Concílio Vaticano II, de quem melhor poderia defendê-la e informar o Santo Sínodo da verdade sobre o que ocorre no mundo comunista.

Aos leitores, o que acaba de se escrever parecerá incrível, mas o que vai acontecer no Santo Concílio Ecuménico abrir-lhes-á os olhos e convencê-los-á de que estamos dizendo a verdade, porque é ali que o inimigo pensa jogar uma cartada decisiva, contando, segundo assegura, com cúmplices incondicionais nas mais altas jerarquias eclesiásticas.

Outro dos planos sinistros que arquitectam é o de conseguir que a Santa Igreja se contradiga a si mesma, perdendo com isso autoridade sobre os fiéis, porque logo proclamarão que uma instituição que se contradiz não pode ser divina. Com este argumento, pensam deixar as igrejas desertas e conseguir que os fiéis percam a sua fé, para que a abandonem.

Projectam que a Igreja declare que aquilo que, durante séculos, afirmou ser mau, agora afirme ser bom. Entre outras manobras, que preparam com o dito fim, destaca-se, por sua importância, a mudança de atitude da Santa Igreja em

relação aos judeus réprobos, como chamou Santo Agostinho, tanto aos que sacrificaram Cristo como aos seus descendentes, inimigos capitais da cristandade.

A unânime doutrina dos Grandes Padres da Igreja, esse «unanimis consensus Patrum» que a Igreja considera como fonte de Fé, condenou os judeus infiéis e declarou boa e necessária a luta contra eles, luta em que, para darmos um exemplo, participaram destacadamente, como o demonstraremos com provas irrefutáveis, Santo Ambrósio Bispo de Milão, São Jerónimo, Santo Agostinho, Bispo de Hipona, São João Crisóstomo, Santo Atanásio, São Gregório de Nazianzo, São Basílio, São Cirilo de Alexandria, Santo Isidoro de Sevilha, São Bernardo e até Tertuliano e Orígenes, estes dois últimos em épocas de indiscutível ortodoxia.

Além disso, durante dezanove séculos, a Igreja lutou enèrgicamente contra os judeus, como o demonstraremos também com documentos fidedignos, como as Bulas dos Papas, Actas de Concílios Ecuménicos e Provinciais, como o famosíssimo Quarto de Latrão e muitos outros, doutrinas de São Tomás de Aquino, de Duns Scott e dos mais importantes Doutores da Igreja; e também das fontes judias de incontroversa autenticidade, como as Enciclopédias Oficiais do Judaísmo, as de ilustres Rabinos e as dos mais famosos historiadores judeus.

Pois bem, os conspiradores judeus, mações e comunistas pretendem, no próximo Concílio, aproveitando, segundo eles dizem, o desconhecimento da maioria do clero sobre a verdadeira História da Igreja, dar um golpe de surpresa, pugnando por que o Santo Concílio Ecuménico que está para reunir-se condene o anti-semitismo, condene toda a luta contra os judeus, que, como o demonstraremos também nesta obra com provas incontroversas, são os dirigentes da maçonaria e do comunismo internacional.

Pretendem que se declare que os judeus réprobos, considerados como maus pela Igreja durante dezanove séculos, sejam declarados bons e queridíssimos de Deus, contradizendo com isso o «unanimis consensus Patrum», que estabeleceu precisamente o contrário, assim como o afirmado por diversas Bulas Papais e cânones de Concílios Ecuménicos e Provinciais.

Como os judeus e seus cúmplices dentro do clero católico consideram anti-semitismo toda a luta contra as maldades dos judeus e suas conspirações contra Cristo Nosso Senhor e a cristandade, eles afirmam, como o demonstraremos também neste livro, que as fontes do anti-semitismo têm sido: o próprio Cristo, os Evangelhos e a Igreja Católica, que, durante quase dois mil anos, lutaram de forma perseverante contra os judeus que repudiaram o seu Messias.

O que eles procuram, pois, com a condenação do anti-semitismo, que às vezes chamam racismo anti-semita, é que S. S. o Papa e o Sacro Concílio que está para reunir-se, ao condenarem o anti-semitismo, abram o precedente catastrófico de que a Igreja se contradiga a si mesma e condene além disso, sem se dar conta, de forma tácita, o próprio Cristo Nosso Senhor, os Santos Evangelhos, os Padres da Igreja e a maioria dos Papas, entre eles Gregório VII (Hildebrando), Inocêncio II, Inocêncio III, São Pio V e Leão XIII, os quais, como o demonstramos nesta obra, lutaram encarniçadamente contra os judeus e a Sinagoga de Satanás.

Ao mesmo tempo, com tais condenações lograriam sentar no banco dos réus muitíssimos Concílios da Santa Igreja, entre eles os Ecuménicos de Niceia e Segundo, Terceiro e Quarto de Latrão, cujos cânones estudaremos neste livro e que tanto lutaram contra os hebreus. Numa palavra, os sinistros conspiradores tramam para que a Santa Igreja, ao condenar o anti-semitismo, se condene a si mesma, com os resultados desastrosos que é fácil compreender.

Já no Concílio Vaticano anterior tentaram iniciar, ainda que de forma encoberta, esta viragem na doutrina tradicional da Igreja, quando, por meio de um golpe de surpresa e de insistentes pressões, conseguiram que muitíssimos padres firmassem «um postulado a favor dos judeus», no qual, explorando o zelo apostólico dos piedosos prelados, se falava inicialmente de um apelo à conversão dos israelitas, proposição impecável do ponto de vista teológico, para destilar a seguir encobertamente o veneno, fazendo afirmações que, como o demonstraremos no decorrer deste trabalho, significam uma contradição aberta com a doutrina estabelecida a tal respeito pela Santa Igreja.

Mas nessa ocasião, quando a Sinagoga de Satanás julgava ter assegurada a aprovação do postulado pelo Concílio, a assistência de Deus à sua Santa Igreja impediu que o Corpo Místico de Cristo se contradissesse a si mesmo e frutificassem as conspirações dos seus milenários inimigos. Estalou sùbitamente a guerra franco-prussiana, Napoleão III teve de retirar precipitadamente as tropas que defendiam os Estados pontifícios e os exércitos de Vítor Manuel apressaram-se a avançar assoladoramente sobre Roma, pelo que teve de se dissolver com rapidez o Santo Concílio Vaticano Primeiro e os Prelados tiveram de regressar às suas dioceses antes que pudesse pôr-se sequer à discussão o famoso postulado em favor dos judeus.

Não foi esta por certo a primeira vez que a Divina Providência impediu por meios extraordinários um desastre de tal género; a História mostra-nos que o fez numa infinidade de

casos, utilizando como instrumento, na maioria deles, os Papas, piedosos Prelados como Santo Atanásio, São Cirilo de Alexandria, São Leandro, o Cardeal Aimérico e até humildes frades como São Bernardo ou São João de Capistrano. Noutros casos, como no citado anteriormente, inclusive se valeu de monarcas ambiciosos como Vitor Manuel e o Rei da Prússia.

Logo que soubemos, em meados do ano passado, que o inimigo voltava à carga com uma conspiração que tem por objectivo abrir as portas ao comunismo, preparar o afundamento do mundo livre e assegurar a entrega da Santa Igreja nas garras da Sinagoga de Satanás, lançámo-nos sem perda de tempo a recompilar documentos e a escrever a presente obra, que, mais do que um livro sustentador de certa tese, é um conjunto ordenado de Actas dos Concílios, Bulas dos Papas e toda a classe de documentos e fontes, das quais excluimos todas as de autenticidade ou veracidade duvidosa, seleccionando as de valor probatório incontroverso.

Neste livro, não só se denuncia a conspiração que o comunismo e a Sinagoga de Satanás travaram contra o Concílio Vaticano II como também se faz um estudo consciencioso das anteriores conjuras, que em mais de dezanove séculos lhe serviram de precedente, pois aquilo que acontecerá no Santo Sínodo que está para reunir-se aconteceu já repetidas vezes nos séculos anteriores. Por isso, para se poder entender em toda a sua magnitude o que vai suceder, é indispensável conhecer os antecedentes e também a natureza dessa quinta coluna inimiga introduzida no seio do clero, fazendo-se para isso um estudo pormenorizado, na quarta parte, baseado em documentação impecável.

Como, além disso, o que se pretende da Santa Sé e do Concílio Vaticano II é que se destruam certas tradições da Igreja, com a finalidade de facilitar os triunfos do comunismo e da maçonaria, nas duas primeiras partes desta obra fazemos um estudo minucioso, recorrendo às fontes mais sérias, sobre o que poderia chamar-se a quinta-essência da maçonaria e do comunismo ateu e estudando a natureza do poder oculto que os dirige.

Desta maneira, sendo a quarta parte da obra a mais importante, as três primeiras e, sobretudo, a terceira, tornam verdadeiramente compreensível, em toda a sua magnitude, a conspiração que ameaça a Santa Igreja, conspiração que não se reduz às actividades do próximo Sínodo Universal, mas que abarca todo o futuro da Igreja, visto que o inimigo tem calculado que, se por qualquer motivo surgirem no Santo Sínodo fortes reacções contra as suas projectadas reformas, que façam fracassar a tentativa no Concílio Vaticano II, continuará de-

pois aproveitando qualquer oportunidade para voltar à carga, utilizando as fortes influências que dizem dispor na Santa Sé.

Mas estamos seguros de que, apesar das artimanhas do inimigo, a assistência de Deus à Santa Igreja fará fracassar desta vez, como noutras anteriores, as suas pérfidas maquinações. Escrito está: «As forças do inferno não prevalecerão contra ela».

Desgraçadamente, demorámo-nos na elaboração deste muito documentado livro, como catorze meses, e faltam dois escassos para se iniciar o Santo Concílio Vaticano II. Deus nos ajude a vencer todos os obstáculos para podermos terminar a sua impressão antes de se iniciar o Sínodo, ou, ao menos, antes que o inimigo possa causar os primeiros danos, pois, embora saibamos que Deus Nosso Senhor não permitirá uma catástrofe como a que planeiam. devemos recordar, como disse um ilustre Santo, que, embora saibamos que tudo depende de Deus, devemos obrar como se tudo dependesse de nós. E como afirmou São Bernardo numa crise tão grave como a actual: «A Deus rogando e com o maço dando».

No segundo tomo desta obra incluir-se-ão as partes V e VI da mesma, mas a sua publicação far-se-á com atraso, esperando as réplicas e costumadas calúnias que o inimigo lance contra ela, para se responder de forma esmagadora e contundente.

O Autor

PRÓLOGO À EDIÇÃO AUSTRÍACA

Viena, 29 de Janeiro de 1963.

Devido aos inúmeros pedidos que recebemos de membros ilustres dos respeitáveis cleros austríaco e alemão, resolvemos imprimir a edição austríaca da obra «Conspiração contra a Igreja».

Os Padres do Concílio Vaticano II, a quem ela foi dedicada, tiveram oportunidade de comprovar, no decorrer do Santo Sínodo, que o nosso grito de alarme sobre a existência de uma verdadeira conspiração contra as sagradas tradições da Igreja e suas defesas contra o comunismo ateu teve plena confirmação nos factos ocorridos na primeira parte do Santo Concílio. Isto demonstra que as nossas asserções correspondiam a uma trágica verdade.

Os sucessos que irão ocorrer nos meses vindouros confirmarão aos leitores que a nossa denúncia está fundamentada numa incrível mas triste realidade: os inimigos da Igreja, por intermédio dos seus cúmplices no alto clero, renovaram, na primeira sessão do Sínodo Universal, a tentativa outrora realizada pelos Valdenses, Husitas e outros hereges medievais e posteriormente por Calvino, Zwinglio e outros heresiarcas, que consiste em negar ou expurgar à tradição da Igreja o carácter de fonte de revelação, com a diferença de que esgrimiram agora como pretexto o ideal sublime da unidade cristã que todos desejamos, enquanto que os hereges de antanho aduziam, em apoio dessa mesma tese, outros tão diversos como sofísticos argumentos.

Intentar que a Igreja negue à tradição o seu carácter de fonte doutrinal, reservando apenas à Sagrada Bíblia tal atributo, é intentar, nem mais nem menos, que a Santa Igreja se contradiga a si mesma, assegurando que é negro o que durante quase vinte séculos afirmou que é branco, com o desastroso resultado de que, ao contradizer-se, o Corpo Místico de Cristo perca a sua autoridade perante os fiéis, posto que uma instituição que se contradiz no substancial não pode ser divina.

Dar semelhante passo seria colocar a Santa Igreja em situação muito falsa, que não se justificaria nem com o sonho de uma pretendida unidade cristã, cuja realização é por agora muito problemática e cujo logro sobre tão absurdas bases significaria que a Santa Igreja, reconhecendo que estava em erro, se convertia em massa ao protestantismo, cujo postulado essencial tem sido sempre reconhecer ùnicamente a Bíblia como fonte da verdade revelada, e negando tal carácter à tradição da Igreja Católica.

É incrível que os inimigos do catolicismo e seus cúmplices no alto clero tenham tido a audácia de ir tão longe. Isso demonstra também que o predito na nossa obra, escrita antes do Santo Concílio, foi confirmado pelos factos e que o inimigo tinha cúmplices infiltrados no alto clero, em muito elevadas posições; mas, segundo sabemos de muito boa fonte, ao aparecer este livro e após a sua distribuição entre os Padres, os inimigos renunciaram, embora só por um momento, a lançar as propostas ainda mais audazes que tinham preparadas como golpe de surpresa fora das agendas, para os últimos dias do Concílio. Entre estas proposições estava a tendente a pedir a derrogação da Bula de excomunhão de S. S. Pio XII contra os comunistas e seus cúmplices, e o estabelecimento da convivência pacífica entre a Igreja e o comunismo e a condenação do anti-semitismo.

No entanto, esse retrocesso, obrigado pela denúncia feita neste livro, seria apenas uma questão de tempo, à espera de que uma cuidadosa propaganda, elaborada de acordo com o Kremlin, fosse vergando a resistência dos defensores da Santa Igreja, em favor do estabelecimento de uma convivência pacífica com o comunismo ateu, que debilite, frente a este, as defesas da Igreja e do mundo livre, trabalho que seria realizado com o apoio do ditador vermelho, o qual libertaria das suas prisões os Prelados sumidos nelas durante largos anos, enviaria felicitações a Sua Santidade o Papa e realizaria outros actos de aparente amizade para com a Igreja a fim de revigorar os argumentos esgrimidos pelos cúmplices do Kremlin no alto clero a favor da derrogação da Bula de excomunhão, tornando possível um pacto da Santa Sé com o comunismo.

Planeia-se em Moscovo, em contubérnio com certos cúmplices incrustados nas altas esferas do Vaticano, que, inclusivamente, se estabeleçam relações diplomáticas entre a Santa Igreja e o Estado soviético, ateu e materialista, com o pretexto de que seriam estabelecidas com o Estado do Vaticano, que conseguiria dessa forma suavizar a perseguição religiosa na Rússia.

Na realidade, o que o Kremlin e os seus agentes da jerar-

quia eclesiástica procuram é desmoralizar os católicos e o heróico clero, que lutam na Europa e no resto do mundo contra o comunismo, dando a impressão de que este já não é tão mau, uma vez que a Santa Sé concordou em estabelecer relações diplomáticas com a União Soviética e com outros Estados comunistas.

Procura-se também amolecer o espírito de combate dos anticomunistas norte-americanos, uma vez que, com este novo passo, ver-se-iam muito debilitados na sua luta contra as forças sombrias que tentam mergulhar os próprios Estados Unidos no caos comunista. Numa palavra, pretende-se, como já o indicámos na Introdução à edição italiana, quebrar as defesas do mundo livre e facilitar o triunfo final do marxismo ateu.

Mas a audácia do comunismo, da maçonaria e dos judeus, chega a tal extremo, que já falam em controlar a próxima eleição do Papa, pretendendo colocar no trono de São Pedro um dos seus cúmplices no respeitável corpo cardinalício. Para isso planeiam, com as influências que dizem ter no Vaticano, exercer pressão sobre Sua Santidade o Papa, cuja saúde é muito delicada, induzindo-o a fazer uma nomeação maciça de novos Cardeais, mesmo que se rompam os limites estabelecidos, chegando ao número necessário para assegurar a designação de um Pontífice que converta a Santa Igreja num satélite ao serviço do comunismo, da maçonaria e da Sinagoga de Satanás.

Com o que não contam as forças do Anticristo é com a assistência que Deus Nosso Senhor dará à sua Igreja, impedindo que prevaleça semelhante manobra.

Basta recordar que não é a primeira vez na História que o intentam; é que, como o demonstramos nesta obra, com documentos de indiscutível autenticidade, os poderes do Dragão infernal chegaram a colocar no Pontificado um cardeal manejado pelas forças de Satanás, até darem a sensação, por um momento, de que eram donos da Santa Igreja, mas Cristo Nosso Senhor, que nunca a desamparou, inspirou a acção e armou o braço de homens piedosos e combativos, como São Bernardo, São Norberto, o Cardeal Aimérico, os Padres dos Concílios de Etampes, de Reims, de Pisa e do II Ecuménico de Latrão, que desconheceram o seu carácter de Papa ao cardeal Pierleoni, esse lobo com pele de ovelha que chegou por muitos anos a ocupar o trono de São Pedro, excomungando-o e relegando-o ao papel de Antipapa que lhe correspondia.

Os planos do Kremlin, da maçonaria e da Sinagoga de Satanás, por mais adiantados que se suponham, serão frustrados evidentemente pela mão de Deus, pois, como sempre, surgirão novos Santo Atanásio, São João Crisóstomo, São Bernardo

e São João Capistrano, auxiliados com a inspiração e fortaleza que Cristo Nosso Senhor lhes outorgue, para fazer fracassar de uma forma ou de outra a sinistra conspiração que contra a sua Santa Igreja e contra o mundo livre tramam, uma vez mais, as sombrias forças do Anticristo, para facilitar o triunfo universal do imperialismo totalitário de Moscovo.

Na primeira edição italiana, vimo-nos obrigados a suprimir onze capítulos da quarta parte deste livro, pela urgência que tínhamos de distribuir esta obra entre os Padres do Concílio Vaticano II, antes que a besta lançasse os seus primeiros golpes, mas agora, que temos mais tempo para imprimir esta edição, incluímos nela os onze capítulos mencionados, que são de vital importância para melhor compreensão da diabólica conjura que ameaça em nossos dias a Santa Igreja.

O Autor

I.ª PARTE

O Motor Secreto do Comunismo

CAPÍTULO I

O COMUNISMO DESTRUIDOR E ASSASSINO

De todos os sistemas revolucionários idealizados no decurso da História com o fim de destruir os valores da nossa civilização espiritual, sistemas esses que têm sido aplicados através dos tempos da maneira mais efectiva e sempre no momento mais oportuno, o comunismo é sem dúvida o mais perfeito, o mais eficiente e o mais implacável. Ele representa a escala mais avançada da revolução mundial, cujos postulados não procuram sòmente destruir determinada instituição política, social, económica ou moral, mas anular também a Santa Igreja e, mais ainda, todas e cada uma das manifestações culturais cristãs, que representam a nossa civilização. Se todas as tendências revolucionárias de origem judaica têm atacado, com curiosa unanimidade, o cristianismo, em diversos aspectos, o comunismo luta por fazê-lo desaparecer da face da Terra sem deixar dele o mais leve vestígio.

A fúria destrutiva desta tendência satânica, exibindo ante os olhos do mundo os mais espantosos quadros de horror e de destruição que se possam imaginar, não pode estar fundamentada senão na própria essência da negação e no repúdio mais virulento e cheio de ódio para com tudo o existente até agora, porque, de outra maneira, não seria concebível a vesânia inaudita das suas tácticas criminosas e o espírito de destruição, aniquilamento, vulneração, contradição e oposição dos seus dirigentes contra tudo aquilo que representa critérios axiológicos, não sòmente católicos mas religiosos em geral.

A finalidade do comunismo, como é patente na Rússia e nos demais países onde se tem implantado, não é outra que a nulificação do povo no económico, no político, no social, no humano e no transcendente, para possibilitar a uma minoria o seu domínio pela força. Em termos internacionais, a meta não pode ser mais clara: conseguir pela força o domínio mundial de uma minoria insignificante, aniquilando todos os restantes humanos por meio do materialismo, do terror e, se for

necessário, da morte, ainda que para isso se tenha de assassinar grandes núcleos da população.

Bastante conhecido é, no mundo inteiro, o impulso homicida que tem caracterizado os dirigentes soviéticos e poucos haverá que não tenham sentido calafrios de terror ao conhecer as sangrentas depredações levadas a cabo na Rússia pelos marxistas. Basta recordar alguns factos que enchem de pavor e indignação as consciências civilizadas.

«Nos seus começos, o terror vermelho dedicou-se, sobretudo, a exterminar a intelectualidade russa» [1] e como prova desta afirmação, S. P. Melgunov observa o seguinte, referindo-se às comissões extraordinárias que surgiram na Rússia nos primeiros tempos da revolução soviética: «As comissões extraordinárias não são órgãos de justiça, mas sim de extermínio sem piedade, segundo a expressão do Comité Central Comunista.» Melgunov também declarou o seguinte:

«A Comissão Extraordinária não é uma comissão de inquérito, nem um julgado, nem um tribunal, mas é ela própria que determina as suas atribuições. É um órgão de combate que actua sobre a frente interior da guerra civil. Não julga o inimigo, mas extermina-o; não perdoa ao que está do outro lado da barricada, mas esmaga-o.» Não é difícil representar como deve operar-se na realidade esse extermínio sem piedade, quando, em lugar do «código morto das leis», reina sòmente a experiência revolucionária e a consciência. A consciência é subjectiva e a experiência dá lugar forçosamente à vontade, que toma formas irritantes segundo a qualidade dos juízes...» [2]

«Não façamos a guerra contra as pessoas em particular (escreveu o dirigente comunista Latsis), exterminemos a burguesia como classe. Não busqueis nos maços de documentos e de provas o que fez o acusado em obras ou em palavras contra a autoridade soviética. A primeira pergunta que deveis fazer-lhe é a que classe pertence, qual é a sua origem, a sua educação, a sua instrução, a sua profissão.» [3]

Durante a ditadura sangrenta de Lenine, a comissão de inquérito de Rohrberg, que entrou em Kiev depois da tomada desta cidade em Agosto de 1919 pelos voluntários, relata o seguinte: «Todo o chão de cimento da grande garagem (trata-se da sala de execução na «Tcheca» provincial de Kiev) estava inundado de sangue, e este não corria, mas formava uma ca-

---

[1] Léon de Poncins. «As Forças Secretas da Revolução: F. M. — Judaísmo». Edições «Fax», Madrid. Pág. 161.

[2] S. P. Melgunov. «La Terreur Rouge en Russie» de 1918 a 1923, Payot, 1927.

[3] Latsis. «Terror Vermelho do 1.º de Novembro de 1918».

mada de várias polegadas; era uma horrível mistura de sangue, de massa encefálica, de pedaços de crânios, de pastas de cabelos e outros restos humanos. Todas as paredes, cheias de buracos, de milhares de balas, estavam salpicadas de sangue, e pedaços de miolos e de couro cabeludo estavam pegados nelas.»

«Uma vala de 25 centímetros de largura, por 25 de fundo e de cerca de dez metros de comprimento, ia do centro da garagem a um local próximo, onde havia um tubo subterrâneo de saída. Essa vala estava completamente cheia de sangue.»

«Imediatamente após as matanças, era normal transportar para fora da cidade os corpos em camiões, automóveis ou furgões e enterravam-nos numa fossa comum. Num recanto do jardim topámos com outra fossa mais antiga que continha uns oitenta corpos; e ali descobrimos nesses corpos sinais evidentes de crueldades e mutilações as mais diversas e imagináveis. Ali jaziam cadáveres extirpados, outros tinham vários membros amputados, alguns estavam esquartejados, outros, os olhos arrancados e a cabeça, a cara, o pescoço e o tronco cobertos com profundas feridas. Mais adiante encontrámos um cadáver com uma cunha cravada no peito, e outros não tinham língua. Num recanto da fossa descobrimos muitos braços e pernas separados do tronco.» [4]

A enorme quantidade de cadáveres que tem amontoado a seu crédito e que continua amontoando em quantidades espantosas o socialismo comunista de Marx, talvez nunca se chegue a conhecer, mas ultrapassa tudo o que se possa imaginar.

«Não é possível saber com exactidão o número de vítimas. Todos os cálculos são inferiores à realidade.»

No diário de Edimburgo «The Scotsman», de 7 de Novembro de 1923, o professor Sarolea dá os seguintes números:

«28 bispos; 1219 sacerdotes; 6000 professores e mestres; 9000 doutores; 54000 oficiais; 260000 soldados; 70000 polícias; 12950 proprietários; 355 intelectuais e 250 profissionais liberais; 193 290 operários e 815 000 rurais.»

«A comissão de informação de Denikin sobre as intrigas bolcheviques durante o período 1918-19, num ensaio sobre o terror vermelho, contou, apenas nesses dois anos, um milhão e setecentas mil vítimas.» [5]

Kommin, no «Roul» de 3 de Agosto de 1923, faz o seguinte comentário:

«Durante o Inverno de 1920, a U. R. S. S. compreendia 52 governos, com 52 comissões extraordinárias («Tchecas»), 52 secções especiais e 52 tribunais revolucionários. Além de inúme-

[4] S. P. Melgunov. Obra cit. Pág. 161.

[5] Léon de Poncins. Obra cit. Pág. 165.

ras «Erte-Tchecas», redes de transporte, tribunais de caminhos de ferro, tribunais de tropas de segurança interna, tribunais móveis enviados para execuções em massa no próprio local. A esta lista de câmaras de tortura há que acrescentar as secções especiais, ou seja, 16 tribunais de exército e de divisão. Ao todo há que contar mil câmaras de tortura, e se se tomar em consideração que nesse tempo existiam comissões cantonais, há que contar mais ainda. Em seguida, os muitos governos da U. R. S. S. aumentaram. A Sibéria, a Crimeia, o Extremo Oriente foram conquistados. O número das «Tchecas» (comissões) aumentou em proporção geométrica.

Segundo os dados soviéticos (em 1920, quando ainda não havia diminuido o terror e não se tinham reduzido as informações), podia-se estabelecer uma cifra média diária para cada tribunal; a curva das execuções eleva-se de um a cinquenta (nos grandes centros) e até cem nas regiões recentemente conquistadas pelo exército vermelho. As crises de terror eram periódicas e em breve cessavam; de maneira que pode fixar-se o número (modesto) de cinco vítimas diárias..., o que, multiplicado pelos mil tribunais, dá cinco mil cada dia. E por ano, à roda de um milhão e meio.

Recordamos estas matanças inauditas, não porque sejam as mais volumosas no conjunto, nem as mais impiedosas, mas porque, encontrando-nos a quarenta e cinco anos desses massacres, poderão ter-se varrido do actual quadro comunista, inclusive para as pessoas que ainda foram contemporâneas dos acontecimentos e que, vivendo ainda, se esqueceram dessas tragédias com essa facilidade com que a humanidade esquece não sòmente os factos desagradáveis que os não afectam directamente mas ainda aqueles de que foram vítimas.

Desgraçadamente, o tempo veio mostrar-nos uma superação verdadeiramente demoníaca do comunismo nas suas actividades assassinas, das quais não damos os pormenores, nem apresentamos as monstruosas estatísticas, por serem conhecidas de todos, tanto mais que algumas dessas ferozes matanças são tão recentes que parece ainda ouvirem-se os gritos de terror dos torturados, os lamentos dos acossados, os estertores dos moribundos e a muda, pavorosa e constante acusação dos cadáveres.

Basta recordar as gigantescas e recentes matanças da Hungria, de Katyn na Polónia, da Alemanha Oriental e de Cuba, as anteriores purgas maciças de Estaline e o aniquilamento de milhões de chineses pelo Governo comunista de Mao-Tsé-tung. Uma estatística valiosa das vítimas do comunismo encontra-se na publicação intitulada «Rivelazione d'Interesse Mondiale», Vermijon, Roma, 1957, reproduzindo por sua

vez informação tomada do «Russkaya Mysl», periódico russo publicado em França, no n.º 30 de Novembro de 1947.

Mas há ainda os ensaios comunistas que não puderam ter permanência definitiva, como o do comunista Bela Kun, que de maneira episódica ocupou a Hungria em meados de 1919; o da Espanha em 1936, em que os bolcheviques se apoderaram de Madrid e parte das províncias hispânicas, assassinando «mais de 16 000 sacerdotes, religiosos e religiosas e doze bispos»,[6] e o ensaio felizmente fracassado da Alemanha de 1918, dirigido por Hugo Haase e que teve a sua melhor realização na República Vermelha de Baviera em 1919, foram todas verdadeiras orgias de sangue e de desenfreada bestialidade.

E não deve esquecer-se que esta apocalíptica tormenta, que vai formando uma enorme montanha de cadáveres, de sangue e lágrimas, desaba sobre o mundo com um só fim: destruir não apenas a Igreja Católica mas toda a civilização cristã, como também o Islão, o budismo, e toda a religião, menos uma de que falaremos depois.

Perante este quadro estremecedor, o mundo pergunta com o coração oprimido: quem pode odiar de tal forma os nossos sentimentos cristãos para tratar de os destruir com fúria tão malvada? Quem tem sido capaz de urdir essa sangrenta maquinaria de aniquilamento? Quem pode com tanta insensibilidade dirigir e ordenar este gigantesco procedimento criminoso? E a realidade responde-nos, sem qualquer lugar a dúvidas, que são os judeus os responsáveis, como mais adiante se demonstrará.

---

[6] Traian Romanescu. «A Grande Conspiração Judia». Terceira edição. México. D. F. 1961. Pág. 272.

CAPÍTULO II

OS CRIADORES DO SISTEMA

Não resta a menor dúvida de que os inventores do comunismo são os judeus, porque foram eles os forjadores da doutrina sobre a qual se fundamenta todo esse monstruoso sistema que actualmente domina, com poder absoluto, na maior parte da Europa e da Ásia, que convulsiona os países da América e que invade progressivamente todos os povos do mundo, como um cancro letal, como um tumor que vai comendo as entranhas das nações livres, sem que pareça encontrar-se um remédio eficaz contra ele.

Mas também são os inventores e directores da prática comunista, das eficientes tácticas de luta, da insensível e precisa política inumana de governo e da agressiva estratégia internacional.

Que os teóricos comunistas tivessem sido todos judeus é facto plenamente comprovado, pese ao sistema que constantemente usaram os judeus, tanto os teóricos como os revolucionários práticos, de adquirir, à maneira de sobrenome, um apelido e um nome que velassem a sua origem aos olhos do povo da terra onde viveram.

1 — O fundador do sistema foi, como é sabido, Karl Heinrich Marx, judeu alemão, cujo verdadeiro nome era o de Kissel Mordekay, nascido em Treves, Prússia Renana, filho de um advogado judeu. À sua teoria comunista deu-lhe o nome de socialismo-científico, nome injustificado, uma vez que os factos têm demonstrado que nenhuma base científica têm muitos dos seus postulados básicos.

Antes da sua famosa obra «O Capital», que é a concepção fundamental do comunismo teórico, cujas ideias se dedicou a propagar pelo mundo, com inesgotável actividade, até à sua morte em 1887, tinha escrito e publicado em Londres o «Manifesto Comunista», em companhia do judeu Engels, no ano de 1848, e anteriormente, entre 1843 e 1847, havia formulado em Inglaterra, cujos governos o protegeram de forma estranha, a primeira concepção moderna do nacionalismo hebreu, atra-

vés dos seus artigos, como o que publicou em 1844 na revista «Deutsche Französische Jahrbücher», intitulado «Zur Judenfrage» (na questão judaica) e que tem uma tendência ultranacionalista.

2 — Frederik Engels. Criador, juntamente com Marx, da Primeira Internacional e íntimo colaborador daquele, era judeu e nasceu em Bremen, Alemanha, sendo seu pai um comerciante judeu de algodão da localidade. Morreu em 1894.

3 — Karl Kautsky, cujo verdadeiro apelido foi Kaus, autor do livro «As Origens do Cristianismo», no qual, principalmente, combate os fundamentos do cristianismo. Foi o mais importante intérprete de Marx, publicando, em 1887, «Os Ensinamentos Económicos de Karl Marx ao Alcance da Compreensão de Todos», «A Matança de Chisinaw» e «A Questão Judaica», em 1903, «A Luta de Classes», que foi para Mao-Tsé-tung, na China, o livro fundamental para a instrução comunista; e a obra intitulada «A Vanguarda do Socialismo», no ano de 1921. Foi também o autor do «Programa Socialista» de Ehrfurt, Alemanha. Este judeu nasceu em Praga, em 1854, e morreu em 1938, na Haia, Holanda. Devido a um desses pleitos de família, que surgem com frequência entre os dirigentes judeus, viu-se envolvido posteriormente numa encarniçada luta com Lenine.

4 — Ferdinand Lassalle. Judeu nascido em Breslau, em 1825, o qual, depois de se ter metido na revolução democrática de 1848, publicou, no ano de 1863, a sua obra intitulada «Respostas Abertas», em que traça um plano revolucionário para os operários alemães. Desde então, trabalhou incansàvelmente numa intensa campanha «socialista», tendente à rebelião dos operários, para a qual publica outra obra intitulada «Kapital und Arbeit». O seu socialismo, embora nalguns aspectos diferisse do de Marx, coincidia com este nos seus resultados finais, ou seja, suprimir a propriedade privada para pôr nas mãos do Estado, controlado pelo judaísmo, naturalmente.

5 — Eduard Bernstein. Judeu nascido em Berlim, em 1850. As suas principais obras são: «Suposições sobre o Socialismo», «Avante Socialismo», «Documentos do Socialismo», «História e Teoria do Socialismo», «Social-Democracia de Hoje, na Teoria e na Prática», «Os Deveres da Social-Democracia» e «Revolução Alemã», todas elas estruturando a doutrina comunista e fundamentadas nas concepções de Marx. Em 1918 foi nomeado Ministro das Finanças do Estado Alemão Socialista, que, felizmente, não conseguiu aguentar-se mais do que uns meses.

6 — Jacob Lastrow, Max Hirsch, Edgar Löening, Wirschauer, Babel, Schatz, David Ricardo e outros escritores do comunismo teórico, foram judeus. Em todos os países se encontram, quase exclusivamente, escritores judeus pregando o

comunismo às massas, embora, em muitas ocasiões, tratando de proceder com cautela nos seus escritos, dando-lhes sempre um sentido de humanidade e irmandade, que, na prática, já vimos o que significam [7].

Todos os judeus referidos, por muito teóricos que tenham sido, não se contentaram apenas em assentar as bases doutrinárias do socialismo marxista ou comunismo, mas foram todos eles revolucionários práticos, que se dedicaram, no país onde se encontravam, a preparar, dirigir ou ajudar a subversão de facto e, como chefes ou membros ligados a associações revolucionárias, tomaram sempre parte activa no desenvolvimento do marxismo.

Mas ao lado dos judeus considerados principalmente como teóricos, verificamos que quase todos os dirigentes materiais, que desenvolvem as tácticas comunistas, são também desta mesma raça e levam a cabo a sua tarefa com a máxima eficiência.

Um exame mesmo sumário, feito nos países onde a conjura judaico-comunista esteve a ponto de estalar ou onde o marxismo se apoderou do Governo inicialmente, embora depois tenha sido expulso, e com os dados verídicos com que contamos hoje em dia, demonstra-se a plena e total responsabilidade judaica. Como exemplos incontroversos, podem assinalar-se dois movimentos deste tipo:

A) — A Alemanha, em 1918, foi teatro de uma revolução comunista, dirigida pelos judeus. A República dos Conselhos de Munique era judia, como o provam os seus chefes: Liebknecht, Rosa Luxemburgo, Kurt Eisner e muitos outros. Quando da queda do Império, os judeus apoderaram-se do país e o Governo alemão ficou dominado pelos judeus Haase, Ministro de Estado, e Landsberg, aparecendo com eles Kautski, Kohn e Herzfeld. O Ministro das Finanças, também judeu, teve como ajudante o judeu Bernstein, e o do Interior, Prenso, também judeu, procurou a colaboração de seu irmão de raça, o doutor Freund, que o auxiliou nos seus trabalhos.

Kurt Eisner, Presidente da República Bávara dos Conselhos, foi o chefe da revolução bolchevique de Munique.

«Onze homenzinhos fizeram a revolução — dizia Kurt Eisner, na embriaguez do triunfo, ao seu colega, o Ministro Auer. — É justíssimo conservar a recordação imorredoira destes homenzinhos, que são os judeus Max Lowenberg, o doutor Kurt Rosenfeld, Gaspar Wollheim, Max Rotschild, Carlos Arnold, Kranold, Rosenhek, Birnbaum, Reis e Kaisser. Os dez, com Kurt Eisner van Israelovitch, estavam à frente do «Tribunal Revo-

[7] Dados tomados de Traian Romanescu. Obra citada. Págs. 19 a 23.

lucionário da Alemanha». Os onze são franco-mações e pertencem à Loja secreta n.º 11, que tinha a sua sede em Munique, Briennerstrasse, n.º 51.» [8]

O primeiro Governo da Alemanha, em 1918, era composto pelos judeus:

1. — Preuss, Ministro de Estado.
2. — Freund, Ministro de Estado.
3. — Landsberg, Comércio.
4. — Karl Kautski, Agricultura.
5. — Schiffer, Indústria.
6. — Eduard Bernstein, Secretário de Estado do Tesouro.
7. — Fritz Max Cohen, Chefe do Serviço Oficial de Informações. (Este judeu era anteriormente correspondente do diário judeu «Frankfurter Zeitung»).

O segundo Governo socialista alemão, de 1918, era composto pelos judeus:

1. — Hirsch, Ministro de Estado.
2. — Rosenfeld, Ministro da Graça e Justiça.
3. — Futran, Ministro da Instrução.
4. — Arndt, idem.
5. — Simon, Secretário das Finanças.
6. — Kastenberg, Director dos Negócios Culturais.
7. — Stathgen, Ministro do Fomento.
8. — Meyer-Gerhart, Director dos Negócios Coloniais.
9. — Wurm, Secretário para a Alimentação.
10. — Merz, Weil Katzenstein, Stern, Leewemberg, Frankel, Schlesinger, Israelowitz, Selingsohn, Laubenheim, etc., todos eles judeus, ocupavam altos cargos nos ministérios.

Entre os outros judeus que controlavam os sectores vitais do Estado alemão, derrotado pela intervenção americana na guerra havia em 1918 e mais tarde:

1. — Kohen, Presidente do Comité dos Soldados e dos Operários Alemães (semelhante ao Soviete de Soldados e Operários de Moscovo, do mesmo ano.)
2. — Ernst, Chefe da Polícia de Berlim.
3. — Sinzheimer, Chefe da Polícia de Francfort.
4. — Lewy, Chefe da Polícia de Essen.

---

[8] Monsenhor Jouin. «Le Peril Judeo-Maçonique». 5 vols. 1919-1927. Tomo I Pág. 161

5. — Kurt Eisner, Presidente do Estado da Baviera.
6. — Jaffe, Ministro do Comércio do Estado da Baviera.
7. — Brentano, Ministro da Indústria, Comércio e Tráfego.
8. — Talheimer, Ministro do Estado de Württenberg.
9. — Heiman, outro Ministro do Estado de Württenberg.
10. — Fulda, no Governo de Essen.
11. — Theodor Wolf, Redactor Chefe do jornal «Berliner Tagenblatt».
12. — Gwiner, Director do Deutsche Bank [9].

O povo dos Estados Unidos foi enganado pelo seu Presidente franco-maçon Wilson, e jamais pensou que a sua intervenção na Primeira Guerra Mundial ia ter por resultado entregar a Alemanha ao domínio dos judeus.

B) — Hungria em 1919. Em 20 de Março de 1919 o judeu Bela-Kun (Cohn) apodera-se da Hungria e proclama a República Soviética Húngara, que submerge, a partir desse momento, num horripilante mar de sangue.

«Com ele, 26 comissários compunham o novo Governo, e destes 18 eram israelitas. Proporção inaudita, se se tiver em conta que na Hungria existia milhão e meio de israelitas para 22 milhões de habitantes. Os 18 comissários tinham nas suas mãos a direcção efectiva do Poder, e os oito comissários de origem cristã não podiam fazer nada.» [10]

Mais de 90% dos membros do Governo e dos homens de confiança de Bela-Kun foram também judeus. Eis a lista dos membros do Governo de Bela-Kun:

1. — Bela-Kun, Secretário-Geral do Governo, judeu.
2. — Sandor Garbai, Presidente «oficial» do Governo, usado pelos judeus como biombo, húngaro.
3. — Peter Agoston, Lugar-Tenente do Secretário-Geral, judeu.
4. — Dr. E. Landler, Comissário do Povo para os Assuntos Internos, judeu.
5. — Bela Vago, Lugar-Tenente de Landler, judeu de nome Weiss.
6. — E. Hamburger, Comissário para a Agricultura, judeu.
7. — Vantus, Lugar-Tenente de Hamburger, húngaro.
8. — Csizmadia, Lugar-Tenente de Hamburger, húngaro.
9. — Nyisztor, Lugar-Tenente de Hamburger, húngaro.
10. — Varga, Comissário para os Assuntos Financeiros, judeu de seu verdadeiro nome Weichselbaum.

---

[9] Traian Romanescu Obra cit. Pág. 259.

[10] J. Et. Tharaud. «Causerie sur Israel». 1926. Marcelle Lesage. Pág. 27.

11. — Szkely, Lugar-Tenente de Varga, judeu chamado Schlesinger.
12. — Kunfi, Comissário para a Educação, de seu verdadeiro nome Kunstater.
13. — Lukacs, Lugar-Tenente de Kunfi, judeu chamado Löwinger, filho do director-geral de uma casa bancária de Budapeste.
14. — D. Bokanyi, Comissário para o Trabalho, húngaro.
15. — Fiedler, Lugar-Tenente de Bokanyi, judeu.
16. — Jozsef Pogany, Comissário para a Guerra, judeu cujo nome verdadeiro era Schwartz.
17. — Szanto, Lugar-Tenente de Pogany, judeu chamado Schreiber.
18. — Tibor Szamuelly, Lugar-Tenente de Pogany, judeu cujo nome verdadeiro era Samuel.
19. — Matyas Rakosi, Comissário para o Comércio, judeu chamado na realidade Mathew Roth Rosenkrans, e ditador comunista na actualidade.
20. — Ronai, Comissário para a Justiça, judeu chamado Rosentegl.
21. — Ladai, Lugar-Tenente de Ronai, judeu.
22. — Erdelyi, Comissário para o Abastecimento, judeu chamado Einsenstein.
23. — Vilmos Boehm, Comissário para a Socialização, judeu.
24. — Hevesi, Lugar-Tenente de Boehm, judeu de nome Honig.
25. — Dovsak, segundo Lugar-Tenente de Boehm, judeu.
26. — Oszkar Laszai, Comissário para as Nacionalidades, judeu de nome Jakubovits.
27. — Otto Korvin, Comissário para a Investigação Política, judeu chamado Klein.
28. — Kereks, Fiscal do Estado, judeu chamado Krauss.
29. — Biro, Chefe da Polícia Política, judeu chamado Blau.
30. — Seider, ajudante de Biro, judeu.
31. — Oszkar Faber, Comissário para a Liquidação dos Bens da Igreja, judeu.
32. — J. Czerni, comandante do bando terrorista conhecido pelo nome de «Os Jovens de Lenine», húngaro.
33. — Illés, Comissário Superior de Polícia, judeu.
34. — Czabados, Comissário Superior de Polícia, judeu de nome Singer.
35. — Kalmar, Comissário Superior de Polícia, judeu alemão.
36. — Szabo, Comissário Superior de Polícia, judeu ruteno na realidade chamado Schwartz.

37. — Vince, Comissário Popular da cidade de Budapeste, na realidade chamado Weinstein.
38. — M. Krauss, Comissário Popular de Budapeste, judeu.
39. — A. Dienes, Comissário Popular de Budapeste, judeu.
40. — Lengyel, Presidente do Banco Austro-Húngaro, judeu de nome Levkovits.
41. — Laszlo, Presidente do Tribunal Revolucionário Comunista, judeu na realidade chamado Löwy [11].

Neste Governo, que ocupou temporàriamente a Hungria, sobressaem pelos seus inumeráveis crimes e depredações, além do próprio Bela-Kun, que percorria o país num luxuoso automóvel com a sua eficiente secretária judia R. S. Salkind, aliás Semliachkaya, e uma grande força instalada no veículo à maneira de distintivo, o chefe da «Tcheca» húngara, o judeu Szamuelly, que viajava pela Hungria no seu comboio especial semeando o terror e a morte, como o descreve uma testemunha da época:

«Aquele comboio da morte atravessava rugindo o negrume das noites húngaras; onde se detinha havia homens pendurados das árvores e sangue escorrendo pelo chão. Ao longo da via, viam-se cadáveres nus e mutilados. Szamuelly dita as suas sentenças naquele comboio e ninguém que se tenha visto obrigado a subir para ele poderá contar o que viu.»

«Szamuelly vive permanentemente nele. Três dezenas de terroristas escolhidos velam pela sua segurança. Verdugos seleccionados o acompanham. O comboio compõe-se de duas carruagens-salão, de duas carruagens de primeira classe, ocupadas pelos terroristas, e de duas carruagens de terceira para as vítimas. Ali se perpetram as execuções. O chão destas carruagens está manchado de sangue. Os cadáveres são arrojados pelas janelas, enquanto Szamuelly, còmodamente instalado no gabinete do seu salão atapetado de damasco cor-de-rosa e adornado por espelhos biselados, com um gesto de mão decide a vida ou a morte.» [12]

Do jornal italiano «La Divina Parola» («A Divina Palavra»), de 25 de Abril de 1920, destaca-se como na Hungria «durante a reacção antibolchevique contra o israelita Bela-Kun foram encontrados cadáveres de frades amontoados confusamente em subterrâneos. Os diplomatas estrangeiros, chamados pelo povo para verificar com seus próprios olhos, testemunharam muitos cadáveres de religiosos e de religiosas com o Crucifixo que costumavam trazer ao peito enterrado no coração».

---

[11] Traian Romanescu. Obra cit. Págs. 203 a 205.

[12] C. De Tormay. «Le Livre Proscrit». Pág. 204.

CAPÍTULO III

A CABEÇA DO COMUNISMO

Não há pois a menor dúvida de que a teoria marxista (comunista) é obra judia, como o é também toda a acção orientada no sentido de pôr em prática esta doutrina, e os milhões de assassínios cometidos.

Os dirigentes e organizadores de qualquer movimento comunista anterior ao estabelecimento definitivo do bolchevismo na Rússia foram judeus na sua quase totalidade, como também a grande maioria dos dirigentes materiais das revoluções a que deram origem.

Mas na Rússia, no primeiro país onde triunfou definitivamente o bolchevismo, e que tem sido, e é, neste momento, o centro motor da comunização mundial, a paternidade judia do sistema, da organização e da prática soviética, não deixa também lugar a erro.

De acordo com os dados incontestáveis, plenamente demonstrados e aceites por todos os escritores imparciais que têm tratado este tema, a obra comunista dos hebreus na nação dos czares fica tão patente, que seria vão empenho negar-lhes, em exclusivo, este ominoso triunfo.

Basta recordar os nomes dos que formaram os governos e os organismos directivos principais na União Soviética, para nos darmos imediatamente conta disso, tão clara e rotunda é a demonstração dos factos.

I. — MEMBROS DO PRIMEIRO GOVERNO COMUNISTA DE MOSCOVO (1918)

(Conselho dos Comissários do Povo)

1. — Ilich Ulin (Vladimir Ilich Ulianov ou Nicolás Lenine) Presidente do Soviete Supremo, judeu na linha materna. Sua mãe chamava-se Blank, judia de origem alemã.

2. — Lew Davidnovich Bronstein (Léon Trotzky), Comissário do Exército Vermelho e da Marinha, judeu.
3. — Iosiph David Vissarianovich Djugashvili-Kochba (José Vissarionovich Estaline), Comissário das Nacionalidades, descendente de judeus georgianos.
4. — Chicherin, Comissário para os Assuntos Exteriores, russo.
5. — Apfelbaum (Grigore Zinoviev), Comissário para os Assuntos Interiores, judeu.
6. — Kohen (Volodarsky), Comissário da Imprensa e Propaganda, judeu.
7. — Samuel Kaufman, Comissário para os Territórios do Estado, judeu.
8. — Steimberg, Comissário da Justiça, judeu.
9. — Schmidt, Comissário para as Obras Públicas, judeu.
10. — Ethel Knigkisen (Liliana), Comissário do Abastecimento, judia.
11. — Pfenistein, Comissário para a Acomodação dos Refugiados, judeu.
12. — Schlichter (Vostanoleinin), Comissário para os Aquartelamentos (trespasse de casas particulares aos vermelhos), judeu.
13. — Lurie (Larin), Presidente do Soviete Económico Superior, judeu.
14. — Kukor (Kukorsky), Comissário da Economia, judeu.
15. — Spitzberg, Comissário para os Cultos, judeu.
16. — Urisky (Radomilsky), Comissário para as «eleições», judeu.
17. — Lunacharsky, Comissário do Ensino Público, russo.
18. — Simasko, Comissário para a Higiene, judeu.
19. — Protzian, Comissário para a Agricultura, arménio.

No Apêndice que se segue inserem-se interessantes e ilustrativas listas dos funcionários judeus de todos os corpos governativos da União Soviética, do Partido Comunista, do Exército Vermelho, Polícia Secreta, Sindicatos, etc.

APÊNDICE — Dados estatísticos sobre os organismos do Governo Comunista da União Soviética, do Partido, do Exército, da Polícia e dos Sindicatos.

II. — COMISSARIADO DO INTERIOR (1918)

(Altos funcionários dependentes deste Comissariado)

1. — Ederer, Presidente do Soviete de Petrogrado, judeu.

2. — Rosenthal, Comissário da Segurança de Moscovo, judeu.
3. — Goldenrudin, Director da Propaganda do Comissariado dos Assuntos Exteriores, judeu.
4. — Krasikov, Comissário da Imprensa de Moscovo, judeu.
5. — Rudnik, Vice-Presidente do Comissariado da Higiene, judeu.
6. — Abraham Krochmal, Primeiro-Secretário do Comissariado para a Acomodação dos Refugiados, judeu, aliás Saguersky.
7. — Marthenson, Director do Gabinete de Imprensa do Comissariado dos Assuntos Interiores, judeu.
8. — Pfeierman, Comissário-Chefe da Polícia Comunista de Petrogrado, judeu.
9. — Schneider, Comissário Político de Petrogrado, judeu.
10. — Minnor, Comissário Político de Moscovo, judeu americano.

III — COMISSARIADO DOS ASSUNTOS EXTERIORES

(Funcionários superiores)

1. — Margolin, Director do Serviço de Passaportes, judeu.
2. — Fritz, Director do Comissariado dos Assuntos Exteriores, judeu.
3. — Lafet (Joffe), Embaixador soviético em Berlim, judeu.
4. — Lewin, Primeiro-Secretário da Embaixada Soviética em Berlim, judeu.
5. — Askerloth, Director do Gabinete de Imprensa e Informações da Embaixada Soviética em Berlim, judeu.
6. — Beck, Enviado Especial do Governo Soviético a Londres e Paris, judeu.
7. — Benitler (Beintler), Embaixador soviético em Oslo, judeu.
8. — Martius, Embaixador soviético em Washington, alemão (?).
9. — Lew Rosenfeld (Kamenev), Embaixador soviético em Viena, judeu.
10. — Vaslaw Vorovsky, ex-Ministro soviético em Roma, até ao ano de 1922, assassinado pelo ex-oficial czarista M. A. Kontrady, em 10 de Maio de 1923, em Lausana, judeu.
11. — Peter Lazarovich Voicoff, Ministro soviético em Varsóvia até ao dia 7 de Junho de 1927, quando foi assassinado por um jovem russo judeu.

12. — Malkin, Cônsul soviético em Glasgow, Inglaterra, em 1919, judeu.
13. — Kain Rako (Rakovsky), Presidente do Comité para a Paz, de Kiev, judeu.
14. — Manuilsky, Primeiro-Ajudante de Rako e actualmente grande potentado comunista na Ucrânia, judeu.
15. — Astzumb-Ilssen, Primeiro-Conselheiro Jurídico do Comissariado dos Assuntos Exteriores Soviéticos (1918), judeu.
16. — Abel Beck, Cônsul-Geral em Odessa, judeu.
17. — Brundbaum (Cevinsky), Cônsul-Geral em Kiev, judeu.

IV. — FUNCIONÁRIOS SUPERIORES NO COMISSARIADO SOVIÉTICO DA ECONOMIA (1918)

1. — Merzvin (Merzwinsky), Primeiro-Comissário Económico, judeu.
2. — Solvein, Secretário de Merzvin, judeu.
3. — Haskyn, Secretário-Geral do Comissariado da Economia Soviética, judeu.
4. — Bertha Hinewitz, ajudante de Haskyn, judia.
5. — Isidor Gurko (Gurkowsky), Segundo-Comissário da Economia, judeu.
6. — Jaks (Gladneff), Secretário de Gurko, judeu.
7. — Latz (Latsis), Presidente do Conselho Económico, judeu da Lituânia.
8. — Weisman, Secretário do Conselho Económico, judeu.
9. — Satnikov, Conselheiro do Banco Popular de Moscovo, russo.
10. — Jaks (irmão do outro), Conselheiro do Banco Popular, judeu
11. — Axelrod (Orthodox), Conselheiro do Banco Popular, judeu.
12. — Michelson, Conselheiro do Banco Popular, judeu americano.
13. — Furstemberg (Ganetsky), Comissário para a regulamentação dos assuntos económicos soviético-alemães, na realidade agente de ligação entre os revolucionários judeus da Rússia e os grupos bancários judeus Kuhn-Loeb & Co., de Nova Iorque; Warburg, de Estocolmo; Speyer & Co., de Londres; Lazar Fréres, de Paris, etc., que subvencionaram a revolução comunista na Rússia através do Sindicato Bancário Renano-Westfaliano da Alemanha.

14. — Kogan (um dos irmãos Kaganovich), Primeiro-Secretário de Furstemberg, judeu.

V. — FUNCIONÁRIOS SUPERIORES DO COMISSARIADO DA JUSTIÇA (1918/1919)

1. — Ioseph Steimberg (irmão de Steimberg), titular do Comissariado, judeu. Ocupa a função de Primeiro-Comissário popular.
2. — Iacob Berman, Presidente do Tribunal Revolucionário de Moscovo, judeu. É provàvelmente o mesmo Iacob Berman, Chefe actual do Partido Comunista da Polónia.
3. — Lutzk (Lutzky), Comissário Judicial das Forças Militares populares, judeu.
4. — Berg, Comissário Judicial de Petrogrado, judeu.
5. — Goinbark Director do Gabinete de Cifra, judeu.
6. — Scherwin, Primeiro-Secretário da Comuna Popular de Moscovo, judeu.
7. — Glausman, Presidente da Comissão de Controle, próximo do Comissariado da Justiça, judeu.
8. — Schraeder (Schräder), Comissário Chefe da Corte Suprema de Moscovo (o Tribunal Supremo), judeu.
9. — Legendorf, Controlador Chefe do Tribunal Revolucionário de Moscovo, judeu
10. — Schultz (Glazunov), Segundo-Controlador do Tribunal Revolucionário de Moscovo, judeu.

VI. — FUNCIONÁRIOS SUPERIORES DO COMISSARIADO DO ENSINO PÚBLICO

1. — Groinim, Comissário para as regiões do Sul da Rússia, judeu.
2. — Lurie, irmão do Presidente do Soviete Económico Superior. Director da Secção das Escolas Primárias do Comissariado do Ensino Público, judeu.
3. — Liuba Rosenfeld, Directora da Secção Teatral do Ministério do Ensino Público, judia.
4. — Rebecca Jatz, Secretária de Liuba Rosenfeld, judia.
5. — Sternberg, Director da Secção de Artes Plásticas do Comissariado do Ensino Público, judeu.
6. — Iakob Zolotin, Presidente do Conselho da Direcção do Instituto de Educação Comunista, judeu.
7. — Grünberg, Comissário do Ensino para as Regiões Nórdicas, judeu.

8. — Max Eikengold, Primeiro-Secretário do Comissariado do Ensino Público, judeu.

VII. — POTENTADOS NO COMISSARIADO DO EXÉRCITO

1. — Schorodak, Conselheiro particular de Trotzky, judeu.
2. — Slansk, Conselheiro particular de Trotzky, judeu.
3. — Petz, Conselheiro particular de Trotzky, judeu.
4. — Gerschfeld, Conselheiro particular de Trotzky, judeu.
5. — Fruntze, Comandante Supremo dos Exércitos Comunistas do Sul, judeu.
6. — Fichman, Chefe do Estado-Maior dos Exércitos Comunistas do Norte, judeu.
7. — Potzern, Presidente do Soviete (Conselho de Direcção) da Frente do Oeste, judeu.
8. — Schutzman (Schusmanovich), Conselheiro Militar da Região de Moscovo, judeu.
9. — Gübelman, Comissário Político da Região Militar de Moscovo, judeu americano.
10. — Levensohn, Conselheiro Jurídico do Exército Vermelho, judeu.
11. — Deitz, Conselheiro Político da Região Militar de Vitebsk, judeu.
12. — Glusman, Conselheiro Militar da Brigada Comunista de Samara, judeu.
13. — Beckman, Comissário Político da Região de Samara, judeu.
14. — Kalman, Conselheiro Militar das Forças Comunistas de Slusk, judeu.

VIII. — FUNCIONÁRIOS SUPERIORES NO COMISSARIADO DE HIGIENE

1. — Dauge, Vice-Comissário do Comissariado da Higiene, judeu.
2. — Wempertz, Presidente da Comissão para a Luta contra as Enfermidades Venéreas, judeu.
3. — Rappoport, Director da Secção Farmacêutica do Comissariado, judeu (mais tarde Comissário Político de Petrogrado).
4. — Fuchs, Secretário de Rappoport, judeu.
5. — Bloschon, Presidente da Comissão para a Luta contra as Enfermidades Contagiosas, judeu.

IX. — MEMBROS DO SOVIETE ECONÓMICO SUPERIOR POPULAR (MOSCOVO 1919)

1. — Rosenfeld (Kamenev), Presidente do Soviete Económico de Moscovo, judeu.
2. — Krasikov, Vice-Presidente do Soviete Económico de Moscovo, judeu.
3. — Abraham Shotman, Director do Soviete Económico de Moscovo, judeu.
4. — Heikina, Secretária de Schotman, judia.
5. — Eismondt, Presidente do Soviete Económico de Petrogrado, judeu.
6. — Landeman, Vice-Presidente do Soviete Económico de Petrogrado, judeu.
7. — Kreinitz, Director do Soviete Económico de Petrogrado, judeu.
8. — Abel Alperovitz, Comissário da Secção Metalúrgica do Soviete Económico Superior, judeu.
9. — Hertz (Hersan), Comissário da Secção de Transportes do Soviete Económico Superior, judeu.
10. — Schlimon, Secretário de Hertz, judeu.
11. — Tavrid, Presidente do Comissariado para a Colheita do Óleo de Tornassol, judeu.
12. — Rotemberg, Presidente do Comissariado da Indústria Carbonífera, dependente do Soviete Económico Superior, judeu
13. — Klammer, Presidente do Comissariado para a Recolha da Pesca, judeu.
14. — Kisswalter, Presidente do Comissariado da Reconstrução Económica, judeu americano.

X. — MEMBROS DO PRIMEIRO SOVIETE DOS SOLDADOS E TRABALHADORES DE MOSCOVO

1. — Moded, Presidente do Soviete, judeu.
2. — Smitdowitz, Presidente da Delegação dos Trabalhadores, judeu.
3. — Leibu Kuwitz, Presidente da Delegação dos Soldados, judeu.
4. — Klautzner, Membro do Soviete, judeu.
5. — Andersohn, Membro do Soviete, judeu.
6. — Michelson. Membro do Soviete, judeu.
7. — Scharach, Membro do Soviete, judeu.
8. — Grünberg. Membro do Soviete, judeu.
9. — Riphkin, Membro do Soviete, judeu.
10. — Vimpa, Membro do Soviete, lituano.

11. — Klammer, Membro do Soviete, judeu.
12. — Scheischman, Membro do Soviete, judeu.
13. — Lewinson. Membro do Soviete, judeu.
14. — Termizan, Membro do Soviete, judeu.
15. — Rosenkoltz. Membro do Soviete, judeu.
16. — Katzstein, Membro do Soviete, judeu.
17. — Zenderbaum (Martov), Membro do Soviete, judeu.
18. — Sola, Membro do Soviete, lituano.
19. — Pfalin, Membro do Soviete, judeu.
20. — Krasnopolsky, Membro do Soviete, judeu.
21. — Simson, Membro do Soviete, judeu americano.
22. — Schick, Membro do Soviete, judeu.
23. — Tapkin, Membro do Soviete, judeu.

XI. — MEMBROS DO COMITÉ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA SOVIÉTICO (1918/1923)

1. — Gimel (Sujanov), judeu.
2. — Kauner, judeu.
3. — Rappoport, judeu.
4. — Wilken, judeu.
5. — Siatroff, russo.
6. — Gräbner, judeu.
7. — Diamandt, judeu.

XII. — MEMBROS DO COMITÉ CENTRAL DO QUARTO CONGRESSO DOS SINDICATOS DOS TRABALHADORES E DOS CAMPONESES SOVIÉTICOS

1. — Iankel Swerdin (Swerdlov), Presidente do Comité, judeu.
2. — Gremmer, Membro do Comité, judeu.
3. — Bronstein (não Trotzky), Membro do Comité, judeu.
4. — Katz (Kamkov), Membro do Comité, judeu.
5. — Goldstein, Membro do Comité, judeu.
6. — Abelman, Membro do Comité, judeu.
7. — Zünderbaum, Membro do Comité, judeu.
8. — Urisky, Membro de Comité, judeu.
9. — Rein (Abramovich) Membro do Comité, judeu.
10. — Benjamin Schmidowitz, Membro do Comité, judeu.
11. — Tzeimbus, Membro do Comité, judeu.
12. — Rupfkin, Membro do Comité, judeu.
13. — Schirota, Membro do Comité, judeu.
14. — Tzernin Chernilovsky, Membro do Comité, judeu.
15. — Lewin (Lewinsky), Membro do Comité, judeu.
16. — Weltman, Membro do Comité, judeu.

17. — Axelrod (Orthodox), Membro do Comité, judeu.
18. — Lunberg, Membro do Comité, judeu.
19. — Apfelbaum (Zinoviev), Membro do Comité, judeu.
20. — Fuschman, Membro do Comité, judeu.
21. — Krasicov, Membro do Comité, judeu.
22. — Knitzunck, Membro do Comité. judeu.
23. — Radner, Membro do Comité, judeu.
24. — Haskyn, Membro do Comité, judeu.
25. — Goldenrubin, Membro do Comité, judeu.
26. — Frich, Membro do Comité, judeu.
27. — Bleichman (Soltntzev), Membro do Comité, judeu.
28. — Lantzer, Membro do Comité, judeu.
29. — Liszhatz, Membro do Comité, judeu.
30. — Lenine, Membro do Comité, judeu em linha materna.

XIII. — MEMBROS DO COMITÉ CENTRAL DO QUINTO CONGRESSO DOS SINDICATOS SOVIÉTICOS

1. — Radek, Presidente, judeu.
2. — Ganitzberg, Membro, judeu.
3. — Knigknison, Membro, judeu.
4. — Amanessoff, Membro, judeu.
5. — Tzesulin, Membro, judeu.
6. — Rosenthal, Membro, judeu.
7. — Pfrumkin, Membro, judeu.
8. — Kopning, Membro judeu.
9. — Krilenko, Membro, judeu.
10. — Jacks, Membro, judeu americano.
11. — Feldam, Membro, judeu.
12. — Bruno, Membro, judeu.
13. — Rozin, Membro, judeu.
14. — Theodorovich, Membro, judeu.
15. — Siansk (Siansky), Membro, judeu.
16. — Schmilka, Membro. judeu.
17. — Rosenfeld (Kamenev), Membro, judeu.
18. — Samuel Kripnik, Membro, judeu.
19. — Breslau, Membro, judeu.
20. — Steiman, Membro, judeu.
21. — Scheikman, Membro, judeu.
22. — Askenatz, Membro, judeu.
23. — Sverdin, Membro, judeu.
24. — Stutzka, Membro, judeu.
25. — Dimenstein, Membro judeu.
26. — Rupzuptas, Membro, lituano.
27. — Schmidowitz, Membro, judeu.
28. — Nachamkes (Steklov), Membro, judeu.

29. — Schichter, Membro, judeu.
30. — Peterson, Membro, judeu.
31. — Sasnovsky, Membro, judeu.
32. — Baptzinsk, Membro, judeu.
33. — Valach (Litvinov), Membro, judeu.
34. — Tegel (Tegelsky), Membro, judeu.
35. — Weiberg, Membro, judeu.
36. — Peter, Membro, lituano.
37. — Terian, Membro, arménio.
38. — Bronstein, Membro, judeu.
39. — Ganletz, Membro, judeu.
40. — Starck, Membro, judeu.
41. — Erdling, Membro, judeu.
42. — Karachan, Membro, arménio.
43. — Bukharin, Membro, judeu.
44. — Langewer, Membro, judeu.
45. — Harklin, Membro, judeu.
46. — Lunatarsky, Membro, russo.
47. — Woloch, Membro, judeu.
48. — Laksis, Membro, judeu.
49. — Kaul, Membro, judeu.
50. — Ehrman, Membro, judeu.
51. — Tzirtzivatze, Membro, georgiano.
52. — Longer, Membro, judeu.
53. — Lewin, Membro, judeu.
54. — Tzurupa, Membro, lituano.
55. — Iafet (Joffe), Membro, judeu.
56. — Knitsuck, Membro, judeu.
57. — Apfelbaum, Membro, judeu.
58. — Natansohn (Babrof), Membro, judeu.
59. — Daniel (Danielevsky), Membro, judeu.

XIV. — OS CHEFES DA POLÍCIA C. E. K. A. (1919)

1. — Derzhin (Derzinsky), Chefe Supremo da C. E. K. A., judeu.
2. — Peters, Subchefe da C. E. K. A., lituano.
3. — Limbert, Director da famosa prisão Tagansky de Moscovo, onde foi assassinada grande parte da aristocracia czarista e muitos ex-ministros, generais, diplomatas, artistas, escritores, etc., do velho regime. Limbert era também judeu.
4. — Vogel, Comissário Executivo da C. E. K. A., judeu.
5. — Deipkyn, Comissário Executivo da C. E. K. A., judeu.
6. — Bizensk, Comissário Executivo da C. E. K. A., judeu.

7. — Razmirovich, Comissário Executivo da C. E. K. A., judeu.
8. — Iankel Swerdin (Sverdlov), Comissário Executivo da C. E. K. A., judeu.
9. — Janson, Comissário Executivo da C. E. K. A., judeu.
10. — Kneiwitz Comissário Executivo da C. E. K. A., judeu.
11. — Finesh, Comissário Executivo da C. E. K. A., judeu.
12. — Delavanoff, Comissário Executivo da C. E. K. A., judeu.
13. — Ziskyn, Comissário Executivo da C. E. K. A., judeu.
14. — Iacob Golden, Comissário Executivo da C. E. K. A., judeu.
15. — Scholovsky, Comissário Executivo da C. E. K. A., judeu.
16. — Reintenverg, Comissário Executivo da C. E. K. A., judeu.
17. — Gal Pernstein, Comissário Executivo da C. E. K. A., judeu.
18. — Zakis, Comissário Executivo da C. E. K. A., lituano.
19. — Knigkisen, Comissário Executivo da C. E. K. A., judeu.
20. — Skelzizan, Comissário Executivo da C E. K. A., arménio.
21. — Blum (Blumkin), Comissário Executivo da C. E. K. A., judeu.
22. — Grunberg. Comissário Executivo da C. E. K. A., judeu.
23. — Latz, Comissário Executivo da C. E. K. A., judeu.
24. — Heikina, Comissário Executivo da C. E. K. A., judeu.
25. — Ripfkin, Comissário Executivo da C. E. K. A., judeu.
26. — Katz (Kamkov), Comissário Executivo da C. E. K. A., judeu.
27. — Alexandrovich, Comissário Executivo da C. E. K. A., russo.
28. — Jacks, Comissário Executivo da C. E. K. A., judeu.
29. — Woinstein (Zwesdin), Comissário Executivo da C. E. K. A., judeu.
30. — Lendovich, Comissário Executivo da C. E. K. A., judeu.
31. — Gleistein, Comissário Executivo da C E. K. A., judeu.
32. — Helphand (Parvis) Comissário Executivo da C. E. K. A., judeu.
33. — Silencus, Comissária Executiva da C. E. K. A., judia.
34. — Iakob Model, Chefe da guarda comunista «Pedro e Paulo», para repressões em massa, judeu.

XV. — COMISSÁRIOS POPULARES DE PETROGRADO

1. — Rodomill, judeu.
2. — Djorka (Zorka), judeu.

XVI. — COMISSÁRIOS EXECUTIVOS DA C. E. K. A. DE PETROGRADO (1919/1924)

1. — Isilovich, judeu.
2. — Anwelt, judeu.
3. — Meichman, judeu americano.
4. — Iudith Rozmirovich, judia.
5. — Giller, judeu.
6. — Buham, arménio.
7. — Dispper (Disperoff) judeu.
8. — Heim Model, judeu.
9. — Krasnik, judeu.
10. — Koslowsky, polaco.
11. — Mehrbey, judeu americano.
12. — Paykis, lituano.

XVII. — MEMBROS DO COMISSARIADO SUPERIOR DO TRABALHO EM MOSCOVO

1. — Benjamin Schmitd, Comissário Popular, judeu.
2. — Zencovich, Secretário de Schmitd, judeu.
3. — Raskyn, Secretário-Geral do Comissariado do Trabalho, judeu.
4. — Zarach, Director da Secção do Abastecimento dos Trabalhadores, judeu.
5. — Weltman, Segundo-Comissário dos Trabalhadores Públicos, judeu.
6. — Kaufman, Ajudante de Weltman, judeu.
7. — Goldbarth, Presidente da Comissão de Obras Públicas, judeu.
8. — Kuchner, Primeiro-Conselheiro do Comissariado de Trabalhos Públicos, judeu.

XVIII. — COMISSÁRIOS E POTENTADOS COMUNISTAS NAS PROVÍNCIAS

1. — Isaac Latsk, Comissário Supremo da República do Don, judeu.
2. — Reichenstein, Comissário Popular da República do Don, judeu.
3. — Schmulker, Secretário do anterior, judeu.

4. — Levinson, Presidente do Soviete do Don, judeu.
5. — Haytis, Comissário para a Sibéria, judeu.
6. — Dretling, Presidente do Soviete de Kiev, judeu.
7. — Ziumperger, Ajudante do anterior, judeu.
8. — Zackheim, Presidente do Soviete de Jaroslaw, judeu.
9. — Sheikman, Presidente do Soviete de Kazan, judeu.
10. — Willing, Presidente do Soviete de Ornemburg, judeu.
11. — Berlin (Berlinsky), Presidente do Soviete de Sizrn, judeu.
12. — Limbersohn, Presidente do Soviete de Penza, judeu.
13. — Somur, Comissário Económico de Transcaucásia, judeu.
14. — Schlutz (Slusky), Presidente do Soviete de Tavrida, judeu.
15. — Herman, Presidente do Soviete de Tzarinsk, judeu.
16. — Rotganzen, Presidente do Soviete de Bielatzerkowsk, judeu.
17. — Lemberg. Secretário de Rotganzen, judeu.
18. — Daumann, Presidente do Soviete de Narwsky, judeu.

XIX. — REDACTORES DOS PERIÓDICOS COMUNISTAS «PRAVDA», «EKONOMICHENSKAYA ZIZIN» E «IZVESTIA»

1. — Najamkes (assina Steklov), judeu.
2. — Iacob Golin, judeu.
3. — Kohn, judeu.
4. — Samuel Dauman, judeu.
5. — Ilin Tziger, judeu
6. — Máximo Gorky, judeu.
7. — Dean, russo.
8. — Bitner, judeu.
9. — Kleisner, judeu.
10. — Bergman, judeu
11. — Alperowich, judeu.
12. — Laurie (assina Rumiantzeff), judeu.
13. — Brahmson, judeu.
14. — Grossmann, judeu.
15. — Abraham Torberth, judeu.

XX. — REDACTORES DO PERIÓDICO COMUNISTA «TORGO-PROMISLEVNOY-GAZZETTY»

1. — Abel Pretz, judeu
2. — Rafalowitz, judeu.
3. — Gogan, judeu.
4. — Bastell, judeu.

5. — Grochmann, judeu.
6. — Bernstein, judeu
7. — Moch, judeu.
8. — Abraham Salomón Emanson, judeu.
9. — Goldenberg, judeu.
10. — Slavensohn, judeu.
11. — Benjamin Rosenberg, judeu
12. — Schuman, judeu.
13. — Kulliser, judeu.
14. — Goldman, judeu.
15. — Iacob Giler (assina Gilev), judeu.

XXI. — REDACTORES DO PERIÓDICO COMUNISTA «A BANDEIRA DO TRABALHO» (1920)

1. — Schumacher, judeu.
2. — David (Davildov), judeu.
3. — Jarin (Yarolavsky), judeu.
4. — Lander, judeu.
5. — Samson Lewin, judeu.
6. — Steinbeck, judeu.
7. — Bilin, judeu.
8. — Evron, judeu.

XXII. — REDACTORES DO PERIÓDICO COMUNISTA «VOLA-TRUVA»

1. — Katz (Kamkov), judeu.
2. — Jacks, judeu.
3. — Eisenberg judeu

XXIII. — MEMBROS DA COMISSÃO PARA A DETENÇÃO DOS SIMPATIZANTES DO REGIME CZARISTA

1. — Muraviov, Presidente, russo
2. — Salomón, Membro, judeu.
3. — Edelsohn, Membro, judeu.
4. — Goldstein, Membro, judeu.
5. — Gruzenberg, Membro, judeu.

XXIV. — MEMBROS DA REPARTIÇÃO CENTRAL DO SOVIETE ECONÓMICO SUPERIOR

1. — Rabinovich, judeu.
2. — Weinberg, judeu.
3. — Larin, judeu.

4. — Galalt, judeu.
5. — Kreitman, judeu.
6. — Zupper, judeu.
7. — Krasin, russo.
8. — Alperovitz, judeu

XXV. — MEMBROS DA REPARTIÇÃO CENTRAL DAS COOPERATIVAS DO ESTADO

1. — Sidelgenin, judeu.
2. — Heikinn, judeu.
3. — Lubomirsky, russo.
4. — Kritzer, judeu.
5. — Tanger, judeu.
6. — Kinstung, judeu

XXVI. — MEMBROS DO COMITÉ CENTRAL DO SINDICATO DOS ARTESÃOS

1. — Ravetz, judeu.
2. — Zmirnov, russo.
3. — Gitzemberg, judeu.
4. — Davidsohn, judeu.
6. — Tanker, Membro. judeu.
5. — Brillante, judeu.

XXVII. — REPRESENTANTES DO EXÉRCITO VERMELHO NO ESTRANGEIRO

1. — Sobelsohn (Radek), representante militar soviético em Berlim judeu
2. — Neinsenbaum, representante militar em Bucareste, judeu.
3. — Bergman, representante militar em Viena, judeu.
4. — Abraham Baum, representante militar em Copenhaga, judeu.
5. — Moisievich, ajudante de Baum, judeu.
6. — Alter Klotzman, representante militar em Varsóvia, judeu.
7. — Abraham Klotzman, ajudante do anterior, judeu.

XXVIII. — MEMBROS DO CORPO JUDICIAL SUPERIOR

1. — Katsell, judeu.
2. — Goldman, judeu.
3. — Walkperr, judeu.

4. — Kasior, judeu.
5. — Schnell, judeu.
6. — Schorteil, russo.
7. — Zercov, russo.
8. — Schmitd, judeu.
9. — Blum, judeu.
10. — Rudzistarck, judeu.

XXIX. — PROFESSORES DA ACADEMIA SOCIALISTA DE MOSCOVO

1. — Sketenberg, judeu.
2. — Nadezda Krupp (Krupskaya, ou seja, esposa de Lenine, também judia, não russa como se disse correntemente).
3. — Kraskowsko, judeu.
4. — Gleitzer, judeu, amante da segunda esposa de Estaline, fuzilado em 1932, por este motivo, apesar de o assunto se fazer aparecer como trotzkista.
5. — Keltsman, judeu.
6. — Schutzka, judeu.
7. — Schirolla, judeu finlandês.
8. — Rotstein, judeu.
9. — Reisner, judeu.
10. — Losif Rakovsky, judeu.
11. — Iakob Lurie, judeu.
12. — Rozin, judeu.
13. — Pokrovsky, russo.
14. — Karl Levin, judeu.
15. — Gimel (Sujanov), judeu.
16. — Budin, judeu.
17. — Ehrperg, judeu.
18. — Nemirovich, judeu.
19. — Goikburg, judeu
20. — Rappoport, judeu
21. — Grossmann, judeu
22. — Fritz, judeu.
23. — Najamkes, judeu.
24. — Ludberg, judeu.
25. — Dand (Dauzewsky), judeu.
26. — Goldenbach (Riazanov), judeu.
27. — Kusinen, finlandês.
28. — Weltman, judeu.
29. — Salomón Olansky, judeu.
30. — Ursiner (Ursinov), judeu.
31. — Gurovich, judeu.

32. — Rosa Luxemburgo, judia alemã.
33. — Elchenkoltz, judeu.
34. — Tzerkina, judia.
35. — Gatze, judeu.
36. — Moisés Ulansk, judeu.
37. — Broito (Broitman), judeu.

XXX. — MEMBROS DO SOVIETE SUPERIOR DO COMITÉ DO DON

1. — Polonsky, russo.
2. — Rosenthal, judeu.
3. — Krutze, judeu.
4. — Bernstein (Koganov), judeu.
5. — Zimanovich, judeu.
6. — Klasin, lituano.
7. — Otzkins, judeu.
8. — Wichter, judeu.
9. — Kirtz, judeu.
10. — Liphsitz, judeu.
11. — Bitzk, judeu.

XXXI. — MEMBROS DA COMISSÃO DE AJUDA AOS COMUNISTAS

1. — Ethel Knigkisen, Comissária Popular, judia.
2. — Geldman, Secretário da anterior, judeu.
3. — Rosa Kaufman, Ajudante do anterior, judia.
4. — Pautzner, Director da Comissão de Ajuda, judeu.
5. — K. Rosenthal, Chefe da Repartição Directora da Comissão de Ajuda, judeu.

XXXII. — AGENTES ECONÓMICOS SOVIÉTICOS NO ESTRANGEIRO

1. — Abraham Shekman, Agente Económico em Estocolmo, junto dos Bancos Warburg e Nye Banken, judeu.
2. — Landau, Agente Económico em Berlim, judeu.
3. — Worowsky, Agente Económico em Copenhaga, judeu.

XXXIII. — JUÍZES POPULARES DE MOSCOVO

1. — Iakob Davidov, judeu.
2. — Raul Bitzk, judeu.
3. — Iacob Adokolsk, judeu.

4. — Iosiph Beyer, judeu.
5. — Abraham Gundram, judeu.
6. — Kastariaz, arménio.
7. — Veniamin Aronovitz, judeu.

XXXIV. — COMISSÁRIOS PERMANENTES À DISPOSIÇÃO DO SOVIETE SUPREMO DE MOSCOVO

1. — Tziwin (Piatinsky), judeu.
2. — Gurevich (Dan), judeu.
3. — Silberstein (Begdanov), judeu.
4. — Garfeld (Garin), judeu.
5. — Rosenblum (Maklakowsky), judeu.
6. — Kernomordik, judeu.
7. — Loewenshein, judeu.
8. — Goldenberg (Meshkowsky), judeu.
9. — Tzibar (Martinov), judeu.

XXXV. — CONSELHEIROS MILITARES DO GOVERNO COMUNISTA DE MOSCOVO

1. — Lechtiner, Conselheiro do Soviete Militar do Exército da Caucásia, judeu.
2. — Watsertish, Comandante da Frente de Oeste contra os Checoslovacos. judeu.
3. — Bruno, Conselheiro Especial para a Frente do Este, judeu.
4. — Schulman, Segundo-Conselheiro do Governo de Moscovo (Conselheiro dos Comissários do Povo) para a Frente do Este, judeu.
5. — Schmidowitz, Comandante das Forças Comunistas da Crimeia, judeu.
6. — Jack, Segundo-Comandante das Forças Comunistas da Crimeia, judeu.
7. — Schnesur, Terceiro-Comandante do mesmo Exército, lituano.
8. — Meigor, Chefe do Soviete Militar de Kazan, judeu.
9. — Nazurkoltz, Comissário do Soviete Militar de Kazan, judeu.
10. — Rosenkoltz, Comissário do Soviete Militar de Kazan, judeu.
11. — Samuel Gleitzer, Comissário-Comandante da Escola Soviética de Tropas para a Fronteira (guarda fronteiriça), judeu.
12. — Kolmann, Comandante da Comuna Militar de Moscovo, judeu.

13. — Latznor (Lazimov), Ajudante do anterior, judeu.
14. — Dulis, Conselheiro Militar do Governo Soviético, judeu.
15. — Steingar, Conselheiro Militar do Governo Soviético, judeu.
16. — Gilitz, Comissário Político da Região Militar de Petrogrado, judeu.
17. — Dzenitz, Comissário Político da 15.ª Brigada Comunista, judeu.
18. — Bitziss, Comandante da Região Militar de Moscovo, judeu.
19. — Gecker, Comandante do Exército Comunista de Jaroslaw, judeu.
20. — Mitkatz, Conselheiro Militar do Governo para a Região Militar de Moscovo, judeu.
21. — Tzeiger, Comandante do Soviete Militar de Petrogrado, judeu.

XXXVI. — MEMBROS DO COMISSARIADO PARA A LIQUIDAÇÃO DOS BANCOS PARTICULARES

1. — Henrik, Comissário Especial do Governo, judeu.
2. — Moisekovsk, Ajudante do anterior, judeu.
3. — Kahan, Controlador-Geral dos Depósitos Bancários Particulares, judeu americano.
4. — Lakov Giftling, Conselheiro Técnico do Comissariado, judeu.
5. — Nathan Elliasevich, Segundo-Conselheiro Técnico, judeu.
6. — Sarrach Elliasevich, Ajudante do precedente, judia.
7. — Abraham Ranker, Conselheiro do Comissariado, judeu.
8. — Plat, Conselheiro, judeu-letão.
9. — Abraham Rosenstein, Conselheiro, judeu.
10. — Lemerich, Conselheiro do Comissariado, judeu.

XXXVII. — MEMBROS DA SECÇÃO FILOLÓGICA DO PROLETARIADO

1. — Veniamin Zeitzer, judeu.
2. — Pozner, judeu.
3. — Maxim Gorky, russo.
4. — Alter, judeu.
5. — Eichenkoltz, judeu.
6. — Schwartz, judeu.
7. — Berender, judeu.

8. — Kelinin, judeu.
9. — Hadasevich, judeu.
10. — Leben (Lebedeeff), judeu.
11. — Kersonskaya, judia.

A estatística de quantos cargos de mando do novo estado judeu-soviético têm sido ocupados por comunistas de origem cristã e quantos pelos judeus é a seguinte:

	Cristãos	*Judeus*
1. — Membros do primeiro Governo comunista de Moscovo (Conselho dos Comissários do Povo).	3	16
2. — Altos funcionários dependentes do Comissariado de Assuntos Interiores.	0	10
3. — Funcionários superiores do Comissariado dos Assuntos Exteriores.	2	16
4. — Funcionários superiores do Comissariado da Economia.	1	13
5. — Funcionários superiores do Comissariado da Justiça.	0	10
6. — Funcionários superiores do Comissariado do Ensino Público.	0	8
7. — Potentados do Comissariado das Forças Armadas.	0	14
8. — Funcionários superiores do Comissariado da Higiene.	0	5
9. — Membros do Soviete Superior da Economia Popular.	0	14
10. — Membros do primeiro Soviete dos Soldados e Trabalhadores de Moscovo.	4	19
11. — Membros do Comité Central do Partido Comunista Soviético.	1	6
12. — Membros do Comité Central do IV Congresso dos Sindicatos de Trabalhadores e Camponeses Soviéticos.	0	30
13. — Membros do Comité Central do V Congresso dos Sindicatos Soviéticos.	9	50
14. — Dirigentes da polícia C. E. K. A. de Moscovo.	5	29
15. — Comissários populares de Petrogrado.	0	2
16. — Comissários executivos da polícia C. E. K. A. de Petrogrado.	3	9
17. — Membros do Comissariado Superior do Trabalho.	0	8

	Cristãos	*Judeus*
18. — Comissários e Potentados comunistas nas províncias.	1	17
19. — Redactores dos periódicos «Pravda», «Izvestia» e «Ekonomichenskaya Zizin».	1	14
20. — Redactores do periódico comunista «Torgo-Promislevnoy-Gazzetty».	0	15
21. — Redactores do periódico comunista «A Bandeira do Trabalho».	0	8
22. — Redactores do periódico «Vola-Truva».	0	3
23. — Membros da Comissão para a Detenção dos Simpatizantes do Regime Czarista.	1	6
24. — Membros da Repartição Central do Soviete Económico Superior.	1	7
25. — Membros da Oficina Central das Cooperativas de Estado.	1	5
26. — Membros do Comité Central do Sindicato de Mecânicos.	1	4
27. — Representantes do Exército Vermelho no Estrangeiro.	0	7
28. — Membros do Corpo Judiciário Superior.	1	9
29. — Professores da Academia Socialista de Moscovo.	2	34
30. — Membros do Soviete Superior do Comissariado do Don.	2	9
31. — Membros da Comissão para Ajuda dos Comunistas.	0	5
32. — Agentes económicos soviéticos no estrangeiro.	0	3
33. — Juízes populares de Moscovo.	1	6
34. — Comissários permanentes à disposição do Soviete Supremo.	0	9
35. — Conselheiros Militares do Governo de Moscovo.	2	19
36. — Membros do Comissariado para a Liquidação dos Bancos Particulares.	0	10
37. — Membros da Secção Filológica do Proletariado.	1	10

Por conseguinte, de um total de 502 lugares de primeira fila na organização e direcção da revolução comunista da Rússia e na direcção do Estado Soviético, durante os seus primeiros anos de existência, nada menos de 459 postos foram ocupados por judeus, enquanto que apenas 43 o foram por cristãos

de diversas origens. Quem foram, pois, os que fizeram realmente esta horrorosa revolução? Os cristãos? [12] bis.

Outra estatística, publicada pelo jornal contra-revolucionário russo «Le Russe Nationaliste» após o triunfo dos judeo-comunistas na Rússia, indica que, de um número de 554 dirigentes comunistas de primeira ordem, em diversos cargos, foram:

Judeus	447
Lituanos	43
Russos	30
Arménios	13
Alemães	12
Finlandeses	3
Polacos	2
Georgianos	2
Checos	1
Húngaros	1

Durante e posteriormente à Segunda Guerra Mundial até aos nossos dias, a «pandilha» judaica que governa a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas continua a ser muito numerosa, pois os seus nomes são encabeçados pelo próprio Estaline, que durante algum tempo foi considerado como georgiano de pura cepa e que afinal veio a descobrir-se ser de raça judia, porque Djougachvili, que é o seu apelido, significa «filho de Djou» e Djou é uma pequena ilha da Pérsia para onde emigraram muitos judeus marranos portugueses exilados e que posteriormente passaram para a Geórgia.

Actualmente está totalmente comprovado que Estaline tinha sangue judeu, ainda que ele nunca houvesse confirmado ou desmentido os rumores que começavam a correr a esse respeito [13].

Vejamos uma lista de funcionários soviéticos no Governo de Estaline:

1. — Zdanov (Yadanov), judeu, na realidade chamado Liphshitz, ex-comandante da defesa de Leninegrado durante a guerra, membro do Politburo até 1948 e um dos autores da resolução que excluia Tito do Cominform em 1948, e morto pouco mais tarde.

2. — Laurenty Béria, judeu, Chefe da Polícia MVD e da

---

[12] bis Traian Romanescu. Obra cit. Ed. cit. Págs. 143 a 161.

[13] Bernard Hutton. Revista francesa «Constellation», n.º 167, de Março de 1962, Pág. 202.

indústria atómica soviética, executado por ordem de Malenkov, pelo mesmo motivo que Estaline liquidou Yagoda.

3. — Lazar Kaganovich, judeu, chefe da indústria pesada soviética, membro do Politburo de 1944 até 1952, a seguir membro do Praesidium e depois Presidente do Praesidium Supremo da U. R. S. S.

4. — Malenkov (Georgi Maximilianovich Malenk), membro do Politburo e Orgburo até 1952; depois membro do Praesidium Supremo, Presidente do Conselho de Ministros após a morte de Estaline; Ministro do Governo de Bulganine desde 1955. É judeu de Ornemburg e não cossaco como se afirma. O nome de seu pai, Maximilian Malenk, é tìpicamente judeu-russo. Há ainda um pormenor muito importante que descobre a verdadeira origem de Malenkov e também a de Khruschev. A actual esposa de Malenkov é a judia Pearl-mutter, conhecida como a «camarada Schemschuschine», que foi Ministro (comissário) da Indústria da Pesca no Governo Soviético em 1938. Não existe uma biografia oficial de Malenkov e isso deve-se seguramente a que não quer que se descubra a sua origem judaica.

5. — Nikita Salomón Khruschev, actual Chefe do Partido Comunista Soviético, membro do Politburo desde 1939, quer dizer, no ano em que Malenkov foi eleito membro de Orgburo. É irmão da esposa de Malenkov, ou seja, da judia Pearl-mutter. Khruschev é portanto judeu e na realidade o seu apelido é Pearl-mutter.

6. — Marechal Nicolai Bulganine, actual Primeiro-Ministro soviético, ex-funcionário de um banco, foi um dos dez judeus membros do Comissariado para a Liquidação dos Bancos Particulares em 1919.

7. — Anastásio Iosifovich Mikoyan, membro do Politburo desde 1935, membro do Praesidium Supremo desde 1952, Ministro do Comércio e Vice-Presidente no Governo de Malenkov. É judeu da Arménia e não arménio autêntico como se crê.

8. — Kruglov, Chefe da MVD, Polícia Secreta, depois de Béria. Por ordem de Kruglov foram postos em liberdade os médicos judeus presos em 1953 por Riumin, subchefe da Polícia durante o mandato da Béria. Judeu também. Ao morrer Estaline, surgiram esses pleitos de família entre judeus, que estalam às vezes por ambições de mando, e o judeu Béria foi assassinado pelos seus irmãos israelitas do Governo de Moscovo, como antes os judeus Estaline, Vichinsky, Kaganovich e os consócios haviam mandado matar os judeus Trotzky, Zinoviev, Kamenef, Radek, Bukarin e milhares dos seus partidários israelitas, na luta intestina, verdadeira guerra civil ocorrida no seio do judaísmo, que ambas as facções hebraicas susten-

taram entre si pelo controle da infeliz Rússia e do comunismo internacional.

9. — Alexandre Kosygin, judeu também, foi membro do Politburo até 1952, depois suplente do Praesidium Supremo e Ministro da Indústria Ligeira e da Alimentação no Governo de Malenkov. Quando se imprime esta edição é já Primeiro-Ministro do Governo Soviético, depois de haver participado no derrubamento do israelita Nikita Salomón Khruschev, em outro pleito entre judeus comunistas, por ambição de mando.

10. — Nicolas Schvernik, membro do Politburo até 1952, em seguida membro do Praesidium Supremo e membro do Praesidium do Comité Central do Partido Comunista, também judeu.

11. — Andrés Andreievich Andreiev, que era conhecido como o «politburocrata» dos 3 AA, membro do Politburo entre 1931 e 1952. judeu da Galitzia, na Polónia. Usa pseudónimo russo.

12 — P. K. Ponomarenko, judeu, membro do Orgburo em 1952; depois membro do Praesidium Supremo e Ministro da Cultura no Governo de Malenkov.

13. — P. F. Yudin (Iuden), membro suplente do Praesidium Supremo e titular do Ministério de Materiais de Construção, no Governo de Malenkov, 1953, judeu.

14. — Mihail Pervukin, judeu, membro do Praesidium do Comité Central do Partido Comunista desde 1953.

15. — N. Schatalin, potentado no Subsecretariado do Comité Central do Partido Comunista, judeu.

16. — K. P. Gorschenin, judeu, Ministro da Justiça no Governo de Malenkov

17. — D. Ustinov (Zambinovich), judeu, embaixador soviético em Atenas, Grécia, até à Segunda Guerra Mundial, Ministro da Defesa no Governo de Malenkov.

18. — V. Merkulov, Ministro do Controle do Estado no tempo de Malenkov. Judeu

19. — A. Zasyadko, Ministro da Indústria do Carvão com Malenkov. Judeu.

20. — Cherburg, chefe da propaganda soviética, judeu.

21. — Milstein, um dos judeus chefes da espionagem soviética.

22. — Ferentz Kiss, chefe do serviço de espionagem soviética na Europa. Judeu.

23. — Potschrebitscher (Poscrebichev), israelita, ex-secretário particular de Estaline, actualmente chefe dos arquivos secretos do Kremlin.

24. — Ilya Ehremburg, deputado de Moscovo no Soviete Supremo, escritor comunista. Também judeu.

25. — Rosália Goldenberg, israelita, deputada de Birobidjan no Soviete Supremo.

26. — Mark Spivak, deputado de Estaline (Ucrânia) no Soviete Supremo de Moscovo

27. — Ana E. Kaluger, deputada judia da Bessarábia do Soviete Supremo. Seu irmão, chamado agora não Kaluger, mas Calugaru, em romano, é um potentado comunista na administração da Roménia

Também Kalinin, Presidente títere durante o Governo de Estaline, morto há pouco tempo, era judeu [14].

Já é sabido que foi uma grande falsidade o anti-semitismo de Estaline e que a matança de judeus (trotzkystas, zinoviefistas e bugarivistas) que levou a cabo para se assegurar no Poder foi realizada por outros judeus. Em última instância, a luta entre o judeu Trotzky e o judeu Estaline foi uma contenda entre bandos judeus para o controle do Governo comunista, que eles criaram; simplesmente um pleito em família. Servia de prova a seguinte lista de comissários de Assuntos Exteriores, quando Estaline se desfazia de quantos judeus eram perigosos para o seu poder pessoal.

1. — Maxim Maximovich Litvinoff, Ministro soviético dos Assuntos Exteriores até 1939, quando foi substituído por Molotov ocupando depois altos cargos no mesmo ministério, até à sua morte, em Fevereiro de 1952. Nasceu na Polónia, sendo filho do «banklaark» (agente da banca) judeu Meer Genokh Moiseevich Vallakh. Para ocultar o seu verdadeiro nome, Maxim Moiseevich Vallakh (Litvinoff), utilizou durante a sua carreira vários pseudónimos, entre eles Finkelstein, Ludwig Nietz, Maxim Harryson, David Mordekay, Felix, e por fim, quando chegou a potentado no regime comunista da Rússia, adoptou o de Litvinoff ou Litvinov. Quando este judeu foi substituído por Molotov em 1939, a judiaria do mundo ocidental e toda a Imprensa judaico-maçónica começaram a gritar que tinha sido afastado por Estaline «porque era judeu», mas não disseram depois que Litvinov ficou no ministério até à sua morte. Para que dizê-lo se isso não interessava à conspiração? Nas memórias de Litvinov, publicadas depois da sua morte, está escrito que na sua opinião nada mudará na Rússia Soviética depois da morte de Estaline. Com efeito, Estaline morreu um ano depois de Litvinov e nada se modificou na política interior ou exterior soviética.

Aquilo que no Ocidente se chama mudanças de política da U. R. S. S. não são mais do que simples manobras de propaganda adequadas às necessidades do plano de dominação mun-

[14] Traian Romanescu. Obra cit. Págs. 174 e 175

dial dos judeus Nada se modificou após a morte de Estaline. Há um pouco de agitação devido à falta de um novo chefe único do calibre de Estaline ou Lenine e é tudo. Por isso, os conspiradores judeo-maçons do Ocidente querem pintar o tenebroso corvo soviético-comunista com cores brilhantes de «pacifismo», «coexistencialismo», «humanização», etc., para o apresentar ao mundo como algo de inofensivo.

Quando Litvinov afirmou que nada se modificaria com a morte de Estaline, sabia muito bem que isto se daria porque Estaline não era mais do que um dos obreiros do grupo judaico que dirige a U. R. S. S. e que depois dele ficariam outros judeus para prosseguir o plano de domínio mundial no qual colaboraram Bulganine, Baruch, Reading, Thorez, Mendès-France, David Ben Gurion e outros muitos.

Continuando a lista dos judeus no Ministério dos Assuntos Exteriores da U. R. S. S., temos mais:

2. — Andrés Iannarevich Vishinsky, já falecido e que foi Ministro do Exterior da U. R. S. S. antes da morte de Estaline, e a seguir delegado permanente da União Soviética na O. N. U., onde não perdia oportunidade para lançar «larachas» aos países não comunistas tal como fazia quando «juiz popular». O seu nome judeu era Abraham Ianuarevin. Este judeu foi fiscal nos processos que condenaram à morte os seus irmãos de raça, judeus que constituiam a velha guarda revolucionária de Lenine, e que foram assassinados por Estaline e sua «pandilha» também judia, na luta pelo Poder na Rússia.

3. — Jacob Malik, representante soviético na O.N.U. e grande trunfo na hierarquia diplomática soviética. Judeu.

4. — Valerian Zorin, em tempos embaixador em Londres e também grande figura da diplomacia soviética, que muda de cargo segundo as necessidades.

5. — André Gromiko, diplomata judeu.

6. — Alexandre Panyushkin, antigo embaixador soviético em Washington, embaixador em Pequim durante 1955, considerado então como verdadeiro ditador na China Vermelha, até que Mao-Tsé-tung, fiel ao estalinismo, se rebelou contra Khruschev, quando este atraiçoou o referido estalinismo.

7. — Zamhinovich (Ustinov), embaixador em Atenas até 1940.

8. — Almirante Radionovich, embaixador em Atenas entre 1945 e 1946, ou seja, até à preparação do golpe de estado comunista na Grécia. Judeu.

9. — Constantino Oumansky, enviado a Washington durante a Segunda Guerra Mundial e depois potentado no Ministério dos Assuntos Exteriores de Moscovo.

10. — Manuilsky, ex-representante na Ucrânia e na O. N. U., actualmente Presidente da Ucrânia. Também judeu.

11. — Ivan Maisky, embaixador em Londres durante a Segunda Guerra Mundial e a seguir alto funcionário do Ministério dos Assuntos Exteriores em Moscovo.

12. — Madame Kolontay, embaixadora em Estocolmo até à sua morte, em Março de 1952. Antes esteve no México. Judia cuja família hebreia se havia misturado com a aristocracia russa, que atraiçoou, como o fizeram todos esses judeus infiltrados na nobreza por matrimónios mistos, por títulos obtidos por serviços prestados aos reis, que, sem se darem conta, minaram dessa forma a força da nobreza de sangue, facilitando o seu controle pelo judaísmo, como ocorreu na Inglaterra, ou o derrubamento das monarquias, como sucedeu noutros países.

13. — D. Solod, embaixador no Cairo, em 1955. Este, ajudado por um grupo de judeus adestritos ao corpo diplomático no Cairo dirige a conspiração israelita no mundo árabe, sob a protecção diplomática soviética, sem que o Governo egípcio se dê conta. Este Governo não devia esquecer que David Ben Gurion, Primeiro-Ministro de Israel, e também Golda Meir, Ministro de Israel em Moscovo, são judeus russos, tal como D. Solod [14] bis.

Actualmente, segundo dados comprovados, 80 a 90% dos postos-chaves de todos os ministérios de Moscovo e das demais Repúblicas Soviéticas são ocupados por judeus.

O duque de Vitória, depois de minucioso estudo, conclui:

«Não creio que possa haver qualquer dúvida da origem de todos aqueles que dirigiram e ocuparam os primeiros postos em Moscovo desde os primeiros momentos da revolução; o lamentável para os russos é que, depois de tanto tempo decorrido, estejam muitíssimo pior, porque aumentou de uma maneira alarmante a quantidade de judeus existentes na Rússia e todos os principais postos estão nas suas mãos.» [15]

Tal como se deu na Rússia, os países da Europa, dos quais o bolchevismo se assenhoreou, têm sido totalmente dominados pela minoria judaica, que aparece sempre dirigindo o Governo comunista com mão de ferro, criminosa e implacável, para conseguir a escravidão total dos cidadãos autóctones, por um grupo insignificante de judeus.

Mas, mais convincente de que qualquer argumento, é pas-

---

[14] bis Não deve esquecer-se que foi o judeu Yagoda, chefe nesses dias da Polícia Secreta de Estaline, que dirigiu, com a sua equipa de verdugos israelitas, a matança dos judeus inimigos de Estaline, na U. R. S. S.

[15] Duque de Vitória. «Israel Manda». Editora Latino-Americana, S. A. México, D. F. Pág. 287.

sar revista aos principais dirigentes das ditaduras socialistas europeias, que se encontram sempre nas mãos dos israelitas.

Mencionaremos os principais:

A. — *HUNGRIA*

1. — O chefe comunista mais importante, desde que o país foi ocupado pelas tropas soviéticas, é Mathias Rakosi, israelita cujo verdadeiro nome é Mathew Roth Rosenkranz, nascido no ano de 1892 em Szabadaka.

2. — Ferenk Muennich, judeu, Primeiro-Ministro da Hungria, em 1959, depois de Janos Kadar.

3. — Ernö Gerö, judeu, Ministro do Interior até 1954.

4. — Szeheni, israelita. Ministro do Interior antes do judeu Gerö.

5. — General Laszlo Kiros, judeu, Ministro do Interior desde Julho de 1954 e ao mesmo tempo chefe da A. V. O., Polícia Secreta, ou seja a correspondente húngara da M. V. D. soviética.

6. — General Peter Gabor, chefe da Polícia política comunista da Hungria até 1953; judeu chamado na realidade Benjamin Ausspitz, antigo alfaiate em Sátoraljaujhely, na Hungria.

7. — Varga, secretário de Estado para a Economia Planificada. Judeu, chamado na realidade Weichselbaum, ex-Ministro do Governo de Bela-Kun. Também Presidente do Conselho Superior Económico.

8. — Beregi, Ministro dos Assuntos Exteriores, judeu.

9. — Julius Egry. Ministro da Agricultura da R. P. H., judeu.

10. — Zoltan Vas, Presidente do Conselho Superior Económico, judeu chamado na realidade Weinberger.

11. — Josef Revai, ditador da Imprensa húngara e director do jornal vermelho «Szabad Nep» (O Povo Livre), judeu chamado na realidade Moisés Kahána.

12. — Revai (outro), Ministro da Educação Nacional, judeu chamado Rabinovits.

13. —Jozsef Gerö, Ministro das Comunicações, judeu chamado Singer.

14. — Mihály Farkas, Ministro da Defesa Nacional, judeu chamado Freedman.

15. — Veres, Ministro de Estado, israelita.

16. — Vadja, Ministro de Estado, judeu.

17. — Szantó, Comissário para a Depuração, enviado de Moscovo em 1951; judeu chamado Schreiber, ex-membro do Governo de Bela-Kun.

18. — Gyula Déssi, Ministro da Justiça até 1953, hoje chefe da Polícia Secreta, judeu.

19. — Emil Weil, Embaixador da Hungria em Washington. É o médico que torturou o Cardeal Mindszenty.

Entre outros potentados judeus de marca, há ainda que mencionar:

1. — Imre Szirmay, Director da Sociedade Magiar de Radiodifusão.

2. — Gyula Garay, Juiz «popular» do Tribunal Comunista de Budapeste.

3. — Coronel Caspo, subchefe da Polícia Secreta.

4. — Professor Laszlo Benedek, judeu, ditador em questões de ensino.

O único comunista importante de origem cristã foi o maçon Laszlo Ragk, ex-Ministro dos Assuntos Exteriores, julgado e condenado sob a acusação de «traição» pelos seus «irmãos» judeus.

Como de resto se passou, nas ditaduras comunistas, com todos os mações de origem cristã ou gentia e que, enganados pelo poder oculto judaico que controla por detrás da cortina, a fraternidade maçónica empurrou-os em alguns países a trabalhar pelo triunfo da revolução socialista, para depois, ao instaurar-se a chamada ditadura do proletariado, matá-los nas chamadas «purgas»

B. — *CHECOSLOVÁQUIA*

1. — Clement Gottwald, um dos fundadores do Partido Comunista na Checoslováquia e Presidente deste país entre 1948 e 1953, judeu, morto pouco depois de Estaline.

2. — Wladimir Clementis, ex-Ministro comunista dos Assuntos Exteriores na Checoslováquia, «julgado e condenado» em 1952, judeu. Vítima dessas pugnas internas surgidas entre os hebreus comunistas.

3. — Vaclav David, o actual Ministro dos Assuntos Exteriores da Checoslováquia (1955), judeu.

4. — Rodolfo Slaski, ex-Secretário-Geral do P. C. C. H., «condenado» em 1952, judeu chamado Rodolfo Salzmann.

5. — Firi Hendrich, o actual Secretário-Geral do P. C., judeu.

6. — General Bendric Reicin, «condenado» em 1952, judeu.

7. — Andrés Simon, «condenado» em 1952, judeu chamado Otto Katz.

8. — Gustav Bares, Secretário-Geral Adjunto do P. C., judeu.

9. — Iosef Frank, ex-Secretário-Geral adjunto do P. C., «condenado» em 1952, judeu.

10. — Karel Schab, ex-Ministro da Segurança; «condenado» em 1952, judeu.

C. — *POLÓNIA*

1. — Boleislaw Beirut, Presidente da Polónia até 1954.
2. — Iacob Berman, judeu, Secretário-Geral do P. C.
3. — Iulius Kasuky (Katz), Ministro dos Assuntos Exteriores da Polónia, bem conhecido pelos seus discursos violentos na O. N. U., israelita.
4. — Karl Swierezewsky, ex-Vice-Ministro da Defesa Nacional, morto pelos camponeses anticomunistas ucranianos no Sul da Polónia. (Nem sempre é amorfa a massa do povo).
5. — Iosif Cyrankiewicz, judeu, Primeiro-Ministro da Polónia desde 1954, depois de Beirut.
6. — Hillary Mink, Vice-Primeiro-Ministro desde 1954, judeu.
7. — Zenon Nowek, Segundo Primeiro-Ministro da Polónia desde 1954, judeu.
8. — Zenon Kliszko, Ministro da Justiça, judeu.
9. — Tadeu Kochcanowiecz, Ministro do Trabalho, israelita.

O único comunista polaco, de origem cristã, importante é Wladislaw Gomulka, que foi afastado da direcção política em 1949 quando perdeu o cargo de Primeiro-Ministro; mais cedo ou mais tarde passar-se-á com ele o mesmo que com Ragk na Hungria. Ùltimamente foi reposto na direcção do Partido e do Estado.

D. — *ROMÉNIA*

1. — Ana Pauker, judia, ex-Ministro dos Assuntos Exteriores da República Popular Romena e agente n.º 1 do Kremlin na Roménia até ao meio de Junho de 1952, quando desapareceu da política, mas ainda livre em Bucareste. Esta hiena judia, chamada originalmente Anna Rabinsohn, é filha de um rabino vindo da Polónia para a Roménia. Nasceu na Moldávia, em 1892.
2. — Ilka Wassermann, ex-secretária particular de Ana Pauker, actualmente a verdadeira dirigente do Ministério dos Assuntos Exteriores.
3. — Iosif Kisinevski, o actual agente n.º 1 do Kremlin na Roménia, membro do Comité Central do Partido Comunista e Vice-Presidente do Conselho de Ministros. É judeu da Bessarábia; o seu verdadeiro nome é Ioska Brotiman. Este é o verdadeiro chefe do Partido Comunista na Roménia, ainda que «oficialmente» o Secretário-Geral deste partido seja o serralheiro

romeno Gheorghe Gheorghiu Dez, que faz um simples «papel de biombo» na cena política. Kisinevski tomou o seu actual pseudónimo do nome da cidade de Kisinau, Bessarábia, onde antes da chegada do Exército Vermelho tinha uma alfaiataria.

4 — Teohari Georgescu, Ministro dos Assuntos Internos no Governo comunista de Bucareste, entre 1945 e 1952; na actualidade, está relegado a um cargo secundário, ainda que «oficialmente» tivesse sido «expulso» do Partido Comunista. Está na mesma situação que Ana Pauker. O seu verdadeiro nome é Burach Tescovich e é um judeu originário de Galatz, porto romeno do Danúbio.

5. — Avram Bunaciu, também judeu, é o actual (1955) Secretário-Geral do Praesidium da Grande Assembleia Nacional da República Popular Romena, ou seja, o verdadeiro chefe desta Assembleia, visto que Petru Groza, o Presidente «oficial», não passa de um velho espantalho, casado com uma judia, cujo papel é puramente decorativo. Avram Bunaciu chama-se na realidade Abraham Gutman (Gutman, traduzido, é o nome correspondente em romeno a «Bunaciu», ou seja, o pseudónimo adoptado por este judeu).

6. — Lotar Radaceanu, outro Ministro do Governo comunista de Bucareste «deposto» em 1952 e reaparecido na Tribuna de Honra, em 1955. É judeu da Transilvânia. Chama-se Lothar Würtzel. Como a palavra «würtzel», traduzida em romeno, significa «radacina», ou seja, «raiz» em português, este judeu transferiu simplesmente o seu nome hebreu para romeno e chama-se agora Radaceanu.

7. — Miron Constantinescu, membro do Comité Central do Partido Comunista e Ministro das Minas e do Petróleo; muda de vez em quando os seus cargos ministeriais. É um judeu de Galatzi, Roménia, chamado na realidade Mehr Kohn, e usa, como é costume neles, pseudónimo romeno.

8. — General Locotenent Moisés Haupt, Comandante da Região Militar de Bucareste, judeu.

9. — Coronel-General Zamfir, Chefe da Segurança Geral, comunista da Roménia e o responsável por milhares de assassínios executados por esta Polícia secreta. É judeu originário do porto de Braila, sobre o Danúbio. Chama-se Laurian Rechler.

10. — Heim Gutman, Chefe do Serviço Secreto Civil, da República Popular Romena, judeu.

11. — Major-General William Suder, Chefe de Informações e Contra-Espionagem do Exército Comunista romeno. É o judeu chamado Wilman Suder, ex-oficial do Exército Soviético.

12. — Coronel Roman, ex-Director do Serviço E. C. P. (Educação, Cultura e Propaganda), do Exército Romeno, até 1949,

e actualmente Ministro no Governo Comunista. O seu nome de judeu é Walter.

13. — Alexandre Badau, Chefe do Serviço de Controle dos Estrangeiros na Roménia. É judeu originário da cidade de Targoviste, cujo nome autêntico é Braunstein. Antes de 1940 a sua família tinha um grande armazém comercial em Targoviste.

14. — Alexandre Moghiorosh, Ministro da Nacionalidade no Governo Vermelho, judeu da Hungria.

15. — Major Lewin, Chefe da Censura à Imprensa, judeu ex-oficial do Exército Vermelho.

16. — Coronel Holhan, chefe da Segurança comunista de Bucareste, é judeu chamado Moscovich, ex-chefe sindical.

17. — George Silviu, Secretário-Geral Administrativo do Ministério dos Assuntos Interiores; judeu, chamado Gersh Golinger.

18. — Erwin Voigulescu, Chefe da Divisão de Passaportes no Ministério dos Assuntos Exteriores. É o judeu chamado Erwin Weinberg.

19. — Gheorghe Apostol, Chefe da Confederação Geral do Trabalho da Roménia. É o judeu chamado Gerschwin.

20. — Stupineanu, Chefe do Serviço de Espionagem Económica; judeu chamado Stappnau.

21. — Emmerick Stoffel, Ministro da República Popular Romena na Suíça; judeu da Hungria, especialista em assuntos bancários.

22. — Harry Fainaru, ex-Conselheiro-Chefe da Legação Comunista Romena em Washington até 1954, e actualmente potentado no Ministério dos Assuntos Exteriores de Bucareste. É judeu, chamado Hersch Feiner. Antes de 1940, a sua família tinha um comércio de cereais em Galatzi.

23. — Ida Szillagy, a verdadeira Chefe da Legação Romena em Londres, judia amiga de Ana Pauker.

24. — Lazarescu, o Encarregado de Negócios do Governo Romeno em Paris. É judeu chamado na realidade Burach Lazarovich, filho de um comerciante judeu de Bucareste.

25. — Simón Oieru, Subsecretário do Estado Romeno. É o judeu Schaffer.

26. — Aurel Baranga, Inspector-Geral das Artes. É o judeu Ariel Leibovich.

27. — Liuba Kisinevski, Presidente da U. F. A. R. (União das Mulheres Antifascistas Romenas), é judia originária de Cernautzi Bucovina, chamada na realidade Liuba Broitman, esposa de Iosif Kisinevski, do Comité Central do Partido.

28. — Lew Zeiger, Director do Ministério de Economia Nacional, judeu.

29. — Doutor Zeider, jurisconsulto do Ministério dos Assuntos Exteriores, judeu.

30. — Marcel Breslasu, Director-Geral das Artes, judeu chamado Mark Breslau.

31. — Silviu Brucan, redactor chefe do diário «Scanteia», órgão oficial do Partido. É judeu de nome Brücker. É este que dirige toda a campanha de mentiras com a qual se quer enganar o povo romeno sobre a verdadeira situação criada pelo comunismo. Ao mesmo tempo, o judeu Brücker dirige a falsa campanha anti-semita da Imprensa comunista da Roménia.

32. — Samoila, Director Administrativo do jornal «Scanteia», é o judeu Samuel Rubinstein.

33. — Horia Liman, segundo-redactor do mesmo jornal, é o judeu chamado Lehman.

34. — Engenheiro Schnapp, Director Administrativo do jornal comunista «Romania Libera» (Roménia Livre), o segundo diário comunista em tiragem, também judeu.

35. — Jean Mihai, Chefe da Cinematografia Romena (propaganda comunista através de filmes), judeu cujo nome é Iacob Michael.

36. — Alexandre Graur, Director-Geral da Sociedade Romena de Radiodifusão, totalmente ao serviço do Partido Comunista. É judeu, professor, na realidade chamado Alter Brauer, originário de Bucareste.

37. — Mihail Roller, actual Presidente da Academia Romena, é um obscuro professor judeu, totalmente desconhecido antes da chegada dos soviéticos à Roménia. É agora Presidente da Academia e, mais ainda, escreveu uma «nova história» do povo romeno, falsificando as realidades históricas.

38. — Professor Weigel, um dos tiranos da Universidade de Bucareste, que dirige a depuração permanente dos estudantes romenos, abertamente hostis ao regime comunista judaico.

39. — Professor Levin Bercovich, outro tirano da Universidade de Bucareste, que controla com seus agentes a actividade dos professores romenos e as suas relações sociais. É judeu originário da Rússia.

40. — Silviu Iosifescu, o crítico literário oficial, que «censurou» e alterou a forma e o fundo das poesias dos melhores poetas, como Eminescu Alecsandri, Vlahutza, Carlova, etc., todos mortos há já algumas dezenas de anos ou mais de meio século, porque estas poesias «não estavam em concordância com as ideias marxisto-comunistas». Este assassino literário é judeu, chamado na realidade Samoson Iosifovich.

41. — Ioan Vinter, o segundo crítico literário marxista do regime, autor de um livro intitulado «O Problema da Herança Literária», é também judeu, de nome Iacob Winter.

Os três ex-Secretários da Confederação Geral do Trabalho, até 1950, ou sejam, Alexandre Sencovich, Mischa Lewin e Sam Asriel (Serban), eram todos judeus.

E. — *JUGOSLÁVIA*

1. — O Marechal Tito cujo verdadeiro nome judeu é o de Iosif Walter Weiss, originário da Polónia.
2. — Moisés Pijado, Secretário-Geral do Partido Comunista e na realidade a «eminência parda» do regime, judeu.
3. — Kardelj, Membro do Comité Central do P. C. Jugoslavo e Ministro dos Assuntos Exteriores, judeu de origem húngara chamado na realidade Kardayl.
4. — Rankovic, Membro do Comité Central do P. C. Jugoslavo e Ministro dos Assuntos Interiores, judeu austríaco chamado antes Rankau.
5. — Alexandre Bebler, Membro do Comité Central do P. C. e Delegado Permanente da Jugoslávia na O. N. U., judeu austríaco.
6. — Ioza Vilfan (Joseph Wilfan), Conselheiro Económico de Tito. é na realidade o ditador económico da Jugoslávia, judeu de Serajevo.

Como na Jugoslávia não havia tantos judeus como noutros países, encontramos maior número de nacionais no Governo comunista do seu país, mas sempre em postos secundários, porque os principais dirigentes acima assinalados são os que na realidade dominam totalmente o Governo Jugoslavo [15] bis.

Numerosos autores católicos têm realizado estudos estatísticos que também demonstram que o comunismo é obra judia. No livro «A Guerra Oculta», de Malinsky e de Poncins, edição italiana, Milão 1961, recentemente publicado, inclui-se um Apêndice de Monsenhor Jouin com dados estatísticos muito reveladores a tal respeito. É importante também o estudo sobre a matéria aparecido em Roma, com o título «La Rivoluzione Mondiale e Gli Ebrei», publicado pela revista dos jesuítas desta cidade «Civiltà Catolica» no opúsculo 1736 do ano 1922.

[15] bis Traian Romanescu. Obra cit. Ed. cit. Págs. 186 a 214.

CAPÍTULO IV

OS FINANCEIROS DO COMUNISMO

A judiaria internacional tende em conjunto para o socialismo comunista de Marx, realizado por eles actualmente na União de Repúblicas Socialistas Soviéticas e em todos os seus satélites, porque o comunismo é a meta imediata das suas aspirações de domínio mundial e de poder omnímodo sobre todos os povos da Terra. Sempre manifestaram tal critério e desde o princípio tenderam conjuntamente para esse fim.

Este resultado final comunista é concebido por todos os judeus como sua própria meta com absoluta unanimidade, embora muitas pessoas não judias defeituosamente informadas ou intencionalmente enganadas pensem que o grande número de judeus multimilionários que há no mundo e que inclusivamente dominam as finanças mundiais tenham de estar situados em oposição a essa tendência que tenta arrebatar-lhes as suas riquezas.

À simples vista, nada mais lógico do que pensar num poderoso financeiro, num rico comerciante ou num importante industrial como o inimigo mais acérrimo do comunismo; mas se os industriais, comerciantes ou financeiros forem judeus, não haverá a menor dúvida de que serão também comunistas, uma vez que o socialismo comunista de Marx foi criado e realizado por eles, não para perderem os bens que possuem, mas sim para apoderarem-se dos restantes que ainda não lhes pertencem e reunir nas suas mãos toda a riqueza mundial, que, segundo o seu sentir, detêm indevidamente todos aqueles que não são de raça israelita.

O conhecido escritor judeu Werner Sombart diz:

«O principal carácter da religião judaica consiste em ser uma religião que não tem que ver com o além, uma religião, por assim dizer, única e essencialmente terrestre.»

«O homem não pode experimentar o bem ou o mal senão neste mundo; se Deus quer castigar ou recompensar, não pode

fazê-lo senão em vida do homem. Por isso, cá na Terra, deve prosperar o justo e sofrer o ímpio.» [16]

«É inútil insistir sobre as diferenças que se deduzem desta oposição entre as duas maneiras de ver no que toca às atitudes respectivas do judeu piedoso e do cristão piedoso com respeito à aquisição das riquezas. Enquanto o cristão piedoso que se tenha tornado culpado de usura era atormentado à hora da morte pelas torturas do arrependimento e estava disposto a renunciar a tudo o que possuia, porque o bem injustamente adquirido o abrasava, o judeu piedoso, chegado ao termo da vida, olhava com complacência as arcas e os cofres cheios a abarrotar, onde estavam acumulados os cequins (moeda) descontados durante a sua longa vida sobre os pobres cristãos e também sobre os pobres muçulmanos; espectáculo com que o seu coração piedoso podia regozijar-se, porque cada ceitil de juros que ali estava encerrado era como que um sacrifício oferecido ao seu Deus.» [17]

Ao mesmo tempo, o dinheiro judeu é o instrumento poderosíssimo que lhe tem permitido financiar amplamente os movimentos revolucionários, sem cujo apoio não poderiam ter triunfado jamais e a forma de corromper em todos os aspectos a civilização cristã, seja materializando o indivíduo ao fazer-lhe preferir o ouro aos valores transcendentes, seja pelos meios directos, que tão efectivamente sabem usar, como o suborno, o peculato, a concussão e, em geral, a compra das consciências.

A ideia judaica de absorver todo o dinheiro do mundo por meio do comunismo aparece com toda a diafaneidade em muitos famosos escritores judeus como Edmond Fleg, Barbusse, André Spire e outros, mas principalmente na conhecida carta enviada pelo célebre judeu neomessianista Baruch Levy a Karl Marx, descoberta em 1888 e publicada pela primeira vez nesse mesmo ano. O seu texto é o seguinte:

«O povo judeu, tomado colectivamente, será ele próprio o seu Messias. O seu reino sobre o Universo obter-se-á pela unificação das outras raças humanas, a supressão das fronteiras e das monarquias, que são os baluartes do particularismo, e o estabelecimento de uma república universal que reconhecerá por natureza os direitos de cidadania aos judeus. Nesta nova organização da Humanidade, os filhos de Israel disseminados actualmente sobre toda a superfície do globo, todos da mesma raça, de igual formação tradicional, não obstante sem formar uma nacionalidade distinta, chegarão a ser sem oposição o ele-

[16] Werner Sombart. «Les Juifs et la Vie Economique». Págs. 291 e 277.

[17] Idem. Idem. Pág. 286.

mento dirigente em toda a parte, sobretudo se chegarem a impor às massas trabalhadoras a direcção estável de alguns de entre eles. Os governos das nações, ao formarem a república universal, passarão todos, sem esforço, para as mãos dos Israelitas, a favor da vitória do proletariado. A propriedade individual poderá então ser suprimida pelos governos de raça judia, que administrarão em toda a parte a fortuna pública. Assim se realizará a promessa do Talmude, segundo a qual, quando os tempos do Messias tiverem chegado, os judeus terão sob as suas chaves os bens de todos os povos do mundo.» [18]

Seguindo esta táctica de absorção económica, é perfeitamente natural que vejamos os mais ricos financeiros e os banqueiros mais importantes do mundo financiarem as revoluções comunistas; e não é difícil, tendo em conta os dados citados, tornar clara uma situação que superficialmente pareceria paradoxal e absurda ao contemplar sempre unidos os mais abastados judeus do mundo com os dirigentes israelitas dos movimentos comunistas.

Se as explicações dos mais notáveis judeus são suficientes para nos mostrar esta estreita relação com clareza meridiana, mais ilustrativos ainda são os factos, tão notórios, que nos permitem apagar até o mais leve resquício de incerteza:

Após a derrota francesa de 1870 e a queda do Império de Napoleão III, os marxistas, dirigidos de Londres por Karl Marx, apoderaram-se, em 18 de Março de 1871, de Paris por mais de dois meses, com o apoio da Guarda Nacional, que se havia constituído num organismo armado totalmente dependente da Internacional marxista.

Quando a comuna não pôde resistir ao ataque das tropas do Governo, que tinha a sua sede em Versalhes, e ao considerarem os comunistas certa a sua derrota, dedicaram-se ao roubo, ao assassínio e ao incêndio para destruir a capital, de acordo com a directriz dada anteriormente por Clauserets em 1869: «Nós ou nada! Eu garanto-vos, Paris será nossa, ou deixará de existir.»

Nesta ocasião ficou claramente manifesta a cumplicidade dos banqueiros judeus franceses com os comunistas, ao verificar como assinala Salluste no seu livro «As Origens Secretas do Bolchevismo», que Rothschild, por um lado, fazia pressão em Versalhes, junto de Thiers, o Presidente da República, para evitar uma acção decidida do exército contra os comunistas marxistas, falando de possíveis entendimentos e acordos com o Comité Central dos Federados (marxistas) e, por outro lado,

[18] Salluste. «Les Origines Secrètes du Bolchevisme. Henri Heine e Karl Marx». Edição Jules Tallandier. Paris. Pág. 33.

gozava de uma tal impunidade tanto na sua pessoa como nos seus bens na cidade de Paris, submersa num espantoso e sangrento caos.

A este respeito diz-nos Salluste na sua obra citada, pág. 137: «M. de Rothschild, é certo que tinha boas razões para crer possível a conciliação: o seu «chalet» da rua de Saint Florentin estava protegido, dia e noite, por um piquete de federados (marxistas), encarregados de evitar-lhe qualquer desacato, piquete que renovou durante dois meses, até ao momento em que a grande barricada que se levanta a dois passos foi tomada pelas tropas de Versalhes.»

«Enquanto os reféns eram fuzilados, enquanto os mais belos palácios de Paris ardiam e milhares de franceses morriam vítimas da guerra civil, é curioso verificar que a protecção concedida pelos comunistas ao grande banqueiro judeu não cessou um momento sequer.»

«Em 1916, o tenente-general do Exército Imperial russo, A. Nech-Volodof, transcreve uma informação secreta de um dos agentes do Estado-Maior, datada de 15 de Fevereiro desse ano, recebida no Estado-Maior do Generalíssimo russo, nos seguintes termos: «Partido Revolucionário Russo na América do Norte resolveu passar aos factos. Em consequência, de um momento para o outro podem esperar-se revoltas.»

«A primeira reunião secreta que assinala o princípio na era dos actos de violência verificou-se segunda-feira à tarde, em 14 de Fevereiro, no East End de Nova Iorque. Deviam reunir-se sessenta e dois delegados dos quais cinquenta eram «veteranos» da revolução de 1905 e os restantes, membros novos. A maior parte dos assistentes eram judeus, e, entre eles, muitos eram gente instruída, como médicos, publicistas, etc. Também se encontravam entre eles alguns revolucionários de profissão...»

«Os começos desta primeira reunião foram quase totalmente dedicados a examinar os meios e possibilidades de fazer na Rússia uma grande revolução. O momento era dos mais favoráveis.»

«Disse-se que o partido acabava de receber da Rússia informações secretas, segundo as quais a situação era de todo propícia, porque já estavam concluídos todos os acordos preliminares para uma sublevação imediata. O único obstáculo sério era a questão de dinheiro: mas apenas se fez esta observação, responderam imediatamente alguns membros que isso não devia suscitar nenhuma dúvida, porque, no momento em que se necessitasse, dariam importâncias consideráveis pessoas que simpatizavam com o movimento para libertar o povo russo. E

a este propósito repetidas vezes se pronunciou o nome do abastado banqueiro judeu Jacob Schiff.» [19]

Em princípios de 1919 o Serviço Secreto dos Estados Unidos da América do Norte entregou no Alto-Delegado da República Francesa nesse país um memorial no qual, categòricamente, se assinala a participação dos principais banqueiros na preparação da revolução comunista russa:

76186 N.º 912-S. R. 2 II	Transmitido pelo Estado- -Maior do Exército, 2.º Gabinete

Em Fevereiro de 1916, soube-se pela primeira vez que na Rússia se estava fomentando uma revolução. Descobriu-se que as pessoas e firmas que a seguir se mencionam estavam implicadas nesta obra de destruição:

1. — Jacob Schiff, judeu.
2. — Khun, Loeb & C.ª, firma judia.

Direcção:
Jacob Schiff, judeu
Félix Warburg, judeu
Otto Kahn, judeu
Mortimer Schiff, judeu
Jerónimo H. Hanauer, judeu

3. — Guggenheim, judeu.
4 — Max Breitung, judeu.

Em princípios de 1917, o poderoso banqueiro Jacob Schiff começou a proteger Trotzky, judeu e franco-mação, cujo verdadeiro nome era Bronstein; a missão que se lhe encomendava era dirigir na Rússia a revolução social. O jornal de Nova Iorque «Forward», diário judeu e bolchevista também o protegeu com o mesmo objectivo. Também o ajudavam financeiramente os grandes Bancos: a Casa Judaica Max Warburg, de Estocolmo; o Sindicato Vestefaliano-Renano e pelo judeu Olef Aschberg, da Nye-Banken, de Estocolmo, e por Jivotovsky, judeu, cuja filha se casou com Trotzky, e deste modo se estabeleceram as relações entre os multimilionários judeus e os judeus proletários. [20]

---

[19] Esteban J. Malanni. «Comunismo e Judaísmo». Editorial La Mazorca. Buenos Aires. 1944. Pág. 54.

[20] Duque de Vitória. Obra cit. Ed. cit. Pág. 312.

«No folheto de S. de Baamonde volto a encontrar mais alguma coisa sobre o Banco Khun & C.ª. Jacob Schiff era um israelita de origem alemã. Seu pai, que viveu em Francfort, foi nessa cidade um modesto corretor da casa Rothschild. O filho emigrou para os Estados Unidos onde fez uma rápida carreira, tendo depressa ascendido a chefe da grande firma Khun, Loeb & C.ª, principal Banco israelita dos Estados Unidos.»

«No mundo bancário judaico, Jacob Schiff não se distinguiu sòmente pela sua propensão para os negócios e pelo atrevimento das suas concepções. Subscreveu projectos e intenções muito decididas, apesar de não serem novos nem próprios, sobre a acção política dirigente que esse Banco deve exercer sobre os destinos do mundo: «The spiritual direction of human affairs.»

«Outra das constantes preocupações deste plutocrata era a intervenção, custasse o que custasse, nos assuntos políticos da Rússia, para provocar neste país uma mudança de regime. A conquista política da Rússia, que até então tinha escapado à influência maçónica, graças ao seu regime nacional, devia ser o melhor meio de assegurar no Universo inteiro o poder de Israel.» [21]

«Na Primavera de 1917, Jacob Schiff começou a comanditar Trotzky (judeu) para que fizesse a revolução social na Rússia. O diário judaico-bolchevique de Nova Iorque, «Forward», financiou-o também com o mesmo objectivo.»

«De Estocolmo, o banqueiro judeu Max Warburg igualmente financiava Trotzky & C.ª, e o mesmo faziam o Sindicato Vestefaliano-Renano, o importante consórcio judaico Olef Aschberg, do Nye-Banken de Estocolmo, e Jivotovsky, judeu, com cuja filha estava casado Trotzky.» [22]

«Ao mesmo tempo, um judeu, Paulo Warburg, demonstrava ter relações tão estreitas com as personalidades bolcheviques, que não foi reeleito no Federal Reserve Board.» [23]

«The Times», de Londres, de 9 de Fevereiro de 1918, e o «New York Times», em dois artigos de Samuel Gompers publicados nos números do 1.º de Maio de 1922 e 31 de Dezembro de 1923. assinalava o seguinte:

«Se tivermos em conta o facto de que a firma bancária judia Khun, Loeb & C.ª está em relações com o Sindicato Vestefaliano-Renano, Banco judeu da Alemanha, com Lazard-Fréres, Banco judeu de Paris, e também com a casa bancária Gunzburg, firma judaica de Petrogrado, Tóquio e Paris, e re-

---

[21] Duque de Vitória. Obra cit. Pág. 318.

[22] Esteban J. Malanni. Obra cit. Pág. 58.

[23] Esteban Malanni. Obra cit. Pág. 60.

pararmos além disso que os precedentes negócios judeus mantêm estreitas relações com a casa judia Speyer & C.ª, de Londres, Nova Iorque e Francfort do Meno, o mesmo sucedendo com Nye-Banken, casa judeo-bolchevista de Estocolmo, comprovaremos que o movimento bolchevista em si é, até certo ponto, a expressão de um movimento geral judaico e que determinadas casas bancárias judias estão interessadas na organização deste movimento.» [24]

O General Nechvolodof aponta na sua obra o forte financiamento judeu para a revolução comunista na Rússia: «Durante os anos que precederam a revolução, doze milhões de dólares haviam sido entregues por Jacob Schiff aos revolucionários russos. Por outro lado, segundo M. Bakmetieff, embaixador do Governo imperial russo nos Estados Unidos, falecido em Paris há pouco tempo, os bolcheviques triunfantes tinham remetido, entre 1918 e 1922, 600 milhões de rublos ouro para a firma Khun, Loeb & C.ª».

Depois destas provas tão concludentes, não creio que ninguém possa chegar à optimista conclusão de existirem judeus maus (os comunistas) e judeus bons (os capitalistas) e que enquanto uns procuram acabar com as riquezas dos particulares e fazer desaparecer a propriedade privada, outros pretendem defender ambas as coisas para não perderem as suas enormes fortunas. Desgraçadamente para a nossa civilização, o «complot» judaico apresenta caracteres de absoluta unidade e o judaísmo constitui uma força monolítica tendente a absorver, por meio do socialismo comunista de Marx, todas as riquezas do mundo sem excepção. O facto de, no judaísmo, como em todas as instituições humanas, surgirem às vezes rivalidades e lutas internas, não altera esta situação, visto que tais pleitos de família surgem geralmente por ambições de mando, embora disfarçados por razões religiosas ou de estratégia, mas coincidindo sempre os bandos em pugna em desejar o domínio do mundo, nos aspectos político, económico e religioso; e em que o melhor meio de conseguir esse domínio total é a ditadura socialista ou comunista, que permitirá aos judeus apoderarem-se da riqueza de todos os povos da Terra.

No nosso mundo civilizado de hoje, considera-se o racismo como o maior pecado em que a humanidade pode incorrer, falta essa que deixa perene e escandaloso estigma de selvagismo e brutalidade, sempre que não seja o povo judeu que a pratique. Graças à propaganda, quase totalmente dominada no mundo pelos israelitas (cinema, rádio, Imprensa, televisão, editoriais, etc....) o anti-semitismo é a manifestação racista mais abo-

[24] Esteban J Malanni. Obra cit. Pág. 62.

minável de todas, porque os judeus têm feito do anti-semitismo uma arma verdadeiramente demolidora, que serve para anular o esforço das inumeráveis pessoas ou organizações que, tendo compreendido claramente qual é a verdadeira cabeça do comunismo, apesar dos disfarces e estratagemas usados por esta raça para ocultar as suas verdadeiras actividades, têm pretendido dar a voz de alerta, horrorizados perante o ominoso fim que cada vez está mais próximo.

O seu labor solerte tem sido tão efectivo que a maioria dos anticomunistas, querendo acabar com o monstro marxista, lançam os seus valorosos e decididos ataques aos tentáculos do polvo, ignorando a existência da terrível cabeça, que regenera os membros destruídos, dirige os movimentos e harmoniza as actividades em todas as partes do seu sistema. A única possibilidade de destruir o socialismo comunista de Marx é atacar a cabeça dele, que actualmente é o judaísmo, segundo no-lo indicam os factos mais incontroversos e os testemunhos mais irrecusáveis dos próprios judeus.

Enquanto os países cristãos são anti-racistas porque fundamentam a sua ideia no conceito do próximo, os judeus têm sido sempre, e são-no ainda hoje, os racistas mais furibundos, que fundamentam o seu racismo nas ideias do Talmude, partindo do princípio de que o não judeu nem sequer é um ser humano.

Mas este anti-racismo cristão é explorado muito hàbilmente pelos judeus: e, à sombra do mesmo, tecem as suas infernais maquinações contra a Igreja Católica e toda a ordem cristã, estruturando o sistema comunista, onde não há Deus, não existe Igreja, nem há princípios transcendentais de qualquer espécie. Quando são atacados, queixam-se em clamorosas lamentações, apresentando-se como vítimas do racismo inumano, com o fim de paralisar qualquer intenção de defesa que se oponha aos seus ataques destruidores.

No entanto, a verdadeira defesa contra o comunismo, que forçosamente tem de dirigir-se contra os judeus (contra a cabeça), não pode considerar-se de nenhum modo como uma pecaminosa manifestação de um sentimento de aversão a uma raça determinada, uma vez que o critério de discriminação racial é totalmente alheio à nossa cultura e aos nossos princípios cristãos; mas não se pode subestimar um problema de tanta gravidade e transcendência pelo simples facto de temer o qualificativo de anti-semita, que sem dúvida recairá sobre quem compreenda a situação actual do mundo.

Não se trata pois de lutar contra uma raça por considerações de ordem racial. Se o problema se nos apresenta actualmente nestes termos, a culpa é exclusivamente dos judeus, que

não nos dão lugar para escolha, com o seu racismo total, o seu absoluto desprezo por todos aqueles que não são da sua raça e as suas ânsias de dominação mundial

Para os católicos em particular e para o mundo civilizado em geral, que ainda crê nos princípios axiológicos e nos valores transcendentes, a questão não pode ser mais simples, visto que se trata de um problema de legítima defesa, perfeitamente aceite na ordem moral e jurídica, quando o nítido dilema que nos apresenta o judaísmo é: ou domínio judaico-comunista ou extermínio.

CAPÍTULO V

TESTEMUNHOS JUDAICOS

Os próprios judeus, não obstante o seu habitual hermetismo e apesar das suas tácticas de engano e ocultamento com que têm conseguido permanecer geralmente na obscuridade para não revelar o seu plano de conquista mundial, têm tido alguns momentos de fraqueza, levados pelo optimismo e excessivo júbilo perante a contemplação dos seus êxitos, que têm provocado, em determinadas ocasiões, algumas declarações indiscretas, sumamente elucidativas.

Kadmi-Cohen, prestigioso escritor judeu, esclareceu: «No que diz respeito aos judeus, o seu papel no socialismo mundial é tão importante, que não se pode deixá-lo passar em silêncio. Não basta recordar os nomes dos grandes revolucionários dos séc. XIX e XX, como Karl Marx, Lassalle, Kurt Eisner, Bela-Kun, Trotzky e Léon Blum para que apareçam assim os nomes dos teóricos do socialismo moderno?» [25]

Que confirmação brilhante não encontram as tendências dos judeus no comunismo, fora da colaboração material em organizações de partidos, na aversão profunda que um grande judeu e grande poeta, Henrique Heine, sentia pelo direito romano! «E as causas subjectivas, as causas sentimentais da rebelião do Rabbi Aquiba e Bar Kocheba, do ano 70 e 132 depois de Jesus Cristo, contra a Paz Romana e o Direito Romano, conpreendidas e sentidas subjectiva e passionalmente, por um judeu do século XIX, que aparentemente não havia conservado nenhum laço com a sua raça.»

«E os revolucionários judeus e os comunistas judeus que atacam o princípio da propriedade privada, cujo monumento mais sólido é o Código do Direito Civil de Justiniano, de Ulpiano, etc., não fazem senão o que os seus antepassados faziam, resistindo a Vespasiano e a Tito. Na realidade, são os «Mortos que falam.» [26]

---

[25] Kadmi-Cohen. «Nomades (Essai sur l'Ame Juive)». 1929. Pág. 80.

[26] Kadmi-Cohen. Obr. cit. Pág 86.

O blasfemo escritor judeu Alfred Nossig diz-nos: «O socialismo e o mosaísmo de maneira nenhuma se opõem; mas, pelo contrário, entre as ideias fundamentais de ambas as doutrinas há uma conformidade surpreendente. Não se deve desviar mais o nacionalismo judaico do socialismo, como de um perigo que ameaça o seu ideal, que o socialismo judeu do mosaísmo, pois ambos os ideais paralelos se hão-de realizar no mesmo caminho.» [27]

«Do exame dos factos resulta de forma irrefutável que nem só os judeus modernos têm cooperado de uma maneira decisiva na criação do socialismo, mas os seus próprios pais já eram os fundadores do mosaísmo. A semente do mosaísmo germinou e actuou através dos séculos quanto a doutrina e lei, de um modo consciente para uns e inconsciente para outros. O movimento socialista moderno é, na maior parte, obra dos judeus; os judeus foram os que imprimiram nele a marca do seu cérebro; igualmente foram os judeus que tomaram parte preponderante na direcção das primeiras repúblicas socialistas. «O socialismo mundial actual forma o primeiro estado do cumprimento do mosaísmo, o princípio da realização do estado futuro do mundo anunciado pelos profetas.» [28]

No seu livro «Integrales Judentum», ratifica esta ideia do socialismo como doutrina judaica, quando escreve o seguinte: «Se os povos querem progredir na verdade, devem despojar-se do temor medieval dos judeus e dos preconceitos reaccionários que têm contra eles; devem reconhecer o que são na realidade, os precursores mais sinceros do desenvolvimento da Humanidade. A salvação do judaísmo exige, hoje, que reconheçamos o programa do socialismo abertamente à face do mundo. E a salvação da Humanidade, nos séculos futuros, depende da vitória desse programa.» [29]

A razão desta posição revolucionária judia está claramente explicada pelo conhecido escritor judeu E. Eberlin, na seguinte citação: «Quanto mais radical é a revolução, tanta mais liberdade e igualdade para os judeus resulta dela. Toda a corrente de progresso não deixa de consolidar a posição dos judeus. Do mesmo modo, todo o retrocesso e toda a reacção os alcança em primeiro lugar. Muitas vezes basta até uma simples orientação nas direitas para expor os judeus ao bloqueio... Sob este aspecto, o judeu é o manómetro da caldeira social.»

«Como entidade, a nação judia não pode colocar-se ao lado

---

[27] Westsälicher Merkur. «Diário de Munster». N.º 405 de 6 de Outubro de 1926.

[28] Alfred Nossig. «Integrales Judentum». Págs. 74 e 79.

[29] Alfred Nossig. Obr. cit. Pág. 21.

da reacção, quer dizer, a volta ao passado significa para os judeus a continuação das condições anormais da sua existência.» [30]

O considerado judeu Jacob de Haas, em «The Macabean», diz-nos claramente que: «A revolução russa que estamos vivendo é uma revolução do judaísmo. Ela significa uma mudança na história do povo judeu. Digamos francamente que era uma revolução judaica, porque os judeus eram os revolucionários mais activos da Rússia.»

No jornal judeo-francês intitulado «Le Peuple Juif», de Fevereiro de 1919, lê-se o seguinte:

«A revolução russa que estamos vendo será obra exclusivamente das nossas mãos.»

Por seu lado, Ricardo Jorge (judeu, português, médico, N. T.), no prólogo de um livro da autoria do famoso escritor judeu Samuel Schwarz, escrevia: «Se dos cumes da ciência pura descermos à arena em que se entrechocam as paixões e os interesses dos homens, surge perante nós o oráculo da nova religião socio-política, o judeu Karl Marx, o caudilho doutrinário da guerra sem quartel do proletariado, que encontra na cabeça e no braço de Lenine os realizadores dos seus credos, inspiradores do estado soviético que ameaça subverter os fundamentos das instituições tradicionais da sociedade.» [31]

Da mesma forma, outro judeu, Hans Cohen, em «Die Politich Idee», afirma que «o socialismo de Marx é o fim das nossas aspirações».

No número 12 do jornal «O Comunista» publicado em Karkoff, datado de 12 de Abril de 1919, o judeu M. Cohen escrevia: «Sem exagero pode assegurar-se que a grande revolução social da Rússia foi levada a cabo por intermédio dos judeus... Certo é que nas fileiras do exército vermelho há soldados que não são judeus no que toca a soldados rasos, mas nos comités e na organização soviética, como os comissários, os judeus levam com valor as massas de proletários russos à vitória.»

«À frente dos revolucionários russos iam os alunos da Escola Rabínica de Lídia.» «Triunfou o judaísmo sobre a espada e o fogo, com o nosso irmão Marx, que é o encarregado de cumprir com o que mandaram os nossos profetas, elaborando o plano conveniente por meio das reivindicações do proletariado.» Todas estas frases aparecem no jornal judeu «Haijut», de Varsóvia, de 3 de Agosto de 1928.

---

[30] E. Eberlin. «Les Juifs d'Aujourd'hui». Pág. 201.

[31] Ricardo Jorge. «Os Cristãos Novos em Portugal no Séc. XX» de Samuel Schwartz. Lisboa, 1925. Prólogo. Pág. x.

«Jervish World», de 10 de Janeiro de 1929, publicava esta opinião blasfema: «O facto do próprio bolchevismo, e que tantos judeus são bolchevistas e que o ideal do bolchevismo está sob muitos pontos de acordo com o mais sublime ideal do judaísmo, do qual uma parte formou a base dos melhores ensinamentos do fundador do cristianismo, tudo isso tem grande significado, que o judeu reflectido examinará cuidadosamente.»

Para não nos alongarmos demasiadamente, citaremos por último as referências que orgulhosamente faz o israelita Paul Sokolowsky na sua obra intitulada «Die Versandung Europeas», nas quais se vangloria do papel preponderante que desempenharam os judeus na revolução russa, dando pormenores das chaves que usavam para comunicar entre eles, inclusivamente através da Imprensa, sem chamar a atenção das autoridades e de como distribuiam a propaganda comunista, que elaboravam, por meio de crianças judias, as quais eram cuidadosamente treinadas para estes trabalhos nas suas colónias [32].

Este ódio infernal judeo-comunista, principalmente manifestado para com a civilização cristã, não é meramente gratuito, mas tem as suas causas muito profundas, como pode apreciar-se com clareza no seguinte parágrafo do «Sepher-Ha-Zohar», livro sagrado do judaísmo moderno que a seguir se transcreve e que representa o sentir de todos os judeus:

«Jeshu (Jesus) Nazareno, que afastou o mundo da fé do Santo, que bendito seja, será julgado eternamente em esperma fervente; seu corpo será reconstituído todas as sextas-feiras pela tarde, e ao amanhecer de sábado será arrojado no esperma fervente. O inferno consumir-se-á, mas o seu castigo e os seus tormentos não acabarão nunca. Jeshu e Mahoma são esses ossos impuros da «carrona» dos quais diz a Escritura: «Arrojá-los-eis aos cães.» São a sujidade do cão que mancha, e, por haver seduzido os homens, foram arrojados ao inferno, de onde nunca mais sairão.» [33]

---

[32] Lic. Alfonso de Castro. «El Problema Judio». Editorial Actualidad. México, D. F. 1939. Págs. 152 e 153.

[33] «Sepher-Ha-Zohar». Tradução de Jean de Pauly, Paris. Ernest Leroux. 1907. Tomo II.

2.ª PARTE

O Poder Oculto por detrás da Maçonaria

CAPÍTULO I

A MAÇONARIA INIMIGA DA IGREJA

Visto que o tema deste segundo livro foi tratado com tal maestria e profundidade por personalidades eminentes e copiosamente documentadas, como Sua Santidade o Papa Leão XIII, o Eminentíssimo Cardeal José Maria Caro R., Arcebispo de Santiago do Chile, Monsenhor Leão Meurin, S. J., Arcebispo-Bispo de Port-Louis, e outros vários eruditos escritores eclesiásticos e seculares, limitar-nos-emos a transcrever literalmente tão autorizadas opiniões, para não desvirtuar, no mínimo que seja, a sua grande autoridade.

Sua Santidade Leão XIII, na sua Encíclica *Humanum Genus* diz literalmente: «Os Pontífices Romanos, nossos antecessores, velando solícitos pela salvação do povo cristão, depressa conheceram quem era e o que queria este capital inimigo que apenas assomava de entre as trevas da sua oculta conjura, e como, declarando o seu santo-e-senha, admoestaram com previsão príncipes e povos a que não se deixassem prender nas artimanhas e ciladas preparadas para os enganar. Deu-se o primeiro aviso do perigo no ano de 1738, pelo Papa Clemente XII *(Const. In eminenti, die 24 Aprilis 1738)*, cuja Constituição confirmou e renovou Benedito XIV *(Const. Providas, die 18 Maii 1751)*. Pio VII *(Const. Ecclesiam a Jesu Christo, die 13 Septembris 1821)* seguiu o exemplo de ambos, e Leão XIII, incluindo na Constituição Apostólica *Quo Graviora (Const. data die 13 Martii 1825)* o decretado nesta matéria pelos anteriores, o ratificou e confirmou para sempre. Pio VIII *(Encyc. Traditi, die 21 Maii 1829)*, Gregório XVI *(Encyc. Mirari, die 15 Augusti 1835)* e Pio IX *(Encyc. Qui Pluribus, die 25/11/1816. Alloc. Multiplices inter, die 25 Septemb. 1865*, etc), por certo repetidas vezes, falaram no mesmo sentido.»

«Agora, a exemplo dos nossos predecessores, resolvemos declarar-nos de frente contra a mesma sociedade maçónica, contra o sistema de sua doutrina, suas intenções e maneira de sentir e obrar, para cada vez mais pôr a claro a sua força maléfica e impedir assim o contágio de tão funesta peste.»

«Não pode a árvore boa dar maus frutos, nem a árvore má dar bons frutos (Math. Cap. VII, v. 18), e os frutos da seita maçónica são, além de danosos, acerbíssimos. Porque dos certíssimos indícios que antes temos mencionado resulta o último e principal de seus intentos, a saber: o de destruir até aos fundamentos toda a ordem religiosa e civil estabelecida pelo cristianismo, levantando à sua maneira outra nova com fundamentos e leis extraídas das entranhas do naturalismo.»

«Sem isto, os turbulentos erros que já temos enumerado hão-de bastar por si mesmos para infundir aos estados medo e espanto. Porque, tirado o temor de Deus e o respeito às leis divinas menosprezada a autoridade dos Príncipes, consentida e legitimada a mania das revoluções, soltas com a maior licença as paixões populares, sem outro freio que a pena, há-de seguir-se por força universal mudança e transtorno. E ainda precisamente esta mudança e transtorno é o que muito pensadamente maquinam e ostentam de consumo muitas sociedades de comunistas e socialistas, a cujos desígnios não poderá dizer-se alheia a seita dos mações, como favorecem em grande maneira seus intentos e convém com elas nos principais dogmas.»

«Como quer que seja, perante um mal grave e tão estendido, no que a Nós nos cabe, veneráveis Irmãos, é aplicarmo-nos com toda a alma em busca de remédios. E porque a melhor e mais firme esperança de remédio está posta na virtude da Religião Divina, tanto mais odiada dos mações quanto mais temida, julgamos ser o principal o servirmos contra o inimigo comum desta virtude tão saudável. Assim que tudo o que decretaram todos os Romanos Pontífices, nossos antecessores, para impedir as tentativas e os esforços da seita maçónica, quanto sancionaram para afastar os homens de semelhantes sociedades ou tirá-los delas, todas e cada uma destas coisas damos por ratificadas, e as confirmamos com a nossa autoridade apostólica.» [1]

Como se vê, tanto Sua Santidade o Papa Leão XIII como vários Sumos Pontífices anteriores são muito claros ao condenar a maçonaria, reconhecendo do mesmo modo as suas intenções de destruir a cristandade, aliada com comunistas e socialistas. E quem dirige a maçonaria? Como demonstraremos nos capítulos seguintes, são os mesmos que dirigem o comunismo e o socialismo, quer dizer, os judeus.

[1] Léon P. P. XIII. «Carta Enciclica Humanum Genus». 20 de Abril de 1884.

CAPÍTULO II

OS JUDEUS FUNDADORES DA MAÇONARIA

«Desmascarar a maçonaria — disse Leão XIII —, é vencê-la.» Se a despirmos dos seus véus, todo o espírito recto, todo o coração honrado, se afastará dela com horror, e só por este facto cairá rotunda e execrada pelos mesmos que lhe obedecem.

O ilustre sábio jesuíta Monsenhor Leão Meurin, S. J. Arcebispo-Bispo de Port-Louis, na sua laboriosíssima obra «Simbolismo da Maçonaria», demonstra-nos com documentação esmagadora que os judeus são os fundadores, organizadores e dirigentes da maçonaria; utilizam-na para obter o domínio mundial, destruir a Santa Igreja Católica e as demais religiões existentes. Entre a autorizada bibliografia que apresenta a tal respeito figuram algumas citações que a seguir mencionaremos:

«O Primeiro Conselho Supremo, como já dissemos, foi constituído em 31 de Maio de 1801, em Charleston, grau 33 de latitude norte, sob a presidência do judeu Isaac Long, feito Inspector-Geral pelo judeu Moisés Cohen, que tinha recebido o seu grau em Spitzer, de Hyes, de Franken e do judeu Morin.» [2]

«Eram, pois, judeus os fundadores do Primeiro Grande Conselho que havia de converter-se no centro da maçonaria cosmopolita. E situaram-no na América, numa cidade escolhida precisamente no grau 33 de latitude norte. O Chefe Supremo vive desde 1801 em Charleston. Este chefe era, em 1899, Albert Pike, cujo nome vamos encontrar na sua «Carta Encíclica», datada de 14 de Julho de 1889, aniversário e centenário célebres; ele toma o título de cada um dos 33 graus e acrescenta-lhes os seguintes: «Mui Poderoso Soberano Comendador, Grão-Mestre do Supremo Conselho de Charleston, Primeiro Conselho Supremo do Globo, Grão-Mestre Conservador do Palladium Sagrado, Soberano Pontífice da Maçonaria Universal.» Com

[2] Paulo Rosen. «Satan & Cia.». Pág. 219.

estes títulos pomposos publicou a sua «Carta Encíclica», no ano trigésimo primeiro do seu pontificado, assistido «por dez Ilustríssimos, Muito Iluminados e Muito Sublimes Irmãos, Soberanos, Grandes Inspectores-Gerais, Magos Eleitos, que compõem o Sereníssimo Grande Colégio dos Maçones Eméritos, Conselho da Falange da Selecção e do Batalhão Sagrado da Ordem.» [3]

«A Encíclica enumera os 23 Conselhos Supremos «engendrados» até ao presente, já directamente, pelo de Charleston, já indirectamente e que estão espalhados pelo mundo inteiro. A seguir enumera os Cem Grandes Orientes e Grandes Lojas DE TODOS OS RITOS em comunicação com o Supremo Conselho de Charleston como Soberana Potência Maçónica. Por exemplo, o Grande Oriente de França, o Conselho-Geral do Rito de Misrain, o Grande Conselho dos Maçones Oddevellows, etc. Do que antecede, temos de concluir que a maçonaria é una sobre todo o globo, com formas inumeráveis, mas sob a direcção suprema do Soberano Pontífice de Charleston.» [4]

ORIGEM JUDAICA

«Os ritos e símbolos da maçonaria e das outras sociedades secretas recordam constantemente a Cabala e o judaísmo: a reconstrução do Templo de Salomão, a estrela de David, o Selo de Salomão, os nomes dos diferentes graus, como, por exemplo, «cavaleiro Kadosh», («Kadosh» em hebreu significa santo), Príncipe de Jerusalém, Príncipe do Líbano, Cavaleiro da Serpente de Airain, etc. E o rito dos maçones ingleses, adoptado numa reunião celebrada em 1663, não recorda ele de maneira evidente o judaísmo?» [5]

«Finalmente, a maçonaria escocesa servia-se da era judaica; por exemplo, um livro do maçon americano Pike [6], escrito em 1881, está datado do «anno mundi 5641». Actualmente não se mantém esta cronologia a não ser nos altos graus, embora os maçones aumentem geralmente quatro mil anos à era cristã e não 3760 como os judeus.» [7]

O sábio rabino Benamozegh escreve o seguinte: «Aqueles que quiserem ter o trabalho de examinar cuidadosamente as

---

[3] Adolphe Ricoux. «L'Existence des Loges de Femmes». Paris. Págs. 78 a 95.

[4] Monsenhor Léon Meurin, S. J. Arcebispo-Bispo de Port-Louis. «Simbolismo da Maçonaria». Madrid, 1957. Págs. 201 e 202.

[5] «Revista Internacional das Sociedades Secretas». Editada em Paris. Número 2, 1913. Pág. 51.

[6] Pike. «A Moral e o Dogma no Rito Escocês». *Anno Mundi* 5641.

[7] Maurice Fara. «A Maçonaria a Descoberto». Ed. La Hoja de Roble, Buenos Aires. Pág. 23.

questões das relações entre o judaísmo e a franco-maçonaria filosófica, a teosofia e os mistérios em geral, perderão... um pouco do seu soberbo desdém pela Cabala. Deixarão de sorrir depreciativamente perante a ideia de que a teologia cabalística pode ter uma missão a cumprir na transformação religiosa do futuro.» [8]

Quem são os verdadeiros dirigentes da maçonaria? Este é um dos mistérios da seita, um dos segredos mais cuidadosamente guardados; mas pode assegurar-se que o trabalho maçónico no mundo inteiro se desenvolve de acordo com um mesmo e único plano, que os seus meios são sempre e em toda a parte idênticos, e que os fins perseguidos são constantemente os mesmos. Isto induz-nos a crer que existe um centro único que dirige todos os movimentos da seita.

Mais adiante abordaremos esta questão; mas recordemos aqui que a «Carta de Colónia», datada de 24 de Junho de 1535, fala de «um director da maçonaria: o Grão-Mestre, ou Patriarca, que, embora conhecido por muito poucos irmãos, na realidade existe; e Gougenot des Mousseaux indica que esta selecção da Ordem, estes chefes efectivos, que muito poucos iniciados conhecem, funcionam na proveitosa e secreta dependência dos cabalistas israelitas, pág. 338-339, e que os verdadeiros chefes da maçonaria são os amigos, ou auxiliares, os vassalos do judeu, a quem acatam como soberano senhor.

Da mesma opinião participam Eckert, Drumont, Deschamps Mgr. Jouin, Lambelin e outros conhecedores das questões maçónicas e judaicas [9].

Deixemos de lado os ensinamentos dogmáticos da maçonaria e do hebraísmo e examinemos as alianças entre o judaísmo e a maçonaria sob o ponto de vista puramente prático e real. Discorrendo com lógica não pode menos que aceitar-se a conclusão seguinte formulada por L. de Poncins, em «As Forças Secretas da Revolução»: «A universalidade da franco-maçonaria, a sua duração, a invariabilidade dos seus fins, que se explicam perfeitamente, se se trata de uma criação judia para servir interesses judeus, seriam absolutamente incompreensíveis se a sua origem fosse cristã. A própria finalidade da franco-maçonaria, a destruição da civilização cristã, mostra-nos o judeu, porque só o judeu pode resultar beneficiado e ùnicamente o judeu está animado por um ódio suficientemente violento contra o cristianismo para criar uma organização semelhante.»

---

[8] Rabino Benamozegh. «Israel e a Humanidade» Pág. 71.

[9] Gougenot des Mousseaux. «O Judeu, o Judaísmo e a Judaização dos Povos Cristãos». Pág. 338 e 339.

«A franco-maçonaria (prossegue Poncins) é uma sociedade secreta. É dirigida por uma minoria internacional. Jurou um ódio implacável ao cristianismo. Estes três aspectos característicos são precisamente os mesmos que definem o judaísmo e constituem a demonstração de que os judeus são o elemento director das lojas.» [10]

A «Revue Internacionalle des Sociétés Secrètes» informava, em 1926, que: «Já em 1867 se organiza a liga internacional permanente da paz, e o seu secretário, o judeu Passy, esboça a ideia de um tribunal para deliberar sem apelo todos os conflitos entre as nações.» [11]

A SOCIEDADE DAS NAÇÕES, OBRA JUDIA

O jornal «Os Arquivos Israelitas» sonhava com um tribunal análogo em 1864. «Não é natural e também necessário — escrevia um tal Levy Bing — que vejamos em breve estabelecido outro tribunal, um tribunal supremo ao qual se submetam os grandes conflitos públicos, as questões entre nação e nação, que julgue em última instância e cuja última palavra faça fé? Esta palavra será a de Deus, pronunciada pelos seus filhos primogénitos (os hebreus), e perante a qual se inclinará com respeito a universalidade dos homens, nossos irmãos, nossos amigos, nossos discípulos.» [12]

Tais são os sonhos de Israel. Como sempre, coincidem com os da maçonaria. «Quando se tiver estabelecido a república em toda a velha Europa — escreve o «Almanaque dos Franco-Mações» — será quando reine Israel como autocrata sobre esta velha Europa.» [13]

No Congresso Universal da Juventude Judia, reunido em 4 de Agosto de 1926 proclamava o maçon Justin Godard que os judeus são «o mais firme sustentáculo da Sociedade das Nações, que lhes deve a sua existência» [14]. Mais preciso é o judeu Cassin: «O renascimento do sionismo é obra da Sociedade das Nações. Por isso as organizações judias apresentam-se como defensoras da Sociedade das Nações e por isso os representantes do povo eleito pululam em Genebra.» [15]

O Eminentíssimo Cardeal José Maria Caro, Arcebispo de

---

[10] Léon de Poncins. «As Forças Secretas da Revolução» Págs. 40, 41 e 130.

[11] «R. I. S. S.» N.º 8. 1926. Pág. 269.

[12] «Arquivos Israelitas». 1864. Pág. 335.

[13] «Almanaque dos Franco-Mações». Leipzig. 1884.

[14] «Les Cahiers de l'Ordre». N.os 3 e 4, 1926. Págs. 22 e 23.

[15] Maurice Fara. Obr. cit. Pág. 111, a cuja diligência devemos os dados anteriores sobre a S. D. N.

Santiago e Primaz do Chile, também na sua documentada obra «O Mistério da Maçonaria», demonstra que são os judeus que dirigem a dita seita, com o objectivo de dominar o mundo e aniquilar a Santa Igreja. Em relação à sua origem, afirma:

«O *Ritual Maçónico* denuncia com evidência a sua origem judia; os *símbolos,* começando pela própria Bíblia, o *escudo de armas,* em que se trata de desfraldar heràldicamente as várias formas dos querubins descritos na segunda visão de Ezequiel, um boi, um homem, um leão e uma águia; *as duas colunas do Templo Maçónico,* este último recordação do Templo de Salomão; a *reconstrução do templo,* que é obra maçónica, etc. *As Lendas e Catecismos,* tomados em grande parte da Bíblia, tergiversando-a quase sempre ao sabor maçónico, especialmente *a lenda de Hiram,* que tão importante papel desempenha no ritual maçónico. As palavras ou termos usuais, como o nome das colunas Booz e Jakin, as palavras de reconhecimento e de passe, v. gr. Tubalcain, Schiboleth, Giblim ou Moabon, Nekum ou Nekan, Abibalc, etc... *A importância que se dá aos números,* coisa muito própria da Cabala, é também outro testemunho da influência cabalística na maçonaria.»

«Finalmente, *os factos,* o reinado do terror, a explosão do ódio satânico contra a Igreja, contra Nosso Senhor Jesus Cristo, as horríveis blasfémias em que prorrompiam os revolucionários mações em França, não são mais do que a expressão e o cumprimento das aspirações das seitas cabalísticas e secretas que durante vários séculos vinham conspirando contra o cristianismo. Aquilo que os bolchevistas judeus na sua maioria fazem agora na Rússia contra o cristianismo não é mais do que outra edição do que fizeram os mações na Revolução Francesa. Os executores são diferentes; a doutrina que move e autoriza e a direcção suprema é a mesma.» [16]

[16] Cardeal José Maria Caro R. Arcebispo de Santiago, Primaz do Chile. «O Mistério da Maçonaria» Editorial Difusão. Pág. 258.

CAPÍTULO III

OS JUDEUS DIRIGENTES DA MAÇONARIA

O ilustre sábio jesuíta Monsenhor Léon Meurin, Arcebispo-Bispo de Port-Louis, na sua documentada obra «Filosofia da Maçonaria», afirma o seguinte:

«Os primeiros onze graus da maçonaria (do rito escocês), como veremos mais adiante, estão destinados a transformar o «profano» em «homem verdadeiro», no sentido maçónico; na segunda série, que vai desde o grau 12 ao 22, deve consagrar ao homem «Pontífice Judeu»; e a terceira série, do grau 23 ao 33, deve consagrar ao Pontífice «Rei Judeu» ou «Imperador Cabalístico».

«A primeira surpresa do novo adepto de uma loja é o carácter judaico de tudo quanto nela encontra. Do grau 1 em diante não ouve senão falar na Grande Obra, de reconstruir o Templo de Salomão, do assassínio do arquitecto Hiram Abiff; das duas colunas Booz e Jakin (III, Reyes, VII, 21), de uma multidão de contra-senhas e palavras sagradas hebraicas e da era judaica, aumentando 4000 anos à nossa, para não honrar o nascimento do Divino Salvador.»

«Depois de estabelecerem firmemente a maçonaria nos diversos países cristãos, os judeus assenhorearam-se do predomínio dos Grandes Orientes, em número e influência. Por outro lado, estabeleceram grande número de lojas formadas exclusivamente por judeus. Já antes da revolução de 1789, os irmãos Von Ecker e Eckhoffen haviam fundado em Hamburgo a Loja de Melquisedec, reservada a judeus. Os hebreus Von Hirschefeld e Cotter criaram em Berlim, em fins do séc. XVIII, a Loja da Tolerância, com o fim de aproximar por intermédio da maçonaria os cristãos e os judeus [16 bis].

Já desde então usavam os judeus o truque de aproximar judeus e cristãos com o fim de controlar ideológica e politicamente estes últimos, ou desorientá-los; mas nessa época, ti-

---

[16 bis] Arcebispo-Bispo de Port-Louis, Monsenhor Léon Meurin. «Filosofia da Maçonaria». Ed. Madrid. 1957. Págs. 30, 211 e 213.

nham de recorrer às sociedades secretas, visto que as leis e os costumes dos estados cristãos da Europa estavam saturados de medidas tendentes a proteger os cristãos contra os enganos dos judeus. O citado Arcebispo escreveu ainda: «O jornal secreto maçónico de Leipzig, no seu número correspondente a Outubro de 1964, dizia que o centro das lojas judias funcionava em Paris, sob a direcção de Cremieux e do Grande Rabino.»

AS DOUTRINAS, SÍMBOLOS E GRAUS MAÇÓNICOS PROVÊM DO JUDAÍSMO

O ilustre Arcebispo-Bispo de Port-Louis, escrevendo sobre a origem judaica das doutrinas maçónicas, diz o seguinte:

«Os dogmas da maçonaria são os da Cabala judia e, em particular, os do seu livro «Zohar» (luz).

«Isso não consta em nenhum documento maçónico, pois é um dos grandes segredos que os judeus guardam para só eles terem disso conhecimento. No entanto, pudemos descobri-lo seguindo os rastos do número 11.»

«Foi aqui que descobrimos os dogmas fundamentais da Cabala judia, incorporados na maçonaria.» [17]

Na sua obra «Simbolismo da Maçonaria», o citado bispo diz:

«Nos capítulos precedentes ficou sempre mais ou menos inaplicável certo número de símbolos maçónicos. Neste, tudo quanto representa um papel na maçonaria e a sua lenda se aplica ao povo judeu com assombrosa facilidade. Na realidade, quanto existe na maçonaria é profunda, exclusiva, apaixonadamente judaico do princípio ao fim.»

«Que interesse têm as demais nações em reconstruir o Templo de Salomão? Fazem-no por elas próprias ou pelos judeus? São estas nações ou são os judeus que disso obterão algum benefício? Que vantagens representam para elas devorarem-se umas às outras para que triunfem em todo o mundo os «Príncipes de Jerusalém» (Grau 16), os «Chefes do Tabernáculo» (Grau 23), os «Príncipes do Tabernáculo» (Grau 24)? Puseram-se de acordo as nações para servir de degrau aos pés dos judeus? (Salmo CIX). Porquê, pois, se afadigam em colocar a coroa («kether») na sua cabeça e o «malkuth» (reino) sob os seus pés?»

É tão evidente que a maçonaria não é senão uma ferramenta nas mãos dos judeus, e que são eles que a manejam,

[17] Monsenhor Léon Meurin, S. J. Arcebispo-Bispo de Port-Louis. «Simbolismo da Maçonaria». Ed. cit. Pág 34.

que qualquer um se sente tentado em crer que os mações não judeus perdem a inteligência e a faculdade de raciocínio no próprio dia em que pela primeira vez lhes vendam os olhos.» [18]

CONSIDERAÇÃO MAÇÓNICA PELOS JUDEUS

O Eminentíssimo Cardeal Caro, na sua obra «O Mistério da Maçonaria», escreve:

«Na maçonaria tem-se sempre visto uma grande e especialíssima consideração pelos judeus: quando se fala de superstições, nunca se menciona a religião judaica. Quando estalou a Revolução Francesa, pediu-se com insistência a cidadania francesa para os judeus; negada a primeira vez, tanto se insistiu em pedi-la que foi finalmente concedida. O leitor recordará que nesses dias perseguiam-se até à morte os católicos. Quando da Comuna de Paris, foi necessário defender do saque a Caixa de Fundos do Banco de França, mas ninguém ameaçou os Bancos judeus. (La Franc-Maçonerie, Secte Juive, 60).»

«A maçonaria considera com horror o anti-semitismo, a tal ponto que um irmão anti-semita, que acreditava de boa fé na tolerância das opiniões políticas da maçonaria, apresentou-se em dada altura em França como candidato a deputado e foi eleito; porém, quando se tratou da sua reeleição, foram dadas ordens expressas às lojas para que lhe fizessem viva oposição, ordens que quase nunca se vêem nas lojas e tiveram de ser cumpridas.»

PREPONDERÂNCIA JUDAICA NAS LOJAS

«Em 1862, um mação de Berlim, notando a preponderância judaica nas lojas, escrevia, num periódico de Munique: «Há na Alemanha uma sociedade secreta, de formas maçónicas, que está sujeita a *chefes desconhecidos*. Os membros desta associação são na sua maioria israelitas...» Em Londres, onde está, como se sabe, o foco da revolução, sob o Grão-Mestre Palmerston, há duas lojas judias cuja entrada nunca foi franqueada por cristãos; *é alí que se juntam todos os fios dos elementos revolucionários que se anicham nas Lojas Cristãs.*»

«Em Roma, outra loja, *inteiramente composta de judeus*, onde se reunem os fios dos tramas urdidos nas *Lojas Cristãs*, é o *Supremo Tribunal da Revolução.*»

«Dali são dirigidas as outras lojas por chefes secretos, de

[18] Monsenhor Léon Meurin, S. J. Arcebispo-Bispo de Port-Louis. «Simbolismo da Maçonaria». Ed. cit. Pág. 34.

modo que a maioria dos revolucionários cristãos não passa de *bonecos postos em movimento por judeus,* mediante o mistério.»

«Em Leipzig, por ocasião da feira que faz reunir nessa cidade uma parte dos altos negociantes judeus e cristãos da Europa inteira, a *Loja Judaica Secreta* é sempre mais permanente, e nunca qualquer maçon cristão foi nela recebido.»

«É isso que faz abrir os olhos a muitos de nós... Não há senão emissários que têm acesso às lojas judaicas de Hamburgo e Francfort.»

Gougenot des Mousseaux relata este facto que confirma o que antecede:

«Desde o recrudescimento revolucionário de 1848, encontrava-me em relações com *um judeu* que, por vaidade, traía o segredo das sociedades secretas nas quais estava filiado e que me advertia com oito ou dez dias de antecedência das revoluções que iam estalar em qualquer ponto da Europa. Devo-lhe a inquebrantável convicção de que todos esses grandes movimentos dos *povos oprimidos,* etc., são combinados por uma meia dúzia de indivíduos que dão as suas ordens às sociedades secretas de toda a Europa. O chão está inteiramente minado sob os nossos pés, e os judeus fornecem um grande contingente desses minadores.»

«Em 1870, De Camille escrevia, a «Le Monde», que numa viagem por Itália tinha encontrado um dos seus antigos conhecidos, maçon, e havendo-o interrogado em como estava a «ordem», respondeu-lhe: «Deixei a minha Loja da Ordem definitivamente, porque adquiri a convicção profunda de que *não éramos senão os instrumentos dos judeus,* que nos impeliam para a destruição total do cristianismo (F. M., Secte Juive, 43-46).»

«Como confirmação do que antecede vou transcrever uma informação que se encontra na «Revue des Sociétés Secrètes» (Págs. 118, 119, 1924):

«1.ª — *A Internacional Dourada* (plutocracia e alta finança internacional), à cabeça da qual se encontra: a) — Na América: P. Morgan, Rockefeller, Wanderbilt e Wanderlippe (vários destes nomes não parecem dos mais bem escolhidos). Na Europa: A Casa Rothschild e outras de segunda ordem.»

«2.ª — *A Internacional Vermelha,* ou União Internacional da Democracia Operária. Esta compreende: a) — A Segunda Internacional (a da Bélgica. judeu Vandervelde); b) — A Internacional n.° 2 ½ (a de Viena, judeu Adler); c) — A Internacional n.° 3 ou Internacional Comunista (a de Moscovo, judeus Apfelbaum e Radek).»

«A esta hidra de três cabeças, que para mais comodidade

actuam separadamente, junta-se-lhes o *Profintern* (Departamento Internacional das Associações Profissionais), que tem a sua sede em Amesterdão e dita a palavra judaica aos sindicatos não filiados ainda no bolcheviquismo.»

«3.ª — *A Internacional Negra,* ou União do Judaísmo de Combate. O principal papel é desempenhado nela pela Organização Universal dos Sionistas (Londres); pela Aliança Israelita Universal, fundada em Paris pelo judeu Crémieux; pela ordem judaica dos Bnai-Moiche (filhos de Moisés) e as sociedades judaicas «Henoloust», «Hitakhdoute», «Tarbout», «Keren-Haessode» e outras cem mais ou menos mascaradas, disseminadas em todos os países do velho e novo mundo.»

«4.ª — *A Internacional Azul,* ou Maçonaria Internacional, que reúne, por meio da Loja Reunida da Grã-Bretanha, pela Grande Loja de França e por meio dos Grandes Orientes de França, Bélgica, Itália, Turquia e dos restantes países, todos os mações do Universo. (O centro activo deste agrupamento, como já é sabido dos leitores, é a Grande Loja Alpina).»

«A ordem judeo-maçónica dos Bnai-Brith, que, contra os estatutos das lojas maçónicas, não aceita senão judeus, e que conta no mundo mais de 426 lojas puramente judias, serve de laço entre todas as internacionais acima indicadas.»

«Os dirigentes da Bnai-Brith são os judeus Morgenthau, antigo embaixador dos Estados Unidos em Constantinopla; Brandeis, juiz supremo nos Estados Unidos; Mack, sionista; Warbourg (Félix), banqueiro; Elkus Kraus (Alfred), seu primeiro-presidente; Schiff, já morto, que subvencionou o movimento de emancipação dos judeus na Rússia; Marchall (Louis) sionista.»

«Sabemos com segurança — diz Webster — que os cinco poderes a que nos temos referido, a maçonaria do Grande Oriente, a teosofia, o pangermanismo, a finança internacional e a revolução social, têm uma existência muito real e exercem uma influência muito definida nos negócios do mundo. Neste aspecto não tratamos de hipóteses mas sim de factos fundamentados sobre evidência documentada.» [19]

«Os judeus têm sido os mais conspícuos em conexão com a franco-maçonaria desde a revolução.» «Jewish Encyclopedia.»

---

[19] Cardeal José Maria Caro R., Arcebispo de Santiago, Primaz do Chile. Obra cit. Págs. 263, 264, 265 e 266.

CAPÍTULO IV

CRIMES DA MAÇONARIA

Sobre os monstruosos crimes dessa obra mestra do judaísmo moderno que é a maçonaria, diz textualmente o Eminentíssimo Cardeal Caro: «A leitura do Ritual Maçónico deixa ver, pelo menos em vários graus, que prepara os seus adeptos para a *vingança,* a *revolução* e, portanto, o *crime.* Em todos os ritos — diz Benoit —, «os mações são submetidos a uma educação que lhes ensina, na teoria e na prática, a violência. Diz-se-lhes que a Ordem Maçónica tem por fim vingar a morte de Hirão, dos seus três companheiros traidores ou a de Jacob Molay, de quem são assassinos: o Papa, o Rei e Noffodai. Em um dos respectivos graus, aquele que vai iniciar-se ensaia a sua coragem sobre o pescoço e cabeças guarnecidas de tripas cheias de sangue; em outro grau, aquele que vai ser recebido deve derrubar cabeças colocadas sobre uma serpente, ou ainda degolar um cordeiro (grau 30 do Rito Escocês A.A.) julgando matar um homem. Aqui deve travar sangrentos combates com inimigos que lhe disputam a volta à pátria; ali há cabeças humanas expostas sobre estacas, há um cadáver encerrado em um ataúde e, em redor, os irmãos, de luto, consertam a vingança». «Estas diversas cerimónias... têm por fim ensinar aos adeptos que é por meio da violência que a maçonaria há-de destruir os seus inimigos, os sacerdotes e os reis.» Mas suspendamos por um momento a citação que transcrevemos da obra do Cardeal Caro R. para perguntar: por que é que a maçonaria considera seus inimigos os sacerdotes e os reis e tem lutado por destruí-los? A resposta vai encontrá-la o leitor a partir da quarta parte desta obra, na qual, com vasta documentação, demonstraremos que foram durante quase dezoito séculos precisamente os sacerdotes e os reis quem, uma vez após outra, fizeram fracassar as actividades judias tendentes a dominar o Mundo.

Mas sigamos com o que afirma o Cardeal Caro R. na sua documentada obra:

«Toda a gente conhece o assassínio de Rossi, Ministro de

Pio IX, pelos seus antigos irmãos da Carbonária». «Todos sabem que Orsini foi encarregado pelas lojas, em 1858, para atentar contra a vida de Napoleão III. A tentativa de assassínio fracassou. No último século, o cavaleiro Lescure, que quis renunciar à loja de Ermenonville, foi envenenado: «Morro vítima desta infame horda de iluminados.»

«Em 22 de Outubro de 1916 foi assassinado o Conde Stürgkh, Chanceler da Áustria. Fritz Adler, o assassino, era mação e filho de mãe mação, membro de uma loja de altos dignitários maçónicos na Suíça. Na sua declaração defendeu o direito de fazer justiça por si próprio.»

«Em França, quando do caso Dreyfus, foram assassinados o capitão d'Attel, que depôs contra ele; o deputado Chaulin Servinière, que havia recebido de d'Attel pormenores da confissão de Dreyfus; o prefeito Laurenceau, que denunciou as importâncias em dinheiro enviadas do estrangeiro aos amigos de Dreyfus, em sua opinião para suborno; o empregado do presídio, Rocher, que afirmava ter ouvido a Dreyfus confessar parcialmente o seu delito. O capitão Valério, uma das testemunhas contra Dreyfus, e o Presidente Faure, que se tinha declarado contra a revisão do processo, desapareceram também em breve. Todos os defensores de Dreyfus eram mações, especialmente judeus.»

«Na Suécia, o Irmão Gustavo III foi assassinado pelo Ir.° Ankerstron, emissário da Grande Loja presidida por Condorcet, segundo acordo dos mações reunidos, em 1786, em Francfort do Meno.»

Na Rússia, foi assassinado Paulo I, mação que, conhecendo o perigo da Irmandade, a proibiu enèrgicamente. Igual sorte, e por igual motivo, teve seu filho Alexandre I, assassinado em Taganrog, em 1825. («Os Grandes Crimes da Maçonaria», trad.).

ASSASSÍNIO DE PROFANOS

«Em França, atribui-se-lhe a morte de Luís XVI. «O Cardeal Mathieu, Arcebispo de Besançon, e Monsenhor Bessan, Bispo de Nimes, referiram-se, em cartas conhecidas de todo o mundo, às revelações que lhes foram feitas sobre a resolução tomada em 1787, pelo convento de Wilhemsbad, de assassinar Luís XVI e o Rei da Suécia. Estas revelações haviam-lhes sido feitas por dois antigos membros desse convento... O assassínio do Duque de Berry... e o do grande patriota e ardente católico de Lucerna, Suíça, Lew... foram resolvidos e executados por sectários...»

«Na Áustria, o famoso crime de Serajevo, causa da Grande Guerra, foi decretado, anunciado com antecipação e executado

na sua altura pela maçonaria. Um suíço, alto dignitário maçónico, exprimiu-se, em 1912, sobre esse facto, da seguinte maneira: «*O herdeiro é um personagem de muito talento, é pena que esteja condenado; morrerá a caminho do trono.*» Madame de Tebes anunciou também a sua morte dois anos antes. Os principais culpados eram na sua totalidade mações. «Tudo isto — diz Wichtl — não é suposição, mas sim *factos judicialmente comprovados que se silenciam intencionalmente...*»

«Na Alemanha, foram assassinados o Marechal Echhorn e o seu ajudante, o capitão Von Dressler, em 30 de Julho de 1918. Na véspera, o diário maçónico de Paris, «Le Matin», escrevia que uma «sociedade secreta patriótica» tinha oferecido um grande prémio pela cabeça de Echhorn. É fácil supor que espécie de sociedade teria fornecido a «Le Matin» a notícia.»

«Em Itália, foi assassinado Humberto I pelo anarquista Pressi, maçon, de uma loja de Paterson, em Nova Jersey, nos Estados Unidos, apesar de ele nunca ter estado na América. Assim se punha em prática a explicação que em certos graus davam os carbonários à inscrição da cruz: I. N. R. I., *Iustum necare reges Italiae* (é justo assassinar os reis de Itália)».

«Em 26 de Março de 1855 caiu assassinado em Parma o Duque Carlos III; o assassino, António Carra, tinha sido escolhido e estimulado por Lemmi, na véspera, em reunião secreta presidida por este, que foi mais tarde Soberano Grão-Mestre da maçonaria italiana e mundial, segundo parece. Um tal Lippo tinha confeccionado um manequim para ensinar a dar as mais terríveis punhaladas e o executor foi sorteado.»

«Em 22 de Maio morreu Fernando II de Nápoles, com uma talhada de melão envenenada que lhe ocasionou uma morte horrìvelmente dolorosa. O autor deste regicídio foi um franco-maçon filiado num dos ramos mais criminosos da seita, chamada dos «Sublimes Mestres Perfeitos». Era discípulo de Mazzini e uma das pessoas mais respeitáveis da corte. Margiotta não se atreve a dar o seu nome (Mar., A.L. 21-34). Neste autor podem ler-se inúmeros crimes mais cometidos pela maçonaria em Itália.»

«Em Portugal foi assassinado o Rei D. Carlos e seu filho D. Luís. Os mações prepararam a queda da Monarquia. O Ven.° Ir.° Magalhães de Lima foi a Paris, em Dezembro de 1907, onde o Ir.° Moisés, membro do Conselho da Grande Loja, o recebeu solenemente. Magalhães de Lima fez conferências nas quais anunciava «o derruir da Monarquia em Portugal e a próxima constituição da República». «O conhecido adversário da maçonaria, Abbé Tourmentin, escrevia, então, que os mações estavam preparando manifestamente um golpe contra a Casa Real portuguesa, exprimindo o temor de que dentro de pouco

tempo se destronaria ou se assassinaria o Rei D. Carlos. Dez semanas depois cumpriam-se os seus temores e Tourmentin inculpava, pública e francamente, os mações por esse assassínio. Estes preferiram o silêncio.»

«Na América podem ler-se, em Eckert, alguns pormenores da perseguição e do assassínio que vitimou Morgan, nos Estados Unidos, por querer publicar um livro revelando os segredos da maçonaria, e a destruição da tipografia e a perseguição do impressor e outros odiosos crimes que sucederam a este crime, e a indignação pública que houve ao saber-se toda a protecção que as autoridades, no geral mações, prestaram aos assassinos e a maneira favorável como as lojas encararam o caso. (Eckert, II, 201 e seguintes).»

«Também é sabido quem assassinou o Presidente do Equador, Garcia Moreno...»

MATANÇAS, EXECUÇÕES SUMÁRIAS E SAQUES

«Seria necessário ler a descrição de Taine, livre-pensador, para ter ideia do que se passou em França quando dominaram os mações em 1789 e nos três anos seguintes: somam mais de 150 000 os fugitivos e desterrados; 10 000 pessoas mortas sem serem julgadas numa só província de Anjou; 50 000 mortos numa só província do Oeste. Em 1796 o General Hoche escrevia ao Ministro do Interior: «Não há senão um homem por cada vinte da população de 1789.» Chegou a haver 400 000 pessoas nas prisões ao mesmo tempo. Mais de um milhão e duzentos mil particulares sofreram nas suas pessoas; vários milhões, todos os que possuiam alguma coisa, sofreram nos seus bens. (Taine, cit. por Benoit, F. M. II, 268, nota.)» [20]

Quem desejar mais elementos deverá ler a obra do Eminentíssimo Cardeal Caro, «O Mistério da Maçonaria».

[20] Cardeal José Maria Caro R., Arcebispo de Santiago, Primaz do Chile, Obra cit. Págs. 190, 191, 193, 194, 195, 196, 197, 198 e 201.

CAPÍTULO V

A MAÇONARIA PROPAGADORA DAS REVOLUÇÕES

O Arcebispo-Bispo de Port-Louis, Monsenhor Léon Meurin, na sua obra «Filosofia da Maçonaria», diz:

«Em 1844, Disraeli punha na boca do judeu Sidonia as seguintes palavras (Coningsby, VI, XV): «Desde que a sociedade inglesa começou a agitar-se e as suas instituições se sentem ameaçadas por associações poderosas, vêm os senhores, os judeus, antes tão leais, nas fileiras dos revolucionários... Essa misteriosa diplomacia russa que tanto alarma os ocidentais está organizada, e na sua maior parte realizada, por judeus...; a formidável revolução que se está preparando na Alemanha, cujos efeitos serão ainda maiores que os da Reforma, leva-se a cabo totalmente sob os auspícios dos judeus. No Conde Cancrin, Ministro das Finanças russo, reconheço um judeu lituano; no Ministro espanhol senhor Mendizabel, vejo um judeu aragonês; no Presidente do Conselho francês, Marechal Soult, reconheço o filho de um judeu francês; no Ministro prussiano, Conde Arrin, vejo um judeu... Já vê, querido Coningsby, que o mundo está governado por pessoas muito diferentes do que julgam aqueles que não estão entre os bastidores...»

«Durante a revolução de 1848, dirigida pelo Grande Oriente de França, o seu Grão-Mestre, o judeu Cremieux, chegou a ser Ministro da Justiça. Este homem fundou, em 1860, a Aliança Israelita Universal e proclamou, com inconcebível descaramento, nos «Arquivos Israelitas» de 1861 (pág. 651) que «em lugar dos Papas e dos Césares, vai surgir um novo reino, uma nova Jerusalém». E os nossos bons mações, com os olhos vendados, ajudam os judeus na «grande obra» de construir esse novo Templo de Salomão, esse novo reino cesaro-papista dos cabalistas!»

«Em 1862, um maçon berlinense editou um folheto de oito páginas queixando-se da preponderância que os judeus tinham nas lojas. Sob o título de «Sinal dos Tempos», apontava o perigoso carácter das eleições berlinenses de 28 de Abril e 6 de Maio do mencionado ano. «Um elemento — dizia ele — apare-

ceu à superfície e exerce uma perigosa influência dissolvente em todos os sentidos: o judeu. Os judeus estão à cabeça com os seus escritos, palavras e acções; são os chefes e principais agentes em todas as empresas revolucionárias, até na construção de barricadas. Isso viu-se claramente em Berlim, em 1848. Como é possível que em Berlim tenham sido eleitos 217 eleitores especiais judeus e que, nos distritos, tenham sido eleitos só judeus com exclusão de qualquer outro candidato cristão?»

«Este estado de coisas iria piorar a partir daí. Os judeus formavam a maioria da Corporação Municipal, de modo que Berlim podia ser chamada, com justiça, a capital dos judeus.»

«Na Imprensa, os judeus falam do «povo» e da «nação» como se só houvesse judeus e os cristãos não existissem. A explicação de tal facto podem dá-la os *mações-agitadores* que, segundo «o Irmão Lamartine, originaram as revoluções de 1789, 1830, 1848, etc., declaração confirmada pelo Irmão Garnier Pagés, Ministro da República, que, em 1848, declarou pùblicamente que a Revolução Francesa de 1848 constituia o triunfo dos princípios da «liga maçónica»; que a França havia recebido a iniciação maçónica, e que 40 000 mações tinham prometido a sua ajuda para concluir a obra gloriosa do estabelecimento da República, destinada a estender-se por toda a Europa e, por fim, sobre a face da Terra.»

«O cúmulo de tudo isto é o poder político e revolucionário dos judeus, segundo as palavras de J. Weil, chefe dos mações judeus, que dizia num relatório secreto: «Exercemos uma poderosa influência sobre os movimentos do nosso tempo e do progresso da civilização para a *republicanização dos povos*». Outro chefe maçónico, o judeu Louis Boerme, dizia também num escrito secreto: «Temos sacudido com mão poderosa os pilares sobre os quais assenta o velho edifício até os fazer gemer.»

«Mendizabal, também judeu, alma da revolução espanhola de 1820, levou a cabo a tomada do Porto e Lisboa, e, em 1838, realizou, mediante a sua influência maçónica, a revolução de Espanha, chegando a Primeiro-Ministro.»

E o Excelentíssimo Senhor Arcebispo continua: «O judeu Mendizabal tinha prometido, como Ministro, restaurar as precárias finanças de Espanha, mas em curto espaço de tempo o resultado das suas manobras foi um terrível aumento da dívida nacional e uma grande diminuição dos rendimentos, enquanto que ele e os seus amigos amassavam imensas fortunas. A venda de mais de 900 instituições cristãs, religiosas e de caridade, que as Cortes tinham declarado propriedade nacional, por instigação dos judeus, proporcionou-lhes magnífica ocasião para o fabuloso aumento das suas fortunas pessoais. Do mesmo modo, foram tratados os bens eclesiásticos. A roubo

impudente dos sentimentos religiosos e nacionais, chegou até ao ponto de que a amante de Mendizabal se atreveu a exibir em público um magnífico colar que até então tinha servido de adorno a uma imagem da Virgem Santa Maria, de uma das igrejas de Madrid.»

«O maçon berlinense que mencionámos no princípio continuava dizendo: «O perigo para o trono e para o altar, ameaçados pelo poder dos judeus, chegou ao ponto máximo, e já é tempo de dar a voz de alarme, como acabam de fazer os chefes da maçonaria alemã, quando afirmam: «Os judeus compreenderam que a «arte real» (a arte maçónica) era um meio capital para estabelecer sòlidamente o seu próprio reino esotérico... O perigo ameaça não sòmente a maçonaria, nossa Ordem, mas também os estados em geral... Os judeus encontram nas lojas múltiplas ocasiões para praticar o seu arquiconhecido sistema de corrupção, semeando a confusão em muitos assuntos... Se se tiver presente o papel que desempenharam os judeus nos crimes da Revolução Francesa e na usurpação corsa; se se tiver em conta a obstinada crença dos judeus num futuro reinado israelita sobre todo o universo e a sua influência sobre o grande número de ministros de Estado, avaliar-se-á quão perigosa pode ser a sua actividade nos assuntos maçónicos. O povo judeu forma uma casta em oposição hostil a *toda* a raça humana, e o deus de Israel não escolheu mais do que um povo, ao qual todos os demais hão-de servir de «degrau».

«Considerai que entre os 17 milhões de habitantes da Prússia não há mais de 600 000 judeus: considerai com que ardor convulsivo trabalha esta nação de vivacidade oriental e irreprimível para conseguir por todos os meios subverter o Estado; por ocupar, inclusivamente mediante dinheiro, os estabelecimentos de ensino superior e monopoliza em seu favor os postos de Governo.»

Continua dizendo o ilustre Arcebispo: «Carlile, uma das maiores autoridades maçónicas, diz: (pág. 86) «A maçonaria da Grande Loja é, na actualidade, inteiramente judia.»

«A Gazeta da Cruz», órgão principal dos conservadores prussianos, dedicou, de 29 de Junho a 3 de Julho de 1875, uma série de artigos nos quais se demonstrava que os principais Ministros do Governo alemão e prussiano, sem exceptuar o Príncipe de Bismark, estavam nas mãos dos reis judeus da Bolsa, e que os banqueiros judeus eram quem, de maneira prática, governavam a Prússia e a Alemanha. Isto fez o judeu Gutzkow dizer: «Os verdadeiros fundadores do novo império alemão são judeus; os judeus são os mais adiantados em todas as Ciências, a Imprensa, o Teatro e a Política.»

«M. Stamm escreveu em 1860 um livro sobre este tema,

em que prova que o reino da liberdade universal sobre a Terra será fundado pelos judeus. No mesmo ano, Sammter publicou no «Volsblajat» uma grande carta para demonstrar que «os judeus ocuparão em breve o lugar da nobreza cristã; que a aristocracia caduca deve perder o seu posto nesta época de luz e liberdade universais da qual tão próximo estamos». «Não compreendeis — escreve — o verdadeiro sentido da promessa feita pelo Senhor Deus Sabaoth ao nosso pai Abraão? Promessa que se há-de cumprir com segurança, a de que um dia todas as nações da Terra serão submetidas a Israel. Credes que Deus se referia a uma monarquia universal, com Israel como Rei? Oh, não! Deus dispersou os judeus sobre toda a superfície do globo, a fim de que constituissem uma espécie de fermento, entre todas as raças, e no final, como eleitos que são, estendessem o seu domínio sobre elas.»

«Não é provável que a terrível opressão sofrida pelas nações cristãs da Europa, que se vêem empobrecidas pela usura e avareza dos judeus, e se queixam de ver as riquezas nacionais acumuladas nas mãos dos grandes banqueiros, se acalme com esporádicos levantamentos anti-semitas.» «As monarquias cujos fundamentos não estão ainda pulverizados pelo martelo maçónico, e cujas dinastias não estão reduzidas ainda ao nível dos mações descamisados, descalços e com os olhos vendados, coligar-se-ão contra a seita monstruosa e farão em pedaços as fileiras dos anarquistas. O próprio Carlile, maçon furioso, diz, aterrado da sorte da Humanidade entre as mãos dos judeus: «Quando os legisladores voltarem a ocupar-se das sociedades secretas, farão bem em não fazer nenhuma excepção em favor da maçonaria.»

«O privilégio do segredo está legalmente concedido aos mações em Inglaterra, França, Alemanha e, cremos, em todos os países. O facto de todas as revoluções sairem do fundo da maçonaria seria inexplicável se não soubéssemos que, com a momentânea excepção da Bélgica, os ministérios de todos os países se encontram nas mãos de mações dirigidos, no fundo, pelos judeus.» [21]

Um dos testemunhos mais interessantes é sem dúvida o do maçon Haugwitz, inspector das lojas da Prússia e da Polónia. «Em 1777 — escreve nas suas memórias — tomei a meu cargo a direcção das lojas da Prússia, Polónia e Rússia. Nesse cargo adquiri a firme convicção de que tudo o que tem sucedido em França desde 1789, numa palavra, a Revolução, incluindo o assassínio do Rei com todos os seus horrores, não só se ha-

[21] Monsenhor Léon Meurin, S. J. Arcebispo-Bispo de Port-Louis. «Filosofia da Maçonaria». Madrid. 1957. Págs. 212 a 218.

via decretado naquele tempo mas que tudo foi preparado por meio de reuniões, instruções, juramentos e sinais que não dão lugar a qualquer dúvida acerca da inteligência que tudo meditou e dirigiu.» [22]

No que diz respeito ao assassínio de Luís XVI, temos igualmente o testemunho do jesuíta padre Abel: «Em 1784 — declara ele — efectuou-se em Francfort uma reunião extraordinária da Grande Loja Ecléctica... Um dos membros pôs à discussão a condenação à morte de Luís XVI, Rei de França, e de Gustavo III, Rei da Suécia. Este homem chamava-se Abel. Era meu avô.» [23]

Barrnel, na sua obra «Memórias para a História do Jacobinismo», diz: «Depois desta reunião um dos seus membros, o marquês de Visieu, declarava o seguinte: «O que lhes posso dizer é que se trama uma conspiração tão bem urdida e tão profunda, que será muito difícil que não sucumbam a religião e os governos.» [24]

Maurice Fara, no seu livro «A Maçonaria a Descoberto», afirma: «A existência desta conspiração e o seu propósito de assassinar o Rei de França e o Rei da Suécia aparecem igualmente confirmados pela maior parte dos autores que têm feito investigações sérias sobre a questão maçónica [25] e os acontecimentos trágicos confirmam-nas igualmente. Em 21 de Janeiro de 1793 o Rei Luís XVI morre guilhotinado após um simulacro de julgamento no qual a maioria dos juízes são mações. Um ano depois, o Rei Gustavo III é assassinado por Aukastrem, discípulo de Condorcet. No mesmo ano desaparece misteriosamente o Imperador Leopoldo». «Num discurso pronunciado em 1882, na loja «Livre Pensamento», de Aurillac, dizia o maçon Paul Rogues: «Depois de haver trabalhado na revolução política, a franco-maçonaria deve trabalhar na revolução social...» E na memória do Grande Oriente de França afirma-se: «Que a França, para viver, não sacrifique a própria razão da sua existência; o ideal filosófico, político e social dos seus antepassados de 1789; que não apague a chama do génio revolucionário com que iluminou o mundo.» E o mesmo orador acrescenta: «A pior humilhação para a França consistira em

---

[22] Von Haugwitz. «Memórias».

[23] P. Abel. «A Nova Imprensa Livre». Viena. 1898.

[24] Barrnel. «Memórias para a História do Jacobinismo» Cit. por Maurice Fara. Obra cit. Pág. 62.

[25] P. Deschamps, Cardeal Mathieu, Monsenhor Besson e outros.

renegar a obra da Revolução..., que pereça ao menos sem ter abdicado do seu ideal.» [26]

Outros documentos maçónicos de indiscutível valor informam-nos que: «Nunca se poderá esquecer que foi a Revolução Francesa que deu realidade aos princípios maçónicos preparados nos nossos templos», dizia um orador no Congresso Maçónico de Bruxelas [27] e numa reunião da loja de Angers celebrada em 1922, exclamava um dos irmãos: «A franco-maçonaria, que desempenhou o papel mais importante em 1789, deve estar disposta a fornecer os seus quadros de combate a uma revolução sempre possível.» [28]

Passemos ao estudo da participação dos judeus nas revoluções em geral. «Já em 1648, o grande chefe revolucionário Cromwell estava apoiado pelos judeus; uma delegação vinda do fundo da Ásia e dirigida pelo rabino Jacob ben Azabel apresentou-se perante o ditador inglês. Não se fizeram esperar os resultados das conversações entabuladas e Cromwell usou de todo o seu poder para derrogar as leis de restrição impostas aos judeus em Inglaterra.» [29] «Um dos mais íntimos colaboradores de Cromwell foi o rabino de Amesterdão, Manassé ben Israel.» [30] O famoso investigador da maçonaria, Maurice Fara, cita:

«Ernesto Renan, que não pode ser suspeito de anti-semitismo, escrevia o seguinte: «No movimento revolucionário francês o elemento judaico desempenha um papel capital e é muito difícil não estar de acordo com ele. É verdade que até 1789 os judeus operavam com muita prudência e ocultavam-se por detrás das organizações maçónicas e sociedades filosóficas, mas isso não impedia que alguns dos filhos de Israel tomassem parte activa nos acontecimentos revolucionários e se aproveitassem deles do ponto de vista material. O primeiro tiro contra os guardas suiços das Tulherias, em 10 de Agosto de 1791, foi disparado pelo judeu Zalkind Hourwitz Lang [31]. Mas como este ardor bélico encerra muitos perigos, os judeus preferem dedicar-se a outras actividades menos perigosas e sobretudo mais lucrativas. O velho hebreu Benoltas, homem milionário desta praça (Cádis), fica nomeado por agora tesou-

---

[26] Memória da Assembleia do Grande Oriente G. O. da França. 1918. Pág. 337 cit. por Maurice Fara. Obra cit. Págs. 63 a 64.

[27] Congresso Maçónico Internacional de Bruxelas. 1910. «Memória». Pág. 124.

[28] Boletim Oficial do G. O. de França. Outubro, 1922. Pág. 281.

[29] Léon Halevy. «Resumo da História dos Judeus».

[30] R. Lambelin. «As Vitórias de Israel». Pág. 44.

[31] Léon Kahn. «Os Judeus de Paris durante a Revolução». Cit. por Maurice Fara. Obra cit. Págs. 82 e 83.

reiro-geral da Ordem, e conta já com um fundo disponível de trezentos mil pesos fortes.» «Máxima 44 do Grande Oriente Espanhol do 1.° de Abril de 1824.» [32]

P. Gaxotte, na sua obra «A Revolução Francesa», afirma que: «O reabastecimento dos exércitos republicanos era realizado pelos israelitas Biderman, Max, Beer, Moselman e outros, e isso deu lugar às queixas formuladas pelo comandante Bernanville, do Exército do Mosela, porque lhe enviavam para as tropas calçados de adolescentes com sola de cartão, meias de crianças e lonas para tendas completamente apodrecidas.» [33]

Capefigue, na sua obra «As Grandes Operações Financeiras», declara: «Quando foram abolidas as leis que restringiam os direitos dos judeus graças à intervenção do abade Greggoire, de Mirabeau, Robespierre e outros (isto fazem-no logo no primeiro dia todos os governos revolucionários) e enquanto prevaleceram as ideias de 1789, desabou sobre a França uma verdadeira nuvem de estrangeiros, especialmente judeus da margem do Reno [34]. Foi então que apareceram na arena política os Klotz, os Benjamin Veitel Ephrain, os Etta Palm, etc. «O Messias veio para nós em 28 de Fevereiro de 1790 com os Direitos do Homem [35] — escrevia o judeu Cohen — e, com efeito, a concessão aos judeus dos direitos de cidadania foi uma das grandes vitórias de Israel.» «A Revolução de 1830 — diz o judeu Bedarride — não fez senão consagrar estes felizes resultados.» E continua dizendo o israelita Bedarride: «Quando em 1848 a soberania do povo alcançou os seus últimos limites, surgiram nomes israelitas nas mais altas regiões do poder.» [36] «Estes eleitos, estes representantes do povo, ostentavam apelidos tão franceses como Fould, Ceribeer, Cremieux, etc.»

Mas não foi só em França que a judiaria desempenhou um papel preponderante nos movimentos revolucionários. O culto escritor francês R. Lambelin afirma: «O movimento revolucionário que agitou a Europa Central em 1848 foi preparado e sustentado pelos judeus, assim o demonstram numerosos factos e documentos.» Acrescenta ainda aquele ilustre escritor francês: «Entre os autores da revolução de 1870 e entre os membros da Comuna aparecem igualmente os judeus representados por Ravel Isaac Calmer, Jacob Pereyra e outros.» O mesmo escritor indica a presença de 18 judeus entre

---

[32] Maurice Fara. Obra cit. Pág. 83.

[33] P Gaxotte. «A Revolução Francesa». Págs. 279 a 280.

[34] Capefigue. «A Revolução Francesa». Págs. 279 a 280.

[35] «Arquivos Israelitas» VIII. 1847. Pág. 801.

[36] Bedarride. «Les Juifs en France, Italie et Espagne». Págs. 428 a 430.

os principais membros da Comuna [37], assegurando o escritor francês Drumont que, durante o incêndio de Paris em 1871, os incendiários deixaram intactos os 150 edifícios que pertenciam à família Rothschild.

Continuando o estudo destes movimentos na Europa, voltamos a encontrar os judeus: o poeta Heine, Karl Marx, Lassalle e muitos outros.

«Para destruir a antiga sociedade que o repelia — escreve Drumont —, o judeu tem sabido colocar-se à cabeça da acção democrática. Os Karl Marx, os Lassalle, os principais niilistas, todos os chefes da revolução cosmopolita são judeus. Deste modo imprimem os judeus ao movimento a direcção que lhes convém.» [38]

E o escritor francês Maurice Fara diz:

«Não esqueçamos que os fundadores da Internacional em 1864 foram os judeus Marx, Neumeier, Fribourg, James Cohen, Lassalle, Aaron, Adler, Franckel e, o único não judeu (?), Compers.»

«Para dirigir o movimento revolucionário fundou-se em França o tão conhecido diário «L'Humanité». Para isso abriu-se uma subscrição que proporcionou a soma de 780 000 francos. Citaremos os nomes dos doze donatários que «por casualidade» eram todos judeus: Levy Brul, Levy Bram, A. Dreyfus, L. Dreyfus, Herr, Eli Rodriguez, Léon Picard, Blum, Rouff, Kazevitz, Salomão Reinach e Sachs.» [38 bis]

Depois de lido o que precede não pode causar estranheza que no sínodo judaico de Leipzig de 29 de Junho de 1869 se tivesse aprovado a seguinte moção: «O sínodo reconhece que o desenvolvimento e a realização dos princípios modernos (leia-se revolucionários) são as mais firmes garantias para o presente e para o futuro do judaísmo e dos seus membros. São as condições mais enèrgicamente vitais para a existência expansiva e a maior projecção do judaísmo.» [39]

Em muitos aspectos a revolução não foi senão uma aplicação do *ideal que Israel tinha trazido ao mundo* [40], segundo escreve Leroy Beaulieu, autor nada considerado de anti-semitismo. É preciso dar-lhe razão porque não se pode negar a importância da intervenção judia na obra revolucionária.

---

[37] R. Lambelin. Obra cit. Págs. 10 a 62.

[38] E. Drumont. «La France Juive». Ed. Paris. 1888.

[38 bis] Maurice Fara. Obra cit. Ed. cit. Pág. 85.

[39] Gougenot des Mousseaux. Obra cit. Pág. 332

[40] Leroy Beaulieu. «Israel entre as Nações». Pág. 66.

ORGANIZAÇÃO DA SOCIEDADE DAS NAÇÕES

O citado investigador Maurice Fara pôde afirmar: «Como se tem observado, a Sociedade das Nações foi fundada e sustentada pelas mesmas forças ocultas que sempre vamos encontrar quando se trata de destruir; hoje em dia, a maçonaria, os seus auxiliares, os partidos da esquerda, e, por detrás de todos, a judiaria tratam de exterminar o sentimento nacional e o princípio da soberania dos estados pela criação de um supergoverno internacional, e ao mesmo tempo de desmoralizar os povos com uma propaganda antimilitarista e pacifista. Quebrado o sentimento nacional, esses povos estarão completamente desarmados frente a esta força oculta e sagaz que poderíamos chamar imperialismo judeo-maçónico. A Sociedade das Nações foi inaugurada em 10 de Janeiro de 1920, e os seus estatutos elaborados nas assembleias maçónicas foram muito pouco modificados [41]. E numa nota do tradutor argentino à citada página 115 da obra de Maurice Fara, lê-se o seguinte: «O Ir.° Eugénio Berteaux propôs recentemente na Grande Loja de França que se derrogue o artigo 17.° da Constituição da dita Grande Loja, que prescreve a todos os seus adeptos que se submetam «à legislação do país em que tenham a faculdade de reunir-se livremente, e que se encontram dispostos a todos os sacrifícios que a sua pátria lhes exija», porque, conforme os princípios de uma moral universal, todo o franco-maçon é, por definição, um homem essencialmente livre que não depende senão da sua consciência», e «a nossa consciência maçónica não pode exigir imperativamente aos seus adeptos que estejam dispostos a todos os sacrifícios que a pátria lhes exija». A derrogação que propõe redundará «em benefício da salvaguarda das consciências individuais, entendendo-se que, no caso de se produzirem conflitos trágicos, essas consciências individuais obedecerão ou não, sob a sua própria responsabilidade, aos chamamentos da sua sensibilidade, da sua razão e da sua fé na verdade suprema».

A ACÇÃO JUDAICA E MAÇÓNICA PERANTE O CRISTIANISMO

O Eminentíssimo Cardeal Caro assegura-nos a este respeito que: «É inegável que a acção da maçonaria contra a Igreja Católica não é mais do que a continuação da guerra contra Cristo praticada pelo judaísmo há 1900 anos, condicio-

[41] Maurice Fara. Obra cit. Pág. 115.

nada, claro, pelo segredo, pelo engano e pela hipocrisia, às circunstâncias do mundo cristão em que tem de fazê-la»...

«Não que o judaísmo rabínico é o declarado e implacável inimigo do cristianismo — diz Webster. — O ódio ao cristianismo e à pessoa de Cristo não é coisa de história remota nem pode ver-se como resultado de perseguição: forma uma parte íntegra da tradição rabínica originada antes que se efectuasse qualquer perseguição aos judeus pelos cristãos, e tem continuado no nosso país muito depois de essa perseguição ter terminado.»

Por sua parte, «The British Guardian» (13 de Março de 1925) faz esta afirmação: «A Igreja Católica é atacada hoje como nunca o foi durante séculos, e este ataque é quase exclusivamente obra dos judeus. («Rev. des SS. Secr.» Pág. 430, 1925).»

«Além disso, as relações da maçonaria ou do judaismo perseguidor da Igreja Católica e, segundo os casos, de todo o cristianismo, com o bolchevismo e o comunismo, no México, na Rússia, na Hungria e com a ameaça de fazê-lo em toda a parte, é coisa pública, como o é a relação do judaísmo com a maçonaria.» [42]

[42] Cardeal José Maria Caro R., Arcebispo de Santiago, Primaz do Chile. Obra cit Págs. 267 e 268.

3.ª PARTE

A Sinagoga de Satanás

CAPÍTULO I

IMPERIALISMO JUDAICO E RELIGIÃO IMPERIALISTA

O povo hebreu foi escolhido por Deus como depositário da verdadeira religião, cuja conservação lhe foi confiada, no meio dos povos idólatras, até à vinda do Messias prometido, com o qual se cumpririam as profecias do Antigo Testamento. Mas os judeus começaram, ainda antes da vinda de Cristo, a tergiversar as profecias, dando-lhes uma interpretação falsa, racista e imperialista.

A promessa de um reinado do verdadeiro Deus na Terra, reinado espiritual da religião autêntica, interpretaram-na os judeus como o reinado material da sua raça, como a promessa de Deus aos israelitas de um domínio mundial e da escravização por eles de todos os povos da Terra. Como exemplos dessas falsas interpretações podem citar-se as seguintes:

No Génesis, Capítulo XXII, Versículos 17 e 18, o Anjo do Senhor diz a Abraão: «Abençoar-te-ei e multiplicarei a tua descendência como as estrelas do céu e como a areia que está no fundo do mar. Tua posteridade possuirá as portas dos teus inimigos. E na tua semente serão benditas todas as nações da Terra.»

Os judeus imperialistas têm dado a estes versículos uma interpretação material, ao considerar que Deus lhes oferece, como descendentes consanguíneos de Abraão, o direito de se assenhorear das portas dos seus inimigos: sendo só neles, nos da raça judia, que poderão ser abençoadas todas as nações da Terra. A Santa Igreja, pelo contrário, interpreta espiritualmente estas profecias: «Qual é a vitória que, por virtude de Jesus Cristo e pelo dom de uma justiça perseverante, haviam de conseguir os filhos espirituais de Abraão (quer dizer, os cristãos) de todos os inimigos visíveis e invisíveis da sua salvação. E assim, o cumprimento à letra desta profecia se verificou após o estabelecimento da Igreja, quando se submeteram a

Jesus Cristo todos os povos do mundo e receberam d'Ele a bênção de salvação.» [1]

No Deuteronómio, Capítulo II, Versículo 25, diz o Senhor: «Hoje começarei a pôr o teu terror e espanto nos povos, que habitam debaixo do todo o céu, para que, ouvido o teu nome, se ponham espavoridos e, como as mulheres que estão de parto, tremam e sejam possuídos de dor.» Também a esta passagem a Santa Igreja dá uma interpretação restrita, completamente distinta do sentido imperialista judaico, traduzido através da História em factos palpáveis que demonstram a aplicação prática desta interpretação falsa. Onde quer que tenham triunfado através da Idade Média os movimentos heréticos dirigidos por judeus, ainda que tais triunfos tenham sido locais e efémeros, iam sempre acompanhados do crime, do terror e do espanto. O mesmo ocorreu com as suas revoluções maçónicas, como a de 1789 em França ou a de 1931/36 em Espanha. Já não falando das revoluções judeo-comunistas! Na União Soviética, onde os hebreus conseguiram implantar a sua ditadura totalitária, semearam o pavor e a morte de maneira tão cruel, que os pobres russos escravizados, ao ouvirem actualmente a palavra «judeu», tremem de terror.

Outro exemplo deste tipo, proporciona-nos a falsa interpretação que dão os israelitas ao Versículo 16 do Capítulo VII do citado Deuteronómio, que diz: «Devorarás todos os povos que o Senhor Deus teu te há-de dar. Não lhes perdoará o teu olho, nem servirás a seus deuses...» Ao passo que a Santa Igreja dá a esta passagem uma interpretação espiritual igualmente restrita, os judeus interpretam-na de uma maneira monstruosa, no sentido de que Deus lhes deu direito para devorar todos os povos da Terra e assenhorear-se das suas riquezas. Já vimos no capítulo quarto da primeira parte desta obra o que o Rabino Baruch Levi escrevia ao seu discípulo, o jovem judeu Karl Marx, fundador que foi depois do socialismo falsamente chamado científico, dando supostos fundamentos teológicos ao direito dos judeus de se apoderarem das riquezas de todos os povos da Terra mediante os movimentos proletários comunistas, controlados pelo judaísmo.

O Versículo 24 do mesmo Capítulo VII reza assim: «E entregará os seus reis nas tuas mãos e apagarás os nomes deles debaixo do céu; ninguém te poderá resistir até que os despedaces.»

Esta profecia, que a Santa Igreja refere relativa aos reis pecadores que governaram na terra de Canaã, os judeus en-

[1] Anotações autorizadas à Sagrada Bíblia. Scio. Bíblia. Madrid, 1852. Tomo I. Pág. 95.

tendem-na com carácter universal, considerando todas as suas revoluções e conspirações contra os reis nos tempos modernos, como empresas santas, realizadas em cumprimento das profecias da Sagrada Bíblia; e além disso como um meio útil para conseguir o domínio do mundo, que também crêem ordenado por Deus nas Sagradas Escrituras.

A constante tergiversação do sentido verdadeiro das profecias da Bíblia pelos judeus encontra-se novamente ao ler o Versículo 27 do Capítulo VII da Profecia de Daniel: «27. E que o reino e a potestade e a grandeza do reino, que está debaixo de todo o céu, sejam dados ao povo dos santos do Altíssimo, cujo reino é eterno, e todos os reis lhe servirão e obedecerão.»

Enquanto a Santa Igreja interpreta esta profecia referindo-a ao reinado eterno de N. S. Jesus Cristo, os judeus, consideram que esse reinado eterno sobre o mundo será o da sua raça sobre os demais povos, que chegarão a formar um só rebanho com um só pastor, saído naturalmente da grei de Israel.

A profecia de Isaías, Capítulo LX, Versículos 10, 11 e 12, diz: «10 — E os filhos dos estranhos edificarão os teus muros, e os reis deles te servirão...» «11 — E estarão as tuas portas abertas continuadamente; de dia e de noite não se cerrarão, para que seja conduzida a ti a fortaleza das nações e te sejam conduzidos os seus reis...» «12 — Porque a nação e o reino que a ti não servir perecerá e as nações serão destruídas e desoladas.»

Esta profecia alusiva ao reinado de Cristo e da sua Igreja [2] adquire para os judeus um sentido totalmente diferente, que vem a cristalizar em factos, claramente reconhecíveis, onde quer que se tenha imposto a ditadura judeo-maçónica, como o terror em França em 1789 ou a ditadura judeo-comunista nos países que caíram nas garras do monstro. Em todos estes povos, os que não serviram os judeus ou tenham ousado rebelar-se contra a sua servidão, ou têm sido destruídos. Não há mais senhores que os judeus, porque eles se apoderaram da fortaleza de todas essas nações.

Poderia continuar a citar versículos do Antigo Testamento, que têm sido falsamente interpretados pelo imperialismo judaico. Há que ter presente que muitos dos profetas foram assassinados pelos judeus sòmente porque contradiziam e censuravam as suas perversidades.

Mas a mais grave dessas interpretações falsas das profecias da Bíblia foi a que se relacionou com a vinda do Messias, redentor do género humano, que estabeleceria o reinado do verdadeiro Deus no mundo. Aqui foi onde os judeus se des-

[2] Bíblia. Scio. Madrid, 1852. Tomo IV. Pág. 115.

viaram da forma mais grave da verdade revelada, dando às promessas sublimes, relacionadas com o Messias, um carácter racista e imperialista.

Já no tempo de N. S. Jesus Cristo estava tão generalizada entre os israelitas essa interpretação falsa, que a generalidade pensava no Messias prometido como um rei ou chefe guerreiro, que, com a ajuda de Deus, conquistaria todas as nações da Terra por meio de guerras sangrentas, nas quais Israel ficaria sempre vencedor e acabaria por dominar materialmente o mundo inteiro. Por isso, quando Jesus, perante tais pretensões, se opôs a qualquer derramamento de sangue, declarando que o seu reinado não era deste mundo, os imperialistas judeus sentiram naufragar todas as suas esperanças e ambições e começaram a temer sèriamente que a doutrina de Cristo chegasse a convencer todos os hebreus, fazendo-os reconhecê-lo como o Messias prometido.

Quando Jesus pregou a igualdade de todos os homens perante Deus, os judeus pensaram, e com muito justa razão, que Cristo com as suas doutrinas demolia as suas equivocadas crenças acerca de Israel como povo escolhido de Deus para dominar materialmente o mundo, anulando ao mesmo tempo a ideia de um povo superior aos demais por vontade divina, que estava destinado, por ordem de Deus, a escravizar os outros povos e a assenhorear-se das suas riquezas.

Por isso, os dirigentes do judaísmo nessa época, sacerdotes, escribas, etc., sentiram que Jesus ameaçava o brilhante futuro concedido ao povo de Israel como futuro amo do Universo, uma vez que, se fossem todos os povos iguais perante Deus, como N. S. Jesus Cristo pregava, não havia lugar na Terra para um deles ser escolhido como futura casta privilegiada e dominante da Humanidade.

Em defesa da tese imperialista judia, Caifás, Sumo Pontífice de Israel, assinalava a conveniência de que morresse um homem, Jesus Cristo, para salvar um povo.

Posteriormente ao crime mais negro e transcendente cometido na história da Humanidade, ou seja, o assassínio do Filho de Deus, pelos judeus, estes continuaram empenhados nas suas ambições imperialistas, tratando de compilar e justificar, num novo livro sagrado, as suas falsas interpretações da Sagrada Bíblia. Assim surgiu o Talmude, espécie de Novo Testamento dos judeus, condenado pela Santa Igreja, e em que, segundo eles, por inspiração divina, se contém a mais perfeita interpretação do Antigo Testamento.

Depois surgiu a recompilação da Cabala judia, que quer dizer tradição, na qual foi consignada, também por inspiração divina, segundo os judeus, a interpretação esotérica, quer dizer,

oculta e verdadeira das Sagradas Escrituras. A seguir passamos a citar algumas passagens desses Livros Santos do judaísmo moderno, já que a brevidade deste trabalho nos impede de sermos mais extensos sobre a matéria:

«Vós, israelitas, sois chamados homens, enquanto que as populações das nações do mundo não merecem o nome de homens, mas sim o de bestas.» [3]

«A progénie de um estrangeiro é como a progénie dos animais.» [4]

Nas passagens anteriores, dão os falsos intérpretes das Sagradas Escrituras um passo de grande transcendência. o de tirar aos cristãos e gentios, quer dizer, a todos os povos da Terra, o seu carácter humano, deixando-os na categoria de bestas.

Para se avaliar a importância desta passagem infame, há que ter presente que, segundo a Revelação Divina do Antigo Testamento, todos os animais e bestas foram criados por Deus para serviço do homem, o qual pode comer a sua carne, utilizar a sua pele como vestido, matá-los, esfolá-los e fazer com eles tudo aquilo que lhe convenha. Em contrapartida, obrigou o homem a guardar os Mandamentos quanto aos seus semelhantes, os demais homens.

Para os judeus, segundo a falsa interpretação das Escrituras, tanto os cristãos como os ímpios são simples animais e não seres humanos, pelo que, automàticamente, os hebreus ficam sem obrigação de guardar os Mandamentos com respeito a eles, sentindo-se, ao mesmo tempo, com todo o direito de matá-los, esfolá-los e privá-los de tudo o que tenham, como a qualquer animal. Jamais existiu nem existe sobre a Terra um imperialismo tão implacável e totalitário como o dos judeus.

Este conceito transcendental acerca da animalidade dos restantes povos explica claramente a conduta implacável, cruel e depreciativa para todo o direito humano observada pelos jerarcas judeus do comunismo internacional.

O seu desprezo pelos outros povos chega ao extremo de os fazer afirmar: «Que é uma prostituta? Qualquer mulher que não seja hebreia.» [5] Isto explica, segundo o têm repetido e denunciado vários escritores de diferentes nacionalidades, o facto de os judeus terem sido em toda a parte os mais inescrupulosos comerciantes do tráfico de brancas e os mais assíduos defensores das doutrinas dissolventes do amor livre e da promiscuidade, enquanto mantêm as suas próprias famílias na mais

---

[3] Talmude. Tratado Baba Metzia. Fólio 114. Coluna 2.

[4] Jebamoth. Fólio 94. Coluna 2.

[5] Eben Ha Eser. 6 e 8.

absoluta disciplina e moralidade. É que sendo animais, os cristãos e ímpios, nada tem de estranho que vivam na prostituição e na promiscuidade.

Quanto aos instintos assassinos dos judeus, manifestados através dos séculos, vêem-se alentados com o que eles crêem ser inspiração divina do Talmude e da Cabala, mas que, segundo a Santa Igreja, não é senão obra satânica.

«Ao melhor dos ímpios matai-o.» [6] Se Deus lhes ordenou tal coisa, tratando-se como se trata de um povo cruel e sanguinário, como demonstra a Paixão e Morte de Cristo, as torturas e matanças da Rússia comunista, etc., que estranho é que, onde possa fazê-lo, assassine todos aqueles que de alguma forma se opõem às suas perversas maquinações?

Esse ódio diabólico, esse sadismo que os judeus têm demonstrado sempre contra os demais povos, tem também a sua origem na interpretação falsa da revelação divina, quer dizer, na Cabala e no Talmude.

Sirva de ilustração o seguinte exemplo:

«Que significa Har Sinai? Quer dizer Monte Sinai? Significa o Monte de onde irradiou o Sina, quer dizer, o ódio contra os povos do mundo.» [7] É necessário recordar que foi no Monte Sinai que Deus revelou a Moisés os Dez Mandamentos, mas os judeus modernos consideram de forma tão equívoca como absurda que ali foi revelada a Religião do Ódio que eles observam até aos nossos dias, ódio satânico contra os restantes povos, que teve a sua manifestação extrema nos tormentos e matanças preparadas pelo comunismo internacional.

A Cabala reservada para os altos iniciados do judaísmo, não para a plebe, levou a divisão entre judeus e gentios (entre os quais incluem os cristãos) aos extremos mais absurdos. Enquanto que por um lado se rebaixa os gentios à categoria de simples animais, por outro elevam-se os judeus à categoria de deuses, identificando-os com a própria divindade. Até esse ponto falsearam os judeus o significado do Pentateuco e, em geral, o Antigo Testamento!

A passagem blasfema que a seguir se reproduz é sumamente ilustrativa a tal respeito: «Deus exibe-se na Terra nas semelhanças do Judeu. Judeu, Judas, Judá, Jevah ou Jeová são o mesmo e único ser. O hebreu é o Deus vivente, o Deus encarnado, é o homem celeste, o Adão Kadmon. Os outros homens são terrestres, de raça inferior, só existem para servir o hebreu, são pequenas bestas.» [8]

---

[6] A boda Sara. 26 b Tosephot.

[7] Shabbath. Fól. 89. Col. 2.

[8] Kabala ad Pentateucum. Fol. 97. Col. 3.

É natural que semelhante maneira de pensar haja levado os judeus à conclusão lógica de que tudo quanto existe na Terra lhes pertence, inclusive os animais (entre os quais nos incluem como aos restantes homens) e tudo o que a esses animais pertence.

Os falsificadores das Sagradas Escrituras intentaram, tanto no Talmude como na Cabala, fortalecer o imperialismo judaico dando-lhe o carácter de mandato divino. As passagens seguintes demonstram-no:

«O Altíssimo falou aos israelitas assim: «Vós haveis-me reconhecido como único dominador do mundo e por isso eu hei-de fazer-vos os únicos dominadores do mundo.» [9]

«Onde quer que se estabeleçam os hebreus, é preciso que cheguem a ser os amos; e enquanto não possuam o absoluto domínio, devem considerar-se como desterrados e prisioneiros. Ainda que cheguem a dominar nações, mesmo que as não dominem todas, não devem cessar de clamar: «Que tormento! Que indignidade!» [10]

Esta falsa revelação divina contida no Talmude é uma das bases teológicas da política do judaísmo moderno, que, realizando-a à letra, crê cumprir com a vontade de Deus.

Quando os povos cristãos e ímpios abriram generosamente as suas fronteiras aos emigrantes judeus, equiparando-os aos das outras nações, nunca puderam imaginar que dessem albergue a eternos conspiradores, sempre dispostos a trabalhar na sombra e sem descanso, até dominar o povo ingénuo que lhes abriu as suas portas.

Mas o Talmude claramente assinala que os judeus não devem descansar até que o domínio seja absoluto. Os judeus compreenderam que a democracia e o capitalismo que lhes permitiram dominar os povos não lhes proporcionara esse domínio absoluto ordenado por Deus de que fala o Talmude; por isso, os judeus Karl Marx e Friedrich Engels inventaram um sistema totalitário que lhes assegurasse poder tirar a cristãos e gentios todas as suas riquezas, todas as suas liberdades e, em geral, todos os seus direitos humanos, até os igualar com os animais.

A ditadura do socialismo comunista de Marx permite aos judeus alcançar esse domínio absoluto, e por isso, desde que o implantaram na Rússia, têm trabalhado sem descanso por destruir o regime capitalista que eles mesmos haviam criado, mas que foi incapaz de os fazer chegar à meta desejada.

Como revela o Talmude, não basta aos judeus dominar algumas nações, mas devem dominá-las todas; e, enquanto não

[9] Chaniga. Fol. 3-a, 3-b.

[10] Talmude de Babilónia. Tratado Sanhedrin. Fol. 104, col. 1.

o conseguirem, devem exclamar: «Que tormento! Que indignidade!» Isto explica por que é insaciável o imperialismo judeo-comunista. E põe em evidência o absurdo que é crer numa sincera convivência pacífica ou na possibilidade de que o comunismo cessa na sua ambição de conquistar todas as nações da Terra. Os judeus crêem que Deus lhes ordenou impor um domínio total a todas as nações e que esse domínio total o conseguirão só por meio da ditadura totalitária socialista do comunismo. Como esse domínio integral deve estender-se a todas as nações do mundo, não descansarão até impor a escravidão comunista a todos os povos da Terra.

É indispensável que os cristãos e gentios acabem por compreender tão tremenda tragédia. A existência de um totalitarismo imperialista e cruel, impulsionado por um grupo de místicos, fanáticos e loucos, que realizam todos os seus crimes e todas as suas perversidades crendo firmemente que estão cumprindo com fidelidade os mandatos de Deus, é uma ominosa realidade. Chega a sua maldade ao ponto de crerem moralmente lícito fazer triunfar o ateísmo e o materialismo comunista em todo o mundo de maneira transitória, enquanto que eles, que são religiosos e crentes, logram destruir o odiado cristianismo e demais religiões falsas, com o fim de fazer imperar sobre as ruínas de todas a religião actual de Israel, que reconhece o direito aos judeus de dominar o mundo e o seu carácter de casta privilegiada por direito divino, na humanidade dos tempos vindouros.

Por outro lado, o Talmude diz dar aos judeus a verdadeira interpretação das promessas bíblicas acerca do Messias: «O Messias dará aos hebreus o domínio do mundo e a eles estarão submetidos todos os povos do mundo.» [11]

Poderíamos continuar a citar passagens dos diferentes tratados do Talmude e da Cabala judaica, tão eloquentes como estes, que nos permitiriam compreender qual é o significado e transcendência da actual religião dos judeus e o perigo que ela significa para a cristandade e para o resto da Humanidade. Quanto mais se aprofunda nesta matéria, mais claro se verá o abismo que medeia entre a primitiva e verdadeira religião revelada por Deus aos hebreus, através de Abraão, Moisés e os profetas e a falsa religião que tanto aqueles hebreus que crucificaram Cristo N. S. como os seus descendentes foram elaborando à base da falsa interpretação da Sagrada Bíblia, sobretudo a partir da aparição dos Talmudes de Jerusalém e Babilónia e da elaboração posterior dos livros cabalísticos, Se

[11] Talmude Bab. Tratado Schabb. Fol. 120, col. I e Tratado Sanhedrin. Fol. 88, col. 2 a Fol. 89, col I.

pher-ha-Zohar e Sepher-Yetsirah, Livros Sagrados, que são a base da religião dos judeus modernos.

Se vai um abismo entre a religião de Abraão e de Moisés e a do judaísmo moderno, é insondável a diferença existente entre o cristianismo e o dito judaísmo moderno podendo dizer-se que este último é a antítese e a própria negação da religião cristã, contra a qual destila ódio e afã destruidor nos seus livros sagrados e nos seus ritos secretos.

A luta de séculos empreendida pela Santa Igreja contra a religião judaica e os seus ritos não teve por origem, como falsamente se tem dito, a intolerância religiosa do catolicismo, mas sim a maldade imensa da religião judia, que representava uma ameaça mortal para a cristandade. Isso foi o que obrigou a Igreja, tão tolerante ao princípio, a adoptar uma atitude decidida em defesa da verdade, da cristandade e de todo o género humano.

É pois errónea e sofística a opinião de alguns clérigos, que se dizem cristãos, mas que fazem o jogo dos judeus, de forma bastante suspeita, no sentido de não ser lícito combater o judaísmo, porque os judeus fiéis, os judeus crentes, têm uma religião afim e irmã da cristã.

Em primeiro lugar, é falsa a base da sua tese, como o temos demonstrado neste capítulo e como poderia comprová-lo quem aprofundasse o seu estudo nos segredos da religião judaica pós-bíblica, condenados na doutrina dos Padres da Igreja, nos Concílios Ecuménicos e Provinciais e nos estudos de ilustres clérigos católicos da Idade Média e dos séculos anteriores ao actual.

Em segundo lugar, o que os judeus pretendem realmente, ao impor aos católicos essa tese da ilicitude de combater a criminosa seita judaica, é conseguir a aquisição de uma nova carta de corso, que lhes permita, sem se exporem a contra-ataques directos, prosseguir em frente nos seus movimentos revolucionários maçónicos ou comunistas, até conseguirem a destruição da cristandade e a escravização da Humanidade.

Os judeus e seus cúmplices dentro do cristianismo querem assegurar de forma cómoda o triunfo definitivo do imperialismo judaico, uma vez que se os cristãos se abstiverem de atacar e vencer a cabeça de toda a conspiração, reduzindo-se a atacar ùnicamente o seu ramo maçónico, anarquista, comunista ou qualquer outro, a cabeça, livre de ataques, quer dizer, o judaísmo, conservará todo o seu vigor, enquanto os seus tentáculos maçónicos e comunistas, com todos os seus derivados, se dedicarão a atacar de maneira impiedosa, como têm vindo a fazer, as instituições religiosas, políticas e sociais da cristandade e do mundo inteiro.

CAPÍTULO II

ALGUMAS COISAS MAIS SOBRE AS CRENÇAS RELIGIOSAS DOS JUDEUS

Como vimos anteriormente, a falsa interpretação das Sagradas Escrituras deu origem a que os judeus se afastassem cada dia mais da primitiva religião dos hebreus tal como lhes foi revelada por Deus através de Abraão, Moisés e os profetas, para chegar, com a aparição do Talmude e da Cabala, a uma crença sectária, anticristã e imperialista, que nada tem de comum com a primitiva verdade revelada.

Utilizamos para demonstrá-lo, entre outras provas, de passagens desses mal chamados Livros Sagrados, que servem de base à religião do judaísmo moderno.

Neste capítulo, alguma coisa mais se verá sobre as crenças religiosas dos chamados judeus fiéis, para poder demonstrar com maior clareza que nenhuma afinidade ou parentesco existe entre estas e a religião dos cristãos.

A primeira coisa que se deve tomar em conta ao estudar o problema da religião judaica moderna é que se trata de uma religião secreta, ao contrário das restantes religiões, cujos dogmas, doutrinas e ritos são de carácter público e, portanto, podem ser conhecidos por qualquer estranho a elas.

Os judeus, depois da crucificação do Senhor, foram através dos séculos ocultando dos cristãos e gentios todas aquelas doutrinas e ritos que, por constituirem uma ameaça contra os demais homens, necessitavam de manter em segredo. Temiam, com toda a razão, que, ao conhecerem a sua doutrina, as gentes reagissem violentamente contra eles.

Já num texto talmúdico se pode ler o seguinte: «Comunicar algo da nossa lei a um descrente equivale à morte de todos os hebreus, pois se os Goyim (gentios) soubessem o que nós ensinamos a propósito deles, exterminar-nos-iam sem demora» [12].

---

[12] Divre em «Dav». Fol. 37.

A mentira tem sido a arma principal daquilo que Cristo Nosso Senhor chamou, já então, a «Sinagoga de Satanás». Com mentiras e enganos têm controlado os povos nas suas revoluções maçónicas e com mentiras e enganos levam-nos às revoluções comunistas.

Basta dizer que até se valem da mentira para os assuntos relacionados com a sua própria religião.

Aos cristãos e aos gentios, enganam-nos fazendo-lhes crer que a actual religião judaica é como todas as demais: que se limita a render culto a Deus Nosso Senhor, a fixar normas de moralidade e a defender os valores do espírito, mas tendo cuidado em ocultar que a sua religião é na realidade uma seita secreta, que conspira para destruir a cristandade, que continua odiando mortalmente Cristo e a sua Igreja e que trata de dominar primeiro e escravizar depois os demais povos da Terra.

Não é de estranhar, pois, que no seu próprio Livro Sagrado, o Talmude, afirmem que se os gentios (entre os quais incluem os cristãos) «soubessem o que nós ensinamos acerca deles, exterminar-nos-iam sem mais demora».

A História demonstra-nos o acerto desta previsão talmúdica. Quando a Santa Igreja, ao descobrir aquilo que em segredo ensinavam os mestres ou rabinos aos seus fiéis, mandou apreender e destruir em diversas ocasiões esses livros do Talmude, perante o perigo que significavam os seus ensinamentos para os judeus, convertendo-os numa seita de conspiradores, ladrões e até assassinos, perigo maior para aqueles que, sendo mais fervorosamente religiosos, aceitavam sem condições e com fanatismo os ensinamentos do Talmude e da Cabala.

De nada serviu outra fraude judaica que consistiu em fazer textos apócrifos do Talmude, dados depois a conhecer às autoridades civis e eclesiásticas sem as passagens cuja leitura se considerava perigosa para os cristãos, visto que, com frequência, tanto a Santa Igreja como os governos civis descobriam os textos autênticos perante a indignação geral, manifestada amiúde em reacções violentas contra a seita religiosa do judaísmo, cujos autênticos livros sagrados contêm já o delineamento da conspiração que têm vindo a desenvolver contra a Humanidade inteira.

O escritor judeu Cecil Roth, na sua obra «Storia del Popolo Ebraico», fala extensamente na condenação do Talmude pelo Papa Gregório IX e de outras mais que se sucederam àquela, do Papa Leão X, no século XVI, que teve a sua origem numa denúncia ao Cardeal Carafa, de que a obra era perniciosa e blasfema. Esta denúncia foi feita pelo judeu Vittorio Eliano, que era sobrinho do sábio Elia Levita e teve como con-

sequência a queima pública da obra no Campo dei Fiori, de Roma, no Outono de 1553 [13].

Nos processos da Inquisição, instaurados contra os judeus clandestinos, chamados pela Santa Igreja «hereges judaizantes», encontra-se outra fonte muito copiosa sobre as ocultas e verdadeiras crenças religiosas dos judeus. Quem quiser aprofundar este estudo, necessitaria de consultar os arquivos da Inquisição desta capital do mundo católico, das cidades italianas onde mais se introduziram os judaizantes; de Carcassone, Narbone e outros lugares de França; de Simancas, em Espanha; da Torre do Tombo, em Portugal; do México e outros países da catolicidade. Por nossa parte, limitar-nos-emos a citar os «Processos de Luís de Carvajal (El Mozo)», onde se pode apreciar a mentalidade dos judeus e conhecer certas das suas crenças religiosas muito reveladoras.

Trata-se de uma edição do Governo do México, do ano de 1935, que foi publicação oficial do Arquivo Geral da Nação. Nele se encontram os manuscritos originais com as consequentes assinaturas do judeu processado, dos inquisidores, testemunhas, etc... A autenticidade destes valiosos manuscritos está fora de dúvida e nem os próprios judeus contemporâneos jamais a puderam negar.

O conteúdo destes documentos é algo de espantoso: monstruosas blasfémias contra Nosso Senhor Jesus Cristo e Maria Santíssima, ódio que nada tem a ver com a autêntica lei dada por Deus a Moisés no Sinai, mas que é essência da religião oculta do judaísmo moderno, religião de ódio, ódio feroz contra a cristandade, ódio que inspira as matanças de cristãos e as perseguições contra a Santa Igreja e que se tornou explosivo, irreprimível e ominoso em todos os lugares onde têm triunfado as revoluções judeo-maçónicas e judeo-comunistas.

Do segundo processo contra Luis Carvajal, iniciado em fins do século XVI, no ano de 1595, atrevemo-nos a transcrever com verdadeira repugnância o que se segue, pois é urgente desagravar Cristo Nosso Senhor e Maria Santíssima das blasfémias que lhes lançam os judeus; e porque é necessário demonstrar cabalmente a precariedade desta estranha tese defendida actualmente por alguns clérigos que afirmam não ser justo combater o judaísmo, pela sua afinidade com a religião cristã, afirmação que toca as raias da loucura e que só pode medrar entre aqueles que, desconhecendo o problema, caem vítimas das fábulas judaicas.

Sobre a intensa religiosidade de Luís de Carvajal são evidentes estas passagens do processo:

---

[13] Cecil Roth. «Storia del Popolo Ebraico». 1962. Pág. 327 a 408.

Do testemunho de Manuel de Lucena, outro judeu amigo de Luís de Carvajal, transcrevemos o seguinte: «E o que acontece é que, haverá ano e meio, tendo este ido a Santiago ver Luís de Carvajal e visitando-o no Colégio dos Índios, num aposento dele, que estava fazendo comentários da Bíblia, este lhe disse: «Que lindas coisas estais escrevendo.» E o dito Luís de Carvajal lhe respondeu que assim era e que se espantava como não abriam os olhos todas as criaturas e que maldito fosse quem maldizia a palavra Senhor, dizendo-lhe que os cristãos fossem malditos porque maldiziam a lei de Moisés que chamava a lei do Senhor. Depois, continua Manuel de Lucena dizendo que, pondo algumas dúvidas ao dito Luís de Carvajal, como a homem que guarda a lei de Moisés e muito lido na Bíblia, as declarava e o satisfaziam; e o dito Luís de Carvajal afirmava a este, quando viu que guardava a lei de Moisés e que também estava nela por havê-la comunicado a lei, e tratado de autoridades do Velho Testamento, que daí em diante o teria por irmão, e, ainda que indigno, o encomendaria a Deus nas suas orações.» [14]

Até aqui aparece Luís de Carvajal como um piedoso judeu, fervorosamente religioso, mas que já demonstra o seu ódio ao cristianismo quando diz que «malditos sejam os cristãos» porque dizem mal da lei de Moisés.

O mesmo judeu Manuel de Lucena afirma que, em certa ocasião, também perguntou a Luís de Carvajal «como se entendia um capítulo de Zacarias, cujo princípio não se recorda, mas no qual se diz: «Desperta, navalha, contra o meu pastor e contra o homem, conjunto amigo, etc...» E que o dito Luís de Carvajal lhe respondeu que aquela autoridade e aquilo que nele se contém diria o Senhor no dia do juízo a Jesus Cristo, por ter-se feito Deus, condenando-o a Ele e a todo o seu reino aos infernos.» [15]

Aqui as interpretações equívocas do Antigo Testamento levam um judeu piedoso na sua religião a destilar ódio contra Cristo Nosso Senhor, ao afirmar que Este e o seu reino serão condenados aos infernos, blasfémia lançada contra o Filho de Deus por um hebreu intensamente religioso, considerado actualmente pelos judeus como um santo varão e mártir.

Continua dizendo o mesmo Lucena no seu testamento que, certo dia, foi a casa de Luís de Carvajal e encontrou o dito Luís de Carvajal, D. Francisca, sua mãe, D. Isabel, D. Leonor e D. Mariana, suas irmãs, de joelhos no chão, viradas

[14] «Processos de Luís de Carvajal o Moço». Edição do Governo do México. Ano de 1935. Public. oficial do Arquivo Geral da Nação. Págs. 127 e 128.

[15] «Processos de Luís de Carvajal o Moço». Ed. cit. Pág. 128.

para o Oriente, rezando salmos e orações da lei de Moisés, e, com voz baixa e chorando, o dito Luís de Carvajal dizia os ditos salmos e orações; e as ditas D. Francisca, D. Isabel, D. Leonor e D. Mariana respondiam da mesma maneira, em voz baixa e chorando; tudo aquilo faziam em guarda e observância da lei de Moisés e do dia grande do Senhor.» [16]

A religiosidade e piedade deste fervoroso judeu ficam pois fora de dúvida.

Os frades dominicanos inquisidores, para se ajudarem no esclarecimento da verdade, utilizavam, além dos testemunhos de alguns judeus, um meio que consistia em introduzir na cela do réu um sacerdote católico, que, conhecendo as crenças e os ritos secretos do judaísmo, aparecesse perante o preso como outro judeu encarcerado na mesma cela. Com este estratagema se conseguiu que Carvajal, julgando-se acompanhado por um irmão e correligionário, exteriorizasse os verdadeiros sentimentos ocultos no seu coração. O padre escolhido foi D. Luiz Diaz, de cujos testemunhos excertamos o seguinte:

«Na audiência celebrada na Cidade do México em 9 de Fevereiro de 1595, perante o inquisidor D. Afonso de Peralta, o mencionado sacerdote, sob juramento prestado, fez, entre outras, as seguintes declarações: «Que é verdade que ele pediu audiência para dizer e declarar as coisas que se têm passado com Luís de Carvajal, companheiro de cárcere deste, acerca da lei de Moisés; e, em aprovação dela lhe disse a este o dito Luís de Carvajal, que não se encomendasse a Nossa Senhora Virgem Maria... (Segue depois uma série de blasfémias contra a honra de Nossa Santíssima Mãe, tão obscenas, tão asquerosas e tão soezes, que não é possível publicar, mas que constam das actas deste processo em todo o seu descarnado horror).»... que, por esta causa, o Nosso Redentor Jesus Cristo e sua Santíssima Mãe, e todos os Apóstolos e Santos que os cristãos chamam mártires, estão ardendo nos infernos; e, porque ele o acreditasse e não tivesse dúvidas, disse-lhe o dito Luís de Carvajal que Adonay, verdadeiro deus dos exércitos e das façanhas, havia prognosticado ao profeta Daniel que havia quatro reinos, e que no último viu o dito profeta uma figura espantosa e que lhe saíam desta vez cornichos, entre os quais havia um muito pequeno que tinha os olhos e boca e dava a entender esta besta fera era Jesus Cristo Nosso Senhor Redentor, chamando-lhe besta abominável; e que esta visão que viu o dito profeta prognosticava a perdição que à vinda de Jesus Cristo haveria no mundo, e que, como Cristo tinha sido tão grande pecador, também o eram os Sumos Pontífices e todos os prelados das Igre-

[16] Idem. Idem. Pág. 130 e 131.

jas que seguiam a sua doutrina.[17] ...(depois destes blasfemos conceitos seguem no original outros impublicáveis pela sua abominável maldade, nos quais o réu tenta conspurcar a honra do Nosso Divino Redentor).

Continua a declaração do clérigo católico Luiz Diaz nos seguintes termos: «Também diz que, querendo este saber do dito Luís de Carvajal que cúmplices havia que guardassem a lei de Moisés, fingindo este que a queria guardar, para vir em seguida declarar perante os senhores inquisidores, disse-lhe o dito Luís de Carvajal que, posto que ele estava determinado em confessar e a morrer na lei de Moisés, poderia acudir este a Manuel de Lucena e a Manuel Gomez Navarro e a Pedro Enriquez, que eram grandes judeus e que guardavam com perfeição a lei de Moisés.»[18]

A seguir se transcreve uma cena imunda, relatada pelo padre Luiz Diaz, na qual se vê do que podem ser capazes esses judeus muito fervorosos e apegados à sua fé religiosa. Trata-se do próprio Luís de Carvajal, cuja religiosidade já é conhecida, de Manuel Gomez Navarro, de quem diz aquele ser grande judeu e guardar com perfeição a lei de Moisés e de Diego Enriquez, de quem diz ser o maior judeu que havia na Nova Espanha. A declaração do R. P. Diaz diz:

«Está provado que o dito Luís de Carvajal disse a este que Diego Enriquez, penitenciado por este Santo Ofício, irmão do dito Pedro Enriquez, era, ainda que moço, o maior judeu que havia na Nova Espanha e o de maior força e valor, e que, estando nesta cidade em casa do dito Diego Enriquez, ficaram a dormir com o dito Diego Enriquez na mesma cama o dito Luís de Carvajal e Manuel Gomez Navarro e toda a noite estiveram em muita chacota comendo nozes e passas, e o dito Luís de Carvajal lhes fez uma prática em louvor da lei de Moisés, e o dito Diego Enriquez, depois da prática, se levantou para fazer as suas necessidades e tendo posto um Cristo que tinha na cabeceira da sua cama, atado aos pés dela...»[19] (os sacrilégios cometidos por esses três devotos judeus com a crucifixo foram suprimidos, para não manchar as páginas deste livro com tais imundícies, mas constam em pormenor nas declarações do processo citado).

A terrível cena demonstra que o ódio satânico dos judeus para com o Cristo Nosso Senhor continuava a ser quase o mesmo mil e seiscentos anos depois da sua crucificação e que

---

[17] Idem. Idem. Pág. 140 e 141.

[18] Idem. Idem. Pág. 141.

[19] Idem. Idem. Pág 158 e 159.

é falsa a tese sustentada por muitos israelitas de que os inimigos implacáveis de Cristo e da sua Igreja são os judeus descrentes e não os judeus fieis à sua religião, a qual é parente próxima da cristã.

É pois claro que os judeus mais fiéis à sua monstruosa religião são os mais encarniçados inimigos de Cristo e da cristandade, uma vez que é em tal seita religiosa que bebem o ódio implacável contra Jesus e contra todo o cristão. Pelo contrário, os poucos hebreus que, vencendo o medo das terríveis ameaças, inclusive o assassínio dos chamados apóstatas e as represálias contra as suas famílias, conseguem desligar-se da seita demoníaca e adquirem o qualificativo de judeus de sangue, mas, incrédulos na sua religião, acabam por perder o seu ódio para com a cristandade e a Humanidade inteira, ao deixarem de absorver constantemente esse ambiente de ódio contra a Igreja, esse afã de escravizar e odiar a Humanidade que infesta as sinagogas de Satanás. Desgraçadamente, são pouquíssimos aqueles que o fazem, pois quase ninguém se atreve a desafiar as iras dos dirigentes judeus, manifestadas amiúde por represálias e bloqueio económico, excomunhões terríveis e ameaças de morte, sempre pendentes sobre as cabeças dos incrédulos que se atrevam a desligar-se da Sinagoga.

Continuando a consultar o expediente do segundo processo contra o judeu Luís de Carvajal, encontramos nas declarações do padre Diaz que, tendo perguntado ao primeiro com que outros judeus de confiança podia tratar, respondeu-lhe Carvajal: «Com o dito António Diaz Marques, porque era grande servo de Deus e guardava a Lei de Moisés, e que se não fosse casado com uma cadela cristã, filha de vilões, teria ido a uma judiaria»... «e que o dito António Diaz Marques, quando ia à igreja, se ajoelhava fazendo que rezava, e dizia às imagens dos santos: «Semelhantes sejam a vós aqueles que em vós adoram e crêem»... «que, quando entrava o sacerdote para dizer a missa no altar, da hóstia dizia o dito António Diaz Marques: «Em um só Deus creio, em um só Deus adoro e não neste cão que não é senão um pedaço de grude»... «e a seguir se afastou para onde tinha o dito Luís de Carvajal um Cristo e umas imagens e se chegou ao Cristo e lhe fez uma figa, metendo-a nos olhos por duas vezes e dizendo-lhe: «Que segredo nos terá este cão de barbichas?» E então lhe cuspiu no rosto; e logo se levantou o dito Luís de Carvajal, dizendo: «Não me haveis de levar nisso vantagem» e, cuspindo na imagem de Nosso Senhor Jesus Cristo, disse: «Não deveis chamar a este senão Juan Garrido»... «e que quando a dita Constanza Rodriguez vai à igreja, quando o sacerdote levanta a hóstia, diz: «Encomendado sejas aos diabos, tu e quem te alça, confundido sejas por mistério do céu, caia aqui um

raio e confunda a todos estes hereges, dizendo-o pelos cristãos.» [20]

O que se segue é algo de terrível, mas é preciso citá-lo para que os católicos se dêem conta do perigo que encerra a chamada religião judaica.

No testemunho de Pedro da Fonseca, mandado pelos inquisidores, a pedido do padre Diaz, para que escutasse à porta da prisão a conversa havida entre o sacerdote e Luís de Carvajal, afirmou que pôde ouvir, à hora fixada pelo padre Luiz Diaz, entre outras coisas, o seguinte: «Que o Messias não tinha vindo e que Jesus Cristo era profeta falso, que era Anticristo, que dizem os cristãos; que quando vier o Anticristo virá o Messias prometido na Lei, e que os cristãos andam enganados e estão nos infernos; que aquele que tiver maior dignidade contra eles terá maior pena nos infernos; que o Papa e o Rei e todos os grandes inquisidores e ministros do Santo Ofício, perseguidores dos que guardam a lei de Moisés, que é a verdadeira, e os Apóstolos, estão no inferno e que não há santos no céu.» [21] (A seguir se suprimem novas e espantosas blasfémias contra a honra de Nosso Senhor Jesus Cristo e contra a honra da Virgem Maria, que sòmente um possesso poderia imaginar).

Estes eram os judeus que a Inquisição, com a autoridade da Santa Igreja, entregava à justiça e braço secular, para que fossem queimados na fogueira ou mortos por meio do garrote. Sòmente a ignorância do que é a seita religiosa do judaísmo pode fazer que gentes de boa fé acusem a Santa Igreja de intolerância por tais motivos. Na realidade, requer-se muita ignorância ou má fé para assegurar aos cristãos que pode haver um convénio entre a Santa Igreja e a Sinagoga de Satanás. Pois se é impossível conceber um acto ou entendimento entre o catolicismo e o comunismo ou entre aquele e a maçonaria, tanto mais impossível é um pacto entre a Santa Igreja e o judaísmo satânico, que é a cabeça do comunismo e da maçonaria, impregnados pelos judeus desse ódio diabólico a Cristo, a Maria Santíssima e à cristandade.

Luís de Carvajal, judeu exemplar, mestre da já falsificada lei de Moisés, identificou o Messias que eles esperavam com o Anticristo dos cristãos, sendo muito significativo que, por outro lado, diversos concílios da Santa Igreja Católica, com a sua grande autoridade, tenham coincidido neste ponto, ao afirmar que os judeus são verdadeiros ministros do Anticristo.

Já desde o ano de 633, o IV Concílio de Toledo, inte-

[20] Idem. Idem. Pág. 143 a 145 e 150.

[21] Idem. Idem. Pág. 162.

grado pelos metropolitas e Bispos de Espanha (incluindo o actual Portugal e as Gálias visigodas), assegurava no Cânone LVIII, que eram do corpo do Anticristo, os Bispos, Presbíteros e seculares, que prestassem apoio aos judeus contra a fé cristã declarando-os sacrílegos e excomungados. [22]

No seu Cânone LXVI chama aos hebreus «ministros do Anticristo». [23]

Não deixa pois de ser muito notável que pessoas tão autorizadas das duas partes em pugna, quer dizer, da Santa Igreja de Cristo e da Sinagoga de Satanás, tenham estabelecido à volta do problema do Anticristo posições semelhantes, posto que de um ângulo oposto.

Por outro lado, do estudo profundo da oculta religião dos judeus na era cristã, cujos segredos se têm ido descobrindo apesar das suas precauções tomadas para evitá-lo, chega-se à conclusão certa de que a dita religião, longe de ter parentesco e afinidade com o cristianismo, é a antítese e a negação suprema da fé de Cristo, com a qual não há a mais remota possibilidade de entendimento.

[22] Juan Tejada Y Ramiro. «Colecção de Cânones e de todos os Concílios da Igreja de Espanha e da América». Madrid, 1859. Tomo II. Pág. 365.

[23] Idem. Idem. Pág. 308.

CAPÍTULO III

MALDIÇÕES DE DEUS AOS JUDEUS

A judeo-maçonaria, o comunismo e as diversas forças políticas que ambos controlam têm lançado inumeráveis ataques contra a política secular da Santa Igreja Católica. Um dos pontos mais atacados tem sido o que se refere ao Santo Ofício da Inquisição e aos seus autos-de-fé, que alguns padres, por ignorância da história e influências propagandísticas maçónico-liberais, têm chegado a ver deformados, ao ponto de considerarem que a Igreja se equivocou na sua política inquisitorial, chegando ao extremo de tentar evitar esta questão em qualquer controvérsia, com um sentimento de culpabilidade, às vezes subconsciente.

Esta atitude vergonhosa contrasta com a própria posição de alguns historiadores judeus que, conhecedores da verdade, aceitam certos aspectos positivos do sistema inquisitorial, como Cecil Roth na sua obra «Storia del Popolo Ebraico», em que diz textualmente: «...É necessário reconhecer que, do seu ponto de vista, a Inquisição era justa. Raramente procedia sem base séria; e, quando um assunto estava em marcha, o objectivo último era obter uma confissão completa que, unida à expressão do arrependimento, salvaria as vítimas dos horrores dos tormentos eternos. Os castigos impostos eram considerados mais como uma explicação do que como um castigo...» [24].

Neste assunto tão controverso, que os inimigos do catolicismo têm considerado como o tendão de Aquiles da Igreja, é preciso não perder de vista a realidade, no meio do cúmulo de mentiras, distorções e fraudes históricas, que ocultam a verdade com uma espessa cortina, tecida especialmente com este objectivo pelos judeus e seus cúmplices. A polícia inquisitorial da Santa Igreja, longe de ser algo de condenável, algo de que a Igreja tenha de se envergonhar, foi não só teològicamente justificada mas de grandes benefícios para a Humanidade, que, graças à Santa Inquisição, chamada santa por Papas, Concí-

[24] Cecil Roth. «Storia del Popolo Ebraico». Milão, 1962. Pág. 477.

lios, teólogos e Santos da Igreja, se viu então livre da catástrofe que a ameaça agora e que se teria produzido já há alguns séculos. A Inquisição conseguiu deter durante séis séculos a espantosa revolução mundial judia, que está a pontos de arrasar tudo e de escravizar todos os homens.

Não somos partidários de que na actualidade se trate de impor a religião pela força, nem que se persiga alguém pelas suas ideias, porque a verdade deverá impor-se sòmente por meio da livre discussão, sem necessidade de meios coercivos, mas sabemos que a Santa Igreja, tolerante e benévola nos seus primeiros tempos, teve de enfrentar uma situação extraordinária: a ameaça de morte lançada pelo judaísmo internacional, no século XII, à cristandade inteira, ameaça só tão grave como aquela que representa actualmente o comunismo judaico para a humanidade livre.

Para salvar a cristandade desse perigo, a Santa Igreja teve de recorrer a meios extraordinários, cuja justificação se evidencia com o facto de ter adiado vários séculos o desastre que ameaça agora a Humanidade.

Na sua luta milenária contra a Igreja de Cristo, os judeus empregaram uma arma básica de combate: a quinta coluna, que foi nascendo à medida que se iam convertendo fingidamente ao cristianismo milhares de judeus de todo o mundo.

O já mencionado historiador judeu Cecil Roth afirma textualmente na sua obra citada «Storia del Popolo Ebraico», página 229, edição de 1962, que: «...Naturalmente, na maior parte dos casos as conversões eram fingidas...».

Tomavam as águas do baptismo e continuavam sendo em segredo tão judeus como antes, ainda que adoptassem nomes cristãos, fossem à missa e até recebessem sacrilegamente os sacramentos. Utilizavam logo a sua nova posição de cristãos aparentes, para organizar heresias que eram movimentos subversivos, que chegaram ao ponto de desintegrar a cristandade e assegurar o domínio dos povos pelo judaísmo, como o demonstraremos mais adiante, com provas irrefutáveis.

Assistiam a sinagogas secretas que se reuniam em casas particulares e em outros surpreendentes lugares que a seguir se verá. Estas famílias cristãs, na aparência, observadoras do culto, ritos e orações cristãs, até com ostentação, não só praticavam o judaísmo em segredo mas transmitiam-no a seus filhos, que em determinada idade eram iniciados ocultamente no judaísmo por meio de secreta e imponente cerimónia, que nos recorda as iniciações maçónicas.

Este sistema de judaísmo subterrâneo existiu desde os primeiros séculos do cristianismo até aos nossos dias, sem solução de continuidade.

Depressa se viu que a cristandade inteira estava ameaçada de morte se não tomasse com urgência as medidas necessárias para combater as organizações secretas do judaísmo e as associações ocultas que os judeus clandestinos estruturavam entre os verdadeiros cristãos, chegando-se à conclusão de que a Santa Igreja só poderia defender-se e defender a Humanidade da destruição formando uma organização repressiva, também secreta. Não havia outro remédio se não opor às organizações ocultas anticristãs estruturas de repressão também secretas. Assim nasceu a eficacíssima organização oculta do Santo Ofício da Inquisição.

Muito se tem criticado o procedimento secreto empregado pela Inquisição, assim como o sigilo absoluto que rodeava todas as suas actividades, mas a Santa Igreja não teve alternativa e há que compreender o infrutuoso que resulta combater uma organização secreta com simples actividades públicas. Também os governos têm necessidade de combater as actividades secretas de espionagem e sabotagem dos seus inimigos com serviços secretos equivalentes, pois de contrário sucumbiriam.

Sendo as organizações secretas a única medida verdadeiramente efectiva contra o judaísmo emboscado, não é estranho que haja sido o que com mais fúria tenham combatido os judeus por todos os meios possíveis. Assim, quando São Domingos de Gusmão e outros santos varões da época lutaram pela criação da Inquisição, os judeus ocultos metidos no clero organizaram inumeráveis intrigas para o impedir, procurando inclusivamente sublevar os bispos contra a medida e atacando sistemàticamente o aspecto do segredo. Não há coisa que a quinta coluna judia mais tema que o poder da Santa Igreja, e os católicos utilizaram as mesmas armas secretas que ela usa.

Por isso, ainda nos nossos dias, quando para combater a maçonaria ou as organizações secretas do comunismo algum grupo de católicos quer opor-lhes organizações também reservadas, imediatamente os judeus arquitectam subterrâneas intrigas, para que o bispo da diocese ou seus superiores condenem e destruam a organização reservada, visto que os judeus e os seus agentes dentro do clero católico sabem muito bem que contra uma organização oculta fracassarão todas as de carácter público que a enfrentem e que, para dominá-la, serão precisas estruturas também de carácter secreto, que, como a Santa Inquisição, funcionem de acordo com a doutrina católica.

Outro aspecto da Inquisição, muito atacado, é o que se refere à queima de judeus e hereges, ou à sua execução pelo garrote, sendo difícil precisar o número exacto dos executados ou por hereges de diversas seitas ou por hereges judai-

zantes, como chamava a Igreja aos que, sendo cristãos na aparência, praticavam em segredo o judaísmo.

Muitos calculam em milhares e outros até em dezenas de milhares só os judeus clandestinos mortos pela Inquisição na fogueira ou por meio do garrote, mas, seja qual for a quantidade, os inimigos da Igreja lançaram a esta injustificados ataques por estes procedimentos. A defesa que se fez da Igreja sobre a base de que ela não os executava directamente, mas que os remetia ao braço secular para que este ditasse as sentenças de morte e os executasse, é fàcilmente refutada pelos inimigos do catolicismo, dizendo que, mesmo que a Igreja não os condenasse nem matasse directamente, havia dado a sua aprovação aos procedimentos inquisitoriais e às leis que puniam com a morte os hereges judeus relapsos e que, além disso, durante seis séculos tinha dado a sua aprovação a estas execuções. Outro argumento débil dos defensores da Igreja tem sido o de pretender que as Inquisições espanhola e portuguesa eram instituições do Estado, não dirigidas pela Igreja, mas o raciocínio é indefensável, posto que não pode aplicar-se à Inquisição Pontifícia que funcionou durante três séculos em toda a Europa cristã, e que era dirigida nada menos do que por Sua Santidade o Papa, que pessoalmente nomeava o Grande Inquisidor. Os restantes inquisidores franciscanos ou dominicanos exerciam as suas funções como delegados papais, com autoridade papal.

É certo que a Inquisição Pontifícia levou à fogueira milhares e judeus e hereges, que, embora justificados pelo braço secular, morriam, não obstante, com a aprovação da Santa Igreja, que tinha sancionado os processos para os julgar, as leis que os condenavam e as próprias execuções. Se a Igreja não tivesse estado de acordo com as condenações à morte de judeus e hereges, tê-las-ia evitado sòmente com uma ordem sua.

Inclusivamente no que se refere às Inquisições espanhola e portuguesa, que eram instituições do Estado, onde o Grande Inquisidor era nomeado pelo Rei e não pelo Papa, a Santa Igreja autorizava a Ordem de S. Domingos a constituir os tribunais da Inquisição, a fim de perseguir e destruir os judeus e hereges, encarcerá-los e organizar todo o processo, até os entregar ao braço secular.

Também nestes casos, a Igreja tinha dado a sua aprovação às leis que autorizavam o braço secular a queimar ou garrotar esses delinquentes.

Para conseguir uma defesa eficaz e contundente da Santa Igreja e da Inquisição é preciso ter a coragem de recorrer à verdade, a toda a verdade. A Santa Igreja nunca a deverá temer, uma vez que os seus actos têm sido sempre norteados

pela equidade e pela justiça. Por isso, com a verdade que é sempre avassaladora, exposta amplamente na quarta parte deste livro, intitulada *A Quinta Coluna Judaica no Clero,* apresentar-se-á a defesa efectiva da Santa Igreja Católica no que respeita à sua política inquisitorial.

Para já, começaremos por demonstrar que os judeus não são um povo intocável, pelo facto de haverem sido, num determinado tempo, o povo escolhido por Deus, mas, pelo contrário, Deus predisse que, se não cumprissem com todos os seus mandamentos, seriam castigados muito severamente. Por esta consideração, a política da Igreja contra os judeus em matéria inquisitorial tem uma ampla base teológica. Muito se vangloriam os judeus de serem ainda na actualidade o povo eleito de Deus, baseando-se, para o fundamentar, em certas passagens da Sagrada Bíblia, às quais dão uma interpretação falsa e imperialista, ocultando, no entanto, outras passagens nas quais Deus claramente condicionou aquele privilégio ao facto de que cumprissem fielmente com os mandamentos e outras ordens do Senhor, ameaçando-os, se não o fizerem, com o retirar-lhes a distinção de povo escolhido para os converter num povo maldito, sobre o qual cairiam vários anátemas assinalados expressamente por Deus ao próprio Moisés. Mas os judeus tratam de ocultar esta situação, assim como tratam de fazê-lo também certos clérigos cristãos, cuja conduta, que parece inexplicável, mais beneficia o judaísmo e seus planos subversivos do que a Santa Igreja de Cristo.

No Deuteronómio, no Capítulo XXVIII, nos Versículos I e II, Moisés, transmitindo aos hebreus a vontade divina, define claramente esta situação: «1. — E se ouvires a voz do Senhor Deus teu para cumprir e guardar todos os seus mandamentos, que eu te intimo hoje, o Senhor te exaltará sobre todas as gentes que há sobre a Terra. 2. — E virão sobre ti e te alcançarão todas estas bênçãos, contanto que escutes os seus mandamentos.»

Há que ter presente que depois de Moisés mencionar todas as bençãos que Deus outorgaria aos israelitas se cumprissem com todos os mandamentos e ouvissem a voz de Senhor, enumera as tremendas maldições que faria cair sobre eles se fizessem o contrário.

Quem quiser conhecê-las na íntegra, pode consultar o próprio Deuteronómio, Capítulo XXVIII e Levítico Capítulo XXVI. Limitar-nos-emos aqui ùnicamente a inserir algumas das mais importantes:

No Capítulo citado do Deuteronómio diz Moisés, transmitindo o ordenado por Deus: «15. — Mas se não quiseres escutar a voz do Senhor Deus teu, para guardar e cumprir todos os

seus mandamentos e cerimónias, que eu te prescrevo hoje, virão sobre ti e te alcançarão todas estas maldições. 16. — Serás maldito na cidade, maldito no campo. 17. — Maldito o teu celeiro e malditas as tuas obras. 18 — Maldito o fruto do teu ventre e o fruto da tua terra, as mandadas de tuas vacas, os rebanhos de tuas ovelhas. 19. — Serás maldito quando entrares e maldito quando saires. 20. — O Senhor enviará sobre ti fome e ânsia de comer e maldição sobre todas as obras que fizeres, até que te diminua, e as percas ràpidamente por causa das tuas malíssimas invenções pelas quais me abandonaste. 22 — O Senhor te ferirá com uma pobreza, com calor e frio, com ardor e abandono, e ar corrompido e nebuloso, e te perseguirá até que pereças. 24. — Dê o Senhor à tua terra pó em vez de chuva e desça do céu cinza sobre ti até que sejas soterrado. 25 — Faça o Senhor que caias perante os teus inimigos (tremenda ameaça de destruição). Saias por um caminho contra eles e fujas por sete e sejas disperso por todos os reinos da Terra. 43 — O estrangeiro que vive contigo em tua terra subirá sobre ti e estará mais alto e tu descerás e ficarás mais baixo [25]. 45. — E virão sobre ti e te perseguirão e alcançarão todas estas maldições, até que pereças; porquanto não ouviste a voz do Senhor Deus teu, nem guardaste os seus mandamentos e cerimónias que te mandou. 48. — Servirás o teu inimigo, que o Senhor enviará contra ti, com fome, com sede, com nudez e com todo o género de privação; e porá uma canga de ferro sobre a tua cerviz, até que esmoreças (tremenda profecia de escravidão primeiro e depois do aniquilamento dos judeus, às mãos dos inimigos que o próprio Deus lhes lançará em cima, como castigo e maldição). 54. — O homem mais delicado dos teus e o mais entregado aos prazeres será mesquinho com o seu irmão e com a sua mulher que dorme no seu lar. 55. — Para não lhes dar das carnes de seus filhos que se comerá; porquanto nenhuma outra terá no cerco; e na penúria, com que te haverão destruído os teus inimigos dentro de todas as tuas portas. 62. — E ficareis em curto número os que antes pela multidão ereis como as estrelas do céu, porquanto não ouviste a voz do Senhor Deus teu» [26].

No Capítulo XXVI do Levítico faz-se menção também do dilema apresentado por Deus ao povo judeu, prometendo-lhe que será o seu povo escolhido e abençoado se cumprir com os

[25] Os Padres da Igreja entendem nesta profecia a vocação dos gentios à fé, os quais foram por esta causa gloriosamente preferidos aos judeus. São Cipriano contra Judas. Livro I. Cap. 21. Nota de Scio. Bíblia. Ed. cit. Tomo I. Pág. 447.

[26] Bíblia. Deuteronómio. Cap. XXVIII. Versículos citados.

mandamentos e amaldiçoando-o se não os cumprir, profetizando além disso os castigos com que penará pela sua má conduta. Das maldições lançadas directamente por Deus contra os israelitas neste último caso, sòmente inserimos as que consideramos de maior transcendência, remetendo aqueles que as quiserem conhecer todas à própria Sagrada Bíblia, que nos serviu de fonte neste assunto.

«14. — Mais ainda se não me ouvires nem cumprires todos os meus mandamentos. 15 — Se desprezares as minhas leis e não deres apreço aos meus juízos, de maneira que não cumpras as coisas que eu estabeleci e invalides o meu pacto (aqui alude Deus Nosso Senhor ao facto de que os judeus com os seus pecados são os que invalidam e rompem o pacto ou aliança que celebrou Deus com o dito povo). 16. — Eu também farei isto convosco: vos visitarei prontamente com carestia e com um ardor que acabe com os vossos olhos e consuma as vossas almas. Em vão semeareis grãos que serão devorados pelos vossos inimigos. 17. — Porei o meu rosto contra vós e caireis frente aos vossos inimigos (outra predição de aniquilamento) e ficareis sujeitos àqueles que vos aborrecem. Fugireis sem que nenhum vos persiga (é impressionante ver como o delírio de perseguição colectiva que sofre actualmente o povo judeu coincide surpreendentemente com esta maldição divina). 18.— E se nem ainda assim me obedecerdes, acrescentarei sete anos tantos mais aos vossos castigos por causa dos vossos pecados. 38. — Perecereis entre as gentes e a terra inimiga vos consumirá. 39. — E se ficarem ainda alguns, apodrecerão em suas iniquidades na terra dos seus inimigos e serão afligidos pelos pecados dos seus pais e pelos seus.»

A palavra de Deus fala por si só. Deus deu a Israel enorme *privilégio, mas não para que usasse dele como de um foro que* lhe permitisse cometer impunemente toda a classe de pecados e de crimes, violando os mandamentos e ordens divinas. É por isso que Deus, que é todo justiça, sujeitou a existência desse privilégio e dessa bênção a condições muito rigorosas, que garantissem o bom uso dos mesmos por parte dos judeus, impondo-lhes, como condição, guardar, não sòmente alguns, mas precisamente todos os mandamentos, como expressamente se diz em diversos versículos do Deuteronómio e do Levítico. Mandou-lhes também que ouvissem os mandamentos divinos, dessem apreço aos seus juízos e cumprissem as coisas por Deus estabelecidas (Levítico, Capítulo XXVI, Versículos 14 e 15) sob pena de invalidar o pacto ou aliança outorgados por Deus ao dito povo. Mas que têm feito os judeus durante três mil anos? Em vez de cumprirem com os mandamentos e demais condições por Deus estabelecidas, assassinaram grande parte

dos profetas, renegaram o Filho de Deus, caluniaram-no e assassinaram-no, faltando ao primeiro mandamento, que ordena amar a Deus sobre todas as coisas; ao quinto, que prescreve não matar; ao oitavo, que proíbe levantar falsos testemunhos e mentir, assassinando além disso vários discípulos de Cristo, manchando as suas mãos em sangrentas revoluções onde mataram milhões de seres humanos e despojado os cristãos e gentios das suas riquezas, roubando-os primeiro com a usura e logo com o comunismo, e blasfemando horrìvelmente contra o nome de Deus, nos países comunistas, sem que valha a justificação que dão nas suas reuniões secretas, no sentido de que só o farão transitòriamente durante alguns séculos, enquanto a máquina destruidora do socialismo comunista aniquila todas as religiões falsas, para edificar sobre a ruína destas a religião toda deformada do Deus de Israel e do seu povo escolhido, que será a futura aristocracia da Humanidade.

É preciso notar que as blasfémias contra Deus e as negações do comunismo materialista não vão dirigidas contra tal ou qual religião tida por falsa, mas contra Deus em geral e contra todos os valores do espírito.

Nem o delírio de grandeza da Sinagoga de Satanás, nem o seu imperialismo demoníaco poderão justificar nunca as monstruosas blasfémias que contra Deus se lançam nos Estados sujeitos à ditadura socialista do comunismo, mesmo que se diga ser uma situação meramente transitória de uns quantos séculos.

Numa palavra, em lugar de cumprirem com os mandamentos e com tudo aquilo que Deus pôs como condição para que constituíssem o seu povo escolhido, violaram tudo sistemàticamente da forma mais transcendental, sobretudo ao perpetrar o deicídio, crime horrendo que consiste no assassínio de Deus Filho, culminação espantosa de tantos crimes e violações dos mandamentos, que continuam cometendo depois, durante quase dois mil anos, e que continuam a praticar nos nossos dias. Assim se têm feito merecedores de todas as maldições e castigos com que o próprio Deus os ameaçou se, em vez de cumprirem todos os mandamentos, lhes desobedecessem. Estas maldições e castigos profetizados pelo próprio Deus Nosso Senhor têm-se cumprido à letra. Até a mais terrível, que significa o aniquilamento e destruição em massa. Se se relerem de novo os versículos da Bíblia anteriormente descritos, que falam dessa destruição, e se compararem com as matanças de judeus na Europa ocupada pelos nazis, poder-se-á comprovar que uma vez mais na História se cumpriram as maldições e castigos anunciados por Deus Nosso Senhor há milhares de anos para o povo judeu. Evidentemente, que Deus Nosso Senhor tem utilizado inclusiva-

mente os povos pagãos, como os caldeus, os romanos e outros, como instrumentos da Divina Providência, para castigar os delitos e pecados do povo judeu e fazer cumprir as maldições preditas pelo mesmo Deus. E a Santa Inquisição, ao castigar com a morte os judeus infiltrados na Igreja e no clero, não foi mais que outro instrumento da Divina Providência, para lhes aplicar os castigos anunciados por Deus ao próprio Moisés.

Se os hebreus ou os seus instrumentos dentro da cristandade se sentem incomodados ao ler estas linhas, devem reconhecer, no entanto, que nem devemos nem podemos modificar os mandatos divinos.

No capítulo seguinte veremos como os profetas bíblicos, transmitindo a vontade de Deus, foram ainda mais claros que Moisés, no que respeita aos castigos que sofreriam os judeus em virtude dos seus pecados e crimes.

CAPÍTULO IV

MATANÇAS DE JUDEUS ORDENADAS POR DEUS, COMO CASTIGO

Dos tremendos castigos prescritos por Deus contra os judeus também falam constantemente os profetas da Sagrada Bíblia.

Na profecia de Isaías, Deus, pela boca daquele, predisse várias sanções contra os israelitas, que, sendo fastidioso transcrever, vamos reduzir apenas a estes dois versículos do Cap. LXV da dita profecia remetendo aqueles que quiserem aprofundar este tema para as Sagradas Escrituras: «11. — Mas vós, que desamparastes o Senhor, que esquecestes minha Santa Montanha, que pondes mesa à fortuna e derramais libações sobre ela. 12. — Por conta vos trespassarei à faca e todos vós caireis na matança; porque chamei e não respondestes, falei e não me ouvistes e fizestes o mal diante dos meus olhos e quisestes o que eu não quis.» [27]

O profeta Ezequiel narra que, indignado o Senhor pela idolatria dos judeus (como não estará indignado agora com esse novo tipo de idolatria do estado socialista e de outros feitiços, que os judeus têm instaurado nos infernos comunistas?), Deus lhe tinha revelado: «Cap. VIII. 18. — Pois também eu farei em mim furor: não perdoará meu olho, nem terei piedade; e quando gritarem aos meus ouvidos em vozes muito altas, não os ouvirei. Cap. IX. I. — E gritou em meus ouvidos com grande voz dizendo: Aproximam-se as visitas da cidade e cada um tem em sua mão um instrumento de matar.» 5. — E lhes disse ouvindo-o eu: Passai pela cidade seguindo-o e feri, não perdoe o vosso olho, nem vos apiedeis. 6. — Matai o velho, a criancinha e a donzela, o menino, e as mulheres, até que não fique nenhum: mas todo aquele sobre o qual virdes o Thau, não o mateis e começai pelo meu santuário. Começaram pois pelos homens mais velhos que estavam diante da casa. 7. — E lhes disse: Profanai a casa e enchei os pátios de mortos: Saí. E saí-

[27] Bíblia. Profecia de Isaías. Cap. LXV. Versículos 11 e 12.

ram e mataram aos que estavam na cidade. 8. — E, acabada a mortandade, fiquei eu e me prosternei sobre o meu rosto e disse a altas vozes: Ah, ah, ah, Senhor Deus! Porventura destruirás todas as relíquias de Israel, derramando o teu furor sobre Jerusalém? 9. — E disse-me: a iniquidade da casa de Israel e de Judá é muito grande em demasia e cheia está a terra de sangue. E a cidade cheia está de aversão porque disseram: desamparou o Senhor da terra e o Senhor não vê. 10. — Pois tão-pouco meu olho perdoará, nem terei piedade: retornarei o seu caminho sobre as suas cabeças.» [28] A palavra de Deus Nosso Senhor fala por si só. Não podemos, sem blasfemar nem contradizê-la, nem criticá-la. É a Justiça Divina, tal como no-la revelam as Sagradas Escrituras e não como a falsificam tanto os judeus declarados como os clérigos que se dizem cristãos, mas que obram como se fossem judeus, fazendo o jogo da Sinagoga de Satanás.

Na profecia de Oseas fala-se dos crimes de Israel e de Judá e dos castigos que Deus lhes imporá. «Cap. IV. 1. — Porque não há verdade, nem misericórdia, nem conhecimento de Deus na Terra. 2. — A maldição e mentira e homicídio e roubo e adultério a inundaram e um homicídio se toca com outro homicídio. Cap. V. 2. — E as vítimas fizestes cair no abismo... 5. — E se mostrará a arrogância de Israel em sua cara, e Israel e Efraim cairão na sua maldade, cairá também Judá com eles.» [29]

Ao tempo que se refere às maldades de Israel, expressa Deus Nosso Senhor, na profecia de Amós, sua resolução de não permitir que essas maldades passem mais adiante: «Cap. VIII. 2. — E disse: Que vês, Amós? E disse: um tulha para frutas. E disse-me o Senhor: Chegado é o fim sobre o meu povo de Israel: não o deixarei já passar mais adiante. Cap. IX. 1. — Vi o Senhor que estava sobre o altar e disse: Fere no peito, e estremeçam os dentes: porque avareza há na cabeça de todos, e meterei a espada até ao mais ínfimo deles: nenhum escapará. Fugirão e nenhum dos que fugirem se salvará.» [30]

Na profecia de Daniel, menciona este o que lhe revelou o Arcanjo São Gabriel, acerca da morte de Cristo, manifestando que o povo que o repudiou não seria mais o povo escolhido de Deus, mas que viria a desolação a Israel até à consumação e ao fim do mundo. «Cap. IX. 25. — Sabe pois e nota atenta-

[28] Bíblia. Profecia de Ezequiel. Cap. VIII. Versículo último e Cap. IX. Versículos citados.

[29] Bíblia. Profecia de Oseas. Cap. IV. Versículos 1 e 2 e Cap. V. Versículos 2 a 5.

[30] Bíblia. Profecia de Amós. Cap. VIII. Versículos 2 e Cap. IX. Versículo 1.

mente: Desde a saída da palavra, para que Jerusalém seja outra vez reedificada, até Cristo Príncipe, serão sete semanas e sessenta e duas semanas: e de novo será edificada a praça e os muros em tempos de angústia. 26. — E depois de sessenta e duas semanas, será morto o Cristo; e não será mais seu o povo que o negará. É um povo com um chefe que virá, destruirá a cidade e o santuário; e o seu fim virá, e depois do fim da guerra virá a desolação decretada. 27. — E afirmará a sua aliança com muitos (quer dizer, com os que abracem o cristianismo, que substituirá o antigo povo eleito), em uma semana: e em meio desta semana cessará a hóstia e o sacrifício; e será no templo a abominação da desolação; e durará a desolação à consumação e o fim.» [31] Quer dizer, até ao fim do mundo.

É inacreditável que alguns padres, que se dizem bons cristãos mas que mais se preocupam por defender o judaísmo do que defender a Santa Igreja, se atrevam a sustentar em nossos dias que o povo deicida continua a ser ainda o povo escolhido de Deus, apesar de todos os seus crimes e das passagens das Sagradas Escrituras, que demonstram que, longe de ser na actualidade o povo eleito como o foi antes de Jesus Cristo, é um povo amaldiçoado de Deus por terem caído sobre ele as maldições que o Senhor lhe lançou, para o caso em que não cumprisse com todos os seus mandamentos, maldições que com maior razão cairam sobre os judeus, por ter cometido o crime mais atroz e punível de todos os tempos: desconhecer, martirizar e crucificar a Deus Filho em pessoa.

É muito duro compreender toda a verdade sobre este assunto, a verdade nua, sobretudo num mundo influenciado há muitas gerações por um cúmulo de mentiras e de fábulas judaicas, usando as próprias palavras de São Paulo [32]. Fábulas que têm vindo a deformar a verdade acerca do problema judaico na própria mente dos católicos. É pois urgente que alguém se atreva a falar claro, ainda que resulte desagradável a todos aqueles que na cristandade se vão sentir feridos na própria carne. Recordemos que o próprio Cristo Nosso Senhor nos disse claramente que só a verdade nos faria livres [33].

Por outro lado, a palavra de Deus antes transcrita demonstra-nos que, assim como Deus foi enérgico e implacável na sua luta contra Satanás, também é implacável na sua luta contra as forças de Satanás na Terra.

---

[31] Bíblia. Profecia de Daniel. Cap. IX. Versículos 25, 26 e 27.

[32] São Paulo em sua Epístola a Tito. Cap I. Versículos 13 e 14. Dizia-lhe: «E que não dêem ouvidos a fábulas judaicas, nem a mandamentos de homens, que se apartam da verdade»

[33] Evangelho segundo São João. Cap. VIII. Versículo 32.

Isto deixa sem fundamento os intentos do inimigo de manietar os cristãos com uma moral derrotista e cobarde, baseada na ideia de uma suposta caridade cristã que eles modelam à sua vontade e cujo uso prescrevem para se enfrentarem às já assinaladas forças de Satanás na Terra, moral que contradiz visìvelmente a atitude combativa e enérgica de Deus Nosso Senhor nestes casos.

Com as anteriores passagens do Antigo Testamento, que contém o que Deus Nosso Senhor revelou ao mundo por intermédio de Moisés e dos profetas, fica por terra o mito de que o povo judeu é intocável, que ninguém pode combater os seus crimes porque é uma espécie de povo sagrado, pois já se viu que Deus previu os castigos que faria cair sobre ele se, longe de cumprir com todos os mandamentos, os violasse. A Santa Igreja, ao dar a sua aprovação à política repressiva do Santo Ofício da Inquisição, obrou em harmonia com o que Deus havia previsto no Antigo Testamento e defendeu toda a Humanidade, detendo durante vários séculos o progresso da conspiração sangrenta que está para afundar o mundo no caos e na escravidão mais monstruosa de todos os tempos.

Nós somos sinceramente inimigos do derramamento de sangue, o nosso fervoroso anelo é que as guerras desapareçam da face da Terra. Mas os judeus devem compreender que essas terríveis matanças que têm sofrido através de milénios, além de estarem anunciadas no Antigo Testamento, como castigo divino, têm sido a consequência em sua maior parte de uma conduta criminosa observada pelos israelitas no território dos povos que generosamente os deixaram imigrar e lhes ofereceram cordial hospitalidade.

Se os hebreus, em cada país que os recebe com os braços abertos, pagam esse bondoso acolhimento, iniciando uma traidora guerra de conquista, organizando conspirações, fazendo estalar revoluções, matando por milhares os cidadãos dessa nação, é natural que sofram as consequências dos seus actos criminosos. E se nós lamentamos o derramamento de sangue dos criminosos, ainda que tenha a sua justificação, com maior razão lamentamos o derramamento de sangue cristão e gentio que os judeus fazem verter em torrentes com as suas revoluções maçónicas e comunistas, ou mediante o terror vermelho onde conseguem impô-lo. Convidamos sinceramente a juventude judaica a meditar imparcialmente sobre este problema pondo de lado os falsos textos da história do judaísmo com que os rabinos a enganam, fazendo-lhe crer que os hebreus têm sido sempre inocentes, vítimas das demais nações para inculcar nos jovens judeus um ódio diabólico contra a Humanidade e uma sede paranóica de vingança.

CAPÍTULO V

ANTI-SEMITISMO E CRISTIANISMO

Em todos os seus empreendimentos imperialistas e revolucionários, os judeus têm empregado uma táctica inconfundível para enganar os povos, utilizando conceitos abstractos e vagos ou jogos de palavras de significado e conteúdo elásticos, que podem entender-se em forma equívoca e aplicar-se de diferentes maneiras.

Aparecem por exemplo os conceitos de igualdade, liberdade, fraternidade universal e, sobretudo, o de anti-semitismo, vocábulo este de enorme elasticidade, abstracção à qual vão dando diferentes significados e aplicações, tendentes a encandear os povos cristãos e gentios, com o fim de impedir que possam defender-se do imperialismo judaico e da acção destruidora das suas forças anticristãs.

A enganosa manobra pode sintetizar-se como segue:

PRIMEIRO PASSO. — Conseguir a condenação do anti-semitismo, por meio de hábeis campanhas e de pressões de todo o género, insistentes, coordenadas e enérgicas, exercidas por forças sociais controladas pelo judaísmo ou executadas por meio dos seus agentes secretos introduzidos nas instituições cristãs, nas suas igrejas ou nos seus estados.

Para poder dar este primeiro passo e conseguir que os dirigentes religiosos e políticos da cristandade, um após outro, vão condenando o anti-semitismo, dão a este um significado inicial que o representa:

A. — Como uma discriminação racial do mesmo tipo que a exercida pelos brancos de certos países contra os negros ou pelos negros contra os brancos. Também apresentam o anti-semitismo como um racismo que discrimina por inferiores a outras raças, contrário aos ensinamentos e à doutrina do mártir do Gólgota, que estabeleceu e afirmou a igualdade dos homens perante Deus.

B. — Como simples ódio ao povo judeu, que contradiz a máxima sublime de Cristo: «Amai-vos uns aos outros.»

C. — Como ataque ou condenação ao povo que deu o seu sangue a Jesus e Maria. A este, os judeus chamaram-lhe o «argumento irresistível».

Dando ao anti-semitismo inicialmente esses ou outros significados análogos, conseguiram os judeus ou os seus agentes infiltrados na cristandade surpreender a caridade, a bondade e a boa fé de muitos governantes cristãos e, inclusive, dirigentes religiosos, tanto da sua Igreja Católica como das Igrejas Protestantes e Dissidentes [34], para que, cedendo a tão bem organizadas como obscuras e persistentes pressões, se formulem censuras ou condenações abstractas e gerais contra o anti-semitismo sem entrar em pormenores sobre o que realmente se condena ou sobre o que significa esse anti-semitismo censurado, deixando assim impreciso e vago o que foi realmente objecto de condenação, com perigo de deixar aos judeus e seus agentes dentro da cristandade, como únicos intérpretes de tão graves decisões.

Quando os jerarcas religiosos, submetidos a inconfessáveis pressões, têm, pelo menos, o cuidado de definir o que entendem por esse anti-semitismo que condenam, o perigo é menor, visto que na condenação ficam bem precisos os termos daquilo que se condena; por exemplo, a discriminação racial ou o ódio aos povos.

Assim, mesmo que os judeus tenham de todos os modos a audácia de pretender uma interpretação mais ampla do anti-semitismo, para ampliar manhosamente o raio de acção da condenação, é mais fácil descobrir e demonstrar o sofisma em todos os seus alcances.

SEGUNDO PASSO. — Depois, quando os judeus ou os seus agentes secretos conseguirem essas condenações do anti-semitismo, darão a esse vocábulo um significado muito diferente do que lhe consignaram para obter tais condenações. Então serão anti-semitas:

I. — Aqueles que defendem os seus países das agressões do imperialismo judaico, fazendo uso do direito natural que têm todos os povos de defender a sua independência e a sua liberdade.

II. — Aqueles que criticam e combatem a acção dissolvente das forças judaicas, que destroem a família cristã e degeneram a juventude, com a difusão de falsas doutrinas ou de toda a classe de vícios.

---

[34] Abstemo-nos de empregar termos mais duros para designar as Igrejas Protestantes e Cismáticas, atendendo ao desejo que temos de conseguir a unidade dos cristãos, sobre as bases da autêntica ortodoxia.

III. — Aqueles que, de qualquer forma, censuram ou combatem o ódio e a discriminação racial, que os judeus se crêem com direito a exercer contra os cristãos, ainda que hipòcritamente tratem de o ocultar; e aqueles que de alguma forma denunciem as maldades, delitos e crimes cometidos pelos judeus contra os cristãos, muçulmanos ou outros gentios e pedem o merecido castigo.

IV. — Aqueles que desmascaram o judaísmo como dirigente do comunismo, da franco-maçonaria e doutros movimentos subversivos, pedindo que se adoptem as medidas necessárias para impedir a sua acção dissolvente no seio da sociedade cristã.

V. — Aqueles que de qualquer forma se opõem à acção judaica, tendente a destruir a Santa Igreja e a civilização cristã em geral. Este jogo sujo salta à vista: obtêm censuras ou condenações contra um anti-semitismo que identificam, quer como uma discriminação racial quer como uma manifestação de ódio aos povos, exercida contra os judeus, ambas contrárias à doutrina cristã, para depois dar novos significados ao vocábulo e tratar de que aqueles que defendem a Santa Igreja, as suas nações, as suas famílias, ou os seus direitos naturais, contra as agressões do imperialismo judeu, fiquem atados de pés e mãos e impedidos de realizar tão justa defesa.

Para o conseguir, as forças hebreias, públicas e secretas, montam uma aparelhagem estrondosa de propaganda e de lamentos, queixando-se clamorosamente dos anti-semitas, que são os que fazem uso de tais direitos de legítima defesa.

Esganiçam-se afirmando que a Igreja condenou o anti-semitismo; e condenam em seu nome tais dirigentes, que, segundo afirmam, nenhum crente deve secundar nesse labor anti-semítico de defesa dos seus povos, de seus familiares e da Santa Igreja, contra a acção revolucionária do imperialismo judaico; manobra torpe, mas que consegue semear a desorientação e provocar a debandada, enfraquecendo a acção desses respeitáveis condutores na defesa das suas nações e da civilização cristã. É a forma mais segura que eles têm ideado para conseguir o triunfo das revoluções judeo-maçónicas ou judeo-comunistas.

Estas tácticas têm assegurado o triunfo do judaísmo nos últimos tempos e provocado a consequente catástrofe que ameaça o mundo cristão. Por isso, este assunto deve ser estudado a fundo e meditado por todos aqueles que estão obrigados a defender a Santa Igreja e as nossas pátrias do imperialismo anticristão que representa o judaísmo moderno.

Um exemplo destas incríveis manobras oferece-nos o seguinte caso: o respeitável escritor católico D. Vicente Risco,

descreve-nos como certas organizações, fundadas para conseguir a conversão dos judeus, têm afinal sido mais eficazes para defender a raça judia do que para convertê-la. Os irmãos Lemann, por exemplo, aproveitaram o zelo evangélico da Santa Igreja mais para defender o povo judeu do que para conseguir resultados eficazes na conversão. Assim, quando o escritor católico Drumont denunciou no seu «France Juive», no século passado, a conspiração judaica para destruir a cristandade e dominar o povo francês, o P. Lemann respondeu em defesa da sua raça, contribuindo com isso para a derrota dos católicos em França e para o triunfo judeo-maçónico. Outro tanto ocorre com a Ordem de Nossa Senhora de Sião, fundada por judeus convertidos, a qual se dedica mais a defender os hebreus filiados na Sinagoga de Satanás do que na verdade em convertê-los.

Já neste século, fundou-se outra associação destinada a incorporar os judeus na Igreja, mediante a sua conversão. Tão evangélico ideal captou muitas simpatias, conseguindo atrair inumeráveis adesões de padres e seculares. O culto historiador Vicente Risco diz a tal respeito: «Dela fizeram parte numerosos fiéis influentes e ricos, Bispos e até Cardeais. Faziam propaganda e publicaram um folheto favorável aos judeus, intitulado «Pax Super Israel». Esta associação começou porém a defender doutrinas extravagantes, um pouco à margem do genuíno espírito da Igreja Católica, separando-se paulatinamente da tradição e dos ensinamentos dos Santos Padres e da liturgia, segundo disse uma revista católica.»

«Dizem que não devia falar-se de «conversão» dos judeus, mas sòmente de «ingresso na Igreja», como se os judeus não tivessem para isso que abandonar os seus erros. Repeliam os qualificativos de povo deicida aplicado aos judeus, de cidade deicida aplicado a Jerusalém, como se os judeus não tivessem contribuído para a morte de Jesus e como se a liturgia não lhes chamasse «pérfidos».

«Incriminavam os Santos Padres por «não terem compreendido o povo judaico», como se este não fosse culpado de persistir voluntàriamente no judaísmo.»

«Por último, insistiam na nacionalidade judia de Jesus Cristo e faziam observar que nós, os cristãos, por meio da Sagrada Comunhão, nos unimos com os judeus e contraímos com eles parentesco de sangue.»

«Naturalmente isto era já demasiado aventuroso. A Igreja não podia tolerá-lo e a Sagrada Congregação do Santo Ofício não teve outro remédio se não intervir. Como entre tão temerários «amigos de Israel» havia muitos fiéis de boa fé, Bispos e Cardeais, a Congregação, no seu decreto que data de 1928, não pronunciou uma condenação formal, mas sim implícita,

suprimindo a associação e o folheto «Pax Super Israel», origem da intervenção.» [35]

A assistência divina foi patente uma vez mais ao ficar destruída esta nova conjura, levada às mais altas esferas da Santa Igreja. Este exemplo tem grande actualidade, porque, segundo soubemos, os israelitas estão tramando alguma coisa de muito mais grave, para o Segundo Concílio Vaticano, onde, aproveitando-se do santo zelo da unidade cristã e da conversão dos judeus, procuram conseguir que se aprovem resoluções, com respeito aos hebreus, que não só contradigam a doutrina defendida pela Santa Igreja durante séculos mas também que, de forma quase imperceptível para a grande maioria dos Padres do Concílio, constituam tais resoluções, uma condenação tácita da política observada por Papas e Concílios anteriores durante mil e quinhentos anos.

Com respeito à associação filo-semita de que faziam parte Cardeais, Bispos e fiéis e ao seu folheto «Pax Super Israel», a sua condenação implícita pelo Santo Ofício, mediante o decreto de supressão do ano de 1928, não foi coisa fácil. Houve luta encarniçada nas mais altas esferas da Igreja, segundo se disse em fontes dignas de crédito, e quando os seus membros viram inevitável a dissolução da sociedade e a sua consequente proibição, deram um contragolpe desesperado, aproveitando-se novamente da caridade cristã e da boa fé dos altos dignitários da Santa Igreja, para conseguir que também se condenasse o anti-semitismo, considerando-o como uma manifestação do ódio de raças, contrário às prédicas de Cristo Nosso Senhor, baseadas no sublime lema: «Amai-vos uns aos outros.»

Assim conseguiram, depois de exercer influências e pressões múltiplas, que o Santo Ofício, que dissolvia a associação filo-semita, promulgasse um decreto, datado de 25 de Março do mesmo ano, em que se estabelecia que a Santa Igreja «assim como reprova todas as animosidades e ódios entre os povos, assim condena o ódio contra o povo em outros tempos escolhido de Deus, este ódio que hoje de ordinário se designa com a palavra anti-semitismo».

Como de costume, o judaísmo que conseguiu por meio do grupo condenado «Pax Super Israel», também uma condenação do anti-semitismo, identificando-o como um ódio a determinado povo, ódio incompatível com as prédicas de amor de Cristo Nosso Senhor, posteriormente tratou de fazer cair essa condenação sobre os católicos que defendem a Santa Igreja, a sua pátria e os seus filhos, da conspiração judia, dando à palavra

---

[35] Vicente Risco. «História dos Judeus». 3.ª Edição, 1960. Pág. 430 e 431.

anti-semitismo outro significado diferente daquele que serviu de base à condenação.

Com esta técnica seguida pelos judeus, quando algum católico dos Estados Unidos pede que o castiguem por ter entregue segredos atómicos à Rússia, dando assim ao comunismo poder para avassalar o mundo, diz-se-lhe que isso é anti-semitismo condenado pela Igreja e que deve calar-se. Se alguém denuncia os judeus como dirigentes do comunismo e da maçonaria e põe a claro os seus desejos de destruir a Santa Igreja, será também condenado por anti-semita. O resultado destes sofismas e intrigas é que se consideram os judeus como intocáveis, para que possam cometer toda a classe de crimes contra os cristãos, muçulmanos e demais gentios, urdir as mais destrutivas conspirações contra a Igreja e os estados cristãos e realizar as mais demolidoras revoluções franco-maçónicas ou comunistas, sem que ninguém lhes possa tocar, castigar, nem muito menos impedir as suas actividades, porque então seria acusado de anti-semitismo e cairia dentro da condenação do Santo Ofício. Se os dirigentes desta benemérita instituição, que dissolveram a organização filojudaica «Pax Super Israel», se tivessem dado conta do mau uso que iam fazer, o judaísmo e os seus agentes, do decreto condenatório do ódio a todos os povos e portanto ao povo judeu, teriam ficado sem dúvida horrorizados.

Se se quiser ver mais claramente a patranha urdida pelo judaísmo a esse respeito, basta ter em conta um exemplo muito eloquente, que evidencia o malévolo destes verdadeiros malabarismos realizados pelos hebreus e seus cúmplices com a palavra anti-semitismo:

Que pareceria aos judeus se, partindo da base de que a Santa Igreja condena o ódio de uns povos contra outros, se tivesse chegado durante a guerra passada à conclusão de que a dita condenação inclui o ódio ao povo alemão, chamado, por analogia, antigermanismo, para logo depois declarar ilícita a luta contra os nazis, visto que estes eram alemães e que combatê-los é uma manifestação de antigermanismo, condenado prèviamente? Teriam os judeus aceite semelhante forma de raciocinar, permitindo que a coberto destes jogos de palavras se pretendia declarar a Alemanha nazi intocável?

Ante um silogismo semelhante, os judeus, como o seu antecessor Caifás, teriam rasgado as suas vestimentas, protestando contra os criminosos jogos de palavras, o que não obsta a que os hebreus, com tranquilidade e cinismo, utilizem estes equívocos para tratar de impedir que os cristãos se possam defender.

Os judeus lançam armadilhas actualmente à Santa Igreja,

como antes as lançaram contra Cristo Nosso Senhor. Recordemos quantas vezes os seus dirigentes, sacerdotes, escribas e fariseus lhe estendiam laços e lhe punham enganos, a fim de conseguir que se contradissesse e perdesse a sua influência sobre o povo ou o colocar numa posição falsa que lhes permitisse justificar o seu assassínio.

Algo de semelhante ocorre agora com a Santa Igreja, que, tendo condenado o judaísmo e os judeus em repetidas ocasiões, durante mil e oitocentos anos, e havendo também lutado contra eles de forma tenaz e enérgica durante mil e quinhentos anos, está sendo obrigada a evitar, mais que nunca, as ciladas e laços que lhe preparam os hebreus, para a fazer contradizer-se a si mesma, utilizando os seus espias dentro do clero; com o fim de a impelir, por meio de enganos subtis, a condenar a doutrina e a política dos Padres da Igreja, de SS. SS. os Papas e dos Concílios Ecuménicos e Provinciais, que durante tantos séculos condenaram respectivamente os judeus, como ministros do demónio, e também os que, dentro do clero, os ajudavam em prejuízo da fé cristã.

E quanto às condenações do racismo, alguma coisa há do mesmo estilo. Primeiro, os israelitas e seus cúmplices no clero dão ao vocábulo racismo um significado restrito, equiparando-o à pretensão de determinada raça de considerar inferiores as demais e privá-las dos seus direitos naturais; ou a um racismo anti-semita, que sacrilegamente incluísse nas suas diatribes a Cristo Nosso Senhor, à Santíssima Virgem ou aos Apóstolos, para conseguir com tão impressionantes argumentos uma condenação do racismo em geral, que lhes permitisse depois acusar como racistas e lograr a condenação de todos os que lutam em defesa da Igreja, ou das suas nações contra a pressão judaica.

Além disso devemos tomar em consideração que isso de condenar o racismo é perigosíssimo para a Igreja Católica, já que existem Bulas de SS. SS. os Papas Paulo III e Paulo IV e de outros Papas proibindo e confirmando a proibição do acesso às dignidades da Igreja de católicos de raça judaica, Bulas essas que estudaremos posteriormente, pelo que uma condenação de racismo se prestará a que os mal-intencionados possam afirmar que a Santa Igreja se contradisse a si própria e, o que é mais grave, que condena tàcitamente alguns dos seus mais ilustres Papas, que aprovaram ou confirmaram os chamados Estatutos da Limpeza do Sangue.

MAURICE PINAY

COMPLÔ CONTRA A IGREJA

TOMO II

TOMO II

COMPLÔ CONTRA A IGREJA MAURICE PINAY

MAURICE PINAY

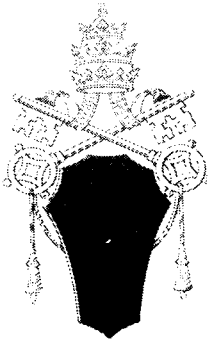
COMPLÔ
CONTRA A
IGREJA

MAURICE PINAY

COMPLÔ CONTRA A IGREJA

Do original em italiano publicado em Roma em 1962.

TOMO II



REVISÃO EDITORA LTDA
BRASIL – 1994

PARROQUIA DEL SAGRARIO METROPOLITANO

APARTADO 469 TELEFONO 3-55-01

HERMOSILLO, SONORA, MEXICO

Habiendo leído el libro publicado en Roma en 1962 COMPLOT CONTRA LA IGLESIA que fue distribuído entre todos los Padres Conciliares, no encontrando en él nada que se oponga a la fe y buenas costumbres, no tengo inconveniente en conceder el IMPRIMTUR CANONICO que se me ha pedido para la edición española que se está publicando en México.

Abril 18 de 1968.

+ Juan Navarrete
Arz. de Hermosillo

JUAN NAVARRETE

ARZOBISPO DE HERMOSILLO

CAPÍTULO VI

CRISTO NOSSO SENHOR, SÍMBOLO DO ANTI-SEMITISMO, SEGUNDO OS JUDEUS

Para que os padres católicos bem-intencionados se dêem conta de quanto é perigoso este assunto do anti-semitismo, devem saber que os hebreus, em épocas diferentes, têm considerado como anti-semitas Nosso Senhor Jesus Cristo, os Evangelhos, diversos Papas, Concílios e Santos da Igreja. E é natural que o tenham feito, uma vez que consideram anti-semita todo aquele que critica ou combate as suas maldades, os seus crimes ou as suas conspirações contra a Humanidade; ora, tanto Nosso Senhor Jesus Cristo como os Apóstolos, e demais autoridades católicas mencionadas, criticaram e combateram em diversas ocasiões as depredações dos judeus.

O Novo Testamento da Bíblia Sagrada, os Cânones dos Concílios, as Bulas e os Breves dos Papas e os testemunhos fidedignos de Santos canonizados pela Igreja assim como as confissões dos próprios judeus demonstram-no irrecusàvelmente, como se verá.

Para que os católicos não tenham a menor dúvida sobre os testemunhos que se apontam, vamos transcrever, para principiar, o que o destacado escritor sionista Joseph Dunner escreveu no seu livro intitulado «A República de Israel», no qual afirma o seguinte: «Para toda a seita crente em Cristo, Jesus é o símbolo de tudo o que é limpo, são e digno de amar. Para os judeus, a partir do século quarto, é o símbolo do anti-semitismo, da calúnia, da violência, da morte violenta.» [36]

Ao considerar Cristo Nosso Senhor como símbolo do anti-semitismo, ou melhor dito, do antijudaísmo, os israelitas têm toda a razão, porquanto se chama anti-semita a todo aquele que censura e combate as suas maldades, o nosso Divino Redentor foi o primeiro que o fez.

Jesus Cristo Nosso Senhor, discutindo com uns judeus, en-

---

[36] Joseph Dunner. «The Republic of Israel». Edição Outubro, 1950. Pág. 10.

tabulou com eles o seguinte diálogo, segundo narra o Evangelho de São João:

«Capítulo VIII, Versículo 39. — Responderam e lhe disseram: Nosso pai é Abraão. Jesus lhes disse: Se sois filhos de Abraão, fazei as obras de Abraão. 40. — Mas agora me quereis matar, sendo o homem que vos disse a verdade, que ouvi de Deus: Abraão não fez isto. 41. — Vós fazeis as obras de vosso pai. E eles lhe disseram: Nós não somos nascidos de fornicação: um pai temos que é Deus. 42. — E Jesus lhes disse: Se Deus fosse vosso pai certamente me amarieis. Porque eu de Deus saí e vim: e não de mim mesmo, mas Ele me enviou. 43. — Por que não entendeis esta minha linguagem? Porque não podeis ouvir a minha palavra. 44 — Vós sois filhos do diabo, e quereis cumprir os desejos de vosso pai: Ele foi homicida desde o princípio, e não permaneceu na verdade; porque não há verdade nele, quando fala mentira, de si fala, porque é mentiroso e pai da mentira; 47. — Aquele que é de Deus, ouve as palavras de Deus. Por isso vós não a ouvis, porque não sois de Deus; 48. — Os judeus responderam e lhe disseram: Não dizemos bem nós, que tu és Samaritano e que tens demónio?; 49. — Jesus respondeu: Eu não tenho demónio; mas honro a meu Pai, e vós me haveis desonrado.» E esta passagem do Evangelho termina com os seguintes Versículos: «57. — E os judeus lhe disseram: Ainda não tens cinquenta anos e viste Abraão? 58. — Jesus lhes disse: Em verdade, em verdade vos digo, que antes que Abraão fosse, eu sou; 59. — Tomaram então pedras para lhe atirar, mas Jesus se escondeu e saiu do templo.» [37]

Na passagem anterior do Evangelho de São João, vê-se como Cristo Nosso Senhor, com palavras serenas, deita à cara dos judeus os seus intentos homicidas, chamando-lhes filhos do diabo. Demonstra igualmente que os hebreus desses tempos, à semelhança dos actuais, não podem sustentar uma discussão em forma serena e honesta sem fazer intervir nela os insultos, a calúnia ou a acção violenta, segundo lhes convém. E se, com o nosso Divino Salvador, empregaram a mentira e o insulto, tratando de desonrá-lo como Ele mesmo o testemunha no Versículo 49, ou pretendendo terminar a discussão com pedradas, que podemos nós esperar deles, nós, pobres seres humanos?

No Capítulo XXIII do Evangelho segundo São Mateus, Nosso Senhor Jesus Cristo, referindo-se aos dirigentes judeus que tanto o combateram [38] chama-lhes hipócritas (Versículos 13, 14, 15, etc.), cheios de iniquidade (Vers. 28), néscios, cegos

[37] Evangelho segundo São João. Cap. VIII. Versículos citados.

[38] O nosso Divino Redentor increpa aqui os escribas, fariseus e rabinos, tudo gente que integrava a intelectualidade dirigente do povo judeu.

(Vers. 17); limpos por fora e cheios por dentro de rapacidade e imundície (Vers. 25); sepulcros branqueados, que parecem de fora formosos aos homens e dentro estão cheios de ossos de morto e de toda a sujidade (Vers. 27): descendentes dos assassinos dos Profetas (Vers. 31), terminando o dito Capítulo dos Santos Evangelhos com esta terminante acusação de Nosso Senhor Jesus Cristo contra os judeus que renegaram o seu Messias e o combatiam e que, pela sua importância, inserimos completa: «33. — Serpentes, raça de víboras, como fugireis do julgamento de Gehenna? 34.— Por isso, e aqui eu vos envio, a vós profetas e sábios e doutores, e a eles matareis e crucificareis em vossas sinagogas e os perseguireis de cidade em cidade; 35. — Para que venha sobre vós todo o sangue inocente que se tem vertido sobre a Terra, desde o sangue de Abel o Justo até ao sangue de Zacarias, filho de Barachias, o qual matastes entre o templo e o altar; 36. — Em verdade vos digo, que todas estas coisas virão sobre esta geração; 37. — Jerusalém, Jerusalém, que matas os Profetas e apedrejas aqueles que a ti são enviados, quantas vezes quis abrigar os teus filhos, como a galinha abriga os seus pintos debaixo das asas, e não o quisestes?» [39].

Cristo Nosso Senhor, melhor do que ninguém, denuncia aqui os instintos assassinos e crueis dos judeus, sendo compreensível, porque na revelação que fez ao seu amado discípulo e que este consignou no Apocalipse, chamou aos judeus que desconheceram o seu Messias «A Sinagoga de Satanás» [40], denominação tão acertada como divina, que nos séculos posteriores foi usada pela Santa Igreja Católica com muita frequência, como designação do judaísmo criminoso e conspirador, o qual, desde que assassinou o Filho de Deus, não cessou de cometer toda a classe de crimes contra Deus e contra a Humanidade. Por nossa parte, no presente livro utilizaremos este termo de Sinagoga de Satanás para identificar com frequência o judaísmo moderno, já que dificilmente se poderá encontrar um qualificativo mais apropriado do que esse, concebido por Cristo Nosso Senhor.

Dificilmente se poderá encontrar entre os caudilhos que têm combatido o judaísmo na era cristã quem tenha usado palavras tão duras contra ele, como as que empregou o próprio Jesus Cristo. Não é pois de estranhar que o escritor judeu Joseph Dunner, na sua citada obra, assegure que os judeus consideram Cristo como «símbolo do anti-semitismo», principal-

[39] Evangelho segundo São Mateus. Cap. XXIII. Versículos 33 a 37.

[40] São João. Apocalipse. Cap. II. Versículo 9 e Cap. III. Versículo 9.

mente quando muitos cristãos e gentios têm sido acusados de anti-semitismo por ataques muito menores.

Por isso, é tão perigoso que os clérigos cristãos bem-intencionados se deixem arrastar por aqueles que o não são, a lançar condenações gerais e vagas de anti-semitismo, que os expõe a condenar o próprio Cristo Nosso Redentor, os seus Apóstolos, Santos e Papas, qualificados como anti-semitas pela Sinagoga de Satanás, também é perigoso que o façam, porque os judeus tratam logo de utilizar tais condenações como uma nova carta de corso, capaz de lhes facilitar a execução e garantir-lhes a impunidade em toda a classe de crimes, delitos e conspirações contra a Humanidade, que nem sequer poderá defender-se eficazmente contra eles.

É preciso ter em conta que em todo o país ou instituição a que o judaísmo chega a ter influência suficiente, seja com as suas actividades públicas ou de forma secreta, por meio da sua quinta coluna, a primeira coisa que faz é conseguir uma condenação do anti-semitismo, que impeça ou paralise, segundo o caso, qualquer intento de defesa. Quando conseguem com os seus enganos impor uma situação tão irregular, qualquer conspiração, traição, crime ou delito político, só poderão ser castigados se são cometidos por um cristão ou um gentio, mas não se o cometem um ou mais judeus, pois se alguém quer impor a sanção aos responsáveis, escutará o clamor das campanhas de Imprensa, de rádio e de cartas, artificialmente organizadas pelo poder oculto judaico, protestando indignadamente contra o surto de anti-semitismo, que, como peste odiosa, acaba de surgir.

Isto é sob todos os aspectos injusto, incrível e absurdo, visto que os judeus carecem do direito de exigir um privilégio especial, que lhes permita impunemente cometer crimes, atraiçoar os povos que os albergam e organizar conspirações e revoltas, com o fim de assegurar o seu domínio sobre os demais.

Sem distinções de raças ou religiões, toda a pessoa ou organização responsável da prática desta classe de delitos deve receber o merecido castigo. Esta verdade não pode ser mais evidente e simples, e, ainda que os judeus não a queiram, está plenamente vigente também para eles.

É igualmente muito frequente que os judeus, além de aproveitarem as condenações do anti-semitismo da forma que já se viu, utilizam outro ardil com iguais fins. Este artifício baseia-se no sofisma urdido pelos mesmos judeus e secundados por clérigos católicos e protestantes, que, consciente ou inconscientemente, lhes fazem o jogo, que consiste em afirmar, de forma solenemente dogmática: «Que é ilícito lutar contra os judeus porque são o povo que deu o seu sangue a Jesus.»

Tão torpe sofisma é muito fácil de refutar citando apenas as passagens dos Santos Evangelhos, em que Cristo Nosso Redentor, depois de chamar uma vez aos judeus que o combatiam «raça de víboras» [41], repele claramente os parentescos de carácter sanguíneo, reconhecendo sòmente os de carácter espiritual. Com efeito, nessa passagem, lê-se o seguinte: «São Mateus, Cap. XII, 47. — E lhe disse um deles: «Olha que tua mãe e os teus irmãos (quer dizer, os teus parentes próximos) [42] estão fora e te procuram; 48. — E ele, respondendo àquele que lhe falava, lhe disse: Quem é a minha mãe e quem são os meus irmãos? (quer dizer, os meus parentes); 49. — E estendendo a mão para os seus discípulos disse: Vede aqui a minha mãe e os meus irmãos. 50. — Porque todo aquele que fizer a vontade de meu Pai, que está nos céus, esse é meu irmão e irmã e mãe.» [43]

Por isso, ainda que Jesus tivesse parentesco consanguíneo por parte de sua mãe, com o antigo povo hebreu dos tempos bíblicos, é evidente que para o futuro dava valor só aos parentescos espirituais, prescindindo dos laços consanguíneos existentes com os seus aparentados; e com maior razão, com o povo judeu, que o repeliu como Messias, renegando-o, e o martirizou e assassinou por meio de lento e cruel suplício, até consumar o crime mais atroz de todos os tempos, convertendo-se em povo deicida.

Mas Cristo, ao chamar aos judeus que o repudiaram filhos do diabo e raça de víboras, afirmava ser Ele, o Filho de Deus, fazendo ver que nenhum parentesco podia vinculá-lo a eles, visto que nenhum pode haver entre Filho de Deus e os filhos do demónio, nem pode existir nexo algum entre o bem e o mal.

É pois completamente falsa e até herética a tese de que a Sinagoga de Satanás, quer dizer, o judaísmo moderno, haja dado o seu sangue a Cristo e que por isso não se possa combatê-lo. Se fosse certa tão infame tese, nem o próprio Jesus Cristo, nem os seus Apóstolos, nem muitos Santos, Concílios e Papas a teriam combatido.

É absurdo identificar o primitivo povo hebreu de Abraão, Isaac, Jacob, Moisés, Maria Santíssima e os Apóstolos, que recebeu o privilégio divino de ser o povo escolhido do Senhor, com os judeus posteriores, que ao violar a condição imposta por Deus para ser povo escolhido, se fizeram além disso credores, pelos seus crimes, apostasias e maldades, ao título da Sinagoga de Satanás.

---

[41] Evangelho segundo São Mateus. Cap. XII. Versículo 34.

[42] É convenção em linguagem bíblica chamar irmãos aos parentes próximos.

[43] Evangelho segundo São Mateus. Cap. XII. Versículos citados.

O privilégio de povo escolhido de Deus foi herdado pela Santa Igreja de Cristo, verdadeira sucessora espiritual do primitivo povo hebreu dos tempos bíblicos. E as profecias do Antigo Testamento quanto ao verdadeiro povo de Deus apontam para a Igreja de Cristo, que actualmente é o verdadeiro povo de Deus. Portanto, considerar agora povo de Deus o de Israel é negar os efeitos da vinda de Cristo e negar a razão de ser do cristianismo. Só os padres sucessores de Judas Iscariote poderiam afirmar semelhante aberração.

Na mesma confusão em que incorrem os clérigos cristãos, que fazem o jogo da Sinagoga de Satanás, caíram, embora com objectivos completamente opostos, certos sectores extremistas do nazismo, os quais, no seu afã de combater o judaísmo internacional, inventaram uma doutrina racista, que, identificando de forma tão absurda como blasfema o povo escolhido de Abraão, Isaac, Moisés, Maria Santíssima e os Apóstolos com a Sinagoga de Satanás, ou seja, com o judaísmo moderno, repudiaram por igual uns e outros, como membros de uma raça indesejável e sustentando uma tese inaceitável para os cristãos.

Os alemães anticomunistas, que de forma tão heróica estão lutando actualmente contra o imperialismo soviético, devem meditar serenamente neste assunto, para que aqueles que estão combatendo contra o judaísmo satânico não cometam de novo o erro dos nazis extremistas, que os leve a essa absurda e anticristã confusão de tipo racista, que, além de ser injusta, equívoca e blasfema, provocaria a indignação dos cristãos, nestes momentos em que é necessária a união de todos os homens honrados do mundo, de todos os que crêem em Deus e na causa do Bem, para combater a fera judeo-comunista que avança incontível e sanguinária, ameaçando por igual toda a Humanidade, sem distinção de raças ou religiões.

Para dar uma prova contundente de perigoso que é formular condenações gerais do anti-semitismo, vamos, por último, citar um documento irrefutável, o de uma das obras oficiais mais importantes do judaísmo contemporâneo: a «Enciclopédia Judaico-Castelhana», publicada em 1948, pela Editorial Enciclopédia Judaica, México, D. F., e em cuja elaboração colaboraram entre outros: Ben Zion Uziel, Grande Rabino da Terra Santa; Máximo Yagupsky, do Departamento Latino-Americano do American Jewish Committee, de Nova Iorque; Haim Nahoun Effendi, Grande Rabino do Egipto; Dr. Georg Herlitz, Director dos Arquivos Centrais Sionistas de Jerusalém; Prof. Dr. Hugo Bergmann, catedrático e ex-Reitor da Universidade de Jerusalém; Isidore Meyer, bibliotecário da American Jewish Histori-

cal Society, de Nova Iorque, e muitíssimos destacados dirigentes e homens de letras do judaísmo mundial.

O mais importante é que a dita enciclopédia judaica, na palavra *anti-semitismo,* dá uma definição do que os hebreus consideram como tal, dizendo entre outras coisas o seguinte: «B — Na Idade Média. Com o estabelecimento da Igreja Cristã como religião de estado e sua expansão na Europa, começou a perseguição dos judeus pelos cristãos. Os motivos foram a princípio puramente religiosos.»

«A autoridade espiritual da Igreja não ficou na realidade estabelecida se não muito imperfeitamente. À medida que a heresia levantava cabeça, a perseguição fazia-se mais intensa e abatia-se comummente contra o judeu, perene e cómoda cabeça de turco. Frente aos esforços propagandísticos da Igreja, o judeu era o negador constante. Grande parte do anti-semitismo cristão devia-se à transformação do ritual religioso que a Igreja tinha adoptado do judaísmo, em simbolismo antijudeu. A festa judia da Páscoa relacionou-se com a crucificação»... «E os sermões começaram a chamar aos judeus pérfidos, sanguinários, etc., e a excitar contra eles os sentimentos do povo. Eram-lhes atribuídos poderes mágicos e maléficos devido à sua aliança com Satanás. O mundo católico chegou a crer que os judeus sabiam que a doutrina cristã era a verdadeira, mas que se negavam a aceitar esta verdade e que falsificavam os textos bíblicos para impedir a sua interpretação cristológica. A aliança judaica com Satanás não era uma alegoria para a mentalidade medieval, nem invenção de um clero fanático. O próprio Evangelho (S. João, 8, 44) dizia que os judeus são filhos do diabo. Os Ministros da Igreja recalcavam constantemente o satanismo dos judeus e chamavam-lhes discípulos e aliados do diabo...» «A constante acusação eclesiástica do deicídio, da sua sede de sangue cristão, das suas profanações mágicas de crucifixos, da sua falta de razão e dos seus maus instintos produziram um quadro demasiado horrível para que não exercesse os efeitos mais profundos sobre as multidões»... «Apesar de a Igreja tratar de conter por meio de linhas papais e encíclicas o ódio popular que ela mesmo tinha criado, os sentimentos antijudeus da época traduziram-se em excessos de populacho, em matanças de judeus, em expulsões, conversões forçadas»... E depois de citar os enciclopedistas hebreus, as leis antijudaicas de alguns monarcas cristãos, algumas das quais dizem haver sido inspirados por vários Padres da Igreja, como Ambrósio e Crisóstomo, concluem afirmando que: «No entanto, a legislação mais hostil provinha da própria Igreja, dos seus concílios, dos acordos papais e do direito canónico

cuja severidade cresceu constantemente desde o século IV até ao XVI.» [44]

Uma das últimas manifestações da literatura judaica que sustenta a tese de que a Igreja tem sido injusta contra os hebreus desde que «os romanos condenaram Cristo» são os livros de Jules Isaac, «Jesus e Israel» e o recente «L'Enseignement du Mépris», enaltecido pelo escritor e político Carlo Bo [45].

As pressões constantes daqueles que dentro da Santa Igreja servem os interesses do judaísmo, dirigidas para obter condenações ambíguas do anti-semitismo, não podem ter outro objecto sinistro do que conseguir que a Igreja acabe por se condenar a si própria, visto que os judeus, que se sentem mais do que ninguém autorizados para definir o anti-semitismo, consideram a Santa Igreja, conforme aqui se poderá verificar, como a responsável principal de um feroz anti-semitismo cristão.

---

[44] «Enciclopédia Judaico-Castelhana». México, D. F. 1948. Vocábulo *Anti-semitismo*. Tomo I Pág. 334 a 337.

[45] Carlo Bo. «E ancora difficile dire ebreo». Artigo da revista «L'Europeo».

CAPÍTULO VII

O POVO DEICIDA

Recordemos que uma associação intitulada «Amigos de Israel», da qual faziam parte inclusivamente Cardeais e Bispos, foi dissolvida por S. S. Pio XI, por indicação do Santo Ofício, em 1928, e que entre as novidades escandalosas que a dita associação divulgou encontra-se a afirmação de que o povo judeu não foi deicida, contradizendo o sustentado pela Santa Igreja durante quase vinte séculos. Condenada implìcitamente pela Igreja, esta associação foi dissolvida pelo mencionado decreto. Ninguém imaginava que voltassem a ressurgir as suas aventurosas e, segundo alguns, até heréticas teses, até que, com grande surpresa, se verificou que, mais de trinta anos depois, os judeus as tinham feito ressuscitar, sendo secundados por um grupo numeroso de clérigos que, desafiando a condenação implícita do Santo Ofício, asseguram ser completamente falso que Nosso Senhor Jesus Cristo tenha sido morto pelos judeus, sendo os verdadeiros responsáveis do assassínio os romanos, pelo que é injustificado chamar deicida ao povo judeu.

A audácia dos nossos amigos de Israel raia os limites do inconcebível, pois atrevem-se a contradizer não sòmente os Apóstolos do Senhor mas também o próprio Cristo, como a seguir se demonstrará com textos do Novo Testamento, que revelam:

I — Que Cristo acusou os judeus e não os romanos de o quererem matar.

II — Que foram os judeus e não os romanos que planearam matar Jesus e que o tentaram destruir em várias ocasiões antes da sua paixão e morte.

III — Que foram os judeus e não os romanos os instigadores e verdadeiros responsáveis do crime.

IV — Que os Apóstolos culparam os judeus e não os romanos da morte de Jesus.

Primeira tese — Cristo acusou os judeus e não os romanos de o quererem matar. Provas:

No Evangelho segundo São João, Capítulo VIII, narra o

Apóstolo que, discutindo Jesus com uns judeus lhes disse: «37. — Eu sei que sois filhos de Abraão. Mas que me quereis matar, porque a minha palavra não cabe em vós.»

E depois, segundo indica o Apóstolo no Versículo 40 do mesmo capítulo, Jesus Cristo Nosso Senhor volta a dizer aos judeus: «40. — Mas agora me quereis matar, sendo homem, que vos disse a verdade, que ouvi de Deus. Abraão não fez isto.» [46]

E noutro capítulo do referido Santo Evangelho (o VII), assinala o discípulo amado que, tendo certo dia subido Jesus ao templo para pregar, dizia aos judeus: «19. — Porventura não vos deu Moisés a lei? E nenhum de vós faz a Lei. 20. — Porquê me quereis matar?» [47]

Em nenhuma passagem dos Evangelhos aparece que Cristo Nosso Senhor tenha dito que os romanos o queriam assassinar, antes pelo contrário, acusa os judeus de o quererem fazer. Crêem pois os clérigos que sustentam a duvidosa tese que Cristo Nosso Senhor se equivocou e que eles acabam de descobrir neste século aquilo que Nosso Senhor Jesus Cristo não pôde sequer suspeitar, ou seja, que eram os romanos e não os judeus os que o queriam matar.

Segunda tese — Foram os judeus e não os romanos que repetidamente planearam e intentaram matar Jesus, antes da sua paixão e morte. Provas:

O Evangelho segundo São Mateus, Cap. XXI, narra-nos que Cristo Nosso Senhor, «23. — E havendo ido ao templo, os príncipes dos sacerdotes e os anciãos do povo se chegaram a ele enquanto estava ensinando e lhe disseram: Com que autoridade fazes estas coisas? E quem te deu esse poder?» A seguir o evangelista continua a narrar a discussão sustentada por Jesus com tão altos dirigentes do povo judaico, para terminar essa passagem com estes dois versículos: «45. — E quando os príncipes dos sacerdotes e os fariseus ouviram as suas parábolas, entenderam que deles falava; 46. — E querendo deitar-lhe a mão, temeram o povo, porque o olhava como um profeta.» [48]

Esta passagem mostra que as intenções de agressão não partiam de judeus irresponsáveis, mas dos principais dirigentes do povo judeu, que eram então os príncipes dos sacerdotes e os anciãos do povo, assim como os fariseus também de influência decisiva no governo dessa nação.

No Evangelho segundo São Marcos, Cap. III, lê-se o seguinte: «1. — E entrou Jesus de novo na sinagoga e havia ali

---

[46] Evangelho segundo São João. Cap. VIII. Versículos 37 e 40.

[47] Idem. Idem. Cap VII. Versículos 19 e 20.

[48] Evangelho segundo São Mateus. Cap. XXI. Versículos 23, 45, 46.

um homem que tinha uma mão seca; 2. — E o estavam observando se o curaria em dia de sábado para o acusar. 5. — E olhando-os em redor com indignação, condoído da cegueira do seu coração, disse ao homem: Estende a tua mão. E a estendeu e foi-lhe curada a mão. 6. — Mas os fariseus, saindo dali, entraram logo em conselho contra ele, como os herodianos, procurando meios de fazê-lo perecer.» [49]

Vê-se pois que os sectores dirigentes do povo judeu tinham tramado a morte de Jesus, muito antes de o terem levado a Pilatos, sem que em contrapartida exista nos Evangelhos qualquer passagem que indique a menor intenção ou plano dos romanos tendente a realizá-la.

São João atesta que tendo Jesus curado num dia de sábado o paralítico, os judeus o perseguiram, dizendo no Cap. V, Versículo 18: «E por isso os judeus ainda mais o procuravam matar, porque não sòmente quebrantava o sábado, mas também porque dizia que era Deus seu Pai, fazendo-se igual a Deus.» [50]

No Evangelho de São Lucas, o Apóstolo conta-nos como estando Cristo em Nazaré, foi num sábado à sinagoga e começou a pregar, causando grande desgosto em muitos dos assistentes com as suas prédicas. Diz o evangelista nos Versículos 28 e 29 do Cap. IV: «28. — E foram na sinagoga todos cheios de fúria ouvindo isto. 29. — E se levantaram e o puseram fora da cidade, e o levaram até ao alto do monte, sobre o qual estava edificada a sua cidade, para o despenhar.»

Se no seu próprio povo intentaram matá-lo, isso quer dizer que os desejos de o assassinar eram gerais, e não sòmente confinados aos dirigentes judaicos de Jerusalém.

Novamente São João assinala, no Cap. VII, Versículo 1: «E depois disto andava Jesus pela Galileia, porque não queria passar à Judeia, porquanto os judeus o buscavam para matá-lo.»

Mais clara não pode ser esta passagem. Em toda a Judeia, os judeus procuravam Jesus para o matar, mas, não tendo chegado a sua hora, ele preferia não entrar nessa região. Mas se foram várias as tentativas e conjuras prévias para assassinar Jesus, foram os judeus também e não os romanos os que prepararam a conspiração final que deu como resultado a sua morte.

Terceira tese — Foram os judeus e não os romanos os instigadores e verdadeiros responsáveis do crime. Provas:

No Evangelho de São Lucas, Cap. XXII, diz o Apóstolo: «1. — E estava já perto a festa de Azymos, que é chamada Pás-

---

[49] Evangelho segundo São Marcos. Cap. III. Versículos 1, 2, 5, 6.

[50] Evangelho segundo São João. Cap. V. Versículo 18.

coa. 2. — E os príncipes dos sacerdotes e os escribas procuravam como fariam morrer Jesus.» [51]

Por sua vez, no Evangelho segundo São João, Cap. XI, encontra-se o seguinte: «47. — E os príncipes dos sacerdotes e os fariseus reuniram-se em concílio e diziam: que fazemos, porque este homem faz muitos milagres? 49. — Mas um deles, chamado Caifás, que era o sumo pontífice naquele ano, lhes disse: Vós não sabeis nada. 50. — Nem pensais que vos convém que morra um homem pelo povo e não que toda a nação pereça. 53. — E assim desde aquele dia pensaram como lhe dariam a morte. 54. — Pelo que não se mostrava já Jesus em público entre os judeus.» [52]

São Lucas diz que foram os judeus e não os romanos que subornaram Judas para que entregasse Cristo. «Cap. XXII: 3. — E Satanás entrou em Judas, que tinha por apelido Iscariote, um dos doze. 4. — E foi e tratou com os príncipes dos sacerdotes e com os magistrados de como o entregaria. 5. — E folgaram e concertaram em dar-lhe dinheiro. 6. — E ficou com eles de acordo. E buscava motivo para o entregar sem concurso de gentes.» [53]

São João faz constar no seu Evangelho da forma como foi aprisionado Jesus: «Cap. XVIII»: 1. — Quando Jesus acabou de dizer estas coisas, saiu com os seus discípulos do outro lado do arroio de Cedrón, onde havia um horto, no qual entrou ele e os seus discípulos. 2. — E Judas, que o entregava, sabia também daquele lugar. Porque muitas vezes ia ali Jesus com os seus discípulos. 12. — A coorte, pois, o tribuno e os ministros dos judeus prenderam Jesus e o amarraram. 13. — E o levaram primeiro a Anás, porque era sogro de Caifás, o qual era pontífice naquele ano. 14. — E Caifás era o que tinha dado o conselho aos judeus: que convinha que morresse um homem pelo povo. 24. — E Anás o enviou atado ao pontífice Caifás. 28. — Levaram pois Jesus desde a casa de Caifás até o pretório, e era pela manhã; e eles não entraram no pretório para não se contaminarem e para poder comer a Páscoa. 39. — Costume tendes vós de que vos solte um pela Páscoa. Quereis pois que vos liberte o Rei dos judeus? 40. — E então voltaram a gritar todos dizendo: Não a este mas a Barrabás. E Barrabás era um ladrão.» [54]

E no Capítulo XIX continua narrando que, depois de açoi-

[51] Evangelho segundo São Lucas. Cap. XXII. Versículos 1 e 2.

[52] Evangelho segundo São João. Cap. XI. Versículos 47, 49, 50, 53 e 54.

[53] Evangelho segundo São Lucas. Cap. XXII. Versículos 3, 4, 5 e 6.

[54] Evangelho segundo São João. Cap. XIX. Versículos 4, 5, 6, 7, 15, 16, 17 e 18.

tar Pilatos a Jesus, com o fim (segundo comenta a nota três da Bíblia de Scio, tomo V, página 255) de que vendo Jesus nesse estado, que podia comover a compaixão das próprias feras, se abrandasse o seu coração: «4. — Pilatos, pois, saiu outra vez para fora e lhes disse: Vede que o tiro para fora, para que saibais que não encontro nele causa alguma. 5. — E saiu Jesus levando uma coroa de espinhos e um manto de púrpura e Pilatos lhes disse: Vede aqui o homem. 6. — E quando o viram, os pontífices e os ministros em altas vozes diziam: Crucificai-o, crucificai-o! Pilatos lhes disse: Tomai-o vós e crucificai-o, porque eu não encontro nele causa. 7. — E os judeus lhe responderam: Nós temos a lei e, segundo a lei, deve morrer, porque se fez Filho de Deus. 15. — E eles gritavam: Deixa, deixa, crucifica-o. Pilatos lhes disse: Ao vosso Rei hei-de crucificar? Responderam os pontífices: Não temos Rei senão a César. 16. — E então entregou-o para que fosse crucificado. E agarraram Jesus e o tiraram para fora. 17. — E levando a sua cruz às costas saiu para aquele lugar que se chama Calvário e, em hebreu, Gólgota. 18. — E ali o crucificaram e com ele a outros dois de um lado e do outro e Jesus no meio.» [55]

A Pilatos ocorreu-lhe o que a outros que não são dessa raça de víboras, utilizando as próprias palavras de Cristo, que não imaginou a que grau chegaria a sua crueldade, pois é algo de excepcional na história da Humanidade. E é que tendo renegado o seu Deus e Senhor, caíram no mais profundo do abismo. Se com Jesus fizeram, já não nos pode estranhar o horrível crime ritual que estiveram realizando os judeus durante vários séculos, de cujos monstruosos casos existem irrefutáveis testemunhos, inclusive de Santos da Igreja Católica. Este crime ritual consistia, segundo é sabido, em capturar uma inocente criança cristã e submetê-la, em Sexta-Feira Santa, a todas as torturas da Paixão, fazendo-a padecer a morte cruel que deram a Cristo Nosso Senhor. Reproduziam a sangue-frio, na infeliz criança, a Paixão e Morte de Jesus. A veneração que se rende aqui na Itália aos beatos Simoncino de Trento e Lorenzino de Marostica, têm precisamente a sua origem em que ambos foram martirizados pelos judeus.

Tudo isto nos parecia incrível, se não existissem provas irrefutáveis da sua realização, não só através da Idade Média mas também na Idade Moderna.

Só uma raça de víboras como a qualificou o Filho de Deus, raça fria e sem misericórdia, assassina de Jesus Cristo, pode ter chegado a esses extremos de vesânia, que ainda hoje em dia continuamos a presenciar em países comunistas, onde, com re-

[55] Evangelho segundo São João. Cap. XIX. Vers. 4 a 7 e 15 a 18.

quintes de crueldade, torturam e matam milhões de cristãos e gentios.

Enquanto a Fera permaneceu acorrentada segundo os termos do Apocalipse de São João, durante mil anos, quer dizer, do século V ao século XV, limitou-se a crucificar crianças indefesas, a cuspir em crucifixos e imagens de Maria Santíssima, a ultrajar objectos sagrados, a tentar enlamear a memória de Jesus e de Maria com blasfémias e calúnias horrendas, mas quando a Fera se soltou, em princípios do século XVI, acabou por assolar o mundo nos séculos XIX e XX.

Já não se limitou então em cuspir e conspurcar sacrilegamente os crucifixos nem as imagens de Maria Santíssima, nem caluniar horrìvelmente a sua memória. Já não foi necessário, à falta de outros objectivos, concentrar todo o seu ódio e toda a sua crueldade sobre crianças inocentes; livre o monstro apocalíptico das suas cadeias, livre já das leis eclesiásticas e civis que mantinham os judeus encerrados em ghetos, separados dos cristãos, sem a proibição de ocupar postos dirigentes na sociedade cristã, lançou-se em apoderar-se de tudo, em arrasar as instituições cristãs umas após outras, desatando o seu ódio diabólico sobre toda a cristandade, que nos países comunistas está sendo sistemàticamente destruída.

O que acabamos de dizer confirma-o o escritor judeu Salvatore Jona, quando diz: «Os hebreus, saídos do gheto, lançaram-se à conquista de todas aquelas posições, materiais e espirituais, que lhe tinham sido negadas nos séculos passados...» [56]

Sòmente a mão que martirizou Jesus Cristo pode ser capaz de organizar «Tchecas» e polícias secretas, para cometer crimes hediondos e em número espantoso como não tem paralelo na história.

São Marcos, no Capítulo XIV do seu Evangelho, diz-nos: «1. — E dois dias depois era a Páscoa e os Azimos; e os príncipes dos sacerdotes e os escribas andavam buscando como o prenderiam por ardil e o fariam morrer. 10. — E Judas Iscariote, um dos doze, foi aos príncipes dos sacerdotes para o entregar. 11. — Eles quando o ouviram folgaram e prometeram dar-lhe dinheiro. E buscava ocasião oportuna para o entregar.» É necessário fazer notar que Judas não tentou sequer entregá-lo aos romanos, mas sim aos judeus, porque eram eles e não os romanos os interessados em matar Cristo. Por outro lado, não foram os romanos, mas os judeus, que pagaram a Judas pela sua traição.

Numa passagem que demonstra que foram os dirigentes

[56] Salvatore Jona. «Gli Ebrei in Italia durante il Fascismo». Milano, 1962. Pág. 7.

espirituais e civis do povo judeu e não os romanos os que mandaram prender Jesus, São Marcos continua: «43. — E estando ainda ele falando, chega Judas Iscariote, um dos doze, e com ele um grande tropel de gente, com espadas e paus, de parte dos príncipes dos sacerdotes e dos escribas e dos anciãos. 44. — E o traidor lhes havia dado um sinal, dizendo: Aquele que eu beijar, esse é; prendei-o e levai-o com cuidado. 46. — Então eles deitaram-lhe as mãos e o prenderam; 53. — E levaram Jesus a casa do sumo sacerdote e se juntaram todos os sacerdotes e os escribas e os anciãos. (Quer dizer, os dirigentes do povo judeu, a mais ampla representação de Israel). 55. — E os príncipes dos sacerdotes e todo o concílio buscavam algum testemunho contra Jesus para fazê-lo morrer e não o encontravam; 56. — Porque muitos davam falso testemunho contra ele. 59. — E não se concertava o testemunho deles. 60. — E levantando-se no meio, o sumo sacerdote perguntou a Jesus, dizendo: Não respondes alguma coisa ao que estes afirmam contra ti? 61. — Mas ele calava e nada respondeu. Tornou a perguntar-lhe o sumo sacerdote e lhe disse: És tu o Cristo, o Filho de Deus bendito? 62. — E Jesus lhe disse: Eu o sou e vereis o Filho do homem sentado à mão direita do poder de Deus e vir com as nuvens do céu. 63. — Então o sumo sacerdote rasgando as suas vestes disse: Para que necessitamos já de testemunhos? 64. — Haveis ouvido a blasfémia? Que vos parece? E o condenaram todos eles em que era réu de morte. 65. — E alguns começaram a cuspir-lhe e cobrindo-lhe a cara lhe davam pancadas e lhe diziam: Adivinha quem te bateu? E os ministros lhe davam bofetadas.» [57]

Durante cerca de dois mil anos, todo o mundo tem estado horrorizado da crueldade e dureza de coração demonstradas pelos judeus no martírio do seu próprio Deus, crueldade e sadismo que se manifestaram posteriormente onde quer que interviessem, especialmente naqueles países em que conseguiram impor a sua ditadura totalitária, socialista ou comunista.

Os Santos Evangelhos mostram-nos claramente três das que têm sido e continuam a ser as armas favoritas do judaísmo na sua luta contra a cristandade: a mentira, a calúnia e o crime, as três utilizadas implacàvelmente até contra o seu Deus e Senhor. Posteriormente, utilizam-nas contra toda a Humanidade, tendo-lhes valido o nome que tão justamente ostentam de «país da mentira e da calúnia».

Com estas ignóbeis armas abatem fàcilmente os mais fir-

[57] Evangelho segundo São Marcos. Cap. XIV. Versículos 1, 10, 11, 43, 44, 46, 53, 55, 56, 59, 60 e do 61 a 65.

mes defensores da nossa fé, que caem sem remédio perante o ataque traiçoeiro dos agentes do judaísmo metidos na Igreja.

Os supremos governantes e dirigentes de Israel, o sumo pontífice Caifás, os príncipes dos sacerdotes, os anciãos, magistrados, escribas, herodianos e até os influentes fariseus, foram responsáveis do deicidio, posto que, a princípio, a massa do povo seguiu Cristo e aqueles que planearam a sua morte temeram o povo, mas pouco a pouco foram os sacerdotes e dirigentes envenenando o ambiente e convencendo o povo contra Jesus, até que por fim conseguiram enfrentar as turbas contra o seu Messias, como o prova a seguinte passagem do Evangelho segundo São Mateus, Cap. XXVII: «1. — E vinda a manhã todos os príncipes dos sacerdotes e os anciãos do povo entraram em conselho contra Jesus, para o entregarem à morte. 2. — E o levaram atado e o entregaram ao governador Pôncio Pilatos; 15. — Pela solenidade do dia costumava o governador entregar livre ao povo um preso, aquele que quisessem. 16. — E nessa altura tinha um preso muito famoso que se chamava Barrabás. 17. — E tendo-os juntado lhes disse Pilatos: A quem quereis que vos entregue livre? A Barrabás, ou porventura a Jesus, que é chamado o Cristo? 20. — Mas os príncipes dos sacerdotes e os anciãos convenceram o povo a que pedisse Barrabás e que fizesse morrer Jesus. 21. — E o governador lhes respondeu e disse: A qual dos dois quereis que vos entregue livre? Disseram eles: A Barrabás. 22. — Pilatos lhes disse: Pois que farei de Jesus, que é chamado o Cristo? 23. — Dizem todos: Seja crucificado. O governador lhes disse: Mas que mal fez ele? E eles levantavam mais o grito dizendo: Seja crucificado. 24. — E vendo Pilatos que nada adiantava, mas que crescia mais o alvoroço, tomou água e lavou as mãos diante do povo, dizendo: Inocente estou eu do sangue deste justo; que ele caia sobre vós. 25. — E respondendo, todo o povo disse: Sobre nós e sobre os nossos filhos caia o seu sangue. 26. — Então lhes soltou Barrabás; e, depois de ter feito açoitar Jesus, entregou-o a eles para que o crucificassem.» [58]

Esta passagem, por si só, constitui uma prova da plena culpabilidade dos judeus no assassínio de Cristo Nosso Senhor. Demonstra também a responsabilidade que teve o povo judeu neste crime, pois, não obstante os seus dirigentes religiosos e civis e os seus representantes legais o premeditarem, o prepararem e o consumarem, na última hora o povo em massa podia tê-lo salvo, pedindo Jesus em lugar de Barrabás, em vez do qual pediu que deixasse livre a este último, ainda que caísse sobre ele e os seus descendentes o sangue do Filho de Deus.

[58] Evangelho segundo São Mateus. Cap. XXVII. Versículos citados.

CAPÍTULO VIII

OS APÓSTOLOS CONDENAM OS JUDEUS PELO ASSASSÍNIO DE CRISTO

Quarta tese — Os Apóstolos culparam os judeus e não os romanos pela morte de Cristo. Provas:

No livro da Sagrada Bíblia, «Os Feitos dos Apóstolos», Cap. II, São Pedro, dirigindo a palavra a judeus de diversos países, reunidos em Jerusalém, onde cada qual (depois da vinda do Espírito Santo) entendia a palavra do Apóstolo na sua própria língua, lhes disse: 14. — Varões da Judeia e todos os que habitais em Jerusalém, isto vos seja notório e ouvi com atenção as minhas palavras. 22. — Varões de Israel, escutai estas palavras: A Jesus Nazareno, varão aprovado por Deus entre vós, com virtudes e prodígios e sinais, que Deus obrou por Ele no meio de vós, como também vós sabeis. 23. — A este que por determinado conselho e presciência de Deus foi entregado, o matastes crucificando-o, por mãos de malvados [59]. São Pedro deita pois claramente a responsabilidade do assassínio sobre todo o povo judeu e não culpa os romanos. Os clérigos que têm defendido de uma forma tão incrível o contrário ainda supõem que São Pedro mentiu quando disse aos judeus vindos de outras terras: «Varões de Israel, o matastes crucificando-o?».

No cap. III da obra citada encontramos a passagem relativa à cura do coxo de nascença: «11. — E estando aí Pedro e João, veio apressuradamente a eles todo o povo ao pórtico, que se chama Salomão, atónitos. 12. — E vendo isto Pedro disse ao povo: Varões israelitas: Por que vos maravilhais disto, e por que pondes os olhos em nós, como se por nossa virtude ou poder houvéssemos feito andar a este? 13. — O Deus de Abraão e o Deus de Isaac e o Deus de Jacob, o Deus dos nossos pais, glorificou o seu Filho Jesus, a quem vós entregastes e negastes diante de Pilatos, julgando ele que se devia libertar. 14. — Mas vós negastes ao Santo e ao Justo e pedistes que vos desse um homem homicida. 15. — E matastes o autor da vida, a

[59] Sagrada Bíblia. «Os Feitos dos Apóstolos». Cap. II. Vers. 4 a 14 e 22 a 23.

quem Deus ressuscitou de entre os mortos, do qual nós somos testemunhas.» [60]

Nesta passagem do Novo Testamento, estando reunido todo o povo, São Pedro atirou à cara dos judeus o terem matado a Cristo.

Ainda encontramos em «Os Feitos dos Apóstolos», Cap. V, uma passagem em que não sòmente São Pedro mas também os demais Apóstolos acusam categòricamente da morte de Cristo o Concílio dos Anciãos de Israel convocado pelos sacerdotes: «29. — E respondendo a Pedro e os Apóstolos, disseram: É mister obedecer a Deus mais que aos homens. 30. — O Deus dos nossos pais ressuscitou a Jesus, a quem vós matastes pondo-o num madeiro.» [61]

Temos pois aqui um testemunho colectivo dos Apóstolos, acusando os judeus e não os romanos de terem morto Cristo.

E se tudo isto não fosse suficiente, citaremos os testemunhos de São Paulo e de Santo Estêvão, primeiro mártir do cristianismo.

São Paulo, na sua Epístola I aos Tessalonicenses, Cap. II, referindo-se aos judeus, diz: «15. — Os quais também mataram ao Senhor Jesus e aos Profetas e nos têm perseguido a nós e não são do agrado de Deus e são inimigos de todos os homens.» [62]

São Paulo, neste versículo, qualificou contundentemente os judeus como «inimigos de todos os homens», realidade que não pode ser posta em dúvida por quem tenha estudado a fundo a ideologia e as actividades clandestinas do povo judeu.

Mas é muito provável que se São Paulo tivesse vivido nos nossos dias, tivesse sido condenado por anti-semita ao declarar pùblicamente uma verdade que, segundo os judeus e seus cúmplices dentro do clero, não deve jamais mencionar-se.

Por seu lado, o protomártir Santo Estêvão, dirigindo-se a judeus da Sinagoga dos Libertinos, dos Cireneus, dos Alexandrinos e daqueles que eram da Cicilita e da Ásia, quer dizer, a judeus de diferentes partes do mundo, lhes disse na presença do sumo sacerdote, chefe espiritual de Israel: «51. — Duros de cerviz e incircuncisos de corações e de ouvidos, vós resistis sempre ao Espírito Santo, como vossos pais, assim também vós. 52. — A qual dos Profetas não perseguiram vossos pais? Eles

---

[60] Bíblia. «Os Feitos dos Apóstolos». Cap. III. Versículos 11 a 15.

[61] Idem. Idem. Cap V. Versículos 21, 29 e 30.

[62] Idem. Epístola I de São Paulo aos Tessalonicenses. Cap. II. Versículo 15.

mataram aqueles que anunciaram a vinda do Justo, do qual vós agora haveis sido traidores e homicidas.» [63]

O testemunho de Santo Estêvão coincide pois com o dos Apóstolos e o de São Paulo, ao considerar os judeus globalmente como povo, quer dizer, tanto aos de Jerusalém e demais lugares da Judeia, como aos que viviam noutras partes do mundo, responsáveis do homicídio. Tudo isto consta dos Livros Sagrados, onde não se encontra um só versículo que culpe os romanos do assassínio.

Em resumo, tanto as denúncias prévias de Cristo Nosso Senhor como os testemunhos dos Apóstolos, incluindo de S. Paulo, dos Santos Evangelhos e de Santo Estêvão, constituem uma prova irrefutável de que a Santa Igreja, longe de ter estado equivocada durante dezanove séculos, ao considerar deicida o povo judeu, tem estado naquilo que é de justiça e que assacar aos romanos a responsabilidade do crime carece de todo o fundamento.

É de surpreender pois a posição de certos padres, ao pretenderem adulterar a verdade histórica de forma tão incrível, numa intenção verdadeiramente audaz e demente, que consiste em procurar realizar quase uma nova reforma na Santa Igreja, ao pretender fazê-la renegar o seu passado e contradizer-se a si mesma.

Se Cristo Nosso Senhor condenou os judeus que o desconheceram, se os Apóstolos tiveram de combater as suas maldades, se São Paulo e Santo Estêvão lutaram constantemente contra eles, se os Papas e os Concílios Ecuménicos e Provinciais, durante vários séculos, lhes lançaram as mais tremendas condenações e lutaram contra a Sinagoga de Satanás, os novos reformadores pretendem, não obstante, contradizendo a doutrina tradicional da Santa Igreja, que esta se alie com a Sinagoga de Satanás e entre em acordo com ela. Esta é uma das coisas que deseja impor ao Concílio Vaticano II este grupo de padres, no qual, à semelhança da associação condenada pelo Santo Ofício em 1928, figuram até Cardeais e, segundo temos conhecimento, o referido grupo procura mudar a Santa Igreja de rumo, pugnando porque se façam acordos que impeçam os cristãos de defender-se das agressões do imperialismo judeu.

Nestas circunstâncias, não poderia conseguir-se que um Concílio Ecuménico anulasse o estabelecido por outros a tal respeito, sem antes estabelecer a crença de que foram os romanos e não os judeus os responsáveis do crime deicida. Com

---

[63] Bíblia. «Os Feitos dos Apóstolos». Cap. VI. Versículo 9 e Cap. VII. Versículos 1, 2, 51 e 52.

este fim estão realizando uma activa propaganda tendente a conseguir os seus objectivos. Também projectam, se lhes resultar culpar os romanos da morte de Cristo, fazer recair essa culpa sobre toda a Humanidade, empregando o sofisma de confundir a causa eficiente com a causa final, e afirmando que posto que Cristo morreu com o fim de nos redimir, fomos nós os assassinos e não os israelitas. Este sujo sofisma equivaleria ao que se utilizasse dizendo que, dado que muitos judeus têm sido mortos pelos árabes, por defenderem o seu Estado de Israel, foi este último quem os matou e não os patriotas árabes que nessas lutas lhes deram morte. Isto é o cúmulo. Não só os judeus tratam de obrigar a Igreja que retire ao judaísmo a sua responsabilidade da morte do Senhor mas pretendem fazer crer aos fiéis cristãos que fomos nós os assassinos. Os planos judeus para converter a Igreja num dócil instrumento ao seu serviço chegam aos limites da loucura.

Temos conhecimento também de que os judeus já cantam vitória, assegurando que conseguiram mover com todo o êxito as suas influências para que, em breve, se faça também uma verdadeira reforma na liturgia católica de todos os êxitos alusivos às supostas perfídias e maldades do povo judeu.

Numa palavra, entre as reformas da Igreja que os judeus projectam por meio dos seus amigos figura a supressão na liturgia e nos ritos católicos de tudo aquilo que tem por fim precaver os cristãos e a Santa Igreja contra o perigo judeu e os assaltos da Sinagoga de Satanás, para que, ao desconhecerem os padres e os fiéis a gravidade desses perigos, sejam vencidos e dominados mais fàcilmente pelo judaísmo.

Mas, por mais que utilizem todo o género de ardis para enganar Sua Santidade ou para controlar o Concílio Ecuménico, esbarrarão perante a assistência divina à Igreja. Confiamos tranquilos na sublime promessa feita a Pedro por Deus Nosso Senhor de que as forças do inferno não prevalecerão contra ela.

CAPÍTULO IX

MORAL COMBATIVA E NÃO UM DERROTISMO MORTAL

Um dos mais perversos ardis, de magnífico resultado para os judeus na sua luta pelo debilitamento do cristianismo, com o fim de conseguir a sua destruição, tem sido o de explorar a ideia de uma suposta moral e caridade cristãs, criadas a seu arbítrio, que utilizam com demolidora precisão como arma destrutiva contra a cristandade. Parece incrível que coisas tão nobres, como a moral e a caridade cristãs, se convertam, por sua influência maléfica, em perigosas emboscadas. Mas os judeus têm vindo a fazer esta hábil transmutação com resultados tão nocivos para a Santa Igreja, que é preciso dar a voz de alerta, expondo o perigo com clareza, para evitar aos cristãos uma fatal queda na armadilha.

Para melhor compreensão deste assunto, pode recorrer-se a comparações, que, se bem que sejam um tanto vulgares, resultam, no entanto, muito elucidativas. Suponhamos que, num combate de boxe, se obriga nos momentos decisivos da luta um dos pugilistas a continuar a combater com uma mão atada, deixando-lhe a possibilidade de utilizar sòmente a outra para bater no adversário, enquanto este continua utilizando as duas. Qual seria o resultado desta luta? Não seria de estranhar que nela sucumbisse o infeliz a quem ataram uma mão. Pois bem, é isto precisamente o que tem conseguido em diversas ocasiões o pérfido judaísmo, com os povos cristãos, ao deformar a caridade e a moral cristãs, que em seguida serão utilizadas para atá-los dos pés e mãos e conseguirem assim a sua derrota nas lutas empreendidas pelo judaísmo para dominá-los e escravizá-los.

Assim, cada vez que os cristãos reagem numa tentativa de se defenderem da Sinagoga de Satanás, de defender a Santa Igreja, a sua pátria, ou de preservar os direitos naturais que têm como pessoas, como chefes de família, etc., sempre que estão a ponto de obter a vitória, de derrotar e castigar os judeus ou os seus satélites, estes recorrem à tábua de salvação, à caridade cristã, tratando de comover os

cristãos com este recurso, para lograr que suspendam a luta ou se abstenham de coroar a vitória quase conseguida.

Também recorrem a este ardil para impedir que se lhes imponha o castigo que merecem, como criminosos responsáveis da agressão repelida. Tudo isso com o fim de que, ao amparo dessa trégua ou perdão, obtidas graças a um abuso da caridade cristã, possam as forças do judaísmo refazer as suas hostes, recuperar o poder necessário e iniciar de novo o ataque esmagador e sem perdão, demolir o irremediável, depois de cuja vitória não haverá que esperar nenhum género de moral nem de caridade judaica.

Para lograr os seus intentos de manietar os cristãos e impedir que se defendam, os israelitas e os seus agentes no clero deitam mão de jogos de palavras e de conceitos sofísticos. Dizem, por exemplo: Se Deus perdoa a qualquer pecador que se arrepende antes da morte, porquê, vós, os cristãos, não imitais o seu Deus e Senhor? Partem pois de uma premissa verdadeira, a doutrina cristã acerca do perdão dos pecados, para tratar de a aplicar de forma sofística, dela tirando consequências falsas.

Esquecendo além disso que Deus castiga os pecadores que não se arrependem, com o terrível inferno eterno, e aos que se arrependem, com o purgatório, castigos estes mais duros que aqueles que os homens podem aplicar, mas os judeus querem tergiversar quanto ao perdão cristão.

Desta forma, deduzem, por exemplo, com base nas ditas premissas, que os cristãos estão obrigados a deixar sem o justo castigo os criminosos judeus que assassinam o rei, o presidente da república ou a qualquer outro cristão. Tiram também em consequência disso que os católicos estão obrigados a deixar em liberdade os espiões que entreguem segredos vitais a uma potência inimiga, para que possam continuar as suas actividades traidoras e facilitem a derrota da pátria. Chega-se mesmo assim à conclusão de que os cristãos estão obrigados a deixar sem castigo e ainda a pôr em liberdade os conspiradores, aos que planeiam uma revolução sangrenta e aqueles que a realizam para que, livres e sem castigo, possam continuar conspirando até implantarem a ditadura judaico-comunista no país, com todo o seu aparato de repressão sangrenta e de tirania. Com habilidades sofísticas como estas, surpreendem os judeus e seus agentes infiltrados no clero cristão a boa fé de muitos, que caem fàcilmente no engano, dando aos conspiradores judeus e aos seus satélites a possibilidade de triunfo dos seus satânicos propósitos.

No entanto, é bem claro que o facto de a Igreja Católica aceitar o perdão dos pecados não implica a aceitação de que

os criminosos e os delinquentes ou conspiradores devam escapar à justiça humana, e, nem sequer, à justiça divina.

Alguns escritores que se dizem cristãos, mas que, com a sua actuação, demonstram estar ao serviço da Sinagoga de Satanás, utilizam sofismas tão absurdos como os que a seguir citamos: o italiano filo-semita Ernesto Rossi, num capítulo destinado à defesa dos hebreus, faz um apelo aos cristãos, tratando de utilizar, em apoio da sua tese derrotista, palavras do evangelista São Mateus: «Então Pedro, aproximando-se, disse: Senhor, quantas vezes perdoarei a meu irmão que tenha pecado contra mim? Até sete? Jesus lhe respondeu: Eu não te digo que até sete, mas sim até setenta vezes sete.» [64] E Julião Green, citado por Carlos Bo, no artigo referido diz: «Não se pode bater num judeu sem tocar ao mesmo tempo naquele que é homem por excelência e a flor de Israel: Jesus... Cristão, seca as lágrimas e o sangue do teu irmão judeu e o rosto de Cristo resplandecerá.»

É necessário um grande cinismo para tratar de identificar a Cristo Nosso Senhor com aqueles que o crucificaram e continuam a combatê-lo até aos nossos dias.

Com frequência os hebreus e seus satélites têm o atrevimento de utilizar esse ardil da moral e da caridade cristã para impedir que os fiéis de Cristo se defendam, ou defendam as suas nações ou instituições religiosas das conspirações e agressões provenientes da Sinagoga de Satanás para o que utilizam sempre clérigos católicos ou protestantes, que, dizendo-se bons cristãos, fazem o jogo constantemente da maçonaria, do comunismo ou de qualquer outra empresa judaica. Este tipo de clérigos tem chegado ao extremo de recordar aos cristãos o Sermão da Montanha e outras prédicas de Nosso Senhor Jesus Cristo sobre o perdão ou o amor aos inimigos, com vista a comover e até fazer pressão espiritualmente aos crentes, por meio de semelhantes ardis, intentando deliberar e até paralisar a luta que têm empreendido contra as forças do mal. A acção destes poderes tem sido com frequência responsável em grande parte dos triunfos maçónicos ou comunistas.

Podemos assegurar sem receio de dúvida que têm sido estas perversas maquinações que em grande parte têm permitido à Sinagoga de Satanás mudar, pelo menos até agora, o rumo da História, de forma desastrosa para as forças do bem e favoràvelmente para as hostes do mal. A Santa Igreja pôde, durante mil anos, até fins do Séc. XV, derrotar a Sinagoga de Satanás em todos os combates em que, ano após ano, teve de sustentar contra ela. A cristandade esteve então a ponto de

---

[64] Ernesto Rossi. «Il Manganello e L'Asperzario». Firenze. Pág. 35.

obter uma vitória definitiva, que teria salvo o cristianismo do Cisma protestante, das sangrentas guerras religiosas, das revoluções maçónico-liberais que ensanguentaram o mundo inteiro e das revoluções comunistas ainda mais sangrentas e ameaçadoras.

O Santo Ofício da Inquisição tão caluniado pela propaganda judaica e que foi criado com o fim de combater e vencer o judaísmo e os movimentos subversivos que em forma de heresias utilizara para dividir e desagregar a cristandade, teria podido, com os meios com que contava, obter uma vitória definitiva da Santa Igreja, se os pérfidos judeus não tivessem conseguido impedi-lo, utilizando os ardis que estamos a analisar, precisamente nos momentos decisivos dessas lutas, esgrimindo sofisticamente a caridade cristã (que os judeus nunca praticam) para comover a hierarquia cristã, eclesiásticos e civis e obter a sua protecção contra os zelosos inquisidores e ainda perdões gerais dos criminosos, que, em vez de agradecer, os utilizavam só para refazer em segredo as suas forças e voltar anos depois à luta com novas heresias, uma, outra e mais vezes. Por fim, em princípios do século XVI, a judiaria internacional conseguiu quebrar a unidade da cristandade e abrir a brecha pela qual se lançou ao assalto da cidadela cristã, com as consequências catastróficas que na actualidade todos podemos verificar.

Aproveitaram-se, pois, muito astutamente, da bondade dos cristãos, utilizando as medidas de perdão e de trégua obtidas por meio de mentiras de todo o género, para mudar o rumo da História no sentido favorável às forças de Satanás e da sua Sinagoga.

A Santa Igreja pode medir a magnitude da catástrofe, considerando os milhões e milhões de almas que se perderam para o catolicismo com a cisão protestante, as revoluções maçónico-liberais e, sobretudo, com as revoluções comunistas dos nossos dias.

É preciso fazer constar esta significativa coincidência: aqueles períodos da História em que os dirigentes cristãos, tanto civis como eclesiásticos, têm tolerado e protegido mais os judeus, são os períodos em que a Sinagoga de Satanás tem feito mais progressos na sua luta contra a Santa Igreja e os povos cristãos, conseguindo vitórias esmagadoras.

Pelo contrário, naquelas etapas históricas, em que os Papas, os Concílios Ecuménicos e os monarcas cristãos observaram uma política enérgica e eficaz contra o judaísmo, foram de triunfo para a Santa Igreja e para os povos cristãos na sua luta contra os hebreus e contra as heresias que estes organizavam e disseminavam, triunfos às vezes obtidos até com a força das armas e que permitiram salvar milhões de almas,

cristãos, religiosos ou civis, que de muito boa fé cometeram erros políticos ao dar ao inimigo uma protecção, que, com o tempo, facilitou a este os seus triunfos sobre a cristandade, portanto o que na realidade ocorreu foi que sucumbiram frente aos hábeis enganos da Sinagoga, atraídos pelo pesadelo dessas temíveis «fábulas judaicas» de que falava São Paulo. É preciso recordar que o demónio é o pai da mentira e mestre na arte de enganar os homens, arte que foi herdada por seus filhos espirituais, os judeus modernos, de quem Cristo Nosso Senhor disse que eram «filhos do diabo».

Não é o momento de criticar ninguém, nem de lamentações inúteis sobre o que outros puderam fazer e não o fizeram; o que urge é que nós actuemos com rapidez e energia, antes que seja demasiado tarde. É imperioso que os católicos e demais cristãos interrompam o seu sono e despertem para a actual realidade.

Na Rússia, ao implantar-se a ditadura socialista, milhares de Arcebispos, Bispos, Dignitários e Sacerdotes foram sumidos em cárceres imundos, onde passaram anos inteiros até à sua morte; muitos outros foram torturados cruelmente e assassinados; milhões de cristãos de todas as classes sociais foram sujeitos a indescritíveis tormentos e metidos em escuras e sujas prisões durante anos e anos; outros milhões sofreram espantoso aniquilamento às mãos dos judeus implacáveis que não perdoam, que destroem e escravizam.

Estes tremendos perigos ameaçam todo o mundo por igual. Se o comunismo chegasse a triunfar na totalidade do planeta, como vai suceder se não nos unirmos para o impedir, visto que Deus não ajuda aquele que não se ajuda, então Cardeais, Arcebispos, Bispos, Cónegos, Sacerdotes e Frades serão internados em escuros cárceres e horríveis campos de concentração por largos anos, torturados e finalmente assassinados. Que sirva de exemplo a Rússia, a China comunista e todos os demais países onde vai triunfando o avassalador cilindro do comunismo judaico.

Karl Marx, Engels e Lenine, cujas doutrinas seguem os comunistas, disseram-no claramente nas suas obras: o clero das diferentes religiões e, sobretudo, o cristianismo, deve ser exterminado, e a classe burguesa tem de ser destruída, aniquilada totalmente, entendendo por classe burguesa os proprietários de prédios urbanos ou rurais, de fábricas, de serviços públicos, de oficinas e de comércios. Todos devem ser assassinados sem distinção de ideologia, sejam direitistas, centristas ou esquerdistas, pois trata-se não da destruição deste ou daquele sector

burguês, mas sim da totalidade da classe burguesa. Assim está decretado pelos fundadores e dirigentes do comunismo.

Os únicos que escapam à matança, como é natural, são os judeus, ainda que pertençam a qualquer daquelas classes sentenciadas, visto que nem sequer se salvam os mações burgueses de origem cristã, que também são assassinados. Com isto demonstra uma vez mais o judaísmo a sua ingratidão para com aqueles que o ajudam, os quais aproveita enquanto deles necessita para em seguida os eliminar por sua vez.

Mas tão-pouco se salvarão do desastre as classes operárias e rurais, utilizadas pelo judaísmo como escalão para instaurar as ditaduras socialistas, porque a experiência russa e chinesa tem demonstrado claramente que as ditas classes sociais, além de terem sido cruelmente escravizadas, foram dizimadas pelo assassínio de milhões dos seus componentes, que haviam cometido o grave delito de protestar pela mentira urdida em seu prejuízo por aqueles que, prometendo-lhes um paraíso, lhes têm dado um inferno.

Esta é a tremenda realidade. É inútil que se trate de ocultá-la, minimizá-la ou mesmo negá-la. Os membros dessa quinta coluna inimiga introduzidos nas fileiras da cristandade e cuja existência demonstraremos na quarta parte desta obra com provas evidentes e irrefutáveis; estes falsos católicos quinta-colunistas, ao serviço do inimigo, tratam de fazer crer que o perigo não existe ou pelo menos diminuem a importância que realmente tem, para nos adormecer a todos e impedir que nos defendamos com eficiência.

Se a isto se acrescentar a hábil exploração mal-intencionada e sofística da caridade e da moral cristã, dar-se-á uma ideia dos demolidores recursos com que conta o inimigo para nos desarmar, impedindo-nos de lutar contra o comunismo ateu e contra a Sinagoga de Satanás. Há que não esquecer que a caridade cristã obriga a proteger os bons da sua corrupção pelos maus, mas não a proteger os maus, deixando-lhes as mãos livres para que possam perverter os bons, roubá-los e escravizá-los, ao mesmo tempo que se ata de pés e mãos, com uma falsa moral, as forças do bem, a fim de que sejam dominadas pelas forças do mal.

É evidente, sujeitando-nos absoluta e incondicionalmente às declarações de SS. SS. os Papas, falando *ex cathedra* e às dos Concílios Ecuménicos, que qualquer interpretação que se queira dar da moral ou da caridade cristã e que tenha por resultado facilitar o triunfo das forças do mal sobre as forças do bem, estará equivocada, pois Deus Nosso Senhor fez a moral e não vice-versa. O judaísmo, por meio da sua quinta coluna no clero cristão, utiliza esses sacerdotes e dirigentes que lhe ser-

vem de instrumentos, para nos paralisar e impedir a nossa defesa contra as forças de Satanás e seus cúmplices, enchendo-nos de escrúpulos contra a licitude dos meios mais necessários num dado momento, para obter o triunfo do bem sobre o mal, tergiversando o objecto básico da moral cristã, que é precisamente obter o dito triunfo do bem sobre o mal, o qual jamais poderá obter-se com uma moral derrotista e falsa, mas sim com uma moral combativa que cumpra o seu objectivo básico.

As palavras do Senhor, transcritas no Capítulo III desta parte da obra, dão conta de como Deus, na sua luta contra Satanás ou contra os judeus que seguiram a senda deste, foi enérgica e não débil, forte e não derrotista.

Não é válido alegar com recursos pueris, como fazem os quinta-colunistas, que Cristo Nosso Senhor pregou o amor para com os inimigos e o perdão aos mesmos pondo uma aparente e sofística contradição entre o dito por Deus Filho, no Novo Testamento, e o estabelecido por Deus Pai no Antigo, visto que os teólogos sabem muito bem que essas contradições não existem e que o amor e o perdão dos inimigos, doutrina sublime de Nosso Divino Salvador, se referem aos inimigos de ordem pessoal e privada que surgem a cada momento nas nossas relações sociais, mas não ao inimigo mau, a Satanás, nem às forças do mal encabeçadas por ele. Nem amor nem perdão pregou jamais Cristo para Satanás e suas obras, mas precisamente o contrário.

Quando atacou as forças do mal, foi tão terminante e enérgico Jesus como seu Pai Eterno. Em vão se trataria de encontrar alguma contradição entre a atitude de uma e outra Pessoa Divina.

Pelo que respeita aos judeus, que renegaram o seu Messias, foram denominados pelo próprio Cristo a Sinagoga de Satanás. Jesus trata-os de forma enérgica e implacável em várias passagens do Evangelho, sobretudo quando o Apóstolo São Mateus expressou textualmente: «Cap. VIII— II — E vos digo que virão muitos do Oriente e Ocidente, e se assentarão com Abraão, Isaac e Jacob no reino dos céus. 12. — Mas os filhos do reino (quer dizer, os hebreus) serão deitados às trevas exteriores: ali será o pranto e o ranger de dentes.» [65] Esta passagem dos Santos Evangelhos demonstra como Cristo anuncia que os gentios vindos de fora por uma fé no Messias herdariam o privilégio que o povo de Israel não soube conservar, enquanto que este, o judaísmo que desconheceu a Cristo, será lançado no inferno, onde imperará o pranto e o ranger de dentes.

[65] Evangelho segundo São Mateus. Cap. VIII. Versículos 11 e 12.

Contra as forças do mal, Jesus foi estrito como Deus Pai, existindo congruência e harmonia entre a atitude de ambas as pessoas do mesmo Deus. Por isso a nossa luta contra as forças de Satanás deve ser suficientemente enérgica, suficientemente eficaz para nos permitir derrotá-las; os judeus e os padres que lhes fazem o jogo procuram encher a nossa consciência com escrúpulos de uma falsa moral cristã, que eles mesmos nos inocularam, para fazer a nossa posição tão débil e derrotista que assegure o triunfo das forças do inferno, ainda que seja temporalmente e com perda de milhões de almas para a Santa Igreja e assassínios em massa de milhões de inocentes, como ocorre nos países em que, pelas nossas debilidades e falta de acção enérgica, continua conquistando o comunismo ateu.

«L'Osservatore Romano», citando uma importante publicação, diz: «A revista semanal «Time», no seu número de 6 de Março de 1956, menciona que na China, em 5 anos de domínio comunista, foram assassinados 20 milhões de pessoas e outros 23 milhões retidos em campos de trabalhos forçados.» [66]

Para terminar, vamos socorrer-nos da autoridade dos grandes Padres da Igreja e o significado que eles davam à caridade cristã. Vamos utilizar como fonte a «História da Igreja Católica», escrita por três padres jesuítas, Llorca, Garcia Villoslada e Montalbán, por todos os conceitos insuspeitos de anti-judaísmo e por cuja razão preferimos utilizá-la neste caso, visto que se limitam a seguir a corrente unânime dos historiadores da Santa Igreja.

Com efeito, tal obra diz textualmente: «5. — Grandes figuras da caridade cristã no Oriente. No meio deste ambiente tão cristão, não é de surpreender que sobressaíssem algumas figuras pela sua acendrada caridade para com os pobres e necessitados, os quais contribuiram por sua vez, poderosamente, para fomentar esse mesmo espírito. Na impossibilidade de enumerá-las todas, escolheremos algumas das que mais se distinguiram nos séculos V e VII.»

Depois de os mencionados padres jesuítas citarem São Basílio, passam a descrever a figura do grande Padre da Igreja São João Crisóstomo e dizem: «Não menos ilustre é São João Crisóstomo como grande promotor da caridade cristã.» Depois os autores continuam relatando uma série de factos que apresentam Crisóstomo como exemplo da caridade cristã e passam depois a referir-se a outros dois grandes Padres da Igreja, Santo Ambrósio, Bispo de Milão, e São Jerónimo. Do primeiro, entre outras coisas afirmam: «6. — Grandes figuras da caridade no Ocidente. Santo Ambrósio foi sempre o modelo de um Bispo

[66] «L'Osservatore Romano» de 19 de Abril de 1956. Pág. 3.

católico. Por isso não é de surpreender que fosse também o exemplo mais acabado da caridade e da beneficência.» A seguir continuam os citados jesuítas a narrar factos que comprovam a sua asserção de que Santo Ambrósio foi o exemplo mais acabado da caridade cristã.

Referindo-se a São Jerónimo, os estudiosos sacerdotes apontam que «São Jerónimo, que tão profundamente conhecia a sociedade mais elevada de Roma, com todas as suas sombras e os seus lados luminosos, transmitiu-nos os exemplos mais surpreendentes da caridade cristã.» [67]

A este respeito, os mencionados jesuítas citam as obras de Liese e de São Gregório Nacianceno, grande Padre da Igreja, impecáveis como fontes e autoridades eclesiásticas.

Agora veremos o que relata o clássico historiador israelita Graetz, cujas obras são tidas nos meios judaicos como dignas de todo o crédito, sobre São Crisóstomo, Santo Ambrósio e São Jerónimo, considerados pela Igreja como exemplos de caridade cristã dignos de serem imitados.

Na obra «História dos Judeus», que os hebreus cultos consideram uma honra possuir, diz Graetz, textualmente, referindo-se à tremenda luta sustentada nesses tempos entre a Santa Igreja e o judaísmo: «Os principais fanáticos contra os judeus foram nessa época João Crisóstomo de Antióquia e Ambrósio de Milão, que os atacaram com grande ferocidade.» A seguir pormenoriza Graetz as actividades de São João Crisóstomo contra os hebreus, de que se falará na quarta parte deste livro. Referindo-se às de Santo Ambrósio diz: «Ambrósio de Milão era um oficial violento, ignorante de toda a Teologia, cuja violência célebre na Igreja o tinha elevado ao nível de Bispo, ele que era no entanto mais virulento ainda contra os judeus.» [68] E no índice das matérias do dito Tomo Segundo, págs. 638 e 641, Graetz sintetiza o objecto de cada matéria de forma muito eloquente: «Ambrósio, no seu fanatismo contra os judeus», e «Crisóstomo, no seu fanatismo contra os judeus».

Pelo que respeita a outro grande Padre da Igreja, símbolo da caridade cristã, São Jerónimo, o tão autorizado dos meios hebreus, Graetz, assinala que para rebaixar o dito Santo na sua ortodoxia diz, literalmente: «E se é requisito depreciar os indivíduos e a nação, eu aborreço os judeus com um ódio impossível de exprimir», comentando em seguida o prestigioso historiador israelita: «Esta profissão de fé, respeitante ao ódio aos

---

[67] B. Llorca, S. J., R. Garcia Villoslada, S. J., e F. J. Montalbán, S. J. «História da Igreja Católica». Madrid 1960. Tomo I. Págs. 877 e 878.

[68] Graetz. «History of the Jesus». Edição da Jewish Publication Society of America. Philadelphia 5717. 1956. Tomo II. Págs 613 e 614.

judeus, não era uma opinião privada de um escritor isolado, mas sim o oráculo para toda a cristandade, que, pressurosa, aceitou os escritos dos Padres da Igreja, que foram referenciados como Santos. Em tempos posteriores esta profissão de fé armou os reis, o populacho, os cruzados e os pastores (de almas) contra os judeus, que inventaram os instrumentos para a sua tortura e construiram as fogueiras fúnebres, para os queimar.» [69]

Como se vê, esses símbolos da caridade cristã que foram São João Crisóstomo, Santo Ambrósio de Milão e São Jerónimo, deixaram-nos uma definição clara da mesma, indicando-nos que ela não exclui a acção enérgica, implacável, contra os judeus e contra a Sinagoga de Satanás, luta que eles converteram em parte importantíssima da sua santa vida, ensinando-nos também que a caridade cristã não se exerce em benefício das forças do mal, que eles identificaram principalmente com o judaísmo. Por outro lado, é certo o que diz o israelita Graetz ao afirmar que esta foi a doutrina unânime dos Padres da Igreja. Aqueles que se interessem em aprofundar este tema, podem fazê-lo directamente nas obras dos Padres. Aí poderão comprovar que todos condenaram enèrgicamente os judeus e lutaram de forma resoluta, sem tibiezas, contra esses inimigos da Humanidade, como acertadamente lhes chamou São Paulo.

Nós, os católicos, sabemos que a opinião unânime dos Padres da Igreja, em matéria doutrinal, é em muitos casos norma obrigatória de conduta para todos os fiéis, e em todos os casos, sem excepção, exemplo digno de imitar. Sòmente o complexo de Judas Iscariote pode explicar o facto de que muitos clérigos que se chamam católicos, mas que servem mais a Sinagoga de Satanás do que a Igreja, pretendam dar-nos falsas normas de moral e de caridade cristã, para atar-nos as mãos e impedir que lutemos com toda a energia e eficácia contra o judaísmo e seus satélites: a *maçonaria* e o *comunismo*.

---

[69] Graetz. Obra cit. Ed cit. Tomo II. Págs. 625 e 626.

CAPÍTULO X

OS JUDEUS MATAM CRISTÃOS E PERSEGUEM OS APÓSTOLOS

O judaísmo fez uma guerra de morte à Igreja desde o nascimento desta, sem motivo algum, sem provocação, sem que a Igreja, durante os seus três primeiros séculos, respondesse sequer com violência à violência. Os judeus abusaram de forma cruel da mansidão dos primeiros cristãos, que se limitaram a combater os seus mortais adversários simplesmente com bem fundamentados raciocínios, tendo de sofrer, em contrapartida, as demolidoras calúnias dos judeus, os seus encarceramentos, assassínios e todo o género de perseguições.

Começaram por matar Cristo Nosso Senhor de forma injusta e cruel; prosseguiram com o homicídio de Santo Estêvão, que a Bíblia Sagrada, em «Os Feitos dos Apóstolos», nos descreve em todo o seu horror, desde o planeamento do crime no segredo das sinagogas, passando pelo suborno empregado para que alguns o caluniassem lançando-lhe acusações venenosas, até ao emprego de testemunhos falsos para comprová-los, e, finalmente, o assassínio do Santo pelos judeus, consumado à pedrada, de forma feroz, sem que Santo Estêvão tivesse cometido outro delito do que pregar a verdadeira religião [70]. Foi ele o protomártir do cristianismo, e foram os israelitas que tiveram a honra de ser os primeiros a derramar sangue cristão depois do homicídio de Jesus.

A própria Bíblia, em «Os Feitos dos Apóstolos», assinala como o rei judeu Herodes «1... enviou tropas para maltratar a alguns da Igreja. 2. — E matou a facadas Santiago, irmão de João. 3. — E vendo que dava prazer aos judeus, resolveu também prender Pedro.» [71]

Mas os hebreus, não contentes com iniciar o assassínio dos Santos dirigentes do nascente cristianismo, lançaram-se na realização de cruéis perseguições, que degeneraram em tremendas

[70] Bíblia, «Os Feitos dos Apóstolos». Cap. VI. Versículos 7 a 15 e Cap. VII. Versículos 54 a 59.

[71] Idem. Idem. Cap XII. Versículos 1 a 3.

matanças, segundo nos narra a Bíblia em «Os Feitos dos Apóstolos», e que deram ao céu os primeiros mártires da Igreja. Nestas perseguições participou Saulo, o futuro São Paulo, antes de converter-se [72], com um afã que ele mesmo descreve na sua Epístola aos Gálatas da seguinte maneira: «13. — Porque já deveis ter ouvido de que maneira vivia em outro tempo no judaísmo; e com que excesso perseguia a Igreja de Deus e a destruía.» [73]

OS JUDEUS NÃO SÃO DO AGRADO DE DEUS — AFIRMA SÃO PAULO

Os hebreus perseguiram com especial arreganho, como é natural, os Apóstolos e os primeiros chefes da Igreja, do que nos dá testemunho São Paulo na sua Epístola Primeira aos Tessalonicenses, na qual também afirma categòricamente que «os judeus não são do agrado de Deus», dizendo textualmente: «14. — Porque vós, irmãos, vos haveis feito imitadores das Igrejas de Deus, que há pela Judeia em Jesus Cristo; porquanto as mesmas coisas sofrestes também dos da vossa nação, que eles, dos judeus. 15. — Os quais também mataram o Senhor Jesus, e os Profetas, e nos têm perseguido a nós, e não são do agrado de Deus.» [74] É pois falso que os judeus, que têm desconhecido Cristo como Messias, sejam do agrado de Deus, como estão afirmando os padres que lhes fazem o jogo, com o fim de paralisar a defesa dos povos católicos contra o imperialismo judaico e a sua acção revolucionária.

Será possível que esses eclesiásticos filo-semitas pretendam que eles têm razão e que São Paulo mentiu quando assegurou que os judeus não eram do agrado de Deus? No entanto, bem claro se vê que as forças do mal, os filhos do diabo, como lhes chamou Cristo, integrantes das Sinagogas de Satanás, não podem ser do agrado de Deus.

Os judeus, com frequência, encarceraram os Apóstolos. Em «Os Feitos» afirma-se que os sacerdotes judeus, os saduceus e o magistrado do tempo deitaram a mão a São Pedro e S. João e os meteram no cárcere [75].

E no Cap. V narra-se o seguinte: «17. — Mas levantando-se o príncipe dos sacerdotes e todos que com ele estavam (os

---

[72] Bíblia, «Os Feitos dos Apóstolos». Cap. VIII. Versículos 1 a 3. Cap. XXVI. Versículos 10 e 11. Cap. XXII. Versículos 4 e 5.

[73] Bíblia. São Paulo. Epístola aos Gálatas. Cap. I. Versículo 13.

[74] Bíblia. São Paulo. Epístola Primeira aos Tessalonicenses. Cap. II. Versículos 14 e 15.

[75] Bíblia. «Os Feitos dos Apóstolos». Cap. III e Cap. IV. Versículos 1, 2 e 3.

da seita dos saduceus) se encheram de raiva. 18. — E prenderam os Apóstolos e os puseram no cárcere público.» [76]

Entre as perseguições desencadeadas pelos judeus contra os primeiros chefes da Igreja destaca-se, pelo encarniçamento, aquela que levaram a cabo contra São Paulo. Em «Os Feitos dos Apóstolos» assinala-se: «Cap. IX, 22 — Mas Saulo muito mais se esforçava e confundia os judeus que moravam em Damasco, que afirmavam que ele era o Cristo. 23. — E como passaram muitos dias, os judeus tiveram juntos conselho para o matar.» [77] Depois, em Antióquia, discutindo São Paulo e São Barnabé sobre questões religiosas com os judeus, estes acabaram, com o seu acostumado fanatismo e intolerância, por empregar o argumento da viclência. Os citados «Feitos dos Apóstolos» o confirmam: Cap. XIII: «50. — Mas os judeus incitaram algumas mulheres devotas e ilustres e os principais da cidade a moverem uma perseguição contra Paulo e Barnabé e os repeliram dos seus termos.» [78]

Depois, no Cap. XIV do citado livro bíblico. afirma-se que na cidade de Icónio, depois de outra discussão teológica de São Paulo e São Barnabé com os hebreus, ocorreu que: «4. — E se dividiram as gentes da cidade e uns eram pelos judeus e os outros pelos Apóstolos. 5. — Mas como os gentios e os judeus com os seus chefes se amotinassem para os ultrajar e apedrejar. 6. — Ouvindo-os, eles fugiram para Listra e Derbe, cidades de Licaónia. 18. — Mas apareceram alguns judeus de Antióquia e de Icónio e tendo ganho a vontade do povo e apedrejando Paulo o tiraram de rastos para fora da cidade, crendo que estava morto.» [79] Vê-se pois que, já nestas eras, a divisão estava claríssima: por uma parte, os partidários dos Apóstolos, quer dizer, os cristãos; e por outra, os judeus.

O Novo Testamento da Sagrada Bíblia já nestes livros se serve da palavra judeus para designar os membros do antigo povo eleito, que assassinaram Deus Filho e combatiam a sua Igreja, visto que aqueles que se haviam convertido à fé do Salvador não eram hebreus, mas sim cristãos.

O Evangelho de São João, o discípulo amado, também já intitulava de judeus em forma expressa os membros do antigo povo de Deus, que se negaram a reconhecer Cristo, o levaram à morte e combateram os Apóstolos. O referido Evangelho foi por isso considerado pelos israelitas como o mais anti-semita dos Evangelhos, projectando o judaísmo eliminá-lo da santa

[76] Idem. Idem. Cap. V. Versículos 17 e 18.

[77] Idem. Idem. Cap. IX. Versículos 22 e 23.

[78] Idem. Idem. Cap. XIII. Versículos 44 a 50.

[79] Idem. Idem. Cap. XIV. Versículos 1 a 6 e 18.

missa. Para o conseguir dizem ter poder suficiente no Vaticano. Projectam tal eliminação, segundo estamos informados, trocando a missa para que termine com a bênção, e suprimindo assim o Evangelho com que actualmente finaliza a missa. Parece-nos incrível que os judeus tenham tantas infiltrações no Vaticano, para poder conseguir isto, mas, antes de qualquer eventualidade, considerámos necessário denunciar a manobra para que as autoridades eclesiásticas impeçam este atentado contra a santa missa, praticado pelo judaísmo e seus agentes secretos no alto clero. Os judeus que em nossos dias continuam a perseguir a Igreja e ameaçam dominar e escravizar a Humanidade são os descendentes desses mesmos judeus, já designados pelo Novo Testamento como os piores inimigos de Cristo e da sua Igreja, que nada de espiritual tinham de comum com o antigo povo escolhido de Deus dos tempos bíblicos. O povo escolhido foi amado de Deus, mas os judeus que renegaram o seu Messias, que o assassinaram e combateram e combatem o cristianismo, mantendo-se aferrados às suas organizações criminosas dos nossos dias, não são, como disse São Paulo, do agrado de Deus.

Os padres que em vez de servirem a Igreja estão a servir a Sinagoga de Satanás fazem uma sofística mistura de conceitos, para enganar os sinceros católicos e fazer-lhes ver, em contradição com o que foi assegurado por São Paulo, que os criminosos judeus modernos são do agrado de Deus, com o fim de impedir que os cristãos defendam os seus povos e suas famílias; contra os seus pérfidos empreendimentos e sua acção corruptora.

No Capítulo XVII do antes citado livro do Novo Testamento diz-se que São Paulo e Silas: «1. — Chegaram a Tessalónica, onde havia uma sinagoga dos judeus. 5. — Mas os judeus, movidos de ódio e tomando consigo alguns da plebe, homens maus e fazendo gente, levantaram a cidade e assediaram a casa de Jasão, querendo apresentá-los ao povo. 6. — E não os encontrando, trouxeram violentamente Jasão e alguns dos irmãos ao magistrado da cidade, gritando: Estes são os que alvoroçam a cidade e vieram cá. 7. — Aos quais acolheu Jasão e todos estes fazem contra os decretos de César, dizendo que há outro rei que é Jesus. 8. — E alvoroçam o povo e aos principais da cidade ao ouvir estas coisas. 9. — Mas, recebida satisfação de Jasão e dos outros, deixaram-nos ir livres.» [80]

As passagens citadas das Sagradas Escrituras demonstram claramente que foram os judeus os únicos inimigos do nascente cristianismo, mas que em todas as partes não só perseguiam

[80] Bíblia. «Os Feitos dos Apóstolos». Cap. XVII. Versículos 1, 5 e 6 a 9.

directamente os cristãos como tratavam com calúnias de sublevar contra eles os povos gentios e, o que é mais grave, as autoridades do Império Romano. Na passagem anterior de «Os Feitos dos Apóstolos», vê-se diàfanamente como empregavam a calúnia num criminoso intento de lançar toda a força do então invencível Império Romano sobre a Santa Igreja, acusando os cristãos, nem mais nem menos, de reconhecerem outro rei em vez de César, delito que enfurecia ao máximo os imperadores romanos e seus colaboradores, pois esta forma de traição contra César acarretava a imediata pena de morte. Não há pois dúvida do que pretendiam os israelitas, que continuaram durante muitos anos a empregar todo o veneno das suas calúnias e intrigas, não conseguindo, no entanto, lançar o Império Romano contra os cristãos, até que, por fim, à força de tanto insistir, o conseguiram com Nero.

Houve também uma tentativa de lançar os governantes de Roma contra São Paulo, como nos mostra a seguinte passagem do Novo Testamento: «Cap. XVIII, 12. — E sendo Galiano procônsul de Achaya, os judeus se levantaram de acordo contra Paulo e o levaram ao tribunal. 13. — Dizendo que este persuade os homens que sirvam a Deus contra a Lei. 14. — E como Paulo começasse a abrir a boca, disse Galiano aos judeus: Se fosse algum agravo ou enorme crime vos ouviria, ó judeus, segundo é direito. 15. — Mas se são questões de palavras e de nomes e da vossa lei, vede-o além, vós mesmos, porque eu não quero ser juiz destas coisas. 16. — E fê-los sair do tribunal. 17. — Então eles, atirando-se sobre Sóstenes, príncipe da sinagoga, lhe davam pancadas diante do tribunal, sem que Galiano fizesse caso disso.» [81]

Esta passagem da Sagrada Bíblia faz-nos ver: por um lado, a tolerância religiosa das autoridades romanas e a falta absoluta de interesse em hostilizar os cristãos; por outro, que os hebreus eram quem constantemente estava procurando meios para lançar os governantes do Império Romano contra os cristãos, em repetidos intentos, ainda que sem êxito; e por último, que como bons paranóicos, os judeus, ao fracassar num intento malvado, acabam por guerrear-se uns contra os outros, com uma fúria de verdadeiros loucos. Aqui foi Sóstenes, o príncipe da sinagoga, o infeliz objecto dessa raiva e furor hebreus.

É evidente que não podemos duvidar da veracidade destes factos, visto que se trata de uma passagem literal do Novo Testamento.

É pois muito explicável que, quando esta alcateia de lobos ficou à solta e, além disso, com plenos poderes, ao triunfarem as

[81] Bíblia. «Os Feitos dos Apóstolos». Cap. XVIII. Versículos citados.

revoluções comunistas, tenha realizado matanças incríveis, fazendo correr caudais de sangue cristão e gentio, para terminar despedaçando-se, tanto na União Soviética como nos estados satélites, uns aos outros, sem nada respeitar, nem sequer a dignidade rabínica, como no caso desse pobre Sóstenes, citado na anterior passagem bíblica. Não há a menor dúvida de que continuam sendo os mesmos de sempre.

O Apóstolo São Lucas, em «Os Feitos dos Apóstolos», narra-nos outra das perseguições levadas a cabo pelos judeus contra São Paulo, e, ao pintar-nos a maneira de ser dos hebreus nesses tempos, qualquer diria que os está descrevendo agora. Nada parece ter mudado em quase dois mil anos. Conta que estando o Santo em Jerusalém, Cap. XXI: «27. — ... os judeus que estavam ali da Ásia, quando o viram no Templo, alvoroçaram todo o povo e lhe deitaram a mão, gritando. 28. — Varões de Israel, este é aquele homem que por todas as partes atiça todos contra o povo e contra a lei e contra este lugar e, além disso, introduziu os gentios no Templo e profanou este santo lugar. 30. — E comoveu-se toda a cidade e concorreu o povo. E agarrando a Paulo, o arrastaram para fora do Templo: e logo foram encerradas as portas. 31. — E querendo-o matar, foi dado aviso ao tribuno da coorte, que toda a Jerusalém estava em alvoroço. 32. — Ele tomou logo soldados e centuriões e correu ali. Eles, quando viram o tribuno e os soldados, cessaram de ferir a Paulo.» [82]

Esta passagem do Novo Testamento assinala como os judeus acusavam São Paulo de «assanhar a todos contra o povo», quer dizer, fazem-no aparecer caluniosamente como inimigo do povo, para justificar o seu assassínio. Mais de dezanove séculos depois, quando os judeus na União Soviética e países comunistas querem matar alguém, acusam-no de ser inimigo do povo e inimigo das classes trabalhadoras. Os métodos são os mesmos; não mudaram em cerca de dois mil anos. Também acusaram São Paulo caluniosamente de pregar contra o Templo, tal como actualmente se dá nos simulacros de julgamentos nos países comunistas, em que as futuras vítimas são acusadas de acção subversiva contra a União Soviética e contra o estado proletário. Finalmente, acusaram também o Apóstolo de introduzir gentios no Templo, profanando esse santo lugar, visto que os judeus para tais datas consideravam fechado o Templo para os gentios, como agora consideram hermèticamente fechado o judaísmo para homens de outras raças. Se então admitiam só os prosélitos da Porta, que nada mais podiam assistir no Templo de fora das portas, agora aos cristãos e gen-

[82] Bíblia. «Os Feitos dos Apóstolos». Cap. XXI. Versículos 27 a 32.

tios aceitam-nos em alguns países, segundo dizem, como conversos ao judaísmo, mas sòmente de portas para fora, deixando-os em organizações periféricas — comunidades de judaísmo espiritual — por meio de enganos, sem os introduzir nunca nas verdadeiras sinagogas e comunidades da judiaria. Também nisto, os métodos continuam a ser os mesmos.

Continua o citado Livro das Sagradas Escrituras narrando que, quando o tribuno permitiu a Paulo dirigir a palavra aos judeus amotinados, para os suavizar com palavras serenas, ocorreu que: «22. — E haviam-no escutado até esta palavra, mas levantaram o grito, dizendo: Tira do mundo um tal homem, porque não é justo que ele viva. 23. — E como eles fizessem alaridos e rasgassem a sua própria roupa e atirassem pó ao vento.» [83] Já vemos aqui os verdadeiros energúmenos, que, séculos depois, no meio do terror judeo-comunista, despedaçaram as suas infelizes vítimas com todo o requinte de crueldade.

Esta narração do Novo Testamento continua depois dizendo que o tribuno romano quis saber no dia seguinte: «Cap. XXII, 30. — Ao certo, a causa que tinham os judeus para o acusar, o fez desamarrar e mandou que se juntassem os sacerdotes e todo o Concílio, e chamando a Paulo, o apresentou diante deles. Cap. XXIII, 6. — E sabendo Paulo que uma parte deles era dos saduceus e a outra dos fariseus, disse em alta voz ao Concílio: Irmãos, eu sou fariseu, filho de fariseus, da esperança e da ressurreição dos mortos eu sou julgado. 7. — E quando isto disse, levantou-se uma grande dissensão entre os fariseus e dividiu-se a multidão. 8. — Porque os saduceus dizem que não há ressurreição, nem anjo, nem espírito, mas os fariseus confessam uma e outra coisa. 9. — Houve pois grande vozearia. E levantando-se, alguns dos fariseus altercavam dizendo: Não achamos mal nenhum neste homem. Quanto mais se lhe falou espírito ou anjo?» [84]

Magnífica lição de como podem utilizar-se, em benefício da causa do Bem, as discórdias internas dos bandos e seitas judaicas, coisa que pode fazer-se com eficácia conhecendo as intimidades secretas do judaísmo, que permitam evitar o engano de falsas pugnas, com frequência simuladas entre si, para obter fins políticos determinados.

Depois da violenta desordem surgida entre os citados dirigentes judeus que obrigou o Tribunal Romano a fazer intervir os soldados, continua narrando o Apóstolo: «Cap. XXIII,

---

[83] Bíblia. «Os Feitos dos Apóstolos». Cap. XXI. Versículos 35 a 40 e Cap. XXII. Versículos 19 a 23.

[84] Bíblia. «Os Feitos dos Apóstolos». Cap. XXII. Versículo 30. Cap. XXIII. Versículos 1 a 9.

12. — E quando foi de dia, se coligaram alguns dos judeus e se invectivaram dizendo que não comeriam nem beberiam até que matassem Paulo. 13. — E eram mais de quarenta homens os que haviam feito esta conjura. 14. — Os quais foram aos príncipes dos sacerdotes e aos anciãos e disseram: Nós nos obrigamos, sob pena de maldição, a não provar bocado, até que matemos a Paulo. 15. — Pois agora vós, com o Concílio, significai ao tribuno que o tire para fora, como se quisesseis conhecer com maior certeza de sua causa. E nós estaremos esperando para matá-lo logo que chegue.»

A visão do tribuno, que conhecia bem os judeus, frustrou os seus planos criminosos, enviando São Paulo escoltado por duzentos soldados sob o comando de dois centuriões, esclarecendo o Versículo 25 do mesmo capítulo que isto fez o tribuno romano. «25. — Porque temeu que o arrebatassem os judeus e o matassem e depois o caluniassem a ele de haver recebido dinheiro.» [85]

Esta ilustrativa passagem do Novo Testamento põe em evidência que os judeus farsantes, inventores das greves da fome, já as punham em prática nos tempos de São Paulo, quando juraram não comer nem beber até que conseguissem matá-lo. «Os Feitos dos Apóstolos» não nos esclarecem se depois de salvo São Paulo pela previsão do tribuno romano mantiveram os judeus grevistas o seu juramento até à morte, mas o silêncio que a esse respeito guarda o Apóstolo faz-nos supor que nessa como nas greves da fome dos nossos dias os comediantes hebreus, ao não conseguirem os seus propósitos, encontram o pretexto adequado para suspender a greve.

Por outro lado, vê-se que já desde essas longínquas datas praticavam o sistema de assassinar no caminho os presos, ao serem trasladados de uma povoação para outra, e observa-se que até os romanos tinham medo das calúnias dos judeus, a quem sem dúvida conheciam como mestres nesta maléfica arte.

Para dar a conhecer as actividades sinistras do judaísmo e a sua maneira de actuar, para nada se necessitam dos famosos «Protocolos dos Sábios de Sião»; bastam os ensinamentos da Bíblia Sagrada e outros documentos fidedignos e indiscutíveis, muitas vezes procedentes das mais insuspeitas fontes hebraicas.

Depois de conduzido São Paulo perante o governador, continuam narrando «Os Feitos dos Apóstolos»: «Cap. XXV, 2. — E os príncipes dos sacerdotes e os principais dos judeus acudiram a ele contra Paulo e lhe rogavam. 3. — Pedindo favor contra ele, para que o mandassem vir a Jerusalém, fizeram-lhe esperas

[85] Idem. Idem. Cap XXIII. Versículos 12 a 25.

para o assassinarem no caminho. 4. — Mas Festo lhes respondeu que estava guardado Paulo em Cesareia e que ele quanto antes partiria. 5. — E os principais (disse) de vós venham comigo, e se há algum delito neste homem, acusem-no. 7. — E quando foi levado, o rodearam os judeus, que tinham vindo de Jerusalém, acusando-o de muitos e graves delitos que não podiam provar. 8. — E Paulo se defendia dizendo: Em nada pequei nem contra a lei dos judeus nem contra o Templo nem contra César.» [86]

Para compreender esta terrível tragédia, há que ter em conta que São Paulo era um homem virtuoso e iluminado pela Graça Divina, de forma que se fez digno de ser considerado como um dos maiores Santos da cristandade, mas, apesar disso, os judeus, com a sua perfídia peculiar e a sua perseverança paranóica, encarniçaram-se contra ele na forma descrita nas anteriores passagens da Bíblia Sagrada, agravando-se o problema, porque não foram só os judeus da Palestina mas os das mais diversas partes do mundo os que mostraram os seus instintos assassinos e malvados, e que não foram só os da seita dos fariseus mas também os saduceus, rivais dos anteriores. Não foram indivíduos isolados e sem representação os que destilaram tanta maldade, mas os príncipes dos sacerdotes, os escribas, os jerarcas e os homens mais ilustres de Israel. Todos cortados com a mesma tesoura.

As passagens do Novo Testamento mostram-nos o perigo que significa para a Humanidade o judaísmo moderno, cuja maldade ultrapassa os limites de tudo o que as outras nações possam imaginar. Por isso os Papas e os Concílios lhes chamaram repetidamente «judeus pérfidos», fazendo figurar este e outros eloquentes termos na Liturgia e Ritos da Santa Igreja, que os israelitas querem ver de todo eliminados, para nos mergulhar a nós os católicos em maior ignorância ainda, acerca da imensa perversidade dos nossos milenários inimigos e nos poderem assim vencer mais fàcilmente, utilizando com maior êxito as suas mentiras e os seus costumados golpes de surpresa.

O mais significativo é que na descrição da perfídia desta raça de víboras, como lhes chamou Cristo Nosso Senhor, coincidem perfeitamente o Novo Testamento da Sagrada Bíblia com os escritos elaborados séculos depois pelos Padres da Igreja, com os conceitos contidos no Corão de Mafoma, com os cânones de diversos Concílios da Igreja, com os julgamentos da Santa Inquisição, com as opiniões de Martin Lutero e com as acusações que em séculos diferentes, nos mais diversos países, foram lançadas por conhecedores do problema, católicos, pro-

[86] Bíblia. «Os Feitos dos Apóstolos». Cap. XXV. Versículos 1 a 8.

testantes, ortodoxos russos, maometanos e incrédulos como Voltaire e Rosemberg, que, sem se terem posto de acordo, coincidiram em denunciar a perfídia e maldade extremas dos judeus, através dos últimos dois mil anos. Isto demonstra que, por desgraça, essa maldade e perfídia perigosíssima para os demais povos correspondem a uma realidade comprovada e incontroversa.

São Matias Apóstolo propagou largamente a palavra de Deus, primeiro na Macedónia e, depois, na Judeia, convertendo muitos à fé de Jesus Cristo com as suas prédicas e prodígios. Diz-se que, não podendo os judeus sobre isto, lhe deitaram a mão, o apedrejaram até ao ponto de o deixarem pouco menos do que morto; e por último foi degolado em 24 de Fevereiro [87].

[87] São Jerónimo, no Catálogo citado pelo Adricomio, mencionado por sua vez pela Bíblia de Scio. Ed. cit., pág. 670, Col. II. Cita também esta fonte outra versão diferente sobre a morte deste apóstolo, a qual assinala o lugar do seu falecimento no Egipto ou Etiópia. No entanto, dada a perseguição desencadeada pelos judeus contra os cristãos em todo o mundo, a primeira versão parece-nos muito mais aceitável e a fonte que indicamos cita-os no primeiro lugar.

CAPÍTULO XI

AS PERSEGUIÇÕES ROMANAS PROVOCADAS PELOS JUDEUS

Já estudámos no capítulo anterior diversas tentativas feitas pelos judeus para lançar as autoridades romanas contra São Paulo, acusando-o de ir contra o César e reconhecer outro rei em seu lugar, dizendo-o por Jesus. Sobre estas intrigas e calúnias constantes dá-nos notícia um documento incontroverso, ou seja, o Novo Testamento da Sagrada Bíblia. Estas repetidas tentativas de lançar o poderio do Império Romano contra a nascente cristandade sucederam-se com frequência, ainda que infrutuosamente durante algum tempo.

Que os romanos eram tolerantes em matéria religiosa é um facto històricamente comprovado, e também que não eram hostis por qualquer conceito para com os cristãos, como aliás o demonstram a posição de Pilatos no caso de Jesus, as intervenções favoráveis das autoridades do Império nas perseguições desencadeadas pelos judeus contra São Paulo e os primeiros cristãos.

O seguinte facto é de todo elucidativo e é consignado por Tertuliano e Orósio, ao assinalar que, antes dos casos de perseguição hebreia, surgida contra os cristãos. fez publicar um edicto ameaçando de morte aqueles que acusem os cristãos [88].

No ano IX do seu Império, manda Cláudio que todos os judeus saiam de Roma, porque, segundo testemunho de Flávio Josefo, tinham feito abraçar os ritos judaicos a Agripina, sua mulher; ou também, como escreve Suetónio, porque, para impulso das perseguições dos cristãos, moviam frequentes sedições [89].

Vê-se pois que o Imperador pagão Cláudio foi em extremo tolerante para com os cristãos e, farto já dos motins que pro-

[88] Tertuliano. «In Apologet». Livro V e Orósio. Livro VII. Cap. II.

[89] Tábuas cronológicas do Scio. Bíblia. Ed. cit. Pág. 662, Col. II., tomadas de Adricomio.

moviam, expulsou os judeus da cidade de Roma. Desta expulsão falam também «Os Feitos dos Apóstolos.» [90]

Por aqui se vê a tendência hebreia de fazer subir o seu valimento até aos degraus do trono, controlando a Imperatriz, para, por meio dela, exercerem influência sobre o Imperador, observando, por semelhança, os ensinamentos, todos desfigurados por uma interpretação imperialista, do livro bíblico de Esther, judia que, ocultando o seu judaísmo, conseguiu converter-se em Rainha da Pérsia e ter influência decisiva sobre o Rei para destruir os inimigos dos israelitas. No entanto, no caso do Imperador Cláudio, fracassou pelos vistos o intento, coisa que não sucedeu com Nero, de quem conseguiram aproximar uma judia chamada Popeia, em breve convertida em amante do Imperador e, segundo alguns cronistas hebreus, em verdadeira Imperatriz de Roma, a qual chegou a exercer uma influência decisiva sobre este monarca.

Tertuliano, um dos Padres da Igreja, na sua obra «Scorpiase», diz: «As sinagogas são os pontos de onde saem as perseguições contra os cristãos.» E no seu livro «Ad Nationes», escreveu o mesmo Tertuliano: «Dos judeus é donde saem as calúnias contra os cristãos.» [91]

Durante o reinado de Nero houve, em princípio, tolerância para com os cristãos, mas o Imperador acabou por ceder às intrigas persistentes da sua amante judia Popeia, a quem se aponta como autora da ideia de inculpar os cristãos pelo incêndio da cidade de Roma, facto com o qual se justificou a primeira perseguição aos cristãos levada a cabo pelo Império Romano.

Os padres jesuítas B. Llorca, S. J., e R. Garcia Villoslada, S. J., e F. J. Montalbán, S. J., em relação às perseguições iniciadas pela Roma pagã contra os débeis e inermes cristãos, a partir de Nero, reconhecem o seguinte: «Os judeus foram os elementos mais activos em fomentar o ambiente de ódio contra os cristãos, a quem consideravam como suplantadores da lei mosaica...» «Esta actividade dos judeus teria de exercer notável influência, pois consta-nos que já no tempo de Nero gozaram de grande ascendente em Roma, e é bem sabido que, por ocasião do martírio de São Pedro e São Paulo, alguns insinuaram a ideia de que haviam sido mortos por ódios dos judeus.»

«Existindo pois este ambiente, açulado pelo ódio dos judeus, fàcilmente se concebe a perseguição de Nero. Como capa-

---

[90] Bíblia. «Os Feitos dos Apóstolos». Cap. XVIII. Versículo 2.

[91] Tertuliano. «Scorpiase» e «Ad Nationes», citados por Ricardo C. Albanés em «Os Judeus através dos Séculos». Ed. cit. Pág. 432 e 435.

zes de toda a classe de crime, foi fácil apontar os cristãos como causadores do incêndio de Roma. Ao povo não lhe custou muito acreditá-lo.» [92] Com efeito, os judeus chegaram a acusar os cristãos caluniosamente, até de cometer o nefando crime de comerem as criancinhas nas suas cerimónias [93], o que indignava.

É compreensível que esta intriga constante, este persistente labor de calúnia e difamação, que os hebreus lançam sempre contra aqueles que estorvam os seus planos, realizada no Império Romano por milhares de indivíduos, mês após mês, ano após ano, tenha finalmente conseguido os seus objectivos, lançando contra a nascente cristandade, que eles não podiam aniquilar por si sós, todo o gigantesco poderio do Império Romano, num afã destruidor jamais conhecido na história da Humanidade.

Em apoio desta verdade citaremos o testemunho incontroverso de uma autorizada fonte judaica, a do famoso rabino hebreu Wiener, que, na sua obra intitulada «Die Juwisechen Speisegesetz», confessa que os judeus foram os causadores das perseguições de Roma contra os cristãos, observando que no reinado de Nero e no ano de 65 da nossa era, quando Roma tinha por Imperatriz uma judia, Popeia, e por prefeito da cidade um judeu, se inicia a era dos mártires que devia prolongar-se por 249 anos [94].

Nestas instigações dos hebreus para provocar as perseguições romanas contra o cristianismo, intervieram inclusivamente rabinos tão destacados na história da Sinagoga como o famoso rabino Jehuda, um dos autores do Talmude, que, como já se disse, é um dos livros sagrados, fonte da religião do judaísmo moderno. Jehuda «obteve no ano 155 da nossa era uma ordem para que fossem sacrificados todos os cristãos de Roma, morrendo em virtude dela muitos milhares e sendo precisamente judeus os verdugos dos Papas mártires Caio e Marcelino» [95].

O Arcebispo-Bispo de Port Louis, Monsenhor Leon Meurin, jesuíta, na sua obra «Filosofia da Maçonaria», pág. 172, afirma que quando os judeus, chefiados por Bar Kohba, um falso Messias, se sublevaram contra Roma e reconquistaram por três anos (132-135 d. C.) a sua independência, nesse curto espaço

---

[92] B. Llorca, S. J., R. Garcia Villoslada, S. J., e F. J. Montálban, S. J., «História da Igreja Católica». Ed. cit. Tomo I. Pág. 172 e 173.

[93] Ricardo C. Albanés. Obr. cit. Pág. 432 e 435

[94] Rabino Wiener, «Die Juwisechen Speisegesetz». Obr. cit. Pág. 435. Citado por Ricardo C. Albanés.

[95] Dr. Rohlieng. Sacerdote católico. «Die Polemik des Abbinismus», citado por Ricardo C. Albanés, obr. cit. Pág. 435.

de tempo assassinaram pelo menos cento e quatro mil cristãos, quantidade exorbitante em relação à população cristã da Palestina nessa época. Isto dá-nos uma ideia do que sucederá quando os judeus impuserem em todo o mundo a sua ditadura totalitária.

Durante três séculos, os cristãos resistiram heròicamente sem responder à violência com a violência, mas é compreensível que, quando o cristianismo, depois de três séculos de perseguições, consegue um triunfo completo no Império Romano com a conversão de Constantino e a adopção da religião cristã como religião do Estado, se tenha por fim resolvido a responder à violência com a violência, para se defender das conspirações constantes do judaísmo, tanto a Igreja triunfante como os povos que tinham depositado a sua fé nela e que também se encontravam sempre ameaçados pela acção destrutiva e demolidora do imperialismo judaico.

Por outro lado, é preciso que os cobardes, que perante a situação actual pensam capitular frente à Sinagoga de Satanás, por medo às suas perseguições e ao seu poderio e influência, tomem em conta que as terríveis ameaças dos nossos dias estão muito longe de ser tão graves como as que tiveram de afrontar Cristo Nosso Senhor, os Apóstolos e os primeiros cristãos, enfrentados não sòmente pelo poderoso judaísmo mas também pelo então invencível poderio do Império Romano, o maior e mais forte de todos os tempos, unidas ambas essas ameaças mortais na originada desintegração interna que os hebreus, por meio da sua quinta coluna, provocaram no seio do cristianismo como o gnosticismo e outras destruidoras heresias.

Tomem em conta que, se apesar dessa situação, muito mais difícil e trágica que a actual, a Santa Igreja não só pôde salvar-se mas até conseguir uma completa vitória sobre os seus mortais inimigos, foi porque contou com Pastores que jamais desmaiaram, nunca se acobardaram, nem aceitaram pactos vergonhosos com as forças de Satanás. Em nenhum momento pensaram buscar situações de compromisso, baseadas numa pretensa como falsa prudência, nem coexistência pacífica, nem capitulações diplomáticas, que são sempre sofismas empregados pelos padres cobardes ou cúmplices do inimigo, os quais pretendem nos nossos dias que a Santa Igreja e os seus Pastores entreguem nas garras do lobo as ovelhas cuja custódia zelosa lhes encomendou Cristo Nosso Senhor, com prejuízo do prestígio da própria Igreja e da fé que nela têm depositado os fiéis católicos.

4.ª PARTE

A Quinta Coluna Judaica no Clero

CAPÍTULO I

O POLVO ESTRANGULA A CRISTANDADE

A revolução maçónico-jacobina conseguiu ir derrotando toda a cristandade, pela mesma razão que continua agora a triunfar de uma forma esmagadora a revolução judeo-comunista: porque a Santa Igreja Católica e a cristandade inteira não têm podido combater senão os tentáculos do polvo (Partido Comunista, grupos revolucionários e, em poucos casos, como em Espanha, a maçonaria), deixando incólume a cabeça vigorosa. Por isso tem podido o monstro regenerar e reconstruir os membros que circunstancialmente lhes cerceiam para os empregar de novo de forma mais eficiente, até ter conseguido a escravização de meio mundo cristão (Rússia, estados da Europa Ocidental e Cuba), estando já a ponto de escravizar o resto da Humanidade.

O triunfo constante das revoluções judaico-maçónicas e judaico-comunistas desde os fins do séc. XVIII até aos nossos dias deve-se também a que nem a Santa Igreja Católica nem as Igrejas separadas [1] têm lutado eficazmente contra a quinta coluna judaica introduzida no seio delas.

A quinta coluna está formada por descendentes de judeus que se converteram em séculos anteriores ao cristianismo, praticando em público, e de forma aparentemente fervorosa, a religião de Cristo, enquanto que em segredo conservavam a sua fé judaica, levando a cabo, ocultamente, os ritos e cerimónias judeus e organizando-se em comunidades e sinagogas secretas, que têm funcionado na clandestinidade durante vários séculos. Estes cristãos aparentes, judeus em segredo, começaram a infiltrar-se desde há muitos séculos na sociedade cristã, tratando de apoderar-se dela por dentro, para o que semearam heresias

[1] Abstemo-nos aqui de empregar termos mais duros a respeito dessas Igrejas, com o propósito de obter uma aproximação entre os católicos, protestantes e ortodoxos, necessária para conseguir a formação de uma frente política comum contra o imperialismo judaico.

e dissensões, tratando inclusive de apoderar-se do clero nas diferentes Igrejas de Cristo. Tudo isso, usando do estratagema de introduzir cristãos criptojudeus no clero católico que depois pudessem ir escalando as diferentes dignidades da Santa Igreja primeiro e das Igrejas dissidentes depois, em cujos desacordos tiveram sempre tanta influência estes judeus clandestinos.

Enquanto a Igreja de Roma, SS. SS. os Papas e os Concílios Ecuménicos lutaram eficazmente durante o milénio da Idade Média contra o judaísmo e, sobretudo, da quinta coluna, os movimentos revolucionários organizados para dividir e destruir a cristandade, foram completamente vencidos e aniquilados. Assim aconteceu desde Constantino até fins do séc. XV. Desgraçadamente, a Santa Igreja, por motivos que posteriormente estudaremos, não pôde continuar a atacar de forma eficaz a quinta coluna constituída por judeus clandestinos introduzidos como fiéis, como padres e até como dignitários.

Foi então que o impulso do movimento judeo-revolucionário se tornou cada vez mais vigoroso, até adoptar, em fins do século XVIII, o carácter de avalancha incontível.

No século XX, em que as tretas judias chegaram ao extremo de levar os católicos ao esquecimento da gigantesca luta de vários séculos, travada entre o catolicismo e o judaísmo, é que este último obteve os maiores progressos nos seus planos de domínio mundial, porque conseguiu escravizar já, sob a ditadura judeo-comunista, uma terça parte da Humanidade.

Na Idade Média, os Papas e os Concílios conseguiram destruir os movimentos revolucionários judeus, que, sob a forma de heresias, surgiam dentro da cristandade e que eram iniciados por cristãos de aparência, mas judeus em segredo, os mesmos que iam logo enredando sinceros e bons cristãos no nascente movimento herético, enganando-os hàbilmente.

Os judeus clandestinos organizavam e controlavam secretamente esses movimentos, geradores e impulsionadores de graves heresias como a dos iconoclastas, dos cátaros, dos patarinos, dos albigenses, dos hussitas, dos iluminados e outros mais.

O trabalho destes judeus introduzidos como quinta coluna no seio da Igreja de Cristo facilitava-se com a fingida conversão ao cristianismo deles e dos seus antepassados, que modificavam os nomes e apelidos judeus e passavam a usar cristianíssimos nomes, adornados pelo apelido dos padrinhos de baptismo, com o qual conseguiram diluir-se na sociedade cristã e assenhorear-se dos apelidos das principais famílias de França, Itália, Inglaterra, Espanha, Portugal, Alemanha, Polónia e outros países da Europa cristã. Com este sistema, conseguiram introduzir-se no próprio seio da cristandade, para a conquistar

por dentro e desorientar a medula das instituições religiosas, políticas e económicas.

A rede de judeus clandestinos existente na Europa medieval transmitia em segredo a fé judaica de pais para filhos, ainda que vivessem todos uma vida cristã em público e enchessem as suas casas de crucifixos e imagens de santos. Regra geral observavam em público com ostentação o culto cristão e apareciam como os mais devotos para não despertar suspeitas.

Como é natural, este sistema judaico de converter-se fingidamente ao cristianismo, para invadir a cidadela cristã e facilitar a sua desintegração, foi por fim descoberto pela Santa Igreja, com o conseguinte escândalo e indignação dos Papas, dos Concílios Ecuménicos e Provinciais e do clero sincero na sua fé. Mas o que mais escândalo provocou foi o facto de estes judeus clandestinos introduzirem os seus filhos no clero ordinário e nos conventos, com tão bom resultado, que muitos chegaram a escalar as dignidades de Cónego, Bispo, Arcebispo e até a de Cardeal. Entretanto, não se contentaram com isso, pois levaram a sua audácia ao extremo de pretenderem conquistar para eles o próprio Papado, sonho ambicioso que sempre acariciaram e que estiveram a ponto de conseguir no ano de 1130, quando o Cardeal Pierleoni, um falso cristão, judeu em segredo, obteve, por meio de enganos e artifícios, que três quartas partes dos Cardeais o elegessem Papa em Roma com o nome de Anacleto II. Por fortuna, a assistência de Deus à sua Santa Igreja pôde uma vez mais salvá-la de tão tremendo transe. Nesta ocasião, a Divina Providência valeu-se principalmente de São Bernardo e do Rei de França, que apoiaram o grupo heróico de Cardeais antijudeus, enfrentando as forças de Satanás e elegendo Papa a Inocêncio II, conseguindo salvar a Igreja de uma das crises mais graves da sua história.

Embora o antipapa judeu Anacleto II tenha conseguido morrer em Roma, usurpando o posto e as honras pontifícias, o sucessor imposto por ele foi obrigado a demitir-se pelas tropas da Cruzada, que, organizada a instâncias de São Bernardo, conseguiu, com a ajuda de Deus, salvar a Santa Igreja das garras do judaísmo, enquanto São Bernardo alcançava a sua merecida canonização.

Os Concílios Ecuménicos e Provinciais da Idade Média combateram encarniçadamente o judaísmo e a quinta coluna judaica introduzida nas fileiras do próprio clero católico, deixando copiosa legislação canónica, destinada a conjurar as investidas do inimigo.

Para combater não sòmente os tentáculos do polvo, que eram na Idade Média as revoluções heréticas, mas a própria

cabeça do judaísmo, a Santa Igreja Católica recorreu a diversos meios, entre os quais se destaca pela sua importância o Santo Ofício da Inquisição, tão caluniado pela propaganda judia, organização destinada a estirpar as heresias e acabar com o poder oculto do judaísmo que as dirigia e alentava. Graças à Inquisição, pôde a Santa Igreja derrotar o judaísmo e deter durante vários séculos a catástrofe que se suspende agora, ameaçadora, sobre a Humanidade, pois várias das chamadas heresias eram já movimentos revolucionários de tanto alcance e pretensão como os dos tempos modernos, que pugnavam não só por destruir a Igreja de Roma mas também derrotar todos os príncipes e aniquilar a ordem social existente, em benefício do judaísmo, director oculto desses anteriores movimentos heréticos e depois dos movimentos maçónico-jacobinos e judaico-comunistas dos tempos actuais.

Os padres católicos, que se horrorizam ao ouvir o nome da Inquisição, influenciados pela propaganda secular do judaísmo internacional, e sobretudo pela da quinta coluna judaica introduzida no seu clero, deveriam compreender que se tantos Papas e Concílios, tanto Ecuménicos como Provinciais, apoiaram durante seis séculos, primeiro a Inquisição Pontifícia Europeia, e, depois, as Inquisições Espanhola e Portuguesa, deveriam ter motivos bem fundamentados. Os católicos que se espantam e horrorizam ao ouvir falar do Santo Ofício é porque desconhecem os factos que se acabam de mencionar e cuja veracidade se demonstrará em capítulos posteriores, com documentação fidedigna e fontes incontroversas.

CAPÍTULO II

ORIGENS DA QUINTA COLUNA

Para comprovar uma parte dos factos mencionados no capítulo anterior, lançaremos mão de uma primeira e irrefutável prova, o testemunho do historiador judeu contemporâneo mais autorizado na matéria, o diligente e minucioso Cecil Roth, que, com justiça, é reconhecido nos meios israelitas como o investigador contemporâneo mais ilustre, sobretudo em matéria de criptojudaísmo.

Na sua célebre «História dos Marranos», Cecil Roth dá pormenores muito interessantes de como os judeus, graças às suas conversões tão aparentes como falsas, foram introduzidos dentro da cristandade, actuando em público como cristãos, mas conservando em segredo a sua religião judia. Mostra-nos também com esta fé clandestina se foi transmitindo de pais para filhos a coberto de uma aparência exterior de uma militância cristã.

Na sua «História dos Marranos» — Editorial Israel, Buenos Aires, 1946, ano judaico 5706, diz textualmente:

«*INTRODUÇÃO*

«*ANTECEDENTES DO CRIPTOJUDAÍSMO*

«O criptojudaísmo, nas suas diversas formas, é tão antigo como os próprios judeus. Nos tempos do domínio helénico na Palestina, os débeis de carácter tratavam de esconder a sua origem, a fim de escapar ao ridículo nos exercícios atléticos. Sob a férula romana alargaram-se igualmente os subterfúgios para evitar o pagamento de imposto judaico especial: o *Fiscus Judaicus,* instituído depois da queda de Jerusalém; e o historiador Suetónio faz um animado relato das indignidades infligidas a um nonagenário, com o fito de descobrir se era ou não judeu.

«A atitude judaica oficial, tal como se expressa nas sentenças dos rabinos, não podia ser mais clara. Um homem pode

e deve salvar a sua vida em perigo por qualquer meio, exceptuados o assassínio, o incesto e a idolatria. Este aforismo aplicava-se nos casos em que se impunha fazer um gesto público de renúncia à fé. A simples ocultação do judaísmo, pelo contrário, era coisa muito diferente. Os rigoristas exigiam que não se renunciassem às vestimentas típicas, se isso fosse imposto como medida de opressão religiosa. Tão firme fidelidade ao princípio não podia pedir-se a toda a gente. A lei judia tradicional estabelece excepções para os casos em que, por compulsão, seja impossível observar os preceitos *(ones)*, ou quando todo o judaísmo viva dias difíceis *(scheat ha-schemad)* O problema actualizou-se nos finais dos tempos talmúdicos, no século V, durante as perseguições zoroástricas na Pérsia, mas foi resolvido graças mais a uma forçada negligência das observâncias tradicionais do que a uma positiva conformidade com a religião dominante. O judaísmo tornou-se, de certo modo, subterrâneo, e só recuperou a sua inteira liberdade anos depois.

«Com o auge das doutrinas cristãs, impostas definitivamente na Europa no século IV, iniciou-se uma fase muito diferente da vida judaica. A nova fé reclamava para si a exclusiva posse da verdade e considerava, inevitàvelmente, o proselitismo como uma das suas maiores obrigações morais. A Igreja reprovava, por certo, a conversão forçada. Baptismos realizados em tais condições eram considerados írritos. O Papa Gregório, o Grande (590-504), condenou-os repetidamente, embora acolhesse de boa vontade os prosélitos atraídos por outros meios. A maior parte dos seus sucessores seguiu o seu exemplo. Contudo, nem sempre se fazia caso da proibição papal. Reconhecia-se, naturalmente, que a conversão forçada não era canónica. Para evitá-lo, ameaçavam os judeus com a expulsão ou a morte e dava-se-lhes a entender que com o baptismo se salvariam. Acontecia, às vezes, que os judeus se submetiam pela dura necessidade. Em tais casos, a sua aceitação do cristianismo considerava-se espontânea. Assim, houve uma conversão forçada em massa, em Mahón, Minorca (418), sob os auspícios do Bispo Severo. Um episódio similar ocorreu em Clermont, Auvergne, na manhã do dia da Assunção, do ano 576; e, não obstante a desaprovação de Gregório, o Grande, seguiu-se o exemplo em diversos lugares de França. Em 629, o Rei Dagoberto ordenou a todos os judeus do país que aceitassem o baptismo, sob pena de desterro. A medida foi imitada pouco depois na Lombardia.

«Evidentemente, as conversões obtidas por tais meios não podiam ser sinceras. Na medida do possível, as vítimas continuavam praticando ocultamente o judaísmo e aproveitavam a primeira oportunidade para voltar à fé dos seus antepassados.

Um caso desses notável produziu-se em Bizâncio, na época de Leão, o Isauriano, em 723. A Igreja sabia e fazia quanto estava ao seu alcance para evitar que os judeus continuassem mantendo relações com os seus irmãos renegados, fossem quais fossem os meios com os quais se havia conseguido a sua conversão. Os rabinos chamavam a estes apóstatas relutantes, *anusim* (forçados), tratando-os de modo muito diferente do que aos que renegavam por vontade própria. Uma das primeiras manifestações da sabedoria rabínica na Europa constituiu-a o livro de Gerschom, de Mogúncia, «A Luz do Exílio» (escrito cerca do ano 1000), o qual proibia tratar rudemente os «forçados» que regressavam ao judaísmo. O seu próprio filho tinha sido vítima das perseguições e, apesar de ter morrido como cristão, Gerschom pôs-se de luto como se tivesse morrido na sua fé. Nas orações da Sinagoga há uma que implora a protecção divina para toda a Casa de Israel e também para os «forçados» que estivessem em perigo, em terra ou no mar, sem fazer a menor distinção entre uns e outros. Quando se iniciou o martirológio do judaísmo medieval com as matanças do Reno, durante a primeira cruzada (1096), numerosas pessoas aceitaram o baptismo para salvar a vida. Mais tarde, alentados e protegidos por Salomão ben Isaac de Troyes (Raschi), o grande sábio franco-judeu, muitos deles retornaram à fé mosaica, por mais que as autoridades eclesiásticas vissem com maus olhos a perda dessas almas preciosas, por eles ganhas para a Igreja.

«O fenómeno do marranismo vai, no entanto, mais além da conversão forçada e da consequente prática do judaísmo em segredo. A sua característica essencial é que essa fé clandestina se transmitia de pais para filhos. Uma das razões aduzidas para justificar a expulsão dos judeus de Inglaterra, em 1290, era que seduziam os recém-convertidos e os faziam voltar ao «vómito do judaísmo». Cronistas judeus alegam que muitas crianças foram sequestradas e enviadas para o Norte do país onde continuaram praticando durante muito tempo a sua antiga religião. A esse facto se deve, informa um deles, que os ingleses tivessem aceite tão fàcilmente a reforma, assim como a sua predilecção pelos nomes bíblicos e certas particularidades dietéticas que se observam na Escócia. A versão não é tão improvável como poderia parecer à primeira vista e constitui exemplo interessante de como o fenómeno do criptojudaísmo pode aparecer nos lugares aparentemente menos indicados para isso. Do mesmo modo, duzentos anos depois de terem sido expulsos os judeus do Sul da França, genealogistas maliciosos encontravam em algumas famílias de linhagem, que, segundo se dizia, continuavam praticando o judaísmo no interior dos

seus lares, traços do sangue daqueles judeus que preferiram ficar no país como católicos públicos e confessos.

«Existem exemplos semelhantes muito mais próximos no tempo. O mais notável de todos é o dos *neofiti*, de Apúlia, recentemente trazido à luz depois de muitos séculos de esquecimento. Ao finalizar o século XIII, os Angevin, que reinavam em Nápoles, provocaram uma conversão geral nos judeus dos seus domínios radicados nas cercanias da cidade de Trani. Sob o nome de *neofiti*, os conversos continuaram vivendo como criptojudeus, pelo espaço de mais de três centúrias. A sua secreta fidelidade ao judaísmo foi um dos motivos pelos quais a Inquisição se tornou activa em Nápoles, no século XVI. Muitos deles morreram na fogueira, em Roma, em Fevereiro de 1572; entre outros, Teófilo Panarelli, sábio de certa reputação. Alguns conseguiram escapar para os Balcãs, onde se incorporaram nas comunidades judias existentes.

«O fenómeno não ficou, de modo nenhum, confinado ao mundo cristão. Encontram-se ainda, em diversos lugares do mundo muçulmano, antigas comunidades de criptojudeus. Os «daggatun» do Sara continuaram praticando os preceitos judaicos muito depois da sua conversão formal ao Islão, e os seus vestígios actuais não os esqueceram de todo. Os «donmeh» de Salónica descendem dos partidários do pseudomessias Sabbetai Zevi, que o acompanharam na apostasia, e, ainda que ostensivamente sejam muçulmanos convictos, praticam nos seus lares um judaísmo messiânico. Mas além deste há outros exemplos. As perseguições religiosas na Pérsia, iniciadas no século XVII, deixaram neste país, particularmente em Meshed, numerosas famílias que observam em privado o judaísmo com meticulosa escrupulosidade, enquanto que exteriormente são adeptos devotos da fé dominante.

«Mas o país clássico do criptojudaísmo é a Espanha. A tradição foi ali tão prolongada e geral, que é de suspeitar a existência de uma predisposição marrânica na própria atmosfera do país. Já no período romano, os judeus eram numerosos e influentes. Muitos deles pretendiam descender da aristocracia de Jerusalém, levada ao desterro por Tito ou por conquistadores anteriores. No século V, depois das invasões dos bárbaros, a sua situação melhorou muito, pois os visigodos haviam adoptado a forma arriana do cristianismo e favoreciam os judeus, tanto por serem monoteístas estritos como por constituirem uma minoria influente, cujo apoio valia a pena assegurar, mas, convertidos depois à fé católica, começaram a demonstrar o zelo tradicional dos neófitos. Os judeus sofreram logo de início as desagradáveis consequências de semelhante zelo. Em 589, entronizado Recaredo, a legislação eclesiástica começou a ser-lhes aplicada

nos seus mínimos pormenores. Os seus sucessores não foram tão severos, mas tendo Sisebuto subido ao trono (612-620), prevaleceu o mais cerrado fanatismo. Quiçá, instigado pelo Imperador bizantino Heraclio, publicou em 616 um edicto que ordenava o baptismo de todos os judeus do seu reino, sob pena de desterro e perda de todos os seus bens. Segundo os cronistas católicos, noventa mil abraçaram a fé cristã. Este foi o primeiro dos grandes desastres que assinalaram a história dos judeus em Espanha.

«Até ao reinado de Rodrigo, o «último dos visigodos», a tradição das perseguições foi seguida fielmente, salvo breves interrupções. Durante grande parte desse período, a prática do judaísmo esteve completamente proibida. Apesar disso, logo que se relaxou a vigilância governamental, os recém-convertidos aproveitaram a oportunidade para retornar à fé primitiva. Sucessivos Concílios de Toledo, desde o quarto até ao décimo oitavo, consagraram as suas energias a inventar novos métodos para impedir o retorno à Sinagoga. Os filhos dos suspeitos foram separados dos seus pais, e criados numa atmosfera cristã incontaminada. Obrigou-se aos conversos a assinar uma declaração que os comprometia a não respeitar no futuro nenhum rito judaico, excepto a interdição da carne de porco, pela qual diziam sentir uma repugnância física. Mas, apesar de tais medidas, a notória infidelidade dos recém-convertidos e seus descendentes continuou sendo um dos grandes problemas da política visigoda, até à invasão árabe em 711. O número de judeus encontrados no país por estes últimos prova o completo fracasso das repetidas tentativas para os converter. A tradição marrana já se havia iniciado na Península.

«Com a chegada dos árabes, começou para os judeus de Espanha uma idade de ouro: primeiro no califado de Córdova, e, depois da sua queda (1012), nos reinos menores que se levantaram sobre as suas ruínas. Vigorizou-se notàvelmente o judaísmo peninsular. As suas comunidades excederam, em número, em cultura e em riqueza, as dos demais países do Ocidente. Mas a larga tradição de tolerância interrompeu-se com a invasão dos almorávidas, em começos do século XII. Quando os puritanos almóadas, seita norte-africana, foram chamados à Península, em 1148, para conter o ameaçador avanço das forças cristãs, a reacção tornou-se violenta. Os novos governantes introduziram em Espanha a intolerância que já haviam demonstrado em África. A prática, tanto do judaísmo como do cristianismo, ficou proibida nas províncias que ainda continuavam sujeitas ao domínio muçulmano. A maior parte dos judeus fugiu então para os reinos cristãos do Norte; nesse período iniciou-se a hegemonia das comunidades da Espanha

cristã. A minoria que não pôde fugir, e que se salvou de ser degolada ou vendida como escravos, seguiu o exemplo dado em anos anteriores pelos seu irmãos do Norte de África e abraçou a religião do Islão. No fundo dos seus corações continuaram, apesar de tudo, sendo fiéis à fé dos seus maiores. Novamente se conheceu na Península o fenómeno dos prosélitos insinceros, que pagavam tributo com os lábios à religião dominante e observavam no íntimo dos seus lares as tradições judaicas. A sua infidelidade era notória.» [2]

Até aqui o texto integral do mencionado historiador Cecil Roth, que vem demonstrar:

I. — Que o criptojudaísmo ou judaísmo clandestino, nas suas diversas formas, é tão antigo como os próprios judeus e que os judeus, inclusive nos tempos da antiguidade pagã, já recorriam ao artifício de ocultar a sua identidade como tais, para aparecer como membros ordinários do povo gentio em cujo território viviam.

II. — Que no século V da era cristã, durante as perseguições na Pérsia zoroástrica, o judaísmo tornou-se de certo modo subterrâneo.

III. — Que, com o auge das doutrinas cristãs no século IV, iniciou-se uma nova fase na vida judia, ao reclamar para si a nova fé, uma exclusiva posse da verdade, considerando inevitàvelmente o proselitismo como uma das suas maiores obrigações morais.

Embora a Igreja cristã condenasse as conversões obrigadas ou à força e tratasse de proteger os judeus contra elas, aceitou, não obstante, que se lhes submetessem dilemas e pressões que os inclinassem à conversão, em cujo caso eram julgadas como espontâneas. Cita em seguida o autor conversões desse tipo, realizadas em Minorca, França e Itália, nos séculos V e VI da era cristã, para depois concluir que tais conversões dos judeus ao cristianismo não podiam ser sinceras e que os conversos continuavam praticando ocultamente o seu judaísmo.

Assinala como em Bizâncio ocorreu algo semelhante, em tempos de Leão, o Isauriano, no ano de 723, demonstrando que já no século VIII da era cristã, quer dizer, há mais de mil e duzentos anos, de França a Constantinopla, de um extremo ao outro da Europa cristã, se estava generalizando a infiltração dos judeus no seio da Santa Igreja, mediante as falsas conversões, e se ia formando ao lado do judaísmo, que pùblicamente

[2] Cecil Roth. «História dos Marranos». Editorial Israel. Buenos Aires. 1946. Ano judeu de 5706. Pág. 11 a 18.

praticava a sua religião, um judaísmo subterrâneo, cujos membros na aparência eram cristãos.

IV. — Que há no marranismo, além da conversão fingida e da prática do judaísmo em segredo, uma arreigada tradição que obriga os judeus a transmitir essa tendência de pais para filhos. Cita o autor o ocorrido na Inglaterra e Escócia a partir de 1290, onde uma das razões aduzidas para expulsar os judeus foi a de que induziam os conversos a praticar o judaísmo e a de que muitas crianças foram sequestradas e enviadas para o Norte do país, onde continuaram praticando a sua religião antiga, quer dizer, a judaica. Há que notar que, depois de 1290, o judaísmo ficou proscrito em Inglaterra e que ninguém se podia radicar no país sem ser cristão.

É muito interessante a menção que faz o ilustre historiador hebreu da afirmação de um cronista judeu, no sentido de que a isso se deve também que os ingleses tivessem aceite tão fàcilmente a Reforma e também a sua predilecção pelos nomes bíblicos. Foi pois uma falsa conversão de judeus ao cristianismo o que formou dentro da Igreja de Inglaterra essa quinta coluna que deveria facilitar a sua separação de Roma. É também evidente que com as falsas conversões dos judeus em Inglaterra, longe de obter a Santa Igreja a esperada salvação de almas, obteve a perda de milhões delas, quando os descendentes desses falsos conversos fomentavam o cisma anglicano.

Há outros casos muito destacados de falsas conversões de judeus ao cristianismo, entre eles o dos Neofiti do Sul de Itália, apontado por Cecil Roth, que foram perseguidos pela Inquisição, morrendo muitos em Roma, queimados na fogueira.

É importante citar o facto de que a Inquisição, que funcionava em Roma, era naturalmente a Santa Inquisição Pontifícia, cuja benemérita acção na Idade Média conseguiu deter durante três séculos os progressos do Anticristo.

V. — Que o fenómeno do criptojudaísmo não ficou de nenhum modo confinado ao mundo cristão. Encontram-se ainda em diversos lugares do mundo muçulmano antigas comunidades de criptojudeus, como assinala Cecil Roth, que enumera alguns exemplos de comunidades judaicas, em que os hebreus, sendo muçulmanos em público, continuam a ser, em segredo, judeus, o que quer dizer que também os judeus têm introduzida uma quinta coluna no seio da religião islâmica, explicando, talvez, este facto tantas divisões e tantas revoltas havidas no mundo de Mafoma.

VI. — Que o país clássico do criptojudaísmo é a Espanha, onde a tradição tem sido tão prolongada e geral, que é de suspeitar a existência de uma predisposição marrânica na própria atmosfera do país.

Cremos que isso mesmo pode dizer-se de Portugal e da América Latina, onde as organizações secretas dos marranos, cobertas com a máscara de um falso catolicismo, têm criado, como em Espanha, tantos transtornos, infiltrando-se no clero e organizações católicas, controlando as lojas maçónicas e os partidos comunistas, formando o poder oculto que dirige a maçonaria e o comunismo, estruturando a antipátria, que, como noutras partes do mundo, é dirigida por hebreus, cujo judaísmo é subterrâneo e está oculto sob a máscara de um catolicismo falso, de nomes cristianíssimos e apelidos espanhóis e portugueses, que há quatro ou cinco séculos tomaram os seus antepassados dos padrinhos de baptismo que intervieram na sua conversão ao catolicismo, tão ostentosa como falsa.

CAPÍTULO III

A QUINTA COLUNA EM ACÇÃO

O célebre escritor judeu Cecil Roth declara, como se viu anteriormente, que o criptojudaísmo, quer dizer, a posição dos hebreus que ocultam a sua identidade como tais, cobrindo-se com a máscara doutras religiões e nacionalidades, é tão antigo como o próprio judaísmo. Esta infiltração dos hebreus no seio das religiões e nacionalidades gentílicas, conservando a sua antiga religião e as suas organizações, agora mais secretas, é o que tem formado verdadeiras quintas colunas israelitas no seio dos demais povos e das diferentes religiões, pois o judeu, introduzido na cidadela dos seus inimigos, obra dentro dela, seguindo ordens e realizando actividades planeadas nas organizações judaicas clandestinas, tendentes a dominar desde o interior o povo cuja conquista determinaram, assim como a conseguir o controle das suas instituições religiosas, a desintegração das mesmas ou, quando muito, se uma ou outra coisa não foram de todo possíveis, a reforma dessas religiões, de maneira que favoreçam os planos judaicos de domínio mundial.

É evidente que, quando conseguiram a conquista por dentro dos comandos de uma confissão religiosa, a utilizaram sempre para favorecer os seus planos de domínio universal, aproveitando sobretudo a sua influência religiosa para destruir, ou pelo menos, debilitar as defesas do povo ameaçado. É preciso que se nos gravem bem estes três objectivos medulares da quinta coluna, visto que, através de quase dois mil anos, têm constituído o essencial das suas actividades, quer sejam de conquista ou de subversão, quer se apresentem no seio da Santa Igreja de Cristo ou no de outras religiões gentílicas, o que explicam que o labor da criptojudaica quinta-colunista tenha resultado mais eficaz, quanto maior tenha sido a influência adquirida por este na religião onde se encontra emboscado; por isso, uma das mais importantes actividades dos quinta-colunistas criptojudaicos tem sido o de introduzir-se nas filas do próprio clero, com o objectivo de escalar as hierarquias ecle-

siásticas da Igreja Cristã ou religião gentílica que querem dominar, reformar ou destruir.

Também é para eles uma actividade de primeira importância criar «santões» seculares, que nesse campo possam controlar as massas de fiéis com determinado fim político, útil à Sinagoga de Satanás, em plano de combinação e mútua ajuda com os sacerdotes e dirigentes religiosos quinta-colunistas que estão trabalhando com o mesmo fim, dos quais esses chefes santões recebem sempre valiosa ajuda, decisiva com frequência, dada a autoridade espiritual de que conseguiram revestir-se primeiramente esses dirigentes religiosos criptojudaicos.

Desta forma, os sacerdotes e chefes eclesiásticos, com a ajuda dos políticos caudilhos santões, podem fazer em pedaços os verdadeiros defensores da religião e dos povos ameaçados, debilitando e até destruindo as defesas da primeira e dos segundos e facilitando o triunfo do imperialismo judaico e das suas empresas revolucionárias.

É importante fixar-se indelèvelmente estas verdades, pois nestes poucos dados se resume o segredo dos êxitos da política imperialista e revolucionária hebreia desde há vários séculos, sendo preciso que os defensores da religião ou da sua pátria ameaçada tomem em conta que a ameaça não provém sòmente das chamadas esquerdas ou dos grupos revolucionários judaicos, mas que procede do seio da própria religião ou dos próprios sectores direitistas, nacionalistas e patriotas, segundo o caso, pois tem sido táctica milenária do judaísmo invadir secretamente esses mesmos sectores e as próprias instituições religiosas, para anular por meio da intriga caluniosa, bem organizada, os verdadeiros defensores da pátria e da religião, sobretudo, e especialmente, aqueles que, por conhecerem a ameaça judaica, teriam possibilidade de salvar a situação. Com estas medidas, eliminam-nos e substituem-nos por falsos apóstolos, que levam ao fracasso as defesas da religião ou da pátria, tornando possível o triunfo dos inimigos da Humanidade, como chamara São Paulo, tão acertadamente, aos judeus. Em tudo isto, se tem radicado o grande segredo dos triunfos judaicos, especialmente nos últimos quinhentos anos.

É preciso que todos os povos e suas instituições religiosas tomem medidas de defesa adequadas contra este inimigo interno, cujo centro motor está constituído pela quinta coluna judaica introduzida nas Igrejas e, sobretudo, no Clero Cristão e nas demais religiões gentílicas.

Se Cecil Roth, o Flávio Josefo dos nossos dias, nos assegura que a quase totalidade das conversões dos judeus ao cristianismo tem sido fingida, poderíamos perguntar se seria concebível que os ditos judeus pudessem enganar a Cristo Nosso

Senhor, que tratou de os converter. A resposta tem de ser negativa. Os factos o demonstram, pois Jesus sentia maior confiança na conversão dos samaritanos, dos galileus e doutros habitantes da Palestina do que na dos judeus pròpriamente ditos, que empregavam os demais por os considerarem inferiores, apesar re também observarem a lei de Moisés.

Cristo não se fiava na sinceridade das conversões dos judeus, porque os conhecia melhor que ninguém, como no-lo demonstra a seguinte passagem do Evangelho de São João: «Cap. II. 23. — E estando em Jerusalém no dia solene da Páscoa, muitos creram no seu nome, vendo os milagres que fazia. 24. — Mas o mesmo Jesus não se fiava neles, porque os conhecia a todos.» [3]

O próprio Jesus era desprezado pelos judeus por ser galileu. Desgraçadamente, com o tempo, ao ficarem os samaritanos, galileus e outros habitantes da Palestina assimilados ao judaísmo moderno, foram pervertidos por Ele, salvo aqueles que já se tinham convertido prèviamente à fé do nosso Divino Redentor.

Esta norma de desconfiar das conversões dos judeus foi observada também pelos Apóstolos, e depois por diversos dirigentes da Igreja Católica. Sempre que não se tomaram precauções para pôr em evidência a sinceridade das conversões, os resultados foram desastrosos para a cristandade, porque estas conversões só serviram para engrossar a destrutiva quinta coluna criptojudaica introduzida na sociedade cristã.

Outra passagem do Evangelho de São João, contida no Capítulo VIII, Versículos 31 a 59, mostra-nos como vários judeus, que, segundo o Versículo 31, logo trataram de contradizer as suas prédicas e até de o matar, como o mesmo Cristo o afirma nos Versículos 37 e 40 [4], tendo o Senhor de discutir primeiro com eles enèrgicamente em defesa da sua doutrina e esconder-se depois para que o não fossem apedrejar, porque ainda não tinha chegado a sua hora. O Evangelho de São João mostra-nos aqui outra das tácticas clássicas dos falsos judeus conversos ao cristianismo e dos seus descendentes: aparentam crer em Cristo, para depois tratar de matar a sua Igreja, como então tentaram matar o próprio Jesus.

No Apocalipse aparece outra passagem muito significativa a tal respeito: «1. — Escreve o Anjo da Igreja de Éfeso... 2. — Sei das tuas obras, do teu trabalho e da tua paciência e que não podes tolerar os maus; e que o provaste àqueles que se di-

---

[3] Bíblia. Evangelho segundo São João. Cap. II. Versículos 23 e 24.

[4] Idem. Idem. Cap. VIII. Versículos 31 a 59.

zem ser Apóstolos e não o são, e lhes chamastes mentirosos.» [5]

Esta é uma alusão clara à necessidade de provar a sinceridade dos que se dizem Apóstolos, já que dessas provas resulta que muitos são falsos e mentirosos. As Sagradas Escrituras demonstram-nos que Cristo Nosso Senhor e os seus discípulos não só conheciam o problema dos falsos conversos e dos falsos Apóstolos (os Bispos são considerados sucessores dos Apóstolos), mas que nos deram expressamente a voz de alerta, para que nos cuidássemos deles. Se Cristo Nosso Senhor e os Apóstolos tivessem querido evitar o tema, por medo ao escândalo, como muitos cobardes quiseram agora fazê-lo, não teriam consignado o perigo em forma tão expressa, nem se teriam referido tão claramente a factos tremendos, como a traição a Cristo de Judas Iscariote, um dos doze eleitos.

Mais ainda, se Cristo tivesse julgado inconveniente o desmascaramento público desses falsos Apóstolos que tanto abundam no clero do século XX, teria podido, como Deus, evitar que o causador da máxima traição fosse precisamente um dos doze Apóstolos. Se o fez assim, e o desmascarou pùblicamente, ficando consignada a máxima traição nos Evangelhos para conhecimento de todos até à consumação dos séculos, foi por alguma razão especialíssima. Este facto indica que Cristo Nosso Senhor, como os Apóstolos, consideraram que é um mal menor desmascarar a tempo os traidores, para evitar que continuem causando males mortais à Igreja, e que é muito pior encobri-los por temor ao escândalo, permitindo-lhes continuar destruindo a Igreja e conquistando os povos que nela depositaram a sua fé e a sua confiança. Isto explica a razão por que a Santa Igreja, sempre que surgia um Bispo ou Cardeal herege ou cismático, ou um falso Papa (Antipapa), considerava indispensável desmascará-los pùblicamente, para evitar que pudessem continuar arrastando os fiéis para o desastre.

Um padre que esteja facilitando no seu país o triunfo do comunismo, com perigo de morte para a Santa Igreja e para os demais padres, deve ser imediatamente acusado à Santa Sé, não por um, mas por vários meios, na hipótese de algum falhar, com o fim de que, conhecido o perigo, seja privado dos meios de prosseguir causando tantos males. É monstruoso conceber que a confiança depositada pelas nações no clero seja aproveitada pelos judas para conduzir ao abismo os ditos povos.

Se isto se tivesse feito a tempo, a catástrofe de Cuba ter-se-ia evitado e a Igreja, o clero e o povo cubanos não teriam sido precipitados no cisma insondável em que se encontram actualmente, visto que a acção perniciosa e traidora de muitos

[5] Apocalipse de São João. Cap. II. Versículos 1 e 2.

clérigos a favor de Fidel Castro foi o factor decisivo para o triunfo deste, ao arrastar atrás de si a maioria do clero cubano, que, de boa fé, sem se dar conta do engano, empurrou inconscientemente um povo a suicidar-se, um povo que precisamente tinha depositado a sua fé nesses pastores de almas.

Assinalamos esta circunstância com absoluta clareza, para que todos se dêem conta da gravidade do problema, com vista a evitar que os padres quinta-colunistas tratem de levar para o comunismo mais estados católicos, como a Espanha, Portugal, Paraguai, Guatemala e vários outros, usando como meio os enganos mais subtis e encobrindo a sua actividade com um tão hipócrita como falso zelo, aparentando defender a própria religião, que no segredo do seu coração querem aniquilar. Estes traidores devem ser ràpidamente desmascarados pùblicamente para inutilizar a sua acção e impedir com isso que o seu trabalho destruidor abra as portas ao triunfo maçónico ou comunista. Se aqueles que estão em possibilidade de o fazer guardam silêncio, por cobardia ou por indolência, são, de certa forma, quase tão responsáveis da catástrofe que sobrevenha como os padres quinta-colunistas.

Em certa ocasião, São Paulo, antes de sair para Jerusalém, convocou em Éfeso os Bispos e Presbíteros da Igreja e disse-lhes, segundo uma passagem do Novo Testamento: «18. — Eles vieram ter com ele e estando todos juntos, lhes disse: Vós sabeis desde o primeiro dia que entrei na Ásia de que maneira me tenho portado todo o tempo que tenho estado convosco. 19. — Servindo ao Senhor com toda a humildade e com lágrimas e com tentações que me vieram das influências dos judeus. 28. — Olhai por vós e por toda a grei, na qual o Espírito Santo vos pôs por Bispos, para governar a Igreja de Deus, a qual Ele ganhou com o seu sangue. 29. — Eu sei que, depois da minha partida, entrarão convosco lobos arrebatadores, que não perdoarão à grei. 30. — E de entre vós mesmos se levantarão homens, que dirão coisas perversas, para levar os discípulos atrás de si. 31. — Portanto, velai, tendo em memória que, durante três anos, não cessei de noite e de dia de pensar com lágrimas em cada um de vós.» [6]

São Paulo, portanto, julgou indispensável abrir os olhos aos Bispos, prevenindo-os de que entrariam neles lobos arrebatadores que não perdoariam à grei e que de entre os próprios Bispos se levantariam homens que diriam coisas perversas para levar os discípulos atrás de si. Esta profecia de São Paulo tem-se cumprido à letra, através dos séculos, inclusive nos nossos dias, em que se reveste de uma actualidade trágica,

---

[6] Bíblia. «Os Feitos dos Apóstolos». Cap. XX. Versículos 18 a 20 e de 28 a 31.

E tinha de ocorrer assim, já que São Paulo falara com inspiração divina, e Deus não se pode equivocar quando prediz o futuro. É também interessante que este mártir e apóstolo da Igreja, longe de querer ocultar a tragédia por temor ao escândalo, quis prevenir a todos contra ela, recomendando aos Bispos presentes que estivessem constantemente alerta e tivessem memória (Velai e tende memória), memória que, por tanto falhar aos cristãos, tornou em grande parte possíveis os triunfos da Sinagoga de Satanás e da sua destruidora revolução comunista.

Por outro lado, é digno notar-se que se os Apóstolos tivessem considerado imprudente ou perigoso falar dos lobos e traidores que haviam de surgir no próprio Episcopado, se tivesse omitido esta passagem do livro bíblico «Os Feitos dos Apóstolos», mas o ter-se consignado ali demonstra que, longe de considerar escandaloso ou imprudente o seu conhecimento, creram ser indispensáveis que se perpetuasse e divulgasse até à consumação dos séculos, para que a Santa Igreja e os cristãos pudessem estar sempre alerta contra o perigo interno, em muitos casos mais destrutivo e mortal que o representado pelos inimigos de fora.

Como o demonstraremos no decurso desta obra, com provas irrefutáveis, os perigos mais graves surgidos contra a cristandade provieram desses lobos, de que fala tão claramente a profecia de São Paulo, que, em concubinagem com o judaísmo e as suas destruidoras heresias ou revoluções, têm facilitado o triunfo da causa judaica. Sempre que a Santa Igreja se apressou a manietar e inutilizar a tempo esses lobos, pôde triunfar sobre a Sinagoga de Satanás, a qual começou a ter vitórias cada vez de maior importância a partir do século XVI, quando, numa grande parte da Europa, se suprimiu a vigilância da Inquisição Pontifícia, exercida constantemente nas fileiras do próprio clero e do Episcopado e se deixou esmagar sem piedade quando lobos com pele de ovelha surgiam nas suas filas.

Também nos impérios espanhol e português a actividade judaica começou a ter êxitos decisivos quando, em fins do século XVIII, se manietaram as Inquisições do Estado em qualquer desses impérios, porque então os lobos com pele de ovelha puderam livremente, no seio do próprio clero, facilitar primeiro os triunfos judaico-maçónicos e depois os judaico-comunistas, que afortunadamente ainda eram de reduzidas proporções, mas que serão cada dia maiores em número se se permitir aos lobos introduzidos no alto clero utilizar a força da Igreja para esmagar os defensores desta, os patriotas que defendem as suas nações e que lutam contra o comunismo, a maçonaria e o judaísmo.

São Paulo, na sua Epístola aos Gálatas, faz uma clara menção ao labor dos quinta-colunistas, quando, no Capítulo II, diz: «1. — Catorze anos depois subi outra vez a Jerusalém com Barnabé, levando também comigo Tito ... 3. — Mas nem ainda Tito, que estava comigo, sendo gentio, foi coagido a que se circuncisasse. 4. — Nem ainda pelos falsos irmãos que se intrometeram a esquadrinhar a nossa liberdade, que temos em Jesus Cristo, para reduzir-nos à servidão. 5. — Aos quais nem uma hora só quisemos estar em sujeição, para que permaneça entre vós a verdade do Evangelho.» [7] Muito elucidativa a alusão aos falsos irmãos, quer dizer, aos falsos cristãos que pretendem sujeitar-nos à servidão, desvirtuando a verdadeira doutrina de Cristo e do Evangelho, e a cuja sujeição jamais tolerarão, nem São Paulo nem os seus discípulos, submeter-se.

O dito chefe da Igreja, na sua Epístola a Tito, faz também alusão a esses faladores de vaidades e impostores, principalmente judeus, que tanto mal fazem, dizendo a esse respeito textualmente: «Porque há ainda muitos desobedientes, faladores de vaidades e impostores, «maiormente os que são da circuncisão» [8]. Nos séculos posteriores, os factos demonstraram que dos falsos conversos do judaísmo e seus descendentes saíram os mais audazes impostores, os semeadores da desobediência e da anarquia na sociedade cristã e os mais atrevidos charlatães e aduladores ou «faladores de vaidades» como lhes chama São Paulo, que, na sua segunda Epístola aos Coríntios, faz ver claramente as aparências que tornariam no futuro os falsos Apóstolos, dizendo literalmente: «12. — Mas isto o faço e o farei, para cortar a ocasião àqueles que buscam ocasião de ser achados tais como nós para fazer alarde disso. 13. — Porque os tais falsos apóstolos são obreiros enganadores que se transfiguram em Apóstolos de Cristo. 14. — E não é de estranhar que o próprio Satanás se transfigure em anjo da luz. 15. — E assim não é muito, se os seus ministros se transfiguram em ministros da justiça, cujo fim será segundo as suas obras.» [9]

Nesta passagem do Novo Testamento, com palavras proféticas, descreve São Paulo, com a sua divina inspiração, algumas das características essenciais dos clérigos quinta-colunistas ao serviço da Sinagoga de Satanás, falsos apóstolos dos nossos dias, já que, segundo a Santa Igreja, os Bispos são os sucessores dos Apóstolos.

Estas autoridades religiosas, ao mesmo tempo que estão em oculta mas eficaz concubinagem com o comunismo, a ma-

---

[7] Bíblia. Epístola de São Paulo aos Gálatas. Cap. II. Versículos 1, 3, 4 e 5.

[8] Bíblia. Epístola de São Paulo a Tito. Cap. I. Versículo 10.

[9] Bíblia. Epístola II de São Paulo aos Coríntios. Cap. XI. Versículos 12 a 15.

çonaria e o judaísmo, intentam, como Satanás, transfigurar-se em verdadeiros Anjos da Luz e tomam as aparências de ministros da justiça, mas não há que julgá-los pelo que dizem, mas sim pelas suas obras e suas eficazes cumplicidades com o inimigo. Também são muito dignas de tomar em conta as palavras proféticas de São Paulo quando os acusa, no citado Versículo 12, de fazerem alarde de ser como eles os verdadeiros Apóstolos. É curioso que aqueles que fazem mais alarde da sua alta investidura no clero são os que estão ajudando o comunismo, a maçonaria e o judaísmo, porque necessitam disso para esmagar com a sua autoridade eclesiástica os que defendem a sua pátria ou a Santa Igreja contra as ditas seitas. A estes últimos lhes ordenam em privado, como Prelados, que suspendam tão justificada defesa. Valem-se assim da sua autoridade episcopal, usando-a para favorecer o triunfo do comunismo e dos poderes ocultos que o dirigem e o impulsionam. Mas se, apesar de tão sacrílego uso da autoridade episcopal, os defensores do catolicismo e da pátria continuam lutando, acusam-nos de rebeldes à autoridade eclesiástica, de rebeldes às hierarquias e à Igreja, para que os fiéis lhes neguem o seu apoio e a defesa fracasse, empregando em grande escala esse alarde, de que fala São Paulo, em forma altamente prejudicial para a nossa santa religião.

Por último citaremos também do Novo Testamento a Epístola II do Apóstolo São Pedro, primeiro Sumo Pontífice da Igreja, o qual no Capítulo II diz: «1. — Houve também no povo falsos profetas, como haverá entre vós falsos doutores, que introduzirão seitas de perdição e negarão o Senhor que os resgatou, atraindo sobre si próprios premente ruína. 2. — E muitos seguirão as suas resoluções, pelos quais será blasfemado o caminho da verdade. 3. — E por avareza com palavras fingidas farão comércio de vós, cuja condenação já de há muito tempo não tardará, e a perdição deles não adormecerá.» [10] A seguir veremos, no decurso dos capítulos seguintes, como se foi cumprindo esta predição do primeiro vigário de Cristo na Terra. São Pedro, noutra passagem da sua citada Epístola, declara: «21. — Porque melhor lhes era não ter conhecido o caminho da justiça, que, depois do conhecimento, voltar as costas àquele mandamento santo que lhes foi dado. 22. — Pois aconteceu-lhes o que diz aquele provérbio verdadeiro: Tornou-se o cão ao que vomitou (Provérbios XXVI, 11) e a porca lavada a chafurdar nos dejectos.» (Ecles. XXXIV, 30, 31). Fazemos alusão a isto já que muitos hebreus têm criticado o duro termo empregado por vários Concílios da Santa Igreja contra os hebreus, que,

[10] Bíblia. Epístola II do Apóstolo São Pedro. Capítulo II. Versículos 1 a 3.

tendo sido lavados de pecado com as águas do baptismo, voltaram ao vómito do judaísmo. É pois digno de notar que os Santos Sínodos não fizeram outra coisa senão tomar as palavras de São Pedro, citando os referidos versículos bíblicos.

Pelas citadas passagens do Novo Testamento se pode pois confirmar que tanto Cristo Nosso Senhor como os Apóstolos desconfiavam da sinceridade das conversões dos judeus, e que, dando-se conta cabal do que haviam de fazer os falsos conversos e os falsos apóstolos, preveniram os fiéis contra esse mortal perigo, para que pudessem defender-se.

CAPÍTULO QUARTO

O JUDAÍSMO, PAI DOS GNÓSTICOS

A primeira heresia que pôs em perigo a vida da Igreja nascente foi a dos gnósticos, que foi constituída não por uma só mas por várias seitas secretas, que começaram a realizar um labor de verdadeira decomposição no seio da cristandade. Muitas seitas gnósticas pretendiam dar mais amplo significado ao cristianismo, enlaçando-o, segundo manifestavam, com as mais antigas crenças. Transplantou-se da Cabala judia para o cristianismo a ideia de que as Sagradas Escrituras tinham dois significados, um exotérico, quer dizer, exterior e literal, conforme o texto visível dos Livros Sagrados; e outro esotérico ou oculto, só acessível aos altos iniciados, conhecedores da arte de decifrar o significado secreto do texto da Bíblia. Como vimos, entre os hebreus, muitíssimos séculos antes do aparecimento das obras cabalísticas Sefer-Yetzirah, Sefer-ha-Zohar e outras de menor importância, praticava-se a cabala oral, sobretudo nas seitas secretas de altos iniciados, cujas interpretações falsas das Sagradas Escrituras tanto influiram no afastamento do povo hebreu da verdade revelada por Deus.

Sobre o verdadeiro nascimento do gnosticismo, os ilustres historiadores John Yarker e Matter, na sua «Histoire du Gnosticisme», concordam em que foi Simão, o Mago, judeu convertido ao catolicismo, o verdadeiro fundador do gnosticismo, o qual, além de ser um místico cabalista, era praticante da magia e do ocultismo, tendo constituído, com um grupo de judeus, um sacerdócio dos «mistérios», de que figurava, fazendo parte dos seus colaboradores o seu próprio mestre Dozitheus e seus discípulos Menandro e Cerinthus. [11]

Simão, o Mago, fundador da heresia gnóstica, a primeira que dividiu a jovem cristandade, foi também um dos iniciadores da quinta coluna judia introduzida no seio da Santa Igreja.

---

[11] John Yarker. «The Arcane Schools». Pág. 167. Matter. «Histoire du Gnosticisme». Tomo II. Pág. 365.

A Sagrada Bíblia, em «Os Feitos dos Apóstolos», narra-nos como se introduziu no cristianismo o referido judeu: «Cap. VIII. 9—... Havia ali um varão, por nome Simão, que antes havia estado na cidade, enganando as gentes de Samaria, dizendo que era uma grande pessoa... 12. — Mas havendo crido no que Filipe lhes pregava do reino de Deus, baptizavam-se em nome de Jesus Cristo homens e mulheres. 13. — Simão, então, acreditou também; e, depois que foi baptizado, se chegou a Filipe. E vendo os grandes prodígios e milagres que se faziam, ficava atónito de admiração. 14. — Quando os apóstolos que estavam em Jerusalém ouviram que Samaria havia recebido a palavra de Deus, enviaram-lhes a Pedro e a João. 15. — Os quais, chegados que foram, fizeram por eles oração para que recebessem o Espírito Santo. 16. — Porque não havia vindo ainda sobre nenhum deles, mas sim que haviam sido sòmente baptizados em nome do Senhor Jesus. 17. — Então punham as mãos sobre eles e recebiam o Espírito Santo. 18. — E como Simão viu que, pela imposição das mãos dos Apóstolos se dava o Espírito Santo, ofereceu-lhes dinheiro. 19. — Dizendo: Dai-me a mim, também, esse poder, que receba o Espírito Santo todo aquele a quem eu impuser as mãos. E Pedro lhe disse: 20. — O teu dinheiro seja contigo em perdição: porque acreditaste que o dom de Deus se alcançava por dinheiro [12]. E depois de São Pedro o repreender, Simão respondeu: 24. — Rogai vós por mim ao Senhor, para que não venha sobre mim nenhuma coisa das que haveis dito.» [13]

Esta passagem do Novo Testamento narra-nos como nasceu e qual ia ser a natureza da quinta coluna de falsos judeus conversos. Simão, o Mago, converte-se ao cristianismo e recebe as águas do baptismo, para, depois, já no seio da Igreja, tratar de a corromper intentando comprar, nem mais nem menos, que a graça do Espírito Santo. Ao fracassar nos seus intentos, perante a incorruptibilidade do Apóstolo São Pedro, chefe supremo da Igreja, finge arrependimento, mas inicia a seguir divisão interna da cristandade, com a desintegração herética dos gnósticos. Neste, como noutros casos, a Sagrada Bíblia dá-nos a voz de alerta, mostrando o que havia de suceder no futuro, pois os quinta-colunistas judeus dentro da Igreja e do clero seguiram o exemplo de Simão, o Mago, convertendo-se ao cristianismo, para tratar de o corromper pela simonia, desintegrá-lo por meio de heresias e intentar apoderar-se das mais altas dignidades da Igreja por diversos meios, incluindo o de comprar a graça do Espírito Santo.

[12] Bíblia. «Os Feitos dos Apóstolos». Cap. VIII. Versículos citados.

[13] Idem. Idem. Cap. VIII. Versículo 24.

Como a seguir veremos, os Concílios da Santa Igreja empregaram-se em reprimir com energia os Bispos que adquiriam o posto por meio de dinheiro; e a Santa Inquisição comprovou que os padres de ascendência hebreia eram os principais propagadores da simonia e da heresia.

Outro exemplo clássico que nos apresentam os Santos Evangelhos é o de Judas Iscariote, um dos doze Apóstolos, que atraiçoou Cristo vendendo-o aos hebreus por trinta moedas de prata, sendo evidente que, como apóstolo, tinha uma dignidade equivalente ou maior que a dos Bispos e dos Cardeais. Porque o escolheu o nosso Divino Redentor? Ter-se-ia equivocado ao fazer tal selecção e ao honrar Judas com a mais alta dignidade dentro da Igreja nascente, depois da do próprio Jesus Cristo? Claro que Cristo jamais pôde equivocar-se por ser Deus. Se tal coisa fez, é porque assim convinha, a fim de mostrar claramente à sua Santa Igreja de onde ia proceder o maior perigo para a sua existência; quer dizer, quis preveni-la contra os inimigos que surgissem dentro das suas próprias fileiras; e, sobretudo, nas mais altas jerarquias da Igreja, pois se de entre os escolhidos como Apóstolos pelo próprio Cristo saiu um Judas, claro é que com maior razão teriam de sair de entre os nomeados pelos sucessores de Cristo.

Os fiéis não devem, pois, escandalizar-se nunca, nem menos perder a fé na Igreja, ao tomarem conhecimento pela História de Cardeais e Bispos hereges e cismáticos que puseram em perigo a vida da Santa Igreja, nem ainda quando se dêem conta de que, na luta de nossos dias, ainda há Cardeais e Bispos a ajudar a franco-maçonaria, o comunismo e o próprio judaísmo, na sua tarefa de destruir o cristianismo e escravizar todos os povos da Terra.

Volvendo ao gnosticismo originado pelo judeu converso Simão, o Mago, é preciso fazer notar que, muitos anos depois, Santo Ireneu indicou Valentim, um hebreu de Alexandria, como o chefe dos gnósticos. [14]

Matter, o famoso historiador da Gnose, diz-nos que os dirigentes judeus, filósofos alexandrinos, Filón e Aristóbulo, de todo fiéis à religião de seus pais, resolveram adorná-la com os despojos de outros sistemas e abrir ao judaísmo o caminho para imensas conquistas; ambos eram dirigentes também do gnosticismo e cabalistas, esclarecendo o referido autor que aquilo de a «Cabala ser anterior à Gnose, é uma opinião que os escritores cristãos pouco compreendem, mas que os eruditos do judaísmo professam com legítima segurança»; afirmando também que o gnosticismo não foi precisamente uma defecção do

[14] William Thomas Walsh. «Filipe II». Edic. Espasa Calpe. Pág. 266.

cristianismo, mas uma combinação de sistemas, nos quais poucos elementos cristãos foram introduzidos. [15]

Por sua vez, a culta escritora inglesa Nesta H. Webster deduz, depois de laborioso estudo sobre a matéria, que «o resultado do gnosticismo era, não cristianizar a Cabala, mas sim cabalizar o cristianismo, misturando o seu ensinamento puro e simples com a teosofia e até com a magia». [16]

Esta tentativa de cabalizar a cristandade repetiram-na os judeus cabalistas depois do fracasso gnóstico, cada vez que puderam, nas seitas maniqueias, depois com os albigenses, com os rosa-cruzes, com a franco-maçonaria, com as sociedades teosóficas, espiritistas e com outras seitas de diferentes épocas, que confessavam praticar o ocultismo, o qual não é outra coisa senão a Cabala hebreia com todas as suas derivações.

Confirmando que os cabalistas deram origem à Gnose, o famoso historiador da franco-maçonaria, Ragon, diz: «A Cabala é a chave das ciências ocultas. Os gnósticos nasceram dos cabalistas.» [17]

A «Jewish Encyclopaedia» afirma que o gnosticismo «foi de carácter judeu antes de se converter em cristão.» [18]

Uma coincidência interessante é que o principal centro do gnosticismo na época do seu apogeu foi Alexandria, que, por sua vez, foi nesses tempos o centro mais importante do judaísmo fora da Palestina, até que São Cirilo, Bispo da referida cidade, séculos depois, deu um golpe mortal neste foco de infecção da cristandade, expulsando os hebreus de Alexandria.

O testemunho dos Padres da Igreja vem completar o conjunto de provas que apresentamos para demonstrar que a Gnose foi obra do judaísmo, visto que eles chamavam judeus a alguns dos chefes das Escolas Gnósticas [19]. Por outro lado, a «Enciclopédia Judaica Castelhana» indica que «o facto de o gnosticismo primitivo, tanto cristão como judeu, utilizar nomes hebreus no seu sistema e se basear ainda na sua hostilidade em conceitos bíblicos, indica a sua origem judia». Diz, também, que influiu no posterior desenvolvimento da Cabala [20].

---

[15] Matter. «Histoire du Gnosticisme». Ediç. 1944. Tomo I. Pág. 13 e 44.

[16] Nesta H. Webster. «Secret Societies and Subversive Movements». Boswell Printing. Publishing Co. London, 1924. Pág. 27 a 29.

[17] Ragon. «Maçonnerie Occulte». Pág. 78.

[18] «Was jewish in character long before it became christian». «Jewish Encyclopaedia». Vocábulo *Cabala*.

[19] «Enciclopédia Judaica Castelhana». Ediç. cit. Tomo V. Vocábulo *Gnosticismo*. Pág. 84, col. 1.

[20] Idem. Idem. Idem. Esta obra, em oposição às outras fontes citadas, afirma que foi o gnosticismo que deu origem à Cabala e não vice-versa. Mas, como quer que aceite a origem judia da Gnose, esta divergência em nada

Provado que o gnosticismo foi de origem hebreia e esteve dirigido por israelitas, veremos quais foram as consequências no mundo cristão da infiltração de alguns no seio da cristandade por meio do baptismo. O mais perigoso do gnosticismo é a sua apresentação como uma ciência, pois é preciso fazer notar que a palavra Gnose significa ciência, conhecimento. Como se vê, tão-pouco é novo o sistema do judeu Karl Marx e outros israelitas, ao tratarem de revestir as suas falsas e destrutivas doutrinas com uma roupagem científica para assombrar e atrair os incautos, pois, há quase dois milénios, os seus antecessores, os gnósticos, fizeram outro tanto com muito bons resultados. Vê-se, pois, que, também a este respeito, as tácticas judaicas continuam a ser as mesmas.

Além disso, não tiveram escrúpulos em introduzir na Gnose ideias do dualismo persa; e, sobretudo, da cultura helénica, na qual eram doutos os judeus de Alexandria, que foram factor decisivo da propagação do gnosticismo. É necessário ter em conta que, também a este respeito, as tácticas judaicas não mudaram, visto que introduziram nas doutrinas ritos e símbolos da maçonaria, além do elemento cabalista e judaico, elementos de origem greco-romana, egípcia e oriental, para desorientar os cristãos sobre a verdadeira origem da fraternidade.

Por outro lado, é evidente que só os judeus já dispersos por todo o mundo conhecido poderiam tão fàcilmente elaborar essa mescla de ideias judaicas, cristãs, platónicas, neoplatónicas, egípcias, persas e até hindus, que integraram a Gnose, a qual, à semelhança da Cabala hebreia, se estabeleceu como doutrina esotérica, para gente selecta, e se difundiu em forma de sociedades secretas ao estilo judeu. Estas foram-se multiplicando em número e diferenciando cada vez mais nas suas doutrinas. Isso de encontrar, por meio de alegorias semelhantes às da Cabala, um significado oculto para as Sagradas Escrituras, prestava-se a que cada qual desse diversas interpretações aos Evangelhos, acontecendo então, como depois com o livre exame de protestantismo, que o dividiu numa infinidade de Igrejas, às vezes até rivais. Mas o princípio da existência de significados ocultos, distintos do texto literal da Bíblia, tornou possível que os gnósticos se afastassem completamente da verdadeira doutrina cristã, chegando a constituir, com a sua multidão de seitas, um verdadeiro cancro que ameaçava desintegrar internamente a cristandade inteira.

A Gnose partia da base da existência de um Deus bom e de uma matéria concebida como origem do mal. Esse Deus, ser

---

afecta a tese que sustentamos, ao demonstrar, no presente capítulo, a origem hebreia da Gnose.

supremo, produziu, por emanação, uns seres intermediários chamados iões entrelaçados, que, unidos ao ser supremo, constituiam o reino da luz e que eram menos perfeitos à medida que se afastavam de Deus; mas, inclusivamente, o ião inferior tinha partículas da Divindade e era, portanto, incapaz de criar a matéria má por natureza.

A criação do mundo explicavam-na por um desses iões, a que chamavam Demiurgo, o qual ambicionou chegar a ser como Deus e se rebelou contra ele, pelo que foi expulso do reino da luz e lançado no abismo, onde criou o nosso universo, dando forma à matéria e criando o homem, cuja alma, uma partícula de luz, ficou aprisionada na matéria. Então, Deus, para redimir as almas do mundo perverso, mandou à Terra outro ião chamado Cristo, fiel ao Ser Supremo, que jamais teve um corpo real, visto que a matéria é intrìnsecamente má. As diversas seitas gnósticas deram diferentes interpretações a todo este mecanismo, chegando algumas a identificar Jeová com o perverso Demiurgo. Para outras, Jeová foi o Ser Supremo, e, para outras ainda, era só um ião fiel a este. O dualismo persa tomou no gnosticismo a forma de uma luta entre o mundo do espírito e o da matéria.

A redenção das almas encerradas na matéria operava-se, segundo este cúmulo de seitas, por meio da Gnose, quer dizer, do conhecimento da verdade, sem necessidade da moral nem das boas obras. Isto traz como consequência provocar em muitas seitas a mais escandalosa imoralidade e licença de costumes.

A mais perigosa de todas estas sociedades secretas para a cristandade foi dirigida pelo criptojudeu Valentim, que era o tipo do quinta-colunista clássico, visto que actuava no exterior como verdadeiro cristão e semeava a dissolução na Santa Igreja, expandindo a sua seita nefasta. Primeiro, teve a cidade de Alexandria como seu principal baluarte, mas em meados do século II deslocou-se a Roma, com o fim de minar a cristandade na própria capital do Império. Os valentinianos ameaçaram sèriamente desintegrar por dentro a Santa Igreja, a qual, por fim, a fim de travar o nefasto trabalho dêsse falso cristão, verdadeiro judeu quinta-colunista, o expulsou do seu seio.

O gnosticismo chegou a propagar doutrinas que são básicas agora em muitos movimentos judaicos subversivos dos tempos modernos. Assim, a seita dos carpocracianos atacava todas as religiões então existentes, reconhecendo ùnicamente a Gnose, conhecimento dado aos grandes homens de cada nação, Platão, Pitágoras, Moisés, Cristo, a qual «livra a um de tudo o que o vulgo chama religião» e «faz a um igual a Deus». O gnosticismo, nas suas formas mais puras, aspirava, segundo diziam,

a dar um significado mais amplo ao cristianismo, enlaçando-o com as mais antigas crenças. «A crença de que a divindade se manifestou nas instituições religiosas de todas as nações» conduz à concepção de uma espécie de religião universal que contenha os elementos de todas. [21]

Muitos destes conceitos encontramo-los actualmente na doutrina secreta da franco-maçonaria e das sociedades teosóficas.

N. H. Webster, na sua laboriosa investigação sobre a matéria, encontra que na seita gnóstica dos citados carpocracianos do século II, «chegaram a muitas das mesmas conclusões dos modernos comunistas em relação ao sistema social ideal. Assim, Epifânio sustentava que, posto que a própria natureza revela o princípio da comunidade e unidade de todas as coisas, as leis humanas, que são contrárias a esta lei natural, são culpáveis das infracções à legítima ordem das coisas. Antes que estas leis fossem impostas à Humanidade, todas as coisas estavam em comum, a Terra, os bens e as mulheres. De acordo com certos contemporâneos, os carpocracianos volveram a este primitivo sistema, instituindo a comunidade de mulheres e incorrendo em toda a classe de licença.» [22] Como poderá ver-se, os movimentos subversivos modernos do judaísmo são em grande parte uma repetição das doutrinas da grande revolução gnóstica, ainda que partindo de uma base filosófica oposta, visto que o comunismo moderno é materialista, enquanto a Gnose considerava má e desprezível a matéria. No entanto, os factos demonstram-nos que os judeus têm sido muito hábeis em utilizar os sistemas filosóficos mais opostos, para alcançarem resultados políticos similares.

Os gnósticos tinham mistérios e iniciações. Tertuliano, Padre da Igreja, afirmava que a seita dos valentinianos perverteu os mistérios de Elêusis, dos quais fizeram um «santuário de prostituição». [23] E não devemos esquecer que Valentim, falso cristão, criptojudeu de Alexandria, foi apontado por Santo Ireneu como chefe dos gnósticos, cujas seitas, segundo alguns, eram dirigidas por um mesmo poder oculto. É, pois, evidente que os hebreus continuam a ser os mesmos de há mil e oitocentos anos e que, então como agora, semeiam a imoralidade e a prostituição na sociedade cristã, para a corromper e facilitar a sua destruição.

---

[21] Matter. «Histoire du Gnosticisme». Ediç. 1844. Tomo II. Pág. 188. Tomo I, Pág. 44.

[22] Nesta H. Webster. «Secret Societies and Subversive Movements». Págs. 30 e 31.

[23] Matter. Obr. cit. Ediç. 1844. Tomo II. Pág. 365.

Algumas seitas gnósticas chegaram nas suas doutrinas secretas aos graus máximos de perversão. Assim, Eliphas Levi afirma que certos gnósticos introduziram nos seus ritos a profanação dos mistérios cristãos, que devia servir de base à magia negra [24], cujos propagadores principais têm sido também hebreus. Dean Milman, na sua «História dos Judeus», diz que os ofitas adoravam a serpente, porque se havia rebelado contra Jeová, «a quem eles se referiam sob o termo cabalístico de Demiurgo» [25].

É, pois, evidente que essa glorificação do mal, que tem tanta importância nos movimentos revolucionários modernos, controlados secretamente pela Sinagoga de Satanás, tão-pouco é coisa nova; já havia sido lançada como veneno sobre a nascente sociedade cristã pelos judeus gnósticos há mais de dezoito séculos.

E. de Faye, na sua obra «Gnostiques et Gnosticisme», e também Matter, na sua citada «Histoire du Gnosticisme», afirmam que outra seita secreta gnóstica, chamada dos Caimitas pelo culto que prestavam a Caim, considerava tanto este como Dathan e Abiram como os homossexuais habitantes de Sodoma e Gomorra e o próprio Judas Iscariote, como nobres vítimas do Demiurgo, ou seja do maligno criador do nosso Universo, segundo as suas perversas doutrinas. [26]

Evidentemente que estas seitas gnósticas foram os antecedentes dos bogomilos, dos luciferianos, da magia negra e de alguns ainda que reduzidos círculos maçónicos satanistas que, além de renderem culto a Lúcifer, consideram como bom tudo o que o cristianismo considera mau e vive-versa. O próprio Voltaire reconhece os judeus como propagadores, durante a Idade Média, da magia negra e do satanismo.

O marquês De Luchet, na sua obra famosa intitulada «Ensaio sobre a Seita dos Iluminados», afirma que os Caimitas, animados no seu ódio contra toda a ordem social e moral, «chamavam todos os homens a destruir as obras de Deus e a cometer toda a classe de infâmias.» [27]

O grande chefe que surgiu na Igreja para combater e vencer o gnosticismo foi precisamente Santo Ireneu, que, tendo estudado a fundo as suas nefastas seitas e doutrinas ocultas,

---

[24] Eliphas Levi. «História da Magia». Pág. 258.

[25] Dean Milman. «History of the Jesus». Everyman's Library. Edition II. Pág. 491.

[26] E. de Faye. «Gnostiques et Gnosticisme». Ediç. 1913. Pág. 349 e Matter, obra cit. Tomo II. Pág. 171.

[27] De Luchet. «Essai sur la Secte des Illuminés». Pág. 6.

se lançou a combatê-lo encarniçadamente com a acção e com a pena, atacando ao mesmo tempo os judeus, a quem apontava como chefes deste desintegrador movimento subversivo [28], cuja seita mais forte e mais perigosa para a cristandade foi a dos valentinianos, encabeçada por Valentim, por detrás de cujo falso cristianismo descobriu Santo Ireneu a identidade judia.

Devido ao viril e incansável labor de Santo Ireneu, conseguiu a Santa Igreja triunfar da Gnose, que foi para a nascente cristandade um perigo interno mais ameaçador que os graves assaltos externos, representados então pelos ataques frontais da Sinagoga e suas intrigas, que conseguiram, como já estudámos, lançar contra a nascente Igreja todo o poder do Impéiro Romano, com suas tremendas perseguições, que tantos mártires deram ao cristianismo. Estes factos demonstram que, desde os seus primeiros tempos, foi mais perigosa para a Santa Igreja a acção da quinta coluna judia introduzida no seu seio que a dos inimigos exteriores. Todavia, a existência de um clero virtuoso e muito combativo, que ignorava claudicações disfarçadas com a roupagem de convivência pacífica, de diálogo ou de diplomacia, fizeram que desta terrível luta a Santa Igreja saísse vitoriosa e completamente vencidos os seus inimigos: o judaísmo, o gnosticismo judaico e o paganismo romano.

Nunca a situação foi tão grave para a Igreja como a desses tempos, porque então o cristianismo era muito mais débil que na actualidade e a diferença de forças entre a Igreja e os seus inimigos era imensamente maior a favor do adversário. Se então pôde triunfar a Santa Igreja dos seus inimigos relativamente mais poderosos, com maior razão poderá fazê-lo agora, sempre que se consiga combater e anular a acção derrotista e intriguista da quinta coluna criptojudaica introduzida no clero, e sempre, também, que nas hierarquias religiosas surjam chefes, que, imitando Santo Ireneu, tudo sacrifiquem para defender a fé de Cristo e a causa da Humanidade ameaçada de feroz escravidão; que possam do mesmo modo vencer a resistência que oferecem os cobardes e acomodatícios, mesmo aqueles que, sendo sinceros na sua fé, pensam, de preferência, em não comprometer sonhadas promoções eclesiásticas, em manter posições tranquilas ou situações económicas, do que em defender a Santa Igreja e a Humanidade nestes instantes de mortal perigo.

Por fim, examinemos outro dos ensinamentos do movimento revolucionário gnóstico. Os judeus, que semearam o

---

[28] Entre as suas obras destaca-se, pela sua importância, «Adversus Haereses».

veneno na sociedade cristã, tiveram de cuidar de impedir que o dito veneno acabasse por intoxicar os próprios envenenadores. A Sinagoga teve de enfrentar pela primeira vez tão grave perigo. É muito difícil semear ideias venenosas sem correr o risco de contagiar-se com elas. É verdade que a Gnose, que inicialmente os hebreus semearam na Sinagoga, era principalmente um conjunto de interpretações místicas das Sagradas Escrituras, relacionadas intimamente com a Cabala, mas o conjunto de absurdos, contradições e actos perversos que os hebreus introduziram na Gnose cristã chegaram a constituir uma séria ameaça para a própria Sinagoga, perigo que esta teve o cuidado de conjurar a tempo, combatendo com energia qualquer possibilidade de contágio entre os judeus.

Dezoito séculos depois, está a acontecer o mesmo fenómeno; os hebreus, propagadores do ateísmo e do materialismo comunista entre os cristãos, muçulmanos e demais gentios, tomam todo o género de precauções para evitar que o cancro materialista infecte as comunidades israelitas, o que têm podido conseguir agora melhor que nos tempos do gnosticismo, visto que a experiência de dezoito séculos nesta classe de actividade converteu estes pervertedores em verdadeiros mestres na arte de manejar os venenos e espalhá-los no mundo alheio às suas comunidades, sem que a peçonha fosse infectar os próprios judeus. De todos os modos, ainda nos nossos dias, os Rabinos têm de estar constantemente alerta para impedir que o materialismo, com que têm impregnado o meio-ambiente, cause estragos nas famílias hebreias. Constantemente tomam medidas de diferente natureza para o impedir. A peçonha ateia e materialista é só destinada a cristãos e gentios para facilitar o seu domínio, porque o judaísmo deve manter a sua mística mais pura do que nunca. Eles sabem que o misticismo é o que torna invencíveis os homens que lutam por um ideal. E, assim como os hebreus não tiveram escrúpulos noutros tempos para propagar doutrinas contra o próprio Jeová e o culto de Satanás, tão comum na magia negra, agora tão-pouco têm escrupulos em propagar o materialismo ateu do israelita Marx, ainda que negue a existência do próprio Deus de Israel. O fim justifica os meios. Esta máxima observam-na os hebreus até às suas mais incríveis consequências.

Com a conversão de Constantino, o triunfo da Santa Igreja sobre o paganismo, o gnosticismo e o judaísmo foi completo.

Conquistada pela Santa Igreja a confiança do Império Romano, os judeus perderam quase toda a possibilidade de continuar a combatê-la, a atacá-la directamente e a lançar contra o cristianismo a perseguição de imperadores pagãos, como o vinham fazendo. Mas, perante quadro tão desolador, a Sina-

goga de Satanás não se deu por vencida, e, compreendendo claramente que para destruir a Igreja não lhe restava mais que um recurso dos três que temos estudado, pôs especial atenção na sua quinta coluna de falsos conversos, introduzidos na cristandade, que, por meio de cismas e movimentos subversivos internos, poderiam obter o ansiado objectivo da Sinagoga: aniquilar a Igreja de Cristo. O facto de, nalguns aspectos, ainda não estar bem definido o dogma cristão, facilitou-lhes em extremo a sua tarefa.

CAPÍTULO QUINTO

O JUDEU ARRIO E A SUA HERESIA

O arrianismo, a grande heresia que desagregou a cristandade durante mais de três séculos e meio, foi obra de um judeu subterrâneo, que em público praticava o cristianismo, exemplo destacado e ilustre dos sucessores de Judas Iscariote, como são os padres membros dessa quinta coluna introduzida no clero católico.

O célebre escritor norte-americano William Thomas Walsh, notável pelo seu fervoroso catolicismo e suas tão documentadas obras, diz-nos, referindo-se à actuação dos judeus introduzidos no cristianismo: «Arrio, o judeu católico (pai da heresia), atacaria insidiosamente a Divindade de Cristo e conseguiria dividir o mundo cristão durante séculos inteiros.» [29]

Dos processos inquisitoriais contra os criptojudeus chamados hereges judaizantes destaca-se que um dos dogmas católicos que os judeus mais repelem é o da Trindade, porque, no seu ódio de morte contra Cristo, o que mais lhes repugna do cristianismo é que Jesus Cristo seja considerado como segunda pessoa da Santíssima Trindade, quer dizer, do Deus uno em essência e trino em pessoa. É, pois, compreensível que uma vez introduzidos na Igreja, por sua falsa conversão ao cristianismo, os judeus procurem modificar o dogma da Igreja, estabelecendo a unidade de Deus em pessoas e negando a divindade de Cristo.

Arrio nasceu na Líbia, então sob a dominação romana. Ainda jovem, aderiu ao Cisma de Melesio, onde usurpou o posto de Bispo de Alexandria, mas, ao sofrer duros reveses a causa de Melesio, Arrio reconciliou-se com a Igreja. Já vimos como os judeus iludem estas reconciliações com a Igreja, que, segundo dizem, efectuam como verdadeiras comédias quando assim lhes convém.

A Santa Igreja, tão bondosa como sempre, que está pronta, por princípio, a perdoar ao pecador que se arrepende, admitiu a reconciliação de Arrio, aceitando-o no seu santo seio, en-

[29] William Thomas Walsh. «Filipe II». Ediç. Espasa Calpe. Pág. 266.

quanto o judeu clandestino se aproveitava dessa bondade para lhe causar depois danos catastróficos que teriam podido redundar num desastre como aquele que actualmente nos ameaça.

Depois de reconciliado, Arrio ordenou-se sacerdote católico e, já como presbítero, ficou encarregado por Alexandre, Bispo de Alexandria, da Igreja de Baucalis. Vários historiadores eclesiásticos destacados atribuem a Arrio um aparatoso e impressionante ascetismo e um ostentoso misticismo, unidos a grandes dotes de pregador e a grande habilidade dialéctica, o que lhes permitiu convencer grandes massas de fiéis e, inclusive, os jerarcas da Santa Igreja.

Como princípio básico da doutrina de Arrio, figurava a tese judaica da unidade absoluta de Deus, negando a Trindade e considerando Cristo Nosso Senhor sòmente como a mais excelsa das criaturas, mas de nenhuma maneira possuidor de uma condição divina, sendo esta uma das primeiras tentativas de judaização do cristianismo.

Não atacava nem censurava Cristo, como faziam os judeus públicos, porque então teria fracassado no seu empreendimento, visto que nenhum cristão o teria secundado, mas, pelo contrário, a fim de não provocar suspeitas, fazia toda a classe de elogios a Jesus, com o que conseguia captar a simpatia e a adesão dos crentes, destilando depois o seu veneno no meio de todos esses gabos, com a negação insidiosa da divindade de Jesus Cristo, que é o que mais repudiam os judeus.

É curioso que, mil e quatrocentos anos depois, os judeus hajam voltado à carga, negando a divindade de Cristo, ao mesmo tempo que, como homem, o enchiam de elogios nas doutrinas e ensinamentos que os fundadores e organizadores da maçonaria estabeleceram nos seus primeiros graus, para não provocar nos cristãos fortes reacções ao iniciar-se a seita. Outra das novidades que trouxe a heresia arriana foi a de tentar modificar a doutrina e política da Igreja em relação aos judeus. Enquanto Cristo Nosso Senhor os condenou e atacou duramente em diversas ocasiões e outro tanto fizeram os Apóstolos e, em geral, a Igreja dos primeiros tempos, Arrio e a sua heresia trataram de fazer uma verdadeira reforma a tal respeito, realizando uma política pró-judia e de aproximação com a Sinagoga de Satanás.

Como João Huss, Calvino, Karl Marx e outros chefes hebreus revolucionários, Arrio era um homem de grande dinamismo, excepcional perseverança, apto com a palavra e com a pena, que escrevia folhetos e até livros [30] para convencer je-

[30] Sua obra «Thalia» foi de grande importância para o propagação da heresia.

rarcas religiosos, governantes civis e pessoas destacadas do Império Romano. O seu primeiro apoio de importância foi o Bispo Eusébio de Nicomedia, o qual, dada a sua grande amizade com o Imperador, teve a audácia de tentar atraí-lo para a heresia de Arrio; e embora não fosse bem sucedido conseguiu desgraçadamente desorientar Constantino, fazendo-o crer que se tratava de simples discussões entre diversas posições da ortodoxia. Com esta ideia, o Imperador tentou baldadamente conseguir um entendimento entre Arrio e o Bispo de Alexandria, sem qualquer resultado, apesar de ter enviado o seu conselheiro, o Bispo de Córdova, Osio, para que tentasse pô-los de acordo. Como se se tratasse de uma simples pugna entre o Bispo Alexandre e Arrio!

Foi no decorrer destas negociações que Osio e a Igreja se convenceram de que não se tratava de uma simples pugna de escolas ou de pessoas, mas de um incêndio que ameaçava arrasar toda a cristandade. Isto é digno de notar-se, porque é a técnica clássica com que os judeus iniciam um movimento revolucionário. Em muitas ocasiões dão-lhe uma aparência de algo inocente, bem intencionado, de escassas proporções e sem nenhuma perigosidade, para que as instituições ameaçadas com o surto revolucionário não lhe dêem a importância que realmente tem e se abstenham de empregar contra ele toda a força indispensável para o esmagar rápida e eficazmente; adormecidos pelas aparências, os dirigentes cristãos ou gentios deixam de reagir de forma adequada, do que aproveita o judaísmo para ir propagando sub-reptìciamente o incêndio de forma tal que, quando se decidem a suprimi-lo, tem já uma força avassaladora impossível de conter.

É interessante fazer notar que, uma vez excomungado Arrio, pelo Sínodo composto por mais de cem Bispos, convocado no ano de 321 pelo Prelado de Alexandria, se dirigiu o heresiarca a conquistar adeptos, em primeiro lugar, à Palestina; e que o primeiro Sínodo, que, atraiçoando o catolicismo, apoiou Arrio, foi precisamente o da Palestina, além do de Nicomedia, de onde era Bispo o seu braço direito Eusébio. É evidente que era na Palestina, apesar das repressões de Tito e de Adriano, que havia uma população judia mais compacta e onde a quinta coluna hebreia, introduzida na Igreja, podia ser mais perigosa. Não tem, pois, nada de misterioso que Arrio, posto em situação crítica pela excomunhão de que era réu, haja acorrido a refugiar-se e a adquirir esforços entre os seus irmãos da Palestina, conseguindo-o com tal amplitude, que todo um Sínodo de Bispos e padres destacados, como foi o da Palestina, o apoiou decididamente, injectando nova força e prestígio à sua causa,

que ameaçava afundar-se depois da condenação do Santo Sínodo Alexandrino.

Do mesmo modo, outro Sínodo reunido em Nicomedia apoiou Arrio, dando-lhe, tal como o da Palestina, autorização para regressar ao Egipto. Desta forma, Arrio e seus sequazes opunham a um Sínodo outros Sínodos, dividindo o episcopado do mundo católico.

O estudo desta gigantesca luta de séculos é muito útil, porque nos mostra que a quinta coluna judia introduzida no clero da Santa Igreja já então trabalhava, com os mesmos métodos seguidos centúrias depois, quando conseguiu usurpar o Papado por meio de um criptojudeu, o Cardeal Pierleoni; são os mesmos métodos denunciados mil anos depois pela Santa Inquisição, e os mesmos que estamos a presenciar nos nossos dias.

Arrio e os Bispos arrianos intrigavam contra os sacerdotes que defendiam a Santa Igreja, perseguindo-os e hostilizando-os, e, inclusivamente, atacando os mais respeitáveis Bispos e todos os padres, sem distinção de hierarquia, que se destacavam pelo seu zelo em defesa da ortodoxia, os quais eram acossados, combatidos por meio da intriga venenosa e secreta e de falsas acusações, até conseguir eliminá-los ou anulá-los.

Por outro lado, tratavam, por meio de uma acção bem organizada, de ir controlando os postos de Bispos que ficavam vagos, conseguindo que fossem ocupados por padres da sua feição e impedindo que os eclesiásticos fiéis ascendessem a essas hierarquias.

Este perverso trabalho foi realizado sobretudo depois do Concílio Ecuménico de Niceia, em que foram condenados Arrio e sua heresia, apesar da oposição de uma minoria de Bispos hereges, que, tendo assistido com aquele ao Concílio, trataram em vão de fazer prevalecer os seus pontos de vista, tão modernistas e contrários à doutrina tradicional cristã como os que querem agora fazer prevalecer alguns no actual Concílio Ecuménico.

Na campanha organizada pelos Bispos hereges contra os ortodoxos destaca-se a que iniciaram contra Eustásio, Bispo de Antióquia, a quem acusaram de fingir que sustentava os acordos do Concílio de Niceia, para defender, na realidade, a heresia sabeliana e provocou distúrbios. Com estas e outras acusações obtiveram os padres hereges que fosse destituído e que em seu lugar nomeassem um bispo arriano, conseguindo ainda enganar Constantino, que, julgando fazer um bem à Igreja, desterrava o virtuoso Bispo e dava o seu apoio aos hipócritas here-

ges, considerando-os como os sinceros defensores da Igreja [31].

Mas o mais importante é, porém, a conjura que urdiram para esmagar Santo Atanásio, que à morte de Alexandre lhe havia sucedido no Patriarcado de Alexandria. Já no Concílio de Niceia havia demonstrado ser um dos baluartes da defesa da Santa Igreja, o que lhe valeu o ódio dos padres hereges, que viram a necessidade de o eliminar. Para obterem isso do Imperador, acusaram caluniosamente Santo Atanásio de manter relações com certos rebeldes do Império, manobra clássica do judaísmo de todos os tempos, que, quando quer afastar algum dirigente do Chefe de Estado, urde no momento oportuno uma intriga para fazer crer a este último que o primeiro conspira contra ele e que está unido secretamente com os seus inimigos. Assim conseguem que o Chefe do Estado elimine o dirigente que estorva os planos judeus. Igualmente acusaram Santo Atanásio de haver vexado o clero, impondo-lhe uma contribuição sobre o linho e de semear a discórdia nas fileiras da Igreja.

Também esta calúnia é clássica da quinta coluna, que, quando vê que se urde uma conjura contra a Santa Igreja e alguém a denuncia ou se lança em defesa da instituição, prepara os seus padres criptojudeus para que acusem os defensores da Igreja de estar a quebrar a sua unidade e de semear divisões na cristandade, quando precisamente são eles, os inimigos de Cristo infiltrados no clero, que, com as suas conspirações e sua actividade sinistra, provocam esses cismas e essas divisões, e não os sinceros cristãos, que têm a obrigação de defender a Igreja e impedir que aquelas progridam. Assim acontecia neste caso, em que os padres hereges, sendo os que na realidade estavam a propagar com a sua actuação o cisma, tiveram o cinismo de acusar Santo Atanásio de semear a discórdia, porque tratava de defender a Santa Igreja contra as maquinações da heresia. Além disso, o golpe ia dirigido muito acima, visto que, sabendo Arrio e seus sequazes que Constantino tinha como fim supremo a unidade da Igreja, esperavam esmagar Santo Atanásio, com a específica acusação de provocar a discórdia.

Posteriormente, os hereges melesianos, unidos aos arrianos, acusaram Santo Atanásio de ter assassinado um dos colaboradores do chefe dos primeiros, mas, por sorte, Atanásio conseguiu encontrar o falso defunto, ficando os caluniadores em evidência.

Como até esses momentos haviam fracassado todas as in-

[31] Cavallera. «Le Schisme d'Antioche». Sellers R. V. «Eustatius of Antisch and his Place in the early Christ Doctrine». Cambridge, 1928.

trigas, recorreram a uma manobra final: convocar um Sínodo de Bispos, em Tiro, onde acusaram Santo Atanásio de haver seduzido uma mulher, calúnia que este conseguiu também destruir.

No entanto, os Bispos arrianos conseguiram controlar o Concílio de Tiro e obter a destituição de Santo Atanásio como Patriarca da Alexandria, enviando candente nota sinodal ao episcopado de todo o mundo, para que rompesse toda a classe de relações com Santo Atanásio, a quem acusava de diversos crimes. Constantino, que tinha em muito apreço as resoluções dos Sínodos Episcopais, impressionou-se grandemente; e isso, unido a outra calúnia mais certeiramente dirigida, consistente em acusar Santo Atanásio de comprar o trigo aos egípcios, impedindo que fosse levado para Constantinopla, com o fim de provocar a fome da capital do Império Romano, pôs fora de si o Imperador, que desterrou o infeliz santo, considerando-o como perigosíssimo perturbador da ordem pública e da unidade da Santa Igreja.

Em todo esse tempo, os Bispos arrianos, ganhando primeiro Constância, irmã do Imperador e muito influente junto dele e de outros muito chegados, fingindo-se hipòcritamente muito zelosos da unidade da Igreja e do Império, tão desejada por Constantino, acusaram os defensores da Igreja de estarem a quebrar essa unidade com as suas intransigências e exageros. Assim, conseguiram que Constantino, que havia apoiado a ortodoxia no Concílio de Niceia, fizesse uma viragem a favor de Arrio, aceitando que a readmissão solene deste na Igreja se efectuasse em Constantinopla, capital do Império. Isto, sem dúvida, teria sido a apoteose e triunfo do judeu Arrio, que já acariciava a ideia de chegar a Papa da Santa Igreja Católica, coisa não impossível do ponto de vista humano, visto que contava com a tolerância amistosa do Imperador e com o apoio cada dia maior dos Bispos da cristandade; mas todos os cálculos humanos se frustram ante a assistência de Deus à sua Santa Igreja, que será perseguida, mas nunca vencida. E Arrio, nos próprios umbrais da sua vitória, morreu de forma tão misteriosa como trágica, segundo o testemunho que nos legou o próprio Santo Atanásio.

É muito interessante transcrever o que ensina a «Enciclopédia Judaica Castelhana», documento oficial judeu, sobre este grande Pai da Igreja e Santo que foi Atanásio: «Atanásio (Santo). Pai da Igreja (293-373), Patriarca de Alexandria, inimigo decisivo das doutrinas arrianas que se encontram mais próximas do monoteísmo puro e, portanto, das doutrinas judias. Atanásio polemicou contra os judeus por motivos dogmáticos, mas em todas as partes onde as doutrinas de Atanásio

prevaleceram contra as arrianas, como entre os visigodos de Espanha, a situação dos judeus piorou.»

Santo Atanásio, como outros Pais da Igreja, lutou encarniçadamente, não só contra os arrianos como contra os judeus, concedendo estes, como se vê, tal importância às suas doutrinas, que a enciclopédia judia afirma categòricamente que «onde triunfaram as doutrinas de Santo Atanásio a situação dos judeus piorou». É, pois, compreensível o ódio satânico que desencadearam contra o Patriarca de Alexandria as forças do mal.

Se Santo Atanásio e outros grandes Pais da Igreja tivessem vivido nos nossos dias, a quinta coluna judia introduzida no clero teria seguramente tentado que a Igreja os condenasse por anti-semitismo.

Quanto a Osio, Bispo de Córdova, outro paladino da Igreja na luta contra o arrianismo, alma do Concílio de Niceia, também foi um lutador activo contra o judaísmo. Tendo-se destacado no Concílio de Elvira, chamado Iliberitano, celebrados nos anos de 300 a 303, teve influência decisiva na aprovação de cânones tendentes a realizar uma separação entre cristãos e judeus, dada a influência nefasta que essa convivência exercia sobre os primeiros; e como já então fosse muito frequente a nociva confraternização dos padres católicos com os judeus, o Concílio Iliberitano tratou de evitá-la com medidas drásticas. São interessantes, a tal respeito, as seguintes disposições: Cânone L. «Se algum clérigo ou fiel comer com judeus, seja separado da comunhão para que se emende.» Cânone XLIX. «Teve-se por bem que os professores fossem admoestados, para que não tolerem que os seus frutos que de Deus recebem sejam benditos pelos judeus, para que não façam nossa bênção débil ou inútil, se alguém, depois do que fica dito, se arrogar a fazê-lo, seja afastado de todo da Igreja.»

Cânone XVI. Que ordena, entre outras coisas, que não sejam dadas aos judeus esposas católicas, nem aos hereges: «Para que não possa haver sociedade alguma de fiel com infiel.»

Este último Cânone é claro, concludente; considera perigosa toda a sociedade de cristão com judeu.

O Concílio Iliberitano teve muita importância, porque as suas medidas disciplinares passaram em grande parte a integrar a legislação geral da Igreja.

Morto Constantino, seus três filhos, Constantino II e Constante, no Ocidente, e Constâncio, no Oriente, tomaram posse do governo do Império; os dois primeiros, fervorosos católicos, e, quanto a Constâncio, se bem que bom cristão, muito influenciado pela amizade do amigo de seu pai, o arriano Eusébio de Nicomedia. No entanto, o próprio Constâncio, depois da morte de Constantino, aprovou, justamente com seus dois irmãos, o

regresso do desterro de Santo Atanásio e de outros Bispos ortodoxos, desterrados pelas intrigas dos arrianos. Além disso, a morte de Eusébio de Nicomedia, em 342, eliminou essa má influência sobre Constâncio, que, sob o influxo de seu irmão Constante e do Papa Júlio, acabou por apoiar a ortodoxia católica.

Alarmado enormemente com os progressos do judaísmo, iniciou além disso contra este o que os hebreus chamam a primeira grande perseguição cristã contra si.

Durante 12 anos, até à morte de Constante e do Papa Júlio, os católicos conseguiram quase dominar o arrianismo, que esteve a ponto de eclipsar-se, sob o efeito das prédicas e prestígio esmagador de Santo Atanásio e do Bispo Osio de Córdova. Constâncio chegou a ter em Antióquia larga entrevista com Santo Atanásio, cardeal em extremo, na qual o Imperador do Oriente lhe deu grandes mostras de deferência, fazendo, posteriormente, o ilustre Pai da Igreja, a sua entrada em Alexandria em forma de verdadeira apoteose.

Vendo iminente a ruina do arrianismo, os seus dirigentes Ursacio e Valente, alarmados pela firme posição de Constâncio em favor da ortodoxia, adaptaram-se à situação, chegando ao extremo de solicitar do Papa a sua reconciliação com a Igreja Católica.

Isto foi mais uma amostra dessa táctica clássica do inimigo, chamada, pelo judeu Estaline, a «retirada estratégica», que consistiu em encolher-se no momento de debilidade, abandonando a luta exteriormente para evitar a ruína e continuar conspirando na sombra, até adquirir maiores forças para dar uma nova investida quando tivesse a possibilidade de triunfar.

Se as coisas iam mal para o arrianismo, iam ainda pior para o judaísmo, porque convencido Constâncio do perigo que representava aquele para o Império e para a cristandade, começou por desterrar, segundo afirma o grande historiador judeu Graetz, os doutores da lei, muitos dos quais, como consequência deste decreto, tiveram de emigrar para Babilónia. As perseguições agravaram-se até serem ameaçados de morte esses dirigentes judeus, coisa que acrescentou a corrente de emigração, sobretudo na Judeia. Estes acontecimentos produziram a decadência da Academia Hebreia de Tiberíade. Os matrimónios entre judeus e cristãos, que eram muito frequentes, foram castigados por Constâncio com a pena de morte, extremando com isso o disposto pelo Cânone XVI do Concílio Iliberitano.

Os católicos chamavam então aos hebreus «os assassinos de Deus», segundo afirma o israelita Graetz. Os judeus, em réplica, organizaram algumas revoltas isoladas contra o Império, mas foram completamente sufocadas.

Mas todos estes descalabros não deram por vencido o inimigo, que, acocorado na sombra, esperava a primeira oportunidade para ressurgir. Esta começou a esboçar-se ao morrer primeiro Constante e, depois, o Papa Júlio, cuja benéfica influência havia mantido Constâncio no catolicismo.

Os dirigentes arrianos Valente e Ursacio, que haviam pedido a sua reconciliação com a ortodoxia, pelos vistos hipòcritamente, voltavam agora à carga com as suas intrigas, procurando a todo o custo distanciar Constâncio da ortodoxia, explorando para isso a sua egolatria e as suas reacções violentíssimas contra tudo aquilo que ofuscasse a sua autoridade ou o seu prestígio. Na sombra, organizaram os arrianos uma verdadeira conjura para afastar Constâncio de Santo Atanásio e conseguir com isso o seu afastamento da ortodoxia. Entre outras falsidades acusaram-no de fazer contra o Imperador trabalho de difamação, de ser herege e de estar excomungado, tratando de minar assim o apoio do povo, e, ao mesmo tempo que apresentavam mentirosamente Santo Atanásio como inimigo do Imperador, apresentavam-se os arrianos como os seus mais fiéis súbditos. Estas negras intrigas contra Atanásio e os católicos enfureceram Constâncio, atirando-o cada vez mais para os braços dos arrianos, até chegar ao extremo de ir com eles pedir ao novo Papa Libério que distituísse o ilustre Pai da Igreja.

É incrível como pode às vezes o judaísmo converter em aliados inconscientes os que foram seus jurados inimigos, empregando para o conseguir, como neste caso, as mais ignóbeis conjuras. Mas casos como o de Constâncio deram-se alguns na História.

Sua Santidade, sob pressão do Imperador, indicou a necessidade de convocar um novo Concílio para tratar de pôr fim a tantas dissensões e, com a aceitação imperial, convocou-se o Concílio de Arles, com assistência de dois Legados Papais, o qual se celebrou no ano de 353. A esperança que os bons tinham de conseguir a unidade cristã neste Concílio era grande, mas os Bispos ao serviço da quinta coluna, dirigidos por Valente e Ursacio, conseguiram urdir tais intrigas e exercer tais pressões, que o Concílio acabou por vergar-se às exigências dos arrianos, contando em seu apoio com as implacáveis pressões do poder imperial. Até os dois Legados do Papa se dobraram, e como funesta consequência aprovou-se a injusta condenação de Santo Atanásio.

O único Bispo que se opôs a isso foi Paulino de Tréveris, que, por esse motivo, foi desterrado. Mas quando o Papa Libério teve conhecimento da catástrofe ocorrida, protestou, propondo a celebração de outro Concílio, que se celebraria em

Milão no ano de 355, o qual foi objecto também de inumeráveis conjuras e pressões dos Bispos hereges, apoiados pelo Imperador, até conseguir que este novo Concílio de 300 Bispos condenasse uma vez mais Santo Atanásio. Assim, o arrianismo obteve um triunfo completo e pôde desterrar de novo o ilustre santo. Posteriormente, e perante a resistência do Sumo Pontífice em dobrar-se às exigências dos arrianos e de Constâncio, este último desterrou-o também, situação em que o Papa permaneceu algum tempo.

Mas os esforços desse Santo e Pai da Igreja, desse homem de ferro, dinâmico, cheio de valentia e de perseverança na adversidade, que foi Atanásio, frutificaram com o tempo; e, depois de três séculos de luta, acabou por triunfar a Santa Igreja sobre o judaísmo e sua heresia. Homens de coragem, do valor e da energia de Santo Atanásio, são dos que necessita actualmente a Igreja e a Humanidade para conjurar a ameaça judeo-comunista, que, tal como a heresia judeo-arriana, colocou em transe de morte a catolicidade.

Estamos confiados de que nesta, como em situações parecidas, Deus Nosso Senhor fará com que surjam entre os chefes da Santa Igreja os novos Atanásios de que necessita para salvar-se, especialmente nos momentos actuais, em que os modernos instrumentos do judaísmo dentro da Igreja, quais falsos apóstolos, continuam fazendo o jogo ao comunismo e à Sinagoga de Satanás e paralisando as defesas da Igreja para confundir os bons e facilitar o triunfo do inimigo secular, tal como pretendem fazê-lo no actual Concílio Ecuménico, convocado por João XXIII. [32]

Finalmente, assinalaremos que a volubilidade de Constâncio também se manifestou para com o judaísmo; e, em contradição com sua política adversa, ditou medidas que os favoreceram, como a lei que, pondo num plano de igualdade com o clero cristão os patriarcas e oficiais judeus encarregados do serviço nas Sinagogas, eximiu estes últimos do cargo pesado da magistratura, segundo nos relata o próprio historiador israelita Graetz.

---

[32] Obras consultadas neste capítulo: *Graetz*. «History of the Jews». Filadélfia, 1956. Tomo II. Cap. XXI e XXII. «Acta Concilliorum et Epistolae Decretales», etc. *Joannis Harduini*. S. J. Edic. Paris, 1715. Tomo I. Fol. 255. «Enciclopédia Judaica Castelhana». *Santo Atanásio*. «Historia Arrianorum ad Monachos». «Contra Arrianos». *Eusébio*. «Vita Constantinus». *Gevatkin*. «Studies of Arrianisme». *Batiffol*. «Les Sources de l'Histoire du Concile de Nicée». «Echos d'Or». 28.ª Ed. 1925. *Sócrates*. «História Eclesiástica». *San Atanasio*. «Epístola da morte Arii». *San Hilario*. «Hist. 2. 20. Frag». Ch. J. Hepele. Tomo I. *Soromeno*. «História Eclesiástica». Cap. I. *San Epifanio Haeret*. *Waud*. «The Four Great Heresies». Ediç. 1955.

CAPÍTULO SEXTO

OS JUDEUS ALIADOS DE JULIANO, O APÓSTATA

No ano de 360, Juliano, primo de Constâncio, foi proclamado Imperador de Roma pelo Exército; e, tendo-se Constâncio posto em marcha para combatê-lo, morreu no caminho, o que facilitou a Juliano a vitória definitiva e a sua proclamação como Imperador do Oriente e Ocidente.

A política de Juliano teve três objectivos principais: I — Restaurar o paganismo, convertendo-o de novo em religião oficial do Império, com a ideia de que Roma voltasse ao seu antigo esplendor, eclipsado, segundo ele, pelo cristianismo. II — Destruir o cristianismo. III — Restabelecer o judaísmo nas posições de onde havia sido desalojado por Constantino e seus filhos, até chegar ao extremo de ordenar a reconstrução do Templo de Salomão.

Os judeus, desde o primeiro momento, foram seus incondicionais aliados, o que nos demonstra, uma vez mais, que, quando lhes convém, são capazes de lutar a favor do paganismo e da idolatria, mesmo contra o monoteísmo, sempre que com isso consigam a destruição da Igreja, embora no seu íntimo sejam monoteistas e inimigos da idolatria.

Os judeus, ao unirem-se com Juliano e apoiando-o, estavam a dar a sua ajuda para o restabelecimento do culto idolátrico, que eles dizem tanto abominar, mas, contanto que consigam os seus fins e destruir o cristianismo, provaram ser capazes de tudo, inclusivamente de utilizar as doutrinas ateias e materialistas do comunismo moderno, mesmo sendo como são profundamente religiosos e espiritualistas.

O famoso historiador judeu Graetz, falando de Juliano, diz: «O Imperador Juliano foi um desses caracteres superiores que imprimem os seus nomes de forma indelével na memória dos homens. E só a sua morte prematura e o ódio da Igreja dominante evitaram que adquirisse o título de Juliano, o Grande.» Acrescenta que Juliano sentia grande admiração pela religião judia e pelo povo de Israel, fazendo notar que «o rei-

nado de Juliano, que durou escassos dois anos (Novembro de 361 a Junho de 363), foi um período de extrema felicidade para os judeus do Império Romano.»

Observa também que ao Patriarca Hillel, chefe supremo do judaísmo no Império, lhe chamou expressamente «seu venerável amigo», prometendo-lhe, numa carta, que poria termo aos males provocados contra os judeus pelos Imperadores cristãos.

Além disso, fez todos os preparativos necessários para iniciar as obras de reconstrução do Templo de Jerusalém; e fez circular por todas as congregações hebreias do Império uma carta, dirigida em termos amistosos, em que trata por irmão o patriarca Julos (Hillel), chefe do judaísmo no Império; promete a supressão das altas contribuições impostas pelos cristãos aos israelitas; garante que no futuro ninguém poderá acusá-los de blasfemos; oferece liberdades e garantias e assegura que, quando regressar vitorioso da guerra da Pérsia, reconstruirá por sua conta a cidade de Jerusalém.

Para a reconstrução do Templo de Jerusalém, Juliano nomeou o seu melhor amigo, Alypius de Antióquia, a quem deu instruções de não poupar gasto algum, ordenando aos governantes da Palestina e da Síria que ajudassem Alypius em tudo o que necessitasse.

No seu afã de restaurar o paganismo, Juliano facilitou também toda a classe de meios para a reconstrução dos seus templos; deu uma melhor organização ao sacerdócio idolátrico, criando-lhe uma hierarquia parecida com a da Igreja; restabeleceu o culto pagão com toda a pompa e reatou as celebrações faustosas das suas festas.

Labriolle e Koch dão-nos conta do empenho de Juliano em dar vigor ao paganismo com instituições de beneficência parecidas às cristãs: hospícios, albergues de crianças e velhos, instituições caritativas e outras, tentando até adaptar ao paganismo uma espécie de ordens religiosas parecidas às dos monges cristãos.

Não só se tratava de uma restauração idolátrica, mas da criação de um paganismo reformado e reforçado com sistemas tomados do cristianismo. A ameaça que se aproximava da Santa Igreja não podia ser mais grave: o Imperador, o paganismo e o judaísmo unidos estreitamente para lhe fazer uma guerra de morte.

Embora Juliano a princípio assegurasse manter a tolerância religiosa, recordando o mau resultado que haviam dado aos Imperadores romanos as perseguições violentas, empregou toda a classe de meios para conseguir a destruição do cristianismo, situação que deu lugar a muitos martírios, ocasionados pela sanha dos infiéis, segundo narra São Gregório Nacianceno, que

qualifica o reinado de Juliano «como a mais cruel das perseguições.»

Entre as medidas ordenadas por Juliano contra o catolicismo destavam-se: a nova expulsão de Santo Atanásio, considerado como baluarte da ortodoxia; a eliminação nas moedas de todos os símbolos cristãos e a privação ao clero dos privilégios concedidos pelos imperadores católicos, eliminando os cristãos dos postos públicos, salvo se renegassem; e tudo, fingindo que se tratava de medidas necessárias para a liberdade religiosa e a igualdade de todas as crenças no Estado romano. Um bom mestre tiveram pois em Juliano os seus aliados judeus, quando com a mesma hipocrisia utilizaram estes mesmos meios, ao fazerem triunfar nos templos modernos as suas revoluções maçónico-liberais, pelas quais, com o pretexto de implantar a liberdade de consciência, privaram a Igreja de todos os seus direitos.

Mas as verdadeiras intenções do Imperador ficaram bem patentes quando manifestou que os galileus (discípulos de Cristo) deviam desaparecer por serem inimigos do helenismo; e quando pessoalmente escrevia os seus livros para combater o cristianismo.

A reconstrução do templo judeu fracassou, devido, entre outras causas, a que saíam da terra chamas misteriosas que queimavam os que trabalhavam nas obras; o caso tem todos os fundamentos de facto histórico comprovado, visto que, por um lado, os historiadores cristãos o confirmam, enquanto que, por outro, historiadores hebreus tão prestigiados como Graetz a aceitam também; só que este, em vez de atribuir o facto a um milagre, como asseguram os católicos, atribui-o a causas naturais, explicando que se devem a gases comprimidos, formados em passagens subterrâneas e obstruídas pelo derrubamento, que, ao serem descobertas e tomando contacto com o ar, provocaram esses incêndios, que contribuiram, juntamente com outros motivos, a induzir Alypius a suspender a obra.

Os martírios e matanças de cristãos nesta época não foram só realizados pelas hordas pagãs, pois também os judeus, gozando da protecção e amizade do Imperador, se desbordaram, lançando-se à destruição de igrejas na Judeia e nos países circunvizinhos e procurando fazer aos cristãos o maior dano possível, segundo narram historiadores católicos, não obstante o judeu Graetz chamar maliciosas a essas versões.

Para os que têm visto de que são capazes de realizar os hebreus contra a cristandade, quando têm as mãos soltas, não há que estranhar que, quando podem, como no tempo de Juliano, se lancem na destruição dos templos católicos. Assim o fizeram na Idade Média, apoiados em algumas seitas heré-

ticas e assim o fazem em nossos dias, ao amparo do triunfo das suas revoluções maçónicas ou comunistas. Muito do que estão realizando na actualidade, é repetição do que aprenderam a fazer em tempos de Juliano, o Apóstata, reinado que, a durar mais tempo, teria sido catastrófico para a Igreja.

Por fortuna Juliano morreu antes de poder fazer maior mal à cristandade, numa batalha decisiva contra os persas, em que uma flecha o feriu de morte. Disse-se que, antes de morrer, dirigindo-se a Nosso Senhor Jesus Cristo, exclamou: «Venceste, Galileu».

Com a morte de Juliano, o Apóstata, livrou-se a Igreja da mais tremenda ameaça de extermínio que havia tido que afrontar desde as últimas perseguições pagãs.

Pelo que respeita aos hebreus, o seguinte comentário do historiador Graetz fala por si só: «A morte de Juliano nas cercanias do Tigre (Junho de 363) privou os judeus do seu último raio de esperança por uma vida pacífica e sem incómodos.»

E a «Enciclopédia Judaica Castelhana» comenta, no seu vocábulo *Juliano,* o seguinte: «E teve notáveis considerações para com os judeus. Tinha amplo conhecimento de assuntos judaicos, e refere-se em seus escritos a várias instituições religiosas judias. Parece que tentou fundar entre os judeus da Palestina uma ordem de patrícios (chamada, no Talmude, Aristoi) que deviam exercer funções judiciais.» «E considerava o judaísmo superior ao cristianismo embora inferior à filosofia pagã.» «Com a sua morte acabou o breve período de tolerância de que gozou a comunidade judia, entre as incipientes perseguições cristãs.» [33]

[33] Obras consultadas neste capitulo: Graetz. «History of the Jesus». Tomo II. Cap. XXI. «Enciclopédia Judaica Castelhana». W. Koch. «Comment l'empereur Juliane tacha de fonder une Eglise paienne». Artigos na «Revue de Philosophie de l'Histoire», 6.° ano, 1927-1335, e 7.° — 1928-485. Labriolle. «La reaction paienne». Pág. 1934. São Gregório Nacianceno. «Oratio I, em Julianum».

CAPÍTULO SÉTIMO

SÃO JOÃO CRISÓSTOMO E SANTO AMBRÓSIO CONDENAM OS JUDEUS

As dissensões ocorridas no bando arriano foram originadas ao que parece pelas tendências cada vez mais moderadas dos Bispos que, ainda que equivocados, estavam de boa fé, chocando com os extremistas, indubitàvelmente controlados pela quinta coluna. Isto foi debilitando a heresia no Império.

À morte de Juliano, o Exército proclamou Imperador o General Joviano, católico, com o que a ortodoxia quase dominou a situação.

O novo Imperador chamou Santo Atanásio do desterro e nomeou-o seu conselheiro, mas, por desgraça, morreu inesperadamente Joviano no ano seguinte, sendo proclamado novo Imperador Valentiniano I, que nomeou regente da parte oriental o seu irmão Valente; e assim, enquanto o primeiro se colocou num plano de liberdade religiosa, Valente, arriano apaixonado, tratou de fazer ressurgir esta heresia, pelo menos na parte oriental do Império. Entretanto, os hereges aproveitaram a situação para continuar a controlar as tribos bárbaras germânicas, que foram abraçando o arrianismo e, com ele, o filojudaísmo.

Valente, ao mesmo tempo que desencadeou nova perseguição contra os católicos, desterrando uma vez mais Santo Atanásio, já velho, procedia, segundo afirma o historiador católico Teodoreto, à concessão de todo o género de garantias aos judeus e aos pagãos; e não se contentou em perseguir os cristãos, mas até acossou os arrianos moderados, aos quais, sem o desejar, os lançou nos braços da Santa Igreja.

O historiador hebreu Graetz coincide com o anterior ao assinalar que Valente «era arriano, e havia sofrido por causa do poderoso partido católico, tanto que, para tornar-se intolerante com ele, protegeu os judeus e lhes outorgou honras e distinções». É pois evidente que, ao volver no Oriente o ressurgimento arriano, este coincidiu com perseguições ao catolicismo e com uma situação de privilégio ao judaísmo.

A partir de Graciano iniciam-se alguns anos de luta mortal entre pagãos e cristãos, com diversas alternativas, até que o General espanhol Teodósio obteve o poder imperial, tanto no Oriente como no Ocidente.

Teodósio, o Grande, assestou golpes mortais, tanto no paganismo como no arrianismo, que havia ressurgido no Oriente sob a protecção de Valente, e deu o triunfo definitivo no império do catolicismo, sendo pois de esperar que combatesse também o judaísmo, mas os hebreus souberam a tempo ganhar hàbilmente a sua tolerância, ao amparo da qual começaram a estender de novo a sua influência na sociedade romana, de forma tão perigosa para a Santa Igreja que tanto Santo Ambrósio, Bispo de Milão, como Crisóstomo, outro dos grandes Pais da Igreja, viram a necessidade de empreender enérgica luta contra os judeus e contra os cristãos que praticavam em segredo o judaísmo, luta de que nos dá conta o historiador israelita Graetz, a quem deixaremos a palavra: «Nos sábados e dias festivos judeus, muitos cristãos especialmente do sexo feminino, senhoras de alcurnia e mulheres de baixa posição, encontravam-se regularmente nas sinagogas. Eles acudiam com devoção ao toque da trombeta no dia do Ano Novo Judeu, atendiam ao serviço solene no Dia da Expiação e participavam na alegria da Festa dos Tabernáculos. O que mais os atraía era o facto de que tudo isso tinha de fazer-se nas costas dos sacerdotes cristãos e pelo facto de terem de pedir aos vizinhos que os não atraiçoassem.» «Foi contra essa voluntária honra que os cristãos prestavam às instituições judias, que Crisóstomo dirigia a violência dos seus sermões, empregando todo o género de epítetos duros contra eles e proclamando que as sinagogas eram cenários infames, covas de ladrões e ainda coisas piores.» [34]

Indubitàvelmente que este grande Padre da Igreja disse grandes verdades, mas se as houvesse expressado em nossos dias, tanto os judeus como os padres cristãos que lhes fazem o jogo tê-lo-iam condenado por anti-semita.

Por outro lado, pode verificar-se a extensão que já tinha na Roma desses tempos o núcleo de cristãos de aparência, mas que em segredo praticavam o judaísmo, como no-lo diz Graetz. É pois natural que o grande Pai da Igreja, Crisóstomo, haja fulminado esses falsos cristãos, visto que a Santa Igreja não tinha ainda organizado a instituição que havia de combatê-los e persegui-los, isto é, o Santo Ofício da Inquisição.

Santo Ambrósio, Bispo de Milão, um dos grandes Santos e dos mais ilustres Pais da Igreja, que exerceu tão decisiva in-

[34] Graetz. «History of the Jews». Ediç. cit. Tomo II. Págs. 613 e 614.

fluência sobre os Imperadores Graciano e Teodosio I, e a quem se deve principalmente o triunfo definitivo da Igreja Católica no Império Romano, foi o mais incansável e enérgico lutador do seu tempo contra a Sinagoga de Satanás. Condenou os judeus em diversas ocasiões a tratar de impedir que se fossem apoderando do Império Romano, como era seu desejo, impedindo-os de destruir a Santa Igreja, sobretudo quando o usurpador, Máximo, se assenhoreou temporàriamente da metade do Império, pois, segundo a afirmação do próprio Santo Ambrósio, Máximo era judeu e havia conseguido ser coroado Imperador de Roma, assassinando o muito católico Graciano.

Máximo, como era de esperar, apoiou de novo os judeus e os pagãos, que se agruparam em volta dele, mas por fortuna foi derrotado por Teodósio no ano de 378, esfumando-se as esperanças que os judeus acariciavam de se assenhorearem desta vez do Império dos Césares.

Para darmos uma ideia desse fervor antijudeu, assim como da santidade de Santo Ambrósio, deixaremos uma vez mais falar esse historiador oficial e clássico do judaísmo, que goza de tanto prestígio e autoridade nos meios hebreus, Graetz, que afirma indignado: «Ambrósio de Milão era um oficial violento, ignorante por completo em teologia, que foi elevado ao posto de Bispo, precisamente por sua fama na Igreja de ser violento. Em certa ocasião, quando os cristãos de Roma haviam queimado uma sinagoga e o usurpador Máximo ordenou ao Senado que fosse reconstruída a expensas do Estado, Ambrósio chamou-lhe judeu, e tendo o Bispo de Callinicus, na Mesopotâmia do Norte, feito queimar pelos monges uma sinagoga situada em tal distrito, Teodósio ordenou que fosse reconstruída de novo por sua conta, e castigou os que haviam participado no acto (388). Perante isto, a fúria de Ambrósio foi inflamada da forma mais violenta, e, em carta que por tal motivo enviou ao Imperador, empregou termos tão agudos e provocadores, que o monarca se viu obrigado a revogar a ordem. Ambrósio acusou os judeus de desprezarem as leis romanas e de troçarem delas, vilipendiando-as em relação com o facto de que não lhes era permitido colocar de entre eles um imperador ou governador, ingressar no Exército ou no Senado, e nem sequer sentar-se à mesa dos nobres; os judeus só serviam pois para se lhes cobrarem fortes impostos.» [35]

Além de coisas interessantíssimas, o destacado israelita Graetz narra-nos algo de capital interesse, ou seja «que Santo Ambrósio deveu a sua ascensão à dignidade episcopal à sua fama de ser violento», violência que depois o mesmo Graetz

[35] Graetz. Obra e ediç. cit. Pág. 614.

explica com factos que provam a sua energia em combater o judaísmo. Na realidade, como a seguir iremos confirmando, nas épocas de apogeu da Santa Igreja, como dos tempos de Santo Ambrósio, as hierarquias da mesma elegiam-se entre aqueles que mais zelo e mais energia punham na defesa da Igreja, sobretudo do judaísmo, seu principal inimigo. Isso explica precisamente o apogeu do catolicismo em tais períodos, pois uma hierarquia combativa e consciente do inimigo que tem de afrontar garante as possibilidades de triunfo, enquanto que uma hierarquia pouco lutadora e ignorante do verdadeiro perigo coincidirá exactamente com as épocas de debilidade e enfraquecimento da Santa Igreja. A época de Santo Atanásio e os triunfos arrianos coincide com o facto indubitável de que as hierarquias da Igreja são ocupadas por tíbios e até por membros da quinta coluna; neste período, os verdadeiros defensores da Igreja são postos de lado, desprezados e até perseguidos, como aconteceu com Atanásio, o grande Pai da Igreja, e com todos os Bispos e padres que o seguiam.

Assim está acontecendo nalguns lugares actualmente, onde muitíssimos padres e dirigentes religiosos, que se destacaram por sua fidelidade a Cristo e por sua energia na defesa da Santa Igreja, se vêem separados, humilhados e até perseguidos por outros padres que, fazendo o jogo do comunismo ou da maçonaria e servindo os interesses do judaísmo, tratam de apoderar-se das vagas de Bispos e de Cardeais, como faziam os seus antecessores dos tempos de Arrio.

É esta manobra oculta que tem facilitado os triunfos maçónicos e comunistas que já parecem incontíveis.

Por meio desta táctica oculta de caluniar os bons e pô-los de lado, para organizar com os maus um trabalho de ocupação das dignidades eclesiásticas, sem êxito por fortuna em muitos lugares, mas com êxito completo em outros, tem podido a quinta coluna nestes últimos anos ir controlando posições que, embora minoritárias, por agora, são decisivas dentro do clero da Santa Igreja e constituem a causa principal de que, em alguns países, uma parte mais ou menos considerável do clero católico haja apoiado os movimentos revolucionários maçónicos ou comunistas e debilitado por completo as defesas dos governos católicos ou quando muito patriotas, ao privá-los do apoio de grandes sectores do catolicismo, inconscientemente ligados às revoltas maçónicas ou comunistas.

O caso recente de Cuba, na América, é muito eloquente a tal respeito e deveria servir-nos a todos de motivo para uma profunda meditação e estudo, porque representa um facto típico em que o comunista e perseguidor da Igreja, Fidel Castro, foi protegido por Bispos católicos, quando esteve a ponto

de sucumbir, sendo apoiado no seu movimento revolucionário por padres e Bispos, com entusiasmo e fervor dignos da melhor causa.

Foi esta circunstância que principalmente inclinou o povo cubano, profundamente ortodoxo, a juntar-se sem reserva à causa do chefe comunista, dando-lhe o triunfo, com o resultado desastroso que todos conhecemos.

É muito natural que Santo Ambrósio, Bispo de Milão e grande chefe da Igreja nesses tempos, se indignasse por Teodósio permitir aos judeus burlar as leis de Roma, que lhes proibiam ingressar no Senado, no Exército e nos postos de governo, pois bem se dava conta do grande mal que podiam causar à cristandade e ao Império sé se apoderassem do governo. É preciso recordar também um facto muito importante: os judeus, como iniciadores e propagadores da heresia arriana, eram aliados incondicionais dos arrianos; e filiados nesta seita estavam os bárbaros germanos das regiões fronteiriças, que na sua maioria, o que já não era segredo, ambicionavam invadir o Império Romano e conquistá-lo. Mas é indubitável que se Santo Ambrósio e São João Crisóstomo de Antióquia tivessem vivido na nossa época, os judeus e seus satélites na cristandade lhes teriam lançado a acusação de nazis e discípulos de Hitler, como fazem com todos os fervorosos católicos que procuram defender actualmente a Igreja da ameaça judaica. Com efeito, referindo-se o hebreu Graetz ao papel desempenhado por ambos nesse período, em relação com a luta implacável sustentada pela Santa Igreja contra os judeus, diz literalmente: «Os principais fanáticos contra os judeus neste período foram João Crisóstomo de Antióquia e Anbrósio de Milão, que os atacaram com grande ferocidade.» [36]

Mas antes de a Santa Igreja obter o seu triunfo definitivo sobre a Sinagoga de Satanás e o arrianismo, teve de atravessar momentos tão críticos como os dos nossos dias, de que nos dá uma eloquente prova essa famosa carta assinada por penas tão autorizadas no catolicismo, como são as de trinta e três dos seus mais distintos Bispos, entre os quais se contavam Melésio de Antióquia, primeiro presidente do Concílio Ecuménico de Constantinopla; São Gregório Nacianceno, grande Pai da Igreja, que presidiu ao referido Concílio Ecuménico ao morrer Melésio; São Basílio, também Pai da Igreja, e outras destacadas personalidades por sua fama e santidade. Da dita carta extraímos literalmente os seguintes parágrafos: «Transtornam-se os dogmas da religião, confundem-se as leis da Igreja. A ambição dos que não temem o Senhor assalta as dignidades,

[36] Graetz. Obra e ediç. cit. Tomo II. Pág. 623.

e propõe-se o episcopado como prémio à mais descarada impiedade, de sorte que a quem mais blasfémias profere se tem por mais apto para reger o povo como Bispo. Desapareceu a gravidade episcopal. Faltam pastores que apascentem com ciência o rebanho do Senhor. Os bens dos pobres são constantemente empregados pelos ambiciosos para seu próprio proveito e regalos alheios. Escurecido está o fiel cumprimento dos cânones: «... Sobre tudo isto riem os incrédulos, vacilam os débeis na fé, a própria fé é duvidosa, a ignorância derrama-se sobre as almas, pois imitam a verdade os que distorcem a palavra divina em sua malícia. E o que as bocas dos piedosos guardem silêncio.» [37] Na realidade, o referido nesta memorável carta pelos Santos Bispos atrás mencionados pode aplicar-se ao que ocorre actualmente em algumas dioceses, embora por sorte não em todas. No entanto, há dioceses, sobretudo aquelas em que domina a quinta coluna, em que os prelados filo-semitas, em estranho contubérnio com a maçonaria e o comunismo, se esforçam por apoderar-se impudicamente dos bispados, tal como o assinalam os Santos citados, misturando-se em assuntos internos de outras dioceses, onde há Bispos virtuosos, sòmente esperando a morte destes para fazer todo o género de pressões em Roma e obter, por meio de enganos e artifícios, a ocupação da diocese vacante, não para os mais aptos, mas para os cúmplices dos quinta-colunistas, calcando desta forma os direitos dos que, por suas virtudes e méritos, deveriam ocupar tais bispados. Mas naquela época, esses santos, agora canonizados pela Igreja, conseguiram salvar a situação, porque pondo de lado falsas prudências e cobardias enfrentaram com resolução as forças do mal e desmascararam-nas pùblicamente, denunciando também todas essas artimanhas, como vemos com diáfana claridade na carta citada, visto que, como dizem esses Santos Padres da Igreja, o silêncio dos bons facilita a vitória dos maus. O resultado de tão clara como enérgica atitude foi o triunfo da Santa Igreja sobre o judaísmo, o paganismo, o arrianismo e outras heresias.

Mas os Santos que salvaram o cristianismo em tão difíceis tempos tiveram de sofrer um doloroso calvário, não só da parte do judaísmo, contra o qual com tanta resolução combateram, mas também dos que, dentro do clero, estavam servindo os seus interesses, consciente ou inconscientemente. Já vimos que Santo Atanásio foi perseguido pelos Bispos ligados à heresia do hebreu Arrio, por Imperadores que foram influencia-

[37] São Basílio e São Gregório Nacianceno, Pais da Igreja. Carta publicada em «Obras de São João Crisóstomo». Biblioteca de Autores Cristãos. La Editorial Católica, S. A. Madrid, MCMLVIII. Introdução, Pág. 7.

dos pela mesma e até por dois Concílios da Igreja, que convocados com a ideia de salvar o catolicismo, se converteram em verdadeiros conciliábulos, uma vez dominados pelos arrianos e utilizados contra a ortodoxia.

E para completar o quadro de quanto tiveram de sofrer esses Santos, que, como João Crisóstomo, grande Pai da Igreja, enfrentaram com energia e resolução o judaísmo e a heresia, transcreveremos o que os referidos biógrafos do Santo dizem textualmente, citando como fontes o próprio Crisóstomo e os historiadores católicos João Cassiano, Martírio e outros: «O surpreendente e maravilhoso para nós, como para João Cassiano e para o obscuro panegirista do século VII, Martírio, é que não foi condenado ao desterro e por fim à morte por nenhum lugar-tenente de Décio ou Diocleciano, mas por uma pandilha de Bispos ambiciosos ou ressentidos»... «Alguns Bispos, por outro lado, que a par de insinuarem ao débil Arcádio e à furibunda Eudóxia, que João era réu de lesa-majestade, o que era pedir nada menos que a sua cabeça, protestam que nisso não podem eles intervir e, nesse caso, o Imperador saberá o que há-de fazer, nada leve por certo. E como não recordar as cenas de Cesareia de Capadócia, quando por ali passa o Santo, a caminho do remoto Cocuso, extenuado, esgotado, delirante pela altíssima febre e está a ponto de ser despedaçado por uma horda, mesmo assim lhes chama, ele mesmo, de monges selvagens, açulados pelo Bispo, terror que são da própria guarda que conduz o pobre desterrado? E enquanto o povo chora, demonstrando que era melhor que os seus pastores, a inveja do Bispo local persegue rancorosamente o Bispo proscrito até ao refúgio que lhe oferece a caridade magnânima de uma nobre matrona, e o obriga a empreender a marcha em noite sem Lua, por entre ásperos atalhos de montanha.» [38]

Estes foram os homens que engrandeceram o cristianismo, que o fizeram triunfar e salvaram a Santa Igreja de todos os assaltos dos seus inimigos externos e internos. Este mesmo tipo de católicos, padres e seculares é o que se necessita na actualidade para salvar a cristandade e toda a Humanidade ameaçadas pelo comunismo, a maçonaria e a Sinagoga de Satanás que dirige toda a conspiração.

---

[38] «Sources Chretiennes». Tomo 13. Pág. 142 e seguintes citadas por obras de São João Crisóstomo. Biblioteca de Autores Cristãos. Editorial Católica, S. A. Madrid. MCMLVIII.

VERDADEIRA SANTIDADE E FALSA SANTIDADE

Os altos dirigentes da Igreja, os dirigentes políticos seculares que lutam para salvar o cristianismo em transes tão difíceis, deverão estar resolvidos, não só a sofrer agressões de todo o género por parte das forças revolucionárias do judaísmo, mas também dos sucessores de Judas Iscariote, que dentro do respeitável clero estão fazendo o jogo de uma forma ou de outra, às forças de Satanás, sendo os que, pela alta categoria dentro da Santa Igreja, usurpada com ousadia, poderão lançar os ataques mais tremendos, mais demolidores e mais dolorosos contra os que lutam em defesa da cristandade e de suas nações gravemente ameaçadas. Que Deus Nosso Senhor pleno de Fé, fortaleza e perseverança dos que, imitando a Cristo Nosso Senhor, estejam dispostos a tomar a sua cruz e a segui-lo nesta hora decisiva para os destinos do Mundo.

Esta é a verdadeira santidade que Cristo definiu, dizendo: «Queres salvar-te? Guarda os Mandamentos.» «Queres chegar à perfeição (santidade)? Deixa tudo, toma a tua cruz e segue-me.» A santidade definida por Cristo é renúncia de tudo, riquezas, diversões, etc., para tomar a cruz e segui-lo, na luta contra o mal. A vida pública de Cristo foi de predicados e de luta constante e enérgica contra os seus inimigos da Sinagoga de Satanás, e contra o pecado e o mal em geral, praticando a virtude em grau sumo. A verdadeira santidade radica-se em imitar Cristo em tudo, como o fizeram São João Crisóstomo, Santo Atanásio e os outros Santos da cristandade. A santidade requer a prática da virtude em grau heróico.

Qualquer outra santidade diferente da definida por Cristo Nosso Senhor é uma falsa santidade farisaica, inventada por certos padres e certas organizações com o fim de adular os incautos, fazendo-lhes crer que se podem fazer santos fácil e còmodamente e, inclusivamente, amontoando fortunas pessoais com o fim oculto por certo de convertê-los em satélites espirituais e sobretudo de impedir que participem activamente nas lutas que os patriotas dos países católicos sustentam para salvar a sua nação da conquista judia e dos progressos do comunismo e de uma revolução vermelha que há-de reduzir tais incautos à escravidão e há-de expropriar-lhes todos os seus bens.

Por outro lado, Cristo Nosso Senhor, ao lutar activamente contra Satanás e sua Sinagoga e contra o mal em geral, assumiu uma atitude «anti-Satanás», «anti-Sinagoga de Satanás» e «antimal» em geral. A duvidosa atitude de certos padres e seculares que dizem condenar todos os «antis», além de ser notòriamente herética, porque hipòcritamente, ainda que sem di-

zê-lo expressamente, condenam o próprio Cristo, que sustentou uma atitude «anti» nos terrenos antes mencionados; bem ainda o notório propósito de paralisar a luta anticomunista. Ao mesmo tempo é sumamente suspeitoso que estes padres e seculares que dizem condenar todos os «antis», um bom dia acontece que lançam ataques ou permitem sem condená-los que outros membros da sua organização os lancem precisamente contra os homens livres, chefes ou organizações patrióticas que heròicamente estão lutando por impedir que suas nações caiam nas garras do judaísmo e do comunismo. Ao incorrer nesta contradição deveriam as pessoas honradas, patriotas e bem intencionadas, que com enganos caíram sob a influência e nas redes dessas formosas organizações erigidas para atraí-las, abrir os olhos e dar-se conta do hábil engano de que foram objecto e libertar-se da influência espiritual e social desses fariseus que, quais sepulcros branqueados, ocultam a sua cumplicidade com a Sinagoga de Satanás, com a falsa aparência de uma ostentosa e farisaica piedade religiosa e um hipócrita e falso apostolado cristão.[38 bis]

[38 bis] O acabado de inserir sobre essa falsa santidade e essa censura dos «antis» é uma adição feita pelos autores deste livro nas suas novas edições, em vista de um grave mal que estão fazendo nos países católicos os padres e seculares que propagam essas ideias, seja individualmente, seja por meio sobretudo de organizações genialmente concebidas e formosamente estruturadas que, narcotizando os seus aderentes com uma falsa mística, os impedem de realizar uma luta eficaz contra o comunismo e o poder oculto judaico que o dirige e que o propaga; tolerando em contrapartida que se calunie e se desprestigie nas fileiras de tais organizações os patriotas que estão realizando tal luta, para que esta fracasse, e até apoiando descaradamente, em alguns casos, a veracidade dessas calúnias.

CAPÍTULO OITAVO

SÃO CIRILO DE ALEXANDRIA VENCE NESTÓRIO E EXPULSA OS JUDEUS

Por morte de Teodósio I, herdaram o trono do Império, já dividido, seus filhos Honório, no Ocidente, e Arcádio, no Oriente, cuja política foi débil frente ao inimigo judeu, ao desatender por completo as normas de luta enérgica preconizadas por São João Crisóstomo e Santo Ambrósio. Mais ainda, no Oriente, Arcádio rodeou-se de conselheiros venais, que venderam a sua protecção aos hebreus Rufino e Eutrópio, que, segundo Graetz, «eram extremamente favoráveis aos judeus. Rufino amava o dinheiro, e os judeus haviam descoberto o mágico poder do ouro, para suavizar os corações endurecidos. Devido a isso várias leis favoráveis a eles foram promulgadas». Entre estas leis está a que revalidou e confirmou a promulgada por Constâncio, pela qual diz Graetz: «Os patriarcas e também todos os oficiais religiosos da Sinagoga foram isentos do forte encargo da magistratura, tal como o clero cristão.» [39]

O que o famoso historiador israelita citado realça aqui é verdadeiramente de capital importância, porque demonstra que os judeus haviam já descoberto o poder do ouro para subornar os dirigentes cristãos e gentios, ainda que na realidade já o tivessem descoberto muito antes, como o demonstra o hebreu Simão, o Mago, que quis subornar o próprio São Pedro, e os dirigentes judeus que conseguiram comprar um dos doze apóstolos para que entregasse Jesus. No decurso da História, os judeus têm utilizado sistemàticamente o poder do ouro para comprar dirigentes políticos e religiosos, com o fim de obter uma política favorável ao judaísmo; com tal procedimento, os sucessores de Judas Iscariote têm causado graves estragos à Santa Igreja e à Humanidade e são esses dirigentes que se vendem por dinheiro ou para obter ou conservar posições, em muito grande parte responsáveis do desastre que temos à porta.

[39] Graetz. Obra cit. Ediç. cit. Tomo II. Págs. 615 e 616.

A protecção no Oriente e a tolerância no Ocidente permitiram aos judeus adquirir bastante força, sumamente perigosa se se tomar em conta que eram inimigos tradicionais da Igreja e do Império, pois ainda nos tempos modernos existem testemunhos hebreus do ódio que sentem os judeus pela antiga Roma.

No Império do Oriente, Teodósio II, sucessor de Arcádio, deu-se conta a tempo do perigo e tomou uma série de medidas para o conjurar, combatendo a ameaça judia por diferentes formas; no entanto, os historiadores judeus qualificam sempre essas medidas defensivas dos Estados cristãos, de perseguições provocadas pelo fanatismo e antijudaísmo do clero católico.

O judeu Graetz, falando destes acontecimentos, assinala que: «A Idade Média começou para o judaísmo com Teodósio II (408-450), um Imperador bem dotado mas dirigido pelos monges, cuja debilidade deu impunidade ao zelo fanático de alguns Bispos e ofereceu estímulo à crueldade.»

«Éditos deste Imperador proibiram aos judeus construir novas sinagogas, exercer o ofício de juízes entre litigantes judeus e cristãos e possuir escravos cristãos; e também continham outras proibições de menor interesse. Foi sob este Imperador que o Patriarcado finalmente caiu.» [40] O Patriarcado foi uma instituição que constituiu, durante muito tempo, a chefia do judaísmo em todo o Império Romano e em muitas outras partes. Tinha a sua sede em Jerusalém.

O que não indica Graetz é a razão que teve o clero católico para reagir de forma tão violenta contra os judeus; aqui, como em todos os casos, os historiadores judeus dão conta das medidas que toma a Santa Igreja ou os monarcas cristãos contra eles, mas nunca mencionam os motivos que deram os hebreus para provocar essas reacções.

Na luta da Igreja contra o judaísmo é preciso mencionar, nesta época, a decisiva intervenção de São Cirilo de Alexandria, que estava sendo a alma da defesa da catolicidade contra uma nova heresia, dirigida por Nestório, e que esteve a ponto de dividr a Igreja como o havia feito a heresia arriana.

São Cirilo, Patriarca de Alexandria nesses momentos, desempenhou na luta contra o nestorianismo o mesmo papel que anos antes representara o grande Pai da Igreja Santo Atanásio, na luta contra o arrianismo; e, como este último, também São Cirilo tomou parte muito activa na defesa contra o judaísmo, condenando os hebreus em diversas ocasiões e combatendo todas as suas perversas maquinações.

---

[40] Graetz. Obra cit. Ediç. cit. Tomo II. Pág. 617.

A heresia de Nestório dividiu também o Episcopado, pois vários Bispos fizeram causa comum com o Patriarca herege, mas São Cirilo, depois de prolongada luta, conseguiu obter a condenação de Nestório por Sua Santidade o Papa; e, posteriormente, reunido o Terceiro Concílio Ecuménico de Éfeso, os Bispos hereges foram totalmente derrotados, triunfando a catolicidade. A alma do referido Concílio foi São Cirilo de Alexandria, que ainda depois do mesmo teve de continuar a lutar contra os restos da heresia até conseguir o seu aniquilamento.

Para conhecer com clareza a atitude de São Cirilo para com os judeus, transcrevemos as palavras do historiador israelita Graetz, que representa fielmente o sentir dos judeus para com os Pais e Santos da Igreja: «Durante o reinado de Teodósio no Este, e de Honório no Oeste, Cirilo, Bispo de Alexandria, notável por sua afeição à desordem, por sua violência e sua impetuosidade, havia tolerado os maus tratos aos judeus, e os expulsou da cidade. Reuniu uma turba de cristãos e incitou-os contra os judeus. Por seu excessivo fanatismo, enclausurou-os nas sinagogas, das quais tomou posse, para a cristandade, e expulsou os habitantes judeus seminus da cidade que eles haviam chegado a ver como seu lar. Sem olhar a meios, Cirilo entregou suas propriedades à pilhagem da turba, sempre sedenta de saque.» [41]

Por sua vez a citada Enciclopédia Judaica Castelhana. no vocábulo respectivo, diz: «Cirilo, Santo de Alexandria. Patriarca. (376-444). Foi pràticamente dono e senhor de Alexandria, onde aterrorizou a população não cristã. Em 415 ordenou a expulsão dos judeus, pese aos protestos de Orestes, Prefeito imperial.» [42]

Todas as histórias da Igreja coincidem em afirmar que, embora São Cirilo fosse um homem de luta, era de carácter moderado e conciliador, um homem virtuosíssimo em toda a extensão da palavra, pelo que mereceu ser canonizado.

O que historiadores hebreus tão venerados nos meios judeus, como Graetz ou as Enciclopédias oficiais do judaísmo, dizem de todos aqueles que se atrevem a lutar contra a acção destrutiva dos israelitas, dá uma ideia dos extremos a que chegam para desprestigiar e enlamear a memória, até dos mais insignes Santos da Igreja. Isso de São Cirilo ter expulso de Alexandria seminus os judeus e de ter entregue os seus bens à pilhagem das turbas, é inverosímil para todos os que conhecem bem a história de São Cirilo. O que aconteceu na reali-

---

41 Graetz. Obra e ediç. cit. Tomo II. Págs. 618 e 619.

42 «Enciclopédia Judaica Castelhana». Ediç. cit. Tomo III. Pág. 30.

dade é que, desde muito tempo, Alexandria havia-se convertido no principal centro de conspiração judaica contra a Santa Igreja e contra o Império. Esta cidade havia sido o principal centro do gnosticismo judaico e dela irradiava todo o género de ideias dissolventes contra a ordem estabelecida, pelo que não é de estranhar que São Cirilo, consciente do que significava a ameaça judia, tenha resolvido extirpar com energia esse tumor canceroso, expulsando os judeus da cidade, como depois o tiveram de fazer noutros países outros preclaros defensores da cristandade.

Conhecendo os antecedentes e a irrepreensível conduta deste Santo da Igreja, é mais crível que haja tomado as precauções devidas, para que essa expulsão se realizasse em termos humanos, desaprovando qualquer excesso ou abuso cometido pelas massas indignadas da população, lògicamente exacerbadas ante a perfídia judia.

Continua o historiador judeu Graetz narrando os cruentos episódios dessa terrível luta travada por São Cirilo e os cristãos contra os judeus.

Entre outras coisas assegura Graetz: «O Prefeito Orestes, que tomou muito a peito o bárbaro trato dado aos judeus, carecia porém de força para protegê-los; tudo o que foi capaz de fazer foi lançar uma acusação contra o Bispo, mas este ganhou a causa na corte de Constantinopla. O que aconteceu em Alexandria depois da expulsão dos judeus demonstra quão grande era o fanatismo deste Bispo. Não longe da cidade havia uma montanha chamada Nitra, onde habitava uma ordem de monges cuja ânsia de ganhar a coroa do martírio os havia convertido quase em animais ferozes; açulados por Cirilo, estes monges lançaram-se sobre Orestes e apedrejaram-no até deixá-lo quase morto, como castigo por não ter aprovado a expulsão dos judeus. Foi este mesmo grupo fanático que esquartejou o corpo do célebre filósofo Hypatia, que havia assombrado o Mundo por sua profunda ciência, sua eloquência e sua pureza.» [43]

O clero católico dessa época, consciente do que significava o terrível problema judeu, conhecedor a fundo das conspirações hebreias contra a Igreja e o Império, como bom pastor de suas ovelhas, lançou-se sem hesitações a defendê-las das investidas do lobo, mas os judeus em suas histórias exageram sempre o ocorrido, interpolando passagens escabrosas, tendentes a desprestigiar o catolicismo e os Santos que defenderam a Igreja. De resto, como temos visto, todas estas narrações, expostas em termos exagerados e impressionantes, servem aos

[43] Graetz. Obra e ediç. cit. Tomo II. Pág. 619.

hebreus para educar as suas juventudes, inculcando-lhes desde tenra idade um ódio satânico contra a Igreja e seu clero, uma sede implacável de vingança, que na primeira oportunidade que se apresenta se manifesta em incêndios de conventos, destruição de igrejas, matanças crueis de sacerdotes e todo o género de enxovalhos contra os cristãos.

É fora de dúvida que se São Cirilo tivesse vivido em nossos tempos, não só teria sido condenado por anti-semita, se não até declarado criminoso de guerra e condenado à morte pelo Tribunal de Nuremberga ou outra coisa desse estilo.

Os judeus crêem-se com direito de conspirar contra os povos, ensanguentá-los com guerras civis, cometer crimes e toda a classe de maldades, sem receber o merecido castigo, mas quando alguém com a energia de São Cirilo reprime e castiga justamente os seus desmandos e delitos, enchem-no de impropérios e procuram desprestigiá-lo em vida, sem perdoar-lhe tão-pouco depois de morto, tal como está acontecendo com este insigne Santo da Igreja Católica.

É interessante conhecer a descrição de Graetz sobre a forma como festejavam os israelitas nesses tempos a festividade do Purim da Rainha Ester: «Neste dia os judeus, no meio da sua alegria, costumavam enforcar a figura de Haman, seu arqui-inimigo, que, ao ser queimado depois, tomava, acidental ou intencionalmente, a forma de uma cruz. Naturalmente os cristãos queixaram-se de que a sua religião era profanada, e o Imperador Teodósio II, ordenou ao governador da província que pusesse ponto final em tão mau comportamento, sob pena de severos castigos, sem ter podido todavia evitar tais actos. Numa ocasião, esta alegria de carnaval, segundo se diz, teve horríveis consequências. Os judeus de Imnestar, uma pequena povoação da Síria, situada entre Antióquia e Chalcis, tendo levantado um desses patíbulos para Haman, foram acusados pelos cristãos de haver raptado um menino cristão, crucificando-o nele e açoitando-o até matá-lo. Por isso, o Imperador ordenou que os culpados fossem castigados (415).» [44]

A isto chama alegria e diversão carnavalesca o tão célebre e autorizado historiador israelita Graetz, tão respeitado nos meios judeus!

É fácil supor a indignação provocada entre os cristãos por semelhante conduta judia e até o amotinamento das massas do povo, semelhante ao que se provocaria actualmente na União Soviética e demais países satélites com os sacrilégios, blasfémias e assassínios políticos que cometem os judeus comunis-

[44] Graetz. Obra e ediç. cit. Tomo II. Págs. 620 e 621.

tas, se não fora terem estes já nesses lugares os cristãos escravizados e incapacitados de defender-se.

As sinagogas, ao contrário dos templos de outras religiões, não se têm limitado a prestar culto a Deus, mas são lugares de reunião para discutir e aprovar resoluções políticas e são os principais centros de conspiração dos judeus, de onde tramam toda a classe de medidas tendentes a conquistar os povos que benèvolamente lhes deram hospitalidade. Aí planeiam também as actividades de extorsão económica, destinadas a despojar os cristãos e gentios de suas riquezas, que os hebreus crêem que lhes pertencem por direito divino. Com quanta razão afirmou o grande Padre da Igreja São João Crisóstomo que as Sinagogas eram «cenários infames e covas de ladrões e até coisas piores!» É pois compreensível que o clero católico dessa época, consciente do perigo que representavam para a cristandade e para o Império, tratasse de encerrar esses centros de conspiração e de maldade.

Entre as acções do clero dirigidas com tal objectivo, além das já referidas, é interessante citar o ocorrido na ilha de Minorca, então possessão romana, onde Graetz diz que «Severo, o Bispo desse lugar, queimou as suas sinagogas e arrasou os judeus com ataques nas ruas, até que conseguiu obrigar a muitos deles a abraçar o cristianismo.» [45]

Esta última medida constituiu um gravíssimo erro, porque, como anota o famoso historiador israelita Cecil Roth, estas conversões foram fingidas e os judeus em segredo permaneceram ligados à sua velha religião, vindo a aumentar o número de judeus subterrâneos que, praticando em público a religião cristã, constituiam a quinta coluna hebreia no seio da Santa Igreja, autora da maior parte das heresias e que prestava a todas apoio e impulso.

Outro notável adversário dos judeus nesta etapa foi o célebre asceta São Simão Estilita, bem conhecido pela rigorosíssima penitência que observou toda a sua vida sentado sobre uma coluna durante vários anos, mortificando-se e fazendo penitência por amor de Deus. O seu exemplo e a sua pregação serviu para converter ao cristianismo várias tribos nómadas procedentes da Arábia; e, por sua santidade, chegou a ser muito venerado do Imperador Teodósio II, ante quem sempre intercedia por todos os perseguidos. Nas controvérsias da Igreja Católica com os hereges chegou a exercer a sua influência a favor da ortodoxia.

Quão grandes seriam as maldades dos judeus e as conjuras de suas sinagogas, para que este homem, todo caridade

[45] Graetz. Obra e Ediç. cit. Tomo II. Págs. 619 e 620.

e tolerância, conciliador em extremo, amparo dos perseguidos, Santo canonizado pela Igreja, famoso por sua penitência e cheio de virtudes, tratando-se do judaísmo, por uma excepção na sua vida pacífica, para intervir enèrgicamente na decisiva luta que se travava contra a Sinagoga de Satanás!

Em relação a este Santo, ensina Graetz que, quando os cristãos de Antióquia expulsaram pela força os judeus das suas sinagogas, como vingança pela morte infligida pelos judeus à criança cristã em Imnestar, durante a festa do Purim, o Prefeito da Síria notificou o Imperador deste despojo de sinagoga, de forma tão impressionante, que conseguiu que Teodósio II, apesar do seu «fanatismo fradesco», ordenara aos habitantes de Antióquia a devolução das mesmas, coisa que muito indignou São Simão Estilita.

Assim se expressa sobre o pormenor o famoso historiador hebreu Graetz: «Mas esta decisão foi denunciada por Simão Estilita, que levava uma vida de rigoroso ascetismo numa espécie de estábulo não longe de Antióquia, do alto da sua coluna, ele havia renunciado ao Mundo, mas o seu ódio aos judeus foi no entanto suficiente para o obrigar a imiscuir-se em assuntos terrenos. Apenas teve conhecimento da ordem de Teodósio relativa à devolução das sinagogas roubadas, dirigiu ao Imperador uma carta insultante, informando-o que ele reconhecia sòmente a Deus e a ninguém mais como amo e imperador, e pedindo-lhe que revogasse o édito. Teodósio não pôde resistir a semelhante intimidação, revogando a sua ordem, e até removendo o Prefeito sírio, que havia levantado a sua voz em favor dos judeus.» [46]

O exposto nos últimos capítulos mostra-nos a classe de clero e de santos da Igreja que tornaram possível o triunfo do cristianismo frente aos inimigos mortais da Igreja e da Humanidade. O presente Concílio Ecuménico oferecerá uma grande oportunidade para conseguir que o nosso clero actual se vá pondo à altura daquele que naqueles tempos pôde salvar a Santa Igreja no meio de tantas catástrofes e que a fez prevalecer frente a tantos inimigos. Isto é urgentíssimo visto que o perigo comunista que ameaça arrasar tudo só poderá ser conjurado se volverem ao clero da Santa Igreja e aos dirigentes seculares essa moral combativa e esse espírito de sacrifício que caracterizaram as hierarquias católicas durante os primeiros séculos do cristianismo. Se não se obtiver uma reacção enérgica nesse sentido, é possível que Deus nos castigue com o triunfo mundial do comunismo e a consequente catástrofe para a cristandade.

---

[46] Graetz. Obra e ediç. cit. Tomo II. Págs. 621 e 622.

SANTO AGOSTINHO, SÃO JERÓNIMO E OUTROS PADRES DA IGREJA CONDENAM OS JUDEUS

São Jerónimo, grande Padre da Igreja, nos seus desejos de estudar a Bíblia nas suas próprias fontes originais, empenhou-se em conhecer a fundo o hebreu, para o que entrou em contacto com judeus tão destacados como Bar Chanina, mas apesar da amizade pessoal que manteve o Santo com distintos hebreus, a sua atitude para com o judaísmo era de franco repúdio.

O mesmo pode dizer-se do ilustríssimo Padre da Igreja Santo Agostinho, Bispo de Hipona.

Utilizaram-se como informação os textos de autores hebreus, de indiscutível autoridade nos meios judaicos, para evitar que possam taxar-se de anti-semitas essas fontes. Com respeito a São Jerónimo e a Santo Agostinho, diz expressamente o historiador israelita Graetz, referindo-se em primeiro lugar a Jerónimo: «Havendo-lhe os seus inimigos repreendido de estar contaminado de heresia por motivo dos seus estudos hebraicos, Jerónimo convenceu-os da sua ortodoxia fazendo valer o seu ódio aos judeus. Se fora preciso desprezar os indivíduos e a nação, o meu caso é que aborreço os judeus com um ódio difícil de expressar. Mas Jerónimo não era o único que pensava desta maneira, porquanto suas opiniões eram compartilhadas por um contemporâneo mais jovem, Agostinho, o Padre da Igreja. Esta profissão de fé relativa ao ódio para com os judeus não era uma opinião de determinado autor, mas um oráculo para toda a cristandade, que prontamente aceitou os escritos dos Padres da Igreja, que foram reverenciados como santos. Em tempos posteriores, esta maneira de pensar armou reis e inventou instrumentos para torturar os judeus e construiu piras mortuárias para queimá-los.» [47]

Assim resume Graetz a política seguida pela Santa Igreja e pela cristandade contra o judaísmo durante mais de mil anos, mas o que naturalmente oculta é quais foram as causas que obrigaram a Igreja, os seus Santos mais preclaros, os Padres da Igreja, os Papas e os Concílios, a ter que aprovar este tipo de defesa.

Os que sofreram na própria carne as matanças de cristãos e as profanações de igrejas, efectuadas pelos pagãos ou pelos hereges, instigados pelos hebreus; os que também presenciaram as realizadas pessoalmente pelos judeus; e os que temos sabido dos crimes cometidos pelos israelitas na Rússia Soviética e países comunistas, podemos entender que, contra um inimigo tão

[47] Graetz. Obra e ediç. cit. Tomo II. Págs. 625 e 626.

extraordinàriamente vesgo e criminoso que faz perigar de tal forma a Humanidade e a religião; tanto a Santa Igreja como o resto das instituições ameaçadas têm o direito de defender-se, lançando mão das medidas extraordinárias que a maldade do inimigo torne necessárias.

CAPÍTULO NONO

INVASÃO DOS BÁRBAROS, TRIUNFO ARRIANO JUDEU

O prestigiado historiador hebreu, N. Leven, na sua obra intitulada «Cinquenta Anos de História — A Aliança Israelita Universal», a que adiante nos referiremos mais amplamente, assinala, entre outras coisas, que a Igreja, ao triunfar no Império Romano e ao converter-se em religião oficial, «dirige a força do Império contra os judeus», perseguindo tanto os judeus públicos em sua religião como os convertidos ao cristianismo pelas águas do baptismo, acrescentando: «O *jus honorum* é-lhes retirado; até os baptizados são excluídos das funções superiores e da carreira militar, é-lhes proibido, sob pena de morte, ter comércio com os cristãos, possuir escravos mesmo pagãos... Justiniano vai tão longe como recusar toda a força ao testemunho dos judeus contra os cristãos perante os tribunais», dizendo o escritor israelita finalmente que estas disposições «foram recopiladas nos Códigos de Teodósio II e de Justiniano, sendo derribadas com a invasão dos Bárbaros. O Império do Oriente conserva-as e renova-as.» «... No Império do Ocidente a invasão dos Bárbaros detém a perseguição.» [48]

O mais interessante da legislação da Roma católica assenta em que os dirigentes do Império e da Santa Igreja aprovaram excluir, não só os judeus declarados como tais, mas também os baptizados, das funções superiores e da carreira militar. Quer dizer que aos judeus convertidos ao cristianismo e aos seus descendentes, uns e outros baptizados, os segregaram dos postos dirigentes do Estado e do Exército. A razão de tais medidas está patente, se se tomar em conta que outros autorizados historiadores judeus, como Graetz e Cecil Roth, nos confessam claramente que as conversões realizadas pelos hebreus ao cristianismo eram fingidas, porquanto ainda que praticas-

48 N. Leven. «Cinquente Ans d'Histoire — L'Alliance Israelite Universelle». (1860-1910). Paris, 1911. Tomo I. Págs. 3 e 4.

sem em público a referida religião, em segredo continuavam sendo tão hebreus como antes; e que entre tais falsos cristãos, a prática oculta do judaísmo se transmitia de pais a filhos, mesmo que estes últimos fossem baptizados e vivessem em público como cristãos.

Perante tais factos, é muito compreensível que, sabedoras as autoridades imperiais de que a conversão para os hebreus, na sua quase totalidade, não era mais que uma farsa e o baptismo outra, quando se tomaram as medidas para evitar que dominassem o Império, eliminando-os dos postos públicos e dos graus militares, se incluíssem em tais medidas os descendentes de judeus, mesmo que tivessem recebido as águas do baptismo. Estas medidas de defesa foram sem dúvida um antecedente remoto das famosas leis ou Estatutos de Limpeza de Sangue, pelos quais se eliminou dos postos dirigentes do Estado e das dignidades da Santa Igreja Católica, em alguns países, aos católicos que tivessem ascendência judia. Estas leis de limpeza de sangue foram aprovadas por SS. SS. os Papas Paulo III, Paulo IV e outros, como meio de impedir que continuassem invadindo o clero da Igreja os falsos cristãos que, em segredo, eram judeus, quer dizer, a quinta coluna hebreia introduzida no seio da cleresia e que é a responsável principal dos triunfos da heresia de princípio e depois das revoluções maçónicas e comunistas, como estudaremos na sua oportunidade.

A situação dos hebreus nas vésperas da queda do Império Romano do Ocidente é descrita pelo israelita Graetz como segue: «O fanatismo de Teodósio II operou também em Honório, Imperador do Oeste, e por suas absurdas leis, ambos colocaram os judeus nessa anormal posição em que os encontraram os novos Estados germanos que se formaram. Porquanto não se permitiu mais aos judeus desempenhar postos públicos, nem adquirir graus militares como anteriormente se lhes havia permitido ocupar.» [49]

O historiador e grande amigo dos judeus, José Amador de los Rios, comentando a situação dos hebreus no Império depois do Concílio Iliberitano, diz: «Não podia em verdade ser mais comprometida nem desconsoladora para os filhos de Israel a situação que, em virtude de semelhantes projectos, lhes criavam os Padres do Concílio Iliberitano. Animados estes sem dúvida do mesmo espírito que no declinar daquele século ia a resplandecer, segundo deixámos anotado na Lira de Prudêncio, ou talvez interpretando o universal sentimento dos católicos, davam insigne mostra da desditosa animadversão com que era em todos os confins do mundo saudada e desventu-

[49] Graetz. Obra e ediç. cit. Tomo II. Pág. 622.

rada grei, cuja fronte vergava sob a terrível acusação do Deicídio.» [50]

Os escritores judeus e os filo-semitas lamentam a situação dos hebreus nos últimos tempos do mundo romano, mas evitam mencionar as verdadeiras causas que os levaram a tal situação, sendo digno de tomar-se em consideração que foi precisamente quando a besta judaica ficou acorrentada que o catolicismo conseguiu o seu triunfo completo no Império, coincidência muito significativa.

Por isso a invasão dos germanos arrianos foi para os judeus um grande triunfo, embora fosse apenas temporal.

Com efeito, controladas as tribos germânicas do Norte pela seita arriana, seguiam uma política de amizade e aliança com os israelitas, contrária à que observavam os católicos triunfantes no Império Romano.

Devido a esta circunstância, ao invadirem os bárbaros o Império do Ocidente, mudou por completo a situação dos judeus e dos católicos: os primeiros, volveram a escalar os degraus do Poder e da influência; e os segundos, tiveram de sofrer, sobretudo nalguns lugares, as mais crueis perseguições.

Alguns afirmam que os hebreus instigaram os chefes germanos a invadir o Império e que até os ajudaram no seu trabalho de conquista. Não tivemos tempo de fazer uma investigação minuciosa sobre este ponto, mas encontramos na Enciclopédia Judaica Castelhana algo de muito interesse, a qual, no vocábulo *arrianismo,* ao referir-se ao bom trato que concediam os bárbaros arrianos invasores aos hebreus, diz: «Como consequência do trato tolerante que receberam, os hebreus solidarizaram-se com aqueles (os arrianos) nas suas guerras contra as monarquias católicas. Assim, tomaram parte activa na defesa de Arles contra o Rei franco Clodoveo (508), e na de Nápoles contra Justiniano (537).» [51]

Além disso, o historiador hebreu Graetz anota que: «Na Itália tem-se notícia da existência de judeus desde os tempos da República, havendo estado no pleno gozo dos direitos políticos, até que lhes foram arrebatados pelos imperadores cristãos. Eles (os judeus) provàvelmente viram com grande prazer a queda de Roma e regozijaram-se ao ver a cidade que regia o Mundo convertida em presa dos bárbaros e em aborrecimento de todo o mundo.» [52]

É evidente que aos judeus não lhes convém reconhecer que

---

[50] Concílio Iliberitano. Citado por José Amador de los Rios. «Historia dos Judeus de Espanha e Portugal». Madrid, 1875. Tomo I. Pág. 75.

[51] «Enciclopédia Judaica Castelhana». Ediç. cit. Tomo I. Vocábulo *arrianismo.*

[52] Graetz. Obra e ediç. cit. Tomo III. Pág. 27.

foram em grande parte responsáveis da destruição do Império Romano e da catástrofe que esse facto significou para a civilização, mas esse prazer que sentiram com a queda de Roma e a afirmação geral de que se solidarizaram com os bárbaros arrianos «nas suas guerras contra as monarquias católicas» faz recordar que a principal monarquia católica contra a qual lutaram os germanos discípulos de Arrio foi precisamente o Império Romano do Ocidente.

Será necessário para esclarecer a verdade histórica e deslindar responsabilidades, que se trata de aclarar este ponto, tomando em conta que a ninguém mais que aos judeus convinha a destruição da ordem então imperante, a sua substituição por outra favorável a eles.

A quase totalidade das tribos germanas que invadiram o Império eram arrianas, destacando-se, entre as poucas excepções, a dos Francos, que abraçou o catolicismo desde o princípio.

O filo-semita J. Amador de los Rios, falando da mudança política operada com as invasões bárbaras, diz, referindo-se à Península Ibérica: «Foi assim que, abrindo-lhe a tolerância arriana as vias de uma prosperidade desacostumada, aumentava em solo ibérico a grei israelita durante a primeira época da dominação visigoda, e como mercê da sua inteligência e suas riquezas alcançava dentro do Estado, não escasso valimento e importância, erguendo-se ao exercício dos cargos oficiais, o que lhe dava inusitada representação na República.» [53]

Por sua vez, o historiador hebreu Cecil Roth refere-se também ao facto de que os visigodos arrianos favoreciam os judeus, em contraste com os católicos, a quem perseguiam. [54]

Um exemplo que demonstra a boa situação de que gozavam os judeus nas terras conquistadas pelos nórdicos arrianos, em contraste com a que desfrutavam nos reinos católicos, conta-nos o historiador judeu Graetz, o qual, depois de narrar que no Império Bizantino, então católico, um dos Imperadores havia expulso os judeus da sua sinagoga, convertendo-a na igreja da Mãe de Deus e que no meio de tantas perseguições os hebreus haviam tido que levar de um lugar para outro os vasos sagrados do Templo de Salomão, até conduzi-los a um lugar seguro que foi Cartago, então sob o domínio dos Vândalos arrianos, conta que: «Permaneceram cerca de um século. E foi com grande dor que os judeus da capital bizantina presenciaram o seu transporte a Constantinopla, por Belisário, o conquistador do Império dos Vândalos. Os troféus judeus foram

[53] J. Amador de los Rios. Obra e ediç. cit. Tomo I. Pág. 79.

[54] Cecil Roth. «História dos Marranos». Ediç. cit. Págs. 15 e 16.

levados em som de triunfo, junto com Gelimer, o Príncipe dos Vândalos e neto de Gonserico. e em união dos tesouros do infortunado monarca.» [55]

Durante a destruição do Império Romano do Ocidente pelos bárbaros seguidores de Arrio, os judeus dedicaram-se em grande escala ao comércio de escravos. A este respeito, o israelita Graetz constata que: «As repetidas invasões das tribos bárbaras e as numerosas guerras haviam incrementado o número de prisioneiros e os judeus levavam a cabo um animado comércio de escravos, embora não fossem os únicos que o faziam.» [56]

É bom fazer notar que os judeus, através da História, desempenharam um papel capital no comércio de escravos e que nos séculos XVII e XVIII foram os principais traficantes deste infame comércio, capturando em África os infelizes negros e arrancando-os desapiedadamente dos seus lares, para os vender como servos, em diferentes partes do mundo, principalmente na América do Norte e do Sul.

---

[55] Graetz. Obra cit. Ediç. cit. Tomo III. Pág. 26.

[56] Idem. Idem. Idem. Tomo III. Págs. 28 e 29.

CAPÍTULO DÉCIMO

VITÓRIA CATÓLICA

A conquista, por parte do Império Romano do Oriente, de grandes territórios dominados pelos bárbaros arrianos e a conversão ao catolicismo de todos os monarcas germanos, antes pertencentes à seita do judeu Arrio, modificaram uma vez mais a situação da Europa, com o triunfo conseguido pelo catolicismo sobre esta heresia, triunfo que, como era natural, ia modificar outra vez a situação dos judeus, fazendo-lhes perder a sua posição privilegiada e a possibilidade de continuar hostilizando os cristãos.

É preciso notar que o controle arriano sobre as tribos germânicas invasoras era débil, pois dependia principalmente da conversão e fidelidade dos seus chefes à heresia, de maneira que, quando estes foram ganhos para o catolicismo, devido ao incansável trabalho evangelizador da Santa Igreja, o arrianismo recebeu um golpe mortal. Não é de estranhar que, depois de tantos abusos e desmandos cometidos pelos hebreus sob a protecção da heresia, o seu afundamento provocasse uma verdadeira reacção antijudia nos países novamente conquistados para a Igreja de Roma.

Até José Amador de los Rios, tão favorável aos hebreus, depois de mencionar o facto de os judeus, na época arriana, escalarem os postos de governo e obterem inusitada influência, adquirindo escravas e mancebas cristãs, contra o disposto pelo Concílio Iliberitano convertido em letra morta pelos arrianos, diz textualmente: «Tão estimadas prerrogativas, não concedidas ao povo hispano-latino em respeito pela grei visigoda, contradizendo terminantemente o Concílio Iliberitano, se puderam por algum tempo lisonjear o orgulho dos descendentes de Judá, mostrando a sua preponderância, iam, não obstante, comprometer gravemente o seu futuro, ao levantar-se, vencedora, sobre os erros de Arrio a doutrina do catolicismo.» [57]

---

[57] J. Amador de los Rios. «História dos Judeus de Espanha e Portugal». Ediç. cit. Tomo I. Págs. 79 e 80.

Por outro lado, os judeus procuraram a todo o custo impedir o triunfo dos exércitos católicos. Assim, ainda no caso do reino ostrogodo estabelecido em Itália, onde os hebreus já haviam começado a ter choques com Teodósio, ao surgir a ameaça de invasão do Imperador católico Justiniano, os judeus apoiaram resolutamente o seu amigo arriano, o Rei Teodato, sucessor de Teodorico, com tenacidade e fanatismo. Depois, quando os exércitos de Justiniano atacaram a praça de Nápoles, os habitantes da cidade dividiram-se em dois bandos: um pela capitulação e outro pela guerra. Neste caso, o partido belicista não estava disposto a sacrificar-se pelos ostrogodos, que, segundo afirma Graetz, eram odiados em toda a Itália, realçando o referido escritor judeu: «Só os judeus e dois letrados, Pastor e Asclepiodoto, que se haviam elevado graças à influência dos reis ostrogodos, se opuseram à rendição da cidade ao general bizantino. Os judeus que eram ricos e patriotas ofereceram suas vidas e suas fortunas para defesa da cidade. E com o fim de amainar o temor da escassez de provisões, eles prometeram abastecer Nápoles de tudo o necessário durante o cerco.» [58]

Dada a brevidade deste trabalho, não é possível continuar citando exemplos desta natureza, mas é indiscutível que em todas as partes trataram os judeus desesperadamente de impedir o triunfo do catolicismo sobre o arrianismo.

Com respeito ao que sucedeu depois da vitória decisiva da Santa Igreja, é muito eloquente o ocorrido no reino visigodo, que, sendo a mais poderosa monarquia que conseguiram fundar os bárbaros seguidores de Arrio, era considerado como o principal baluarte do arrianismo, no qual, como se tem visto, os hebreus conseguiram escalar os postos de governo e manter privilegiada influência.

O historiador hebreu Cecil Roth aponta que, convertidos os visigodos ao catolicismo, começaram a demonstrar o zelo tradicional dos neófitos. Os judeus sofreram de imediato as desagradáveis consequências de semelhante zelo. Em 589, entronizado Recaredo, a Legislação Eclesiástica começou a ser-lhes aplicada nos seus ínfimos pormenores. Os seus sucessores não foram tão severos, mas subido Sisebuto ao trono (612-620) prevaleceu o mais cerrado fanatismo. Instigado quiçá pelo Imperador bizantino Heráclito, publicou em 616 um édito, que ordenava o baptismo a todos os judeus do reino, sob pena de

[58] Graetz. «History of the Jews». Ediç. cit. Tomo III. Pág. 32.

desterro e perda de todas as suas propriedades. Segundo os cronistas católicos, noventa mil abraçaram a fé cristã.» [59]

No Império Bizantino, também se aprovaram medidas tendentes a obter a conversão dos hebreus ao cristianismo. A Enciclopédia Judaica Castelhana diz que Justiniano «ordenou a leitura da Thora (Bíblia) em grego, esperando a conversão dos judeus por esse método, e em 532 declarou nulo todo o testemunho de um judeu contra um cristão». Esta medida foi feita lei posteriormente, quase em toda a cristandade, tendo como lógico fundamento o facto de que os judeus, sentindo-se com todo o direito de mentir aos cristãos e gentios, fizeram tão geral o seu falso testemunho, que seria pueril dar-lhes crédito. Por isso negou-se pois qualquer validade judicial ao testemunho de um judeu contra um cristão, estando comprovado através dos séculos que, para o judeu, a mentira e o engano são das suas mais utilizadas e eficientes armas de luta.

Todas as medidas que se tomaram nos Estados cristãos para provocar a conversão dos judeus, desde o convencimento pacífico até à violência, foram originadas pelo zelo apostólico da Santa Igreja, desejosa de converter infiéis à verdadeira religião; e por outra parte, porque tanto a Santa Igreja como os Estados católicos compreenderam a necessidade vital de acabar com a Sinagoga de Satanás, pois, na realidade, um grupo de estrangeiros infiltrados nos Estados cristãos, conspirando sempre contra a Igreja e contra o Estado, era um perigo permanente, tanto para a estabilidade das instituições como para a defesa desses povos contra os seus inimigos exteriores, tanto mais que os hebreus haviam demonstrado estarem sempre prontos a atraiçoar o país que benèvolamente lhes dava hospitalidade, se assim convinha aos seus interesses bastardos, ajudando os invasores estrangeiros e escavando as próprias entranhas da infeliz nação que lhes oferecia albergue.

Um caminho para solucionar tão tremendo problema parecia ser o de aniquilar a nefasta seita do judaísmo, convertendo-a à fé cristã, pois ao deixarem todos eles de serem judeus e assimilando-se ao povo em cujo território viviam, incorporando-se na sua religião cristã, ao mesmo tempo que desaparecia essa quinta coluna estranha, perigosa para qualquer nação, conseguia-se a salvação das suas almas, na fé do nosso divino Redentor. Estes foram os raciocínios que induziram o muito católico rei visigodo Sisebuto a ordenar aos judeus do seu reino que se baptizassem sob pena de desterro e confiscação de bens, assim como as razões que teve presentes o não menos cristão Imperador bizantino Basílio I, o Macedónio

[59] Cecil Roth. «História dos Marranos». Ediç. cit. Pág. 16.

(867-885), que forçou os judeus a tomar as águas do baptismo, oferecendo aos que o fizeram toda a classe de honrarias e isenções de impostos. [60]

Desgraçadamente, todas as medidas fracassaram, não fazendo senão fomentar as conversões fingidas, como assegura o historiador israelita Cecil Roth, pois os hebreus mantiveram em segredo a sua adesão ao judaísmo, com o que se aumentou enormemente o contingente da quinta coluna judia no seio da Santa Igreja.

Diz a Enciclopédia Judaica que, com a conversão realizada nos tempos do Imperador Basílio, «mais de mil comunidades se viram obrigadas a submeter-se ao baptismo, mas volveram à sua religião primitiva à morte do Imperador.» [61]

Não deu melhores resultados a conversão em massa dos judeus do Império Visigodo, realizada nos tempos de Sisebuto. O judeu Cecil Roth diz: «A notória infidelidade dos recém-convertidos e dos seus descendentes continuou a ser um dos grandes problemas da política visigoda até à invasão árabe em 711.» [62]

De nada serviram tão-pouco todas as medidas que se tomaram contra a infidelidade dos conversos do judaísmo e dos seus descendentes, visto que esses falsos cristãos foram submetidos a rigorosa vigilância governamental, que chegou até ao extremo de separar dos suspeitos os seus filhos, para que fossem criados numa atmosfera cristã incontaminada. «Quando se relaxou a vigilância governamental, os recém-convertidos aproveitaram a oportunidade para retornar à fé primitiva.» Termina Roth esta exposição, com a conclusão de que, com todos estes factos, se havia iniciado na Península Ibérica a tradição marrana, [63] quer dizer, a tradição do judaísmo subterrâneo coberto com a máscara do cristianismo.

Alarmados os Papas e muitos reis cristãos pelos falsos conversos que estavam inundando a Santa Igreja, tomaram diversas medidas para proibir e impedir que se convertessem os judeus pela força; entre outros, podemos citar o que nos relata a Enciclopédia Judaica Castelhana, que diz a este respeito: «Leão VI, o Filósofo (Imperador bizantino), filho de Basílio, restaurou a liberdade religiosa com o objectivo de evitar a existência de falsos cristãos.» [64]

---

[60] Sobre esta conversão forçada no Império Bizantino, veja-se Enciclopédia Judaica Castelhana. Tomo II. Vocábulo *Bizantino* (Império).

[61] Enciclopédia cit. Tomo II. Vocábulo cit.

[62] Cecil Roth. Obra cit. Ediç. cit. Pág. 16.

[63] Cecil Roth. Obra e ediç. cit. Pág. 16 e 17.

[64] Enciclopédia Judaica Castelhana. Tomo II. Vocábulo *Bizantino* (Império).

O Papa São Gregório compreendeu este problema em toda a sua magnitude, assim como o enorme perigo que significavam para a Santa Igreja os falsos conversos, pelo que ditou ordens terminantes proibindo que se perseguissem os judeus e os obrigassem por qualquer forma a converter-se. Os Bispos, acatando tais instruções, opuseram-se a tudo o que significasse forçar a conversão dos hebreus, embora reduzindo-os à impotência para que não pudessem subverter ou envenenar a sociedade cristã. O historiador judeu Graetz, em relação a estas medidas, faz um comentário interessante: «Mas a tolerância inclusive dos Bispos mais liberais não tinha grande significação. Eles limitavam-se a refrear o proselitismo obtido por meio das ameaças de desterro ou de morte, porque estavam convencidos que por esses meios a Igreja se veria povoada de falsos cristãos, que a maldiziam no mais íntimo do seu coração. Mas eles não hesitaram em acorrentar e acossar os judeus e colocá-los muito cerca dos servos, na escala da sociedade. Esta maneira de proceder pareceu por completo justa e piedosa a quase todos os representantes da cristandade durante os séculos de barbárie.» [65]

Aqui resume o historiador israelita um dos aspectos da nova política que haviam de seguir alguns Papas da Santa Igreja durante a Idade Média. Convencidos de quão perigoso era obrigar os judeus por meio da perseguição e ameaças a converter-se, trataram de impedir tais conversões forçadas, declarando-as inclusivamente anticanónicas, ao mesmo tempo que tomavam medidas enérgicas contra os falsos conversos e seus descendentes, os falsos cristãos judaizantes. Alguns Papas e Reis deram liberdade aos judeus para que praticassem em público a sua religião, tratando-os com tolerância e até outorgando-lhes protecção contra injustas agressões, mas também este tipo novo de político fracassou, ao chocar com a maldade e perfídia do judaísmo, que, longe de agradecer a bondade de alguns Sumos Pontífices, não deixou de aproveitar a indulgência para tramar e preparar toda a classe de conspirações contra a Igreja e o Estado. Esta contumácia obrigava logo outros Papas a mudar de política, intentando impedir que a besta judaica desencadeada arrasasse tudo, tratando de amarrá-la de novo para que não pudesse continuar causando dano. Tal é a verdadeira explicação para o que poderia parecer uma política contraditória a respeito dos judeus, seguida por uns e outros Papas. Poderia comprovar-se com o caso de um homem virtuoso e honesto, que tivesse por vizinho um criminoso sanguinário e que, embora conhecendo sua maldade, tratasse de le-

[65] Graetz. «History of the Jews». Ediç. cit. Tomo III. Pág. 25 e 26.

var a cabo boas relações com ele, dando-lhe um tratamento benévolo e cristão, levado pelos seus bons sentimentos, mas que, ao dar-se conta de que se aproveitava dessa benevolência para devolver-lhe mal por bem, para lhe causar a ele e sua família danos irreparáveis, reagisse de forma enérgica, procurando defender-se e pôr fora de combate o seu adversário, fazendo uso do direito de legítima defesa.

Além disso, é preciso fazer constar que os Papas e os Reis não representavam interesses particulares como os do vizinho antes proposto como exemplo, mas sim os interesses da Igreja e dos seus Estados cristãos. É pois explicável que, ao ver que as medidas de tolerância com o inimigo davam resultados catastróficos, vissem a urgência de tomar medidas enérgicas para salvar a cristandade dos assaltos da Sinagoga de Satanás. Desgraçadamente, estas flutuações na política dos dirigentes cristãos foram por fim nocivas para a Santa Igreja e para a cristandade. Se se tivesse seguido sem interrupção a acção enérgica dirigida contra o judaísmo pelos Padres da Igreja e por muitos Papas e Concílios, talvez se houvesse conjurado a tempo a ameaça do imperialismo judaico, que actualmente está a arrasar tudo.

CAPÍTULO DÉCIMO PRIMEIRO

O CONCÍLIO TERCEIRO TOLEDANO ELIMINA OS JUDEUS DOS POSTOS PÚBLICOS

Convertido o Rei visigodo Recaredo do arrianismo ao catolicismo, recebeu a seita do hebreu Arrio um golpe decisivo, visto que, como se tem dito, o Império Visigodo era o baluarte da heresia.

Ainda estavam frescas as tristes recordações e as feridas abertas pela sangrenta perseguição desencadeada pelo arriano Leovigildo contra os católicos, e na qual haviam participado cruelmente os judeus, pelo que na Espanha gótica era geral o ressentimento do povo católico contra a grei de Israel. É, pois, explicável que, ao abjurarem os hierarcas visigodos da heresia arriana e ao adoptarem o catolicismo, se tomassem uma série de medidas adequadas para refrear a expansão dominadora dos judeus. O escritor filojudeu José Amador de los Rios reconhece a esse respeito que: «Abertas tinham, com efeito, os hebreus as portas dos cargos públicos, a cuja posse os haviam elevado os reis arrianos; dado lhes era introduzirem-se na família cristã por meio de matrimónio, o qual facilitava grandemente a sua posição e suas riquezas, assegurando-lhes para o futuro não escassa influência no Estado; envaidecidos por sua fortuna e seu poder, haviam tido acaso alguma parte na última e mais dolorosa perseguição executada pelos arrianos contra os católicos, durante o reinado de Leovigildo. Não era, portanto, desprezível e pueril receio o temor dos Padres Toledanos, conhecido o interesse que ao triunfar o catolicismo representavam e a causa que defendiam; e, apoiados no exemplo do Sínodo Iliberitano, propuseram-se refrear de certo modo os israelitas, reduzindo-os à impotência contra os cristãos.» [66]

Entre os Cânones do Concílio III de Toledo, aprovados com tal objectivo, destacava-se por sua importância o Cânone XIV,

[66] J. Amador de los Rios. «História dos Judeus de Espanha e Portugal». Ediç. cit. Tomo I. Pág. 82.

que, referindo-se aos judeus, diz: «Que não se lhes confiram cargos públicos em virtude dos quais tenham de impor penas aos cristãos.» [67]

Esta determinação da Santa Igreja não podia ser mais justificada, visto que os hebreus sempre utilizavam os postos de governo conquistados nos povos que lhes oferecem hospitalidade, para causar prejuízos aos cristãos, de uma forma ou de outra; sendo indubitável que se os Metropolitanos e Bispos do Concílio Toledano referido tivessem vivido em nossos dias, teriam sido acusados de cruel anti-semitismo pela mesma quinta coluna judia introduzida no clero católico. Também ordenavam os Prelados do Terceiro Concílio de Toledo que: «Se alguns cristãos tiverem sido manchados por eles com o rito judaico, ou circuncizados, sejam restituídos à liberdade e religião cristã sem resgate algum.» O historiador mencionado J. Amador de los Rios, comentando outras disposições antijudias do Santo Concílio referido, diz: «Aspiravam os Padres, ao aconselhar a Recaredo estas repressivas disposições, como ponto principal e de maior transcendência, secundar o propósito dos de Elvira, negando aos hebreus toda a aliança e mistura com a raça hispano-latina, dado que a visigoda se havia mantido até então e se manteve muito tempo depois inacessível às gentes por ela dominadas.» [68]

Entre as disposições do referido Concílio Toledano figuram as de proibir aos judeus comprar escravos cristãos, disposições estas congruentes com as ordens dadas em igual sentido por S. S. o Papa São Gregório Magno, que ao mesmo tempo que se opunha firmemente às conversões forçadas de judeus e a todo o género de opressões que os obrigassem a converter-se em falsos cristãos, combatia com energia qualquer manifestação de judaísmo subterrâneo praticada por quem aparecesse em público como cristão. É muito interessante a tal respeito um caso que nos cita o historiador israelita Graetz, referindo-se ao Papa São Gregório: Tendo ouvido que um judeu chamado Nasas havia erigido um altar em Elijah, provàvelmente uma sinagoga conhecida por esse nome, na ilha de Sicília, «e que cristãos se reuniam ali para celebrar o serviço divino (judeu), Gregório ordenou ao prefeito Libertino derrubar o edifício e impor pena corporal a Nasas por esta ofensa. Gregório perseguiu vigorosamente os judeus que compravam ou possuiam escravos cristãos. No Império dos Francos, onde o

[67] Actas. Concílio III Toledano. Cânone XIV. Compilação de Juan Tejada y Ramiro. Colecção de Cânones de todos os Concílios da Igreja de Espanha e América. Madrid, 1859. Tomo II. Pág. 304.

[68] J. Amador de los Rios. Obra cit. Ediç. cit. Tomo I. Pág. 83.

fanatismo não se havia ainda enraízado, os judeus não estavam proibidos de participar no comércio de escravos. Gregório estava indignado por isso e escreveu ao Rei Teodorico (Dieterich) de Borgonha, Teodoberto, Rei de Austrásia, e também à Rainha Brunilde, expressando o seu assombro de que eles permitissem aos judeus possuir escravos cristãos. Ele exortou-os com grande zelo a que remediassem esse mal e que libertassem os verdadeiros crentes do poder dos seus inimigos. Recaredo, Rei dos Visigodos, que se submeteu à Santa Sé, foi instado em grande medida por Gregório para que promulgasse em édito de intolerância.» [69]

Vê-se, pois, que as medidas para acorrentar a besta judaica, aprovadas pelo visigodo Recaredo, foram inspiradas, segundo afirma o judeu Graetz, nem mais nem menos que pelo Papa São Gregório Magno, que durante algum tempo tratou em vão de atrair os judeus pela bondade e tolerância; sendo interessante fazer notar que o Papa São Gregório, ao mesmo tempo que repelia as conversões forçadas, alimentava a esperança de evangelizar os hebreus por meios pacíficos, mas sabedor de que as conversões em regra geral eram fingidas e falsas, esperava quando muito arreigar sinceramente no cristianismo os filhos dos conversos. A este respeito diz claramente o mencionado historiador hebreu, referindo-se a São Gregório: «Ele, no entanto, não se enganava, crendo que os conversos obtidos desta maneira fossem leais cristãos, mas tomada em conta os seus descendentes.» «Se nós não os ganhamos a eles, ao menos ganharemos os seus filhos.» [70] Dizia o citado escritor que era muito digno de notar que o próprio Papa São Gregório Magno, de tão ilustre memória na história da Igreja, já sabia que as conversões dos judeus ao cristianismo eram falsas, e o que se pretendia com elas era ganhar os filhos educados já cristãmente. Desgraçadamente, a maldade e perfídia do judaísmo fazem que falhem até os cálculos mais lógicos na aparência, porquanto já vimos no capítulo segundo desta quarta parte, como o historiador israelita Cecil Roth afirma que o marranismo, quer dizer, o judaísmo clandestino, se caracteriza pela transmissão de pais a filhos da secreta religião judia, ocultada pelas aparências de um cristianismo praticado em público pelos marranos. Por isso, os cálculos de todos os jerarcas da Igreja e dos Estados cristãos, baseados na ideia de que mesmo

---

[69] Papa São Gregório Magno, citado por Graetz. Obra cit. Ediç. cit. Tomo III. Págs. 33 e 34.

[70] Graetz. Obra cit. Ediç. cit. Tomo III. Pág. 33.

que as conversões fossem fingidas e falsas, poderiam converter-se os descendentes dos conversos em bons cristãos, falharam lamentàvelmente através dos séculos, como o iremos analisando na sua oportunidade.

CAPÍTULO DÉCIMO SEGUNDO

O CONCÍLIO QUARTO TOLEDANO DECLARA SACRÍLEGOS E EXCOMUNGADOS OS BISPOS E PADRES QUE APOIEM OS JUDEUS

Uma das causas principais do triunfo lento, mas progressivo, do imperialismo judaico nos últimos mil e novecentos anos tem sido a má memória dos cristãos e gentios, prontos sempre a esquecer o passado e a não tomar em conta que a História é a mestra da vida.

Sempre que os judeus, sabendo-se da sua imensa habilidade para enganar o próximo, logravam ganhar a confiança dos magnates cristãos, eclesiásticos e seculares, iam-se apoderando dos postos de governo e adquirindo grande influência dentro da sociedade cristã.

Este poder, adquirido de tal forma, era utilizado por eles para causar prejuízos aos ingénuos que lhes haviam aberto as portas, conspirando com maiores probabilidades de êxito contra a Santa Igreja e Estados cristãos; então é que surgia a reacção defensiva dos sectores ameaçados pela fera desacorrentada, que, após difíceis lutas e depois de vencer inumeráveis obstáculos, volviam a amarrá-la, para impedir que continuasse causando dano à Igreja, ao Estado e à cristandade.

Assim vemos que, morto Recaredo e esquecidos os motivos que haviam justificado a exclusão dos judeus dos postos públicos, voltaram a ser admitidos no desempenho dos mesmos e a reincidir nos seus maus hábitos, que haviam provocado as acertadas sanções do Terceiro Concílio Toledano. Desta forma, constituiram novamente no Império Gótico um grave problema.

Por isso, ao ser eleito Sisebuto no ano 612, pelo voto dos magnates visigodos e a sanção do episcopado, a primeira coisa que intentou foi pôr termo aos abusos dos hebreus, tornando efectivos os cânones do Concílio III Toledano, que, por negligência ou condescendência de governos anteriores, haviam em grande parte deixado de aplicar-se proibindo também rigorosamente que os judeus pudessem comprar servos cristãos.

J. Amador de los Rios afirma: «Sisebuto, firme no seu propósito de separar a raça hebreia da cristã, tirando à primeira todo o poder sobre a segunda, mandando que fossem restituídas à coroa todas as rendas, benefícios ou doações, obtidas com engano dos reis que o haviam precedido», manifestando o citado historiador que com o seu afã de restabelecer em todo o seu vigor as disposições de Recaredo, Sisebuto «ganhava para si a aprovação do episcopado e o aplauso dos católicos» [71], e, em contrapartida, a pertinaz oposição dos israelitas, «já qualificados com o duro título de perfídia judaica».

Por fim, Sisebuto resolveu extirpar o mal pela raiz, eliminando do seu Império essa comunidade de estrangeiros perniciosos, que não permitia viver em paz, nem a nação visigoda nem a grei hispano-latina, constituindo uma constante ameaça para a Igreja e o Estado; e pronunciou fulminante édito, expulsando do seu Império todos os descendentes de judeus, mas cometendo o erro gravíssimo de exceptuar desta medida os que se convertessem ao catolicismo, pelo que a maioria preferiu ficar, baptizando-se; e, como disse o escritor hebreu Cecil Roth, semelhantes conversões foram fingidas e tiveram só por consequência substituir o judaísmo que praticavam abertamente como sua religião por um judaísmo oculto ou clandestino, que depois exerciam em segredo, com o que fortaleceu a sua quinta coluna, organização muito mais perigosa que a pública.

O historiador jesuíta Mariana, falando desta conversão geral dos hebreus ibéricos, diz que, publicado este decreto, grande número de judeus se baptizou, «alguns de coração, os demais fingidamente», acrescentando depois que os judeus que receberam as águas do baptismo para se furtarem ao Édito de Sisebuto, à morte deste em 621, «volveram com maior empenho a abraçar as crenças dos seus maiores.» [72] A falta de memória dos governantes cristãos, tão desastrosa nas suas consequências para nós e tão útil para os hebreus, fez com que no decurso da história, esquecendo-se os cristãos e gentios das lições do passado, reincidissem ao tratar de solucionar o terrível problema judeu, ordenando a expulsão da quinta coluna, mas deixando-lhe a válvula de escape da conversão, com o que apenas se conseguiu piorar as coisas, visto que a maioria preferia ficar, convertendo-se falsamente ao cristianismo e engrossando uma quinta coluna que se tornava cada vez mais subtil, mais secreta e, portanto, muitíssimo mais perigosa.

---

[71] J. Amador de los Rios. Obra cit. Ediç. cit. Tomo I. Págs. 85, 86 e 87.

[72] R. P. Juan de Mariana, S. J. «Historia General de España». Livro VI. Cap. II.

A expulsão de todos os judeus do Império Gótico teria solucionado o problema, se tivesse sido total e desde que não se tivesse dado aos hebreus a oportunidade de a iludir com as aparentes conversões.

Por outro lado, a expulsão era justificada, visto que o dono de uma casa tem todo o direito de despedir um hóspede que, longe de agradecer a hospitalidade recebida, conspira para o despojar da sua propriedade, roubá-lo ou criar-lhe problemas.

É muito significativo a tal respeito o comentário que faz o judeu Graetz em relação ao Édito de expulsão de Sisebuto, ao dizer que: «Com esta perseguição fanática, Sisebuto aplanou o caminho para a dissolução do Império Visigodo.» [73] Refere-se indubitàvelmente ao facto de a cumplicidade dos judeus ter facilitado o triunfo dos maometanos invasores. A realidade é que, desde a conversão dos visigodos ao catolicismo e a sua abjuração do arrianismo, os judeus nunca cessaram de conspirar contra a nova ordem de coisas; se houve algum erro de Sisebuto ou de seus sucessores, foi o de não haver expulso totalmente os conspiradores estrangeiros introduzidos no seu território, os quais, na verdade, facilitaram de dentro a conquista árabe. Sem judeus no território godo, não teriam estes podido realizar o trabalho de espionagem, a entrega das praças e as defecções no exército de D. Rodrigo, como o fizeram. O erro dos godos foi haver deixado que ficassem nas suas terras, com o subterfúgio da falsa conversão, os judeus, pois é sempre perigoso deixar subsistente qualquer tipo de quinta coluna.

É muito importante notar que Sisebuto estava consciente da falta de firmeza da parte dos cristãos para seguir uma política definida através da História contra os seus inimigos, e também da má memória das gentes em relação com as lições que lhes oferece o passado. Por isso fez o impossível para impedir que seus sucessores, caindo presa dos hábeis enganos da fina diplomacia judaica, fossem revogar as leis que em defesa da Igreja e do Estado ele havia promulgado. A legislação que deixou a tal respeito e que foi perpetuada no Fuero Juzgo, foi muito especialmente recomendada aos seus sucessores pelo mesmo Sisebuto, para que estes empregassem todo o rigor na observância das leis antijudias, sob pena de se verem difamados entre os homens, sendo ao morrer afastados da grei dos fiéis a Cristo e lançados entre os hebreus para que ardessem perpètuamente nas raivosas chamas (do inferno). [74]

---

[73] Graetz. Obr. cit. Ediç. cit. Tomo III. Pág. 49.

[74] Forum judicum. Livro XII. Tit. II. Lei 14. A fórmula de maldição contra os reis que não observassem a legislação antijudia diz assim: «Sit in hoc

E não andava tão equivocado Sisebuto, que bem conhecia as pertinazes fraquezas dos hierarcas cristãos, porquanto, logo que morreu, o novo Rei Swintila sucumbiu ràpidamente ante essa hábil diplomacia dos hebreus, que têm o dom supremo de inspirar confiança às suas futuras vítimas, envolvendo-as com um trato em extremo cordial, fingindo uma amizade e uma lealdade que encobre os seus negros propósitos, e fazendo-se passar por vítimas das mais infames injustiças.

Conseguiram com os seus clássicos enredos atrair Swintila, o qual, pondo de lado as exortações de Sisebuto aos seus sucessores, para que não modificassem as leis antijudias de defesa do reino e ignorando as maldições lançadas contra os que as desacatassem, repudiou toda a legislação anti-hebreia, e, com isso, o édito de expulsão dos judeus, podendo os falsos conversos que assim o quisessem voltar a praticar em público o seu judaísmo e regressar ao país os que haviam sido expulsos. A este respeito, o judeu Graetz, melhor informado que o Padre Mariana dos assuntos internos do judaísmo, diz que: «Apesar do baptismo, os judeus conversos não haviam abandonado a sua religião», sem fazer a insinuação, que faz Mariana, de que embora a maioria se haja convertido fingidamente, alguns o hajam feito de coração. Por outro lado, continua dizendo Graetz, na época do filo-semita Swintila, «o acto do baptismo era considerado suficiente neste período, e ninguém se preocupava por investigar se os conversos ainda mantinham os seus antigos usos e costumes. O nobre Rei Swintila foi no entanto destronado por uma conspiração dos nobres e do clero, que puseram no seu lugar Sisenando, dócil instrumento deles.» [75] Aqui o judeu Graetz faz menção de um estado de coisas que é o ideal para os falsos conversos do judaísmo, a cuja virtude se aceita que só com o baptismo já se convertessem em sinceros cristãos, sem que ninguém se preocupasse em investigar se os conversos e seus descendentes praticavam o judaísmo em segredo. Esta é precisamente a situação actual dos descendentes dos falsos conversos, que actuam livremente como poderosa quinta coluna dentro da Igreja, causando danos catastróficos à cristandade, sem que ninguém abra uma investigação efectiva para descobrir os que judaízam em segredo, tanto mais que para a grande maioria já se perdeu o rastro da sua origem judaica, como também porque não existe uma polícia especial encarregada de investigá-lo.

---

saeculo ignominiosior cunctis hominibus... Futuri etiam exanimis terribile quum patuerit tempus et metuendus Domini adventus fuerit reservatus, discretus a Christi grege perspicuo ad laevam cum hebraeis exuratur flammis atrocibus», etc.

[75] Graetz. Obr. cit., Ediç. cit. Tomo III. Pág. 49.

Em contrapartida, noutras épocas da monarquia visigótica, vigiavam-se com cuidado os conversos e seus descendentes, para descobrir os que praticavam ocultamente o rito judaico.

É natural que a coberto da protecção de Swintila, os judeus recuperassem no reino grande poder, fazendo perigar de novo as instituições cristãs, o que explica e justifica a conspiração do clero católico para derrubar o traidor monarca, elogiado, claro está, pelos hebreus, como bondoso e liberal.

Chefe desta nova luta contra a Sinagoga de Satanás foi Santo Isidoro de Sevilha, outro dos mais ilustres Padres da Igreja, o qual, depois do derrubamento do infiel Swintila e da coroação de Sisenando, organizou e dirigiu o IV Concílio Toledano, tão autorizado em doutrina eclesiástica.

O mais grave dessa situação era que os conversos do judaísmo e seus descendentes, seguindo o seu tradicional costume, faziam ingressar seus filhos no sacerdócio católico, para que pudessem inclusive escalar e obter as sés episcopais, utilizando-as para ajudar os judeus nas suas conjuras contra a fé católica, caso típico da actividade da quinta coluna hebreia introduzida na Igreja, cuja acção destruidora se continuou a manifestar até aos nossos dias.

Noutros casos recorriam os hebreus ao sistema iniciado pelo seu predecessor, o judeu Simão, o Mago, comprando os favores dos clérigos, que, embora não fossem judeus subterrâneos, vendiam o seu apoio à causa do demónio, tal como o seu antecessor Judas Iscariote, um dos doze eleitos.

A traição, aninhada nas altas esferas da Santa Igreja, provocou a indignação do IV Concílio Toledano e do seu caudilho, Santo Isidoro de Sevilha, levando os Metropolitanos e Bispos reunidos a consignar nos sagrados cânones uma série de disposições, não só tendentes a conjurar a tempo a ameaça judaica, mas também a refrear e castigar as traições no alto clero, mais perigosas para a Santa Igreja e para os Estados cristãos que quaisquer outras. Assim, entre os cânones aprovados com tais fins destacam-se os seguintes:

Cânone LVIII. — «Daqueles que prestam auxílio e favor aos judeus contra a fé de Cristo.» «É tal a codícia de alguns, que por ela se separam da fé, conforme expressou o apóstolo: como que muitos ainda de entre os sacerdotes e leigos, recebendo dons dos judeus, fomentavam sua perfídia patrocinando-os; os que não sem razão se conhecem ser do corpo do Anticristo, posto que obram contra Cristo. Qualquer Bispo, Presbítero, ou secular, «que em diante lhes prestar apoio (aos judeus) contra a fé cristã, bem seja por dádivas bem por favor, se considerará como verdadeiramente profano e sacrílego, privando-o da comunhão da Igreja Católica, e reputando-o como estranho

ao reino de Deus; pois é digno que se separe do corpo de Cristo o que se faz patrono dos inimigos deste Senhor.» [76]

Deve ter sido muito grave a ameaça nascida para a Igreja e sociedade cristã, pela cumplicidade de Bispos e Presbíteros com os judeus, inimigos capitais da cristandade, para que o sábio e santíssimo varão Isidoro de Sevilha, Padre da Igreja, que dirigiu o Concílio e os Metropolitanos e Bispos que o integraram, hajam tido que denunciar no cânone citado este mal, chamando profanos e sacrílegos aos Bispos e Presbíteros que ajudavam os israelitas, sancionando-os ao mesmo tempo com a pena de excomunhão.

Que tomem nota todos esses altos e altíssimos dignitários eclesiásticos, que mais do que servir a Santa Igreja estão ajudando actualmente aos judeus, inimigos capitais de Cristo ou as empresas judaicas, como a maçonaria e o comunismo, e que se dêem conta da grave responsabilidade em que estão incorrendo e o gravíssimo pecado que estão cometendo.

Como é sabido, os Concílios Toledanos têm grande autoridade na Santa Igreja Católica e as suas disposições foram inclusivamente trasladadas para a legislação civil. Assim, as ordenanças e sanções do cânone acabado de transcrever foram trasladadas ao Fuero Juzgo, que se promulgou com a aprovação da Santa Igreja. No Artigo XV, do Título II, Livro XII da Lei 15, ordena-se: «Para que o engano dos judeus, que temos sempre de conseguir, não tenha poder de crescer de nenhuma maneira, nem de fazer das suas. Por onde estabelecessemos nesta lei, que nenhum homem de nenhuma religião nem de nenhuma ordem, nem de nenhuma dignidade, nem de nossa corte, nem pequeno nem grande, nem de nenhuma gente, nem de nenhuma linhagem, nem de príncipes nem de poderosos, não se esforce a desejar, com ânsia de seu coração, por amparar os judeus que não se quiseram baptizar, para que estejam em sua fé nem em seus costumes. Nem aos que são baptizados, de tornar à sua perfídia, nem a seus maus costumes. Nenhum não os ouse defender com seu poderio em nenhuma coisa, por estar em sua maldade. Nenhum trate de lhes dar ajuda, nem por meio de razões ou de factos, para que venham contra a Santa Fé dos Cristãos, nem tocar nenhuma coisa contra ela, quer seja em segredo ou em público. E se algum ousar fazê-lo, se é Bispo ou Clérigo, ou de ordem ou leigo, e se for comprovado havê-lo feito, seja separado da companhia dos cristãos e seja ex-

[76] Concílio IV Toledano. Cânone LVIII. Compilação de Juan Tejada y Ramiro. Colecção de Cânones de todos os Concílios da Igreja de Espanha e América. Tomo II. Pág. 305.

comungado pela Igreja e perca a quarta parte de toda a sua fortuna em favor do Rei.» [77]

Desta forma sancionavam, nesses críticos tempos, a Santa Igreja e o Estado católico, com a aprovação da primeira, os cúmplices do judaísmo no seio da Igreja e nas suas altas hierarquias do próprio clero.

Volvendo ao IV Concílio Toledano, vamos transcrever o ordenado pelo Cânone LIX, que se refere directamente aos judeus, que, havendo-se convertido ao catolicismo, fossem depois descobertos em suas secretas práticas do judaísmo. A tal respeito diz o cânone citado: «Muitos judeus admitiram a fé cristã por algum tempo e agora blasfemando de Cristo, não só se entregam aos ritos judaicos, mas até chegam a executar a abominável circuncisão. Acerca dos quais e a consulta do piedosíssimo e religiosíssimo príncipe senhor nosso Rei Sisenando, decretou este Santo Concílio que semelhantes transgressores corrigidos pela autoridade pontifical sejam voltos ao culto do dogma cristão, de modo que aqueles a quem não emenda a vontade própria, os refreie o castigo sacerdotal. E a respeito das pessoas que se circuncisaram se ordena que, se são filhos seus, sejam separados da companhia de seus pais; e se servos, pela injúria que se cometeu em seu corpo, se lhes conceda a liberdade.» [78]

Embora tanto Cecil Roth como outros autores judeus afirmem que as conversões em si mesmas eram fingidas, coincidindo nesse ponto com o historiador jesuíta Mariana e com o assentado em diversos documentos medievais de fidelidade indiscutível; para a Igreja, enquanto não se provasse que o cristão converso praticava em segredo os ritos hebreus, era tido por cristão sincero, pelo menos nos primeiros tempos.

Depois já se começou a considerar como suspeitos de criptojudaísmo todos os israelitas convertidos ao cristianismo e aos seus descendentes, porque se pôde comprovar que, salvo algumas excepções, todos se convertiam fingidamente e transmitiam a sua religião oculta de pais a filhos. Não é pois estranho que no Cânone LIX acabado de citar se tomassem medidas para evitar que os criptojudeus, falsos conversos, transmitissem a seus filhos o rito hebreu, separando-os deles com este fim. Com o mesmo objectivo, o Santo Concílio citado aprovou o seu Cânone LX, que, segundo o compilador Tejada y Ramiro, se refere aos judeus chamados relapsos, quer dizer, aos

---

[77] Fuero Juzgo em latim e castelhano, cotejado com os mais antigos e preciosos códices pela Real Academia Espanhola. Madrid, 1815.

[78] Concílio IV Toledano. Cânone LIX. Compilação de Juan Tejada y Ramiro. Colecção de Cânones cit. Tomo II. Págs, 305 e 306.

cristãos que reincidiam no delito de praticar o judaísmo em segredo. O dito cânone diz: «Decreta-se que os filhos e filhas dos judeus, com o objectivo de que não sejam de futuro envolvidos no erro de seus pais, sejam separados de sua companhia e entregues ou a um mosteiro ou a homens ou mulheres cristãos que temam a Deus, a fim de que com seu trato aprendam o culto da fé; e, instruídos melhor, progridam futuramente em costumes e crenças.» [79]

Como se poderá ver, os anteriores cânones eram dirigidos principalmente a destruir a quinta coluna judia introduzida na Santa Igreja, quer seja castigando os falsos cristãos criptojudeus ou tratando de evitar que estes transmitissem a seus filhos o clandestino rito. Para a Igreja era e continua a ser perigosíssimo ter em suas filas membros da seita judaica disfarçados de bons católicos que aspiram a destruir o cristianismo, visto que isso significa ter o inimigo dentro e ninguém discute o direito que tem toda a sociedade humana de extirpar a espionagem de potências inimigas, nem ainda menos de se desfazer dos sabotadores. As medidas tomadas pela Santa Igreja para se defender da infiltração judaica, que procurava desintegrá-la por dentro, ainda que pudessem parecer muito rígidas, estavam completamente justificadas, como estão as que tomam as nações modernas nesse sentido.

A história comprovou que, ainda quando o judaísmo foi expulso e proscrito em muitas nações, o criptojudaísmo por si só continuou vivendo sob a máscara do cristianismo, apesar de sempre se ter acreditado como muito lógico que o trato dos judeus convertidos, com os que continuavam praticando pùblicamente o seu rito, era nocivo, pois estes últimos podiam induzir a judaízar os primeiros.

No Cânone LXII do Santo Concílio mencionado procura-se conjurar este perigo: «Dos judeus baptizados que se reunem com os judeus infiéis. Se pois muitas vezes a companhia dos maus corrompe também os bons, com quanta mais razão a aqueles que são inclinados ao vício? Não tenham pois de futuro trato algum os hebreus convertidos ao cristianismo com os que ainda conservam o rito antigo, não suceda que sejam pervertidos por eles; e qualquer que no sucessivo não evitar a sua companhia, será castigado do modo seguinte, se é hebreu baptizado, entregando-o aos cristãos, e se não é baptizado, açoitando-o pùblicamente.» [80]

---

[79] Concílio IV Toledano. Cânone LX. Compilação de Juan Tejada y Ramiro. Colecção de Cânones cit. Tomo II. Pág. 306.

[80] Conc. cit. Cânone cit. Comp. cit. Colec. cit. Tomo II. Págs. 306 e 307.

O Cânone LXIV nega validade ao testemunho, não já do judeu público, mas do cristão criptojudeu.

Até estes momentos, a legislação cristã havia vindo negando validade ao testemunho dos judeus públicos contra os cristãos, mas o Cânone LXIV constitui uma inovação, pois nega validade também ao testemunho do cristão que pratica em segredo o judaísmo: «Cânone LXIV. Não pode ser fiel para os homens o que foi infiel para Deus, portanto os judeus que se fizeram cristãos e prevaricaram contra a fé de Cristo, não devem ser admitidos como testemunhas ainda que digam que são cristãos; porque, assim como são suspeitos na fé de Cristo, também devem ter-se como duvidosos no testemunho humano...». [81]

Mais lógica não pode ser a argumentação dos Padres do Concílio, visto que se os judeus mentem nos assuntos de Deus, é lógico que mintam nos dos homens. Por outro lado, vê-se claramente que tanto Santo Isidoro de Sevilha como os Metropolitanos e Bispos do Concílio já conheciam perfeitamente as constantes simulações e fingimentos em que viviam os falsos católicos criptojudeus. Isso mesmo podemos dizer hoje em dia de tantos que se dizem católicos mas que actuam como israelitas.

Apesar desta tremenda luta defensiva da Santa Igreja e do Estado cristão contra as infiltrações perigosas da quinta coluna judaica, deve esta ter continuado a conquistar postos no governo, sobretudo durante o nefasto reinado do filo-semita Swintila, em grau tão perigoso, que tanto o monarca católico reinante como o Santo Concílio Toledano se decidiram a pôr fim a semelhante situação, incluindo em seus sagrados cânones a terminante proibição de que os judeus pudessem obter postos públicos na sociedade cristã.

O Cânone LXV diz: «Por preceito do senhor e excelentíssimo Rei Sisenando, estabeleceu este Santo Concílio que os judeus ou os de sua raça não desempenhem cargos públicos, porque com este motivo injuriam os cristãos e, portanto, os juízes das províncias, em união dos sacerdotes, suspenderão seus enganos sub-reptícios e não lhes permitirão que desempenhem cargos públicos; e se algum juiz o consentir, será excomungado como sacrílego, e o réu do crime de sub-repção será açoitado pùblicamente.»

O Cânone LXVI chama textualmente aos judeus «Ministros do Anticristo»... [82] como outro cânone já citado assinalava aos Bispos e Presbíteros que ajudassem os hebreus como formando parte do corpo do Anticristo.

É digno de notar que o Cânone LXV introduz nas leis da

[81] Idem. Idem. Idem. Tomo II. Pág. 307.

Santa Igreja Católica uma inovação, visto que não só proibe o acesso aos postos de governo dos judeus declarados, mas de todos os da sua raça.

Isto não deve interpretar-se como uma discriminação racial, porquanto a Santa Igreja considera todos os homens iguais perante Deus, sem distinção de raça, mas existindo a convicção, comprovada repetidamente pelos factos, de que os cristãos de raça judia, com raríssimas excepções, praticavam em segredo o judaísmo, era lógico que se tratasse de evitar a infiltração dos criptojudeus nos postos públicos, como uma medida defensiva vital do Estado cristão, visto que se este chegasse a ser governado pelos seus inimigos mortais, inimigos capitais também da Santa Igreja, ambas as instituições perigariam gravemente. Cerrar aos judeus militantes ou conversos as portas da governação do Estado não só era prudente, mas indispensável para o salvaguardar da poderosa quinta coluna, que num momento dado podia provocar o seu derrubamento. Assim ocorreu de forma catastrófica, quando um governante imbecil, violando todas estas leis eclesiásticas e as promulgadas pelos seus antecessores, deu de novo aos israelitas a possibilidade de que se apoderassem dos postos directivos no Império Gótico. Esta lei de segurança pública é sem dúvida o precedente de outras mais enérgicas e transcendentais que a Santa Igreja aprovou muitos séculos depois.

É interessante fazer notar que Santo Isidoro de Sevilha, na sua luta contra o judaísmo, escreveu dois livros contra os hebreus, que, segundo o judeu Graetz, foram elaborados «com essa falta de gosto e de sentido, que havia sido empregada pelos Padres (da Igreja), desde o princípio da polémica bélica contra o judaísmo.» [83] É muito natural que os judeus não gostem dos livros antijudeus dos Padres da Igreja, mas é necessário compreender que os israelitas obscurecem a verdade histórica, tratando de desprestigiar os que os combateram, mesmo que sejam varões tão santos, doutos e ilustres como os Padres da Santa Igreja.

É indubitável que se Santo Isidoro de Sevilha, os Metropolitanos e Bispos do IV Concílio Toledano tivessem vivido em nossos aziagos dias, teriam sido acusados de anti-semitismo ou de racismo criminoso, não sòmente pelos judeus, mas também pelos clérigos que, passando por cristãos, estão realmente ao serviço do judaísmo.

---

[83] Graetz. «History of the Jews». Ediç cit. Tomo III. Pág. 50.

CAPÍTULO DÉCIMO TERCEIRO

CONDENAÇÃO DE REIS E SACERDOTES CATÓLICOS, NEGLIGENTES EM SUA LUTA CONTRA O CRIPTOJUDAÍSMO

Como haverá podido observar-se, os Sagrados Cânones do IV Concílio Toledano tinham por objectivo destruir definitivamente a quinta coluna judaica introduzida na sociedade cristã; e as suas decisões teriam resultado mais efectivas se não fosse essa ancestral habilidade política e diplomática dos hebreus, que têm o dom de enganar por meio de adulações, simulações de perfeita lealdade, argumentações falsas e comédias inspiradoras de confiança. Além disso, têm sido muito hábeis em semear a discórdia entre os seus adversários, com o fim de poder prevalecer, aliando-se primeiro com uns para destruir os outros e depois acabar com os seus primeiros aliados circunstanciais com o apoio dos últimos, aniquilando finalmente a todos. Este tem sido um dos grandes segredos de suas vitórias; e é preciso que o tomem muito em conta os hierarcas religiosos e políticos de toda a Humanidade, para que se cuidem de tão maquiavélicas manobras.

Do mesmo modo é justo mencionar que outra das causas de seus triunfos tem sido o seu grande valor para enfrentar a adversidade, a sua resolução de nunca se render perante os seus inimigos e de combater os cobardes das suas próprias fileiras, que são os que fazem que derrotas que poderiam ser momentâneas se possam converter em definitivas.

Desses cobardes há-os nas altas hierarquias da cristandade, que têm sido causadores de tantas rendições e claudicações nos últimos tempos e que têm o cinismo de disfarçar a sua cobardia e o seu egoísmo com argumentos de pretensa prudência ou espírito de conciliação, sem lhes importar que a sua conduta leve povos inteiros à escravidão comunista, dizendo-se a si próprios que nos deixe a besta viver ao nosso gosto, embora os povos que dirigimos se afundem! Essa é a *suma ratio* das suas falsas prudências e de suas claudicações.

Se os judeus obrassem assim, a sua derrota teria sido definitiva no Império Gótico, ao cair-lhes em cima o desastre que lhes causou o cristianismo, triunfante no IV Concílio Toledano. Mas longe de se renderem, como querem fazer agora os cobardes, continuaram lutando com ardor e fanatismo, preparando o momento de iniciar nova batalha que lhes desse as possibilidades de triunfar. Começaram com a sua perseverança habitual por intentar iludir as leis, que para os reduzir à impotência, aprovou o Santo Concílio Toledano, apoiaram o espírito de rebelião dos nobres contra o Rei, agravaram-no com suas intrigas; e quando os ânimos estavam já bem exaltados, apresentaram-se como eficazes apoios das pretensões da nobreza rebelde.

Enquanto o Rei, a Santa Igreja e a aristocracia visigoda permaneceram unidos, os judeus não puderam vencê-los; era pois preciso quebrantar essa unidade e dividir o inimigo para o debilitar. A coisa não era difícil, dada a tendência frequente dos nobres em rebelar-se contra o poder real. Os judeus exploraram essa tendência, aproveitaram as fricções ocorridas para ampliar as pugnas e foram conseguindo progressivamente os seus objectivos, começando por obter, primeiro que tudo, a protecção de certos aristocratas, que lhes permitia iludir a execução dos Cânones Toledanos e das leis promulgadas pelo monarca, visto que os nobres, enganados pela falsidade judaica, haviam caído no logro de considerar os hebreus como aliados muito úteis na sua luta contra o Rei. Tal coisa obtiveram-na, sobretudo, os judeus conversos e seus descendentes, que aparentavam ser fiéis cristãos, podendo assim alcançar mais fàcilmente a confiança da aristocracia visigoda.

O historiador hebreu Graetz comenta: «Estas resoluções do IV Concílio de Toledo e a perseguição de Sisenando contra os judeus conversos não parece ter-se levado a cabo com toda a severidade projectada. Os nobres hispano-visigodos foram tomando os judeus cada vez mais sob a sua protecção, e contra aqueles a autoridade real carecia de força.» [84] Vê-se pois que os judeus conversos puderam hàbilmente encontrar o ponto débil do Império Visigodo e explorá-lo com grande eficácia, como souberam fazê-lo mil anos depois em Inglaterra, onde abriram caminho para a conquista da nação, explorando e até agudizando as pugnas dos nobres parlamentares contra o monarca.

No meio das crescentes lutas intestinas que começaram a debilitar gravemente o heróico Império Visigodo subiu ao poder Chintila, em princípios de cujo reinado se reuniu o VI Concí-

[84] Graetz. Obra cit. Ediç. cit. Tomo III. Pág. 51.

lio Toledano.[85] A falta de perseverança dos não judeus na sua luta contra o inimigo capital continuava sendo uma enfermidade crónica, que facilitava os progressos deste último, mesmo no caso dos monarcas católicos visigodos, tão conscientes da ameaça judia e desejosos de extirpá-la. Por isso foi necessário que os Metropolitanos e Bispos, reunidos no Concílio, tratassem de dar remédio a estes males, expressando no seu Cânone III: «Parece que, enfim, pela piedade e potência superior, se reduzirá a inflexível perfídia dos judeus, pois sabe-se que, por inspiração do Sumo Deus, o excelentíssimo e cristianíssimo príncipe, inflamado pelo ardor da fé, em união com os sacerdotes de seu reino, determinou arrancar pela raiz as prevaricações daqueles, não permitindo viver em seu reino o que não seja católico... Mais deve decretar-se por nosso cuidado e com grande vigilância, que o seu ardor e nosso trabalho adormecido algumas vezes não resfrie nas posteriores, pelo que promulgamos com ele, de coração e boca, sentença concorde que há-de agradar a Deus e ao mesmo tempo também sancionamos, com consentimento e deliberação de seus próceres e ilustres, que todo aquele que nos tempos vindouros aspirar à suprema potestade do reino, não suba à régia sé, até que, entre os demais sacramentos das condições, haja prometido não permitir que os judeus violem esta católica fé (quer dizer os judeus convertidos ao cristianismo fingidamente) e que não favorecerá de nenhum modo sua perfídia, nem levado de nenhuma negligência ou codícia[86], abrirá passagem para a prevaricação aos que caminham para os princípios da infidelidade, mas que fará que subsista firme no futuro, o que com grande trabalho se tem adquirido em nosso tempo, pois se faz um bem sem efeito, se não se prove com sua perseverança. E se depois de feito isto, e de ascender ao governo do reino, faltar a esta promessa, seja anátema *maranatham,* na presença do sempiterno Deus, e sirva de pábulo ao fogo eterno, e em companhia dele, quaisquer sacerdotes ou cristãos que estiverem envolvidos no seu erro. Nós pois decretamos estas coisas presentes, confirmando as passadas que acerca dos judeus se ordenaram no Sínodo Universal (Concílio Ecuménico) porque sabemos que neste se prescreveram as coisas necessárias que puderam sancionar-se por sua

---

[85] Quanto ao ano exacto em que se reuniu o Concílio há divergências de opinião: alguns, como o Cardeal Aguirre, afirmam que foi no segundo ano, pelo contrário, Tejada y Ramiro opina que a reunião se levou a cabo no terceiro (do reinado de Chintila).

[86] *Neglectu aut cupiditate.*

salvação; pelo que julgamos que deve valer o que então se decretou.» [87]

Mais dura não podia ser a catilinária lançada contra os reis e padres católicos que desatendiam a luta, não já contra os judeus públicos, mas contra a traição dos cristãos de origem judia, chamados judaizantes; sendo de notar que, enquanto até estes momentos as condenações e sanções dos Santos Concílios da Igreja haviam sido lançadas contra os Bispos e sacerdotes que ajudavam os judeus, servindo-lhes de cúmplices, agora se lança também fulminante excomunhão contra os sacerdotes que simplesmente careçam de perseverança e mostrem negligência na luta sem quartel sustentada pela Santa Igreja contra o criptojudaísmo. Vê-se pois que os Metropolitanos e Bispos do Santo Concílio, ao mesmo tempo que conheciam perfeitamente a perfídia do inimigo judaico, sabiam muito bem as debilidades e a falta de perseverança dos hierarcas civis e religiosos da cristandade, para sustentar tão justa luta.

É curioso no entanto notar que, ainda neste Concílio, se reduzem a combater a negligência dos sacerdotes, sem mencionar a dos próprios Bispos, talvez devido a que sendo estes últimos quem aprovava estas disposições, não se atreveram a incluir-se a si mesmos entre os merecedores de tais sanções; todavia, deve ter sido tão grave seguir a negligência dos próprios prelados, que, em posterior Concílio, eles próprios bradaram indignados contra tal negligência e aprovaram fortes sanções contra os culpados, como antes haviam já declarado sacrílegos e excomungados os Bispos que ajudassem os judeus, em prejuízo do cristianismo.

Também é importante notar que este cânone torna a falar dos que, por codícia, abrem caminho à prevaricação conversos; sendo indubitável que os subornos simoníacos desempenharam capital papel nas intrigas judaicas, o qual parece confirmar precisamente o Cânone seguinte, que é o IV e que, entre outras coisas, prescreve: «Portanto, qualquer que se fizer imitador de Simão, autor da heresia simoníaca, para obter os graus das ordens eclesiásticas, não pela gravidade de costumes, mas por dádivas e por ofertas, etc.» [88]

Foi o judeu Simão, o Mago, quem iniciou dentro da Santa Igreja esta política de suborno, que precisamente do seu nome foi denominado Simonia. E, no transcurso dos séculos, pôde comprovar-se que os conversos do judaísmo e seus descenden-

[87] Concílio VI Toledano. Cânone III. Compilação de Juan Tejada y Ramiro. Colecção de Cânones citada. Tomo II. Págs. 333 e 334.

[88] Concílio VI Toledano. Cânone IV. Compilação de Juan Tejada y Ramiro. Colecção citada. Tomo II. Pág. 334.

tes, já infiltrados na ordem sacerdotal e nas hierarquias da Santa Igreja, haviam aprendido muito bem a lição do seu antecessor, o Mago, comprando dignidades eclesiásticas ou vendendo por sua vez coisas da Santa Igreja, segundo o denunciaram repetidamente a Santa Inquisição e as autoridades eclesiásticas.

É digno de notar o comentário que faz o historiador israelita Graetz em relação com a ordem dada pelo Rei Chintila e aplaudida pelo VI Concílio Toledano, de não permitir no Gótico Reino que habitassem os que não fossem católicos, disposição dirigida manifestamente contra os hebreus, dizendo: «Pela segunda vez os judeus foram obrigados a emigrar, e os conversos, que eram fiéis ao judaísmo no segredo do seu coração, foram obrigados a assinar uma confissão, obrigando-se a observar e obedecer à religião católica sem reservas. Mas a confissão assim firmada por homens cujas sagradas convicções eram ultrajadas não foi nem podia ser sincera. Eles esperavam resolutamente melhores tempos, em que pudessem ter a possibilidade de tirar a máscara, e a constituição da monarquia electiva do Império Visigodo tornou isso possível. A situação presente só durou os quatro anos do reinado de Chintila, 638-6-42.» [89]

Mais claro não podia falar o historiador sobre o falso cristianismo dos judeus conversos e a nula validade das suas confissões e promessas. Continua dizendo Graetz, que os judeus convertidos ao cristianismo e que violaram a promessa de não praticar o rito hebreu e de ser sinceros cristãos, foram sancionados por Chintila, «a ser mortos por meio do fogo ou de pedradas.»

O historiador J. Amador de los Rios assinala os resultados práticos de todas estas medidas: «Deve chamar-se, não obstante, a atenção de que esta excessiva severidade dos legisladores não foi bastante para reprimir a impaciência dos hebreus, porquanto, não andados ainda quinze anos (reinando Receswinto), se viam os Padres forçados a repetir o mandato que obrigava o rei eleito a jurar que «defenderia a fé contra a perfídia judaica.» Este acordo foi tomado pelo Concílio VIII de Toledo em seu Cânone X. [90] Como diz Graetz, os hebreus, por morte de Chintila, conseguiram, mercê do carácter electivo da monarquia, uma mudança favorável aos seus interesses com o novo monarca eleito, o que prova uma vez mais esse mal crónico de que padecemos, nós, os cristãos, e também os gentios, de ser incapazes de manter uma conduta firme e continuada frente

[89] Graetz. Obra cit. Ediç. cit. Tomo III. Págs. 51 e 52.

[90] J. Amador de los Rios. Obra e ediç. cit. Tomo I. Págs. 95 e 96.

ao inimigo, através das diferentes gerações de governantes. Entre nós os cristãos e também entre os gentios, há um afã de inovação tal entre os governantes, que aquilo que um faz é desbaratado pelo seguinte, não sendo possível que se continue uma política uniforme frente ao judaísmo; e, embora seja indubitável que os hebreus influem bastante nessas mudanças de política, muitas vezes é a nossa própria inconstância e a nossa falta de perseverança os principais culpados.

Muito interessante durante o reinado de Receswinto é um memorial enviado a este pelos judeus conversos e seus descendentes toledanos, no qual pediam: «Que pois os Reis Sisebuto e Chintila os haviam obrigado a renunciar à sua lei e viviam já de todo como cristãos, sem engano nem dolo, se lhes dispensasse de comer carne de porco; e isto (diziam) mais porque o seu estômago não a suportava, por não estarem acostumados a tal comida, do que por escrúpulo de consciência.» [91] No entanto, é preciso antecipar, que séculos depois, quando a perseguição inquisitorial pôs em perigo de morte o criptojudaísmo, os cristãos que judaizavam em segredo tiveram, muito a seu pesar, que comer a carne de porco, visto que os inquisidores e em geral todas as pessoas consideravam suspeito de judaísmo secreto o cristão que se abstivesse de comer carne de porco. Desde então até nossos dias, o judaísmo subterrâneo suprimiu a prescrição religiosa de se absterem de tal comida, com o fim de não inspirar suspeitas a seus vizinhos; por isso, um judeu clandestino, na actualidade, come de tudo e ninguém suspeita que é hebreu por esta razão de alimentos, só um ou outro fanático entre os cristãos marranos continua a abster-se de comê-la.

Desgraçadamente, não se pôs uma barreira eficaz para impedir que os conversos do judaísmo e seus descendentes pudessem introduzir-se no clero; e à medida que mais se infiltravam, aumentavam os casos de simonia em um grau tão alarmante, que o VIII Concílio Toledano teve de combater este vício de origem judaica com toda a energia, assinalando, no seu Cânone III, que alguns têm pretendido comprar «a graça do Espírito Santo dando um vil preço, para receber o sublime cume da graça pontifical, esquecendo-se das palavras de São Pedro a Simão, o Mago: O teu dinheiro seja contigo em perdição, porque julgaste possuir o dom de Deus por dinheiro.» Logo adopta sanções para os que incorram em tal delito. [92]

Diz o escritor israelita Graetz que, dando-se conta o Rei de que os nobres desobedientes do país outorgavam aos judeus

---

[91] J. Amador de los Rios. Obr. e ediç. cit. Tomo I. Pág. 95.

[92] Concílio VIII Toledano. Cânone III. Compilação de Juan Tejada y Ramiro. Ediç. cit. Tomo II. Pág. 375.

a sua protecção, e que permitiam aos conversos praticar o judaísmo, «promulgou um decreto proibindo a todos os cristãos de proteger os judeus secretos», impondo penas aos que violassem tal mandato, e conclui: «Mas estas medidas e precauções não obtiveram os desejados resultados.» «Os judeus secretos, ou como eram oficialmente chamados, os cristãos judaizantes, não podiam arrancar o judaísmo dos seus corações. Os judeus espanhóis, rodeados como estavam pelo perigo de morte, cedo aprenderam a arte de permanecer fiéis à sua religião no mais recôndito do seu coração e de escapar dos agudos olhares dos seus inimigos. Continuavam celebrando as festividades judias nos seus lares, desprezando os dias de festa instituídos pela Igreja. Desejosos de pôr fim a tal estado de coisas, os representantes da Igreja aprovaram uma lei que tinha por objecto privar esta infortunada gente da sua vida doméstica; eles foram dali em diante obrigados a passar os dias de festa judeus e cristãos, sob as vistas do clero, com o fim de os obrigar a desatender os primeiros e a observar os segundos.» [93]

Aqui o historiador israelita antes citado esquece todo o subterfúgio e chama aos cristãos de raça judia pelo seu verdadeiro nome: judeus secretos ou cristãos judaizantes: quer dizer, judeus que praticam o judaísmo em segredo, dando muito interessantes pormenores de como celebravam as festas hebreias no íntimo dos seus lares, visto que por serem cristãos na aparência não podiam fazê-lo em sinagogas ordinárias. Ao mesmo tempo, este ilustre historiador judeu explica o porquê da decisão do Concílio IX de Toledo, obrigando os conversos a passar os dias de festa judeus e cristãos sob a vigilância do clero católico.

O Cânone XVII do Concílio IX Toledano, ao qual visìvelmente se refere Graetz, diz textualmente: «Que os judeus baptizados celebrem os dias festivos com os Bispos. Que os judeus baptizados em qualquer lugar e tempo possam reunir-se; mas mandamos que nas festas principais consagradas pelo Novo Testamento e naqueles dias que em outro tempo julgavam eles em observância da antiga Lei que eram solenes, se congreguem nas cidades e nas juntas públicas, em união com os sumos sacerdotes de Deus, para que o Pontífice conheça sua vida e fé e seja uma verdade a sua conversão.» [94] Este cânone faz ver que os Bispos do Concílio continuavam, com fundamento, desconfiando da sinceridade de cristianismo dos judeus convertidos à nossa santa fé.

---

[93] Graetz. Obra e Ediç. cit. Tomo III. Pág. 104.

[94] Concílio IX Toledano. Cânone XVII. Compilação de Juan Tejada y Ramiro. Ediç. cit. Tomo II. Pág. 404.

Morto Receswinto, foi eleito em seu lugar Wamba; e os judeus aproveitaram de novo as discórdias da nobreza para tentar modificar em seu favor a ordem de coisas existente. Referindo-se José Amador de los Rios ao facto de o X Concílio Toledano quase se não ter ocupado dos hebreus, comenta: «Acreditaram talvez os legisladores (eclesiásticos) na sinceridade da quase universal conversão dos hebreus, esperando que, reduzidos todos ao cristianismo, terminasse felizmente a interna luta que com eles mantinham; mas foi vã a sua esperança. Mal havia ocupado Wamba o trono de Recaredo, quando a rebelião de Hilderico e de Paulo lhes deu ocasião de manifestar a sua não extinta perfídia, pondo-se abertamente ao lado dos amotinados. Tornaram com isso ao Império Visigodo, principalmente às comarcas da Gália Gótica (no Sul da França), onde havia tomado corpo a rebelião, muitas famílias hebreias das que haviam sido lançadas do reino desde os tempos de Sisebuto; mas vencidos e aniquilados em Nîmes os revoltosos, fizeram-se repetidos éditos para castigo e escarmento dos judeus, que foram novamente expulsos em massa da referida Gália Gótica.» [95]

O padre jesuíta Mariana, também afirma que, depois da derrota dos rebeldes, «fizeram-se muitos éditos contra os judeus que foram expulsos de toda a Gália Gótica.» [96]

Mas o judeu Graetz dá-nos mais interessantes dados a tal respeito quando nos informa que morto Receswinto, «os judeus conversos tomaram parte em uma revolta contra o seu sucessor Wamba (672-680). O Conde Hilderico, governador de Septimânia, uma província de Espanha, tendo-se recusado a reconhecer o recém-eleito rei, arvorou a bandeira da revolta. E com o fim de ganhar partidários e recursos, prometeu aos judeus conversos um lugar onde refugiar-se com liberdade religiosa, em sua própria província, e eles, aproveitando o convite, acudiram em grande número. A insurreição de Hilderico em Nîmes assumiu grandes proporções e em princípio criou esperanças de uma profíqua vitória, mas os insurrectos foram finalmente derrotados. Wamba apareceu com um exército frente a Norbonne (França) e expulsou os judeus da cidade.» [97]

Por mais que se queira vigiá-la, a quinta coluna aproveita sempre a primeira oportunidade para deitar abaixo o regime cuja existência não lhe convém, sendo evidente uma vez mais que as discórdias e as ambições pessoais têm oferecido aos judeus a oportunidade de se encavalitarem nos outros. Por fortuna, neste caso, o Conde rebelde perdeu a batalha, sem conseguir

[95] J. Amador de los Rios. Obr. e Ediç. cit. Tomo I. Pág. 97.

[96] Padre Juan de Mariana. Obr. e Ediç. cit. Livro VI. Cap. XIII.

[97] Graetz. Obr. e Ediç. cit. Tomo III. Págs. 104 e 105.

a modificação da ordem de coisas imperante, que teria sido fatal para a Igreja.

Graças a isso, conseguiu o cristianismo um triunfo completo sobre o judaísmo e seus ocasionais e egoístas aliados.

No entanto, ao mesmo tempo que se conseguia decisiva vitória sobre o inimigo visível e franco, ia-se perdendo lentamente terreno frente à quinta coluna, visto que à medida que mais se arreigava a infiltração judia no seio da Santa Igreja, mais se agudizava a simonia, vício de origem judaica, propalado pelos falsos conversos do judaísmo e por seus descendentes infiltrados no clero. O Concílio XI de Toledo, celebrado sob o reinado de Wamba, no seu Cânone IX, insiste na repressão da simonia pugnando por impedir os ardis de que se valem os que «tratam de comprar a dignidade de Bispo», tão ambicionada pelos judeus quinta-colunistas.

CAPÍTULO DÉCIMO QUARTO

A IGREJA COMBATE O CRIPTOJUDAÍSMO EXCOMUNHÃO DE BISPOS NEGLIGENTES

Havia já meio século que se tinha realizado a grande conversão ao cristianismo dos judeus do Império Gótico; e três décadas do que o historiador Amador de los Rios chama a quase universal conversão. Não obstante, o reino de Recaredo estava infestado e minado pelos falsos cristãos que praticavam o judaísmo em segredo e conspiravam na sombra para aniquilar a Igreja e o Estado. A situação era tão grave no ano de 681, primeiro do reinado de Ervígio, que, de comum acordo, o respeitável clero católico e o monarca elaboraram uma legislação civil, assim como eclesiástica, com o fim de destruir a quinta coluna introduzida pelo judaísmo na cristandade, pela qual se castigava severamente todo aquele que, sendo cristão, praticasse ocultamente os ritos e costumes hebreus e os que apoiassem ou encobrissem por alguma forma esses falsos cristãos, sem exceptuar os Bispos que se tornassem culpados de tais faltas. Aprovada primeiro esta legislação pelo monarca, com a colaboração de membros destacados do clero, foi apresentada à consideração do Concílio XII de Toledo, no qual Metropolitanos e Bispos, com sua autoridade eclesiástica, a aprovaram plenamente e a incluíram nos cânones do referido Santo Sínodo.

Para poder compreender os fundamentos dos cânones dos Concílios da Santa Igreja, tanto Ecuménicos como Provinciais, que procuraram solucionar o terrível problema judaico, é o que representava em particular a quinta coluna introduzida na sociedade cristã; é preciso tomar em conta que, tanto na antiguidade como em nossos dias, nenhuma nação tolerou que um grupo de estrangeiros, abusando da hospitalidade que se lhes ofereceu generosamente no seu território, atraiçoassem a referida nação que, ingènuamente, lhes abriu as portas, fazendo espionagem e sabotagem em benefício de potências estranhas.

Na antiguidade, todos os povos sem excepção castigavam com a pena de morte tais espiões e sabotadores, e nos tempos

modernos em geral também. A isso acrescentamos que a quinta coluna judia introduzida nas nações cristãs e gentias, além de fazer trabalho de espionagem e sabotagem, tem desenvolvido através dos séculos um trabalho de conquista interna, provocando guerras civis, que têm matado milhões de vidas e até assassinado em sua própria casa aqueles que generosamente lhes abriram suas fronteiras, roubando-os ou procurando escravizá-los. É fora de dúvida que as chamadas colónias judias nos Estados cristãos e gentios são muito mais perigosas e mais daninhas para os territórios em que estão instaladas que as vulgares organizações de espionagem e sabotagem; e se aos membros destas se aplica o castigo da pena de morte, sem distinção de raça, religião ou nacionalidade, por que se havia de fazer uma distinção em benefício dos hebreus e do tipo de quinta coluna mais perigoso, daninho e criminoso? Que privilégio têm os israelitas para que quando cometem um delito de alta traição, espionagem, sabotagem, conspiração contra o povo que lhes dá albergue, se lhes perdoe e não se castiguem como se faz com os espiões de outras raças ou nacionalidades?

Todos os povos têm direito natural à legítima defesa, e se uns emigrantes estrangeiros, fazendo mau uso da hospitalidade que se lhes deu, põem esses povos num terrível dilema de vida ou morte, os ditos estrangeiros perniciosos são os únicos responsáveis das medidas que o povo atraiçoado e ameaçado tome contra os quinta-colunistas.

Assim o compreendeu a Santa Igreja, e assim o compreenderam os monarcas cristãos, e em alguns Concílios, como a seguir veremos, até se disse claramente que os culpados de tais crimes eram credores da pena de morte, mas em geral, em vez de aplicar tal sanção tão comum e justificada nesses casos, a Santa Igreja e os reis cristãos fizeram uma excepção com os hebreus, perdoando-lhes a vida, uma e centenas de vezes, comprometendo com isso perigosamente o seu futuro e o seu direito de viver em paz e com liberdade no seu próprio território. E no uso de tão excepcional benevolência, para evitar que as quintas colunas judias pudessem fazer todo o dano que intentavam, em vez de as suprimir radicalmente, recorreram a uma série de medidas que, perdoando-lhes a existência, as reduziam no entanto à impotência, para que não pudessem causar dano ao povo que lhes dava albergue, e com tal fim os diversos Concílios da Igreja e as Bulas dos Papas foram aprovando uma série de cânones e leis, tais como pôr aos judeus um sinal que os distinguisse dos membros da nação em cujo território viviam, para que estes últimos se precavessem contra as actividades subversivas dos israelitas contra a Igreja e o Estado, sinais que

variavam desde rapar-lhes a cabeça até obrigá-los a usar um gorro, um fato ou um distintivo especial.

Noutros casos, a legislação canónica e os mandatos pontifícios ordenavam que se confinassem em bairros especiais chamados Ghetos, que fossem proibidos de adquirir postos de governo ou hierarquias dentro da Igreja, que lhes permitissem levar por diante o seu labor de conquista e domínio do povo que por desgraça lhes havia aberto suas fronteiras.

Aos reincidentes alguma vez os executavam, mas na maior parte dos casos perdoava-se-lhes a vida uma vez mais, limitando-se a castigá-los com a confiscação dos bens, a expulsão do país ou com penas mais leves, comc a dos açoites, agora fora de uso, mas em outros tempos tão comum em todos os povos da Terra.

Como estas perigosas quintas colunas judias continuavam conspirando, uma e outra vez, contra os povos cristãos e contra a Santa Igreja, esta, em vez de recorrer ao expediente definitivo de as aniquilar usando a pena de morte, como todo o povo faz com os espiões e sabotadores profissionais, tratou de suprimi-las por meios mais suaves, reduzindo à impotência os adultos, e tomando os meninos inocentes para que fossem educados em conventos ou em casas de cristãos honrados e, dessa forma, em duas ou três gerações ficaria extirpada a ameaçadora quinta coluna sem ter de recorrer a execuções em massa desses mestres na arte da espionagem, da sabotagem e da traição.

No entanto, é necessário reconhecer que esta benevolência excepcional usada pela Santa Igreja, pelos monarcas cristãos e também pelos hierarcas do mundo islâmico não lhes deram resultado, pois além das medidas de repressão tomadas contra os quinta-colunistas parecerem odiosas, os judeus sempre se valeram de infinidade de ardis para burlar as medidas tendentes a manietá-los e impedir que continuassem fazendo tanto mal. Valeram-se do suborno, comprando a peso de ouro aos maus hierarcas civis e eclesiásticos para que convertessem em letra morta os cânones e leis vigentes, ou recorreram a infinidade de intrigas para se libertarem desse controle tendente a reduzi-los à impotência, provocando novas revoltas, urdindo cada vez mais perigosas conspirações, até que, aproveitando-se da bondade da Igreja e dos povos cristãos, conseguiram nos tempos modernos quebrar os freios que os impediam de causar maior dano e irromper na sociedade cristã, ameaçando-a com o total aniquilamento.

Para se poder entender, pois, a justificação de todas as leis canónicas que estudaremos no decurso desta obra e de todas as medidas tendentes a salvaguardar os povos da acção conspiradora desses estrangeiros daninhos, é preciso que tomemos

em conta todo o antecedente com o que entenderemos que a Santa Igreja, longe de ser cruel como afirmam os israelitas, foi em extremo benévola com eles e que foi quiçá essa extrema benevolência que permitiu aos judeus fazer grandes progressos no seu labor e conquistar e escravizar os povos, como está acontecendo actualmente nos desgraçados países dominados pela ditadura totalitária do socialismo judaico; situação catastrófica esta que teria ocorrido muitas centúrias antes, se a Igreja não tivesse tomado as medidas preventivas que estudaremos no prosseguimento da presente obra.

Dados estes justos esclarecimentos em defesa da doutrina e da política seguidas através dos séculos pela Santa Igreja, passaremos a ocupar-nos do que foi aprovado a tal respeito no XII Concílio de Toledo.

Na exposição apresentada pelo Rei ao Santo Sínodo assinala-se o seguinte: «Reparai reverendíssimos Padres e honrados Sacerdotes dos Ministérios celestes... por isso me apresento com efusão de lágrimas à venerável reunião de vossa paternidade, para que com o zelo do vosso regime se purgue a Terra do contágio da maldade. Levantai-vos, vos rogo, levantai-vos, desatai as ligaduras dos culpados, corrigi os costumes desonestos dos transgressores, fazei ver a disciplina do vosso fervor contra os pérfidos e extingui a mordacidade dos soberbos, aliviai o peso dos oprimidos e, o que é mais que tudo isto, extirpai de raiz a peste judaica, que cada dia vai crescendo com maior furor (*et quod plus hic omnibus est, judaeorum pestem quae in novam semper recrudescit insaniam radicitus etirpate*). Examinai também com a maior detenção as leis que nossa glória promulgou há pouco contra a perfídia dos judeus, acrescentai a elas vossa sanção e reuni-as em um só estatuto para refrear os excessos dos mesmos pérfidos.» [98]

É interessante notar que, entre as calamidades que eram denunciadas ao mencionado Sínodo, se considerava como a mais grave de todas a da peste judaica, que cada dia ia crescendo em proporção alarmante.

No Cânone IX do dito Santo Concílio consignou-se a legislação aprovada por este contra o criptojudaísmo, quer dizer, dos hebreus que viviam cobertos com a máscara de um falso cristianismo, aos quais tanto o monarca como o Sínodo chamam já judeus *a secas*, dada a segurança que se tinha de que os descendentes dos conversos do judaísmo praticavam em segredo a religião hebreia, visto que deve recordar-se que, nestas datas, estava proscrito totalmente o judaísmo no Império Gó-

[98] Concílio XI de Toledo. Actas. Relatório do Rei. Compilação de Juan Tejada y Ramiro. Ediç. cit. Tomo II. Págs. 454 e 455.

tico, e que só podiam existir clandestinamente. Do citado cânone, que compreende toda a legislação anti-hebreia antes citada, tomaremos sòmente as partes mais interessantes, não porque as demais careçam de importância, mas devido à brevidade deste trabalho:

«Cânone IX — Confirmação das leis promulgadas contra a maldade dos judeus (*quae in judaeorum nequitiam promulgatae sunt*), seguindo a ordem dos diferentes títulos em que se acham, cuja ordem se enumera neste cânone.»

«Temos lido em títulos diversos as leis que novamente tem promulgado o glorioso príncipe, acerca da execrável perfídia dos judeus, e temo-las aprovado com exame severo, e, porque dadas com razão foram aprovadas pelo Sínodo, serão observadas de futuro irrevogàvelmente, contra os seus excessos; estas são: ...» [99] A seguir transcrevem-se as leis que, aprovadas, passam a fazer parte integrante do mencionado Cânone IX, destacando pelo seu interesse as seguintes disposições:

A Lei I fala da grande perfídia dos judeus e seus obscuros erros que «se tornam muito subtis e se acrescentam em suas malas-artes e enganos», porquanto fingiam ser bons cristãos e tratavam sempre de iludir as leis que proibiam o seu clandestino e subterrâneo judaísmo.

As Leis IV e V castigam os criptojudeus que celebravam os ritos e festividades hebraicas e pretendiam apartar os cristãos da fé de Cristo. Não se trata aqui de castigar os ritos ou cerimónias de uma religião estranha, mas de castigar os falsos cristãos, que, apesar da sua simulação, em segredo praticavam o judaísmo. As medidas repressivas eram pois tendentes a destruir a quinta coluna hebreia introduzida no seio da Santa Igreja e do Estado cristão.

A Lei VII proibe aos judeus cobertos com a máscara do cristianismo praticar os costumes religiosos hebreus em matéria de carnes, mas esclarecendo que se permite aos que sejam bons cristãos que se abstenham de comer a carne de porco. Vê-se que esses falsos católicos ainda continuavam enganando o clero e o Rei com a sua pretensa repugnância pela carne de porco.

A Lei IX proibe-os de fazer trabalho subversivo contra a fé cristã, impondo fortes castigos aos que o façam; além disso, esta condenação já castiga os cristãos que os encubram e ajudem. A este respeito, diz textualmente: «Se algum encobrir a algum destes em sua casa ou entender a que fuja; se for convicto (provado) aquele que o acolher... receba cada um deles cem açoites e perca seus bens em benefício do Rei e sejam

[99] Idem. Idem. Idem. Tomo II. Págs. 476 e 477.

expulsos da terra para sempre.» Terrível castigo contra os que ajudavam os hebreus encobrindo-os, com o que pensavam os Bispos do Concílio e o próprio monarca, terminar com aqueles que ajudam os judeus servindo-lhes de cúmplices, em sua luta contra a cristandade.

É evidente que, agora mais que nunca, se necessita que se tornem efectivas as disposições deste Sagrado Cânone, porque só assim teríamos esperanças de vencer a besta judaico-comunista, cujos triunfos são possíveis devido ao entreguismo dos que, dizendo-se cristãos, ajudam judeus e comunistas, facilitando a sua vitória.

A Lei X continua fulminando e sancionando os que ajudem o judaísmo, sem distinção de classe e hierarquia, dizendo entre outras coisas: «Pelo que, se algum cristão de qualquer linhagem que seja, de qualquer dignidade e de qualquer ordem — seja varão, mulher ou clérigo, ou leigo —, que tomar algum presente, por ajudar a algum judeu ou judia contra a Lei de Cristo, ou tome deles ou de seus mandatários um presente qualquer que seja, ou se abstiver de amparar e manter os mandatos da Lei de Cristo (simples delito de passividade ante o inimigo) por alguma coisa que tome deles. Todos aqueles que se moverem por algum dom ou encobrirem o erro que sabem de algum judeu e cessarem de escarmentar sua maldade, por alguma maneira, sofram os mandamentos dos Santos Padres, que estão nos decretos, e entreguem ao Tesouro do Rei o dobro do que tomaram do judeu e da judia se lhes for provado.» [100]

Vê-se pois que os judeus sempre foram mestres na arte de comprar, a preço de ouro, a cumplicidade dos cristãos e gentios, sacerdotes ou seculares e que estes padeceram com frequência do mal crónico de se venderem à Sinagoga de Satanás.

As embaixadas e legações de Israel nos diferentes Estados do Mundo têm estado fazendo suspeitos convites a Arcebispos e destacados dignitários da Igreja Católica, a quem seduzido com uma interessante viagem à Terra Santa, com todas as despesas pagas e um itinerário hàbilmente confeccionado, como os das viagens à União Soviética. Isto estavam fazendo em vésperas do presente Concílio Ecuménico; e dessa forma, segundo temos sabido, procuram comprar a sua adesão à atitude de condenação do anti-semitismo, que a judiaria internacional tem preparado, para que os seus agentes quinta-colunistas no Concílio a façam aprovar. Esperamos que este tipo de suborno, de viagens pagas à Palestina, fracasse e que nenhum sucessor dos

[100] Fuero Juzgo. Edição Real Academia Espanhola. 1815. Págs. 186 a 192.

Apóstolos incorra no pecado de Judas, de vender-se por trinta moedas de prata.

Sempre preocupou as hierarquias da Santa Igreja encontrar as causas que acorrentavam ao criptojudaísmo, tanto os conversos como os seus descendentes; uma delas foi localizada nos livros judaicos que estes falsos cristãos liam na clandestinidade, cujos ensinamentos transmitiam de pais a filhos. A Lei XI propõe-se castigar severamente este delito, ordenando entre outras coisas que o criptojudeu que fosse encontrado com tais livros em sua casa ou que os escondesse e aparecessem, que lhe rapem a cabeça e receba cem açoites a primeira vez e faça um escrito com testemunho de que nunca mais o volverá a ler e ter; e se depois de feito o escrito indicado, reincidir, além das penas ditas, perderá sua fortuna em benefício do Barão que o Rei indicar e será expulso da terra. Se algum mestre for encontrado ensinando este erro e se voltar a ensinar o que proibimos, receba as penas que serão aplicadas aos seus discípulos, no caso de serem maiores dos doze anos de idade, não incorrendo em tais castigos se forem menores. [101]

Vê-se pois que, com isto, se fazia um esforço supremo para impedir que os falsos cristãos transmitissem de pais a filhos o seu criptojudaísmo, por meio do ensino da sua doutrina e dos livros clandestinos. Ao mesmo tempo, faz-se um vão esforço para conseguir que os culpados não reincidissem, por meio de uma promessa formal feita por escrito ante testemunhas, de que não o farão, promessa inútil, visto que os hebreus, nestas como noutras ocasiões, nunca cumpriram as suas promessas nem seus pactos solenes, segundo demonstraram os factos nos anos seguintes.

A Lei XIII estabeleceu que: «Se algum judeu, por arte ou por engano, ou por medo de perder sua fortuna, disser que mantém o uso da lei dos cristãos e cumprir de palavra (de dito) a Lei de Cristo, e disser que não se desfará dos seus servos cristãos, porque é cristão: explicámos de que maneira convém que prove o que diz, para que dali em diante não possa enganar nem faltar ao dito. Por onde estabelecemos que todos os judeus que há nas províncias do nosso reino... possam vender seus servos cristãos segundo o mandamos na Lei anterior a esta e se eles quiserem conservá-los, afirmem que se fizeram cristãos como explicamos neste Livro, visto que lhes daremos oportunidade para que deixem de inspirar suspeita e se purguem de todo o género de dúvida, dando-lhes sessenta dias, desde o primeiro de Fevereiro ao primeiro de Abril deste ano.» Depois impõe-lhes a citada lei a obrigação de acorrer ao Bispo

[101] Fuero Juzgo. Ediç. cit. Págs. 192 e 193.

da província, para que prometam pùblicamente, perante testemunho, que abandonarão todos os costumes dos judeus, que os condenam e que «nunca voltarão à antiga incredulidade e tudo o mais convencionado assim como nos explicamos neste capítulo; sob tais condições que se confessem e que conheçam por palavra e que não abriguem em seus corações o contrário do que dizem pela boca, e que não mostrem por fora cristandade e ocultem em seus corações seu judaísmo...» E se algum deles, dizendo-se cristão e depois de prestar sobre si o mencionado testemunho e prestar o juramento dito, volver à lei dos judeus e creia nela, faltando ao prometido e não o cumprindo e havendo jurado o nome de Deus em falso, tornar à incredulidade da judiaria, expropriando-lhe seus bens em proveito do Rei, receba cem açoites, rape-se-lhe a cabeça e seja expulso da terra para os extremos.» [102]

Com esta disposição que fez parte da citada legislação aprovada e confirmada pelo Cânone IX do XII Santo Concílio Toledano, procuravam os Metropolitanos e Bispos do Santo Sínodo evitar que os judeus, cobrindo-se com a aparência do cristianismo, pudessem ter sob o seu domínio servos cristãos, dando-lhes a oportunidade de venderem os seus servos, sem sequer expropriá-los. Porém, dadas as precauções extremas que tomam tanto os Prelados como o Rei cristão, vê-se claramente que, com essa ideia de conservar seus servos cristãos, os israelitas fingiam ser leais à fé de Cristo, enquanto que em segredo continuavam sendo judeus e fazendo parte dessa destruidora quinta coluna judaica introduzida na cristandade. Por isso se os ameaçava com severíssimas penas, ao serem descobertos fazendo tal coisa, numa vã tentativa de assegurar a conversão sincera dos hebreus e de seus descendentes e o aniquilamento da perigosa quinta coluna.

Desgraçadamente, nem a Santa Igreja nem o monarca cristão puderam conseguir ambos os anelos; o que aconteceu foi que os falsos cristãos ocultaram de forma cada vez mais eficaz o seu judaísmo subterrâneo, com a experiência que iam adquirindo ao darem-se conta das imprudências ou indiscrições que os descobriam, com o que iam aperfeiçoando os métodos de simulação, até que, através dos séculos, chegaram à perfeição possível nessa arte.

Por outro lado, o Santo Concílio já se ocupa de um problema que havia de atrair a atenção dos povos cristãos e também dos muçulmanos: o de obrigar os hebreus a usar um sinal especial que os distinguisse do resto do povo, para que este pudesse precaver-se dos seus enganos e do seu trabalho sub-

[102] Fuero Juzgo. Ediç. cit. Lei XIII.

versivo. Aqui, o Santo Concílio aprova que se lhes rape a cabeça, com o que os assinalavam como perigosos criptojudeus, de forma quiçá mais eficaz que a que empregaram depois outras instituições cristãs e muçulmanas, e ùltimamente os nazis com a famosa estrela judaica cosida nos seus fatos. Os gorros, os trajes especiais ou as estrelas podiam tirá-las, mas o rapanço da cabeça, dificilmente. A todos nos espantaria no século XX uma semelhante disposição, aprovada por um Santo Concílio da Igreja, mas os que conheçam o perigo mortal que para o resto do mundo tem significado sempre e continua significando esta quadrilha de criminosos judeus, mostrar-se-ão mais tolerantes e compreensivos. Estes sinais, usados em diferentes épocas, foram formas eficazes para que os falsos cristãos quinta-colunistas do judaísmo pudessem ser distinguidos e para que os verdadeiros discípulos de Cristo pudessem cuidar-se das suas venenosas actividades. Se houvesse em nossos dias uma forma de reconhecê-los a tempo, estariam incapacitados de realizar tão eficazmente o seu trabalho de traição e engano, que conduziu tantos povos para as garras do comunismo assassino.

Volvendo ao Santo Concílio Toledano, assinalemos que entre outras, aprovadas em seu Cânone IX, figuram as Leis XIV e XV, que estabelecem o texto de abjuração do judaísmo, e, ao mesmo tempo, o texto do juramento de fidelidade ao cristianismo, ambos empregados nele por desgraça estéril intento de assegurar a sinceridade dessas falsas conversões.

Apesar de todas as medidas tomadas para evitá-lo, o judeu trata de exercer actividades de domínio, em todo o povo que lhe abra as portas, sobre os que lhes ofereceram hospitalidade. A Lei XVII trata precisamente de pôr fim a uma parte dessas actividades de domínio, proibindo aos israelitas, entre outras coisas, de «apoderar-se de nenhum cristão ou mandar sobre ele», ou «mandar, vender ou ter poder sobre os cristãos de nenhuma forma», cominando castigos para os judeus que violassem esta Lei, e também para os nobres, barões com posto públicos, que, violando-a, dessem aos hebreus domínio sobre os cristãos. Desgraçadamente, os judeus aguçaram o espírito rebelde da aristocracia visigoda, contra o monarca, para ganharem a protecção da primeira, anulando em grande parte a eficácia destas Leis.

Outra medida aprovada pelo Santo Concílio, para destruir a quinta coluna, está incluída na Lei XVIII, que estabelecia uma verdadeira espionagem contra os cristãos descendentes de judeus, mesmo no seio do seu lar, ao obrigar os servos cristãos a denunciarem as suas práticas judaicas, oferecendo-lhes, como prémio de tal denúncia, a sua libertação da servidão.

A citada Lei, referindo-se aos mencionados servos, ordena:

«que em qualquer tempo, aquele que proclamar, disser e jurar que é cristão, e descobrir a incredulidade de seus senhores, e negar o seu erro, que nesse momento obtenha a sua liberdade.» Talvez de todas as medidas citadas até agora, tendentes a destruir o criptojudaísmo no seio da sociedade cristã, aquela que acabámos de mencionar tenha sido a mais eficaz, uma vez que era lógico que um servo, que era quase um escravo, tivesse sempre interesse em recuperar a sua liberdade em troca da denúncia das práticas judaicas clandestinas dos seus amos, só na aparência cristãos. Aqui, sim, deram os Prelados do Santo Concílio um passo decisivo, porque agora os quinta-colunistas tinham que precaver-se no seu próprio lar dos seus próprios servos, que podiam em qualquer momento descobrir o seu judaísmo subterrâneo e denunciá-lo. Por desgraça, os falsos cristãos criptojudeus encontraram meio de ocultar o seu judaísmo secreto, até no próprio lar, e a medida foi insuficiente para destruir a quinta coluna, tornando o criptojudaísmo cada vez mais hermético e mais oculto, como veremos em posteriores capítulos.

DESTERRO DE BISPOS E SACERDOTES QUE DÊEM PODER AOS JUDEUS

Este Santo Concílio ocupou-se uma vez mais em condenar os Bispos e Padres que entrassem em nocivas cumplicidades com os hebreus; com efeito, na Lei XIX, aprovada pelo Cânone IX, ordena-se: «E se algum Bispo, sacerdote ou diácono, der poder a algum judeu para controlar alguma coisa da Igreja, ou para dirigir as coisas dos cristãos, tanto entregue ao Rei de sua fortuna, quantas forem aquelas coisas da Igreja sobre as que deu poder ao judeu; e se não tiver de onde pagar, seja expulso para os extremos da Terra, para que se o castigue com a pena da penitência e reconheça sua má acção.» [103]

Os Prelados do Concílio também aprovaram a legislação conducente a impedir que os cristãos de sangue judeu aproveitassem as viagens de uma povoação a outra para judaízar em segredo, ao verem-se livres da vigilância dos Padres do lugar onde se radicaram. Assim a Lei XX do mesmo Cânone diz que: «Se vão de um lugar a outro, devem apresentar-se ao Bispo do lugar a que chegarem ou ao sacerdote ou ao alcaide da terra e que não se apartem do dito sacerdote para que este possa testemunhar que deixaram de guardar os sábados e os costumes e páscoas dos judeus, para que não tenham oportunidade de guardar seus erros, nem de esconder-se para perseverar em seu antigo erro; e para que guardem as leis da cristandade...».

[103] Fuero Juzgo. Ediç. Real Academia Espanhola. 1815. Pág. 200.

Depois continua dizendo que, se se escusarem aduzindo que têm de ir de um lugar a outro, que: «Não irão sem autorização dos sacerdotes para os quais vieram, até que passem os sábados e até que saibam (os sacerdotes) que eles não os guardam; e escreva o sacerdote do lugar uma carta com sua mão aos sacerdotes dos lugares por onde hão-de passar aqueles judeus para impedir enganos tanto nas estâncias como nas viagens e sejam compelidos a fazer isto com exactidão; e se algum desatender a nossa ordem, que o Bispo do lugar, o sacerdote ou o alcaide possam fazer receber a cada um deles cem açoites; pois nós não lhes toleraremos que vão para suas casas sem as cartas dos Bispos ou dos sacerdotes daqueles lugares a que vieram, cartas que devem incluir os dias que viveram com o Bispo daquela cidade e como chegaram a ele e em que dia saíram dali e chegaram a suas casas.» [104]

É fora de dúvida que a obrigação imposta aos novos cristãos de denunciar seus amos também cristãos, quando praticavam em segredo o judaísmo, pôs os criptojudeus em graves dificuldades para celebrar, mesmo no segredo do seu lar, os ritos do sábado e das festividades judaicas, não lhes deixando outro recurso que fingir uma viagem para realizá-los em lugar clandestino e não vigiado, mas, descobertos tais ardis, o Santo Concílio e o cristianíssimo Rei Ervígio, buscaram os meios de controlar em pormenor essas viagens dos criptojudeus, com o fim de evitar que, com elas, continuassem praticando o judaísmo aqueles que oficialmente eram cristãos. Por sua vez, a Lei XXI completa a anterior, renovando a antiga legislação tendente a obrigar os hebreus a ir com o Bispo, padre, ou, na falta deles, com bons cristãos do lugar, aos dias de festa hebreus, «para que, unindo-se a eles, dêem prova de que são cristãos e que vivem rectamente». O objectivo era impedir que os cristãos de sangue judeu tivessem a menor possibilidade de observar os dias de festa hebreus, para ver se com isso se convertiam, por fim, em sinceros cristãos, deixando de praticar subterrâneamente o judaísmo.

PROIBIÇÃO AOS SACERDOTES DE AMPARAREM OS JUDEUS

A Lei XXIII do Cânone IX dá poder aos sacerdotes para que façam cumprir estas disposições, ordenando categòricamente aos referidos padres «que nenhum ampare os judeus, nem, aduzindo razões em seu favor, lhes dêem a possibilidade de perseverar no seu erro e na sua lei.» Pelo visto, já o pro-

[104] Fuero Juzgo. Edic. cit. Livro XII. Tit. III. Lei XX.

blema dos judas, isto é, dos clérigos que ajudavam os inimigos da Igreja, era tão grave, que justificou também a aprovação desta Lei pelo Santo Sínodo.

EXCOMUNHÃO DE BISPOS NEGLIGENTES

Mas a Lei XXIV é ainda mais explícita a tal respeito, quando ordena: «Os sacerdotes da Igreja de Deus devem evitar cair em pecado, por deixarem os povos perseverar no erro... e por isso estabelecemos, para os tirar da negligência, que se algum Bispo for vencido pela codícia ou por um mau pensamento, e fraquejar em fazer cumprir aos judeus estas leis; e, se conhecendo seus erros e artimanhas, e se averiguar a sua necessidade e não os constranger nem os castigar; seja excomungado por três meses e entregue ao Rei uma libra de ouro e, se não tiver de onde obtê-la, seja excomungado por seis meses, para que se castigue sua negligência e sua fraqueza de coração, e damos poder a qualquer Bispo que tenha zelo de Deus, para que refreie e constranja o erro daqueles judeus e que emende suas loucuras em vez do Bispo negligente e que realize o que o outro não fez. E se não o fizer e for negligente à semelhança do outro e não tiver zelo de Deus, nem for activo, então o Rei emende seus erros condenando-o pelo pecado. E isto mesmo que temos prescrito para os Bispos que são negligentes na tarefa de corrigir o erro dos judeus, o mandamos com respeito aos demais religiosos, tanto sacerdotes, comò diáconos, padres...» [105]

O Concílio, ao aprovar esta Lei, no seu cânone sagrado número IX, declarou que era pecado mortal já não só o facto de ajudar os judeus, mas o de o Bispo, sacerdote ou religioso, ser negligente no cumprimento das suas obrigações na luta contra o judaísmo, sancionando esse pecado mortal com a excomunhão do Bispo culpado. Aqui caberia perguntar: quantos bispos e altos dignitários da Igreja seriam excomungados na actualidade se se aplicasse o sancionado pelo Cânone IX do mencionado Santo Concílio, dado que está tão generalizado no clero do século XX o cometimento desse pecado mortal, de ajudar os judeus de uma forma ou de outra?

A Lei XXVII estabelece algo de muito importante, ao ordenar que a sinceridade do cristianismo nos católicos de origem judia seja comprovada, não sòmente pelo testemunho dos bispos, sacerdotes ou alcaides da terra, mas também pelas ac-

[105] Fuero Juzgo. Ediç. cit. Livro XII. Tit. III. Lei XXIV.

ções do dito cristão. Não basta pois já que eles assegurem que se converteram sinceramente, mas é preciso que com factos o demonstrem. Mas já esta Lei se ocupa por forma muito rigorosa daqueles cristãos que, havendo sido descobertos como criptojudeus, hajam sido perdoados por haverem demonstrado com palavras e obras o seu arrependimento, para logo serem descobertos de novo praticando o judaísmo. Para estes reincidentes, diz a citada Lei: «Que não sejam nunca mais perdoados e sofram o que merecem, seja a pena de morte ou outra menor, sem ter em nenhum caso piedade deles.» [106]

Ao aprovar esta Lei, o dito Concílio estabelece uma vez mais a doutrina da Igreja Católica a tal respeito, pois uma coisa é que Deus Nosso Senhor está disposto a perdoar a todo o pecador antes da morte, e outra é que os judeus, que constituem uma ameaça constante para a Igreja e para a Humanidade, devam ser castigados pela autoridade civil pelos seus delitos; não sendo lícito que possam aduzir, para evitar o justo castigo, a sublime doutrina do perdão aos inimigos ensinada pelo Nosso Divino Salvador, porque Ele se referia ao perdão de um particular, mas não aos delitos ou crimes cometidos por um delinquente em prejuízo da sociedade ou da nação.

Os Padres que em nossos dias estão ao serviço do judaísmo forjam a este respeito sofísticas conclusões, tratando de utilizar, de forma até sacrílega, as doutrinas sublimes de amor e de perdão de Nosso Redentor Jesus Cristo, com o ânimo de impedir que os povos ameaçados de escravidão pelo judaísmo possam fazer uso do direito natural de legítima defesa, lutando contra os criminosos conspiradores hebreus ou propinando-lhes o justo castigo. Não há que esquecer, além disso, a grande autoridade que a Santa Igreja sempre concedeu aos citados Concílios Toledanos, no que respeita à definição da doutrina eclesiástica e quanto às medidas tomadas contra os judeus pelo Santo Concílio XII; o seu vigor como doutrina da Santa Igreja é maior, visto que reunido no ano de 683 um novo Concílio de Toledo, o número XIII, não só confirmou no seu Cânone IX as aprovadas no Sínodo anterior, mas que ordenou que tivessem vigor e solidez eternamente, dando-lhes com isso o carácter perene de doutrina da Igreja. Com efeito, o citado Cânone IX do Concílio XIII de Toledo diz: «Da confirmação do Concílio XII, celebrado no ano primeiro do gloriosíssimo Rei Ervígio.» «Embora as actas sinodais do Concílio Toledano XII, celebrado no ano primeiro do nosso príncipe glorioso Ervígio, fossem dispostas e regulamentadas pelo apoio unânime do nosso

[106] Fuero Juzgo. Ediç. cit. Livro XII. Tit. III. Lei XXVII.

consentimento nesta cidade real, apesar de agora reproduzido este apoio de nossa firme decisão, decretamos que semelhantes actas como se escreveram ou ordenaram tenham vigor e solidez eternamente.» [107]

[107] Concílio XIII de Toledo. Cânone IX. Compilação de Juan Tejada y Ramiro. Ediç. cit. Tomo II. Pág. 505.

MAURICE PINAY

COMPLÔ CONTRA A IGREJA

TOMO III

COMPLÔ CONTRA A IGREJA MAURICE PINAY TOMO III

PARROQUIA DEL SAGRARIO METROPOLITANO

APARTADO 469 TELEFONO 3-55-01

HERMOSILLO, SONORA, MEXICO

Habiendo leído el libro publicado en Roma en 1962 COMPLOT CONTRA LA IGLESIA que fue distribuído entre todos los Padres Conciliares, no encontrando en él nada que se oponga a la fe y buenas costumbres, no tengo inconveniente en conceder el IMPRIMTUR CANONICO que se me ha pedido para la edición española que se está publicando en México.

Abril 18 de 1968.

+ Juan Navarrete
Arz. de Hermosillo

JUAN NAVARRETE

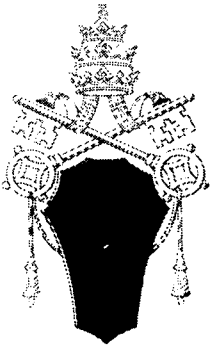
ARZOBISPO DE HERMOSILLO

MAURICE PINAY

COMPLÔ CONTRA A IGREJA

Do original em italiano publicado em Roma em 1962.

TOMO III



REVISÃO EDITORA LTDA
BRASIL – 1994

CAPÍTULO DÉCIMO QUINTO

O CONCÍLIO XVI DE TOLEDO CONSIDERA NECESSÁRIA A DESTRUIÇÃO DOS JUDEUS QUINTA-COLUNISTAS

Como já temos dito, em virtude da quase universal conversão dos judeus ao cristianismo, o Império Visigodo encontrava-se lutando tenazmente contra um tipo de judaísmo muito mais perigoso, o que se cobria com a máscara do cristianismo. Os esforços realizados pelos Santos Concílios de Toledo, décimo segundo e décimo terceiro, para destruir este poderoso bloco de hebreus introduzidos no seio da Santa Igreja, haviam fracassado por completo. A minuciosa e enérgica legislação antijudia, aprovada por ambos os Concílios, foi incapaz de aniquilar a perigosíssima quinta coluna, ao impedir que os cristãos de sangue hebreu abandonassem as suas clandestinas práticas judaicas e se convertessem em verdadeiros cristãos. Prova disso é que, dez anos depois, reinando então Egica, o Concílio Toledano Décimo Sexto voltou a ocupar-se deste pavoroso assunto, precisamente no seu Cânone I, que diz: «Cânone I da perfídia dos judeus. — Se bem que em condenação da perfídia dos judeus, haja infinitas sentenças dos Padres antigos e brilhem além disso muitas leis novas; no entanto como segundo o vaticínio profético relativo à sua obstinação, o pecado de Judá está escrito com pena de ferro e sobre unha de diamante, mais duros que uma pedra em sua cegueira e teimosia. É portanto muito conveniente que o muro da sua infidelidade deva ser combatido mais estreitamente com as máquinas da Igreja Católica, de modo que o cheguem a corrigir-se contra sua vontade, ou sejam destruídos de maneira que pereçam para sempre por juízo do Senhor.» [108] Depois de estabelecer claramente esse ponto de doutrina, o Santo Concílio, no cânone citado, continua enumerando medidas adicionais, que deviam tomar-se de imediato contra os judeus.

---

[108] Concílio XVI de Toledo. Cânone I. Compilação de Juan Tejada y Ramiro. Colec. de cânones cit. Tomo II. Págs. 563 e 564.

Esta definição da doutrina da Santa Igreja contra os hebreus serviu de base, séculos depois, para que Papas e Concílios posteriormente aprovassem a pena de morte contra os criptojudeus infiltrados no seio do catolicismo. Em defesa destas doutrinas e da política da Santa Igreja já dissemos que medidas similares aprovaram sempre e aprovam ainda na actualidade a generalidade dos Estados do mundo cristão e do mundo gentio, contra os espiões e sabotadores de nações inimigas.

Nunca ninguém pretendeu criticar qualquer governo porque execute quer os quinta-colunistas quer os traidores à sua pátria; no entanto, toda a força da propaganda judaica, desde há séculos, tem sido concentrada contra a Santa Igreja, porque, tal como todas as nações do Mundo, considerou justificada a pena de morte contra os judeus infiltrados no seio da cristandade, com o ânimo de espiar, destruir ou conquistar a sociedade cristã. É verdade que é lamentável que se mate qualquer ser humano, mas se as nações têm o direito de defender-se, também o teve a Santa Igreja, que ao mesmo tempo que se defendia a si mesma, defendia os povos que nela haviam depositado sua fé e sua confiança, tanto mais se se tomar em conta que os judeus introduzidos no seio da Santa Igreja, além de constituirem uma vasta rede de espias vulgares e sabotadores, constituem a mais destruidora quinta coluna, no próprio seio da nação, que por desgraça os tem infiltrados dentro de suas instituições. Assim é que, por razão de Estado e em defesa da Igreja, procedia sem dúvida alguma a acção contra eles, acção que era precisamente dirigida, tanto pela Santa Igreja, como pelo Estado cristão, ambos firmemente unidos.

O ideal seria que os judeus abandonassem voluntàriamente a nação que bondosamente lhes dá albergue e se fossem à sua pátria, para que, respeitando o direito à independência que todo o povo tem, não incorressem no crime de espionagem e sabotagem da pior espécie, como membros das mais perigosas quintas colunas que no Mundo hajam existido; dessa maneira, ninguém os incomodaria e eles deixariam viver em paz o resto das nações. Se eles persistem em cometer delitos sancionados pelas máximas penas, são os únicos responsáveis do justo castigo, que através da história têm recebido pelo cometimento de tais delitos: sobretudo agora que têm território próprio que lhes foi reservado na União Soviética e também no Estado de Israel. Durante os séculos que não tiveram prátria, deveriam ter-se resignado a permanecer como o resto dos imigrantes, vivendo em paz e respeitando os direitos do povo que lhes deu albergue e da religião que este professava; dessa forma, nada lhes teria acontecido. Longe de fazer tal coisa, traíram as nações que lhes deram hospitalidade, trataram de conquistá-las,

roubá-las ou destruí-las e fizeram todo o possível por aniquilar o cristianismo desde o seu nascimento; infiltraram-se no seu seio, procurando desintegrá-lo por dentro por meio de heresias; impulsionaram e fomentaram as sangrentas perseguições romanas, provocando, com seus crimes, a repulsa universal, assim como uma reacção defensiva, não só da Santa Igreja e dos povos cristãos, mas também do Islão e dos povos a ele sujeitos.

Os próprios judeus, com sua criminosa, ingrata e traidora maneira de proceder, foram os que provocaram as sangrentas repressões organizadas contra eles pelos povos ameaçados, exercendo o seu direito de legítima defesa. Lamentam-se dessas repressões, mas ocultam por completo as causas que as motivaram. É como se os romanos, ao pretenderem conquistar as Gálias, ao sofrerem na luta milhares de mortos, tivessem tido o cinismo de acusar os gauleses agredidos de assassinos e perseguidores de romanos. Ou como se os japoneses na guerra passada, quando se lançaram a conquistar a China, sofrendo centenas de milhares de baixas, tivessem tido a desfaçatez de acusar os chineses de assassinos de japoneses; porque, então, poderíamos dizer: se os romanos não houvessem invadido as Gálias, não teriam tido que lamentar que os gauleses tivessem morto milhares de romanos; e se os japoneses não houvessem invadido a China, tão pouco teriam tido que lamentar a morte dos seus nacionais.

Mas enquanto estes e outros povos jamais incorreram na hipocrisia de queixar-se das baixas e prejuízos que sofrem devido a suas guerras de conquista, os judeus, que desde há séculos vêm empreendendo a mais cruel e totalitária guerra deste tipo, oculta e hipócrita, mas muito sanguinária, esses têm o cinismo de erguer brados ao céu quando as religiões ou os povos, em legítima defesa, matam judeus ou os privam da liberdade para os impedir de continuar causando tanto dano. Se os israelitas não querem sofrer a seguir as consequências da sua perseverante e cruel luta de conquista universal, devem cessá-la; e se não o fazem, deve ter ao menos o valor de afrontar com dignidade as consequências, como o têm feito os demais povos conquistadores do mundo.

CAPÍTULO DÉCIMO SEXTO

O CONCÍLIO XVII TOLEDANO CASTIGA COM A ESCRAVIDÃO AS CONSPIRAÇÕES DOS JUDEUS

No ano de 694, reinando ainda Egica, foi descoberta uma vastíssima conspiração dos falsos cristãos, praticantes em segredo do judaísmo, com grandes ramificações e vários objectivos, tendentes, por um lado, a perturbar o estado da Igreja e a usurpar o trono; e por outro, a trair a pátria e destruir a nação visigoda.

Nesses tempos, São Félix, Arcebispo de Toledo, havia convocado um novo Concílio, a que assistiram todos os Prelados do Império, incluindo alguns da Gália Norbonense, visto que uma grande peste impediu que todos os dali acorressem. Já reunido o Santo Sínodo, teve conhecimento e provas da conspiração criptojudia, que tramava uma revolução em todas as ordens, de tão mortal perigo para o cristianismo e para o Estado cristão, que se dedicou a ela o Santo Concílio, reunido na Igreja de Santa Leocádia de la Vega, da cidade de Toledo, e presidido pelo próprio São Félix, que nesta tremenda luta foi o novo chefe da cristandade frente aos judeus.

As actas deste Santo Sínodo constituem um dos mais valiosos documentos ilustrativos do que é capaz num momento dado a quinta coluna hebreia introduzida no seio da Igreja e introduzida também no território de um povo cristão ou gentio. Cremos, pois, que o documento não só é de importância para os católicos, mas também para os homens de qualquer povo ou religião que enfrentem a ameaça do imperialismo judaico.

O mais interessante deste Concílio é o seu Cânone VIII, que ordena literalmente: «Da condenação dos judeus.» «E porque se sabe que a plebe judia está manchada com uma feíssima nota de sacrilégio e cruenta efusão de sangue de Jesus Cristo, e contaminada além disso com a profanação do juramento (entre outras coisas porque haviam jurado ser fiéis cristãos e a não judaizar em segredo), de maneira que suas maldades são

sem número; por isso é necessário que chorem haver incorrido em tão grave pecado de animadversão, aqueles que, por causa de suas maldades, não só têm querido perturbar o estado da Igreja, mas que com atrevimento tirânico têm intentado arruinar a pátria e a nação, tanto que, alegrando-se por crer que havia já chegado o seu tempo, têm causado diversos estragos aos católicos. Por cujo motivo a presunção cruel e estupenda deve extirpar-se com um suplício mais cruel. De maneira que o juízo deve ser contra eles tanto mais severo quanto em todas as partes se castiga o que se sabe haver sido definido perversamente. Caminhando neste Santo Concílio com toda a cautela, pela senda de outras causas, chegou a nossos ouvidos a conspiração dos mesmos, de maneira que não só contra a sua promessa, pela observância de suas seitas, mancharam a túnica da fé com que os havia vestido a Santa Madre Igreja ao dar-lhes a água do sagrado baptismo, senão que quiseram usurpar o trono real por meio de uma conspiração, e havendo chegado plenìssimamente aos nossos ouvidos, por confissão deles próprios, esta infausta maldade, mandamos que por sentença de nosso decreto sejam castigados com irrevogável censura; a saber, que em observância do mandato do piedosíssimo e religiosíssimo príncipe nosso Egica, que acendido do zelo do Senhor e impelido da Santa Fé, não só quer vingar a injúria feita à Cruz de Cristo, se não também o extermínio projectado de sua gente e pátria que eles decretaram com muitíssima crueldade, se trate de extirpá-los com mais rigor, privando-os de todas as suas coisas e aplicando-as ao fisco, ficando além disso sujeitos a perpétua escravidão em todas as províncias de Espanha as pessoas dos mesmos pérfidos, suas mulheres, filhos e toda a sua descendência, expelidos de seus próprios lugares e dispersando-os, devendo servir a aqueles a quem a liberalidade real os ceder... E a respeito de seus filhos de ambos os sexos, decretamos que logo que cumpram sete anos, se os separe da companhia de seus pais, sem lhes permitir nenhuma relação com eles, devendo entregá-los os seus próprios senhores a cristãos fidelíssimos, para que os eduquem, com o objecto de que os varões cheguem a casar-se com mulheres cristãs e vice-versa, não tendo licença, como já dissemos, os pais nem tão-pouco os filhos, para celebrar, sob nenhum conceito, as cerimónias da superstição judaica, nem para volver em nenhuma ocasião à senda da infidelidade.» [109]

Como primeiro comentário a este sagrado cânone do Santo Concílio XVII, podemos assegurar que, a ter-se celebrado o dito

[109] Concílio XVII Toledano. Cânone VIII. Compilação de Juan Tejada y Ramiro. Colecção de Cânones cit. Tomo III. Págs. 602 e 603.

Sínodo da Igreja Católica em nossos dias, tanto o Arcebispo São Félix, que presidiu, como o Santo Concílio em pleno, teriam sido condenados como anti-semitas e criminosos de guerra nazis, por aqueles Cardeais e Bispos que, na actualidade, estão mais ao serviço da Sinagoga de Satanás que da Santa Igreja, ao fulminar censuras e condenações contra os católicos que a defendem, assim como a sua pátria, da ameaça judaica. Estes hierarcas eclesiásticos lançam condenações contra os verdadeiros católicos e patriotas, reprovando os ataques aos hebreus, muitíssimo mais leves, no entanto, que os que lhes lança o Sagrado Concílio, presidido por um tão preclaro Santo, canonizado pela Igreja, como o foi Félix, Arcebispo de Toledo.

Por outro lado, vê-se como a perigosa conspiração que os conversos do judaísmo e seus descendentes organizaram demonstra que os falsos cristãos criptojudeus haviam podido iludir com êxito toda a legislação promulgada contra eles pelos Concílios anteriores, sentindo-se com forças suficientes para realizar uma conspiração de tão vastas proporções. Ante a magnitude do perigo, tanto a Santa Igreja como o Estado cristão aprestaram-se para a defesa, recorrendo às medidas extremas de reduzir todos os judeus à escravidão e arrancar-lhes os filhos aos sete anos de idade, para que, apartados de seus pais e recebendo educação cristã, fossem libertados de toda a possibilidade de ser atraídos às organizações do judaísmo clandestino. Sem dúvida pretendia-se evitar com isto que o judaísmo se transmitisse de pais a filhos, mesmo que os pais continuassem judaizando em segredo; e, dessa forma, conseguir que na seguinte geração ficasse destruída a quinta coluna de falsos cristãos, ligados em segredo à Sinagoga de Satanás. O facto de obrigar esses jovens da nova geração, ao atingir a maioridade, a casar-se com bons cristãos e cristãs, tinha indubitàvelmente por móbil estabelecer uma garantia mais, para que na terceira geração ficasse completamente aniquilada a mencionada quinta coluna e convertidos os descendentes dos hebreus em cristãos sinceros. Porém, como depois veremos, este tipo de tentativas fracassou, visto que judeus clandestinos não identificados puderam sempre iniciar secretamente no judaísmo os jovens cristãos de sangue judeu.

Por outro lado, a grande habilidade dos hebreus para a intriga transtornou todos os planos do Santo Concílio e fez fracassar uma vez mais as medidas extremas tomadas pela Santa Igreja e a muito cristã monarquia visigoda, com o fim de se defender da ameaça judia.

Há um dado interessantíssimo nas actas deste Santo Concílio, em que se põe em evidência que, já nesses remotos tempos, quer dizer, há quase mil e duzentos anos, haviam estalado

várias rebeliões hebreias contra os Reis Católicos, facto que faz contar o Rei Egica em sua exposição ao Santo Sínodo, quando manifesta que: «Em algumas partes do mundo se rebelaram (os hebreus) contra seus príncipes cristãos e que muitos pereceram às mãos destes por justo juízo de Deus.» [110]

Mas é evidente que, nestas rebeliões contra os príncipes cristãos só puderam obter bons resultados quando, depois de uma experiência de séculos, compreenderam que, para realizá-las com êxito, teriam de converter em aliados inconscientes os próprios povos cristãos, para o que os agitadores israelitas, cobertos, como de costume, com a máscara do cristianismo, teriam de aparecer como redentores dos ditos povos e organizadores de movimentos liberais e democráticos, oferecendo às massas da população a sedutora promessa de que se governariam elas mesmas, libertando-se do jugo dos monarcas.

Há que ter presente que os terríveis castigos aprovados contra os conspiradores judeus, pelo Concílio XVII, se aplicaram em todos os domínios do Império Gótico, com excepção da Gália Narbonense, que, assolada por mortal epidemia, e por outras causas, se encontrava, segundo esclarece o relatório do soberano, «quase despovoada». Por isso se permitiria viver ali aos judeus como antes, «com todas as suas coisas, sujeitos ao Duque daquela mesma terra para que aproveitem as públicas utilidades.» [111] É pois muito possível que o referido Duque da Gália Gótica haja exercido pressão para conseguir que se deixasse os hebreus da sua região livres dos castigos acordados pelo Santo Concílio contra os do resto do Império, o que não sòmente salvou esses falsos cristãos, mas provocou a fuga de muitos outros das regiões afectadas para a Gália Narbonense, fugindo da ameaça de escravidão e outros castigos contra eles decretados. Com isso, começou a crescer a percentagem da população criptojudia no Meio-Dia de França, até chegar a converter-se numa segunda Judeia.

É certo que essa tolerância na Gália Narbonense se sujeitou à condição de que os protegidos se convertessem em sinceros cristãos e se abstivessem de praticar em segredo o judaísmo, sob pena, em caso contrário, de incorrer nas fortes sanções aprovadas pelo Santo Sínodo. Mas como pôde comprovar-se em séculos posteriores, longe de abandonar o seu judaísmo, esses falsos cristãos tornaram-no tão hermético, que o Meio-Dia de França se tornou famoso durante a Idade Média, por estar convertido no mais perigoso ninho de judeus clandestinos, cober-

---

110 Concílio XVII de Toledo. Actas. Exposições do rei. Compilação de Juan Tejada y Ramiro. Colec. de Cânones cit. Tomo II. Pág. 593.

111 Idem. Idem. Idem. Idem. Tomo II. Pág. 594.

tos habilissimamente com a máscara de um tão aparente como insincero cristianismo, estabelecendo nessa região um verdadeiro quartel-general das mais destruidoras heresias revolucionárias, que estiveram a ponto de aniquilar a Igreja e a cristandade inteira, nos séculos medievais. Isto mostra com toda a claridade os resultados desastrosos que se obtêm ao ter-se contemplações e benevolências com um inimigo tão tenaz e perverso como é o judaísmo.

A rebelião judia contra o Rei a que aludem as citadas actas sinodais e que foi sufocada a tempo com todo o rigor por Egica e pelas enérgicas sanções do Concílio XVII de Toledo, foi algo de tão grandes proporções, que esteve a ponto de aniquilar o Estado cristão e substituí-lo por um Estado judeu. Para comprender isto, é necessário que examinemos alguns antecedentes:

O escritor católico Ricardo C. Albanés, falando da situação dos hebreus na monarquia visigoda, diz a tal respeito: «Os judeus haviam-se multiplicado de maneira assombrosa na Espanha gótica, como havia acontecido antes no antigo Egipto, e como neste adquiriram grande importância e também riquezas, ao extremo de se tornarem necessários aos conquistadores visigodos, dedicaram-se de preferência ao comércio, às artes, à indústria; quase todos os médicos eram judeus e igualmente havia muitos advogados; mas particularmente monopolizavam o tráfico mercantil com o Oriente, para o que lhes servia à maravilha as suas relações de raça e idioma. Donos de importantes negócios, chegaram também a possuir grande número de escravos cristãos, a quem tratavam duramente. Mas os judeus não só se iam assenhoreando do país dos godos, mas não cessavam de minar quanto podiam a fé cristã. A sua ajuda assolapada aos hereges, como aos arrianos primeiro e aos priscilianistas depois, ao mesmo tempo com o trabalho dos judaizantes, agravou o conflito que se desenvolvia em terras hispânicas entre o cristianismo e o judaísmo, determinando que não só os Concílios mas também os próprios reis ditassem prontamente duras medidas anti-semitas.» [112]

Mas além desse imenso poderio que haviam adquirido, a política seguida pela Santa Igreja e pelos Reis Católicos, de cumular de honrarias, valiosas posições e até títulos de nobreza os judeus que se convertessem sinceramente ao cristianismo, abrindo-lhes as portas ao sacerdócio e às dignidades eclesiásticas, ao mesmo tempo que se perseguia sem piedade os falsos conversos, longe de trazer as consequências desejadas,

[112] Ricardo C. Albanés. «Los Judios através de los Siglos». Ediç. cit. Págs. 167 e 168.

conseguindo que todos se convertessem sinceramente, produziram resultados muito contrários, visto que então fingiam com maior hipocrisia haver-se convertido lealmente, para alcançar os benefícios e valiosas posições com que se premiava os sinceros conversos, podendo assim infiltrar-se cada vez mais nas instituições religiosas e políticas da sociedade cristã e chegar a adquirir nelas maior poder.

Esta situação fê-los abrigar a esperança de poder fazer triunfar uma bem preparada rebelião que lhes permitisse aniquilar o Estado cristão, para o substituir por um judeu, para o que se asseguraram com tempo da ajuda militar de poderosos núcleos hebreus do Norte de África, que invadiriam a Península Ibérica quando nela estalasse a rebelião geral dos falsos cristãos, praticantes em segredo do judaísmo.

O ilustre historiador espanhol Marcelino Menéndez y Pelayo explica o seguinte: «Desejosos de acelerar a difusão do cristianismo e a paz entre ambas as raças, os Concílios XII e XIII de Toledo concedem inusitados privilégios aos judeus conversos deveras (*plena mentis intentione*), fazendo-os nobres e isentos de capitação. Mas tudo foi em vão, os judaizantes (cristãos criptojudeus), que eram ricos e numerosos em tempos de Egica, conspiraram contra a segurança do Estado»... «O perigo era iminente. Aquele Rei e o Concílio XVII de Toledo apelaram para um recurso extremo e duríssimo, confiscando os seus bens aos judeus, declarando-os servos e retirando-lhes os filhos, para que fossem educados no cristianismo.» [113]

Por aqui se pode ver como, já há doze séculos, os judeus iludiram a nobre aspiração cristã de estabelecer a paz e a harmonia entre as distintas raças, para extrair cruel proveito de tão evangélico anseio e adquirir posições valiosas que lhes permitissem destruir a sociedade cristã e subjugar o povo que ingènuamente lhes havia aberto as fronteiras. Em nossos dias, continuam utilizando com grande êxito o desejo mobilíssimo da unidade dos povos e irmandade das raças, com tão similares como perversos fins.

O famoso historiador holandês Reinhart Dozy dá interessantes pormenores sobre a conspiração judia que estamos analisando, que, por outro lado, são confirmados pela «Enciclopédia Judaica Castelhana», que é uma voz autorizada do judaísmo; o referido investigador, referindo-se aos israelitas do Império Gótico, diz: «Por 694, dezassete anos antes da conquista de Espanha pelos muçulmanos, projectaram uma sublevação geral, de acordo com os seus correligionários de além

[113] Marcelino Menéndez y Pelayo. «História de los Heterodoxos Españoles». Imprensa F. Maroto e Filhos. Tomo I. Pág. 627.

do Estreito, onde várias tribos berberes professavam o judaísmo e onde os judeus desterrados de Espanha haviam encontrado refúgio. A rebelião provàvelmente devia estalar em vários lugares ao mesmo tempo, no momento em que os judeus de África houvessem desembarcado nas costas de Espanha; mas antes de chegar o momento convencionado para a execução do plano, o Governo foi posto ao corrente da conspiração. O Rei Egica tomou imediatamente as medidas ditadas pela necessidade; tendo depois convocado um Concílio em Toledo, informou os seus guias espirituais e temporais dos culpáveis projectos dos judeus e pediu-lhes que castigassem severamente essa raça maldita. Ouvidas as declarações de alguns israelitas, por onde se apurou que o «complot» pretendia nada menos que converter a Espanha em Estado judeu, os Bispos, estremecendo de ira e indignação, condenaram todos os judeus à perda de seus bens e da sua liberdade. O Rei entregá-los-ia como escravos aos cristãos e aqueles que até então haviam sido escravos dos judeus, o Rei emancipava-os»... [114]

Um caso típico de como actua a quinta coluna judia contra as nações que lhes oferecem albergue.

[114] Reinhart Dozy. «Histoire des Musulmans d'Espagne». Leiden. 1932. Pág. 267. E «Enciclopédia Judaica Castelhana». Ediç. cit. Tomo IV. Vocábulo *España*.

CAPÍTULO DÉCIMO SÉTIMO

RECONCILIAÇÃO CRISTO-JUDIA PRELÚDIO DE RUÍNA

Morto Egica, aconteceu o que com tanta frequência tem sucedido nos Estados cristãos e gentios; os novos governantes esqueceram a arte de continuar a sábia política de seus antecessores e trataram de fazer toda a classe de inovações, que destruíram em pouco tempo o labor de anos de trabalho conscencioso, fruto de larga experiência. Uma das causas da superioridade política das instituições judias, comparadas com as nossas, tem sido a de haver sabido continuar, através dos séculos, uma política uniforme e definida contra os que consideram seus inimigos, quer dizer, contra o resto da Humanidade. Em contrapartida, nem nós, os cristãos, nem os muçulmanos e demais gentios, temos sido capazes de manter uma mesma política, continuada, frente ao judaísmo, por mais de duas ou três gerações sucessivas, por muito adequado que haja sido e ainda que tenha sido inspirada no mais elementar direito de própria defesa.

Witiza, filho de Egica, que foi chamado ao trono por falecimento deste, começou por desbaratar tudo o que havia feito seu pai, tanto o bom como o mau. Homem de violentas paixões, muito dado aos prazeres mundanos, mas dotado a princípio de boas intenções, subiu ao trono com o magnífico desejo de perdoar a todos os inimigos de seu pai e conseguir a unidade dos seus subditos. A *Crónica del Pacence* mostra-nos Witiza como indivíduo conciliador, amante de reparar injustiças passadas, chegando ao extremo de fazer queimar os documentos falsificados em favor do erário.

Os falsos cristãos criptojudeus, submetidos na altura a dura escravidão, depois de fracassada a sua monstruosa conspiração, viram nas intenções conciliadoras e no justo anelo de unificação do reino que inspiravam Witiza o meio de se livrarem do tremendo castigo e de recuperar sua perdida influência, obtendo dele que os livrasse da pesada servidão e os elevasse na ocasião

a um nível de igualdade com os demais súbditos. Witiza caiu como outros no engano, crendo que a solução do problema judeu se radicava na reconciliação cristo-judia, que poria fim a uma longa luta de séculos e consolidaria a paz interna do império, maior compreensão e até convivência fraternal e amistosa entre cristãos e israelitas, aquilo a que agora chamam os hebreus e seus agentes no clero «fraternidade judeo-cristã».

Uma reconciliação deste tipo pode ser uma solução magnífica e desejável, mas só é possível quando as duas partes verdadeiramente a desejam; mas quando uma delas obra de boa fé e em aras de reconciliação, renuncia à sua legítima defesa, destrói as suas armas defensivas e se coloca inerme confiada na boa fé da outra parte, enquanto esta, em contrapartida, nada faz se não aproveitar a generosa atitude do seu antigo adversário para espiar o momento de lhe dar a punhalada mortal, então a suposta reconciliação, a nascente e falsa fraternidade, é só prelúdio de morte ou pelo menos de ruína.

Isso é o que aconteceu sempre que cristãos e gentios, enganados pelas hábeis manobras diplomáticas dos judeus, acreditaram na amizade e lealdade destes ou na reconciliação cristo-israelita, visto que, desgraçadamente, os hebreus usam tão nobres como formosos postulados apenas como um meio para desarmar os que eles, no fundo do seu coração e secretamente, continuam considerando seus mortais inimigos, com o fim de, uma vez desarmados e adormecidos pelo néctar aromático da amizade e fraternidade, possam ser comòdamente escravizados ou aniquilados. Os hebreus sempre tiveram como norma, quando estão débeis ou ameaçados perigosamente, fingir-se amigos dos seus inimigos para os poder dominar mais fàcilmente. Desgraçadamente, a manobra tem-lhes dado resultado através dos séculos e continua a dar-lhes.

A diplomacia hebreia é clássica: pintam com negras cores as perseguições, as servidões ou as matanças de que foram vítimas, para provocar a compaixão, ocultando no entanto, com todo o cuidado, os motivos que eles mesmos deram para provocar tais perseguições. Uma vez que conseguem inspirar compaixão, procuram convertê-la hàbilmente em simpatia, depois do que lutam sem descanso por obter todo o género de vantagens a coberto de tal compaixão e simpatia, as quais tendem sempre a destruir as defesas que contra eles hajam construído os hierarcas religiosos e civis, cristãos ou gentios, facilitando aos judeus os seus planos de domínio sobre o infeliz Estado, que, em aras dessa compaixão ou da reconciliação cristã-judia, destrói ingènuamente as muralhas que, para o defender da conquista judaica, haviam levantado governantes anteriores.

À medida que os hebreus, a coberto dessas manobras, vão

adquirindo maior influência no país que lhes oferece hospitalidade, vão-se convertendo de perseguidos em perseguidores implacáveis dos verdadeiros patriotas que intentam defender a sua religião ou o seu país contra a acção dominadora dos estrangeiros indesejáveis, até que chegam os israelitas a dominar o Estado cristão ou gentio ou a destruí-lo se assim o planearam.

Não foi outra coisa o que ocorreu durante o reinado de Witiza: primeiro conseguiram os hebreus movê-lo à compaixão e inspirar-lhe simpatia, conseguindo que os livrasse da dura servidão, decretada sobre eles, como defesa contra os seus planos de conquista pelo Concílio XVII de Toledo e pelo Rei Egica. As defesas que a Santa Igreja e a monarquia visigoda haviam criado para se proteger do imperialismo judaico foram pois demolidas. Witiza elevou-os fraternalmente à mesma categoria dos cristãos, para a seguir chegar mesmo mais longe, como o demonstram as célebres crónicas do século XIII, escritas pelo Arcebispo D. Rodrigo (Rodericus Toletanus «De Rebus Hispaniae») e a do Bispo Lucas de Tuy (Crónica de Lucas Tudensis), que nos relatam como uma vez ganha pelos hebreus a simpatia do monarca, este amparou-os e favoreceu-os, chegando a conceder-lhes maiores honrarias que às Igrejas e aos Prelados.

Como se vê, depois de obterem a libertação e a igualdade, conseguiram colocar-se em posição superior à dos Prelados e à das Igrejas. Todas estas medidas, como é natural, começaram a semear o descontentamento entre os cristãos e entre os clérigos, zelosos defensores da Santa Igreja, sendo muito possível que tão crescente oposição haja inclinado Witiza a reforçar a posição dos seus novos aliados israelitas, chamando, como afirma o Bispo Lucas de Tuy na sua crónica citada, os judeus expulsos do Império Gótico por Concílios e Reis anteriores, os quais regressaram em grande número à sua nova terra de promissão, para ampliar e intensificar o crescente poderio que iam adquirindo no reino dos visigodos. [115]

O historiador do século passado, conhecido por sua hábil defesa em favor dos judeus, José Amador de los Rios, reconhece, no entanto, que Witiza fez, quanto aos hebreus, tudo ao contrário do que haviam feito seu pai e os reis que lhe precederam: «Revogando, pois, por meio de um novo Concílio nacional, os cânones anteriores e as leis que a nação havia recebido com entusiasmo, abriu Witiza as portas do reino aos que haviam fugido para estranhas terras por não abraçarem a religião católica; relaxou o juramento dos que haviam recebido

[115] Rodericus Toletanus. «De Rebus Hispaniae». Livro III. Cap. 15 e 16. Isidoro Pacense. «Cronicón». Lucas Tudensis. «Cronicón en Hispania Ilustrata». Tomo IV.

a água do baptismo e colocou por último em elevados postos a muitos descendentes daquela raça proscrita. Não poderiam deixar de produzir estas precipitadas e pouco discretas medidas os resultados que seriam de esperar. Conseguida em breve pelos judeus uma preponderância verdadeiramente perigosa, converteram em proveito seu todas as ocasiões que para esse efeito se lhes deparavam; e urdindo talvez novos planos de vingança, preparando em segredo a desforra das ofensas recebidas sob a dominação visigoda.» [116] Este investigador insuspeito de anti-semitismo e a quem os historiadores judeus tomam em geral como fonte digna de todo o crédito, descreveu-nos, em poucas palavras, as terríveis consequências que resultaram para os cristãos da política que, com o anseio de libertar os hebreus oprimidos e conseguiu depois a reconciliação cristo-judia e a pacificação de ambos os povos, iniciou o Rei Witiza nos princípios do seu reinado.

O Padre jesuíta Juan de Mariana, historiador do século XVI, diz a respeito da tremenda transformação operada em Witiza, o seguinte: «Verdade é que, a princípio, Witiza deu mostras de bom Príncipe, de querer optar pela inocência e reprimir a maldade. Pôs termo ao desterro aos que seu pai tinha posto fora de suas casas e, para que o benefício fosse mais completo, restituiu-os em todas as suas fazendas, honras e cargos. Além disso, fez queimar os papéis e processos para que não ficasse memória dos delitos e infâmias que lhes assacavam, e pelos quais haviam sido condenados naquela revolta de tempos. Bons princípios eram estes, se houvessem continuado e não se tivessem de todo trocado e mudado. É muito difícil refrear a idade juvenil e o poder com a razão, virtude e temperança. O primeiro escalão para o desacerto foi entregar-se aos aduladores.» Continua o historiador jesuíta narrando todas as torpezas cometidas por Witiza e que fez aprovar por esse Conciliábulo de que fala Amador de los Rios, sendo curioso o comentário que faz o Padre Mariana com respeito às leis que permitiram aos hebreus públicos regressar a Espanha, assinalando com efeito textualmente: «Em particular, contra o que por leis antigas estava disposto, deu liberdade aos judeus para que volvessem e morassem em Espanha. Desde então começou a revolver-se tudo e a despenhar-se.» [117]

É muito natural que, com a entrega aos judeus de postos de governo e com o regresso dos hebreus expulsos, haja começado a revolver-se tudo e a despenhar-se. Isto é o que tem acon-

[116] J. Amador de los Rios. Obra cit. Tomo I. Págs. 102 e 103.

[117] Padre Juan de Mariana. S. J. «Historia General de España». Ediç. Valencia, 1785. Tomo II. Cap. XIX. Págs. 369 a 371.

tecido quase sempre através da história, quando os cristãos e os gentios, de forma generosa, estenderam a mão da amizade aos judeus, dando-lhes influência e poder, pois longe de agradecer esses gestos de magnânimidade, os israelitas revolveram tudo e tudo lançaram no despenhadeiro, usando a atilada frase do Padre Mariana.

O historiador católico Ricardo C. Albanés descreve a transformação operada em Witiza, da seguinte maneira: «A energia de Egica havia sabido conter a rebeldia dos judeus e as intentonas muslímicas, mas seu filho e sucessor Witiza (700-710), depois de um breve período em que seguiu uma conduta louvável, transformou-se num monarca despótico e profundamente vicioso, lançando-se nos braços dos judeus, outorgando-lhes honras e cargos públicos»... [118]

Com respeito à corrupção lamentável de Witiza, a valiosa Crónica do Século IX, conhecida como «Chronicón Moissiacense», dá impressionante descrição do negro rosário de vícios em que se sumiram Witiza e sua corte, chegando ao extremo de ter um harém em seu palácio; e para dar valor legal a esta situação, estabeleceu a poligamia no seu reino, permitindo inclusivamente aos padres cristãos terem várias esposas, com escândalo geral de toda a cristandade. Este facto é também narrado no *Chronicón de Sebastião de Salamanca,* que afirma ainda que Witiza hostilizou por forma raivosa os padres que se opunham aos seus desvarios, chegando ao ponto de dissolver Concílios e impedir pela força que os Sagrados Cânones vigentes fossem executados, colocando-se em aberta rebeldia contra a Santa Igreja. [119]

Mas Witiza não só dissolveu um Concílio que o condenava como ainda, por intermédio dos padres que o seguiam incondicionalmente, convocou outro, o qual, segundo narram o ilustríssimo Bispo Lucas de Tuy, em sua crónica medieval, o famoso historiador jesuíta Juan de Mariana e outros não menos ilustres cronistas e historiadores, se reuniu em Toledo na Igreja de São Pedro e São Paulo del Arrabal, onde na altura se encontrava um convento de freiras de São Bento. O dito Concílio aprovou tais aberrações contra a doutrina tradicional da Igreja que, ao fazê-lo, se tornou num verdadeiro Conciliábulo, cujos cânones carecem de qualquer legalidade.

Segundo afirmam os cronistas e historiadores citados, o Conciliábulo começou por contradizer a doutrina e cânones da Santa Igreja que condenavam os judeus e ordenavam aos cris-

---

[118] Ricardo C. Albanés. Obra cit. Págs. 171 e 172.

[119] «Chronicón Moissiacense» e «Chronicón Sebastiani». «España Sagrada». Tomo XIII. Pág. 477.

tãos e aos padres, em especial, que não os ajudassem nem fossem negligentes na luta contra os hebreus, sob pena de excomunhão. O Conciliábulo, contradizendo o anterior, ditou medidas de protecção para os judeus e aprovou o retorno dos expulsos em reinados anteriores; além disso, suprimiu a monogamia e estabeleceu a poligamia, permitindo até aos padres ter não só uma, mas várias esposas. As actas do Conciliábulo, que foi convocado com o carácter de Concílio XVIII de Toledo, perderam-se; só se tem notícia de alguns dos assuntos ali aprovados, pelas crónicas mencionadas. Alguns cronistas medievais chegam a assegurar que, enfurecido Witiza porque S. S. o Papa não aprovou os seus desaforos, negou obediência ao Pontífice, provocando escandaloso cisma; e que para dar força a esta separação, foi aprovada pelo citado Conciliábulo. [120]

A perseguição contra os padres fiéis à Santa Igreja foi tão dura, que muitos, por cobardia ou espírito acomodatício, chegaram a vergar-se ao tirano. O Padre Mariana, por exemplo, consigna o seguinte: «Era por este tempo Arcebispo de Toledo Gunderico, sucessor de Félix, personagem de grandes prendas e qualidades se houvesse tido a coragem de enfrentar males tão grandes; é que há pessoas a quem, ainda que desagrade a maldade, não têm ânimo bastante para fazer frente ao que a comete. Ficaram ainda assim alguns sacerdotes, os quais, pela memória do tempo passado, se mantiveram em sua pureza, não aprovando as desordens de Witiza. A estes ele perseguiu e afligiu de todas as formas até rendê-los à sua vontade, como aconteceu com Sinderedo, sucessor de Gunderico, que se acomodou com os tempos e se sujeitou ao Rei em tal grau, que ocorreu que Oppas, irmão de Witiza, ou, como outros dizem, filho, da Igreja de Sevilha, da qual era Arcebispo, fosse trasladado para Toledo. Do que resultou outra nova desordem encadeada nas demais, que houvesse juntamente dois Prelados naquela cidade contra o que dispõem as leis eclesiásticas.» [121]

Neste como em muitos outros casos, a compaixão para com os hebreus convertida logo em simpatia, e o filo-semitismo disfarçado de pretensa reconciliação ou fraternidade cristã-judia, permitiu aos israelitas libertar-se primeiro da servidão e, logo, apoderar-se do ânimo do monarca, que ficou sujeito à sua influência, com o que conseguiram alcandorar-se aos postos de

---

[120] Lucas Tudensis. «Cronicón en Hispania Ilustrata». Tomo IV. Padre Juan de Mariana, S. J. Obra cit. Tomo II. Cap. XIX. Outros historiadores põem em dúvida que as coisas hajam chegado até ao extremo de segregar de Roma a Igreja visigoda.

[121] Padre Juan de Mariana, S. J. Obra cit. Tomo II. Cap. XIX. Págs. 372 e 373.

governo. Nesta, como noutras ocasiões, coincidiram estes factos com a desorganização e corrupção do Estado cristão, a elevação dos maus e a perseguição dos defensores da Igreja e da sua nação. Por desgraça, em tempos de Witiza, faltou um Santo Atanásio, um São João Crisóstomo ou um São Félix, que salvassem a situação. Pelo contrário, os Arcebispos e Bispos, mais desejosos de viver còmodamente que de cumprir com o seu dever, acabaram por submeter-se ao tirano, acomodando-se com os tempos. Uma situação assim não podia desembocar se não numa espantosa catástrofe, tanto para a sociedade cristã como para a Igreja visigoda, que não tardaram a fazer sucumbir sangrenta e devastadoramente.

A situação que estamos analisando tem especial importância pela sua notável parecença com a situação actual. A Santa Igreja acha-se ameaçada de morte pelo comunismo, maçonaria e judaísmo; e, por desgraça, não se vê surgir de nenhum lado o novo Santo Atanásio, o novo São Cirilo de Alexandria, o novo São Félix, que salvem a situação. Os maus aprestam-se a destruir as defesas da Igreja, a modificar seus ritos, a manietar os cristãos e a entregá-los, como então, nas garras do imperialismo judaico. Os bons encontram-se acobardados, porque até este momento não se vê claro que Cardeais ou Prelados tomarão de forma eficaz a defesa da Santa Igreja e da Humanidade ameaçadas, agora mais que nunca, pelo imperialismo hebreu e sua revolução comunista.

Encomendamo-nos fervorosamente a Deus Nosso Senhor, para que neste, como em outros casos, faça surgir um novo São Bernardo, que salve a Santa Igreja, a cristandade e a Humanidade do terrível desastre que as ameaça.

Os altos jerarcas da Igreja devem ter presente que, por se acomodarem ao tempo, claudicam como claudicou o alto clero dos tempos de Witiza e serão tão responsáveis como os próprios israelitas pela catástrofe que se abata sobre o mundo cristão. Serão tão culpados como o foram em grande parte esses Prelados e padres que, nos últimos dias do Império Visigótico, facilitaram com sua cobardia e sua posição acomodatícia a cruel destruição que a seguir sobreveio para a cristandade nos confins do ferozmente aniquilado Império, destruição realizada pelos muçulmanos, com a ajuda eficaz e decisiva da quinta coluna judaica.

O reinado de Witiza apresenta-nos outro exemplo clássico do que acontece com uma nação que os judeus querem afundar e que, adormecida e enganada por um suposto desejo de cimentar a reconciliação judeo-cristã, a unidade dos povos, a igualdade dos homens e outros ideais do mesmo estilo, formosos se fossem sinceros, comete o erro de permitir que os israe-

litas escalem posições elevadas na nação que planeiam arruinar ou conquistar. Em tais casos, a História demonstra-nos que os judeus espalham por todos os meios ao seu alcance a imoralidade e a corrupção, visto que é relativamente fácil arruinar um povo debilitado por ambas as pragas, porque assim ficará incapacitado de defender-se adequadamente. É uma estranha coincidência, que também no caso do Império Gótico, quando Witiza permitiu aos hebreus adquirir elevadas posições no seu governo e na sociedade cristã, começou nesta a imperar e a difundir-se toda a classe de corrupções e imoralidades, a principiar pelo Rei e seus íntimos colaboradores, esse Rei que se havia entregado nas mãos de ignóbeis conselheiros e colaboradores judeus.

A corrupção de costumes que chegou a caracterizar os reinados de Witiza e o brevíssimo de Rodrigo é descrita com eloquentes palavras pelo Padre Mariana, S. J., que diz: «Tudo era convites, manjares delicados e vinho, com que tinham estragadas as forças, e com as desonestidades, de todo o ponto perdidas e a exemplo dos principais, os mais do povo faziam vida torpe e infame. Eram mui a propósito para levantar bulícios; mas mui inábeis para acudir às armas e vir a punhos com os inimigos. O Império e senhorio ganho por valor e esforço perdeu-se pela abundância e deleites que de ordinário a acompanham. Todo aquele rigor e esforço, com que tão grandes em guerra e em paz acabaram, os vícios o apagaram e juntamente desbarataram a disciplina militar, de sorte que não se podia encontrar coisa naquele tempo mais estragada que os costumes de Espanha, nem gente mais curiosa em buscar todo o género de regalo.» [122] O comentário que faz a estas acusações o diligente historiador José Amador de los Rios é também muito interessante: «Impossível parece ler estas linhas, que trasladamos de um historiador muito digno de respeito, sem obter o convencimento de que um povo chegado a tal estado se achava à beira de uma grande catástrofe. Nenhum sentimento nobre e generoso havia conseguido sobrenadar em tão desfeita borrasca; tudo era escarnecido e envolto no mais afrontoso vilipêndio. Aqueles crimes, aquelas aberrações haviam de atrair a grandes expiações e castigos; e não decorreram muitos anos sem que os campos de prazer humedecessem com o sangue visigodo e sem que o fogo muçulmano devorasse os palácios que havia erguido a molice dos descendentes de Ataúlfo.» [123]

Urge fazer finca-pé em duas significativas coincidências: Primeira: não havia nesses tempos na cristandade sociedade

[122] Padre Juan de Mariana, S. J. Obra cit. Tomo II. Cap. XXI. Pág. 375.

[123] J. Amador de los Rios. Obra cit. Tomo I. Págs. 103 e 104.

mais estragada pela corrupção que a do Império Godo, facto que coincide com a circunstância de que tão pouco havia na cristandade reino em que os judeus houvessem adquirido tanta influência, visto que os outros, fiéis às doutrinas tradicionais da Igreja, continuavam lutando, em maior ou menor grau, contra o judaísmo. Segundo: tal estado de corrupção veio precisamente quando os judeus, libertos das cadeias que os impediam de fazer o mal, conseguiram elevar-se a posições elevadas na sociedade visigótica.

Mil e duzentos anos depois de ocorridos estes factos, os sistemas judaicos continuam em essência os mesmos. Querem aniquilar o poderio dos Estados Unidos, da Inglaterra e de outros Estados ocidentais, e estão espalhando neles a corrupção e a imoralidade. São muitos os escritores patriotas que têm denunciado os judeus como os principais agentes no tráfico de brancas, no comércio de drogas heróicas, na difusão do teatro e cinema pornográficos e deprimentes, tudo coisas que estão causando estragos na juventude norte-americana, britânica, francesa e de outros países, cujo afundamento está decretado pelo judaísmo. Como poderá ver-se, os sistemas pouco têm mudado em mil e duzentos anos.

CAPÍTULO DÉCIMO OITAVO

OS JUDEUS ATRAIÇOAM OS SEUS MAIS FIÉIS AMIGOS

Witiza, lançado nos braços dos hebreus e rodeado de conselheiros israelitas, chegou ao cúmulo dos desatinos, numa política que se nos antolha suicida. Segundo uns, sob pretexto do seu amor pela paz e, segundo outros, para poder reprimir mais fàcilmente os opositores da sua absurda política, que cada dia cresciam em número e força, mandou converter as armas em arados e demolir as muralhas de muitas cidades com suas poderosas fortificações, que teriam dificultado enormemente a invasão muçulmana, enquanto os judeus, atraiçoando o seu leal amigo Witiza, a estavam instigando no Norte de África, com o fim de aniquilar para sempre o Estado cristão e possibilitar o aniquilamento de toda a cristandade europeia.

O Arcebispo Rodericus Toletanus e o Bispo Lucas de Tuy, em suas crónicas já citadas, narram como o governo de Witiza mandou derrubar as muralhas das cidades, destruir as fortificações e converter as armas em arados. [124]

O célebre historiador espanhol do século passado, Marcelino Menéndez y Pelayo, ao mencionar a traição dos judeus, diz: «A população indígena teria podido resistir ao punhado de árabes que passou o Estreito, mas Witiza havia-a desarmado, as torres estavam por terra e as lanças convertidas em charruas.» [125]

Enquanto o Império Visigótico, sob a influência dos judeus conselheiros e amigos de Witiza, se desarmava, destruía suas defesas e anulava o seu poder bélico, os hebreus animavam os muçulmanos a realizar a invasão e destruição do império cristão, para o que faziam no Norte de África grandes preparativos.

---

[124] Lucas de Tuy. «Chronicón. Era 735». Rodericus Toletanus. «Rerum in Hispania Gestarum». Livro III. Capítulos XV e XVI.

[125] Marcelino Menéndez y Pelayo. «Historia de los Heterodoxos Españoles». Edição do Conselho Superior de Investigações Científicas. 1946. Tomo I. Cap. III. Pág. 373.

No país que desejavam arruinar, os israelitas inculcavam o pacifismo; em contrapartida, no que iam utilizar como instrumento para arruinar o anterior, pregavam belicismo, táctica judaica clássica utilizada através dos séculos em diversos Estados e que na actualidade praticam com toda a perfeição que lhes permite uma experiência de vários séculos.

É curioso notar que os hebreus, na actualidade, seja directamente, seja por meio das organizações maçónicas, teosóficas, partidos socialistas, comunistas, infiltrações secretas que têm nas diversas Igrejas cristãs, Imprensa que controlam, Rádio e Televisão, etc., pregam o pacifismo e o desarmamento no mundo livre, enquanto que na União Soviética e demais Estados sujeitos à ditadura socialista totalitária inculcam ao povo o belicismo; e, logo terminada que foi a passada guerra mundial, desarmaram os Estados Unidos e a Inglaterra de forma perigosíssima, foram entregando ao comunismo posições vitais e destruindo ao mesmo tempo as defesas básicas dessas grandes potências, armando até aos dentes a U. R. S. S. e os outros países comunistas, inclusive com gigantescos recursos bélicos tirados traidoramente desses países pelos hebreus quinta-colunistas, que controlavam os Governos de Washington e Londres, incluindo os segredos atómicos e dos projécteis foguete. Em substância, as tácticas são as mesmas que há mil e duzentos anos.

Se as populações dos Estados Unidos, da Inglaterra e de outras nações do mundo livre não abrem os olhos a tempo e não reduzem à impotência a quinta coluna judaica que têm introduzida dentro de si, muito breve verão os seus países arrasados e dominados pela horda judeo-bolchevique, que as reduzirá à escravidão, como aconteceu há mais de doze séculos com o cristão Império Visigótico. É curioso observar que, até em pormenores, continuam praticando os hebreus tácticas semelhantes.

Aconteceu-nos ver nos Estados Unidos, pintado em diferentes lugares, o texto bíblico relativo a que «as armas se converterão em arados», ideal sublime mas só factível de realização quando todos os grupos contendentes o pratiquem por igual. Os hebreus utilizam-no agora como há mil e duzentos anos, para induzir ao pacifismo e ao desarmamento dos povos que querem afundar, quer dizer, de todos os povos do mundo que se encontram ainda livres da sua ditadura totalitária e comunista, porque nos Estados socialistas onde já a impuseram e que estão sendo utilizados para escravizar o mundo livre, longe de converter as armas em arados, criaram a mais gigantesca e destruidora indústria bélica de todos os tempos. Assim, pois, por um lado, os povos da humanidade livre são adormecidos

pelas prédicas pacifistas, a corrupção e as discórdias promovidas pela quinta coluna hebreia introduzida neles; e por outro lado, da Cortina de Ferro, prepara-se a demolidora invasão que, de forma esmagadora, poderá triunfar, se os povos livres deixarem subsistir as traidoras quintas colunas que entre eles mantêm os israelitas e que facilitarão o triunfo do comunismo na hora precisa, como facilitaram também, na hora adequada, a destruição do Estado cristão dos visigodos.

Pelo ano de 709, o descontentamento da nobreza e do povo contra Witiza havia tomado proporções tais que a sua situação se tornava insustentável; foi então que o judaísmo nos brindou com uma lição mais da sua alta política, empregando um sistema que depois de doze séculos aperfeiçoou de forma eficacíssima: quando consideram perdida a causa que sustentam, destacam elementos ao bando rival, antes de acontecer o desastre, para que, se se tornar inevitável o seu triunfo, ao consumar-se este, lutem esses judeus por ficar sempre por cima, e, se possível, à cabeça do novo regime. Dessa forma, triunfe um bando ou o outro, eles ficam sempre dominando a situação. Praticam com científica mestria o princípio de que a única maneira segura de acertar uma carta, é apostando em todas ao mesmo tempo.

Este tem sido um dos grandes segredos do triunfo progressivo do imperialismo judaico através dos séculos, e que lhes tem permitido chegar ao domínio universal; por isso todos os dirigentes religiosos e políticos da Humanidade devem tomar muito em conta esta clássica manobra da alta política judaica, prevenindo o engano e evitando o ardil.

Vendo pràticamente perdida a causa do seu protector e leal amigo Witiza, não tiveram os hebreus escrúpulos em atraiçoá-lo, para poderem a tempo escalar posições decisivas no bando contrário, posições que lhes permitissem dominá-lo, ao obter a vitória. O seguinte pormenor, que devemos à escrupulosa investigação de um douto historiador, Ricardo C. Albanés, é muito eloquente: «Esta degeneração e despotismo provocou um profundo descontentamento, pelo que desde princípios do ano 710 estava condenada a dinastia de Witiza. O célebre Eudon, judeu segundo se tem sustentado e cuja raça ocultava, pôs-se à frente do partido espanhol ou romano, ameaçado pela reimplantação da fatídica lei de raças derrogada por Recesvinto e, mediante uma rápida e hábil conspiração, aprisionou Witiza. Constituídos os sublevados em junta (Senado romano), pensaram em nomear Rei a Rodrigo, neto do grande Recesvinto, Rei a quem tanto deviam os espanhóis romanos, por haver derrogado os aborrecidos privilégios góticos (que tinham subjugado a raça hispano-latina conquistada pelos Godos). Rodrigo, reti-

rado à vida do lar, resistia cingir a coroa que lhe oferecia o conspirador, mas, cedendo por fim, ocupou o trono, recompensando em seguida Eudon ao nomeá-lo Conde dos Notários, isto é, Ministro de Estado e homem de todas as confianças reais.» [126]

Triunfante a conjura, o voto da maioria dos magnates visigodos, descontentes já com Witiza, legalizou ao que parece o reinado de Rodrigo.

Por outro lado, logo após o seu derrubamento, morreu Witiza, segundo alguns de morte natural e, segundo outros, cruelmente martirizado por Rodrigo, que lhe mandou arrancar os olhos. Esta última versão é verosímil, se se tomar em conta que Witiza havia assassinado anos antes o pai de Rodrigo e lhe tinha também arrancado os olhos, deixando-o cativo e cego. Era pois de esperar que nada de bom havia de acontecer a Witiza ao cair nas mãos do filho de Teodofredo, martirizado da forma atrás descrita.

Assim pagou o judaísmo internacional os grandes benefícios que recebeu de Witiza, que não só libertou da escravidão os cristãos criptojudeus do reino, mas que chamou do exílio os judeus públicos, permitiu praticar a uns e outros livremente o judaísmo, os alçou às mais altas posições e lhes ofereceu a sua mais absoluta confiança, em aras da reconciliação judeo-cristã e da fraternidade dos povos. A História oferece-nos com frequência exemplos trágicos deste tipo, que, por infelicidade, a necessária brevidade desta obra nos impede incluir nela.

Para o judeu imperialista, a amizade do cristão ou gentio e a fraternidade cristo-judia não é mais que um simples meio para obter vantagens que facilitem a tarefa do judaísmo, tendente a aniquilar os seus inimigos e a conquistar os restantes povos, mediante a destruição de suas defesas internas; enfim, se lhes convém, acabam por trair também, da forma mais cruel, os ingénuos que se entregam nos seus braços, ou que inconscientemente lhes fazem o jogo. Pobre do que se deixa enganar pelos alardes de amizade, pela hábil diplomacia dos hebreus imperialistas! A História está cheia de trágicos desenlaces para aqueles que infantilmente creram em tal amizade e se deixaram envolver por tão experimentada diplomacia.

É fácil compreender a influência decisiva que deve ter tido o judeu Eudon, Ministro de Estado do Rei Rodrigo, sobre este homem que nem sequer queria ser Rei e que só acedeu a sê-lo devido às instâncias repetidas do hebreu, pois em primeiro lugar, o artífice de uma nova situação política tem sobre ela influência decisiva, pelo menos durante algum tempo; e não existem indícios de que o débil Rodrigo, dado também aos ví-

[126] Ricardo C. Albanés. Obra cit. Pág. 173.

cios e à luxúria, tenha sequer tentado sacudir o poder do seu Ministro de Estado. Por outra parte, a política seguida por Rodrigo é em si tão suicida, que às claras se vê que foi inspirada pelos que planearam a sua ruína, e, com ela, a da cristandade no moribundo Império Gótico. A benéfica influência que poderia ter exercido Pelayo, Chefe da Guarda Real, não se fez sentir, sendo evidente que foram outros os que manejaram a política do débil monarca, que entregou o comando de parte dos seus exércitos ao Arcebispo Oppas, personagem que não só era parente próximo de Witiza, mas também braço direito deste na direcção da desastrosa política eclesiástica do monarca. Além disso, no preciso momento de se estarem os muçulmanos preparando para invadir o Império pelo sul, com a ajuda dos judeus, era o Rei Rodrigo induzido a marchar para o norte com os seus exércitos para conquistar a Vascónia, que os godos nunca haviam podido dominar.

O historiador Ricardo C. Albanés, depois de assinalar que Tarik-ben-Ziyad, nesses dias, conseguiu avançar à frente de quatro mil sarracenos até ao norte do actual Marrocos, diz: «Foi então que o traidor Conde D. Julião, Governador de Ceuta e um dos conjurados, entregou a Tarik essa importantíssima chave do estreito de Gibraltar, incitando-o em seguida a passar a Espanha e oferecendo-se como guia. Na corte do Toledo não se dava importância a tais sucessos, qualificando-os de intentonas que Teodomiro, Duque da Bética, fàcilmente poderia dominar, induzindo-se pelo contrário a Rodrigo para que, à frente do seu exército, se trasladasse ao norte de Espanha, a realizar a conquista da Vascónia que não haviam conseguido os mais poderosos monarcas godos. E para determinar esta mobilização se revelou Pamplona, movida pelas intrigas e ouro da poderosa e antiga judiaria da dita cidade. Entretanto, Tarik, à frente dos seus barbarescos, franqueia o Estreito e cerca na Bética as hostes do leal Teodomiro, escrevendo então este aguerrido general a célebre carta na qual angustiadamente pedia auxílio a Rodrigo, que se encontrava na Vascónia.» [127]

Estando já os filhos de Witiza e o traidor Arcebispo Oppas em secreto contubérnio com os judeus e muçulmanos, Rodrigo comete o erro mortal de entregar-lhes o comando de importante parte do exército, que deveria travar a batalha decisiva contra os muçulmanos invasores. Na véspera da batalha que os espanhóis chamam de Guadalete, os filhos de Witiza conferenciaram com os nobres godos e judeus conjurados. Com efeito, a crónica árabe «Abjar Machmua» conta que disseram: «Este mal-nascido, referindo-se a Rodrigo, fez-se dono de nosso

[127] Ricardo C. Albanés. Obra cit. Págs. 173 e 174.

reino sem ser de nossa estirpe real, antes bem um dos nossos inferiores; aquela gente que vem de África não pretende estabelecer-se no nosso país; a única coisa que deseja é ganhar proveito; conseguido isso ir-se-á embora e deixar-nos-á. Empreendamos a fuga no momento da luta e esse miserável será derrotado.» [128]

Os doze mil muçulmanos comandados por Tarik, enfrentaram no dia seguinte os cem mil cristãos comandados por Rodrigo, o Arcebispo Oppas e os dois filhos de Witiza. A batalha decorria como era natural de forma favorável para os visigodos, mas então o Arcebispo traidor e os dois filhos de Witiza, no momento adequado, longe de fugir e deixar Rodrigo só, passaram-se com os seus exércitos ao bando islâmico, fazendo em pedaços o resto da tropa que permanecia fiel ao Rei Rodrigo, segundo narra o cronista árabe Al-Makkari. [129]

Nesta batalha decisiva, perdeu a vida Rodrigo, segundo sustentam a maioria dos historiadores. Ainda se mantém gravada a recordação, em diversas regiões de Espanha, da traição do Arcebispo Oppas, que, como digno sucessor de Judas Iscariote, atraiçoou Cristo e a sua Santa Igreja, colaborando de forma decisiva, com os inimigos desta, na destruição da cristandade, no que fora em outros tempos o esplendoroso Império dos Visigodos. Grande amigo dos judeus como o seu parente Witiza, acabou por atraiçoar, da forma mais catastrófica, a sua pátria e a sua Igreja em combinação com os hebreus, que utilizavam nessa altura, para destruir o cristianismo, a pujante força do nascente Islão, tal como outrora haviam empregado o poder omnipotente da Roma pagã.

Infelizmente, em nossos dias, há no alto clero muitos imitadores do Arcebispo Oppas que, em oculto contubérnio com o judaísmo, facilitam os triunfos do comunismo e da maçonaria, destroçando pelas costas tanto os padres como os dirigentes seculares que defendem a Santa Igreja ou a sua pátria, ameaçadas pelo imperialismo judaico e suas revoluções maçónicas ou comunistas, da mesma forma que o Arcebispo Oppas atacou então pela retaguarda o exército de Rodrigo, defensor da cristandade naqueles momentos decisivos.

Que Cristo Nosso Senhor ajude a Santa Igreja e a Humanidade contra as traições dos Oppas do século XX!

A Enciclopédia Espanhola Espasa Calpe narra a traição

---

[128] «Abjar Machmua». Tradução de Don Emilio Lafuente y Alcántara. Colecção de Obras Arábicas de História e Geografia. Publicação de Real Academia da História. Madrid. Tomo I.

[129] Al-Makkari. Citado por *Ricardo C. Albanés* em sua obra citada. Págs. 175 e 176.

do Arcebispo Oppas, tomando em conta crónicas cristãs, da seguinte maneira: «Tarik, reforçadas as tropas deste por 5000 barbarescos, enviados a seu pedido por Musa, muitos judeus e os cristãos partidários de Witiza, num total de uns 25 000 homens contra 40 000, aceita a batalha. Esta durou dois dias, levando vantagem no primeiro os visigodos, graças à cavalaria de que careciam os barbarescos. Então teve lugar a traição de Sisberto e de Oppas, que se passaram ao inimigo, e se bem que o centro do exército comandado pelo Rei pelejasse com valor, foi derrotado. (19 e 20 de Junho de 711)». [130]

Com respeito à traição do Arcebispo Oppas, que fez perder à cristandade um vasto império, o historiador jesuíta do século XVI, Juan de Mariana, narra como o dito Prelado assistiu primeiro aos filhos de Witiza nos preparativos da negra conspiração, e, depois, referindo-se ao papel de Oppas na batalha decisiva, diz: «A vitória esteve duvidosa até grande parte do dia, sem decidir-se. Só os mouros davam alguma mostra de fraqueza e parece que queriam ciar (retroceder) e até voltar as costas, quando, ó incrível maldade!, dissimulada até então a traição, o Arcebispo Oppas, no mais aceso da peleja, conforme em segredo havia concertado, com um bom golpe dos seus, se passou aos inimigos. Juntou-se com D. Julião, que tinha consigo grande número de godos, e de través, pelo flanco mais fraco, acometeu os nossos. Estes, atónitos com traição tão grande e por estarem cansados de pelejar, não puderam sofrer aquele novo ímpeto e, sem dificuldade, foram rotos e postos em fuga.» [131]

É natural que haja diferenças entre os números fixados a ambos os exércitos pelos historiadores cristãos e muçulmanos, mas é evidente que, de qualquer forma, o exército cristão era superior em número ao sarraceno e que só a traição do Arcebispo e a conjura dirigida principalmente pela quinta coluna judaica tornaram possível que um império tão vasto haja podido ser conquistado tão ràpidamente por um pequeno exército. O Rei Rodrigo tinha razão em negar importância à invasão islâmica, dado o pequeno contingente dos exércitos invasores, mas com o que não contava era com a traição que se estava urdindo em segredo nem com o terrível poder da quinta coluna judia, que, como a seguir demonstraremos, desempenhou um papel decisivo nesta luta. Queira Deus que as nações do mundo livre aproveitem as experiências da História, e que, embora se considerem mais fortes que as nações dominadas pelo comunismo, tenham sempre em conta que podem falhar catastròficamente todos os cálculos numa guerra, se se permitir às

[130] Enciclopédia Espasa Calpe. Tomo XXI. Vocábulo *España*. Pág. 906.

[131] Padre Juan de Mariana, S. J. Obra cit. Tomo II. Cap. XXI. Pág. 377.

quintas colunas judaicas que continuem minando em segredo os Estados livres, porque, num dado momento, podem estas desarticular por completo as suas defesas e dar um fácil triunfo ao comunismo.

Para completar o conjunto de provas que demonstram a destruição de um Estado cristão há mais de mil e duzentos anos e a sua entrega, pela quinta coluna judaica, aos inimigos da cristandade, vamos apresentar diversos testemunhos históricos de cristãos, muçulmanos e judeus que dão por certa a cumplicidade dos israelitas residentes no Império Gótico e fora dele, com a invasão dos muçulmanos, aos quais ajudaram por diversas formas. As provas que vamos apresentar são em conjunto incontrovertíveis, visto que, além da autoridade dos cronistas ou historiadores citados, é inverosímil que em meio dessa encarniçada guerra de séculos, sustentada por cristãos e muçulmanos, se tenham posto de acordo as partes antagónicas para culpar os judeus da traição ao Estado em que habitavam; mas, ainda por cima, os autores israelitas a coincidem com as anteriores, precisamente nesse mesmo facto histórico.

O famoso historiador católico Marcelino Menéndez y Pelayo, de grande reputação mundial no século passado, escreve o seguinte: «Averiguado está que a invasão dos árabes foi iniquamente patrocinada pelos judeus que habitavam em Espanha. Eles abriram-lhes as portas das principais cidades.» [132]

O historiador holandês, descendente de huguenotes, Reinhart Dozy, que tanto prestígio adquiriu no século passado, dá em sua obra mestra «História dos Muçulmanos de Espanha», uma série de dados que confirmam a ajuda valiosíssima que os hebreus prestaram aos sarracenos, facilitando-lhes a conquista do Império Gótico. [133]

O historiador judeu norte-americano, doutor Abraham León Sachar, que foi director nacional das Fundações Hillel para as Universidades nos Estados Unidos, na sua obra intitulada «História dos Judeus», assevera, entre outras coisas, que as hostes árabes cruzaram os estreitos que as separavam da Espanha em 711 e se fizeram donos do país, ajudados pela condição decadente do reino visigótico e, sem dúvida, pela atitude simpática dos judeus. [134]

A Comissão de Sinagogas Unidas para a Educação Judia, com domicílio em Nova Iorque, fez uma edição oficial da obra

[132] Marcelino Menéndez y Pelayo. Obra cit. Tomo I. Cap. III. Págs. 372 e 373.

[133] Reinhart Dozy. Obra cit. Págs. 267 e seguintes.

[134] Abraham Leon Sachar. «História dos Judeus». Edições Ercilla. Santiago do Chile, 1945. Pág. 227.

intitulada «O Povo Judeu», de Deborah Pessin, onde se afirma: «No ano de 711, a Espanha foi conquistada pelos muçulmanos e os judeus saudaram a sua vinda com júbilo. Eles regressaram a Espanha dos países para onde haviam fugido. Eles sairam ao encontro dos conquistadores, ajudando-os a tomar as cidades de Espanha.» [135] Em poucas palavras, esta publicação oficial hebreia resume a acção dos israelitas que, como se viu, foi dupla: Por um lado, os judeus do Norte de África uniram-se aos exércitos muçulmanos invasores, e por outro lado, os israelitas habitantes do Império Gótico, a quinta coluna, abriu aos invasores as portas do reino, quebrando as defesas por dentro.

O historiador judeu-alemão, Josef Kastein, na sua obra «História e Destino dos Judeus», dedicada com profundo respeito a Albert Einstein, diz: «Os barbarescos ajudaram o movimento árabe a estender-se até Espanha, enquanto os judeus sustentavam o empreendimento ao mesmo tempo com homens e com dinheiro. em 711, os barbarescos comandados por Tarik cruzaram o Estreito e ocuparam Andaluzia. Os judeus convergiram com piquetes de tropas e guarnições para o distrito.» [136]

Este historiador israelita traz-nos o valioso dado de que os hebreus sustentaram também financeiramente a invasão e conquista do Império Visigótico.

O historiador hebreu Graetz, depois de mencionar que na conquista do Império Visigótico pelos muçulmanos intervieram tanto os judeus do Norte de África como os que residiam em Espanha, continua narrando que: «Depois da batalha de Jerez (Julho 711) e da morte de Rodrigo, o último Rei visigodo, os árabes vitoriosos continuaram avançando, e em todas as partes foram apoiados pelos judeus. Em cada cidade que conquistavam, os generais muçulmanos não tinham possibilidade de deixar uma pequena guarnição de suas próprias tropas, visto que necessitavam dos seus homens para submeter o país, por isso confiavam a sua custódia aos judeus. Desta maneira, os judeus, que, em certo tempo, haviam sido submetidos a servidão, agora convertiam-se em senhores de Córdova, Granada, Málaga e muitas outras cidades.» [137]

O rabino Jacob S. Raisin indica que a invasão da Espanha goda foi realizada por um exército de «doze mil judeus e mouros», chefiados por um judeu convertido ao Islão, filho de

---

[135] Deborah Pessin. «The Jewish People». Livro II. Ediç. United ynagogue Commission on Jewish Education. Nova Iorque. 5712-1952. Págs. 200 e 201.

[136] Josef Kastein. «History and Destiny of the Jews». *Translated from the German by* Huntley Paterson. Nova Iorque. 1933. Pág. 239.

[137] Graetz. Obra cit. Tomo III. Pág. 109.

Cahena, uma heroína pertencente a uma tribo de barbarescos judaizantes e que foi a mãe de Tarik-es-Said. Depois continua dizendo: «Na batalha de Jerez (711) o Rei visigodo Rodrigo foi derrotado por um dos generais de Cahena, Tarif-es-Said, «um judeu da tribo de Semião», devido ao qual se deu o nome de Tarifa à ilha. Ele foi o primeiro mouro que pôs pé no solo de Espanha.» [138] É curioso que o citado rabino, apesar de indicar que Tarik-es-Said professava já a religião muçulmana, lhe continua chamando judeu da tribo de Semião. Isto podem compreender fàcilmente os que sabem o nulo valor que têm as conversões dos judeus a outras religiões, porque, com raríssimas excepções, são sempre fingidas.

Entre os historiadores árabes e suas crónicas fala-se da cumplicidade dos judeus na invasão e conquista do Império Visigótico; entre outras, a crónica formada por uma colecção de tradições, compiladas no século XI e conhecida como «Abjar Machmua», que menciona a conspiração dos judeus para atraiçoar Rodrigo.

Estes judeus iam no exército visigodo com os filhos de Witiza e com os nobres godos descontentes, na véspera da batalha decisiva. Há também outros pormenores sobre a cumplicidade dos hebreus que habitavam em Espanha, pois, segundo se narra, quando estes encontravam muitos judeus numa cidade, lhes deixavam a custódia desta, juntamente com um destacamento de muçulmanos, enquanto o grosso das tropas continuava avançando. Em outros casos, confiavam simplesmente a custódia das cidades capturadas aos habitantes judeus, sem deixar nenhum destacamento islâmico. Assim, referindo-se a mencionada crónica árabe à captura de Córdova, observa que: «Reuniu Moguits em Córdova os judeus a quem encomendou a guarda da cidade», e referindo-se a Sevilha, afirma: «Confiou Muza a guarda da cidade aos judeus.» O mesmo diz de Elvira (Granada) e de outras populações. [139]

Dados não menos interessantes sobre este assunto apresenta o historiador sarraceno Al-Makkari, o qual, referindo-se aos muçulmanos invasores, diz: «Tinham por costume juntar os judeus nas fortalezas com alguns poucos muçulmanos, encarregando-se da guarda das cidades, para que continuasse a restante tropa a sua marcha a outros pontos.» [140]

O cronista islâmico Ibn-el-Athir, na sua famosa crónica «El Kamel», deu diversos pormenores sobre a invasão muçulma-

---

[138] Rabino Jacob S. Raisin. Obra cit. Pág. 429.

[139] «Abjar Machmua». Publicação cit. Tomo I. Págs. 23 e segs.

[140] Al-Makkari, citado por Vicente Risco. «História dos Judeus». Editorial Surco. Barcelona, 1960. Pág. 212.

na no Império Gótico e sobre a cumplicidade judaica, dados que foram também confirmados depois pelo historiador muçulmano Ibn-Khaldoun, nascido em Túnis em 1332, em sua célebre «História dos Barbarescos». Dele toma-se o seguinte facto, por ser de capital importância para nos ilustrar sobre o que entendem os israelitas por reconciliação ou fraternidade judeo-cristã.

Ibn-Khaldoun, citando Ibn-el-Athir, diz que depois de tomada Toledo pelos muçulmanos, «os outros destacamentos capturaram as cidades contra as quais haviam sido enviados e que Tarik estabeleceu em Toledo os judeus, com um ou outro dos seus companheiros, e se dirigiu a...» [141]

E que foi que aconteceu à população civil cristã, quando ficou nas garras dos judeus?

Seria possível que essa reconciliação e amizade cristã-judia que os hebreus atraiçoaram de forma já de sobra demonstrada, servisse agora, que já tinham aferrolhadas as suas vítimas, para usar para com elas de clemência e tolerância?

A Crónica do século XIII, do ilustríssimo Bispo Lucas de Tuy, oferece-nos dados muito reveladores a tal respeito. Esta versão dos factos é repetida depois por quase todos os historiadores toledanos, ao afirmar que, sitiada a capital visigótica pelo chefe Tarik-ben-Zeyad, «saíram os cristãos da cidade a celebrar na próxima Basílica de Santa Leocádia a paixão do Salvador no Domingo de Ramos de 715, e aproveitando-se os judeus da sua ausência, puseram nas mãos dos muçulmanos a cadeira de Leovigildo e de Recaredo, sendo os cristãos degolados, parte na vega e parte na Basílica.» [142]

O historiador judeu Graetz dá uma versão que coincide com a anterior, ao dizer que quando Tarik chegou frente a Toledo, esta estava custodiada por uma pequena guarnição, e que enquanto os cristãos estavam na Igreja rezando pela salvação do seu país e da sua religião, os judeus abriram as portas da cidade aos árabes vitoriosos, no Domingo de Ramos de 712, recebendo-os com aclamações e vingando assim as muitas misérias que haviam caído sobre eles no decurso de um século desde os tempos de Recaredo e Sisebuto. [143] Naturalmente que o dito historiador judeu se abstém de mencionar a matança de cristãos que a seguir sobreveio e de que tanto fala a Crónica do Bispo D. Lucas de Tuy, como a maioria dos historiadores antigos de Toledo.

---

[141] Ibn-el-Athir. Crónica «El-Kamel» e Ibn-Khaldoun. «Histoire des Berbederes». Tradução do árabe ao francês pelo Barão de Salane. Ediç. de Argel. Ano 1852. Tomo I.

[142] Crónica de Lucas Tudensis. «Hispania Ilustrata». Tomo IV.

[143] Graetz. Obra cit. Tomo III. Pág. 109.

É de citar-se, a tal respeito, um precedente interessante: havia mais ou menos um século que o Imperador bizantino Heráclio havia pressionado os monarcas visigodos para que expulsassem os judeus de Espanha, porque a sua permanência em Estados cristãos constituia um perigo para a vida destes, citando o facto de os israelitas terem «comprado a Cosroes oitenta mil cativos cristãos, que degolaram sem piedade.» [144] Infelizmente, Sisebuto, longe de extirpar pela raiz a perigosa e mortal quinta coluna, pôs os judeus perante a disjuntiva de expulsão ou conversão, empurrando com isso a imensa maioria a converter-se fingidamente ao cristianismo, tornando assim a quinta coluna judia no Estado cristão em quinta coluna no seio da própria Igreja e aumentando com isso imensamente a sua perigosidade.

É evidente que na matança de cristãos devem ter participado muçulmanos e judeus, mas, por um lado, a benignidade e tolerância dos conquistadores árabes em Espanha é reconhecida até pelos escritores judeus; e por outro lado, os factos demonstram-nos que os israelitas, sempre que puderam saciar os seus ódios contra os cristãos, organizaram eles mesmos matanças e incitaram depois os pagãos de Roma a verificá-las. Por outro lado, sempre que triunfou alguma heresia ou revolução, dirigida pelo judaísmo, degenerou com frequência em matanças de cristãos; e já não se fala das revoluções judeo-comunistas dos nossos dias, em que os assassínios maciços estão na ordem do dia.

Perante a reconhecida tolerância dos árabes vitoriosos em Espanha e os factos que estamos analisando, é fácil imaginar quem foram os principais inspiradores das degolações de cristãos no subjugado Império Gótico.

Seja como for, uma coisa é evidente: a política de reconciliação cristã-judaica, iniciada no reino visigodo por Witiza, teve catastróficos resultados, visto que trouxe, com o tempo, a destruição de um Estado cristão, a perda da independência pátria e até a matança cruel de inúmeros cristãos.

Para terminar, inseriremos o que diz a tal respeito o grande amigo dos judeus, o historiador José Amador de los Rios, insuspeito de anti-semitismo, referindo-se à já citada invasão muçulmana: «E qual foi entretanto a conduta do povo hebreu? Aprestou-se acaso para a luta em defesa da sua pátria adoptiva? Ou bem permaneceu neutral no meio de tanto estrago, uma vez que não lhe era dado resistir ao ímpeto dos vencedores? O amor da pátria, quer dizer, o amor ao solo em que se nasceu e a gratidão às últimas disposições dos reis godos pareciam

[144] Enciclopédia Espasa Calpe. Tomo XXI. Vocábulo *España*.

exigir daquele povo que reunisse as suas forças com as da nação visigoda para rechaçar a invasão estrangeira, abrindo no tempo próprio as suas arcas para acudir às prementes necessidades do Estado. Mas, como contrapeso destas razões, existiam antigos ódios e as vivas recordações de passados ultrajes; a condição dos judeus como povo que tinha igualmente sua morada em todos os ângulos da Terra, seus interesses gerais e particulares, seus costumes e um género de vida errante que de contínuo levavam, incitando-os por outro lado a desejar e solicitar coisas novas, enquanto os impulsionava poderosamente o fanatismo religioso a declarar-se contra os seus odiados hóspedes, como inimigos da sua fé, para precipitar sua perdição e sua ruína. Nem de outro modo se fomenta e facilita em toda a Península Ibérica a conquista muçulmana; nobres cidades onde prosperava em número e riqueza a geração israelita e que teriam custado sem dúvida muito sangue aos exércitos de Tarik e de Muza, eram postas em suas mãos pelos hebreus, que as recebiam depois em guarda, irmanados com os africanos.» [145]

Finalmente, vamos apresentar dados interessantíssimos, proporcionados por uma monumental obra oficial do judaísmo, a «Enciclopédia Judaica Castelhana», que em seu vocábulo *España*, entre outras coisas, diz: «É um facto indiscutível que o que determinou Muza, indeciso para as persuasivas solicitações do partido de Witiza, a lançar suas hostes em Espanha, foram as informações secretas que recebeu dos judeus espanhóis que revelaram ao Emir a impotência militar da coroa, o estado ruinoso dos castelos, o esgotamento do Tesouro Real e a exasperação tanto da nobreza como do povo, ante uma opressão que se tinha tornado geral.» E depois afirma: «Em 19 de Julho de 711, Tarik [146] aniquilou os visigodos na batalha de Janda, ou do Guadalete, na qual Rodrigo, ao que parece, encontrou a morte. Nesse histórico encontro viram-se muitos soldados judeus mogrebinos a lutar ao lado do vencedor. Imediatamente os seus correligionários espanhóis se sublevaram em todas as partes e se puseram à disposição de Tarik e de Muza.» [147]

Neste capítulo demos uma ideia da forma como actuava há mil e duzentos anos o imperialismo judaico e sua quinta

---

[145] J. Amador de los Rios. Obra cit. Tomo I. Págs. 105 e 106.

[146] As diferenças de ortografia, tanto no que respeita ao vocábulo *Tarif*, como *Tarik*, *Taric* e outros, devem-se às diferentes fontes citadas, cujos textos se copiam literalmente.

[147] «Enciclopédia Judaica Castelhana». Vocábulo *España*. Tomo IV. Pág. 144.

coluna no seio da Igreja, para destruir um Estado cristão; no entanto, podemos assegurar que a experiência de doze séculos tem permitido ao imperialismo hebreu e às suas quintas colunas aperfeiçoar os métodos em extremo.

CAPÍTULO DÉCIMO NONO

OS CONCÍLIOS DA IGREJA LUTAM CONTRA O JUDAÍSMO

Perante a falsidade repetida das conversões dos judeus ao cristianismo, a Santa Igreja intentou tomar algumas precauções, que foram aprovadas em diferentes Concílios.

O Concílio de Agde, cidade meridional das Gálias, celebrado no ano de 506, sob os auspícios de São Cesário, Primaz da Província de Arles, com a tolerância de Alarico, estabeleceu o seguinte: «Cânone XXXIV. — Como se hão-de receber os judeus que desejam converter-se.» «Os judeus cuja perfídia os volve frequentemente ao vómito, se quiserem converter-se à Lei católica, estarão oito meses de catecúmenos e se se conhecer que vêem com fé pura, passado este tempo sejam baptizados»... [148]

Os factos, no entanto, demonstraram que de nada serviu este termo de prova para garantir a sinceridade de suas conversões.

No Concílio Trulano, do ano de 692, considerado como um suplemento dos Concílios Ecuménicos V e VI, diz-se que a heresia de Nestório renovava a impiedade judaica quando, em seu Cânone I, expressa: «Reconhecemos ao mesmo tempo a doutrina proclamada em Éfeso pelos duzentos divinos Padres perseguindo a inepta divisão de Nestório, como segregada da sorte divina, posto que declarava que Jesus Cristo era homem separadamente, renovando a impiedade judaica.» E depois, em seu Cânone XI, estabelece a pena de disposição para os padres que se relacionem intimamente com os judeus. Vê-se pois que, já nesses remotos tempos, constituiam para a Santa Igreja um verdadeiro pesadelo esses sacerdotes que mantinham amizades perigosas com os hebreus, tendo havido a necessidade de estabelecer penas, até de destituição, para os padres amigos dos

[148] Concílio de Agde. Cânone 34. Compilação de Tejada y Ramiro. Edição cit. Tomo I. Pág. 413.

israelitas. Com efeito, o sagrado Cânone XI diz: «Nenhum sacerdote ao leigo coma os ázimos dos judeus, tenha familiaridade com eles, os visite em suas enfermidades, receba suas medicinas, nem tão-pouco se banhe em sua companhia; o que contravir esta disposição, se for padre, seja deposto, e se leigo, separado.» [149]

E não é que a Santa Igreja se apartasse com isto da caridade cristã, que sempre patrocinou, entre outros, o nobilíssimo costume de visitar os enfermos; mas sim que, infelizmente, conhecedores os Prelados deste Santo Concílio, do facto universalmente comprovado de que os hebreus aproveitam sempre até as generosas obras da cristã caridade para adquirir influência sobre os cristãos, com intuitos de minar a nossa Santa Religião, viram de urgente necessidade proibir tudo aquilo que pudesse estender laços de perigosa amizade entre cristãos e judeus, que pusesse estes em perigo de cair nas garras desses velhos lobos.

É indiscutível que teve razão a Santa Igreja ao ameaçar com a destituição os padres e com a separação da Igreja os seculares amigos dos judeus, visto que estas familiaridades, como lhes chama o Cânone, demonstraram sempre, à medida que se estreitavam, constituir um perigo mortal para a cristandade.

Que aconteceria se se aplicasse este sagrado cânone aos padres que na actualidade mantêm tanta familiaridade e estreita amizade com os israelitas, nessas chamadas Confraternidades Judeo-Cristãs dos nossos dias? Se se lhes aplicasse este cânone, seguramente que se daria um passo agigantado para salvar a Santa Igreja da sabotagem mortal da quinta coluna judaica no clero.

O CONCÍLIO ECUMÉNICO II DE NICEIA E OS CRIPTOJUDEUS

A peste dos falsos cristãos, judeus em segredo, chegou em fins do século VIII a constituir tal perigo para a cristandade, sobretudo depois da queda do Império Visigodo nas mãos dos muçulmanos, que o Concílio Ecuménico II de Niceia estabeleceu que os cristãos que praticavam em segredo o judaísmo era preferível que fossem hebreus manifestos e não falsos cristãos. As actividades anticristãs que no seio da Santa Igreja realizavam os israelitas, quer propagando heresias revolucionárias, quer conspirando contra os reis, quer ainda pondo-se de convi-

[149] Concílio Trulano. Cânone I. Compilação de Juan Tejada y Ramiro. Colecção de Cânones cit. Tomo III.

vência com os muçulmaons para lhes entregar os Estados cristãos, haviam semeado tal alarme na cristandade, que a Santa Igreja preferia que continuassem judeus públicos e declarados e não falsos conversos. Dessa forma, a Igreja teria o inimigo fora e não dentro das suas próprias fileiras.

As medidas tomadas a esse respeito pelo Santo Sínodo não poderiam ser mais acertadas, mas, por desgraça, os israelitas já haviam tomado grandes vantagens que lhes proporcionava a sua infiltração no seio da Igreja e da sociedade cristã.

O Cânone VIII do Concílio Ecuménico II de Niceia diz textualmente: «E porque alguns hebreus aparentaram fazer-se cristãos, mas em segredo judaizam e guardam o sábado, estabelecemos: que não sejam admitidos à comunhão, à oração nem à Igreja, se não que sejam a descoberto verdadeiros hebreus, não sejam baptizados seus filhos, nem se lhes permita que comprem ou possuam servos. Mas se algum, obrando com pureza e sinceridade, se converter e divulgar seus costumes e coisas, com o qual se teria obtido um triunfo, será admitido e baptizado, tanto como seus filhos, empregando cautela para não voltarem a deixar-se seduzir; mas se não se portarem assim, não serão admitidos.» [150]

O Concílio Ecuménico que estamos citando ocupou-se também da condenação da heresia dos iconoclastas.

Não há coisa que os judeus mais odeiam do que as imagens católicas, a que chamam ídolos. Por isso, sempre que têm podido exercer sua influência sobre certo sector da cristandade, têm pretendido suprimir as imagens. A heresia dos iconoclastas foi inspirada pelos israelitas, cujos falsos conversos criptojudeus vivem mais a gosto num cristianismo sem imagens, porque lhes custa trabalho render-lhes mesmo que seja simples veneração. No entanto, práticos como são, quando por algum motivo lhes convém não contrariar os sentimentos da população cristã, tiveram que tolerar o culto às imagens, e até encheram destas os seus lares.

Foi um judeu prestidigitador, segundo o historiador eclesiástico Juan Tejada y Ramiro, quem inspirou no Imperador bizantino Leão, o Isauriano, as ideias iconoclastas. O referido monarca tomou com tanto fanatismo estas tendências, que começou por derribar a imagem de Nosso Senhor Jesus Cristo, que estava colocada a grande altura sobre a porta de Constantinopla, imagem que, segundo afirma o douto compilador de

[150] Concílio II de Niceia, Cânone 8, compilação de Juan Tejada y Ramiro. Colec. cit. Tomo III. Pág. 819.

cânones, «com despeito dos judeus, desde muitos anos que venerava o povo.» [151]

O Concílio Ecuménico que estamos citando, entre outras medidas tomadas contra a heresia ordenou a destituição dos Bispos, Presbíteros ou Diáconos que ocultassem os livros propagadores das ideias iconoclastas. Assim, o Cânone IX prescreve: «Todos os enganos infantis e insanas diversões e escritos que têm sido feitos falsamente contra as veneráveis imagens, convém que sejam dados ao Bispo Constantinopolitano, para que se incluam com os livros dos demais hereges. Mas se se encontrar que qualquer oculta estas coisas, se for Bispo, Presbítero ou Diácono, seja deposto. Mas se for monge ou laico, seja excomungado.» [152]

A Santa Igreja, não só actuava contra os criptojudeus e hereges, mas de maneira muito enérgica contra os Bispos e outros padres que ajudavam a heresia ou o judaísmo.

À medida que foi crescendo a acção destruidora da quinta coluna, a acção defensiva da Santa Igreja foi-se extremando cada vez mais. Já neste Santo Concílio de Niceia se estabelece a pena de destituição contra os Bispos e padres que simplesmente escondam os livros heréticos. Que merecerão na actualidade esses altos sacerdotes que não só escondem os livros maçónicos ou comunistas, mas que colaboram activamente para que as heresias maçónicas e comunistas destrocem a cristandade?

Volvendo ao iconoclasta Imperador Leão, o Isauriano, é útil fazer notar que os judeus fizeram com ele o mesmo que com Martinho Lutero. A princípio aliou-se com eles contra a ortodoxia, mas quando se deu conta do imenso perigo que significavam para o seu Império, tratou de conjurar o dito perigo, recorrendo ao mesmo lamentável recurso que haviam utilizado os católicos, o de exercer pressão para que os hebreus se convertessem ao cristianismo. Colocou-os pois ante a disjuntiva de se converterem ou serem castigados severamente.

Sobre a sinceridade desta nova conversão geral de judeus na Grécia e nos Balcãs, parte da Ásia Menor e demais domínios do Império Bizantino, o historiador israelita Graetz diz o seguinte: «Leão, o Isauriano, o filho de pais aldeãos, tendo-lhe os judeus e os árabes chamado a atenção sobre o carácter idolátrico do culto às imagens que se praticava nas igrejas, levou a cabo uma luta com a intenção de destruir essas imagens.

151 Concílio II de Niceia. Cânone 9. Compilação de Juan Tejada y Ramiro. Colec. cit. Tomo III. Pág. 803.

152 «Acta Conciliorum et Epistolae Decretales, ac Constitutione Summarum Pontificum». Studio, P. Joannis Harduini, S. J. Paris, 1714.

Tendo sido acusado como herege e judeu perante as turbas incultas, pelo clero adorador de imagens, Leão procedeu a reivindicar a sua ortodoxia perseguindo os hereges e os judeus. Promulgou um decreto ordenando a todos os judeus do Império Bizantino e aos restos dos montanistas da Ásia Menor, a abraçar o cristianismo da Igreja Grega, sob a ameaça de severo castigo (723). Muitos judeus se submeteram a este decreto e com repugnância receberam o baptismo; foram pois menos firmes que os montanistas, que, para permanecerem fiéis às suas convicções, se reuniram em sua Casa de Oração, lhe pegaram fogo e pereceram nas chamas. Os judeus que permitiram que os baptizassem foram de opinião de que a tormenta passaria depressa e que se lhes permitiria regressar ao judaísmo. Por isso abraçaram o cristianismo só no exterior, visto que eles observavam em segredo os ritos judeus»... e termina o célebre historiador hebreu com este muito ilustrativo comentário: «Assim, os judeus do Império Bizantino se esfumaram perante as incessantes perseguições, e por um tempo permaneceram ocultos aos olhos da História.» [153]

Estas desaparições do judaísmo, para permanecer oculto aos olhos da História, usando estes felizes termos de Graetz, foram sempre o que há de mais perigoso, visto que de quinta coluna visível se transforma num poder oculto, numa força invisível que, como tal, é muito mais difícil de combater. Com o tempo, os Balcãs, minados por completo por este poder oculto, haviam de converter-se num perigoso epifoco das seitas secretas dos Cátaros. Depois o dito poder oculto torna-se em traidora quinta coluna que entrega o Império cristão aos turcos muçulmanos; e nos tempos modernos em viveiros de organizações carbonárias e terroristas, que tanta influência tiveram no desencadeamento da guerra mundial 1914-1918.

Veremos a seguir como desaparições similares do judaísmo para permanecer oculto aos olhos da História tiveram lugar em toda a França, Inglaterra, Rússia, Impérios Espanhol e Português e em partes da Itália, Alemanha e de outros países da cristandade, com resultados por fim desastrosos para essas nações e para a Humanidade inteira.

Sobre a terrível luta que tinha que sustentar em França a Santa Igreja e as monarquias cristãs, contra o judaísmo, vamos deixar um pouco a palavra ao historiador israelita Graetz, cuja autoridade, além de insuspeita de anti-semitismo, é tão respeitada nos meios hebreus. Referindo-se ao Rei Segismundo de Borgonha, observa que: «Foi este Rei quem levantou primeiro (em França) as barreiras entre cristãos e judeus. Ele

[153] Graetz. Obra cit. Tomo III. Págs. 122 e 123.

confirmou a decisão do Concílio de Epaone, verificado sob a presidência do Bispo sedento de sangue Avitus, proibindo até aos laicos tomar parte em banquetes judeus (517). O espírito de hostilidade para com os judeus gradualmente se espalhou da Borgonha para os países franceses. Já nos Concílios III e IV de Orleães (538 e 545), se aprovaram contra eles severas disposições»... «O Concílio de Macon (581) adoptou várias resoluções prescrevendo aos judeus uma posição de inferioridade na sociedade. Proibia-se-lhes ser juízes, cobradores de impostos e tudo aquilo em que aparecesse sujeita a eles a população cristã, obrigaram-se a mostrar profunda reverência aos sacerdotes cristãos»... «O Rei Chilperico, se bem que não tivesse boa vontade para o clero católico, imitou o exemplo de Avitus. E também obrigou os judeus do seu Império a receber o baptismo, e ele pessoalmente acudiu à pia baptismal como padrinho dos neófitos. Mas ele contentava-se com a mera aparência da conversão e não hostilizou os judeus mesmo que eles continuassem celebrando o sábado e observassem as leis do judaísmo.» [154] Erro lamentável o deste monarca, que por um lado pressiona os judeus para que se convertam, servindo-lhes até de padrinho de baptismo; e por outro, permite que os novos cristãos pratiquem em segredo o judaísmo, facilitando assim a criação e fortalecimento desse poder oculto que tantas discórdias e revoluções havia de provocar em França nos séculos vindouros.

Sobre esta conversão de judeus do tempo de Chilperico, São Gregório, Bispo de Tours, chamado com toda a razão o pai da História Francesa, narra-nos que entre os obrigados a converter-se figurou, nem mais nem menos, que Priscus, Tesoureiro Real, o que equivale, na actualidade, a Ministro das Finanças, [155] o qual. como se negasse a fazê-lo, foi encarcerado e depois assassinado por outro judeu converso. Este último, por sua vez morto por um parente do ex-Tesoureiro Real. [156] A queda de Priscus foi um duro golpe para as hebreus, que tinham como arma favorita erguer um dos seus a Tesoureiro Real para conseguir dessa forma uma influência decisiva sobre os monarcas cristãos, aproveitando a fama de bons financeiros e economistas que tinham os israelitas e os cristãos criptojudeus. Referindo-se Graetz a Clotário II e ao Santo Concílio de Paris, diz: «Os últimos reis Merovíngios tornaram-se cada vez mais fanáticos, pelo que, em consequência, o seu ódio aos judeus cresceu.

[154] Concílios de Epaone, de Orleães Terceiro e Quarto, e de Macon, citados por Graetz. Obr. cit. Tomo III. Págs. 37, 38, 39.

[155] São Gregório, Bispo de Tours, «Historia Francorum». Tomo VI. Pág. 17.

[156] Rabino Jacob S. Raisin. Obra cit. Pág. 440

Clotário II, a quem foi entregue o domínio completo do Império Franco, era um matricida, mas apesar disso era considerado como um modelo de piedade religiosa. Ele sancionou as decisões do Concílio de Paris, que proibiu aos judeus adquirir poderes na magistratura, e fazer parte do exército (615).[157]

Aqui, Graetz, depois de observar o tradicional sistema de enlamear a memória dos governantes que lutaram contra o perigo judaico, diz algo que é uma grande verdade: que um cristão, quanto mais fanático é (os hebreus chamam fanático a um cristão zeloso em defender a sua religião e a sua pátria). tanto mais antijudeu tem de ser. Isto nada tem de estranho, se se tomar em conta que os hebreus são os inimigos capitais da cristandade e do género humano e se chegar a compreender que quem defender a Igreja, a sua pátria ou a Humanidade, terá de enfrentar com energia o inimigo número um, se não quiser fracassar na sua defesa. Por isso, o grande Padre da Igreja, São Jerónimo, dizia que, se para ser bom cristão era preciso abominar os judeus e o judaísmo, ele queria fazê-lo de forma exemplar. Só os falsos cristãos, que praticam o judaísmo em segredo, procuram negar esta doutrina tradicional da Igreja e fazer-nos crer que é pecado enfrentarmos os judeus e o seu imperialismo satânico, para paralisar dessa forma as defesas da Igreja e da civilização cristã.

Com respeito a esta encarniçada luta da Santa Igreja contra a Sinagoga, o rabino Jacob S. Raisin diz que já nas Gálias, desde o tempo de Clodoveo, que havia destruído o arrianismo, o Bispo São Avitus incitou as turbas, no dia da Ascensão, a destruir sinagogas.[158] Já vimos como outro historiador israelita, Graetz, qualifica este Prelado como «bispo sedento de sangue».

O que acontecia é que, nesses tempos gloriosos para a Igreja, os Bispos consideravam como uma obrigação defendê-la dos seus inimigos capitais, e, como bons pastores, protegiam suas ovelhas do lobo, enquanto que agora, não só não as defendem como os novos Judas nem sequer lhes permitem que se defendam dos lobos.

O rabino que estamos citando refere-se depois aos acordos antijudeus dos Concílios de Agde e dos primeiros de Orleães, que já temos assinalado, para fazer notar que o IV Concílio de Orleães, que teve lugar em 541, decretou a confiscação de bens para o judeu que reconvertesse outro judeu[159], quer

---

157 Concílio de Paris. Citado por Graetz. Obra cit. Tomo III. Págs. 39 e 40.

158 Rabino Jacob S. Raisin. Obra cit. Pág. 438.

159 Concílio IV de Orleães. Citado pelo Rabino Jacob S. Raisin. Obra cit. Pág. 439.

dizer, a um cristão descendente de judeus. Como se vê, também este Santo Sínodo se preocupou por evitar a continuidade do judaísmo clandestino, que teria podido acabar se se houvesse conseguido que os cristãos, descendentes de israelitas, não tivessem sido iniciados no judaísmo. Para evitar isso, o Santo Concílio estabeleceu a pena de confiscação de bens para os infractores. Vê-se que os Prelados do Concílio entendiam bem o problema.

O historiador judeu Josef Kastein, referindo-se em geral à luta gigantesca entabulada nesses tempos entre a Santa Igreja e os judeus, faz constar que: «A Igreja cristã, fosse na Itália, fosse na Gália, no Império Franco ou em Espanha, desencadeou a luta contra o judaísmo.» [160] Em nossos tempos, é indubitável que, por tal motivo, a Santa Igreja teria sido condenada por racismo ou anti-semitismo, pelos cúmplices da Sinagoga nas fileiras da cristandade.

O diligente, ainda que apaixonado rabino Raisin, relata como posteriormente, em Toulouse, três vezes por ano, se acoitava primeiro a todos os hebreus da população e depois só a um rabino «com o pretexto de que os judeus, em certa ocasião, intentaram entregar a cidade aos mouros.» [161]

É muito conhecida a tentativa da quinta coluna judia em França, que incitando os hebreus quinta-colunistas do Império Gótico, pretendem entregar aos muçulmanos este outro cristianíssimo império.. Por fortuna, Carlos Martel fez fracassar para sempre este criminoso empenho. Depois das matanças de cristãos ocorridas em Espanha por esta causa, é compreensível a indignação que mantinham contra os israelitas os habitantes de Toulouse, que faziam mais do que deviam em permitir que continuassem vivendo em sua cidade tão perigosos traidores. É muito lamentável que os hebreus hajam tido que receber por tal motivo um açoite por ano, mas é justo ter em conta que, em todas as nações do mundo, esse tipo de traição à pátria se castiga, não com açoites, mas até com a pena de morte.

Com Dagoberto I, a monarquia merovíngia chega ao seu apogeu, os seus domínios estendiam-se desde o Elba até aos Pirenéus e desde o Atlântico até às fronteiras da Boémia e Hungria. Dagoberto I, filho de Clotário II, teve como tutor, durante a sua menoridade, a Arnulfo, Bispo de Metz, entregando então vitais postos do seu governo a venerados santos, canonizados pela Igreja, como São Ovano, a quem deu o cargo de Chanceler de Neustria e que foi depois Bispo de Ruão, e a Santo

---

160 Josef Kastein. Obra cit. Pág. 229.

161 Rabino Jacob S. Raisin. Obra cit. Pág. 439.

Elói, a quem nomeou seu Tesoureiro Real, e que, ao retirar-se do mundo, foi designado Bispo de Noyon.

A situação da cristandade em seus domínios era sumamente grave, pois encontrava-se por completo minada pelos falsos cristãos criptojudeus cujas simulações Chilperico tolerou da forma indicada. Dagoberto I levou uma vida sexual desordenada, sem que pudessem refreá-la os seus conselheiros tão ilustres, mas, por outro lado, compreendeu, devido talvez à sábia formação e conselho de tão santos varões, o perigo que representavam os judeus dos seus domínios, cobertos muitos, na altura, com a máscara de um falso cristianismo, a que procurou pôr termo com um remédio radical: promulgou no ano de 629 um decreto em que declarou que ou abraçavam com sinceridade o cristianismo todos os hebreus do reino antes de um dia determinado, ou seriam considerados como inimigos e condenados à morte.

Este esclarecimento da situação, feito por Dagoberto, ao considerar os judeus como inimigos, correspondia, por desgraça, a uma realidade existente desde séculos atrás, ao ponto de o próprio São Paulo, com sua divina inspiração, lhes chamar inimigos de todos os homens. O que foi grave para a França e Sul da Alemanha foi que se lhes deixou uma vez mais aberta a porta de escape, erro capital que continuaram cometendo séculos depois todos os monarcas cristãos, uma vez que os israelitas, para se salvarem, sempre juraram e prometeram ser daí em diante cristãos sinceros e leais, escondendo ao mesmo tempo, com maior habilidade, o seu judaísmo. Teria sido preferível que Dagoberto os tivesse expulso em massa, como se expulsa todo o estrangeiro daninho e conspirador do país cuja hospitalidade atraiçoa, deixando-lhes a oportunidade de converter-se sinceramente ao cristianismo noutras terras. Assim se teriam livrado a França e Alemanha da terrível quinta coluna e da demolidora força oculta, que acabou por dominar sobretudo a França, em prejuízo do cristianismo e dos próprios franceses.

O judaísmo, uma vez mais, desapareceu por um tempo, sòmente à superfície, para se infiltrar de forma perigosíssima em todos os sectores do Império Franco, no clero e na corte, provocando anos depois a mais tremenda decomposição da sociedade cristã em tempos de Luís, o Piedoso.

O JUDAÍSMO ALEMÃO E OS ERROS NAZIS

Para terminar, diremos algo sobre a origem dos judeus alemães, cujo cabelo loiro e olhos azuis contrastam com outro tipo de hebreus. Afirma o israelita Graetz que a origem dos judeus

no Sul da Alemanha foi a seguinte: «Grande quantidade de soldados germanos alistados nas legiões tomaram parte na destruição do Templo de Jerusalém. Das grandes massas de judeus prisioneiros, muitos deles escolheram as mulheres mais formosas e as levaram consigo, no seu regresso às praias do Reno e do Meno. Os filhos de tais enlaces, já metade judeus e metade germanos, foram iniciados por suas mães na religião hebreia, visto que seus pais não se preocupavam com isso.» [162] Se se tomar em conta que as conversões fingidas de judeus ao cristianismo começaram nas possessões dos merovíngios, em tempos de Chilperico e de Dagoberto I, poderá compreender-se que a existência da quinta coluna hebreia na cristandade alemã data de tempos remotíssimos, e que, portanto, os nazis cometeram o mais grave erro quando acreditaram que poderiam localizar todas as ramificações secretas do judaísmo com uma investigação genealógica de três gerações.

Evidentemente, os falsos cristãos criptojudeus puderam assim infiltrar o próprio nazismo e realizar trabalho de espionagem e sabotagem, que facilitou o triunfo das potências inimigas da Alemanha, na Segunda Guerra Mundial.

---

[162] Graetz. Obra cit. Tomo III. Págs. 40 e 41.

CAPÍTULO VIGÉSIMO

TENTATIVA DE JUDAIZAÇÃO DO SACRO IMPÉRIO ROMANO GERMÂNICO

Os factos seguintes são de vital importância para os dirigentes religiosos e políticos de todos os tempos, visto que o judaísmo, sobretudo o clandestino, constitui um poder oculto, cuja perigosidade em toda a sua magnitude pode passar inadvertida em certas circunstâncias, até para os mais geniais dirigentes; e, desta forma, a hábil diplomacia da Sinagoga pode induzi-los a cometer erros, que com o tempo podem acarretar desastrosos resultados para a sua nação, e, em alguns casos, para todo o orbe.

O que aconteceu a um dos maiores génios políticos da era cristã deve constituir um poderoso chamamento de atenção para aqueles chefes ou jerarcas que, subestimando a maldade ou a perigosidade dos judeus, atraídos por tais ou quais vantagens momentâneas que pode representar a sua colaboração, oferecida nos termos mais atractivos, se lançam a jogar com o fogo, pensando que não se queimarão, quiçá influenciados por essa natural tendência em crer-se omnipotentes, que em geral chegam a ter, muitas vezes com bastante fundamento, os grandes homens da Humanidade.

Carlos Magno, o restaurador do Império Romano do Ocidente, o grande protector da Santa Igreja, o grande impulsionador das ciências, das artes e do comércio, um dos génios políticos mais notáveis de todos os tempos, teve no entanto uma grande debilidade, a de sucumbir perante os hábeis enganos e a destríssima diplomacia do judaísmo, que, aproveitando o anseio de unidade dos povos e das raças característico do neto de Carlos Martell, explorando a sua natural compaixão pelos oprimidos e perseguidos e capitalizando em seu favor o desejo do monarca, por outro lado acertadíssimo, de engrandecer e fortalecer o seu Império estendendo o seu comércio, libertou a besta que com bastante motivo e prudência haviam acorrentado os Merovíngios, devolvendo-lhe a sua liberdade de

acção, sem reparar que, ao fazê-lo, violava os Cânones da Santa Igreja, a qual, por outro lado, cumulava de toda a classe de benefícios.

Com a sua habilidade secular, souberam os hebreus mobilizar a natural compaixão do Imperador para com os oprimidos, conseguindo que lhes desse toda a classe de liberdades. Como de costume, souberam transformar essa compaixão em simpatia, convencendo-o de que a grandeza do Império só se consolidaria com a sua pujança económica, e esta com o desenvolvimento de um comércio florescente. E como os israelitas, na altura, quase monopolizavam o comércio do mundo, convenceram o Imperador da utilidade de empregá-los para estender por todo o orbe o comércio do Sacro Império. Pode-se fàcilmente supor a atracção que devia ter causado semelhante perspectiva nos tempos em que, dedicando-se a nobreza exclusivamente à arte da guerra e os servos ao cultivo do campo, eram os judeus, ou os cristãos criptojudeus, quase os únicos que se dedicavam a estas actividades.

Comentando a nova política de Carlos Magno para com os judeus, o historiador israelita Graetz consigna que: «Embora Carlos Magno fosse um protector da Igreja e ajudasse a estabelecer a supremacia do Papado, e o Papa Adriano, contemporâneo do Imperador, fosse tudo menos amigo dos judeus, havendo até exortado repetidamente os Bispos espanhóis para que ordenassem aos cristãos a que não privassem com os judeus e com os pagãos, Carlos Magno estava muito longe de compartilhar dos preconceitos do clero para com os judeus. E contrariando todos os preceitos da Igreja e as decisões dos Concílios, o Imperador favoreceu os judeus do seu Império»... «Os judeus eram neste período os principais representantes do comércio do mundo. Enquanto os nobres se dedicavam ao negócio da guerra, os plebeus aos ofícios, e os aldeões e os servos à agricultura, os judeus, que não estavam sujeitos a prestar o serviço militar, e não possuiam terras feudais, dirigiram a sua atenção à importação e exportação de mercadorias e de escravos, de maneira que o favor com que os beneficiou Carlos Magno foi em certa forma um privilégio concedido a uma companhia comercial.» [163]

O historiador judeu Josef Kastein, referindo-se a Carlos Magno, afirma: «Ele soube avaliar exactamente os judeus como os principais sustentáculos do comércio internacional. Suas ligações estendiam-se desde o Império Franco até à Índia e China. Suas comunidades dispersas por todo o mundo actuavam como agências; possuiam uma maravilhosa varie-

163 Graetz. Obra cit. Tomo III. Cap. V. Pág. 142.

dade de idiomas e estavam admiràvelmente adequadas para actuar como traços de união entre o Oriente e o Ocidente.» [164]

Se na actualidade os historiadores hebreus nos apresentam este esboço das suas possibilidades por forma tão atractiva, é fácil imaginar como o teriam apresentado a Carlos Magno, para ganhar o seu apoio.

Mas não conseguiram esse apoio apenas em matéria comercial; prosseguindo na sua táctica tradicional, os israelitas, ganha uma posição, tentaram logo ganhar outra, depois a seguinte, posteriormente outra mais e assim sucessivamente. O judeu Sedechias conseguiu converter-se em médico de confiança do Imperador, com o que obtiveram os israelitas acesso à Corte, na qual bem pronto se vêem desempenhar postos importantes no serviço diplomático de Carlos Magno. Este mandou como embaixador o judeu Isaac, perante o governo de Haroun-al-Rashid [165] sob cujo reinado chegou ao seu apogeu o Califado de Bagdad, que por outro lado, justamente alarmado com o crescente poderio do judaísmo em terras islâmicas, empreendia contra este medidas defensivas, entre outras a de obrigar os hebreus a usar um sinal que os distinguisse dos muçulmanos, medidas que contrastam notàvelmente com a protecção que lhes oferecia o imperador cristão. [166]

O israelita Graetz afirma que a protecção de Carlos Magno facilitou a introdução dos judeus no Norte da Alemanha e a sua penetração nos países eslavos. [167]

A actuação construtiva dos hebreus em tempos de Carlos Magno ensina-nos como os israelitas iniciaram uma nova táctica, que consistia em portar-se bem e servir o monarca cristão lealmente, em troca de que este lhes soltasse as cadeias que lhes impediam a liberdade de movimentos e poder ir ganhando e escalando posições dentro do Estado cristão. Abstiveram-se nesse momento de realizar qualquer trabalho subversivo, enquanto viveu o monarca genial e poderosíssimo que os esmagaria sem dúvida ao primeiro mau passo que dessem; continuaram por isso contando com a protecção imperial e adquirindo cada vez mais força para dar, no momento oportuno, o golpe traiçoeiro, o que aconteceu quando, morto o Imperador, lhe sucedeu no trono um homem medíocre, débil de carácter, inconstante e fácil de manejar.

Com efeito, falecido Carlos Magno, sucedeu-lhe seu filho

---

[164] Rabino Josef Kastein. Obra cit. Parte IV. Pág. 252.

[165] Rabino Jacob S. Raisin. Obra cit. Pág. 441.

[166] Para distinguir os judeus dos muçulmanos, o Grande Califa obrigou os primeiros a usar uma insígnia amarela no vestuário.

[167] Graetz. Obra cit. Cap. V. Págs. 141 e 142.

Luís, que, devido à extrema piedade que o caracterizou durante os seus primeiros anos, recebeu o qualificativo de Luís, o Piedoso, mas este, desgraçadamente, foi um homem carecido de talento e de força de vontade, fácil presa dos aduladores e de quem soubesse manejá-lo hàbilmente.

Ao herdar o trono, começou por desterrar os seus meio-irmãos e depois os ministros de seu pai. A Bernardo, Rei de Itália, que se havia rebelado contra ele, mandou arrancar-lhe os olhos, factos todos eles que fazem ver que a chamada piedade deste monarca não era tão autêntica como parecia.

Morta sua primeira esposa, casou-se com Judite, que apareceu na Corte rodeada de israelitas, e que chegou a exercer, como nova Imperatriz, em união com o Tesoureiro Real, Bernardo, uma influência decisiva sobre o monarca. Este apoiou na corte judeus públicos e cristãos descendentes de israelitas, coisa que não é de estranhar se se tiver em conta que o Imperador, desde criança, vira seu pai proteger os hebreus e distingui-los.

É evidente que, se não tivessem surgido novos caudilhos cristãos antijudeus, que com indomável energia lutaram contra a besta hebraica, o Sacro Império Romano-Germânico teria caído, talvez há onze séculos, nas garras do imperialismo judaico; e ao cair esse Império, que era na altura o mais poderoso do mundo, teria quiçá o judaísmo conseguido em breve a conquista do orbe inteiro.

O rabino Jacob S. Raisin diz, referindo-se a Ludovico Pio, o seguinte: «Luís, o Piedoso (814-840), foi ainda mais além que seu pai. Ele notificou aos Bispos, Abades, Condes, Prefeitos, Governadores, etc., que os judeus estavam sob a protecção do Imperador, e que não deviam ser molestados nem na observância da sua religião, nem em seu tráfico comercial.» Continua mencionando outros benefícios que Luís concedeu aos hebreus, para depois dizer: «E devido ao facto de os judeus se absterem de fazer negócios ao sábado, que era o dia do mercado, foi mudado para o domingo. Luís também nomeou um magistrado especial para defender os judeus contra a intolerância do clero.» E com respeito à luta empreendida contra os hebreus por Agobardo, Arcebispo de Lião, e São Bernardo, Arcebispo de Viena, diz o estudioso rabino: «As reacções da Igreja contra as medidas de Luís, suprimindo certas incapacidades legais dos judeus, foram expressadas por Agobardo, Arcebispo de Lião (779-940), que, juntamente com São Bernardo, Arcebispo de Viena, destituíram o Imperador, o qual, por sua vez, os destituiu a eles. Em quatro cartas dirigidas ao Rei, os Bispos e o clero queixavam-se dessas gentes (os judeus) «que se vestiam com a maldição como se fosse vestido», e que alardeavam de

ser mui apreciadas pelo Rei e pela nobreza; que por outra parte as mulheres observavam o sábado com os judeus, e trabalhavam com eles no domingo, e tomavam parte em suas comidas na Quaresma, e que os judeus não só convertiam os escravos pagãos, mas que, em sua qualidade de cobradores de impostos, subornavam os aldeões, induzindo-os a aceitar o judaísmo, em troca de reduzir-lhes ou aumentar-lhes os ditos impostos.» [168]

Vê-se pois que os israelitas aproveitavam na máxima escala a protecção do Imperador e da nobreza e até a sua posição como cobradores das contribuições, para exercer pressão sobre o povo cristão a converter-se ao judaísmo e a renegar a sua própria fé. Nestes tempos, é indubitável que a Sinagoga pensou dominar os povos por meio da judaização dos cristãos, utilizando o chamado proselitismo de porta. Os sistemas foram distintos nas diferentes épocas e países, mas a finalidade foi sempre a mesma, ou seja a conquista e domínio dos povos que ingènuamente admitiram os judeus dentro do seu território.

São Bernardo, Arcebispo de Viena, e Agobardo, Arcebispo de Lião, uniram na luta sem quartel contra os judeus a pena com a acção, sendo interessante para os estudiosos do problema hebreu o livro escrito por Agobardo contra os judeus, o qual foi elaborado com a valiosa colaboração de São Bernardo de Viena.

O historiador hebreu Josef Kastein diz que Luís, o Piedoso «não só tomou sob sua pessoal protecção os judeus individualmente, mas até as comunidades, outorgando-lhes direitos e um *Magister Judaeorum* que velava para que esses direitos fossem respeitados.» [169]

Para darmos conta mais claramente da dura situação do cristianismo neste funesto reinado, deixaremos a palavra, uma vez mais, ao prestigiado historiador judeu Heinrich Graetz, que diz, referindo-se à actividade do Imperador para com os israelitas: «Ele tomou-os sob a sua especial protecção, defendendo-os das injustiças tanto dos Barões como do Clero. Eles tiveram o direito de residir em qualquer parte do reinado. Apesar de numerosas leis que o proibiam, eles não só puderam empregar trabalhadores cristãos como também importar escravos. Ao clero foi-lhe proibido baptizar os escravos dos judeus, assim como dar-lhes a possibilidade de recuperar a liberdade. Em atenção a eles, o mercado foi mudado do sábado para o domingo...». «Foram também libertados da sujeição às provas duras e bárbaras do fogo e da água. Eles também arrendavam

[168] Rabino Jacob S. Raisin. Obra cit. Cap. XVI. Págs. 441 e 442.

[169] Rabino Josef Kastein. Obra cit. Pág. 252.

os impostos e obtinham por meio deste privilégio um certo poder sobre os cristãos, ainda que isso contrariasse o ordenado pelas Leis Canónicas.» [170]

Estes factos fazem-nos ver o grau de preponderância que os judeus haviam adquirido sobre os cristãos no Sacro Império, visto que, por um lado, enquanto estes permaneciam sujeitos às provas então costumeiras do fogo e da água, os hebreus recebiam o privilégio especial de não estarem sujeitos a elas; além disso, como no mundo cristão dessa época se observava rigorosamente a festividade do domingo, o mercado realizava-se aos sábados, sendo inaudito que numa monarquia cristã nesses tempos se haja chegado ao extremo de dar gosto aos israelitas, mudando o mercado do sábado para domingo, permitindo-lhes assim a eles guardar o seu dia de festa e não aos cristãos. Nem no mundo judaizado de nossos tempos se chegou a tais extremos.

Isto demonstra quem eram os que verdadeiramente governavam na Corte de Luís e de Judite, onde, para cúmulo da desgraça, os hebreus, por meio do arrendamento, donos dos impostos, utilizavam tão valiosa posição para pressionar econòmicamente os aldeãos, induzindo-os a renegar o cristianismo e a adoptar o judaísmo, com o aliciante de adoçar ou diminuir as esmagadoras cargas impositivas. Agora eram os judeus os que, numa monarquia cristã, tratavam de obrigar os fiéis cristãos a renegar a sua fé. Os papéis haviam-se invertido nuns quantos anos de política filo-semita.

Esta lamentável situação começou a preparar-se desde os tempos do próprio Carlos Magno, com o contacto e convivência de judeus e cristãos; tal facto no-lo comprovam as lamentações do Papa Estêvão III, que cita o douto historiador hebreu Josef Kastein, que escreve textualmente: «O Papa Estêvão III tinha enviado uma queixa ao Bispo de Narbonne, no Sul da França, expressando-lhe: «Com grande pena e mortal ansiedade temos ouvido que os judeus... em território cristão e gozando dos mesmos direitos que os cristãos, possuem em propriedade bens alodiais na cidade e nos subúrbios que eles chamam a sua cidade. Homens cristãos e mulheres vivem no mesmo tecto com estes traidores e mancham suas almas dia e noite pronunciando palavras de blasfémia.» [171]

O Papa Estêvão III, ao chamar traidores aos judeus, pôs o dedo na chaga, sendo certo que, se tivesse vivido em nossos dias, teria sido condenado por racista e anti-semita. Por outro lado, para compreender outros dos motivos de queixa do Papa,

[170] Graetz. Obra cit. Tomo III. Cap. VI. Pág. 161.

[171] Papa Estêvão III. Citado pelo rabino Josef Kastein. Obra cit. Pág. 252.

é necessário esclarecer que, nesses tempos, os bens de raiz estavam sujeitos aos direitos feudais, com excepção dos chamados bens alodiais, que constituiam um verdadeiro privilégio para uns quantos nobres, mas de que gozavam os judeus de Narbonne, em contraste com o povo cristão que não gozava de tais prebendas.

Assinala Graetz que a principal razão pela qual os israelitas conseguiram tanta protecção foi que: «A Imperatriz Judite, segunda esposa de Luís, era muito amistosa para o judaísmo. Esta formosa e inteligente mulher, em quem a admiração dos seus amigos só era igualada pela hostilidade dos seus inimigos, tinha um grande respeito pelos heróis judeus da antiguidade. Quando o culto Abade de Fulda, Rhabanus Maurus, quis obter o seu favor, não pôde encontrar meio mais eficaz do que dedicar-lhe os seus trabalhos sobre os Livros Bíblicos de Ester e de Judite, e compará-la a ela com ambas as heroínas hebreias. A Imperatriz e seus amigos, provàvelmente também, o Tesoureiro Bernhard, que eram os verdadeiros governantes do reino, converteram-se em protectores dos judeus porque estes eram descendentes dos patriarcas e dos profetas. «Eles devem ser honrados por esse motivo» dizia ela a seus amigos na Corte, e as suas opiniões eram confirmadas pelo Imperador.» [172] Mas, como de costume, da protecção aos judeus e do filo-semitismo passa-se ao domínio dos judeus sobre os cristãos e à actividade anticristã. O que a seguir conta Graetz é muito importante a tal respeito: «Cristãos cultos regozijavam-se com os escritos do historiador judeu Josefo e do filósofo hebreu Filón, e liam os seus trabalhos de preferência aos dos apóstolos. Educadas senhoras e cortesãs, abertamente, confessavam que elas estimavam mais o autor da lei judia que o da cristã. (Quer dizer, mais a Moisés que a Cristo). Elas foram tão longe como solicitar aos hebreus a sua bênção. Os judeus tinham acesso livre à Corte e contacto directo com o Imperador e seus chegados. Os parentes do Imperador ofereciam às damas judias valiosos presentes para lhes mostrarem o seu apreço e respeito. E como semelhantes distinções lhes eram demonstradas nos círculos mais altos, era natural que os judeus dos domínios francos, que também incluíam a Alemanha e a Itália, hajam gozado de amplíssima tolerância, quiçá maior que em qualquer outro período da sua história. As odiosas leis canónicas haviam sido tàcitamente anuladas. Permitiu-se aos judeus construir sinagogas, falar livremente acerca do judaísmo nos ouvidos dos cristãos, e ainda dizer que eles eram «descendentes dos patriarcas», «a raça do Justo» (quer dizer, de Cristo), «os filhos dos Profetas».

[172] Graetz. Obra cit. Tomo III. Cap. VI. Pág. 162.

«Eles podiam sem temor algum dar suas opiniões acerca do cristianismo, dos milagres dos santos, das relíquias e do culto das imagens. Os cristãos visitavam as sinagogas e ficavam cativados pelo método judeu de conduzir o Serviço Divino, e ainda ficavam mais confortados com as leituras dos pregadores judeus *(darshanim)*, do que com os sermões do clero, ainda que os *darshanim* dificilmente pudessem revelar o profundo conteúdo do judaísmo.» [173]

«Os padres, nesses tempos, não se envergonhavam de tomar dos judeus suas exposições sobre as Sagradas Escrituras. O Abade Rhabanus Maurus, de Fulda, confessou que havia aprendido dos judeus muitas coisas que utilizou no seu comentário à Bíblia dedicado a Luís, o Germânico, que depois foi Imperador. Como consequência do favor demonstrado aos judeus na Corte, parte dos cristãos sentiam grande inclinação para o judaísmo, considerando-o como a verdadeira religião.» [174]

A descrição feita pelo prestigiado historiador israelita Graetz faz-nos ver que esses argumentos empregados agora pelos padres católicos que estão ao serviço do judaísmo, como o de que os judeus são intocáveis porque são da mesma raça do Justo, isto é de Cristo, que são descendentes dos patriarcas e dos profetas e outros similares, com que procuram embatucar os cristãos e impedir que se defendam do imperialismo satânico da Sinagoga, e que são os mesmos argumentos que utilizavam com fins semelhantes, há onze séculos, os judeus que então lutavam pèrfidamente para afundar a cristandade e judaizar o sacro Império Romano Germânico. Os truques, os sofismas ou as fábulas judaicas a que se referiu São Paulo continuam sendo os mesmos depois de onze centúrias.

Mas, no meio de tal desolação, Cristo Nosso Senhor salvou a sua Santa Igreja, uma vez mais, da perfídia judaica. Desta vez os paladinos foram Santo Agobardo, Arcebispo de Lião, e depois Amolón, discípulo do primeiro e seu sucessor na dita cadeira episcopal. Eles lançaram-se a salvar a Igreja e o Sacro Império Romano Germânico das garras do judaismo.

Uma obra oficial da Sociedade Hebraica Argentina, de recente publicação, chama a Agobardo e a Amolón, sucessivos Arcebispos de Lião, os pais do anti-semitismo medieval [175],

---

[173] Como estudaremos depois, o profundo conteúdo do judaísmo, suas doutrinas e sua política secreta jamais são reveladas aos prosélitos da porta e só são património dos descendentes sanguíneos de Abraão, quer dizer, do povo escolhido de Deus.

[174] Graetz. Obra cit. Tomo III. Cap. VI. Págs. 162 a 164.

[175] «Os Judeus. Sua História. Seu contributo para a Cultura». Obra publicada pela Sociedade Hebraica Argentina. Buenos Aires, 1956. Pág. 186.

acusação que se antolha terrível, visto que os hebreus atribuem ao anti-semitismo medieval os maiores estragos causados ao judaísmo que possa imaginar uma mente cristã.

Sobre esta saudável reacção o clássico historiador hebreu Graetz comenta: «Os que se mantinham ligados à estrita disciplina da Igreja viram na violação das Leis Canónicas, no favor demonstrado aos judeus, e nas liberdades que lhes foram concedidas, a ruína da cristandade. Inveja e ódio ocultavam-se debaixo da capa da ortodoxia. Os protectores dos judeus na corte, com a Imperatriz à cabeça, eram odiados pelo Partido Clerical»... «O expoente da ortodoxia clerical e do ódio contra os judeus nesses tempos foi Agobardo, Arcebispo de Lião, a quem a Igreja canonizou [176], um homem incansável e apaixonado. Ele caluniou a Imperatriz Judite, rebelou-se contra o Imperador e incitou os Príncipes à rebelião... O Bispo desejava limitar a liberdade dos judeus, reduzi-los à baixa posição em que se encontravam sob o reinado dos merovíngios.» [177]

Continua Graetz dizendo que a luta do Arcebispo Santo Agobardo contra os judeus durou muitos anos e que tinha como base principal «a sustentação e a defesa das leis canónicas contra os judeus.» E que virou os seus olhares para os representantes do Partido da Igreja na Corte, que sabia que eram inimigos da Imperatriz e de seus favoritos judeus. Ele incitou-os a induzirem o Imperador a restringir a liberdade dos judeus. Parece que propuseram algo de semelhante ao Imperador. Mas, ao mesmo tempo, os amigos dos judeus na Corte buscaram a forma de frustrar os planos do clero.» E continua dizendo Graetz: «Agobardo pronunciou sermões antijudeus, incitando os seus diocesanos a que rompessem todas as relações com os judeus, que não fizessem negócios com eles, que recusassem entrar ao seu serviço. Por fortuna, os seus protectores na Corte acudiram muito activos em apoio dos hebreus e fizeram tudo o que puderam para fazer fracassar os desígnios do fanático padre. Logo que foram informados de suas actividades, obtiveram cartas de protecção *(indiculi)* do Imperador, seladas com o seu selo, e enviaram-nas aos judeus de Lião. Uma carta foi enviada ao mesmo tempo ao Bispo, ordenando-lhe que suspendesse os seus sermões antijudeus, sob a ameaça de severas sanções. Outra carta foi enviada ao governador do distrito

[176] Com efeito, prestou-se-lhe culto em Lião durante muito tempo, chegando a ser conhecido como Santo Aguebaldo; e no breviário de Lião tinha seu próprio ofício divino, mas não temos provas de que o Santa Igreja haja confirmado esta canonização. Com tais antecedentes, é pois muito explicável que Graetz, que foi tão cuidadoso, o haja tido como Santo canonizado.

[177] Graetz. Obra cit. Tomo III. Cap. VI. Pág. 164.

de Lião, ordenando-lhe que prestasse aos judeus toda a classe de apoio (828). Agobardo não fez caso dessas cartas e alegou depreciativamente que o decreto imperial era espúrio de facto, que não podia ser genuino.» [178]

O labor do excelentíssimo senhor Arcebispo Santo Agobardo foi de luta incansável. Dirigiu cartas a todo o episcopado, instando-o a participar activamente na luta contra os judeus, fomentou a rebelião contra o Imperador e contra Judite, apoiando-se nos filhos do primeiro matrimónio de Luís, lutou encarniçadamente por salvar o Sacro Império e a cristandade da ameaça de desintegração que pesava sobre eles.

O autorizado historiador Graetz faz da posição assumida por Agobardo o seguinte comentário: «Embora o ódio profundo de Agobardo aos judeus deva considerar-se principalmente uma manifestação dos seus próprios sentimentos, não se pode negar que estava em completa harmonia com os ensinamentos da Igreja. Ele, simplesmente, apelava para os ditos dos Apóstolos e para as Leis Canónicas. Os invioláveis decretos dos Concílios estavam também do seu lado. Agobardo, com o seu ódio tenebroso, era estritamente ortodoxo, enquanto que o Imperador Luís, com a sua tolerância, estava inclinado à heresia. Mas Agobardo não se aventurou a divulgar esta opinião abertamente. Ele até sugeria que se resistisse em crer que o Imperador estivera traindo a Igreja em benefício dos judeus. Suas queixas obtiveram eco nos corações dos Príncipes da Igreja.» [179]

Estes comentários de Graetz sobre o que, em tantos séculos, tem sido considerado como autêntica doutrina da Igreja em relação aos judeus, não podem ser mais acertados e realistas, se bem que seja certo que estas linhas foram escritas pelo célebre historiador no século passado, quando a Sinagoga de Satanás não estava ainda em condições de intentar, como agora, a falsificação total da verdadeira doutrina católica com respeito aos hebreus. No entanto, vê-se claramente que Graetz já captava o problema em sua essência, e Graetz foi um dos homens mais importantes do judaísmo em seu tempo. Suas obras históricas, sobretudo aquela que estamos citando, exerceram influência enorme nas organizações judias e nos seus dirigentes.

Além disso, era evidente para todos que as Leis Canónicas e acordos anti-semitas dos Santos Concílios Ecuménicos e Provinciais eram o principal obstáculo com que tropeçavam os que, dentro da Igreja, intentavam traí-la, favorecendo os seus inimigos capitais, os judeus, porque os que o tentavam, fossem

---

178 Graetz. Obra cit. Tomo III. Cap. VI. Págs. 165 e 166.

179 Graetz. Obra cit. Tomo III. Cap. VI. Pág. 167.

Bispos ou padres de qualquer jerarquia, faziam-se merecedores da destituição, da excomunhão e outras penas acordadas pelos Sagrados Cânones. Por isso, foi preocupação máxima dos novos Judas eliminar este modesto estorvo.

Mas como era possível eliminar de um só golpe a legislação canónica de mil e quinhentos anos, as bulas papais e a doutrina dos padres? Como destruí-las para que os padres criptojudeus pudessem, com toda a liberdade e sem perigo de destituições e excomunhão, servir a seus amos hebreus dentro do clero, intentando até falsificar a doutrina da Igreja em relação aos judeus, para favorecer com isso a derrota definitiva desta e o triunfo do seu inimigo secular?

CAPÍTULO VIGÉSIMO PRIMEIRO

O CONCÍLIO DE MEAUX LUTA CONTRA OS JUDEUS PÚBLICOS E SECRETOS

Perante o mortal perigo que ameaçava a Igreja no novo Império Romano do Ocidente, reuniram-se vários Arcebispos e Bispos em Lião, no ano de 829. Na referida reunião, segundo relata o historiador israelita Graetz, tratou-se de «abater os judeus e turvar a sua pacífica existência. Eles (os Bispos) também discutiram como o Imperador poderia ser melhor influenciado, para que adoptasse as suas resoluções. Concordou-se nas reuniões que se enviasse uma carta ao Imperador manifestando-lhe a impiedade e o perigo que significavam o favorecimento dos judeus, e especificava os privilégios que deviam ser-lhes retirados (ano de 829). A carta do Sínodo, tal como a conservamos agora, está assinada por três Bispos e intitula-se: «Em relação com as superstições dos judeus.» Agobardo escreveu o prefácio, no qual explica a sua posição na luta. Nela, depois de acusar os judeus, culpava os amigos destes de serem os responsáveis de todo o mal. «Os judeus — dizia — tornaram-se ousados devido ao apoio dos influentes, que têm dado por facto, que os judeus não são tão maus apesar de tudo, mas que são muito queridos do Imperador.» E comenta a seguir: «Desde o ponto de vista da fé e das Leis Canónicas, o argumento de Agobardo e dos outros Bispos era irrefutável e o Imperador Luís, o Piedoso, impressionado por esta lógica, teria tido que extirpar aos judeus raízes e ramos. Mas, afortunadamente, ele não se deu por esclarecido. Isto pôde ter acontecido, ou porque conhecia o carácter de Agobardo ou porque a carta contendo as acusações contra os judeus nunca lhes chegou. O receio de Agobardo de que a carta teria sido interceptada por amigos dos hebreus na Corte devia estar bem fundado.» [180]

É pois muito possível que o roubo dessa carta pelos israelitas haja sido decisivo nessa luta. É sistema dos hebreus im-

[180] Graetz. Obra cit. Tomo III. Cap. VI. Págs. 167 e 168.

pedir que cheguem às mais altas autoridades religiosas ou civis as acusações que contra eles se lançam, pelo que, quando alguém trata de acusar um padre que está atraiçoando a Igreja e favorecendo os triunfos maçónicos ou comunistas ou a algum governante que está atraiçoando um regime anticomunista de forma análoga, é muito conveniente que se lance a acusação perante a autoridade capaz de pôr remédio a tais traições, não só por um canal, mas por dois ou três diferentes, sem que uns saibam que se utilizaram os outros; assim, se no caminho a infiltração criptojudia intercepta uma acusação ou paralisa os seus efeitos, esta chegará ao seu destino de todas as maneiras pelos outros canais que se empregaram.

Entre os factos mais destacados nesse processo de judaização do Sacro Império Romano-Germânico destaca-se pela sua importância a aparatosa conversão ao judaísmo de um dos Bispos cristãos filo-semitas de maior confiança na Corte do Imperador e um dos seus principais conselheiros. Deste Prelado diz o historiador judeu Graetz: «O Imperador havia-o favorecido, e, com o fim de o ter constantemente junto de si, converteu-o em seu director espiritual.» [181] A luta era mais terrível, pois entre os conselheiros íntimos do Imperador que auspiciavam a sua absurda política filo-semita, havia Bispos da Santa Igreja. Também em nossos dias, como então, há os que favorecem os interesses dos judeus inimigos do cristianismo.

Mas o caso de Bodo foi mais grave. Muitos padres, nessa época, estavam servindo os interesses da Sinagoga de Satanás, ainda que na aparência se mantivessem ortodoxos, com o que indubitàvelmente causavam mais prejuízo. Deveriam pois sentir-se muito poderosos, para se darem ao luxo de queimar um dos seus homens mais influentes, o director espiritual do Imperador, que pùblicamente fez alarde de renegar o cristianismo e converter-se ao judaísmo, aduzindo a razão de que este possuia a religião verdadeira.

Sobre o efeito que este golpe devastador causou no povo cristão, diz Graetz: «A conversão ao judaísmo do Bispo Bodo, que até esse momento havia ocupado mui elevada posição, causou grande sensação nesse tempo. As crónicas falam deste acontecimento como o teriam feito de um fenómeno extraordinário. O sucesso, indubitàvelmente, foi acompanhado de circunstâncias peculiares e propiciou um forte golpe aos piedosos cristãos.» [182]

Por nossa parte, carecemos de dados suficientes para podermos saber se se tratou de um Bispo criptojudeu, que realizou

[181] Graetz. Obra cit. Tomo III. Cap. VI. Pág. 168.

[182] Graetz. Obra cit. Tomo II. Cap. VI. Pág. 168.

a sua teatral conversão com fins de propaganda, pretendendo assestar um golpe que acabasse por semear a desmoralização entre os cristãos e acelerasse os intentos de judaização do Império, ou se realmente se tratou de um Bispo que foi arrastado pela tão perigosa prudência do filo-semitismo, até desembocar na apostasia e conversão ao judaísmo. Qualquer que tenha sido a verdade, é inegável que nas difíceis circunstâncias por que atravessava a Santa Igreja no Sacro Império Romano-Germânico, o incidente deve ter sido em extremo prejudicial para a cristandade. Se Carlos Magno tivesse ressuscitado, teria podido ver o resultado desastroso do desatar da besta acorrentada pelas Leis Canónicas, inspirado na comiseração para com os judeus oprimidos e no desejo de utilizar os seus valiosos serviços comerciais para o reino, e teria verificado haver sido vítima dos hábeis enganos dos que têm demonstrado ser os intrujões mais hábeis do mundo. É pois urgente que todos os dirigentes religiosos e políticos da Humanidade extraiam desta dolorosa tragédia os múltiplos ensinamentos que nos traz, visto que, se a um dos maiores génios políticos como foi Carlos Magno puderam os hebreus com a sua hábil diplomacia enganá-lo, nada estranho é que os judeus, com suas tácticas tradicionais de explorar a compaixão humana, o desejo de todo o homem virtuoso de proteger os oprimidos ou de defender o postulado sublime da igualdade dos povos e das raças, tenham podido através da História, e continuem conseguindo em nossos dias, enganar e surpreender a boa fé de muitos Papas, Reis e dirigentes políticos ou religiosos da Humanidade. Só o conhecimento pleno da maldade judaica e das suas tradicionais tácticas de engano manterá os bons alerta contra as fábulas judaicas, contra as quais, com toda a sabedoria, nos preveniu São Paulo; só assim se poderá impedir que os bons continuem caindo presos nas redes dos mestres da mentira e da simulação.

Perante tão catastrófica situação, o incansável e valente Arcebispo Agobardo tomou parte numa conspiração contra a Imperatriz Judite e ajudou os filhos do primeiro matrimónio de Luís na luta para destronar o funesto Imperador. Agobardo foi destituído do seu posto e o Império mergulhou numa série de guerras civis, com alternativas de triunfo de uma e outra parte. Entretanto, a morte de Luís constituiu um golpe decisivo contra o judaísmo, embora o heróico Arcebispo haja também descido ao túmulo sem saborear a vitória e o fruto da sua luta.

A nova política iniciada por Luís, erradamente chamado o Piedoso, consistente em colocar os judeus sob a protecção da Coroa, teve consequências desastrosas para a Humanidade, pois nos séculos seguintes foi imitada por muitos reis cristãos, que

permitiram ao inimigo receber protecção no meio de suas monstruosas conspirações, com o fundamento de que os hebreus eram muito úteis como cobradores de impostos, de que contribuiam com os seus empréstimos para satisfazer os encargos nos tempos difíceis, de que eram um factor decisivo no progresso do comércio e de que ajudavam eficazmente com os seus próprios impostos, que pagavam pontualmente, para sustentar o erário. É verdade que conspiravam, que propagavam heresias e sedições, mas a monarquia medieval sentia-se suficientemente poderosa para poder dominar fàcilmente essas desordens; e realmente, tanto a monarquia como a aristocracia medievais eram tão fortes, que por muito tempo puderam consegui-lo. No entanto, chegou um momento em que os descendentes desses reis e aristocratas optimistas tiveram de chorar amargamente os erros cometidos por seres antepassados, erros que toda a Humanidade está sofrendo ainda.

Morto Luís, o Império ficou desagregado, dividido entre os seus quatro filhos. Como era de esperar, a preponderância judia só subsistiu nos domínios de Carlos, o Calvo, filho de Judite, que herdou desta a sua simpatia pelos judeus, ainda que sem chegar a tantos extremos. No entanto, alguns hebreus continuaram tendo influência na Corte, entre eles Lede Kiah, médico do Rei; e sobretudo um favorito, por cujos serviços políticos lhe chamava o monarca «meu fiel Judá». É curioso o que diz do Sul da Europa, nestes anos, o israelita Graetz: «O Sul da Europa, perturbado pela anarquia e governado por um clero fanático, não oferecia um campo adequado para o desenvolvimento do judaísmo.» [183]

A preponderância do judaísmo em França continuava de qualquer forma constituindo um perigo tão sério para a cristandade, que Amolón, novo Arcebispo de Lião, tomou em suas mãos a defesa da Igreja e do povo, continuando a luta iniciada por seu mestre e predecessor Agobardo. Amolón contou, para tal fim, com o apoio da maioria do Episcopado, incluindo até o do rebelde Hinkmar, Bispo de Reims, que havia conseguido captar a confiança plena do Rei Carlos, contrapesando em parte a má influência dos favoritos hebreus.

O excelentíssimo senhor Arcebispo Amolón foi, sem dúvida, nesses dias, o instrumento da Divina Providência para defender a Santa Igreja e a França contra a acção destruidora dos judeus; e além de lutar encarniçadamente contra eles na acção, fê-lo com a pena, escrevendo o seu famoso «Tratado contra os Judeus», no qual desmascarava pùblicamente a actividade perversa que estes desenvolviam contra a cristandade e exor-

[183] Graetz. Obra cit. Tomo III. Cap. VI. Pág. 170.

tava padres e seculares a empreenderem a luta contra estes inimigos capitais. [184]

Os Bispos franceses encabeçados por Amolón empreenderam importante luta contra os hebreus no Santo Concílio que se reuniu no ano de 845 em Meaux, perto de Paris. O referido Sínodo aprovou uma lista de medidas antijudias, que foram sugeridas ao Rei para que as fizesse executar, entre as quais figuravam cânones vigentes desde os tempos de Constantino, as leis de Teodósio II proibindo aos judeus desempenhar postos públicos e honrarias, o édito do Rei meronvíngio Childeberto proibindo aos judeus desempenhar postos de juízes, de arrendadores de impostos e ordenando-lhes respeitar o clero.

O problema dos cristãos criptojudeus, descendentes dos falsos conversos, que cada vez era maior em França, ocupou, como é natural, a atenção especial do Santo Concílio, que incluiu na lista várias Leis Canónicas aprovadas em Sínodos de outros países, os cânones antijudeus dos Concílios Toledanos, contra os baptizados que em segredo continuavam sendo judeus, e os cânones que ordenavam recolher-lhes seus filhos para se educarem entre os cristãos, [185] medidas que, como já temos visto, tinham por um objectivo impedir que o criptojudaísmo se perpetuasse ocultamente de geração em geração.

Como se vê, este Santo Concílio da Igreja, tentando opor aos grandes males grandes remédios, procurava libertar a França das garras judaicas, iniciando uma guerra sem quartel tanto contra o judaísmo público como contra o judaísmo clandestino.

Desgraçadamente, Carlos, o Calvo, sem dúvida influenciado ainda pela educação materna, quando teve conhecimento dos acordos do Sínodo, longe de acatar o que nele fora aprovado, manda-o dissolver pela força, pese a que houvesse tomado parte no referido Concílio o seu conselheiro e amigo, o Bispo Hinkmar, o que demonstra que na altura os hebreus continuavam a ter influência decisiva da Corte de França.

No entanto, o Arcebispo Amolón não se amedrontou ante a brutalidade do Rei e voltou à carga, enviando ao clero uma Carta Pastoral que, segundo comentário de Graetz, estava «cheia de virulência e de calúnias contra a raça judia», dizendo depois que: «A carta virulenta de Amolón teve tão escassos resultados como a de Agobardo e como a decretal do Concílio

---

[184] Amolón. «Tratado contra os Judeus». Publicado na Biblioteca Patrum Máxima. Tomos XIII e XIV.

[185] Concílio de Meaux. Citado por Graetz. Obra cit. Tomo III. Cap. VI. Pág. 173.

de Meaux. Mas gradualmente o veneno espalhou-se do clero ao povo e aos príncipes.» [186]

O historiador israelita Josef Kastein, referindo-se a este último facto, afirma que a Igreja, «utilizando o grito de combate de que a religião cristã estava ameaçada, utilizou a mais perigosa das armas, as massas ignorantes da nação». «Em mentes susceptíveis de ser influenciadas por qualquer coisa e por cada coisa, ela constantemente lhes dava o mesmo argumento, que mais cedo ou mais tarde tinham de captar. O resultado foi que as massas, de meras vizinhas, se converteram em inimigas dos judeus. E por este meio a Igreja assegurou-se da grande vantagem de conseguir a desejada mudança de atitude do populacho, que teve lugar independentemente das condições políticas que prevaleceram num momento dado.» [187]

Kastein, tal como Graetz e os principais historiadores hebreus, considera que a Santa Igreja foi a verdadeira mãe do anti-semitismo medieval, no que indubitàvelmente têm razão, visto que entendem por anti-semita todo o movimento tendente a defender a cristandade do imperialismo judaico e da sua actividade revolucionária. Por outro lado, é muito compreensível que, frente a governos mais ou menos filo-semitas e a um iudaísmo tão influente como o da França desses tempos, a maneira mais eficaz de salvar a cristandade da dominação judaica, era fazer trabalho de convencimento entre o povo, fazendo-lhe conhecer em toda a sua amplitude o perigo judeu e a ameaça que este significava para a religião e para o próprio povo. Que tal trabalho de convencimento foi nesses tempos eficaz, no-lo confirmam os escritos dos próprios historiadores hebreus, que se lamentam de a Santa Igreja ter conseguido modificar essa atitude filo-semita do povo, que imperava na França de Luís, o Piedoso, e de Carlos, o Calvo, pela atitude posterior de hostilidade popular para com o judaísmo, o que nos faz ver que também esta gigantesca batalha que os hebreus estiveram a ponto de ganhar, terminou com o triunfo da Santa Igreja e a derrota da Sinagoga de Satanás.

Quando os escritores judeus dizem que a Igreja utilizou a arma mais eficaz que é o populacho ignorante, demonstram um cinismo verdadeiramente incrível, visto que esta tem sido precisamente a arma que os judeus têm empregado sempre e continuam utilizando em nossos dias.

Esse trabalho de convencimento pessoal, realizado nesses tempos pela Igreja, abrindo os olhos ao povo sobre o que são os judeus e assinalando o perigo que significam, é o único que

[186] Graetz. Obra cit. Tomo III. Cap. VI. Págs. 172 e 173.

[187] Rabino Josef Kastein. Obra cit. Págs. 252 e 253.

pode salvar o mundo nas actuais circunstâncias. Urge pois imitar o que fez a Santa Igreja naqueles tempos difíceis e imprimir folhetos pequenos mas claros para as massas trabalhadoras e livros para os sectores mais cultos, que na maior quantidade possível sejam oferecidos casa por casa, pessoa por pessoa, para que toda a gente conheça o que significa o perigo do imperialismo judaico e da sua acção revolucionária.

Este trabalho de convencimento deve dirigir-se especialmente aos chefes e oficiais do Exército, da Marinha, da Aviação; aos soldados, aos governantes, aos mestres de escola, dirigentes políticos, financeiros, jornalistas, universitários, pessoal de estações radiodifusoras e de televisão, às massas trabalhadoras, à juventude de todas as classes sociais; e, sobretudo, aos membros do clero da Igreja Católica e restantes Igrejas cristãs, que, ao contrário do clero daqueles tempos, desconhecem, regra geral, o perigo, devido a uma série de circunstâncias que a seguir estudaremos. Este trabalho de convencimento e difusão do perigo judaico deve realizar-se à margem das actividades políticas, por forma igual entre os membros de todos os partidos políticos e de todas as confissões religiosas, para que em todos esses sectores surjam os naturais movimentos de defesa, que devem ser coordenados secretamente.

Se as maiorias populares e os sectores que detêm em suas mãos as forças vivas de uma nação, assim como os seus meios de propaganda, abrem os olhos e se dão conta do perigo de escravidão que a todos nos ameaça e da imensa maldade do imperialismo judeu e seus sinistros propósitos, preparar-se-á o caminho para a libertação dessa nação e do mundo inteiro.

O sistema de escrever livros para os colocar à venda nas livrarias, com o objectivo de que se inteirem deles umas quantas pessoas, é insuficiente, porque a voz de alerta deve dar-se a todos os lares e a todas as pessoas. Os folhetos ou livros orientadores devem destribuir-se ao domicílio, entregar-se em mão, e, quando seja possível, fazê-los chegar ao destinatário por meio de amigos da pessoa a quem se vão entregar.

Os padres, os ricos e outras pessoas que manejam grandes quantidades de dinheiro devem sacudir a sua crónica e pecaminosa avareza para colaborar no financiamento dessas actividades de orientação, visto que se por sua falta de ajuda se perde esta batalha universal, decisiva para os destinos do mundo, ao consumar-se o triunfo judaico espera-os o pelotão de execução ou os campos de concentração, que procuram o aniquilamento do clero e da classe burguesa, ao triunfar a ditadura socialista do comunismo.

CAPÍTULO VIGÉSIMO SEGUNDO

TERROR JUDEU EM CASTELA NO SÉCULO XIV

Depois da traição dos judeus, que facilitou a queda do Império Cristão dos Visigodos e sua conquista pelos muçulmanos, começou a chamada guerra da reconquista, iniciada pelos cristãos que, sob as ordens do visigodo Pelayo, se haviam feito fortes nas serras do Norte da Península Ibérica. Esta luta de libertação ia durar quase oito séculos e começou, como é natural, com sangrentas represálias contra os judeus, a quem se culpava da queda do Estado cristão e das matanças de cristãos que ocorreram depois dessa catástrofe.

Esse sentimento antijudeu durou alguns séculos, até que a astúcia e habilidade dos hebreus soube aproveitar todas as oportunidades que se lhes apresentaram para o ir desvanecendo, sobretudo prestando valiosos serviços aos reis cristãos da Península, quando necessitaram converter a Espanha católica num refúgio para os israelitas que fugiam de toda a Europa, perseguidos primeiro pelas monarquias cristãs e depois pela Santa Inquisição Pontifícia, que reagiam com violência perante as tentativas da Sinagoga para conquistar os Estados católicos e subverter a sociedade cristã.

Além disso, desde o século X, os judeus que em tempos haviam sido aliados dos muçulmanos, atraiçoando a sua amizade, começaram a semear a decomposição na sociedade islâmica, procurando dominá-la por meio de sociedades secretas e heresias, a principal das quais foi a criminosa seita dos assassinos, verdadeira precursora da maçonaria moderna, cujo poder secreto se estendeu pelo Islão e inclusive pela Europa cristã, até que foi depois aniquilada principalmente pelos invasores mongóis. De qualquer forma, o mundo muçulmano encontrava-se no século XII em estado de perigosa decadência, atribuída em parte à múltipla acção subversiva dos judeus. A dinastia dos Almoádas, que sucedeu no Norte de África e na Espanha islâmica à dos Almorávidas, procurando salvar o Islão da catástrofe, iniciou uma guerra de morte contra o judaísmo,

que provocou, como de costume, milhares de conversões fingidas ao Islão e a fuga de outros muitos hebreus para a Espanha cristã.

Empenhados os monarcas ibéricos em expulsar da Península os sarracenos, esqueceram as antigas traições dos israelitas, para utilizarem os seus serviços na empresa da reconquista como prestamistas, recebedores dos impostos e até como espias, visto que agora, invertendo-se os papéis, os judeus actuavam como quinta coluna dentro da Espanha Islâmica em benefício da Espanha Cristã, atraiçoando os seus antigos aliados. Voltou uma vez mais a história a repetir-se; e os habitantes judeus de uma monarquia muçulmana convertiam-se agora em perigosíssima quinta coluna em benefício dos inimigos exteriores do referido Estado, que eram na altura os Reis cristãos da Ibéria, os quais, influídos pelos valiosos serviços que lhes prestavam os israelitas, os convertiam em membros dos seus governos e até em Primeiros-Ministros ou em Tesoureiros Reais, em violação do ordenado pelos Santos Concílios da Igreja, que proibiam o acesso dos hebreus aos postos de governo.

Os israelitas volveram uma vez mais a utilizar a sua tradicional táctica de ganhar a amizade dos seus inimigos com um bom comportamento temporal e com eficazes serviços, para adquirir assim valiosas posições, que lhes permitissem depois conquistar os Estados que lhes ofereciam protecção.

Não desaproveitaram oportunidade alguma para tentar alcançar o domínio desses reinos cristãos, convertidos já para eles numa nova Palestina, aonde acudiam solícitos.

Os judeus chegaram em Castela ao auge do seu poderio nos tempos do Rei Pedro, o Cruel, cujo governo dominaram durante vários anos. A forma como conseguiram conquistar temporalmente esse reino cristão é sumamente interessante.

Pedro, o Cruel, herdou o trono no ano de 1350, quando era um rapaz de quinze anos, tendo depressa caído debaixo da influência do destacado dirigente judeu Samuel Ha-Levi Abulafia, o qual, fomentando as paixões do adolescente príncipe e adulando-o, pôde eliminar o tutor do mesmo, Juan Alfonso, Senhor de Albuquerque, e anulou também a benéfica influência da Rainha mãe. Primeiro foi nomeado Tesoureiro Real e depois, de facto, Primeiro-Ministro do reino,[188] com o que este judeu adquiriu um poder político que nenhum outro hebreu

[188] Gutiérre Diez de Gómez. «Crónica de Pedro Niño Conde de Buelna». Esta Crónica foi escrita no ano de 1495. Os dados são tomados da Edição Madrid, 1782. «Crónica del Rey Don Pedro», de Pero López de Ayala. Anos I, II, III, IV e seguintes. Esta Crónica foi manuscrita pelo seu autor na segunda metade do século XIV. J. Amador de los Rios. «História de los Judios en España y Portugal». Madrid, 1876. Tomo II. Págs. 220 e seguintes.

do seu tempo havia adquirido em reino cristão; logo cresceu a influência dos conselheiros judeus do monarca, de forma que muitos consideravam já perigosa para os cristãos.

Desde os primeiros anos, os iniciais desaforos que o jovem Rei cometia, empurrado pelos seus maus conselheiros, provocaram no reino uma rebelião geral, formando-se uma liga constituída pela Raínha mãe, os meios-irmãos (bastardos) do monarca, sua tia Leonor, Raínha de Aragão, e muitos poderosos nobres, liga que tinha por objectivo libertar o adolescente dos conselheiros judeus e de toda a pandilha de gente inconveniente que o rodeava, de que faziam parte os parentes da sua amante Maria Padilla, pela qual havia abandonado sua esposa, a jovem Branca de Bourbon, irmã da Rainha de França.

Abandonada a causa de Pedro pela quase totalidade dos nobres do reino, acedeu a colocar-se sob a tutela de sua mãe, acudindo o jovem Rei à cidade de Toro, acompanhado, entre outros, segundo diz o cronista da época Pero López de Ayala, por Samuel Ha-Levi, que, segundo este cronista, era «seu mui grande privado e conselheiro.» [189]

Uma vez ali, depois da carinhosa recepção que lhe fizeram sua mãe e tia, foram encarcerados os do seu séquito, entre eles o influente Ministro judeu Samuel Ha-Levi.

A morte de D. Juan Alfonso de Albuquerque que, segundo alguns, foi envenenado [190], constituiu um golpe forte para a liga, visto que ele era o laço de união entre pessoas e forças de interesse muito dissemelhantes. Resumimos a seguir o que o célebre historiador francês do século passado, Prosper Merimée, conta quanto à forma como Samuel Ha-Levi soube aproveitar a nova situação para urdir uma hábil intriga com o fim de desbaratar a liga, oferecendo aos Infantes de Aragão, da parte do Rei adolescente, castelos e ricos domínios em troca de o deixarem fugir, e oferecendo vilas e senhorios a grande número de magnates, até que o astuto conselheiro judeu conseguiu fazer em pedaços a coligação e pôr-se em fuga com o jovem monarca, certo dia que saíram à caça. [191]

O historiador, também do século passado, J. Amador de los Rios, referindo-se a esta astuta manobra, diz: «Graças pois à discrição e actividade de D. Samuel, alcançava o filho de Alfonso XI a liberdade, de que haviam conseguido despojá-lo sua mãe e irmãos; graças ao ouro que tinha sabido derramar e às

---

[189] Pero López de Ayala. «Crónica del Rey Don Pedro». Ano V. Capítulos XXXIV e XXXV.

[190] Outros negam veracidade a esta versão.

[191] Prosper Merimée. «Histoire de Don Pedro». Ediç. Paris, 1848. Páginas 182 e 183.

promessas feitas em nome do Rei, havia introduzido a desconfiança e a desunião no campo da liga, desconcertando de todo os planos dos bastardos, e vendo-se em breve (o Rei) rodeado de poderosos servidores que lhe prometiam fidelidade duradoura. D. Samuel havia conquistado a omnímoda confiança de D. Pedro.» [192]

E com a protecção do ministro israelita, os judeus foram adquirindo no reino cada vez maior influência. Sobre o que a este respeito aconteceu, fala-nos muito claramente o ilustre historiador hebreu Bedarride, que afirma que os judeus em Castela chegaram, sob o reinado de Pedro, o Cruel, «aos cumes do poder.» [193] Mas, desgraçadamente, a História demonstra-nos que sempre que os israelitas chegam «aos cumes do poder» num Estado cristão ou gentio, se desencadeia uma espantosa onda de assassínios e de terror, que faz correr torrentes de sangue cristão ou gentio. Tal coisa ocorreu no reinado de D. Pedro, a partir do momento em que os hebreus exerceram sobre a sua educação e sobre o seu governo uma influência decisiva. Este jovem inteligente, que demonstrou ser depois moço de ampla visão, de grandes ilusões e energia a toda a prova, talvez pudesse ter sido um dos maiores monarcas da cristandade se não fosse corrompido em sua adolescência pelo mau exemplo e piores conselhos dos seus privados e conselheiros israelitas, a quem o povo culpava da onda de crimes e atropelos desencadeada durante esse sangrento governo, em que os judeus foram cumulados de favores e as sinagogas floresceram, enquanto as igrejas decaíam e o clero e os cristãos sofriam oprobriosas perseguições.

Acerca da influência decisiva dos judeus sobre o jovem monarca e seu sinistro influxo nas crueldades que se cometeram nesse tormentoso reinado, falam muitos cronistas contemporâneos dos factos ou um tanto posteriores. O coetâneo francês Cuvelier afirma que Henrique, meio-irmão do Rei, «foi rogado e requerido pelos Barões de Espanha para que manifestasse outra vez a seu irmão, o Rei, que fazia muito mal em aconselhar-se com os judeus e em afastar os cristãos»... «Portanto, se foi Henrique ao palácio onde estava o Rei seu irmão, o qual falava, em conselho, a vários judeus, entre os quais não havia nenhum cristão»... «Suplicou D. Henrique a D. Pedro que deixasse o conselho dos judeus.» Acrescenta o cronista que estava ali um hebreu chamado Jacob, muito chegado visível-

---

192 J. Amador de los Rios. Obra cit. Tomo II. Cap. IV. Págs. 223 e 224.

193 Bedarride. «Les Juifs en France, en Italie et en Espagne». Duodécima Ediç. Paris, 1961. Michel Levy Frères Editeurs. Pág. 268.

mente a D. Pedro.[194] Outro ilustre cronista francês, Paul Hay, Senhor de Chartelet, sobre o mesmo episódio, acrescenta, referindo-se ao citado conselheiro do Rei D. Pedro, que Henrique de Trastâmara não pôde dominar a sua cólera «ao encontrar-se com um judeu de nome Jacob, que gozava de toda a confiança e familiaridade com D. Pedro e a quem atribuiam ser o inspirador de todas as suas acções de crueldade.»[195]

Sobre os crimes espantosos cometidos durante o sanguinário reinado de Pedro, o Cruel, expressam-se a «Prima Vita Urbani V»; o cronista italiano, também contemporâneo, Matteo Villani; o cronista muçulmano igualmente coetâneo dos factos, Abou-Zeid-Ibn Khaldoun, que, entre outras coisas, afirma que «oprimiu com crueldade a nação cristã e por sua tirania se fez tão odioso aos olhos dos seus súbditos, que se insurreccionaram contra ele»; assim como a crónica, também contemporânea, do Rei Pedro de Aragão, que descreve de forma claríssima a actuação criminosa desse reinado e a famosa Crónica Memorável, francesa, de Jean Froissard, que, além de mencionar a crueldade e tirania que caracterizaram esse governo, revela como especialmente importante a atitude hostil de Pedro, o Cruel, para com a Igreja e o Papado.[196]

«Os Anais e Crónicas de França», escritos por Nicolás Gilles em fins do século XV, chamam a Pedro «grande tirano», «apóstata da religião de Jesus Cristo», atribuindo o seu triste fim a castigo do céu.[197] Mas Fernández Niño, colaborador fiel de Pedro, que o serviu com lealdade até à sua morte, no seu célebre relato recolhido na «Crónica de Pedro Niño», fala do derramamento de muito sangue de inocentes, afirmando também que o monarca «tinha por privado um judeu a quem chamavam Samuel Levi, que ensinava a desfazer os grandes ho-

---

[194] Cuvelier. «Histoire de Monseigneur Bertrand Du Guesclin». Manuscrita em verso pelo cronista e mandada escrever em prosa por Estouville no ano de 1387. Tradução espanhola de Berenguer. Madrid. 1882. Págs. 108 e 110.

[195] Paul Hay, Seigneur de Chartelet. «Histoire de Monseigneur Bertrand Du Guesclin». Ediç. Paris, 1666. Livro III. Cap. VI. Págs. 92 e 94.

[196] «Prima Vita Urbani V». Editio Bosqueti. *Col. cum vetustis codicilius.* Publicada por Baluzius em sua «Vitae Paparum Avenionensium». Ediç. Paris, 1693. Págs. 374, 375 e 386.

«História de Matteo Villani». Ediç. Florença, 1581. Livro I. Cap. LXI. Páginas 30 e 31.

Abou-Zeid-Abd-er Rahman Ibn-Khaldoun. «Historia de los Barberiscos». Tradução francesa do Barão de Slane. Argel, 1586. Tomo IV. Págs. 379 e 380.

Jean Froissard. «Histoire et Chronique Memorable». Paris, 1574. Vol. I. Cap. CCXXX. Pág. 269 e Cap. CCXLV. Pág. 311.

[197] Nicolás Gilles. «Les Anales et Chroniques de France». Paris. 1666. Página 93.

mens e a fazer-lhes pouca honra... se distanciou de muitos, usou o cutelo e exterminou muito no seu reino, pelo que o aborreceram a maior parte dos seus súbditos.» Nesta crónica, também se fala do apego à astrologia do jovem Rei, [198] facto de grande importância política, visto que os astrólogos de Pedro eram judeus, destacando-se entre eles Abraão-Aben-Zargal e influiam em suas actuações políticas; consultava sempre os seus astrólogos, para que lhe indicassem se teria ou não êxito. A este respeito, é interessante o facto de que já em vésperas da sua ruína, D. Pedro lançou em cara ao dito Abraão, que tanto ele como os seus demais astrólogos lhe haviam profetizado que teria de conquistar terras muçulmanas até capturar Jerusalém e que as coisas iam tão mal que se via que o haviam enganado.» [199] É compreensível que nesses tempos em que os muçulmanos estavam lutando heròicamente contra a ameaça hebreia, e donos os judeus já de Castela, hajam querido incitar o Rei Pedro a invadir e conquistar o Norte de África até Jerusalém para conseguirem uma vez mais destruir os seus inimigos islâmicos com mão alheia e até alcançar o seu sonho dourado de libertar a Palestina. Este último plano que se lhes desmoronou com a derrota de Pedro conseguiram-no séculos depois quando puderam conquistar a Inglaterra e utilizá-la para que libertasse a Palestina do domínio muçulmano. Utilizando a astrologia, os israelitas puderam dominar a política de muitos reis no tempo em que estava em voga essa superstição.

O ilustre historiador Bispo Rodrigo Sanchez, morto em 1471, compara Pedro de Castela com Herodes. [200] Paul Hay, segundo cronista de Beltrán Du Guesclin, compara-o com Sardanapalo, Nero e Domiciano. [201]

O historiador francês P. Duchesne, referindo-se ao regresso de Pedro a Castela, quando foi restaurado no trono pelas tropas inglesas, diz: «Entrando D. Pedro por Castela como um lobo sanguinário e carniceiro por um rebanho de ovelhas». «Ia adiante o terror, acompanhava-o a morte, seguiam arroios de sangue.» [202]

O padre jesuíta Juan de Mariana, na sua «História Geral

---

198 Gutierre Diez de Gómez. «Crónica Manuscrita». Ediç. cit. Págs. 14 a 21.

199 «Sumário dos Reis de Espanha». Cap. XC.

200 Ferrer del Rio. «Exame Histórico Crítico do Reinado de Don Pedro de Castela». Obra premiada por voto unânime da Real Academia Espanhola. Ediç. Madrid, 1851. Págs. 208 a 211.

201 Paul Hay Seigneur de Chartelet. Crónica cit. Pág. 93.

202 Duchesne. Mestre de Suas Altezas Reais e Senhores Infantes de Espanha. «Compêndio da História de Espanha». Traduç. espanhola do P. José Francisco de la Isla. Ediç. Madrid, 1827. Pág. 172.

de Espanha», referindo-se ao funesto reinado de Pedro, o Cruel, afirma: «Desta maneira, com o sangue de inocentes, os campos e as cidades, vilas e castelos, e os rios e o mar estão cheios e manchados, por onde quer que se fosse se achavam rastros e sinais de fereza e crueldade. Que tão grande fosse o terror dos do reino não há necessidade de dizê-lo, todos temiam que lhes sucedesse a eles outro tanto, cada um duvidava da sua vida, nenhum a tinha segura.» [203] É curioso notar que este relato, escrito há quase quatrocentos anos, parece descrever com exactidão pasmosa a actual situação de terror que vigora na União Soviética e demais países sujeitos à ditadura socialista do comunismo. Mas existe ainda mais uma importante coincidência: no reinado de Pedro, o Cruel, os judeus chegaram, segundo diz o famoso historiador israelita Bedarride, «aos cumes do poder», e na União Soviética e demais estados socialistas, também os judeus chegaram «aos cumes do poder». Curiosa e trágica é a coincidência entre duas situações distanciadas no tempo por largos seis séculos.

Como acontece também em todo o Estado em que os judeus alcançam «os cumes do poder», na Castela de Pedro, a Santa Igreja foi perseguida, enquanto os hebreus eram cumulados de honrarias. Isto trouxe como consequência, primeiro os enérgicos protestos do clero castelhano, consignados em interessantes documentos entre os quais se encontra uma escritura outorgada ainda em vida do monarca, em que o Cabido da Igreja de Córdova chama a Pedro «tirano herege.» [204]

O rompimento da Santa Sé com este protector de judeus e opressor dos cristãos ocorreu quando o Papa excomungou Pedro, declarando-o em pleno Consistório indigno da Coroa de Castela, desligando os castelhanos e seus demais súbditos do seu juramento de fidelidade e dando a investidura de seus reinos a Henrique, Conde de Trastâmara, ou ao primeiro príncipe que pudesse ocupá-la. [205] Isto facilitou a formação de uma coligação entre os reinos de França, Aragão e Navarra, que organizaram, sob os auspícios do Papa, uma espécie de cruzada para libertar o reino de Castela da opressão que sofria.

Enquanto que os cristãos, padres e seculares eram assassinados, encarcerados e oprimidos de tal forma, o judaísmo fortalecia-se como talvez nunca tivesse acontecido na Espanha cristã. Nestes tempos, a cidade de Toledo era pràticamente a capital do judaísmo internacional, como depois o seriam su-

---

[203] Padre Juan de Mariana, S. J. Obra cit. Livro XVII. Cap. V. Pág. 59 do Tomo II.

[204] Academia da História. Privilégio da dita Igreja. G. 18.

[205] Paul Hay. Crónica cit. Livro III. Cap. VI. Pág. 94.

cessivamente Constantinopla, Amsterdão, Londres e Nova Iorque. O poderoso Ministro Samuel Ha-Levi organizou na dita cidade um Sínodo ou Congresso Universal hebraico, a que concorreram delegações das comunidades israelitas residentes nas mais distantes terras, tanto para eleger um chefe mundial do judaísmo como para admirar a nova sinagoga, que, contrariando os Cânones da Igreja, Pedro permitiu a Samuel construir.

Da celebração desta grande assembleia subsiste memória na dita sinagoga, convertida posteriormente na Igreja do Trânsito, em duas inscrições que constituem um verdadeiro monumento histórico. Do texto das inscrições verifica-se que o chefe eleito foi o próprio Samuel Ha-Levi, que, ao que parece, se converteu no Baruch dessa época, o que não obstou a que, anos depois, um grupo influente de israelitas inimigos dele o acusasse de haver roubado o tesouro real, precipitando a sua queda e morte. Estes judeus invejosos do imenso poder que havia alcançado Samuel, acusaram-no de haver roubado D. Pedro durante vinte anos e até induziram o Rei a que o submetesse a tormento para que revelasse onde estavam três imensos montões de ouro roubado pelo Ministro, mas como Samuel morresse no tormento sem nada revelar, o cronista continua dizendo: «E ao Rei lhe pesou muito (a morte), quando o soube, e por conselho dos ditos judeus mandou-lhe tomar quanto tinha. E foram escavadas suas casas que D. Samuel tinha em Toledo e acharam uma adega feita debaixo da terra, da qual extraíram três montões de tesouro e de moeda e barras e placas de ouro e prata, que tão alto era cada montão que não se via um homem colocado no lado oposto. E o Rei D. Pedro veio vê-los e disse assim: «Se D. Samuel me tivesse dado a terça parte do mais pequeno montão que há aqui, eu não o teria mandado atormentar. Mas preferiu morrer, sem mo dizer.» [206] Isto de tesoureiros ou ministros da Fazenda judeus roubarem não era nada novo; muitos haviam sido destituídos por esse motivo; o incidente, porém, revela-nos como entre os próprios judeus, apesar da irmandade, surgem invejas e discórdias terríveis, com resultados trágicos como o que acabamos de estudar. Por outro lado, a influência exercida pelos hebreus no governo de Pedro continuou como sempre. Só houve simples troca de pessoas.

Entre as acusações que se empregaram como bandeira para derrubar Pedro figura a de que não só havia entregue aos ju-

[206] «Continuação da Crónica de Espanha» do Arcebispo Jimenez de Rada. Publicada no Tomo 106 da Colecção de Documentos Inéditos para a História de Espanha. Págs. 92 e 93.

deus o governo do reino, mas que ele mesmo era hebreu, devido ao facto de, carecido de sucessor masculino, o Rei Afonso XI estava tão desgotoso que havia ameaçado a Rainha sèriamente se do próximo parto saísse menina: e que, tendo acontecido tal coisa, a Rainha havia aceite, para se salvar, que lhe trocassem a menina por um menino, coisa que planeou e realizou o seu médico parteiro israelita, trazendo o filho de uns hebreus que acabara de nascer e que cresceu como herdeiro do trono, sem o Rei Afonso saber que era um israelita o que faziam aparecer como seu filho. Diziam ainda, que, sabedor depois Pedro da sua origem judia, se havia circuncisado em segredo e que a isso se devia que tivesse entregue o governo do reino por completo aos hebreus. No entanto, o ilustre cronista e literato Pero López de Ayala, nada favorável ao Rei Pedro, sem se referir à acusação de maneira expressa, nega-a tàcitamente ao chamar a Pedro filho legítimo de Afonso XI. No mesmo sentido se expressam historiadores e cronistas que se baseiam em López de Ayala. Embora compartilhemos os justos elogios que se fazem de tão distinto cronista, com respeito a este assunto é digno de tomar em conta que a sua «Crónica del Rei D. Pedro» foi escrita quando D. Catarina de Lencastre, descendente do referido Rei, se havia já casado com Henrique III, neto do de Trastâmara [207] em matrimónio político destinado a unir as duas estirpes rivais e pôr fim a futuras discórdias. É natural que, tendo-se escrito a crónica numa época em que o interesse da monarquia castelhana era lavar a mancha de possível ascendência hebreia, Pero López de Ayala haja sido forçado a calar tudo o que se relacionasse com esse assunto, que podia ferir além disso a honra da Rainha Catarina.

Por outro lado, a História tem-nos demonstrado que os hebreus, com as suas ambições de domínio mundial, são muito capazes de fazer qualquer coisa com o fim de se apoderarem de um reino, quer se trate de trocar uma menina por um infante ou realizar qualquer outro truque que a oportunidade lhes apresente; mas, no caso que estamos analisando, parece-nos também possível o que têm afirmado os defensores de Pedro, o Cruel, mações ou liberais, no sentido de que a acusação da troca de infantes foi uma mera fábula urdida e difundida por Henrique de Trastâmara para justificar a sua ascensão ao trono, fábula que por certo acabou por ser acreditada em Castela e fora de Castela e consignada pelas crónicas dessa época.

Igualmente não nos parece impossível que, se se tratasse realmente de uma fábula, tenha sido criada pelos próprios ju-

[207] Pero Lopez de Ayala, no Cap. XIII do ano V da sua «Crónica Del Rey D. Pedro», diz de D. Catarina «que é agora mulher do Rei de Castela».

deus que rodeavam e influenciavam o adolescente monarca, para incliná-lo a iniciar-se no judaísmo e poder dominá-lo por completo.

Em apoio desta possibilidade, está a constante tendência dos hebreus para conquistar os grandes dirigentes políticos cristãos ou gentios, inventando que descendem de israelitas. A Francisco I de França quiseram-no demonstrar, mas riu-se deles; o Imperador Carlos V também, mas indignou-se tanto que mandou queimar o judeu que tentou atraí-lo dessa forma à Sinagoga; a Carlos II de Inglaterra, até lhe falsificaram cuidadosamente uma árvore genealógica e algo acreditou da fábula, que permitiu aos judeus alcançar dele algumas concessões. Até ao Imperador do Japão chegaram com o embuste de que descendia das dez tribos perdidas, com a intenção de o atrair ao judaísmo e dominar por esse meio o país do Sol Nascente, mas, por fortuna, o micado considerou-os como dementes. Da mesma forma não é impossível que tenham utilizado o mesmo recurso com Pedro e que a notícia se haja infiltrado no campo inimigo, sendo depois aproveitada pelo de Trastâmara como bandeira contra aquele. Seja como for, é evidente que Pedro, com os seus assassínios de padres, sua perseguição à Igreja e a sua dignificação aos judeus, mais obrava como israelita do que como cristão, o que deu lugar a que se desse crédito à história da troca de meninos.

Entre as crónicas que afirmam a ascendência judia de Pedro de Castela podemos mencionar: a dessa mesma época do Rei Pedro IV de Aragão; a também contemporânea dos factos do padre carmelita Juan de Venette; a crónica anónima dos quatro primeiros Valois; a crónica, igualmente dessa época, de Cuvelier; e outras, sendo curioso notar que, um século depois, alguns documentos relacionados com a biografia do ilustre rabino de Burgos, Salomón-Ha-Levi, que ao baptizar-se adoptou o nome de Paulo de Santa Maria, ordenando-se sacerdote e chegando a Arcebispo da mesma cidade em que havia sido rabino, mencionam que o citado prelado era filho da infante que foi trocada pelo menino judeu, que, com o tempo, foi coroado rei como Pedro de Castela. A infanta depois casou com o israelita pai do citado Arcebispo. Entre os documentos que mencionam isto como muito difundido rumor, podemos citar: «O Livro dos Brasões», de Alonso Garcia de Torres, MSS., fol. 1306 (apelido Cartagena); e a «Recompilação de Honra e Glória Mundana», do Capitão Francisco de Guzmán, MSS, fol. 2046, Compêndio, fólios 28 e 29.[208] Por sua vez, Frei Cristóbal de Santoliz, ao im-

[208] Devemos a notícia de tão valiosos manuscritos à diligência do culto historiador J. Amador de los Rios. Obra cit. Tomo II. Cap. IV.

primir em 1591 a primeira edição da sua «Vida de D. Paulo de Santa Maria», dava por seguro que o ilustre rabino, depois Arcebispo, era filho da princesa trocada pelo menino hebreu que depois foi Rei de Castela. [209]

Com respeito à intervenção dos hebreus no governo de Pedro, além da confissão que citamos noutro lugar, da «Jewish Enciclopédia», e a de distintos historiadores israelitas, a crónica dessa época escrita em verso por Cuvelier diz que «tinha o malíssimo costume que, de todas as coisas, quaisquer que fossem, se aconselhava dos judeus que habitavam em sua terra e lhes descobria todos os seus segredos e não aos seus próximos amigos e parentes carnais, nem a nenhum outro cristão. Assim pois era preciso que o homem que de tal conselho se valia, devia ter más consequências.» [210]

Outro cronista contemporâneo de Pedro, que assegura que o dito Rei e seu reino estavam governados pelos judeus, é o segundo continuador da «Crónica Latina», de Guilherme de Nangis, que afirma: «Que se reprovava ao dito monarca que tanto ele como sua Casa estavam regidos por judeus, que existiam em grande abundância em Espanha e que todo o reino era governado por eles.» [211]

O segundo cronista de Beltrán Du Guesclin, Paul Hay, afirma em relação a este assunto que os maus conselheiros de D. Pedro criaram dificuldades em toda a Castela, enchendo-a de assassínios e espalhando o descontentamento e a desolação. Que inspiraram além disso no monarca uma aversão geral para com as pessoas mais distintas do seu reino, quebrantando esse mútuo afecto que liga os bons reis com os seus súbditos e os povos com os seus príncipes. Que D. Pedro despojou as igrejas dos seus bens para enriquecer os ministros de suas abominações, renunciando secretamente, segundo se dizia, ao seu baptismo, para ser circuncisado, e que exerceu mil crueldades que encheram a Espanha de sangue e de lágrimas, ao reunir em sua pessoa os defeitos dos Sardanapalo, Nero e Domiciano, estando possuído em toda a forma o seu espírito pelos seus favoritos, sobretudo judeus. [212]

---

[209] Sitges. «As Mulheres do Rei D. Pedro». Madrid. 1910. Págs. 178 e 179.

[210] Cuvelier. Crónica manuscrita em verso citada, mandada escrever em prosa por Estonville. Pág. 107.

[211] «Continuatio Chronici Guillemi de Nangis». Publicada no «Specilegium sive Aliquot Scriptorum qui in Galliae Bibliothecis delituerant». Paris, ano MDCCXXIII. Tomo III. Pág. 139.

[212] Paul Hay, Seigneur de Chartelet. Crónica ci. Ediç. cit. Pág. 93.

CAPÍTULO VIGÉSIMO TERCEIRO

OS JUDEUS ATRAIÇOAM O SEU MAIS GENEROSO PROTECTOR

Além das verdadeiras matanças de cristãos, realizadas durante esta odiosa ditadura judaica que foi o reinado de Pedro, o Cruel, houve crimes que, por sua ressonância, estremeceram a Europa, como o assassínio de D. Soeiro, Arcebispo de Santiago, o de Pedro Alvarez, deão dessa Catedral, a queima na fogueira do sacerdote de São Domingos da Calçada, o assassínio do Abade Mestre de São Bernardo, que precipitou a excomunhão proveniente do Papa Urbano V, excomunhão que ao ser comunicada a Pedro, por pouco custa a vida ao representante de Sua Santidade.

Mas deixaremos falar o Padre Frei Joseph Alvarez de la Fuente, a quem devemos os anteriores dados: «Por esta morte como disse e porque tinha o Rei D. Pedro fora de suas igrejas os Bispos de Calahorra e de Lugo, enviou o Papa Urbano V um Arcedíago que lhe notificasse a excomunhão: este, usando cautela, veio pelo rio de Sevilha numa galeota muito ligeira e colocou-se na ribeira do campo de Tablada, perto da cidade, esperando que passasse o Rei próximo e o ouvisse. E lhe intimou as Bulas do Papa e escapou rio abaixo, à vela estendida, ajudando-o a escapar a minguante das águas.» O ilustre frade afirma que D. Pedro se meteu à água querendo matar o Arcebispo a punhaladas, estando a ponto de afogar-se porque o cavalo se cansou de nadar. [213]

Nesta época houve outros assassínios horrorosos, mas limitar-nos-emos sòmente a mencionar o da jovem inocente indefesa Branca de Bourbon, irmã da Rainha de França, que foi a esposa legítima de Pedro, encarcerada e depois vilmente assassinada. O cronista Cuvelier, contemporâneo de Pedro, narra o assassínio da jovem Rainha, afirmando que ao

---

[213] «Sucessão Real de Espanha». Pelo P. Frei Joseph Alvarez de La Fuente. Pág. 79.

consultar D. Pedro um judeu sobre a forma de como poderia desfazer-se da Rainha sem que se notasse, o dito hebreu aconselhou-o e prestou-se a cometer o assassínio em união com outros judeus, que a afogaram em sua própria alcova, deixando-a estendida em sua cama onde foi encontrada morta no dia seguinte. E o cronista continua dizendo que os ditos israelitas mataram quatro serviçais que queriam armar escândalo e encarceraram outros. Que depois o Rei Pedro disse que não havia autorizado tal feito, mandando desterrar os judeus assassinos, mas que só o fez para dissimular. [214]

Outro documento de autenticidade incontroversa confirma-nos a responsabilidade dos judeus neste verdadeiro reinado de terror; é o «Ordenamento de Petições», outorgado pelo Rei Henrique nas Cortes que celebrou em Burgos, depois de haver sido proclamado Rei no ano de 1367, do qual tomamos o texto que traduzimos do castelhano antigo, da publicação feita pela Real Academia da História, Madrid, no qual responde o novo Rei aos representantes dos diversos sectores do povo nas Cortes, organismo semelhante ao Parlamento medieval ou aos Estados Gerais:

«Núm. 10. — Outrossim, aos que nos disseram que todos os das cidades, vilas e lugares de nossos reinos, que tiveram muitos males, danos, mortes e desterros, que ocorreram em tempos passados, por conselho dos judeus, que foram privados (quer dizer, Primeiros-Ministros ou conselheiros principais) ou oficiais dos reis anteriores, porque queriam mal e dano dos cristãos, e que nos pediam por mercê que mandássemos que nem em nossa Casa, nem na da Rainha, dos Infantes meus filhos, se dê entrada a judeus nenhuns, nem como oficiais, nem como médicos, nem que tenham ofício nenhum.»

«A isto respondemos que temos em serviço o que por este motivo nos pedem, mas que nunca aos outros reis que houve em Castela lhes foi pedida tal coisa. E ainda que alguns judeus andem em nossa casa, não os poremos em nosso Conselho, nem lhes daremos tal poder porque venha por eles dano algum à nossa terra.» [215]

Aqui poderá observar-se algo de surpreendente: Henrique de Trastâmara, que se sublevou contra seu meio-irmão e obteve o apoio moral do Papa e o material do Rei de França e de outros monarcas para destroná-lo, alegando que Pedro havia apostatado, que praticava em segredo o judaísmo e que havia entregado o governo de Castela aos hebreus; que, além disso, por

[214] Cuvelier. Crónica cit. Ediç. cit. Págs. 111 a 114.

[215] «Cortes dos Antigos Reinos de Leão e de Castela», publicação da Real Academia da História. Madrid, 1863. Tomo II. Págs. 150 e 151.

haver empunhado essa bandeira libertadora, havia obtido o apoio da nobreza, do clero e do povo, agora, contradizendo o sustentado em sua campanha, depois de haver triunfado e de haver sido coroado Rei, começava a utilizar israelitas em seu palácio. Que havia ocorrido no decurso da guerra civil para que o mesmo que havia entrado em Castela matando judeus, depois os admitisse em sua corte? Que fizeram os hebreus para poder evitar uma catástrofe que se antolhava definitiva e ficar mais ou menos paralisados ao triunfar o bando contrário? Os seguintes documentos históricos decifram-nos o enigma.

A «Enciclopédia Judaica», obra monumental do judaísmo moderno, diz que Pedro, desde o começo do seu reinado, se rodeou tanto de judeus, que os seus inimigos chamavam à sua corte «A Corte Judia»; e que os hebreus foram sempre seus leais partidários. [216] Isto era de esperar, visto que o jovem monarca, ao entregar-se nas mãos dos israelitas e ao elevá-los aos cumes do poder, havia provocado a fatal guerra civil e internacional que ia custar-lhe o trono e a vida. No entanto, as crónicas contemporâneas e historiadores insuspeitos de anti-semitismo fornecem-nos a evidência de que é falso que os israelitas hajam sido leais ao seu incondicional aliado e amigo, mas que, pelo contrário, cometeram com ele a mais negra das traições, como costumam sempre fazê-lo os hebreus com os seus melhores amigos e protectores. Para os israelitas nada vale a mais sincera das amizades, nem os serviços e favores recebidos, por maiores que sejam. Quando aos seus interesse políticos convém, são capazes de crucificar até aqueles que tudo sacrificaram para os favorecer.

O Rei D. Pedro, na sua lealdade para com os judeus, chegou a cometer tremendos actos de represálias contra os que atentavam contra eles. Diz o cronista e notável literato desses tempos, Pero López de Ayala, que quando Pedro foi a Miranda del Ebro «porquanto haviam roubado e morto ali judeus, e tinham, a parte do Conde, fez justiça de dois homens da vila, e a um diziam Pero Martínez, filho do Chantre e a outro Pero Sánchez Bañuelos; e a Pero Martínez fez cozer numa caldeira, e ao Pero Sánchez fez assar, estando El-Rei diante, e fez matar outros da vila.» [217]

No quinto ano do seu reinado, havia dado mostras de generosidade promulgando um indulto, inclusivamente em favor dos que haviam atentado contra o trono, mas no dito indulto não foram incluídos os que haviam causado danos aos judeus.

---

[216] «Jewish Enciclopédia». Ediç. cit. vol. IX. Vocábulo *Spain*.

[217] Pero Lópes de Ayala. «Crónica del Rel D. Pedro, Abreviada». Nota 4 do Capítulo VIII do ano XI.

Era pois de esperar que estes lhe tivessem permanecido fiéis nos momentos difíceis. Os factos, porém, demonstram o contrário.

O cronista francês Cuvelier, que foi testemunha presencial dos acontecimentos, visto que acompanhava Beltrán Du Guesclin a Trastâmara em sua campanha, diz, referindo-se à época em que as trágicas derrotas dos exércitos de Pedro faziam ver claro que o peso da balança se havia inclinado para o lado contrário, que, depois de evacuar Burgos, Toledo e Córdova, Pedro, o Cruel, se dirigiu a Sevilha e que dois dos seus conselheiros judeus mais queridos e influentes, chamados Danyot e Turquant, resolveram atraiçoá-lo e entregá-lo nas mãos de Henrique quando se lhes apresentasse a ocasião. [218]

O culto literato e historiador do século passado, José Amador de los Rios, favorável aos hebreus, confessa claramente que «foi fama em Castela e fora dela que, ao apresentar-se D. Henrique e os seus em certas cidades, davam entrada nelas aos bretões de Beltrán Claquin (Du Guesclin) as próprias judiarias.» [219] (Assim chamavam em Castela às comunidades hebreias).

O conhecimento destas aleivosas traições dos seus protegidos judeus indignou sem dúvida o Rei Pedro. O citado cronista francês, testemunha dos acontecimentos, refere que depois de inteirar-se o Rei Pedro da queda de Córdova nas mãos de seu meio-irmão, teve uma forte altercação com esses dois conselheiros judeus que haviam resolvido atraiçoá-lo e que lhes disse: «Senhores, por mau destino me vali de vossos conselhos há já muitos anos, por vós e por vossa fé foi assassinada minha mulher e falseada minha lei, maldita seja a hora e o dia primeiro em que os tive a meu lado, pois por meus pecados e por haver acreditado em vós, sou expulso deste modo de minhas terras. Assim os expulso agora mesmo de minha câmara e de minha Corte e guardai-vos bem de entrar nunca nelas, mas que agora mesmo saíreis desta cidade.» E continua relatando o mesmo cronista que os dois conselheiros israelitas entraram em tratos secretos com D. Henrique de Trastâmara, para lhe entregar a cidade de Sevilha, onde se encontrava refugiado D. Pedro; combinando com os Doutores da Lei da comunidade hebreia na dita povoação, que dessem entrada às tropas de Henrique pelo bairro judeu. Que, no entanto, teve conhecimento muito a tempo Pedro do que tramavam os hebreus contra si, pelo aviso oportuno que lhe deu uma bela judia que havia sido amante do monarca

---

[218] Cuvelier. Crónica cit. Pág. 143.

[219] J. Amador de los Rios. Obr. cit. Ediç. cit. Tomo II. Pág. 253.

e lhe queria muito, pelo que no dia seguinte, devido a isso, o Rei evacuou a cidade batendo em retirada. [220]

Paul Hay, Senhor de Chartelet, segundo cronista de Beltrán Du Guesclin, assinala que D. Pedro teve conhecimento em Sevilha, por uma concubina hebreia, que o amava muito e que às escondidas de seu pai foi informá-lo de que os judeus estavam tramando em segredo um «complot» de acordo com D. Henrique de Trastâmara, para entregar a este a cidade. Notícia que, ao ser recebida por D. Pedro, acabou por abater o desafortunado monarca. [221]

Indubitàvelmente, os hebreus, seguindo a sua táctica tradicional, para controlar melhor o Rei, forneceram-lhe amantes israelitas, mas o amor é às vezes uma espada de dois gumes; e neste caso, vê-se que na moça pôde mais o amor que o seu apego ao judaísmo ou o temor às represálias.

Ao ler estas crónicas, parece-nos cada vez mais evidente a perigosidade desses núcleos de estrangeiros inassimiláveis, que através da História têm demonstrado nunca serem leais a ninguém e estarem sempre prontos em converter-se em mortais quintas colunas ao serviço de potências ou forças inimigas, inclusive em prejuizo dos seus mais valiosos e fanáticos protectores ou amigos.

Estes factos explicam-nos porque é que os hebreus, vendo-se ameaçados com a vitória do povo cristão de Castela, acaudilhado por Henrique de Trastâmara, souberam a tempo infiltrar-se no bando contrário, quer dizer, no de Trastâmara, para converter a iminente catástrofe num triunfo. Esta maquiavélica manobra tem sido aperfeiçoada pelos judeus através dos séculos; e nos nossos tempos, visto que já não esperam que os seus inimigos estejam a ponto de obter a vitória, mas sim que, desde que surge a oposição cristã ou anticomunista aos seus planos sinistros, destacam elementos que se infiltrem nas fileiras da referida oposição para a fazer fracassar, ou, pelo menos, para ficarem colocados em situação valiosa dentro do campo inimigo, com possibilidade de afundá-lo na primeira oportunidade que se apresente.

ALERTA ÀS ORGANIZAÇÕES ANTICOMUNISTAS

Organizações anticomunistas do mundo livre! É urgente que estejas alerta e vos defendais contra a infiltração de elementos judeus em vossas fileiras, porque, dizendo-se anticomunistas, só procuram essenhorear-se por dentro dos vossos mo-

[220] Cuvelier. Crónica cit. Ediç. cit. Págs. 143 e 144 a 146.

[221] Paul Hay. Crónica cit. Ediç. cit. Livro III. Cap. XII. Pág. 110.

vimentos para os levar ao fracasso, embora por momentos, para ganhar posições, vos prestem bons serviços.

Derrotado Pedro, fugiu para Portugal e dali para Inglaterra, onde obteve a protecção do Príncipe Negro [222], regressando a Castela com o apoio do exército inglês e depois com a aliança do Rei mouro de Granada. Nesta fase da luta, vemos os hebreus infiltrados nos dois bandos rivais. Haviam descoberto já o segredo dos seus triunfos futuros: apostar nas duas cartas para acabar ganhando sempre. Mas é claro que para conseguir êxito neste tipo de manobras, acostumaram-se os israelitas a fingir a existência de cismas ou divisões aparentes em suas fileiras, de maneira que pareça natural que um grupo se infiltre num bando contendor e o outro no bando contrário. Desta forma conseguiram depois do desastre de Pedro em Montiel ficar bem situados no governo do vencedor.

É surpreendente que Henrique, naquele duelo aleivoso que custou a vida a Pedro, haja tido o cinismo de chamar-lhe judeu pela última vez, visto que o bastardo, na altura, comprado tanto pelas traições dos judeus contra Pedro como pelo ouro que lhe deram as comunidades hebreias, lhes dava acesso de novo a sua Casa, no meio do justo alarme das Cortes do reino. Assim, a luta que podia ter terminado com uma vitória completa dos cristãos prosseguiu feroz até desembocar, em fins do século, nas tremendas matanças de judeus ocorridas em toda a Península no ano de 1391 e que indevidamente se têm atribuído às prédicas do sacerdote católico Ferrán Martinez, visto que tais prédicas não foram mais que a faísca que fez explodir a indignação, até então contida, de um povo oprimido, roubado, assassinado e extorsionado pelos judeus, que durante vários reinados haviam escalado os mais altos postos no governo, devido à inconveniência de monarcas forjadores, com suas complacências e traições, da Idade do Ouro dos judeus na Espanha cristã. Esta situação foi de trágicos resultados para os cristãos e também lesiva para os muçulmanos quando fizeram possível a Idade do Ouro hebreia na Espanha islâmica.

---

222 Justo é esclarecer que quando o cavalheiresco Príncipe de Gales se convenceu que Pedro o havia enganado e que era má a causa que este sustentava, lhe retirou o seu apoio.

CAPÍTULO VIGÉSIMO QUARTO

A INFILTRAÇÃO JUDAICA NO CLERO

O presente capítulo tem por objecto estudar a forma que os falsos cristãos criptojudeus costumam utilizar para realizar a sua infiltração no clero da Igreja.

Para conquistar o mundo cristão, o imperialismo judaico considerou indispensável dominar o seu principal baluarte, a Igreja de Cristo, utilizando para esse efeito diversas tácticas, que variavam desde os ataques frontais até às infiltrações. A arma favorita da quinta coluna consistiu em introduzir dentro das fileiras do clero os jovens cristãos descendentes de judeus que praticavam em segredo o judaísmo, para que uma vez ordenados sacerdotes tratassem de subir na hierarquia da Santa Igreja, quer fosse no clero secular quer fosse nas ordens religiosas, com a finalidade de usar logo as posições adquiridas dentro do clero em prejuízo da Igreja e em benefício do judaísmo, dos seus planos de conquista e dos seus movimentos heréticos ou revolucionários. Em tão delicadas tarefas de infiltração, o judaísmo subterrâneo utiliza rapazinhos dotados, não sòmente de uma grande religiosidade, mas ainda de uma grande mística e fanatismo pela religião judia, decididos a dar a vida pela causa do Deus de Israel e do povo eleito.

— No judaísmo abunda esta classe de místicos; e a eles se devem principalmente os grandes triunfos que tem obtido o imperialismo teológico dos hebreus, porque a criança ou o jovem que ingressa nos seminários do clero cristão, sabe que vai desempenhar a mais santa tarefa de destruição contra o inimigo capital do povo eleito que é o cristianismo, sobretudo tratando-se da Igreja Católica. Sabe que com as actividades que realiza, ao destruir ou enfraquecer as defesas da cristandade, facilita o cumprimento da vontade divina, favorecendo a consecução do domínio de Israel sobre a Terra. O clérigo falso cristão, criptojudeu, está realizando segundo o seu critério, uma empresa santa, que também lhe assegura a salvação eterna. Quanto maiores forem os males que possa causar à Igreja como

sacerdote, frade, cónego, prior de convento, Provincial, Bispo, Arcebispo ou Cardeal, maiores méritos tem, segundo os israelitas, aos olhos de Deus e do seu povo eleito.

Pode-se assegurar que esta legião de místicos e fanáticos foi a que conseguiu quebrar a supremacia da Santa Igreja na Idade Média, facilitando depois o triunfo das heresias no século XVI e dos movimentos revolucionários judaico-maçónicos ou judeo-comunistas dos tempos modernos. A quinta coluna judia no clero é pois um dos pilares básicos do judaísmo internacional.

As finalidades que persegue a infiltração dos criptojudeus no clero explicam-se claramente num interessante documento que publicou em França o abade Chabaudy e que cita o Senhor Arcebispo de Port Louis, Monsenhor Leon Meurin, S. J. Trata-se de uma carta do chefe secreto dos judeus internacionais, radicado em fins do século XV em Constantinopla, dirigida aos hebreus de França, dando-lhes instruções, em resposta a uma carta anterior que Chamor, rabino de Artes, lhe tinha escrito. Este documento caiu nas mãos das autoridades francesas e o abade Chabauty tornou-o público. A carta diz textualmente: «Bem amados irmãos em Moisés, recebemos a vossa carta, na «qual nos informais sobre as ansiedades e os infortúnios que «tendes de suportar, e encontramo-nos dominados por uma dor «tão grande como a vossa — O conselho dos maiores rabinos e «sátrapas da nossa Lei é o seguinte:

«Dizeis que o Rei de França vos obriga a tornarem-se cris-«tãos; pois bem, fazei o que ele pretende, mas guardai a Lei de «Moisés nos vossos corações.

«Dizeis que vos querem arrancar os bens; fazei dos vossos «filhos comerciantes, para que eles roubem os bens dos cristãos «por meio do tráfico.

«Dizeis que se atenta contra as vossas vidas; fazei dos vos-«sos filhos médicos e boticários, a fim de que eles privem da «vida os cristãos sem medo nem castigo.

«Dizeis que destroem as vossas sinagogas; fazei dos vos-«sos filhos párocos e cónegos, a fim de que eles possam destruir «a Igreja Cristã.

«Dizeis que sois objecto de outros vexames; fazei dos vos-«sos filhos advogados, notários e membros de outras profissões «que estejam habitualmente a cargo dos assuntos públicos, «deste modo dominareis os cristãos, podereis apropriar-vos das «suas terras e vingar-vos deles.

«Cumprireis esta ordem que vos damos e vereis por expe-«riência que, abatidos que estejais, chegareis à meta do pode-«rio.»

Assinado V. S. S. V. E. F. Príncipe dos Judeus de Constantinopla ao de Casleo de 1489. [223]

As infiltrações realizadas pelos criptojudeus no clero francês dessa época foram muito prejudiciais, visto que facilitaram a expressão do movimento dos huguenotes no século XVI, seita que estava impulsionada pelos judeus secretos escondidos pela máscara do cristianismo, de modo diverso às Igrejas Luteranas que tomaram mesmo atitudes antijudias.

O objectivo da infiltração criptojudia no clero cristão é bem claro: a destruição da Igreja por dentro. O que diz a carta atrás mencionada está confirmado de modo inequívoco pelos numerosos processos levados a efeito pela Santa Inquisição contra os clérigos judaizantes. As actividades traiçoeiras dos clérigos da quinta coluna são as mais diversas que se podem imaginar, mas todas elas tendem à mesma finalidade; defender apaixonadamente os judeus, favorecer especialmente os movimentos heréticos e agora os movimentos revolucionários abertamente anticristãos, enfraquecer as defesas da Igreja e atacar os bons cristãos, particularmente os defensores eficientes da cristandade, para desprestigiá-los e destruí-los, preparando o triunfo das organizações judaicas heréticas, maçónicas e comunistas, no sentido de obter no futuro a destruição completa da Igreja.

Os processos elaborados pela Santa Inquisição contra os Arcebispos, Cónegos, priores de conventos, sacerdotes e frades criptojudeus são muito significativos no que se refere às tácticas utilizadas pelos clérigos de quinta coluna.

O fenómeno de infiltração criptojudia no clero existe como se tem visto desde o princípio do cristianismo e foi constantemente um dos maiores perigos que teve de enfrentar a Santa Igreja; não num país determinado, mas sim em todo o mundo cristão, mas como estudar este problema em toda a sua universalidade requereria uma obra de vários volumes, limitar-nos-emos aqui, baseados em fontes insuspeitas de anti-semitismo, a estudar um de tantos exemplos desses trágicos processos históricos de infiltração judia no clero, que tornaram possíveis os actuais triunfos do imperialismo judaico. O exemplo que segue bastará para dar uma ideia de como a Sinagoga realiza as suas infiltrações no clero cristão, visto que as suas tácticas têm sido idênticas em diversas épocas e nações.

O sábio historiador israelita Abraão Leon Sachar, um dos directores das Fundações Hilel da B'rai B'rith, dirigente comunal hebreu, depois Presidente da Brandeis University, na sua

[223] Arcebispo-Bispo de Port-Louis. Léon Meurin, S. J. «Filosofia da Maçonaria» Edit. Nos. Madrid, 1957. Págs. 222, 223 e 224.

obra «História dos Judeus», referindo-se às conversões dos judeus ao cristianismo, realizadas em Espanha a partir do ano de 1391 e os resultados posteriores das referidas conversões, diz o seguinte: «Mas depois de 1391, quando a pressão sobre os judeus se tornou mais violenta, comunidades inteiras abraçaram a fé cristã. A maioria dos convertidos aproveitou-se ansiosamente da sua nova posição. Agruparam-se em centenas de milhares nos lugares de que haviam sido anteriormente afastados pela sua fé. Ingressaram nas profissões proibidas e nos claustros das Universidades. Conquistaram postos importantes no Estado e penetraram na Sancta Sanctorum da Igreja. O seu poder aumentou com a sua riqueza e muitos puderam aspirar a ser admitidos nas famílias mais antigas e aristocráticas de Espanha»... «Um italiano quase contemporâneo observou que os judeus convertidos governavam pràticamente em Espanha, enquanto que a sua secreta adesão ao judaísmo estava a arruinar a fé cristã. Uma barreira de ódio separou inevitàvelmente as relações entre os cristãos antigos e os novos. Os convertidos foram conhecidos como marranos, provàvelmente «os porcos». Foram desprezados pelos seus triunfos, pelo seu orgulho, pela sua cínica adesão às práticas católicas...» «Enquanto as massas olharam com sombria amargura os triunfos dos novos cristãos, o clero denunciava a sua deslealdade e a sua falta de sinceridade. Suspeitavam da verdade, de que a maioria dos convertidos eram ainda judeus no seu coração, que a conversão forçada não tinha extirpado a herança de séculos. Dezenas de milhares de novos cristãos submetiam-se exteriormente, iam mecânicamente à igreja, recitavam orações, executavam ritos e observavam os costumes. Mas o espírito não tinha sido convertido.

Difícilmente se pode sintetizar de modo tão eloquente a conversão dos judeus ao cristianismo, que passa a ser uma verdadeira quinta coluna judia no seio da sociedade cristã; e a forma como essa quinta coluna consegue apoderar-se dos postos do governo, das posições estratégicas nas universidades e em todos os sectores da vida social, incluindo as famílias da nobreza e mesmo onde é mais destruidora: na Sancta Sanctorum da Igreja, como acertadamente descreve o citado universitário judeu a infiltração judia no clero.

Depois de afirmar este historiador israelita que os convertidos quando baptizavam os seus filhos lhes «tiravam imediatamente a marca do baptismo das suas testas», continua dizendo: «Julgava-se que conservavam secretamente as festas judias, que comiam alimentos judaicos, conservavam amizades judaicas e estudavam a antiga ciência judaica. As informações de numerosos espias permitiram confirmar as dúvidas. Qual

era o filho piedoso da Igreja que podia permanecer quieto enquanto esses hipócritas, que zombavam intimamente das práticas cristãs, acumulavam riquezas e honrarias?

Tudo isso foi confirmado, visto que a Inquisição Espanhola, que foi a instituição que melhor conseguiu introduzir espias nas próprias fileiras do judaísmo, que lhe serviram maravilhosamente para conhecer os segredos mais escondidos dos judeus, por mais cobertos que estivessem com a máscara de um falso cristianismo. Entre outros motivos, este é um dos principais que explicam o profundo ódio israelita à Inquisição Espanhola, sendo esta também a razão mais importante porque se tem organizado contra ela, desde há vários séculos, uma campanha mundial de calúnia e difamação, que criou espessas nuvens de falsidades, cobrindo de lodo a verdade histórica.

O historiador israelita Cecil Roth, de tanto prestígio nos meios hebreus, afirma na sua «História dos Marranos», publicação oficial judia da Editorial Israel de Buenos Aires, em relação a estes mesmos acontecimentos, que embora alguns fossem conversos sinceros, a enorme maioria «continuava sendo em seu foro íntimo tão judia como o fora antes. Aparentemente viviam como cristãos. Faziam baptizar seus filhos na Igreja, embora se apressassem a lavar os traços da cerimónia quando regressavam ao lar. Iam em busca do padre para que os casasse, mas não se contentavam com essa cerimónia e em privado realizavam outra que a completava. Às vezes acudiam ao confessionário, mas as suas confissões eram tão irreais, que um sacerdote, disse-se, pediu a um deles uma peça do seu vestuário como relíquia de uma alma tão imaculada. Por detrás desta ficção puramente exterior continuavam sendo o que foram sempre. Sua falta de fé nos dogmas da Igreja era notória.»

Passa depois o historiador hebreu a assegurar que continuavam observando as cerimónias israelitas até nos seus menores detalhes, que guardavam o sábado quando podiam fazê-lo e que contraiam às vezes matrimónio com «vastagos» de judeus públicos.

Continua depois dando estes interessantíssimos dados: «Frequentavam furtivamente as sinagogas para cuja iluminação enviavam regularmente óbolos de azeite. Constituíam também associações religiosas, de aparentes finalidades católicas, sob o padroado de algum santo cristão e usavam-nas como um biombo que lhes permitisse observar seus ritos ancestrais. Por sua raça e sua fé, continuavam a ser os mesmos que haviam sido antes da sua conversão. Eram judeus em tudo menos no nome, e cristãos em nada, a não ser na forma. Ao serem removidos os obstáculos religiosos que lhes vedavam prèviamente o passo, o progresso social e económico dos recém-convertidos

e de seus descendentes fez-se fenomenalmente rápido. Por duvidosa que fosse a sua sinceridade, não se podia já excluí-los de nenhuma parte por causa do seu credo. A carreira judicial, a administração, o exército, as universidades e a própria Igreja viram-se depressa a abarrotar pelos recém-convertidos ou pelos seus imediatos descendentes. Os mais ricos casaram-se com a mais alta nobreza do país, pois muito poucos condes ou fidalgos empobrecidos puderam resistir à atracção do seu dinheiro.» [226]

É muito interessante a nota número 3 do israelita Cecil Roth, no capítulo primeiro da dita obra, que diz literalmente: «Jerome Munzer, um viajante alemão que visitou a Espanha em 1494-1495, conta que até poucos anos antes havia existido em Valência, no sítio ocupado depois pelo convento de Santa Catarina de Siena, uma igreja dedicada a São Cristóvão. Aqui, os marranos, isto é, falsos cristãos, interiormente judeus, tinham suas sepulturas. Quando um deles morria, fingiam conformar-se com os ritos da religião cristã e marchavam em procissão, com o ataúde coberto com um pano de ouro e levando à frente uma imagem de São Cristóvão. Contudo, levavam em segredo o corpo do morto e enterravam-no de acordo com os seus próprios ritos...». O mesmo caso indicado ocorria em Barcelona, onde se um marrano dizia «vamos hoje à Igreja da Santa Cruz» referia-se à sinagoga secreta, chamada desse modo. O relato clássico das condições e subterfúgios dos marranos desse período pode ler-se em Bernáldez, «História dos Reis Católicos», Cap. XLIII.» [227]

Nas páginas seguintes da mencionada «História dos Marranos», põem-se vários casos de como conseguiram elevar-se alguns deles. Por exemplo, o judeu Azarias Chinillo, ao converte-se ao cristianismo, adoptou o nome de Luís de Santangel, passou a Saragoça e estudou Leis, obteve um alto posto na corte e foi-lhe conferido um título de nobreza. «Seu sobrinho Pedro de Santangel foi Bispo de Maiorca. Seu filho Martin foi zalmedino ou magistrado na capital. Outros membros da família ocuparam altos postos na Igreja e na administração do Estado.» Depois continua o famoso historiador hebreu mencionando outras elevações eclesiásticas como o de «Juan de Torguemada, Cardeal de São Sixto, que era de imediata ascendência judia [228], o mesmo que o piedoso Hernando de Talavera, Arcebispo de Gra-

---

[226] Cecil Roth. «História dos Marranos». Editorial Israel, Buenos Aires. 1946-5706. Capítulo I. Págs. 26, 27 e segs.

[227] Cecil Roth. Obra cit. Ediç. cit. Nota 3 da página 27.

[228] Não deve ser confundido com Frei Tomás, o de Torguemada, grande inquisidor, como muitos lamentàvelmente o fazem.

nada, e Alonso de Oropeza, geral da Ordem dos Jerónimos»... «D. Juan de Pacheco, Marquês de Villena e grão-mestre da Ordem de Santiago, virtualmente soberano de Castela durante o reinado de Henrique, o Impotente, e aspirante tenaz à mão de Isabel, descendia por ambos os lados do judeu Ruy Copon. Seu irmão, Pedro Girón, foi grão-mestre da Ordem (católica militar) de Calatrava, e o Arcebispo de Toledo era seu tio. Sete pelo menos dos principais Prelados do reino tinham sangue judeu. O mesmo acontecia com o contador-mor»... «A importância numérica dos conversos, com seus descendentes que se multiplicavam ràpidamente e suas vastas relações de família, era muito grande. No Sul do país constituíam, diz-se, um terço da população das principais cidades. Se era este o caso, devia haver pelo menos trezentos mil em toda a Península, entre os quais se incluía os de puro sangue, e os seus parentes semigentios. Os primeiros não eram tão numerosos. Contudo, formavam dentro do organismo do Estado um vasto corpo impossível de assimilar e nada desprezível. Os convertidos ao cristianismo e ainda os seus remotos descendentes eram conhecidos entre os judeus com o nome de Anusin, «forçados», ou seja, pessoas a quem se obrigara a adoptar a religião dominante»... E continua a sua interessante história o escritor judeu: «Uma nova geração havia surgido, nascida depois da conversão de seus pais e baptizada naturalmente na infância. A situação canónica dos últimos não podia ser mais clara. Eram cristãos em todo o sentido da palavra e a observância do catolicismo competia-lhes tanto como a qualquer outro filho ou filha da Igreja. Sabia-se contudo que o seu cristianismo era-o só de nome; prestavam um mínimo de pública aquiescência à nova fé e em privado um máximo de aquiescência à velha. A posição da Igreja havia-se tornado muito mais difícil que antes do ano fatal de 1391. Anteriormente a essa data, tinha havido numerosos incrédulos, fàcilmente reconhecíveis e tornados inócuos graças a uma série sistemática de regulamentações governamentais e eclesiásticas. Esses mesmos incrédulos encontravam-se agora pelo contrário no seio da Igreja e abriam caminho em todos os sectores da vida eclesiástica e política, desprezando muitas vezes abertamente suas doutrinas e contaminando com sua influência a massa total dos fiéis. O baptismo não havia feito mais que converter uma porção considerável de judeus, de infiéis fora da Igreja, que haviam sido antes, em heréticos dentro que o eram agora.» [229]

As palavras do autorizado historiador judeu falam por si sós e dispensam comentários. No entanto, a interessante con-

[229] Cecil Roth. Obra cit. Cap. I e II. Págs. 28 a 34.

fissão de que «esses mesmos incrédulos encontravam-se agora em contrapartida no seio da Igreja, e abriam caminho em todos os sectores da vida eclesiástica e política, desprezando muitas vezes abertamente suas doutrinas e contaminando com sua influência a massa total dos fiéis», é de capital importância, porque nos descreve em poucas palavras a natureza e mortal perigosidade da quinta coluna judia na cristandade através dos séculos, até à actualidade.

Além das suas ambições tendentes a controlar a Igreja por dentro, apoderando-se das suas mais altas jerarquias, os falsos cristãos contaminam com a sua influência a massa total dos fiéis, dando lugar às heresias e aos movimentos revolucionários de origem criptojudaica.

O grande literato e culto historiador do século passado, José Amador de los Rios, considerado pelos hebreus com justiça como uma das mais importantes fontes da história israelita na Península Ibérica, quiçá só igualado até agora pelo hebreu Cecil Roth, referindo-se a estes factos, diz dos conversos ao cristianismo: «Assaltavam, a coberto daquele improvisado título, todos os postos do Estado, apoderando-se de todas as dignidades e honras da República. E ousavam e conseguiam mais ainda; misturando o seu sangue com o generoso sangue hispano-latino, penetravam de golpe em todas as esferas da vida cristã, não perdoadas as mais altas jerarquias da nobreza, e subindo com suas soberbas pretensões, até sentar-se nos próprios degraus do trono.

«Dava-lhes alento a sua ingénita ousadia, apoiando-se na ponderada clareza da sua estirpe, cuja raiz buscavam agora, orgulhosos e desvanecidos, nas famílias mais ilustres das tribos de Judá ou de Levi, representantes e tradicionais depositárias do sacerdócio e do império... Reportando-nos agora apenas aos judeus confessos (assim se chamava também aos judeus conversos) de Aragão e de Castela, lícito é anotar, com efeito, que enquanto se contentavam os conversos *mudejares* em ser respeitados na modesta situação, onde os havia encontrado o baptismo, enchiam aqueles todas as esferas do mundo oficial, como enchiam todas as jerarquias sociais. Na alta cúria do Pontífice, quando em seus privados cubículos; nos conselhos de Estado, como nas aulas régias e nas chancelarias; à frente da administração das rendas públicas como da suprema justiça, nas cátedras e reitorados das universidades, como nas cadeiras dos diocesanos e dos abades e nas dignidades eclesiásticas, solicitando e obtendo da coroa, senhorios e condados, marquesados e baronias, destinados a eclipsar com o tempo os esclarecidos timbres da antiga nobreza; em todas as partes e sob todos os conceitos, aparecem ao tranquilo e investigador olhar do histo-

riador, aqueles ardentíssimos neófitos, oferecendo-se, sob multiplicados aspectos, tanto a muito racional admiração como a grandes e não estéreis estudos. Fazia-se a sua iniciativa sensível e incontrastável em todas as regiões da actividade e da inteligência: homens de Estado, rentistas, arrendatários, guerreiros, prelados, teólogos, legistas, escriturários, médicos, comerciantes, industriais, artífices, tudo foram ao mesmo tempo, porque tudo o ambicionaram os conversos do judaísmo.» E depois de terminar esta exposição, faz o historiador a seguinte pergunta: «Poderia a raça espanhola abdicar por completo perante a não saciada ambição, que havia despertado entre os cristãos novos o seu afortunado advento à vida do catolicismo?» [230]

Referindo-se aos filhos do Rabi Salomão Ha-Levi, que adoptou ao converter-se o nome de Paulo de Santa Maria, tomando as ordens sacerdotais e escalando depois o Arcebispado de Burgos, depois de mencionar as distinções alcançadas por Alvar Garcia de Santa Maria, diz textualmente: «Igual distinção alcançava o primogénito de D. Paulo, que era Gonçalo Garcia, investido já em 1412 com o arcedianato de Briviesca. Eleito em 1414 para representar Aragão no Concílio de Constança (Ecuménico), tinha a glória de que os Padres ali congregados pusessem nele os seus olhos, para que, ajudado de outros esclarecidos varões, propusesse e formulasse a resolução das árduas e elevadíssimas questões que naquela suprema assembleia deviam ventilar-se. D. Afonso, nascido depois de D. Maria, apenas entrado nos vinte e cinco anos, conseguia apelidar-se doutor e pouco depois deão de Santiago e de Segóvia («Crónica de D. João II», ano 1420. Cap. XVIII). É de notar que na dita crónica é chamado constantemente, até ser eleito Bispo, deão das Igrejas de Santiago e de Segóvia, o que prova que acumulava ambas as dignidades. Pedro, ainda na primeira juventude, obtinha o honroso e comprometido cargo de guarda da pessoa do Rei.» [231]

No capítulo seguinte da obra citada, o historiador José Amador de los Rios, insistindo na captura pelos conversos do judaísmo das jerarquias da Igreja, diz algo de muito ilustrativo a tal respeito: «Indicámos no capítulo precedente como, em força da liberdade que a conversão lhes conquistava e por virtude de sua ilustração, suas riquezas e sua natural ousadia, haviam os conversos de Aragão e Castela escalado não já apenas todos os cargos da república, mas também todas as jerarquias sociais, não perdoadas, senão antes bem tomadas por

[230] J. Amador de los Rios. Obra cit. Tomo III. Cap. I. Págs. 12, 13, 14 a 16.

[231] «Crónica de D. João II». Ano 1420. Cap. XVIII. Cit. J. Amador de los Rios. Obra cit. Tomo III. Cap. I. Págs. 20 e 21.

assalto, as mais altas dignidades da Igreja.» [232] Este feliz termo de tomar por assalto as mais altas dignidades da Igreja é interessante por sua grande actualidade, agora que os quinta-colunistas ao serviço do judaísmo, em algumas dioceses, tomaram verdadeiramente por assalto as dignidades, movendo, como é natural, suas influências em Roma. Isto explica perfeitamente o facto de, em diversas ocasiões, aqueles que verdadeiramente mereciam, por sua atitude e sua lealdade à Igreja, as jerarquias eclesiásticas, sejam postos de lado, discriminados, para dar preferência a esses padres que defendem o judaísmo, favorecem os triunfos da maçonaria ou do comunismo e atacam com ferocidade os verdadeiros defensores da Santa Igreja. Em tais casos, a engrenagem de intriga e de influências da quinta coluna, surpreendendo com enganos de bondade e boa fé da Santa Sé, averbou novos triunfos, não só assegurando a sucessão nas dioceses controladas, mas até introduzido-se nas dioceses alheias para controlar nelas a sucessão, em prejuízo dos que maiores direitos teriam para as ocupar. Por fortuna, em muitos casos, este tipo de manobras fracassou por completo, esperando que ao conhecer-se a verdade e ao desmascarar-se o inimigo, como se está fazendo, sejam maiores no futuro os fracassos da quinta coluna, pois além disso, a Santa Igreja, como em ocasiões anteriores, salvar-se-á novamente das mortais investidas da Sinagoga de Satanás. Cristo Nosso Senhor disse claramente que a Verdade nos faria livres; por isso atrevemo-nos a dizer a verdade, embora isso desgoste em extremo os Padres e Seculares que em segredo praticam o judaísmo, traindo a Igreja e a cristandade.

Referindo-se depois o ilustre historiador, que estamos transcrevendo, à cidade de Saragoça, capital do reino de Aragão, comenta que: «Os conversos, que se consideravam depositários da antiga cultura de seus maiores, puseram os olhos não sòmente nos cargos menores da república, mas também nas dignidades eclesiásticas.» Noutro lugar, apresenta um dado interessante relativo a importante ligação de uma judia com um príncipe de sangue, como era D. Afonso de Aragão, que se enamorou de uma judia pública filha de Aviatar-Ha-Cohen, a qual, «às súplicas do príncipe, abraçava, antes de fazê-lo dono de sua formosura, a fé do Salvador; e tomando no baptismo o nome de Maria, fazia-o pai de quatro filhos. Foram estes D. João de Aragão, primeiro Conde de Ribagorza; D. Afonso de Aragão, Bispo de Tortosa, e já em tempo dos Reis Católicos, Arcebispo

[232] J. Amador de los Rios. Obra cit. Tomo III. Cap. II. Pág. 88.

de Tarragona; e D. Fernando de Aragão, comendador de São João e Prior de Catalunha.» [233]

Continua citando o ilustre historiador as famílias conversas do judaísmo que se puderam entroncar na mais alta nobreza, processo que não terminou até que a Inquisição Espanhola substituiu os antigos tribunais da Fé. Faz notar também o culto literato que muitas dessas famílias de estirpe hebraica faziam alarde de descender de David e de ter parentesco directo com Maria Santíssima. [234] Vê-se pois que usavam este truque há já quinhentos anos.

Falando da família La Caballeria, observa que foram irmãos de D. Bonafós: «D. Simuel, que recebeu como D. Bonafós o nome de Pedro; D. Achab, que se chamou M. Filipe; D. Simuel-Aben-Jehuda (João); D. Isaac (Fernando); D. Abraão (Francisco); D. Salomão (Pedro Paulo); e Luís, cujo nome hebraico não chegou a consignar-se, por haver recebido muito pequeno as águas do baptismo. Baste-nos saber, pelo que toca a estes ilustres conversos, que uma vez abraçada a carreira eclesiástica, gozou Pedro (Simuel) de grande autoridade no clero, com o Priorado de Egea; alcançou Mosen Filipe a representação de cavaleiros e infanções nas cortes do reino (espécie de Parlamento)...; os filhos de Fernando (Isaac) tomavam parte com outros conversos no arrendamento das rendas públicas sob as alas de Luís seu tio; os deste, que foram três, obtiveram: Luís, o primogénito, o cargo de camareiro de Seo; João, uma ração na própria Igreja.» [235]

Tanto na família Santa Maria como na Caballeria houve depois vários processados pela Inquisição, acusados de praticar o judaísmo em segredo. A família inteira de Vidal de la Caballeria foi queimada pelo Santo Ofício em Barcelona e até o historiador e notável jurista Tomás Garcia de Santa Maria foi processado. Quem quiser aprofundar mais este assunto, pode consultar, além da obra que citamos, o chamado «Livro Verde de Aragão», de João de Anchias, onde vêm interessantíssimos pormenores da infiltração judaica no clero, no governo e na nobreza; precioso manuscrito que foi depois editado e que se encontra na Biblioteca Nacional de Madrid. Também é interessante a este respeito o livro do século XVI, chamado «Tizón de la Nobleza Española», do Cardeal Mendoza e Bobadilha, que também se encontra na dita Biblioteca.

Antes de terminar este capítulo, citaremos outras fontes de autoridade incontroversa, começando por outra publicação

---

[233] J. Amador de los Rios. Obra cit. Tomo III. Cap. II. Págs. 91, 95 e 96.

[234] J. Amador de los Rios. Obra cit. Notas 1 e 3. Págs. 97 e segs.

[235] J. Amador de los Rios. Obra cit. Tomo III. Cap. II. Págs. 100 e 101.

da Editorial Israel, de Buenos Aires, a obra de Rufus Learsi intitulada «Israel, History of the Jewish People», elaborada pelo seu autor, com a «generosa ajuda de Jewish History Foundation Inc.», a qual, referindo-se aos acontecimentos citados diz literalmente: «Em verdade era contra os cristãos novos que ardia com maior intensidade e continuava crescendo constantemente a ira geral. Não era só que se suspeitasse que continuavam clandestinamente leais à fé a que haviam renunciado, se bem que aos olhos do clero nenhum crime podia ser mais odioso que tal heresia; os cristãos novos suscitavam um ressentimento muito mais encarniçado ainda pelos êxitos que alcançavam. Um número demasiado elevado deles, agora que a religião havia deixado de obstaculizar o seu caminho, tornou-se rico e poderoso. Ocupavam altas posições no governo, exército, universidades, na própria Igreja»... «E todos eles, inclusivamente nos que usavam os hábitos da Igreja, os sacerdotes e os frades viam hereges, e inflamavam contra eles as paixões do povo até levá-lo à violência. Em 1440 e novamente em 1467, a turba exaltou-se em Toledo e muitos cristãos novos foram assassinados e suas casas incendiadas. Seis anos mais tarde voltaram a produzir-se sangrentos tumultos contra eles em Córdova, Jaen e Segóvia.» [236]

É natural que o clero visse hereges nos descendentes de judeus que vestiam os hábitos da Igreja, visto que havia dados de sobra para justificar essa crença e que meio século depois, quando foi fundada a Inquisição Espanhola, pôde comprovar-se plenamente. Por outro lado, o autor culpa o clero da vaga de anti-semitismo que se desencadeou contra os cristãos de origem hebreia, mas, para compreender esta situação, é preciso conhecer em todos os seus pormenores os motivos que deram os marranos para desencadear contra si essas reacções.

O historiador israelita Joseph Kastein aprofunda mais o estudo de tais motivos, na sua interessante obra intitulada «História dos Judeus», ao referir-se às grandes e falsas conversões de hebreus ao cristianismo: «A princípio, ambos, o povo e a alta sociedade, receberam os conversos como um grupo homogéneo; a nobreza e o clero em especial viram neles o fruto da vitória e no princípio foram recebidos com uma grande explosão de júbilo. Numerosos conversos transpuseram as portas abertas para eles e introduziram-se na sociedade espanhola e no clero espanhol.» A seguir o historiador hebreu insiste no facto de os conversos do judaísmo «começarem a aparecer nas

[236] Rufus Learsi. «História do Povo Judeu». Tradução castelhana de Editorial Israel. Buenos Aires. Escrita com a ajuda da Jewish History Foundation Inc. Cap. XXXVII. Págs. 324 e 325.

mais altas e exaltadas posições da organização do clero.» «Os conversos converteram-se em membros da sociedade espanhola, com iguais direitos, mas isso não trouxe como consequência que perdessem as qualidades que os adornavam. Prèviamente haviam exercido suas ocupações peculiares como comerciantes, industriais, financeiros e políticos. E agora faziam-no de novo, mas com esta diferença, que estavam já dentro da sociedade espanhola e não fora dela. Haviam sido forçados a entrar nela, com o fim de eliminar um perigoso estrangeiro. E agora este encontrava-se estabelecido dentro de casa. O problema havia sido só trasladado do exterior ao próprio seio da estrutura social.» [237]

Difícilmente se poderá encontrar estudo tão profundo e tão minucioso do que em sua essência constitui a infiltração dos judeus na sociedade cristã e no clero, por meio da sua falsa conversão. E termina o historiador israelita o parágrafo com o mais desprezivo conceito acerca da utilidade do baptismo para os judeus, quando diz irònicamente que um apologista judeu desses tempos afirmava: «Há três modos de desperdiçar a água: I. — Baptizando um judeu. II. — Deixando que a água do rio corra para o mar. III. — Misturando-a no vinho.»

Na página seguinte, o historiador hebreu aprofunda o seu estudo sobre os cristãos novos, dizendo que os conversos «basearam a sua ascensão no que se haviam baseado os que os haviam obrigado a converter-se, ou seja, nos altos círculos da corte, na nobreza e no clero, o seu propósito não era tanto adquirir mais força económica, mas sim obter influência política o social... Eles haviam-se convertido em membros da Igreja mas não em afeiçoados à fé. Os nexos indissolúveis de milhares de anos de desenvolvimento religioso obrigaram-nos a levar o judaísmo secretamente em seu coração, ainda indestrutível, levando-o consigo na forma mais profunda. Tomando precauções para não serem descobertos pelos membros da sua nova religião, eles observavam todos os ritos e leis, festivais e costumes de sua própria fé, temerosos e em segredo eles lutaram pelo direito de fazê-lo assim e viviam uma dupla vida e cada homem levava uma dupla carga.» E acrescenta o citado historiador israelita que, quando a Igreja descobriu o que estava acontecendo, «um novo grito de batalha se levantou: a Igreja está em perigo. Os judeus forçaram a sua entrada dentro da Igreja e dentro da sociedade. Com o fim de miná-las por dentro. A inevitável, ainda que absurda, consequência disto foi que a guerra foi declarada contra o inimigo interno. E para a poder realizar, o clero armou-se com a maquinaria da Inquisição,

[237] *Josef Kastein*. «History of the Jews». Nova Iorque. 1936. Págs. 290 e 291.

recorreu ao povo, levou suas intrigas à corte e fizeram todo o possível para influenciar a alta sociedade. E os conversos que haviam sido anteriormente o objectivo da política religiosa nacional converteram-se em marranos, uma palavra vulgar com o significado de «maldito», «porco». A partir desses momentos já não se fez distinção entre os verdadeiros e falsos conversos, todos eram considerados marranos e a guerra que a Igreja fez contra eles inspirava-se mais em motivos sociais e económicos que nos religiosos.» [238]

Difícilmente teríamos podido descrever com tanta exactidão, como o faz o profundo historiador israelita, o que é a essência da quinta coluna judia introduzida no seio da Santa Igreja e da sociedade cristã e os verdadeiros motivos que deram nascimento à Inquisição espanhola, que foi considerada pelo povo e seus dirigentes como «remédio vindo do céu para remediar tantos males», mas cuja necessidade e utilidade foram desvirtuados depois por meio de uma campanha generalizada de calúnias que tem durado séculos.

A «Enciclopédia Judaica Castelhana» diz que: «Daniel Israel Bonafou, Miguel Cardoso, José Querido, Mardoqueo Mojiaj e outros defendiam o marranismo como um método de escavar os cimentos do inimigo e como um meio que contribuia para fazer mais elástica a luta contra ele.» E noutro lugar, referindo-se aos marranos, diz: «A Rainha Ester, que não confessou nem sua raça nem seu nascimento, lhes parecia seu próprio protótipo.» [239]

Quanto ao número de cristãos novos, que ainda na actualidade conservam em segredo os falsos cristãos criptojudeus, sobretudo aqueles que são de origem espanhola e portuguesa, é usado também entre os muçulmanos. A referida «Enciclopédia Judaica», em seu vocábulo *criptojudeu*, citando casos, afirma: «É de data recente o criptojudaismo que surgiu quando o Xá da Pérsia obrigou em 1838 a Comunidade Hebreia de Meshed a aceitar o islamismo. Várias centenas de judeus constituíram então uma congregação conhecida por Djadid-ul-Islam (Muçulmanos Novos), que, conquanto aparentasse observar os ritos maometanos, sem deixar de empreender as peregrinações de rigor a Meca, continuou em segredo a praticar as rezanças religiosas de seus maiores. Os Djadid-ul-Islam celebravam reuniões espirituais em sinagogas subterrâneas, circuncisavam seus filhos, santificavam o sábado, respeitavam as leis dietéticas e souberam sobreviver aos perigos a que se expunham. Posteriormente, no entanto, muitos deles abandonaram Meshed

---

238 Josef Kastein. Obra cit. Ediç. cit. Págs. 291 e 292.

239 «Enciclopédia Judaica Castelhana». Ediç. cit. Tomo IV. Vocábulo *España*.

e fundaram ramificações da seita em Herat, Afeganistão, Merv e Samarcanda, Turquestão, Bombaim, Jerusalém e até na Europa (Londres). Pese à sua emigração, crê-se que seu número chegou até uns 3000 de Meshed e que contam com meio milhar de fiéis em Jerusalém. O viajante e orientalista Walter Fischel fez uma descrição dos costumes e tradições dos Djadid-ul-Islam em sua obra «Uma Comunidade de Marranos na Pérsia» (em hebreu, 1930).» [240] Cuidem-se os Ingleses, pois muitos dos muçulmanos radicados em Londres são judeus secretos, como muitos outros maometanos dispersos no mundo islâmico também o são. Os falsos muçulmanos que em segredo são judeus constituem um grande perigo para o Islão e para os países afro-asiáticos, aos quais tratam de ungir ao carro comunista.

[240] «Enciclopédia Judaica Castelhana». Ediç. cit. Tomo III. Vocábulo *Criptojudaísmo*.

CAPÍTULO VIGÉSIMO QUINTO

UM CARDEAL CRIPTOJUDEU USURPA O PAPADO

A meta suprema da quinta coluna judaica introduzida no clero católico foi sempre a de se assenhorear do Papado, colando na cadeira de São Pedro um judeu secreto que lhes permitisse utilizar a Igreja em benefício dos planos imperialistas revolucionários da Sinagoga e causar à nossa santa religião todos os danos que permitam facilitar a sua destruição.

O judaísmo esteve a ponto de consegui-lo no ano de 1130, há aproximadamente oitocentos e trinta e dois anos. Para o estudo deste escaldante capítulo servimo-nos também de fontes de seriedade reconhecida e de fontes hebreias, insuspeitas pelo menos de anti-semitismo.

O célebre historiador do século passado, Fernando Gregorovius, de fama mundial, como o sabem todos os eruditos, e além disso em extremo favorável aos judeus, refere-se a estes factos históricos em sua obra monumental intitulada «História da Cidade de Roma na Idade Média», cuja primeira tradução italiana foi oficialmente custeada pelo Município de Roma, que ainda honrou o autor com o título de cidadão romano. Da dita obra tomamos os seguintes dados:

Volume II. Tomo 2. Capítulo III. — Os Pierleoni. Sua origem judaica. A Sinagoga. Pedro Léon e seu filho Pedro Cardeal. Cisma entre Inocêncio II e Anacleto II. Inocêncio em França. Carta dos Romanos a Lotário. Rogério I, Rei da Sicília.

«Um cisma de origem e de índole puramente civil devia dar a conhecer ao mundo que os reis alemães nem sempre tinham culpa das divisões eclesiásticas. A riqueza e o poder dos Pierleoni e, mais ainda, os grandes méritos que haviam alcançado junto da Igreja, davam-lhes uma boa esperança de elevar ao Papado um de sua família. O facto estranho de esta descender de origem judia e de ter chegado a ser tão ilustre permite-nos a oportunidade de dar uma olhadela à Sinagoga de Roma.»

Continua Gregorovius descrevendo a história da comuni-

dade hebreia de Roma desde os tempos de Pompeu, para depois mencionar que Benjamim de Tudela, o célebre viajante hebreu que andou por meio mundo visitando todas as organizações judias existentes na sua época, afirmou com respeito aos israelitas de Roma, que no tempo do Papa Alexandre III havia-os de grande influência na Corte Pontifícia e rabinos sapientíssimos como eram Daniel, Geiele, Joab, Natan, Menahem e outros do Trastevere. Que os judeus da Cidade Eterna haviam sofrido perseguição só uma vez e que, embora reduzidos à escravidão, segundo diz Gregorovius, sua raça soube defender-se contra os que a faziam sofrer, graças à sua astúcia, ao engenho e à potência do ouro acumulado em segredo; os melhores médicos e os banqueiros mais ricos eram judeus; em suas casas miseráveis emprestavam dinheiro com usura e no seu livro de devedores escreviam os nomes dos mais ilustres Cônsules de Roma e até dos Papas, angustiados por falta de dinheiro. E daquela desprezada Sinagoga judia saiu uma família senatorial que devia sua fortuna e sua potência às suas grandes usuras.

O avô do referido Pedro Léon, que teve uma intervenção considerável na controvérsia das investiduras, teve também, em seu carácter de banqueiro, tratos comerciais com a corte pontifícia, socorrendo muitas vezes os seus apertos financeiros; e por fim fez-se baptizar tomando o nome de Benedictus Cristianus.

Bem depressa seu filho Léon, que tomou no baptismo o nome do Papa Leão IX, pôde abrir um magnífico caminho como convinha a um homem riquíssimo, provido de engenho, audaz e ambicioso. Aparentou-se com magnates romanos, que ambicionavam dar a seus filhos como esposas as ricas filhas de Israel ou que casavam suas próprias filhas com os filhos baptizados dos judeus.[241] Afirma Gregorovius que um dos seus filhos chamados Pedro Léon, que foi o primeiro que ostentou o apelido Pierleoni, chegou a ser em Roma homem de enorme influência e consultado em toda a ocasião.

Além da sua fortaleza, situada junto ao teatro de Marcelo, que sem dúvida havia erigido seu pai León, dominava também a próxima ilha tiberiana; Urbano II confiou-lhe também a custódia do Castelo de Santo Ângelo e morreu na casa do seu credor e protector, usando as palavras do próprio Gregorovius. Os seus sucessores, continua dizendo, afadigavam-se por obter o patrocínio do poderoso Pierleoni. Mas o povo aborrecia-o, por-

[241] Gregorovius Ferdinand. «Geschichte der Stadt Rom im Mittelalter». Trad. italiana de Renato Manzato. Torino. Vol. II. Tomo II. Cap. III. Págs. 72 e 73.

que era um usurário, a nobreza odiava-o e podemos ver que, apesar de ser amigo do Papa Pascoal, não pôde obter a Prefeitura para seu filho por ser «nobre novo».

Mas a amizade dos Pontífices, o esplendor da parentela, as riquezas e o poder apagaram bem depressa a mancha da sua origem judia e muito pouco tempo foi preciso para os Pierleoni serem enaltecidas como a maior das famílias principescas de Roma. León e seus sucessores ornamentaram-se com o título de «cônsules dos romanos» e mantiveram-no, segundo afirma Gregorovius, «com orgulho e com dignidade magistral, como se fossem patrícios muito antigos.» Acrescenta o famoso historiador que os Pierleoni foram guelfos, quer dizer, tomaram decididamente o partido dos Papas contra os Imperadores alemães, pois não devemos esquecer que, já nestes tempos, eram, ao menos na aparência, devotos cristãos.

O que em seguida narra Gregorovius é também muito ilustrativo. Afirma que Pierleoni morreu em 2 de Junho do ano de 1128, coberto de honras que nunca teve um cônsul da Roma antiga, e que, embora se destruíssem os sepulcros dos Papas daquele tempo, está ainda de pé «o mausoléu deste Craso israelita», como lhe chama aqui Gregorovius, apesar de ser oficialmente muito católico. Comenta que «deixou muita descendência e que tão maravilhosa como uma fábula foi a fortuna destes originários do ghetto, que um dos seus filhos chegou a ser Papa, outro foi feito patrício de Roma e uma filha casou com Rogério de Sicília.» «Este poderoso senhor havia destinado seu filho Pedro a um posto na Igreja. Acaso se podia negar-lhe a capa violeta de Cardeal? Acaso o vestuário pontifício era um desejo demasiado temerário para o filho de Pierleoni?» «O jovem Pedro foi enviado a Paris, para que completasse a sua erudição e aí, sem dúvida, foi dos ouvintes de Abelardo; terminados os seus estudos tomou em Cluny o hábito monástico que sem dúvida era a vestimenta mais recomendável para os candidatos ao Pontificado»... «Condescendendo a um desejo de seu pai, Pascoal chamou-o a Roma e fê-lo Cardeal de São Cosme e São Damião»... «Junto com seu irmão acompanhou depois Gelásio a França e voltou com Calisto, chegando a ser Cardeal cura de Santa Maria naquele mesmo Trastevere de que sua família era originária. Depois foi como Legado a França onde reuniu Concílios, e a Inglaterra, onde foi recebido pelo Rei Henrique, com magnificência de Príncipe.» [242]

Com a experiência de uma luta de séculos contra a Sinagoga de Satanás, a Santa Igreja foi construindo suas defesas,

[242] Ferdinand Gregorovius. Obra cit. Vol. II. Tomo II. Cap. III. Págs. 74 e 75.

através das Leis Canónicas antijudias, cuja aplicação fiel garantia à mesma a maneira de se defender eficazmente do seu maior inimigo. Desgraçadamente, já vimos como houve monarcas como Witiza, Luís, o Piedoso, ou Pedro, o Cruel, que, caindo sob a influência dos israelitas, converteram em letra morta os sagrados Cânones anti-hebreus, oferecendo protecção ao inimigo capital da cristandade e permitindo colocar-se no cume da governação do Estado, com resultados trágicos, tanto para a Santa Igreja como para os povos que caíram nas garras dos israelitas. No entanto, estas tragédias foram por sua natureza de carácter local, pois enquanto um Witiza ou um Luís, o Piedoso, entregavam os seus povos nas garras do inimigo, o Papado e outros Estados cristãos continuavam com ardor a luta em defesa da Igreja e da catolicidade. A nova situação era sem dúvida o prelúdio de uma tragédia já não local, mas universal, a abarcaria a cristandade inteira, visto que o inimigo se estava infiltrando na mais alta chefia da Santa Igreja e a crise tinha de afectar necessàriamente todo o mundo cristão.

Nesta ocasião, a encarniçada pugna entre o Papado e o Império, com motivo das investiduras e do problema da supremacia, ia apresentar ao judaísmo a magnífica oportunidade de se infiltrar na Santa Sé, oferecendo-lhe valiosos serviços e fazendo méritos indubitáveis. No fragor daquela luta, surgida entre Papas e Imperadores, os hebreus e também os judeus conversos começaram por tomar resolutamente o partido dos guelfos, quer dizer, do Sumo Pontífice, que dificilmente naquelas circunstâncias podia recusar tão inesperado como, ao que parecia, valioso apoio, maior ainda por vir unido ao financiamento económico, que nesses tempos com frequência necessitava urgentemente a Santa Sé.

Ante o aperto das circunstâncias, esqueceram-se de momento as Leis Canónicas que haviam sido fruto da experiência de séculos; e os hebreus, com a sua interessada adesão ao partido dos Papas, podiam infiltrar-se num terreno que lhes havia sido antes vedado. As lutas fratricidas entre os cristãos foram sempre o melhor aliado da Sinagoga de Satanás para conseguir que os seus planos imperialistas façam gigantescos avanços.

E assim como agora o conseguiam apoiando o poder eclesiástico contra o civil, depois, no século XVI, ou seja, quatrocentos e cinquenta anos mais tarde, dividiriam definitivamente a cristandade, apoiando então os reis contra o Papado.

No caso presente, fizeram-se imprescindíveis como banqueiros, e a eles tinha de recorrer o Papado para solucionar os seus problemas económicos.

O célebre rabino, poeta e historiador Louis Israel Newman,

na sua interessantíssima obra intitulada «Influência Judia nos Movimentos de Reforma do Cristianismo», referindo-se ao cisma provocado na Santa Igreja pelo Cardeal Pedro Pierleoni, dá-lhe uma importância decisiva no desenvolvimento da chamada heresia judaica na Idade Média, que com toda a razão foi chamada por Papas, Concílios e Inquisidores a mãe de todas as heresias, visto que o Santo Ofício chegou a comprovar que eram os judeus clandestinos, quer dizer, os hereges judaizantes, os organizadores e propagadores dos demais movimentos heréticos. Assevera o mencionado rabino que: «O principal factor para a preparação da explosão da heresia judaizante durante o século XII foi a eleição de Anacleto II, um membro da Casa Judia dos Pierleoni, à cadeira pontifical no ano de 1130.» [243] Esta confissão é de capital importância, por vir de um dirigente destacado do judaísmo e porque também se ajusta por completo à realidade, pois um golpe de audácia desse tipo, além de semear a desmoralização na cristandade, devia alentar em extremo os israelitas, que puderam considerar que, dali em diante, tudo já era possível para eles.

O referido rabino confirma o que atrás se diz numa outra passagem da sua interessante obra, quando afirma: «Provas adicionais em relação com o profundo impacto feito pela carreira de Anacleto sobre as mentes judias podem encontrar-se na copiosa literatura do mítico Papa judeu, que na legenda hebreia é chamado Andreas ou Elchanan. É por completo digno de aplauso que a elevação ao poder de um membro de uma antiga família judia haja dado ímpeto à actividade das comunidades judias italianas, e a uma vigorosa reafirmação das suas próprias tradições e opiniões.» [244]

Aqui já o citado rabino vai demasiado longe, procurando dar brilho a um dos grandes argumentos que os hebreus empregam nos seus conventículos secretos, para demonstrar que a sua religião, e não a cristã, é a verdadeira. Dizem que o facto de conseguirem infiltrar-se nas jerarquias da Igreja sem exceptuar os Bispados e o Cardenalato, cometendo toda a classe de sacrifícios e poderem até escalar o trono de São Pedro, ainda que seja por meio de Antipapas, que eles chamam Papas, reafirma as suas opiniões e suas tradições, quer dizer, demonstra que são eles e não os cristãos quem tem razão ao crer que a sua religião é a que conta com o apoio divino.

Nós responderíamos a este sofisma com um argumento

---

[243] Rabino Louis Israel Newman. «Jewish Influence on Christian Reform Movements». Contido no vol. XXIII da Columbia University Oriental Series. II Livro - IV - I. Pág. 248.

[244] Rabino Louis Israel Newman. Obra cit. Livro II - 3. Págs. 252 e 253.

eloquente: qualquer instituição humana carecida da assistência divina já há muitos séculos teria sido controlada pela satânica quinta coluna judia introduzida no clero, que há oitocentos e trinta e dois anos julgou ter capturado por fim o Sumo Pontificado e pensou ter a Santa Igreja nas suas garras; mas então fracassou o seu intento demoníaco, como continua procassando oito séculos depois, em que se contempla essa conquista como uma simples ansiada ambição, ainda não conseguida. Se a Santa Igreja não tivesse a assistência de Deus Nosso Senhor, teria já sucumbido ante o impulso da maquinaria infernal do judaísmo, considerado por muitos, com razão, como o mais poderoso instrumento do Anticristo.

Cristo Nosso Senhor chamou ao judaísmo a Sinagoga de Satanás e denominou os judeus filhos do diabo, não só por sua maldade, mas talvez pelo poder extraordinário que receberiam do demónio. Por alguma razão também o Santo Concílio Toledano antes referido afirmou que os padres que ajudavam os judeus em prejuízo da fé formavam parte do corpo do Anticristo, chamando aos hebreus ministros do Anticristo, denominação que lhes confirmaram ilustres Padres e Santos da Igreja.

Este poder para fazer o mal, que se antolha por vezes sobrenatural, vem-lhes do dragão, como o profetizou São João no seu Apocalipse; mas a besta e o dragão serão vencidos, depois da sua temporal supremacia. Assim está disposto por Deus, pois recordemos que São João, no Capítulo XIII do Apocalipse, profetizou-o: «1. — Vi sair do mar um animal, que tinha sete cabeças e dez cornos e sobre os seus cornos dez coroas e sobre suas cabeças nomes de blasfémia. 2. — ... E lhe deu o dragão seu poder e grande força. 3. — ... E se maravilhou toda a terra em presença do animal. 4. — E adoraram o dragão que deu poder à besta e adoraram a besta dizendo: «Quem há semelhante à besta? Quem poderá lidar com ela? 5. — E lhe foi dada boca para que falasse altanarias e blasfémias. 7. — E lhe foi dado que fizesse a guerra aos santos e que os vencesse. E lhe foi dado poder sobre toda tribo e povo e língua e nação.» [245]

O poder que foi dado à besta pelo dragão coincide de forma assombrosa com o que foi dado à Sinagoga de Satanás para fazer o mal; além disso está profetizado o seu poder temporal para vencer os bons. Esse vomitar blasfémias da besta, sobretudo nos países comunistas, está também profetizado. Parece pois muito acertada a interpretação que têm dado em diversas épocas alguns Padres da Igreja, teólogos e jerarcas do

[245] Biblia. Novo Testamento. Apocalipse de São João. Cap. XIII. Versículos 1, 2, 3, 4, 5 e 7.

catolicismo, ao considerar que o judaísmo pós-bíblico é a besta do Apocalipse. Os factos coincidem de forma tão assombrosa com a profecia, que parece não haver lugar a dúvida.

Mas também está profetizado por Deus que a besta e o dragão, depois dos seus triunfos temporais, serão definitivamente vencidos e arrojados ao fogo. O Apocalipse, no seu Capítulo XX, diz: «9. — E Deus fez descer fogo do céu e as travou. E o diabo que os enganava foi metido no estanque de fogø e de enxofre onde estará também a besta. 10. — E o falso profeta será atormentado dia e noite nos séculos dos séculos.»

Também menciona a Profecia bíblica uma segunda besta, cujas características coincidem de forma surpreendente com a quinta coluna judia introduzida no clero, visto que tem a aparência do cordeiro e, no entanto, actua como o dragão e sua missão é ajudar à primeira besta, como a missão da quinta coluna é facilitar os triunfos da Sinagoga de Satanás. No capítudo XIII, diz: «11. — E vi outra besta que subia da terra e que tinha dois cornos semelhantes aos do cordeiro, mas falava como o dragão. 12. — E exercia todo o poder da primeira besta em sua presença, e fez que a terra e seus moradores adorassem a primeira besta que tem a ferida da espada e viveu. 14. — E enganou os moradores da terra com os prodígios que se lhe permitiram fazer diante da besta, dizendo aos moradores da terra que façam a figura da besta, que tem a ferida de espada e viveu.» [246]

A muitos parece na realidade surpreendente que o judaísmo, ferido de morte pela Inquisição e pela acção dos bens, haja sobrevivido e curado de suas feridas. Por outro lado, essa missão da besta com aparência do cordeiro, consiste em conseguir que os homens adorem a primeira besta, coincide também de forma admirável com o trabalho que executam os padres quinta-colunistas para que os fiéis quase adorem os judeus, pretendendo que são do sangue de Cristo Nosso Senhor, embora Este lhes chame filhos do diabo e sejam o inimigo capital da Santa Igreja.

Há que reconhecer que aqueles que seguem a besta, «seus nomes não estão escritos no Livro da Vida». (Apocalipse. Capítulo XVII. Vers. 8). «E, o que não for encontrado no Livro da Vida, será arrojado ao inferno». (Ap. Cap. XXI. Vers. 14 e 15).

Depois deste parêntesis, necessário para impedir que a tragédia que se está analisando debilite e confunda os medrosos, continuemos narrando sintèticamente ø desenrolar do espantoso drama.

---

[246] Bíblia. Novo Testamento. Apocalipse de São João. Cap. XIII. Versículos 11, 12 e 14 e Cap. XX. Versículos 9 e 10.

Claramente se via que o Cardeal Pierleoni e seus sequazes estavam preparando tudo para a sua elevação ao Pontificado ao morrer o Papa reinante; e os Cardeais e Padres melhor orientados, mais fiéis à Santa Igreja, estavam justamente alarmados, porquanto se encontravam convencidos de que o Cardeal Pierleoni praticava o judaísmo em segredo e porque, com a sua elevação ao trono de São Pedro, a Santa Igreja cairia nas garras do seu inimigo secular, a Sinagoga. Com efeito, contra o dito Cardeal, se lançavam, entre outras, as seguintes acusações:

1. — Que sob a máscara de um cristianismo aparentemente fervoroso e sincero, praticava o judaísmo em segredo, dissimulando-o com o véu de eloquentes e piedosos sermões, visto que Pierleoni foi um dos melhores oradores sagrados da sua época. Também dissimulava o seu judaísmo com boas obras e com um labor impressionante como administrador e organizador das coisas da Igreja, demonstrado no posto de Núncio de Sua Santidade, como organizador de Concílios em França e como Cardeal.

II. — Que à margem da sua riqueza particular, estava acumulando outra mediante o despojo de igrejas, que havia realizado com a colaboração de outros judeus, dinheiro que depois empregava para tentar a corrupção do Corpo Cardinalício e obter por meio de intrigas e influências o alçamento dos seus aos Bispados e ao Cardinalato, comprando, até a peso de ouro, o voto de alguns Cardeais para a próxima eleição papal.

Ante o perigo mortal, foi-se formando um grupo de oposição a Pierleoni de tendências fortemente antijudias, no Sacro Colégio Cardinalício, encabeçado pelo Cardeal Gregório de Santo Ângelo, pelo Chanceler Aimerico e por Giovani de Crema. No entanto, o Cardeal Pierleoni levava na encarniçada luta visível vantagem, porque contava com o apoio da nobreza, muito infiltrada do judaísmo, e do povo, ganho pelo ouro e poderio do Cardeal criptojudeu. Além disso, havia tido o cuidado de ir controlando as forças armadas.

Sabendo que os Cardeais opositores o acusavam de praticar o judaísmo, Pierleoni tratava de desmentir tais acusações com seus sermões piedosos e impecávelmente ortodoxos, com uma magnífica actuação em diferentes campos, e até se diz que, inclusive, como construtor de templos. Com tudo isto, conseguia desorientar padres e seculares, fazendo-lhes acreditar que as acusações lançadas contra ele eram caluniosas e que na realidade o Cardeal Pierleoni era um sincero cristão, atacado

injustamente pelos invejosos e antijudeus, propensos a ver israelitas até onde os não há. [247]

O Papa Honório II, já enfermo, via-se sujeito às encontradas e fortes pressões de ambos os grupos. Vendo os Cardeais antijudeus que o bloco filo-semita de Pierleoni adquiria cada vez mais força e tinha assegurado o voto da maioria dos Cardeais deu um golpe de audácia, devido à energia e resolução do Cardeal francês Aimerico, Chanceler da Igreja Romana, que sùbitamente fez trasladar o Papa moribundo para o Mosteiro de São Gregório, erguido num monte. No meio dos esforços de ambas as facções, concordaram com Honório que a eleição do novo Papa a fariam oito Cardeais, parece que designados pelo próprio Pontífice reinante e entre os quais figurava Pierleoni. Os ditos Purpurados estavam à cabeceira do moribundo esperando o fatal desenlace para proceder à eleição do novo Papa.

O falecimento de Honório ocorreu providencialmente num momento em que Pierleoni se havia ausentado com Jónatas; e os outros seis Cardeais procederam ao enterro precipitado do defunto, para proceder com grande sigilo, em São Gregório, à eleição do novo Papa, que recaiu na pessoa do virtuoso Cardeal de Santo Ângelo, de tendências antijudias, Gregório Papareshi, que, ao assumir o Pontificado, tomou o nome de Inocêncio II.

Quando Pierleoni, que já se considerava quase Papa eleito, viu que Papareshi, um dos seus rivais, havia sido eleito Pontífice, não se deu por vencido; então, segundo diz Gregorovius, «assistido por seus irmãos León, Giordano, Rogério, Uguccione e de numerosos clientes, marchou para São Pedro, abriu as portas com violência, e se fez consagrar Papa por Pietro di Porto, tomou por assalto o Laterano, e se sentou sobre os tronos papais que estavam naquela igreja e foi a Santa Maria Maior e sequestrou o Tesouro da Igreja. Roma inteira ressoou com o estrondo da guerra civil, aí mesmo onde milhares de mãos se estendiam àvidamente para recolher o ouro que Anacleto espalhava.» [248]

Indubitàvelmente que este Pierleoni, que, ao ser designado Papa da forma citada, tomou o nome de Anacleto II, foi, no que à simonia se refere, um digno discípulo do seu antecessor, judeu também, Simão, o Mago, e quiçá, até, lhe levou vantagem, iluminado talvez com a experiência hebraica de séculos, conse-

[247] Vogelstein Und Rieger. Geschichte Der Juden in Rom. Ediç. 1896. «Jewish Enciclopédia» e «Enciclopédia Judaica Castelhana». Vocábulos *Anacletus* e *Pierleoni*. Vacandard, «Vie de Saint Bernard». Codex Udalrici. Núms. 240 a 261.. Gregorovius e Rabino Louis Israel Newman. Obras citadas.

[248] Gregorovius. Obra cit. Vol. II. Tomo II. Cap. III. Pág. 76.

guindo por diversos meios que mais do que duas terças partes dos Cardeais o elegessem Papa, adoptando o nome de Anacleto II.

O Craso judeu assenhoreou-se fàcilmente da situação e choveram-lhe adesões de todos os lados, enquanto Inocêncio II tinha de fugir com os seus fiéis Cardeais, refugiando-se no palácio, amparado pela guarda da fortaleza dos Frangipani, As tropas de Pierleoni assaltaram o palácio sem êxito, mas, como segundo diz Gregorovius, «veria Inocêncio que por suas muralhas penetrava o ouro do seu inimigo, fugiu em Abril ou Maio para o Trastevere, onde se escondeu na torre de sua família, enquanto Anacleto celebrava tranquilamente em São Pedro a festa da Páscoa, excomungava o seu adversário destituía os Cardeais que lhe eram contrários e designava outros em seu lugar. A defecção declarada dos Frangipani deixou Inocêncio a descoberto e sem defesa, pelo que não lhe ficou outra alternativa do que a fuga.» [249]

Tudo parecia humanamente perdido para a Santa Igreja; o triunfo da quinta coluna judia introduzida no clero antolhava-se já definitivo, o seu sonho secular de conquista do Papado parecia por fim realizado, a cristandade, ao que parecia, havia sucumbido na luta contra a Sinagoga de Satanás.

[249] *Gregorovius*. Obra cit. Vol. II. Tomo II. Cap. III. Págs. 76 e 77.

CAPÍTULO VIGÉSIMO SEXTO

SÃO BERNARDO E SÃO NORBERTO LIBERTAM A IGREJA DAS GARRAS DO JUDAÍSMO

Nesta ocasião a Divina Providência acudiu, como o tem prometido, a salvar a sua Igreja, valendo-se, como sempre costuma acontecer, do aparecimento de homens capazes e resolvidos a tudo sacrificar para obter a salvação da catolicidade; chefes que, num momento dado, por inspiração de Deus, sabem avaliar em toda a sua magnitude o desastre ocorrido ou a catástrofe que se avizinha e que se lançam de corpo e alma com desinteresse, com mística superior e impulso esmagador, à luta contra a Sinagoga e seus sequazes.

Assim surgiu Santo Ireneu, quando o gnosticismo judaico ameaçou desintegrar a cristandade; de igual maneira apareceu Santo Atanásio, o grande chefe antijudeu, quando a heresia do hebreu Arrio esteve a ponto de pulverizar a Igreja e assim surgiram depois, em situações parecidas, São João Crisóstomo, Santo Ambrósio de Milão, São Cirilo de Alexandria, Santo Isidoro de Sevilha, São Félix e os Arcebispos Santo Agobardo, Amolón e muitos outros, todos lutadores implacáveis, iluminados pela graça divina, tanto contra os judeus, inimigos seculares da Santa Igreja, como contra a sua quinta coluna, suas heresias e seus movimentos subversivos.

Agora que a Igreja sofria talvez a mais grave crise desde o seu nascimento, quem surgiria? Qual ou quais seriam os caudilhos antijudeus, instrumentos de Cristo nesta ocasião para salvar a sua Santa Igreja?

Como de costume, a assistência de Deus manifestou-se através do aparecimento de dois grandes lutadores: São Bernardo, Doutor da Igreja e Abade de Clairvaux e São Norberto, fundador da Ordem Norbertina e Arcebispo de Magdeburgo, aparentado com a família imperial da Alemanha.

Quando São Bernardo teve notícia dos infaustos acontecimentos ocorridos em Roma, tomou uma resolução que muitos resistem em tomar, ou seja, a de deixar a vida pacífica e tranquila do convento, para se lançar numa luta dura, cheia de incomodidades, sofrimentos e perigos, que, além disso, a todos

se antevia perdida, visto que o suposto Papa criptojudeu dominava por completo a situação com o seu ouro e com o apoio que continuava recebendo, enquanto que Inocêncio II, abandonado e fugitivo, excomungado por Anacleto, parecia ter tudo perdido, enfraquecido ainda por cima nas suas pretensões por uma eleição que, segundo teólogos e historiadores eclesiásticos de peso, não era muito canónica. No entanto, São Bernardo tomou em suas mãos a causa já quase liquidada, só porque tinha a convicção de que era a boa, de que a Santa Igreja não podia de tal forma cair nas garras do seu pior inimigo; o judaísmo.

Prescindindo do problema de que a maioria de 23 Cardeais haviam votado por Anacleto contra seis que votaram por Inocêncio e fazendo caso omisso da forma como este havia sido eleito, considerou a questão do ponto de vista em que devia considerar-se. Em carta dirigida ao Imperador Lotário da Alemanha, dizia entre outras coisas: «Que era uma afronta para Cristo que um «vástago» judeu ocupasse o Trono de São Pedro.» Com isso punha o Santo Doutor da Igreja o dedo na chaga e diagnosticava a situação em toda a sua gravidade, pois não podia ser possível na realidade que um judeu, inimigo da Santa Igreja, fosse Papa. Dizia também na dita carta ao Imperador que «a reputação de Anacleto era baixa até entre os seus amigos, enquanto que Inocêncio estava ao abrigo de toda a suspeita.»

O Abade Ernold, biógrafo contemporâneo de São Bernardo, informa que Pierleoni, como Legado e como Cardeal, havia amassado imensas riquezas e «que depois havia roubado as igrejas despojando-as dos seus valores. E que quando, inclusive os maus cristãos que o seguiam se haviam negado a destruir os cálices e crucifixos de ouro para os fundir, Anacleto utilizou judeus com este propósito e eles zelosamente destroçaram os vasos sagrados e os gravados e com o dinheiro obtido da venda destes objectos, Anacleto, segundo se tinham informes, estava em possibilidade de perseguir os partidários de Inocêncio II.»

O Bispo Humberto de Lucca, o «Dux» veneziano Andreas Dandolo, Anselmo, Abade de Grembloux e outros cronistas e historiadores apresentam estas e outras gravíssimas acusações contra o Antipapa judaico. [250]

---

[250] Bispo Humberto de Lucca. Crónica em Codex Udalrice. Núm. 246. Página 425.

Rabino Louis Israel Newman. «Jewish Influence on Christian Reform Movements». Livro II. Pág. 251.

Vavcandard. «La Vie de Saint Bernard». Art. contra Anacleto.

O ponto chave nesta luta radicava-se principalmente na pessoa do Imperador da Alemanha e também no Rei de França, representando ambos as forças políticas então mais potentes na catolicidade. São Bernardo, com a ajuda de seu grande amigo São Norberto, dirigiu todo o seu empenho em convencer ambos os monarcas, que se encontravam indecisos, para que prestassem todo o seu apoio a Inocêncio, com cujo objectivo lhes enviou cartas e efectuou junto deles todo o género de sugestões.

Luís VI não se resolvia mas por fim pediu que se reunisse um Concílio, congregado de acordo com o seu desejo em Etampes, [251] ao qual compareceu São Bernardo, que, com sua eloquência e ardor, conseguiu que os padres do Sínodo se declarassem a favor de Inocêncio, aduzindo entre outras razões, além das já apontadas, a de haver sido eleito primeiro e a de que, embora Anacleto houvesse tido depois o voto de uma maioria esmagadora de Cardeais, a eleição primeira continuaria sendo válida enquanto não fosse juridicamente anulada. Arguia ainda que Inocêncio havia recebido a sua consagração pontifical das mãos do funcionário competente para a realizar, quer dizer, do Cardeal-Bispo de Ostia.

De muito serviu a audácia e energia do heróico Cardeal Aimerico, que de forma precipitada e secreta mandou enterrar o Papa defunto quando faleceu, procedendo ràpidamente, ainda que de forma um tanto irregular, à eleição de Inocêncio. A Santa Igreja, a cristandade e, em geral, a Humanidade inteira devem estar agradecidas e honrar a memória deste audaz e activo Cardeal, que ao iniciar com o seu golpe de mão a luta pela salvação da Santa Igreja, contribuiu para a salvação de todo o mundo, pois se os judeus tivessem conseguido há oito séculos o domínio da cristandade, a catástrofe que ameaça agora de forma aterradora o orbe inteiro, teria ocorrido quiçá vários séculos antes, numa época em que o Islão também se encontrava sèriamente ameaçado pela rede de organizações secretas revolucionárias criptojudias que, como os Batinis e os assassinos, ameaçavam desintegrá-lo e dominá-lo.

Inocêncio II, que havia chegado a França recentemente, fugitivo da Itália, com o apoio do Santo Concílio de Etampes, viu ressurgir a sua causa que parecia já perdida. O reconhecimento e amparo conciliar foi seguido pelo muito valioso, na

---

[251] Não nos foi possível localizar as actas e cânones do Concílio de Etampes, do qual só pudemos encontrar relatos incompletos; pelo que receamos que, por motivos fáceis de compreender, se hajam perdido.

ordem temporal, Rei de França, que a partir desse momento se constituiu um dos principais sustentáculos de Inocêncio contra o seu rival, declarado então Antipapa pelo citado Sínodo. Seguindo o monarca francês a pauta observada por São Bernardo, não discutiu já qual dos Papas eleitos era o legítimo, senão qual deles era mais digno, segundo o deixou consignado o célebre Sugerio, Abade de Saint Denis. Fracassou pois ante a espantosa actividade de São Bernardo a habilíssima diplomacia de Anacleto, que fazia alarde de piedoso cristianismo, empregando todos os meios ao seu alcance para ganhar o apoio do Rei de França. Fingia aparatosa piedade e disfarçava os seus projectos reformistas, com a ideia de pugnar por devolver à Igreja a pureza dos seus primeiros tempos, bandeira sempre muito popular por louvável e nobre. Havia começado por adoptar o nome do primeiro sucessor de São Pedro, isto é, do Papa Anacleto I.

Encontramo-nos pois, ao que parece, diante de uma das primeiras manifestações dessa besta apocalíptica, coberta com as aparências do cordeiro, quer dizer, de Cristo Nosso Senhor, mas que actua como o dragão. Por algo foi comum, nessa época, entre Santos, Bispos, Padres e Seculares, considerar Anacleto como Anticristo, ou, no mais benévolo dos casos, como precursor do Anticristo.

A atitude que assumiu Lotário, Imperador da Alemanha, ia pois ser decisiva nesta luta. Com grande acerto, indicou que este assunto era da competência da própria Igreja e para o efeito foi convocado outro Concílio em Wurzburgo, no qual interveio São Norberto de forma decisiva, inclinando o Episcopado alemão a oferecer todo o seu apoio a Inocêncio. No entanto, uma batalha quase decisiva ia ter lugar no Santo Concílio de Reims, celebrado em fins do ano de 1131, que foi uma derrota completa para Pedro Pierleoni, visto que, em tal Sínodo, os Bispos de Inglaterra, Castela e Aragão reconheceram Inocêncio como Papa legítimo, unindo-se em tal sentido aos Episcopados francês e alemão, que já o haviam reconhecido. No dito Sínodo foi também excomungado Pierleoni. Justo é reconhecer que, nesta luta, foram também um elemento vital as ordens religiosas que, conscientes nesses tempos do perigo que representava o judaísmo para a Igreja, viam em Anacleto o maior mal que havia enfrentado até esse momento a cristandade; e com dinamismo e paixão, movimentaram a actividade dos seus conventos, empenhados em salvar a Santa Igreja da ameaça mortal.

Desgraçadamente, em nossos tempos, em que a Santa Igreja está tão ameaçada pelo comunismo e pela quinta coluna

judaica introduzida no clero, não se vêem indícios de que a gigantesca força das ordens religiosas, que poderia talvez salvar a situação, se apresta para a luta. Dias inteiros têm-nos ocupado em piedosos misteres, muito dignos de elogio, mas que nas actuais circunstâncias as impedem de dedicar a sua actividade à tarefa fundamental de salvar a Igreja. Cremos que se estas ordens despertassem do seu latargo, se dariam conta de que agora, como nos tempos de Pierleoni, é indispensável deixar em grande parte, por momentos, os piedosos misteres que lhes absorvem todo o seu tempo, para dedicar boa parte dele à luta para salvar a cristandade, com o que se daria um passo decisivo para a salvação.

Que Deus Nosso Senhor ilumine os Padres Gerais das ditas ordens e lhes faça ver a necessidade de tomar uma suprema e decisiva resolução a tal respeito! As orações e actividades da Regra são muito importantes, mas mais importante ainda é salvar a Santa Igreja do perigo judeo-comunista que a ameaça aniquilar. São Bernardo e muitas legiões de frades tiveram de deixar a tranquilidade dos conventos e a observância rigorosa das Regras (naturalmente com as licenças adequadas), para lançar-se nas ruas e salvar a cristandade. E conseguiram-no!

Depois do Concílio de Reims, já não ficava a Pierleoni se não o apoio da Itália (na sua maioria), e principalmente de seu cunhado, o Duque Rogério II da Sicília, que pràticamente dominava a situação na Península. De algo havia servido o casamento da judia conversa Pierleoni, irmã do Antipapa, com o citado Duque. O estratégico matrimónio estava já rendendo os seus frutos.

Para conseguir o triunfo definitivo contra o judeu que usurpava em Roma o trono de São Pedro, era preciso uma invasão militar, uma espécie de cruzada; e foram São Bernardo e São Norberto que convenceram Lotário, Imperador da Alemanha, a que o realizasse. Este, com um modesto exército, reuniu-se com Inocêncio no Norte de Itália e avançou daí até tomar Roma sem resistência, pois muitos nobres italianos atraiçoaram Anacleto à última hora. Lotário instalou Inocêncio em Latrão, enquanto Pedro Pierleoni se refugiava em Santo Ângelo, controlando São Pedro, razão pela qual o Imperador foi coroado por Inocêncio em Latrão. Mas como Rogério da Sicília avançasse então à frente de um poderoso exército, Lotário teve de retirar, pelo que Sua Santidade o Papa não pôde manter-se em Roma e teve de fugir, deixando ali de novo o Antipapa judeu, dono da situação. Retirado Inocêncio a Pisa, reuniu nesta cidade um magno Concílio, a que assistiram Bispos de quase toda a cristandade e grande quantidade de priores de conventos, que desempenharam um papel muito importante nesta

luta. Entre eles encontrava-se, acaudilhando sempre a peleja, São Bernardo.

No ano seguinte, Lotário voltou a invadir a Itália para instalar em Roma o Papa legítimo e afastar dali o judeu usurpador. A conduta do Imperador da Alemanha é muito digna de tomar-se em conta, visto que nesses momentos críticos para a Igreja e para o mundo cristão soube pôr de lado os seus interesses pessoais e os ressentimentos do Império por causa da dura luta das investiduras, para se entregar de corpo e alma à tarefa de salvar a cristandade.

Oxalá que na actual crise mundial abundem os jerarcas que imitem uma tão nobre conduta e que saibam sobrepor as necessidades nacionais aos seus interesses particulares, muitas vezes justificados, em aras da união de todos os povos na luta de libertação universal que deve sustentar-se contra o imperialismo judaico e das suas ditaduras maçónicas ou comunistas!

Com muita justa razão, S. S. o Papa Inocêncio II, no fragor da terrível luta, escrevia ao Imperador Lotário, dizendo-lhe: «A Igreja, com divina inspiração, te escolheu e elegeu a ti na qualidade de legislador como a um segundo Justiniano, e como um segundo Constantino para combater a herética impiedade dos judeus.»

A campanha vitoriosa levou Lotário a derrotar Rogério e a afastá-lo até à Sicília, mas não pôde tomar Roma, onde continuou instalado, para escândalo de toda a cristandade, o Antipapa judeu. Ao retirar-se da Itália Lotário e seus exércitos, Rogério de Sicília reconquistou-a quase por completo, com o que a causa de Pierleoni parecia ressurgir de forma perigosa.

O alarme na cristandade era cada vez maior, visto que surgia de novo ameaçadora a potência do Antipapa, a quem Arnulfo, Bispo de Liseaux, Mandredo, Bispo de Mântua e outros distintos Prelados, chamavam secamente «judeu». O Arcebispo Walter de Ravena denunciava o cisma de Anacleto como «heresia da perfídia judaica», e o rabino Louis Israel Newman afirma que o partido de Inocêncio dizia que Anacleto era o Anticristo, opiniões que foram confirmadas ao Imperador Lotário pelos Cardeais que apoiaram o Papa ortodoxo. O próprio Inocêncio II converteu em grito de batalha a afirmação de que a usurpação de Anacleto era «uma insensata perfídia judaica». O estudioso rabino citado termina a sua narração desta luta com o seguinte comentário: «A posição do Pontífice judeu foi mantida com êxito até à sua morte em Janeiro 25 de 1138.» Este dirigente israelita, mais honrado como historiador que outros, não tem pois reticências nem temores e afirma com toda a clareza que Pierleoni foi um hebreu, chamando-se até

expressamente «Pontífice Judeu», embora leve a sua ousadia ao ponto de chamar Antipapa a Inocêncio II. [252]

Morto em Roma o judeu usurpador, com todas as honras papais, o seu corpo cardinalício, que segundo se dizia estava inundado por purpurados que praticavam em segredo o judaísmo, procedeu à designação de um novo Papa, ou melhor dito, Antipapa, nomeação que recaiu na pessoa do Cardeal Gregório, designado com a aprovação e o apoio de Rogério da Sicília.

O novo Papa tomou o nome de Vítor IV, enquanto a incansável pregação de São Bernardo, assim como a pressão dos exércitos alemães, havia ido conquistando para o Papa legítimo a adesão dos principais baluartes de Pierleoni, como Milão e outras cidades italianas, terminando por fim com a própria Roma, conquistada pela santidade e eloquência de São Bernardo. O Antipapa judeu teve de refugiar-se nesta cidade nos últimos dias, outra vez em São Pedro, ocupando também o poderoso Castelo de Santo Ângelo. Entretanto, o partido dos Pierleoni decrescia e afundava-se paulatinamente, até que o novo Antipapa, Vítor IV, se encontrou numa situação pràticamente insustentável. A eloquência de São Bernardo acabou por convencê-lo a capitular.

Neste episódio, vemos de novo surgir a táctica que no judaísmo continua desempenhando um papel decisivo através das suas lutas políticas: Consiste em que, quando uma facção judaica ou dominada pelo judaísmo se vê perdida, trata de impedir que a derrota iminente se converta em destruição e em catástrofe, fingindo a tempo render-se ao seu inimigo, implorando misericórdia ou negociando autorização para conservar as maiores posições possíveis, em troca da promessa de submissão e fidelidade. Ao salvar-se essa força judaica da destruição, conserva amiúde algumas posições valiosas no novo regime do vencedor, que, longe de agradecer, utiliza na sombra para conspirar, para ir reorganizando em segredo suas forças, para as ir acrescentando cada vez mais com o tempo e para dar, no momento oportuno, o golpe traiçoeiro que aniquilará o inimigo confiado e generoso, que, em vez de destruir o ingrato adversário quando podia fazê-lo, lhe deu a possibilidade de ressurgir e lançar novo assalto. Esta tem sido a história das lutas entre cristãos e judeus durante mais de mil anos e tem sido

[252] Rabino Louis Israel Newman. «Jewish Influence on Christian Reform Movements». Livro II. Págs. 248 a 253. Codex Udalrici. Núms. 240 a 261. Duchesne. «Liber Pontificalis». Ediç. Paris, 1955. Tomo II. J. M. Watterich. *Vitae Romanorum Pontificium ab exeunte saeculo IX noque ad finem saeculi XIII.* Leipzig. 1862. Vogchtein und Rieger. *Geschichte der Judeu in Rom. 1896.* Tomo I. Pág. 221.

também uma das causas principais dos ressurgimentos da Sinagoga depois das suas espectaculares derrotas. Desgraçadamente, já chegou o tempo em que se inverteram os papéis.

Tanto Giordano como os outros irmãos de Pedro Pierleoni fingiram arrependimento, pediram perdão, abjuraram de toda a heresia e se reconciliaram com a legítima autoridade pontifícia; com as suas atitudes hipócritas comoveram o Papa Inocêncio II e São Bernardo, que generosamente lhes perdoaram. Em vez de destruir sua força, Sua Santidade conservou-lhes os seus graus e sua posição na Corte Pontifícia; e depois, até os honrou com homenagens e cargos, com o desejo de conseguir a unificação firme e duradoura da Santa Igreja, procurando conquistar com bondade extrema esses criptojudeus, que, talvez comovidos com tanta generosidade, teriam por fim um sincero arrependimento.

No campo eclesiástico, obrou Inocêncio com maior energia; e tendo reunido em 1139 um Concílio Ecuménico, que foi o segundo de Latrão, ao mesmo tempo que se condenavam as doutrinas de Arnaldo de Bréscia e de Pedro de Bruys, foram anulados os actos de Anacleto e degradados todos os sacerdotes, Bispos e Cardeais; numa palavra, todos os padres ordenados por Pierleoni e declaradas írritas todas as suas ordenações [253], visto que se tinham por cismáticos, e a opinião geral considerava que abundavam entre eles os hereges judaizantes ou seja os que praticavam ocultamente o judaísmo, com o que o Santo Padre limpou o clero de judeus secretos quinta-colunistas, saneando as hierarquias e destruindo de um só golpe todas as infiltrações hebraicas dentro do mesmo, realizadas, como é fácil de compreender, com o apoio do Pontífice judeu, como lhe chama o ilustre rabino Newman.

Mas a magnanimidade que no campo político havia tido o Papa para com o vencido Giordano Pierleoni e com os seus irmãos ia ser trágica para a Santa Sé.

É necessário fazer notar que, nesta política de perdão, deve ter influído São Bernardo, a quem a sua excessiva bondade fez conceber a ideia de que talvez mudando de política para com os hebreus, poderia a Santa Igreja abrandar o seu endurecido coração. São Bernardo, ao mesmo tempo que combatia as actividades cismáticas e heréticas dos judeus, usava com eles de extrema indulgência, opondo-se a que os perseguissem e lhes causassem algum prejuízo. Quis, por outras palavras, amansar

[253] Concílio Segundo de Latrão. Cânone 30. Compilação de: «Acta Conciliorum, et epistolae decretales, ac Constitutiones Summorum Pontificum». Studio P. Joanni Harduini, S. J. Ediç. Paris, 1714. Tomo VI. Parte II. Págs. 1207 e segs.

lobos à base de bondade, pensando assim tirar-lhes a sua ferocidade.

Como sempre, os israelitas abusaram da bondade de São Bernardo e demonstraram com factos muito eloquentes que é impossível converter os lobos em dóceis ovelhas. Os acontecimentos dos séculos posteriores assim o demonstraram e obrigaram a Santa Igreja a operar de forma enérgica e por vezes implacável na sua luta contra os hebreus. As fogueiras da Inquisição foram em grande parte o resultado do lamentável e triste fracasso da generosa política de perdão, tolerância e bonbade preconizada por São Bernardo.

CAPÍTULO VIGÉSIMO SÉTIMO

UMA REVOLUÇÃO JUDEO-REPUBLICANA NO SÉCULO XII

Vários Papas anteriores haviam permitido generosamente o acesso dos judeus à Corte Pontifícia, oferecendo-lhes amizade e utilizando-os como banqueiros, o que havia conduzido a Santa Igreja ao cisma de Pierleoni, que esteve quase a afundá-la. A generosidade do Papa Inocêncio II para com a família de judeus conversos de Giordano Pierleoni ia amargurar os últimos dias do bondoso Pontífice e causar estragos ao Papado, ameaçando-o agora no terreno político.

Cinco anos depois da morte do Antipapa judeu, seu irmão Giordano, aproveitando as posições valiosas e os recursos que a bondade dos seus adversários lhe havia permitido conservar, organizou na sombra, e fê-la depois estalar, uma revolução que, se tivesse progredido, teria tido incalculável alcance. Os conspiradores, mostrando grande génio político, souberam elaborar um programa de luta, atractivo ao máximo para o povo romano, único quiçá suficientemente atractivo para arrastar a nobreza e o povo a um movimento contra o Sumo Pontífice da cristandade, em tempos em que a religiosidade era intensa. Com este plano ou plataforma de luta, como lhe chamariam em nossos dias, os Pierleoni demonstraram ser capazes de criar escola e fixar normas para o futuro à quinta coluna judia introduzida na cristandade, não só no terreno religioso como também no político.

O movimento chefiado por Giordano Pierleoni fomentava nos moradores da Cidade Eterna as recordações gloriosas da antiga República, em que Roma era governada pelos seus patrícios e pelo seu povo e não por autócratas; e assim havia chegado a converter-se na primeira nação do mundo antigo. Fez-se intenso trabalho pessoal, recordando as glórias do antigo Senado Romano e assinalando o contraste desse esplendor glorioso dos tempos da República com o estado de prostração em que se encontrava no século XII. Era urgente que os romanos

fizessem um esforço para sair da decadência e voltar aos tempos em que Roma era a primeira cidade do mundo, a mais poderosa no aspecto político, no militar e no económico, época em que os romanos ditavam a sua vontade e a sua lei a todo o orbe. Desgraçadamente, o poder temporal do Papa era um estorvo. Como cristãos todos respeitavam o Santo Padre, mas este não devia estorvar o ressurgimento e engrandecimento de Roma, devendo por isso reduzir-se às suas funções religiosas e deixar que a cidade fizesse um esforço para recuperar os esplendores do passado e voltar às formas de governo que lhe permitiram gozar desse passado glorioso.

A nobreza romana, muito minada como temos visto por ligações familiares judaicas, assim como os habitantes da cidade, entusiasmaram-se com tais prédicas e foram aderindo ao movimento acaudilhado por Giordano Pierleoni, até que, em 1143, este adquiriu tal força, que pôde dar uma espécie de golpe de estado, suprimindo a Prefeitura Urbana, que se tornara odiosa pela propaganda dos conspiradores, os quais passaram a desconhecer o poder temporal do Papa sobre a cidade, constituiram o Senado, instalando-o no antigo Capitólio e proclamaram a República Romana, sob a direcção do ilustre patrício Giordano Pierleoni. Assim pagava este cristão criptojudeu o perdão recebido do Papa Inocêncio II e de São Bernardo, e a autorização para conservar riquezas e posições, que agora empregava para fazer triunfar tão inconstante revolução. Mas é assim a lei da vida; qualquer generosidade e tolerância que se tenha com o lobo equivale a dar-lhe facilidades para que devore as ovelhas.

O heróico e benemérito Papa Inocêncio II morreu amargurado, sem ter podido triunfar desta dolorosa revolta. E o seu sucessor Celestino II só durou cinco meses como Pontífice, refugiado na fortaleza dos Frangipani, enquanto a nobreza e o povo de Roma increpavam o Papa, vitoriavam a República, o Senado e o novo senhor da situação, Giordano Pierleoni. O Papa seguinte, Lúcio II, tentou sair do cativeiro com o auxílio de alguns nobres fiéis à Igreja para procurar apoderar-se do Capitólio, mas foi ferido mortalmente por uma pedrada pelas turbas de Pierleoni, morrendo aos onze meses de haver sido consagrado Papa. Dessa forma Giordano Pierleoni e sua pandilha consolidaram o seu poder sobre a nova República.

Em tão difíceis circunstâncias, foi eleito e consagrado Papa um humilde monge, que estando retirado do mundo num convento escondido à saída de Roma, foi elevado ao Pontificado com o nome de Eugénio III, no ano de 1145. Quando foi eleito, as forças revolucionárias instaram-no a que desse a sua aprovação à Constituição Republicana e que reconhecesse o Senado,

coisas ambas a que se negou o Papa, pelo que teve de fugir de Roma para ser consagrado num mosteiro fora da cidade, estabelecendo-se depois em Viterbo, onde deu mostras de grande energia, excomungando o chefe revolucionário Giordano Pierleoni e os membros do Senado Romano, enquanto o populacho, com a protecção destes, assaltava os palácios e as fortalezas dos Cardeais e dos nobres partidários do Sumo Pontífice e Santa Sé.

Esse generoso perdão que o glorioso Papa Inocêncio II havia oferecido aos Pierleoni, tinha permitido a estes acumular uma força política, que não só ameaçava já gravemente a Santa Igreja, mas que se traduzia em grave perigo para a vida e bens dos Cardeais e se manifestava em infames assassínios de fiéis filhos da Igreja. É indubitável que a generosidade com os perversos pode converter-se em gravíssimo perigo para os bons, sobretudo quando se exerce em favor dos hebreus.

O Papa contava no entanto com a fidelidade dos camponeses, conseguindo com o apoio destes e de alguns nobres do campo assediar a cidade e impedir a entrada de víveres, até obrigar os revoltosos a entrar em negociações com o Pontífice, reconhecendo a sua autoridade, em troca do reconhecimento papal da Constituição Republicana e do Senado, cujas faculdades ficariam limitadas às municipais. Mediante esta transacção, pôde o Papa Eugénio III entrar em Roma e instalar a sua corte na Cidade Eterna no ano de 1145.

Mas esta trégua foi apenas precursora de uma nova tormenta, visto que, como de costume, o judaísmo aproveita as tréguas nada mais do que para reorganizar as suas forças na sombra, adquirir maior poder e dar a seguir uma nova investida. Ao estalar outra vez a insurreição, na qual também tomou parte um novo chefe das massas populares, chamado Arnaldo de Bréscia, o Santo Padre teve de fugir de Roma outra vez, sem que uma nova intervenção de São Beranrdo em seu favor, ante o povo de Roma, obtivesse atenção de uma multidão enlouquecida pelos revolucionários. Arnaldo de Bréscia, apoiando o movimento organizado por Giordano Pierleoni, desviava-o do terreno meramente político em que se havia iniciado, para o religioso, acusando os Cardeais de avaros, soberbos, enriquecidos à custa dos suores do povo, e o Papa de ser um ente sanguinário, verdugo das igrejas, cuja arte consistia em encher de dinheiro os seus bolsos e esvaziar os alheios, dizendo também que a Santa Igreja, longe de ser o que dizia, era antes uma cova de ladrões. Afirmava ainda que nem a Igreja nem os padres deveriam possuir riquezas, as quais pertenciam em legítima propriedade aos seculares e, fundamentalmente, ao Prín-

cipe com o que hàbilmente incitava a codícia dos monarcas e dos nobres, para os inclinar a expropriar os bens do clero.

Na sua fuga, Sua Santidade teve de refugiar-se em França, que nessa época era, juntamente com o Império, o mais generoso sustentáculo da Santa Igreja e o baluarte principal desta, na luta contra o judaísmo. Ali, o combativo frade, convertido em Papa, obteve o apoio do Rei Luís VII de França e organizou um exército, à frente do qual penetrou em Itália, chegando até às portas de Roma, onde recebeu o oferecimento inesperado de Rogério da Sicília de todo o género de apoio para restabelecer a sua autoridade.

Na realidade, nestes anos, o magnate Normando havia mudado muito. Casado com uma irmã dos Pierleoni, vimo-lo empregando toda a sua força em favor do Antipapa judeu, ao mesmo tempo que abria a sua corte aos israelitas e aos muçulmanos, cuja influência foi muito grande nela. Mas os hebreus abusaram como sempre da protecção que se lhes ofereceu e da dignificação que a coberto dela conseguiram, até que, no fim de contas, Rogério da Sicília abriu os olhos ao perigo judeu. Então modificou a sua política para com os israelitas, procurando destruir o judaísmo, mas recorrendo ao já gasto e fracassado recurso de os obrigar a converter-se ao cristianismo, para o que promulgou algumas leis. De qualquer forma, quando ofereceu o seu apoio ao Santo Padre, Rogério da Sicília havia já feito uma viagem completa com respeito à sua anterior política e o Papa aceitou desde logo o seu apoio, entrando em Roma rodeado pelas tropas de Normando, no dia 28 de Novembro de 1149. Desgraçadamente, os revolucionários manejavam já à sua vontade o povo de Roma, apresentando-se agora como seus redentores; e só sete meses depois, teve Sua Santidade que fugir de novo precipitadamente da cidade, refugiando-se em Anagni, onde morreu, no mesmo ano em que faleceu o grande São Bernardo.

Depois do efémero reinado de Anastásio IV, foi eleito Papa o Cardeal inglês Nicolás Breakspeare, Bispo de Albano. Quando este ilustre e enérgico Papa subiu ao trono de São Pedro, a situação da Igreja em Roma era catastrófica. A força revolucionária que o judaico Giordano Pierleoni organizara e dirigira era dona da cidade e autora dos mais vis assassínios, que atingiam até os peregrinos chegados à capital do mundo católico por impulsos de sua fé.

Arnaldo de Bréscia instigava com suas prédicas os progressos da revolução que começava a estender-se ameaçadoramente a outros lugares de Itália. A ousadia dos revoltosos chegou ao extremo de ferir com gravidade Guido, Cardeal de Santa Pudenciana, o que encheu a medida, fazendo com que o Papa

se decidisse a pôr remédio radicalmente. Começou por lançar um «entredito» pela primeira vez na História contra a cidade de Roma, pelo qual se suspenderam as cerimónias do culto; e o povo, que embora enganado pelos chefes da revolta continuava sendo intensamente religioso, abandonou na sua maioria os agitadores.

Ao mesmo tempo, com grande mestria, Sua Santidade aproveitou o apoio que lhe oferecia o novo Imperador da Alemanha, Frederico Barbaroxa, pondo-lhe como condição para o coroar que sufocasse a revolta e lhe entregasse Arnaldo de Bréscia, coisa que cumpriu quando as suas tropas entraram em Roma. Como de costume, moveu-se a engrenagem da judiaria para obter que o Papa perdoasse a vida de Arnaldo de Bréscia, mas perante este combativo Papa, consciente do perigo, de nada valeram todas as intrigas, que, a haverem obtido êxito, teriam permitido aos conspiradores renovar no futuro a sua revolução, como já o haviam feito em ocasiões anteriores.

De acordo com o Papa, o Imperador, depois de prender Arnaldo, entregou-o ao Prefeito de Roma, que o mandou enforcar, queimando o seu cadáver e lançando as suas cinzas ao Tibre. Ante tão inesperada como enérgica atitude do Papa, os revoltosos de Roma espantaram-se e por fim se restabeleceu e consolidou a aspirada paz na cidade e seus arredores.[254] A Santa Igreja havia resistido a empregar a violência contra os seus inimigos, mas estes haviam abusado da sua bondade e tinham semeado a anarquia, causando grandes estragos e cometendo infinidade de crimes. O enérgico Papa inglês compreendeu que para salvar a vida e os direitos dos bons, era necessário esmagar os maus, embora a violência repugnasse ao Vigário de Cristo. Iniciava-se uma nova política na Igreja de Roma, consistente em aniquilar os lobos para poder salvar as ovelhas. A responsabilidade desta mudança de política não recai sobre o Papado, como disseram os escritores judeus e seus sequazes, mas sobre a Sinagoga de Satanás, que com as suas conspirações, seus movimentos herético-revolucionários, seus crimes e com a anarquia provocada, obrigou a Santa Igreja a procurar meios de defesa mais efectivos.

Para terminar este capítulo é preciso esclarecer que Arnaldo de Bréscia, sendo muito jovem, partiu para França, onde foi discípulo do heresiarca Abelardo, do qual recebeu os seus

---

[254] L. Duchesne. «Liber Pontificalis». Tomo II. J. M. Watterich. «Vitae Romanorum Pontificarum». Tomo II. Rabino Louis Israel Newman. «Jewish Influence on Christian Reform Movements». Gregorovius. «Geschicht der Stadt Rom in Mittel Alter». Vol. II. Tomo II. Llorca-Garcia Villoslada-Montalbán, S. J. «História da Igreja Católica». Tomo II. Otto de Frizinga. «Chronica». Tomo VII.

deletérios ensinamentos. Com respeito a Abelardo, podemos dizer que foi adepto da heresia do israelita Arrio e condenado por isso. Além disso, são muito interessantes as doutrinas que em relação aos hebreus tinha Abelardo. O rabino Jacob S. Raisin diz que Abelardo, o professor mais popular nesses dias, sustentava entre outras coisas que «os judeus não deviam ser culpados pela crucificação de Cristo». Abelardo atacava também a autoridade dos Padres da Igreja. [255] E era em geral favorável aos hebreus.

Por outra parte, é indubitável que se o Papa Inocêncio II não tivesse limpo o clero da Santa Igreja dos quinta-colunistas, com a degradação de todos os padres, incluindo Bispos e Cardeais adeptos do Antipapa judeu Pierleoni ou consagrados por ele, a Igreja talvez tivesse sucumbido ante o impulso do movimento revolucionário que temos analisado neste capítulo, ou ante o ataque insidioso das sociedades secretas heréticas, que, qual ameaçadora rede, haviam espalhado por toda a cristandade os falsos cristãos, praticantes em segredo do judaísmo. Se nos momentos decisivos desta luta, os quinta-colunistas tivessem conservado no Corpo Cardinalício e nos Bispados as suas posições, teriam somado a sua acção à força revolucionária das seitas heréticas para obter a desintegração da Igreja nas suas mais altas jerarquias. A depuração feita por Inocêncio salvou a cristandade de uma iminente catástrofe nas décadas seguintes.

Quanto ao judaísmo subterrâno da família italiana aristocrática dos Pierleoni, um documento oficial da Sinagoga, a «Enciclopédia Judaica Castelhana», em seu vocábulo *Pierleoni,* diz textualmente: «Pierleoni, família romana proeminente desde o século XI até ao século XIII. Baruj Leoni, financeiro do Papa, aceitou o baptismo com o nome de Benedito Cristiano. Seu filho Léon foi chefe do partido papista que favorecia Gregório VII. O filho de Léon, Pedro Leonis (Pierleoni), foi também chefe do partido papal e defendeu Pascoal II contra o Imperador alemão Henrique V. Seu filho Pierleoni II foi nomeado Cardeal em 1116 e eleito Papa em 1130, adoptando o nome de Anacleto II. Lucrécia Pierleoni mandou registar no pé do seu busto as suas relações de parentesco com a casas reais de Áustria e de Espanha. *PESE AOS BAPTISMOS E MATRIMÓNIOS MISTOS, OS PIERLEONI MANTIVERAM DURANTE SÉCULOS OS SEUS LAÇOS COM A COMUNIDADE JUDIA.*» [256]

Em poucas linhas, uma obra de autoridade indiscutível, e

---

[255] Rabino Jacob S. Raisin. Obra cit. Cap. XVII.

[256] «Enciclopédia Judaica Castelhana». Ediç cit. Tomo VIII. Vocábulo *Pierleoni*. Pág. 452.

sobretudo insuspeita de anti-semitismo, revela-nos que os falsos cristãos criptojudeus da família Pierleoni estabeleceram há mais de oitocentos anos, um conjunto de normas de estratégia, que vemos repetir-se amiúde, que têm sido decisivas nos triunfos hebreus tanto nesses tempos como nos séculos posteriores: I. — Introduzir-se e adquirir influência junto dos jerarcas eclesiásticos e políticos, por meio da ajuda bancária; II. — Infiltrar-se nos partidos católicos e nos conservadores, para se apoderarem da sua chefia e depois levar à ruína a causa cuja direcção conseguiram obter; III. — Enganar com um tão falso como aparente cristianismo até Papas não só inteligentes, mas até geniais como Gregório VII, que por sinal, como vimos noutro lugar, era inimigo radical e enérgico do judaísmo; IV. — Fazer favores tão valiosos como defender o Pontífice Pascoal II do Imperador, de quem depois obtiveram leis favoráveis aos hebreus, e o capelo cardinalício para um dos Pierleoni, que depois havia de arrastar a Santa Igreja ao espantoso cisma que estudámos em capítulos anteriores, tendo estado a ponto de assenhorear-se por completo da referida Igreja; V. — E finalmente, inventar fábulas de um pretenso parentesco com as Casas Reais de Espanha e Áustria, fábulas que têm vindo utilizando constantemente para enganar incautos governantes, com o fim de conseguir deles protecção e valiosíssimas vantagens políticas, que sempre redundaram em prejuízo das nações cristãs ou da causa da defesa da Humanidade contra o imperialismo judaico. Também nos revelam que na Itália como no resto do mundo uma família de origem hebraica, apesar dos repetidos baptismos, dos matrimónios mistos e do seu aparente cristianismo, continua durante séculos ligada às organizações hebreias.

CAPÍTULO VIGÉSIMO OITAVO

A QUINTA-ESSÊNCIA DAS REVOLUÇÕES JUDAICAS. ATAQUES SECULARES À TRADIÇÃO DA IGREJA

O rabino Benjamim de Tudela, no seu famoso «Itinerário», manifesta que é magnífica a situação no mundo islâmico no século XII, com o reinado do Príncipe da Catividade, dando seu título aos rabinos e cantores da terra de Sinar ou Caldeia, da Pérsia, Khorassan, Xebate ou Arábia Feliz, Mesopotâmia, Alânia, Sicânia, até às montanhas de Asana, na Geórgia, tão longe como até ao rio Gihon, até ao país do Tibete e até à Índia. Todas essas sinagogas recebiam, segundo o dizer do ilustre viajante, sua permissão para ter rabinos e cantores, que iam a Bagdad para serem instalados solenemente em seu ofício e receber sua autoridade das mãos do Príncipe da Catividade, chamado por todos Filho de David.

Pelo contrário, no mundo cristão, no mesmo século XII, dizia outro destacado dirigente do judaísmo, Rabbi Kimhhi: «Estes são os dias do exílio nos quais estamos agora e não temos nem Rei nem Príncipes em Israel, mas temos o domínio dos gentios e de seus Príncipes e Reis.» [257] Na realidade, pelos dados que temos, o Príncipe do Desterro tinha jurisdição sòmente sobre as comunidades hebreias do Oriente; as do Ocidente, ainda que em aliança estreita com as anteriores, estavam governadas pelos seus Conselhos comunais e Sínodos gerais de dirigentes, um dos quais já vimos que teve lugar em Toledo. Mas o que é interessante é a confissão do citado rabino, ao assinalar que no século XII, os judeus dominavam os gentios (entre os quais nos incluem a nós, cristãos), os seus Reis e os seus Príncipes. Isto era uma triste realidade, não só no Oriente, mas também no Ocidente. O Imperialismo judaico, como confessa o distinto rabino, havia já feito progressos imensos no seu labor de dominar as nações gentias. É verdade que na cristandade, em

---

[257] James Finn. «Sephardim or the History of the Jews in Spain and Portugal». Londres, 1841. Págs. 216 a 219.

vários reinos e senhorios, em cumprimento dos Cânones da Santa Igreja, estava proibido o acesso aos postos de Governo aos israelitas, mas por um lado, alguns monarcas desobedeciam aos sagrados cânones; e por outro, os que se sujeitavam a seus mandatos, não podiam impedir que judeus candestinos, cobertos com a máscara da religião cristã desde gerações atrás, pudessem infiltrar-se mediante um trabalho bem organizado, dentro dos postos de governo em França, Alemanha, Itália, Inglaterra e demais países da cristandade, como se introduziam também no sacerdócio secular e nas ordens religiosas, escalando as jerarquias da Igreja. O judaísmo nessas épocas tinha pois já um gigantesco poder invisível, que se infiltrava por todas as partes, sem que os Papas, os Imperadores e os Reis pudessem evitá-lo.

Este poder oculto tropeçava no entanto com sérios obstáculos para obter um domínio rápido do mundo cristão. Em primeiro lugar, a monarquia e a nobreza hereditárias, em que o título se herdava ao primogénito, dificultava a tarefa de os judeus secretos poderem escalar ràpidamente a chefia suprema do Estado. Podiam ganhar a confiança do Rei, chegar a ministros, mas era-lhes quase impossível chegar a serem reis. Em segundo lugar, a sua posição no governo real era algo insegura e estavam expostos a ser destituídos qualquer dia pelo monarca que os nomeava, vindo abaixo um domínio alcançado depois de muitos anos de preparação e de esforço. Por outro lado, os príncipes de sangue real só podiam casar com princesas de sangue real, pelo que as chefias dos Estados estavam salvaguardadas com uma muralha de sangue, que tornava impossível ou quase impossível o acesso dos plebeus ao trono. Em tais condições, por mais que se pudessem infiltrar os israelitas nos postos dirigentes da sociedade cristã, a muralha do sangue real impedia o seu acesso ao trono. Caso parecido ocorreu durante alguns séculos com a nobreza. No entanto, como já temos visto, os hebreus, em alguns casos excepcionais, conseguiram perfurar essa muralha do sangue aristocrático, o que foi um desastre para a sociedade cristã, pois com seus matrimónios mistos, celebrados com pessoas da nobreza, puderam escalar valiosas posições, de onde apoiaram os seus cismas ou suas revoluções.

Mas a aristocracia do sangue era, sobretudo em alguns países, uma casta cerrada e difícil de perfurar pelos plebeus, pelo que, para a infiltrar e controlar, por exemplo em Inglaterra, necessitaram os israelitas de um trabalho de vários séculos. Em contrapartida, em outros lugares como Itália, Espanha e França, obtiveram em algumas épocas grandes progressos com a sua penetração na aristocracia, mas a Inquisição deitou-os

abaixo de suas conquistas, que se viram reduzidas grandemente. Todavia, nos séculos XVIII e XIX, foram suficientemente poderosas para facilitar o triunfo das revoluções maçónico-liberais que derrubaram as monarquias.

De qualquer forma, a nobreza representava uma barreira de sangue que em muitos países estorvou a infiltração dos hebreus nas altas esferas da sociedade. A monarquia hereditária representava o obstáculo principal para que os judeus, disfarçados de bons cristãos, pudessem escalar a chefia do Estado.

Apesar disso, sempre que puderam, tentaram infiltrar-se na realeza, embora em quase todos os casos fracassassem, com excepção da Etiópia, onde conseguiram colocar uma dinastia judaica, e da Inglaterra, onde dizem que já judaizaram a realeza.

É pois compreensível que os israelitas do século XII não quisessem esperar que frutificasse um longo e desesperante trabalho de séculos, consistente na infiltração progressiva nas dinastias reais e aristocráticas; por isso, sem deixar nunca de intentá-lo, idealizaram não obstante um caminho mais rápido para alcançar o objectivo desejado: a destruição revolucionária das monarquias hereditárias e da aristocracia de sangue e a substituição desses regimes por repúblicas, em que os judeus pudessem escalar sem dificuldade e depressa a chefia dos Estados. Por isso é de tanta importância a revolução organizada em Roma pelo judaico Giordano Pierleoni, que alcançou com rapidez a chefia máxima da pequena República. Embora esta revolta não fosse dirigida contra um rei, ao dar este golpe de mão e ao colocar-se por uns quantos dias na cúspide do poder, o irmão do Antipapa judeu havia posto à prova o judaísmo universal, ensinando-lhe como perfurar e destruir em breve prazo essa barreira do sangue constituída pela monarquia hereditária. Em algumas heresias da Idade Média, além da Reforma da Igreja, já se projectava o derrubamento dos monarcas e o extermínio da nobreza; e nos tempos modernos, vieram-no conseguindo, arvorando a bandeira da democracia e da abolição das castas privilegiadas.

No entanto, esse querer alcançar tantas metas de um golpe só provocou, na Idade Média, unir mais os reis à nobreza e ao clero, que, enquanto permaneceram unidos, fizeram fracassar os intentos revolucionários do judaísmo. Perante esses fracassos acabaram por compreender que não era possível conseguir de uma só vez tantos e tão ambiciosos objectivos. Os hebreus têm tido a grande qualidade de aproveitar sempre as lições do passado; por isso, na sua nova revolução que começou no século XVI, já não atacaram ao mesmo tempo os reis, a nobreza e o clero, mas, pelo contrário, trataram primeiro de reformar

e dominar a Igreja com a ajuda dos monarcas e dos aristocratas, para depois, mediante novos movimentos revolucionários, derrubar a estes.

Outro obstáculo que estorvava o rápido domínio dos povos cristãos pelos criptojudeus, constituía-o a Santa Igreja, com o seu clero, as suas hierarquias e, sobretudo, as suas ordens religiosas. É compreensível que para os falsos cristãos, judaizantes em segredo, fosse um verdadeiro sacrifício infiltrar-se no clero, sobretudo se se tratava das ordens religiosas, sem ter uma verdadeira vocação, só com o fim de controlar as hierarquias da Igreja e preparar a sua ruína. Se o fizeram e continuam fazendo, é porque têm uma mística e um fanatismo paranóicos, mas é indubitável que uma solução mais rápida e que implicasse menos sacrifícios tinha de ser vista por eles como preferível. Ante a impossibilidade de destruir a Igreja, dada a sua radicação no povo, optaram por tentar a sua reforma revolucionária por meio dos movimentos heréticos, enquanto não era possível realizar a sua completa destruição; por isso as seitas heréticas que os judeus secretos organizaram desde a Idade Média até os nossos dias, entre outros objectivos, tinham sempre os seguintes:

I. — Supressão, como primeiro passo, das ordens monásticas, cujo voto de pobreza, vida comunal, dura regra e dificuldade de satisfazer nelas o apetite sexual obstaculizava muito a sua infiltração. Como no-lo demonstram documentos incontroversos, entre os quais os processos inquisitoriais, os criptojudeus em diversas épocas chegaram a realizar perigosas penetrações nas ordens monásticas que mais lhes convinha infiltrar, como o foram num certo tempo os dominicanos e os franciscanos e, posteriormente, os jesuítas, além de algumas outras, demonstrando os judaizantes serem capazes, como os cristãos, dos maiores sacrifícios pela sua causa. Mas é indubitável que para o judaísmo subterrâneo, o mais cómodo era destruir estas difíceis barreiras, conseguindo de uma forma ou de outra a dissolução das ordens religiosas.

II. — Supressão do celibato dos padres. Embora os processos da Inquisição nos demonstrem que os padres criptojudeus utilizaram sempre suas manhas, com a ajuda dos seus correligionários, para terem sua mulher clandestina ou para introduzir no clero cristão jovens criptojudeus de tendências homossexuais que não tivessem esse problema, para o judaísmo subterrâneo coberto com a máscara do cristianismo era muito mais cómodo realizar uma reforma revolucionária da Igreja que suprimisse o celibato dos padres. Por isso, sempre que puderam fazê-lo num movimento herético, aboliram o dito celibato.

III. — Supressão da hierarquia da Igreja. A actual hierar-

quia é difícil de escalar; e se bem que seja certo que os judeus quinta-colunistas tenham chegado até à cúspide, também o é que esse trabalho tem sido sempre dificílimo e demorado. A Santa Igreja tem ido acumulando com o tempo defesas naturais nas suas próprias instituições; por isso, nos movimentos heréticos medievais e do Renascimento, que os judeus secretos controlaram, suprimiram a hierarquia eclesiástica, substituindo-a por Conselhos de Presbíteros e por uma espécie de democracia religiosa. É claro que na União Soviética, onde possuem já um domínio absoluto, não têm grande interesse em suprimir a hierarquia, visto que, tendo asassinado os Bispos independentes, substituiram-nos por judeus colocados nas dioceses, segundo o denunciaram escritores diversos. Em tais condições, a hierarquia serve-lhes até para ter mais garantido o controle sobre as ditas igrejas.

Mas na Idade Média e depois em tempos dos criptojudeus Calvino e Zwinglio, a situação era distinta; então para dominar ràpidamente as Igrejas cristãs, o melhor caminho era o da supressão revolucionária da hierarquia eclesiástica, porque assim, qualquer criptojudeu se elevava de golpe à chefia da Igreja, sem ter de passar pelo larguíssimo e incerto processo de ir escalando os grau desde Presbítero, Cónego, Bispo, Arcebispo, Cardeal, Papa, como tem sido costume na Igreja desde há alguns séculos.

Por isso, nas monarquias protestantes, lutaram também encarniçadamente contra as Igrejas Episcopais, procurando estabelecer as de carácter presbiteriano; e se fracassaram em seus intentos, foi devido ao apoio prestado pelos reis às primeiras.

O facto de os monarcas desempenharem um papel decisivo na nomeação dos Bispos, se não o impedia de todo, quando muito dificultava a infiltração criptojudaica nessas Igrejas protestantes, como acontecia também nas Igrejas ortodoxas da Europa Oriental. O controle dos reis sobre elas salvou-as durante vários séculos de caírem sob o domínio judaico.

Ao caírem os monarcas, essas Igrejas Episcopais foram caindo nas mãos do criptojudaísmo e as que resistiram foram dominadas ao caírem sob o controle do Conselho Mundial das Igrejas, organizado pelo poder oculto judaico, para controlar o mais possível aquelas igrejas que não haviam podido dominar pela simples infiltração, sendo urgente que os protestantes abram os olhos e se libertem deste jugo.

Os judeus já havia séculos que se infiltravam em postos de mando secundários dentro da Igreja e do Estado, mas a partir do século XI sentiram-se com força e decisão para escalar as máximas chefias, resolvendo então que, se não se podia por

infiltração lenta e difícil, o fariam por revolução rápida e contundente. Para consegui-lo, havia que destruir as barreiras que se opunham a isso, mediante a reforma revolucionária das instituições religiosas, políticas e sociais.

Este plano não podia ser executado com êxito pelos israelitas identificados como tais, que praticavam pùblicamente o seu judaísmo, visto que a Santa Igreja e as monarquias cristãs, através dos séculos, haviam criado uma legislação eclesiástica e civil que lhes impedia o acesso aos postos dirigentes da sociedade; e embora esta legislação fosse violada por alguns monarcas, continuava em vigor em quase todos os outros Estados cristãos. Além disso, nos casos em que por haver sido esquecida deu passagem aos judeus até aos cimos do poder, como no exemplo que analisamos de Castela, as salvadoras Cruzadas, organizadas por outros monarcas sob os auspícios da Santa Sé, salvaram a situação.

Mas os judeus clandestinos estavam certamente com possibilidade de alcançar tais objectivos. Igualados pelo baptismo com os demais habitantes da região, o seu judaísmo subterrâneo, transmitido de pais a filhos, de uma geração a outra, havia-se tornado mais oculto, até que já no século XI era impossível percebê-lo nos Estados cristãos, onde existia um judaísmo secretíssimo de muitas famílias que pareciam cristãs de várias gerações, algumas das quais, ainda que em escasso número, haviam conseguido até conservar os títulos de nobreza adquiridos da forma já analisada. A imensa maioria destes judeus secretos pertencia a uma nova classe social que ia surgindo, a burguesia, na qual eram sem dúvida o elemento mais poderoso e sobretudo o melhor organizado e mais rico. Por isso não pode considerar-se como coincidência o facto de que à medida que a burguesia ia crescendo em poder, o judaísmo fosse também aumentando as suas possibilidades de dominar os povos.

Para entender a força decisiva que os judeus tinham na burguesia medieval, é preciso tomar em conta que nuns casos monopolizavam o comércio e noutros casos desempenhavam um papel capital no controle do mesmo, da Banca e dos empréstimos usurários.

Ao mesmo tempo, no terreno do artesanato, os filhos de Israel representavam uma elevada percentagem.

IV. — Um assunto que muito aborrecia os judaizantes cobertos com o disfarce do cristianismo era o culto obrigatório que tinham de render às imagens de Cristo, Maria Santíssima e dos Santos. Isso de ter de ir com frequência a igrejas cheias de imagens, era do mais repugnante para os criptojudeus, tanto por suas convicções religiosas, que consideram idolátrico este

género de culto, como pelo ódio que têm a Maria Santíssima e aos Santos, sobretudo àqueles que se distinguiram como dirigentes antijudeus. O mais odioso para estes falsos cristãos era verem-se obrigados a ter os seus próprio lares cheios de imagens para não inspirarem suspeitas aos seus vizinhos e amigos cristãos. Por isso, uma forma de cristianismo que suprimisse o culto das imagens era para os hebreus subterrâneos muito mais cómoda e, sempre que puderam, aboliram nos seus movimentos heréticos o culto das imagens. No entanto, há casos de igrejas cristãs, já controladas por eles, em que não podem ainda realizar tal coisa para não ferir os sentimentos do povo, mas cremos com fundamento que o farão quando puderem fazê-lo sem perder o controle das massas.

V. — Outro dos objectivos da acção criptojudia na sociedade cristã era suprimir o que se chama agora anti-semitismo, porque compreendiam que enquanto os cristãos estivessem conscientes do perigo que os hebreus significavam para eles, para a Santa Igreja e para as nações cristãs, estariam em possibilidade de defender-se melhor da acção conquistadora do imperialismo judaico e se provocariam amiúde, como se provocaram, constantes reacções defensivas que continuariam fazendo fracassar, como até esses momentos, os empreendimentos de domínio realizados uma e outra vez pela Sinagoga. Em contrapartida, se a Santa Igreja e os fiéis perdessem a noção desse perigo, teriam menores possibilidades de se defenderem da sua acção dominadora. Por isso, desde os movimentos heréticos criptojudeus do primeiro milénio e sobretudo nas da Idade Média, nota-se uma tendência em conseguir a transformação da mentalidade dos cristãos e dos dirigentes da Igreja e do Estado, tentando trocar o seu antijudaísmo por um filojudaísmo, plano que deu origem a esses constantes movimentos pró-judeus organizados pela quinta coluna hebreia introduzida na sociedade cristã e no clero da Igreja.

Vemos pois surgir em muitas heresias medievais essas tendências filojudias defendidas com ardor por muitos dos mais distintos heresiarcas de estirpe israelita, fenómeno que se repetiu em diversas seitas protestantes de origem unitária, ou calvinista, nos séculos XVI e XVII, seitas que foram denunciadas pelas Inquisições espanhola e portuguesa, como empresas controladas secretamente pelos judeus ocultos sob o disfarce do cristianismo.

Mas como conseguir tudo o que aliás se cita, se a doutrina dos Padres da Igreja, dos Papas, dos Concílios Ecuménicos e Provinciais e dos principais Santos da Igreja condenava por diversas formas os judeus? E teria de ser acatada pelos fiéis cristãos? Os conspiradores israelitas solucionaram este pro-

blema cortando-o pela raiz e incluindo no programa dos seus movimentos heréticos o desconhecimento da TRADIÇÃO da Igreja como fonte de revelação, e sustentando que a única fonte da verdade revelada era a Sagrada Bíblia. Esta guerra de morte contra a tradição, renovaram-na os padres criptojudeus, quer dizer, os dignos sucessores de Judas Iscariote, cada vez que puderam, em repetidas ocasiões desde o século XI até nossos dias, com uma perseverança digna de melhor causa, até que conseguiram os seus primeiros êxitos na Reforma Protestante. Com essa encarniçada luta contra a tradição da Igreja, o que o judaísmo e seus agentes infiltrados no clero sempre pretenderam, era deitar abaixo a doutrina antijudia dos Padres da Igreja, dos Papas e dos Santos Concílios, para poder fazer prevalecer na cristandade teses filojudias, que facilitem à Sinagoga de Satanás o domínio tanto da Igreja como dos povos cristãos. Sem tudo isto coincidem assombrosamente todas as seitas heréticas de origem judaica que surgiram entre os séculos XI e XX.

Por outro lado, como na liturgia e nos ritos da Santa Igreja foram incluídas frequentemente alusões à perfídia judaica, ao crime do deicídio, etc., para que os padres mantivessem uma constante e frequente recordação da perigosidade do inimigo capital e estivessem prontos para defender as suas ovelhas das ameaças do mais feroz dos lobos, a primeira coisa que fez uma heresia deste tipo foi suprimir da liturgia e do ritual todas essas alusões contra os hebreus, coisa que é certamente muito significativa.

Retirando à sagrada tradição toda a autoridade como fonte da verdade revelada, já só ficava como tal a Sagrada Bíblia, e visto que o Novo Testamento contém repetidas alusões à maldade hebraica, só restava aos hebreus tentar a falsificação dos Santos Evangelhos, suprimindo neles os conceitos ingratos aos ouvidos israelitas e, ainda que pareça incrível, em algumas seitas heréticas, chegaram ao extremo de efectuar verdadeiras falsificações das passagens do Novo Testamento, alegando que a Vulgata é uma bíblia apócrifa, que falseia o conteúdo dos documentos originais.

VI. — Outro dos objectivos propostos, com a mudança de ideologia dos cristãos, de um anti-semitismo existente há séculos, para o filo-semitismo, foi o de obter a derrogação de todas as leis civis e canónicas que dificultavam a acção dos judeus, para conseguir o seu domínio sobre os povos, especialmente dos hebreus que viviam e vivem identificados como tais, quer dizer, dos judeus públicos. Neste sentido, quem podia obter o que eles têm chamado libertação destes últimos, tinham que ser os judeus clandestinos, que ao conseguirem por meio de in-

filtração ou de revolução, controlar os governos cristãos, podiam derrogar as leis que impediam aos seus irmãos hebreus, praticantes em público de sua seita, participar no domínio das nações cristãs ou gentias. Na Idade Média, os judeus subterrâneos obtiveram alguns êxitos isolados e fugazes; e só a partir do século XVIII, com a ajuda da franco-maçonaria, puderam emancipar os seus irmãos, os judeus públicos.

VII. — Outra das aspirações máximas dos hebreus tem sido a de apoderar-se das riquezas dos demais povos Já estudámos noutro lugar como a esta pretensão lhe dão fundamentos teológicos, afirmando que é produto da vontade de Deus. Por meio da usura, conseguiram durante a Idade Média alcançar em parte esta meta e acumularam gigantescas riquezas com os mais desapiedados despojos. Até em algumas heresias medievais de origem hebreia, prega-se já o comunismo, a abolição da propriedade privada e a expropriação geral dos bens da Igreja, nobreza, realeza e burguesia.

O facto de se expropriarem também os bens da nascente burguesia em nada afectava os hebreus, visto que os únicos prejudicados eram os burgueses cristãos ou gentios, pois controlando os israelitas o novo regime comunista, em mãos deles ficariam as riquezas de reis, clero, nobres e burgueses. No entanto, a experiência mostrou aos hebreus que o querer de golpe alcançar tantos objectivos, só unia a todos os afectados, provocando reacções violentas de defesa contra eles, que, combinadas, acabavam por esmagar o intento revolucionário. Compreenderam que não era possível vencer todos os seus inimigos ao mesmo tempo; e nos séculos posteriores, preferiram ir realizando por partes a sua grande revolução, dividindo inclusivamente o campo contrário e aproveitando uma parte dele, para a lançar contra a outra, até conseguir pouco a pouco, mas com passo mais seguro, todos os seus propósitos.

Mas estes fins sinistros das revoluções judaicas têm sido cuidadosamente ocultadas às massas, as quais se têm enganado empre com programas muito atractivos, capazes de arrastá-las, fazendo-lhes crer que a heresia ou revolução é um movimento surgido do próprio povo, para o beneficiar, para estabelecer a democracia e a liberdade, para suprimir os abusos e as imoralidades dos padres ou dos governantes civis, purificar a Igreja ou o Estado, acabar com a tirania e a exploração e até converter num paraíso esta Terra. Os chefes criptojudeus sempre foram mestres do engano; arrastaram atrás de si o povo com um belo programa, enquanto que em segredo planeiam realizar algo de muito diferente. Este hábil estratagema foi sempre outra das chaves do êxito dos heresiarcas e dos chefes revolucionários hebreus. O facto universal de os israelitas,

cobertos sob a máscara do cristianismo ou de outra religião, estarem diluídos no povo, usando os seus mesmos nomes e os seus mesmos apelidos, sem que ninguém suspeite que são judeus, quer dizer, estrangeiros que executam plano de conquista, tem feito parecer que as suas heresias ou os seus movimentos revolucionários têm saído do próprio povo.

É certo que na Idade Média ainda se recordava a origem hebreia, próxima ou distante de muitos falsos cristãos, o que permitiu a padres, monarcas e aristocratas localizar a origem judia dessas revoltas e dessas seitas, mas, à medida que os séculos passaram, foi-se esquecendo a origem de tais famílias, que por outro lado fizeram todo o possível para que se apagasse a recordação da sua ascendência judia, até que um dia ninguém suspeitava que, sob a aparência de um piedoso cristianismo, se ocultava um judeu subterrâneo que conspirava constantemente contra a Igreja e o Estado e que não desaproveitava oportunidade para organizar revoltas e conspirações, que, em tais circunstâncias, aparecem como surgidas do próprio povo e como meras lutas intestinas entre membros de uma mesma nação, sendo que, na realidade, são verdadeiras guerras sustentadas por um povo invadido pela pior forma, contra invasores estrangeiros muito bem disfarçados, dispostos a conquistá-lo, utilizando para isso uma grande parte do mesmo povo, caída na rede dos quinta-colunistas por meio de formosos planos revolucionários, programas belíssimos com os quais fazem crer às futuras vítimas que, ao apoiá-las, estão trabalhando pela sua própria melhoria e que estão lutando pela superação das suas instituições políticas, sociais ou religiosas. Este tem sido o grande engano de todos os movimentos subversivos criptojudeus desde o século XI até os nossos dias; e esta também tem sido outra das causas dos triunfos dos falsificadores israelitas, disfarçados com a aparência de sinceros redentores do povo, salvadores da nação ou reformadores das Igrejas. Iniciar uma revolução com os fins mais nobres para depois conduzi-la para os objectivos mais perversos, tem sido sempre a táctica tradicional do judaísmo desde há novecentos anos. Naturalmente que, algum dia, os incautos, atraídos pelos chefes embusteiros e pelos tão atractivos como falsos programas, dão-se conta do criminoso engano, mas às vezes isto acontece quando as coisas já não têm remédio e quando os enganados estão pràticamente aniquilados ou escravizados, sofrendo as graves consequências da sua ingenuidade.

Se analisarmos os casos dos heresiarcas medievais, comparando-os com os dos chefes revolucionários criptojudeus ou judeus públicos dos tempos modernos, encontramo-nos com frequência frente a indivíduos que têm sabido hipòcritamente ro-

dear-se de tal aspecto de bondade e sinceridade, de tal auréola de santidade, que qualquer que não conheça a fundo as fábulas judaicas, acabará por crer que está realmente ante um verdadeiro apóstolo, quando, na realidade, se trata desses falsos profetas e falsos apóstolos, contra os quais tanto nos preveniram Cristo Nosso Senhor e São Paulo, conhecedores melhor do que ninguém do que era capaz a hipocrisia judaica. A isto acrescente-se que a pandilha criptojudia que os apoia sabe deitar-lhes incenso até consolidar sua boa fama e prestígio, convertendo-os em verdadeiros fetiches para que ganhem o respeito incondicional do povo e que depois utilizam a sua influência em benefício dos planos judaicos de domínio e de suas empresas subversivas.

Nos processos da Inquisição Espanhola, acontece ver-se como os cristãos novos judaizantes costumavam dar-se prestígio uns aos outros, para se elevarem e exercerem domínio sobre os cristãos velhos (espanhóis de sangue visigodo e latino) e como conseguiam até que se considerassem como muito bons católicos, e até como santos, os indivíduos que, sendo judeus clandestinos, maldiziam em segredo a Santa Igreja.

Em poucas palavras acabamos de resumir o que poderíamos chamar a quinta-essência dos movimentos revolucionários hebreus do século XI em diante. Quem desejar aprofundar este tema e conhecê-lo melhor, deve fazer um estudo nos arquivos tanto da Inquisição Pontifícia como das Inquisições Espanhola e Portuguesa, que em outro lugar enumeramos, visto que tais instituições conseguiram penetrar nos segredos mais recônditos do judaísmo subterrâneo e dos movimentos herético-revolucionários que organizou na sombra, dado que essas Inquisições contavam com meios para fazer falar até os judeus mais herméticos e obrigá-los a revelar os seus maiores segredos. Além disso utilizavam outra série de sistemas muito úteis para alcançar eficazmente tais propósitos.

Entre estes sistemas incluía-se a aplicação do tormento. Se a Inquisição descobria um judeu secreto, era conduzido pelos frades inquisidores à câmara do tormento e obrigado a revelar os nomes e apelidos de todos os falsos cristãos que eram judeus em segredo. Os suplícios aplicados eram tão eficazes que a grande maioria dos varões e ainda mais as mulheres, negando a princípio, logo que os monges ordenavam que se aumentasse o tormento, começavam a revelar alguns nomes de outros cristãos criptojudeus, e a um aumento maior da tortura, acabavam denunciando tudo o que sabiam sobre os segredos do judaísmo subterrâneo, seus chefes ocultos e as pessoas que a ele pertenciam. Uma vez que os inquisidores obtinham estas denúncias, mandavam encarcerar todos os denunciados, e apli-

cando-lhes o tormento, obtinham deles mais dados sobre cheres, membros e ramificações da organização ultra-secreta do judaísmo clandestino. Denunciados mais nomes e ramificações, faziam-se novos encarceramentos, até cortar totalmente toda a organização oculta pelo judaísmo e suas infiltrações no governo, no exército, no clero, etc

Aos muitos escassos conversos sinceros, a Inquisição pedia-lhes que fingissem continuar sendo leais ao judaísmo, para que, ficando como membros das organizações secretas deste, estivessem comunicando à Inquisição dados valiosos sobre as ramificações mais secretas do judaísmo subterrâneo. Mas precavendo-se os inquisidores dos falsos confidentes que podiam fornecer dados falsos, acusando de judias pessoas que não o eram.

A Inquisição esteve por diversas vezes a ponto de destruir por completo a quinta coluna judia neste ou naquele Estado cristão. Mas os israelitas conseguiram fazer fracassar estes êxitos, fomentando a compaixão dos Papas e dos Reis, para que, quando já estavam descobertos e presos os judeus clandestinos de uma região, decretassem um perdão geral, que deitava abaixo o trabalho difícil e laborioso obtido pelos padres inquisidores. Noutras ocasiões organizavam campanhas de calúnias contra estes, até conseguir que se desbaratasse a obra de algum zeloso e eficaz inquisidor. Mas o que foi decisivo no triunfo judaico sobre a Inquisição foi de terem conseguido que se estabelecesse que a primeira vez que fosse descoberto que um cristão praticava o judaísmo em segredo, podia este obter o perdão da sua vida.

CAPÍTULO VIGÉSIMO NONO

O CRIPTOJUDAÍSMO E AS HERESIAS MEDIEVAIS. OS ALBIGENSES.

Resulta muito significativo verificar que nas regiões do mundo cristão em que a percentagem da população judia era mais elevada e onde os israelitas eram mais influentes, era precisamente aí que nasciam as mais importantes heresias medievais e onde indiscutìvelmente os movimentos heréticos tomavam maior força.

Na sua maioria, estes iniciavam-se como movimentos de protesto contra as supostas imoralidades do clero, contra a simonia e contra a acumulação de riquezas pelos eclesiásticos, propugnando por um retorno à pobreza e austeridade dos primeiros cristãos e atacando a pretensa opressão e tirania de Papas, reis e nobres; tendiam à abolição da jerarquia eclesiástica; e ao manifestarem-se anti-sacerdotais, os seus dirigentes religiosos aproximavam-se bastante do carácter dos rabinos do judaísmo, que não são pròpriamente sacerdotes, mas directores religiosos e políticos, cuja vida é análoga à dos outros homens, com a única diferença das suas funções rabínicas. Em vários movimentos heréticos, tinha especial importância o aspecto social revolucionário, visto que se apresentavam como empreendimentos tendentes também à redenção dos pobres, algumas vezes com aspirações a criar um regime comunista.

No entanto, em todos os movimentos heréticos se nota que, sendo iniciados com bandeiras muito atractivas para o povo, são gradualmente desviados para metas muito diferentes daquelas que haviam conseguido cativar a adesão do neófito. Numa palavra, tinham como base esse engano capital que sempre caracterizou as revoluções de origem hebreia.

O Arcebispo-Bispo de Port-Louis, Monsenhor León Meurin, S. J., citando a «Hurter Inocent» (p. 50) diz: «Em França, em 1184, um carpinteiro chamado Durad, pretextou uma aparição da Virgem, e, com tal motivo, reuniu bom número de seus compatriotas agrupando-os com o nome de Irmãos do Boné Branco; aplicou os princípios da heresia patarina e dedicou todos os

seus esforços ao derrubamento do poder superior. Pretendia criar o pretenso estado de igualdade existente entre os homens primitivos, segundo o qual não deveria haver nenhuma diferença externa entre eles. Toda a autoridade, tanto espiritual como temporal, era declarada perniciosa. Os seus adeptos elaboraram um pacto de fraternidade entre eles, com o fim de assegurar a golpe de faca o domínio da sua seita. A novidade nesta seita de coligação de todos os elementos contrários à ordem era o zelo fanático que caracterizava os seus adeptos e promotores; o antigo, o apoio que os judeus lhe prestavam.» [258]

Isto era o cúmulo! Utilizar uma suposta aparição da Virgem Maria para obter influência sobre as gentes; e logo empregar essa influência em organizar uma seita para destruir a golpe de faca a ordem de coisas existente e estabelecer um regime baseado em princípios parecidos aos do comunismo moderno.

O cronista do século XIII, Bispo Lucas de Tuy, dizia que «os Príncipes do Estado e os juízes das cidades aprendem as doutrinas heréticas por intermédio dos judeus, a quem têm por familiares e amigos.» [259] Com muita razão os Concílios Ecuménicos Terceiro e Quarto de Latrão e o Papa Inocêncio III estabeleceram um regime de separação dos judeus e cristãos, com o fim de evitar que os primeiros envenenassem os segundos com as suas doutrinas subversivas.

O rabino Louis Israel Newman, na sua valiosa obra intitulada «Jewish Influence on Christian Reform Movements», edição citada, página 135, diz: «A presença dos judeus no Sul de França subministrou um potente estímulo ao surgimento do pensamento liberal» e, na página 136, afirma: «Concomitante com o crescimento do pensamento liberal no Sul de França foi-se gradualmente desenvolvendo uma atitude mais liberal para com os judeus»... «O estado de coisas favorável ao judaísmo na Provença não só deu impulso ao crescimento da heresia em geral, mas abriu as portas a uma importante contribuição por parte dos judeus e do judaísmo ao desenvolvimento de vários movimentos heterodoxos; concretamente, alentou uma distinta tendência judaizante e um grupo judaizante separado, em cada localidade onde a heresia floresceu.» [260]

---

[258] Arcebispo-Bispo de Port-Louis. Mons. Léon Meurin, S. J. «Filosofia da Maçonaria». Edição de Madrid, 1957. Livro I. Cap. XII. Pág. 169.

[259] Bispo Lucas Tudensis. «De altera vita adversus Albigensis errores». Cap. III. 3.

[260] Rabino Lewis Israel Newman. «Jewish Influence on Christian Reform Movements». Publicada com o carácter de volume XXIII da «Columbia University Oriental Series». Nova Iorque. Columbia University Press. 1925. Livro II. Páginas 135 e 136.

E na página 137 afirma: «Não só os cristãos eruditos, mas também os investigadores judeus, entre eles Levy, têm observado que a diminuição de animosidade para com os judeus era acompanhada pela oposição aos «mistérios» da Igreja que ofendiam a sua razão e aos abusos que eram notórios nos círculos eclesiásticos.» A seguir, o estudioso rabino Newman reforça os seus dados afirmando que também o escritor israelita Loeb, em sua obra «La Controverse Religieuse», págs. 25 e 26, assinala o facto da relação existente «entre a actividade judia e a agitação religiosa no «Languedoc». [261]

São Bernardo, por sua vez, comentando uma sua recente visita ao Languedoc, lamenta-se que ali: «As igrejas são vistas como sinagogas, e o Santuário do Senhor já não é santo.» [262]

A obra monumental do judaísmo sefardita, que é a «Enciclopédia Judaica Castelhana», referindo-se às regiões mais afectadas pelas heresias, diz textualmente: «Durante os séculos XI, XII e XIII, as regiões mais afectadas pela heresia, o Meio-Dia de França e o Norte da Itália, gozavam de prosperidade material e espiritual sem paralelo no mundo cristão e só comparável com o florescimento cultural de Espanha Mora. Era ali onde a Igreja Romana, presa de crescente corrupção, e o clero cada vez mais mundano, suscitavam indubitável hostilidade de que comparticipavam todas as camadas da população. Por outro lado, esses países albergavam comunidades judias numerosas, ricas e respeitadas pelos governantes e pelo povo... e uma atmosfera de mútua tolerância que a Europa não voltou a conhecer até aos dias da Ilustração. Os judeus, admitidos aos postos públicos, empregados na administração de terras e municípios, proeminentes nas academias e escolas, conviviam amistosamente com os gentios, os quais frequentemente compartilhavam sua mesa e até a celebração do seu sábado. Os rabinos, médicos, sábios, banqueiros, comerciantes e agricultores judeus mantinham relações estreitas com os seus colegas cristãos e sofriam uns e outros influxos culturais recíprocos. Nada mais natural, pois, que os judeus, na livre posse da Bíblia original, imprimissem poderoso impulso aos movimentos antipapistas, unidos, não obstante todas as suas divergências de doutrina, na luta contra a falsificação e desfiguração do cristianismo primitivo pela Igreja [263]

---

[261] Rabino Louis Israel Newman. Ob. cit. Ediç. cit. Livro II. Pág. 137.

[262] São Bernardo. Epístola 241.

[263] «Enciclopédia Judaica Castelhana». Ediç. cit. Tomo III. Vocábulo *Cristianismo*.

É curioso observar como entendem os judeus a tolerância mútua entre hebreus e cristãos, que, segundo dizem, imperava nessas zonas de grande influência israelita, só de forma comparável à dos tempos da Ilustração. É preciso notar que, assim como a fraternidade judeo-cristã e a tolerância mútua degeneraram naqueles tempos em um poderoso impulso aos movimentos antipapistas, em sangrentas revoluções e em assassínios de cristãos, também a época da Ilustração, anterior à Revolução Francesa, foi o prelúdio das grandes matanças de católicos, clérigos e seculares, realizadas pelos maçons jacobinos controlados pelo judaísmo, como já o demonstrámos. E é que os hebreus empregam a pretendida tolerância ou convivência pacífica, como deram em chamar-lhe agora, como um simples meio que lhes dê liberdade de acção para poder dominar os cristãos e aniquilar as suas instituições políticas e religiosas. A espantosa revolução, não só contra a Igreja, mas contra toda a ordem social existente, que pôde organizar-se e crescer a coberto dessa pretensa tolerância nos séculos XII e XIII, demonstrou claramente o que para os hebreus significam estes atraentes e formosos postulados.

O escritor doutor Ezequiel Teyssier, baseando-se, entre outras fontes, no «Manual Maçónico» de Condorcet, descreve-nos a imensa transcendência da grande revolução dos albigenses, dizendo: «Formaram um agrupamento enorme que contava com burgueses, soldados e até personagens de altíssima importância como o Rei de Aragão, o Conde de Tolosa, o Conde de Foix, o Visconde de Béziers e Carcassonne... Alcançou no político grande força ao aparecer em público. Suas teorias eram, no teológico, o dualismo moral; e no social, a anarquia. Isto acontecia no século XIII. A Santa Sé e os tronos pronto se inteiraram deste assunto... Ao verem-se descobertos e julgando-se suficientemente poderosos, deram o grito de rebelião, formando uma revolução que torna pequena a de 1792 e que tinha quartel-general em Albi, de onde provém o nome de albigenses. Sua arma era o terror e a comunidade de bens, a independência do homem de toda a autoridade suprema, ódio às instituições sociais e principalmente à Igreja.

«Comunicavam os seus segredos sòmente a indivíduos seguros por largas e grandes provas, e impunham a obrigação de guardá-los até de seus familiares. Os seus chefes eram desconhecidos da multidão, assim como os sinais de reconhecimento na maneira de falar e entender-se. (Condorcet, «Manual Maçónico»).

«Os albigenses, protegidos por magnates poderosíssimos, incendiavam, assolavam, perpetravam por toda a parte crimes sem número nem semelhança. Organizados em exércitos de

cem mil homens, sujeitavam a saque as cidades, destruindo especialmente os templos e os mosteiros. Nenhum crime deixou de lhes ser familiar nem deleitoso. Os povos estavam cheios de terror. [264] Assim terminou a convivência pacífica entre judeus e cristãos do Sul da França. Para reprimir esta gigantesca revolução, que ameaçava afundar toda a cristandade, foi necessária a implantação da Inquisição Pontifícia e a organização de uma grande cruzada pelo Papa Inocêncio III, que reuniu um exército dos mais poderosos até então conhecidos, com meio milhão de soldados, que, depois de sangrenta e longa guerra, conseguiu esmagar a revolução. Esta, nos seus sectores mais radicais, aspirava já à implantação da comunidade de bens, isto é, ao comunismo.

Outro aspecto importante dos movimentos revolucionários controlados pelo criptojudaísmo tem sido o de terem sabido e sabem explorar hàbilmente todos os defeitos do regime imperante e as imoralidades dos jerarcas religiosos e políticos, para aparecerem eles como reformadores de tais defeitos e correctores das referidas imoralidades, ganhando assim o apoio do povo, que no fim se vê defraudado, porque uma vez derrubada a ordem de coisas vigente, no geral incorrem os redentores criptojudeus em piores defeitos e maiores imoralidades que as que pretendem corrigir.

A enciclopédia espanhola «Espasa Calpe» reconhece que entre as causas que favoreceram o desenvolvimento da heresia dos albigenses, aponta-se a conduta inconveniente de muitos clérigos, assinalando o seguinte: «Um dos primeiros actos destes hereges foi uma rude oposição ao clero, no qual encontraram terreno propício para explorar contra ele o ódio do povo, pois certos prebendados deixaram a desejar em ciência e em virtude... O povo tomou o partido dos hereges.» [265]

O historiador anticatólico Henry Charles Lea confirma o que acima se diz: «Outro informa-nos que os principais argumentos dos hereges tinham por base e orgulho, a avareza e as vidas pouco limpas de clérigos e prelados.» [266]

Neste, como em todos os casos, os erros, a má conduta ou as imoralidades dos jerarcas civis ou eclesiásticos de um regime imperante são explorados hàbilmente pelos conspiradores criptojudeus, para lançar o povo contra esses jerarcas e contra o regime. Por isso, um meio indispensável para evitar o triunfo

---

[264] Doutor Ezequiel Teyssier. Obr. cit. ediç. cit. Págs. 186 e 187.

[265] «Enciclopédia Espasa Calpe». Ediç. cit. Tomo IV. Vocábulo *albigenses*. Págs. 157 e 158.

[266] Henry Charles Lea. «A History of the Inquisition of the Middle Ages». Nova Iorque, 1958. Cap. II. Pág. 61.

das revoltas judaicas, é moralizar as nossas próprias fileiras e evitar que o inimigo possa lançar mão de argumentos reais que lhe sirvam de bandeira para justificar os seus movimentos de rebelião e enganar as massas.

Assim o compreenderam, entre outros, São Bernardo, São Francisco de Assis, São Domingos de Gusmão e os Papas inocêncio II e Inocêncio III, que naqueles tempos tanto lutaram precisamente contra a corrupção do clero, contribuindo, com sua obra sinceramente saneadora, para a derrota das heresias da sua época, ao retirar-lhes uma das principais bandeiras para atrair adeptos e propagar-se.

Uma publicação oficial, destinada a uso interno do judaísmo, cujo autor é o destacado historiador israelita N. Leven, intitulada «Cinquenta Anos de História. A Aliança Israelita Universal», da qual se fizeram só 25 exemplares em papel do Japão e 50 em papel da Holanda, numerados de um a setenta e cinco e destinados a destacados dirigentes judeus, diz textualmente:

«Nos princípios do século XIII a Igreja teve de enfrentar uma heresia, a dos albigenses, que havia estalado no Sul da França. Os albigenses não são os únicos cristãos que atacam a Igreja e seus dogmas; há incrédulos também em outros lugares. O mal vem dos judeus, os albigenses são instruídos por eles e há os que professam que a doutrina dos judeus é preferível à dos cristãos; os judeus são os criadores da heresia. A Igreja não o duvida; os judeus inquietam-na. Eles são aniquilados no terreno material, mas não perderam nada da sua força intelectual»... «O Papa Inocêncio III, que aspira ao domínio da Europa, encontra neste pequeno povo (de Israel) uma resistência que deve vencer. E não quer no princípio do seu reinado, nem a morte dos judeus nem a sua conversão pela força. Espera triunfar deles à força de humilhações e sofrimentos. O Papa dirige o seu ataque contra os albigenses. O Meio-Dia de França é posto a ferro e fogo. Os judeus vêem-se misturados com os albigenses e morrem com eles»... «Ele havia proibido aos cruzados, no começo do seu pontificado, em 1197, recebê-los e convertê-los pela força. Em 1209 eles são confundidos com os albigenses e massacrados com eles»... «O Concílio de Avinhão impôs depois, sob juramento, a todos os Barões e a todas as cidades livres, a obrigação de afastar os judeus de todos os empregos e de todo o serviço entre os cristãos, e de lhes impor as observâncias da religião cristã.» [267] Esta última obrigação refere-se concretamente aos falsos cristãos que judaizavam em segredo, porque nesses tempos, embora a Santa Igreja proibisse

[267] N. Leven. «Cinquante Ans d'Histoire. L'Alliance Israelite Universelle». 1860-1910. Ediç. Paris, 1911. Tomo I. Págs. 7 e 8.

impor pela força aos hebreus a religião cristã, aos cristãos de descendência israelita que praticavam o judaísmo obrigavam-nos a abandonar essas práticas e a observarem sinceramente a religião que oficialmetne professavam. Era pois uma tentativa para extirpar a quinta coluna. Por outro lado, não é de admirar que nas matanças de albigenses houvessem sido mortos muitos hebreus, porque eram os judeus os instigadores e criadores desta heresia e andavam por isso misturados entre tais hereges. Além disso, esta importante obra do judaísmo reconhece que os judeus eram também os instigadores de outras heresias e incredulidades.

O historiador Vicente Risco indica que: «Na Provença e no Languedoc, sob o governo condal, os judeus gozaram da maior prosperidade e influência. Desempenhavam empregos e cargos públicos, inclusive bailios, e exerceram verdadeira sugestão sobre os cristãos em matéria filosófica e religiosa, facto ao qual alguns autores judeus atribuem o nascimento da heresia dos cátaros e albigenses.» [268]

O douto rabino e literato Lewis Browne afirma que: «Se se conhecesse bem a verdade, provàvelmente se saberia que os instruídos judeus da Provença eram em grande parte responsáveis pela existência desta seita de livres pensadores, os albigenses. As doutrinas que os judeus haviam espalhado pelas nações durante séculos não podiam deixar de minar o poder da Igreja.» [269]

Mas, como é sabido, se a heresia dos albigenses chegou a constituir um sério perigo para a cristandade, foi porque grande parte da nobreza do Sul da França não só lhe prestava o seu apoio como até dirigia o gigantesco movimento revolucionário que derramou torrentes de sangue, assassinando fiéis cristãos e piedosos padres.

O célebre historiador gaulês do século passado, Jules Michelet, que foi um dos chefes dos Arquivos Históricos Franceses, na sua obra monumental intitulada «História de França», observa que: «Foi entre os nobres do Languedoc que os albigenses encontraram o seu principal apoio. Esta «Judeia» de França, como tem sido chamada, foi povoada por uma mescla de raças, ibéricas, gálicas, romanas e semíticas.» Os nobres dali, muito diferentes da cavalaria piedosa do Norte, haviam perdido o respeito pelas tradições, afirmando expressamente Michelet que: «Havia poucos que, ao remontarem-se aos seus

---

[268] Vicente Risco. «História dos Judeus». Barcelona, 1960. Livro Quinto. Cap. II. Pág.. 306.

[269] Rabino Lewis Browne. «Stranger than Fiction». Nova Iorque, 1926. Página 222.

ancestrais, não encontrassem alguma avó sarracena ou judia na sua genealogia.» [270]

O da avó sarracena não tem importância, porque os muçulmanos de França, em geral, converteram-se sinceramente ao cristianismo; mas o da avó judia, sim, é muito grave, visto que é uma obrigação para todos os hebreus, que devem cumpri-la com fanatismo, o iniciar a seus filhos na Sinagoga, ainda que seja em segredo quando não possa fazer-se em público. De facto, nos tempos dessa espantosa revolução lançaram-se acusações insistentes contra o Conde Raimundo VI de Tolosa, o Conde De Cominges e outros, no sentido de que, por detrás da aparência de cristãos, praticavam o judaísmo em segredo; e ambos os Condes eram os principais apoios da heresia.

A diligente historiadora inglesa Nesta H. Webster, além de confirmar o que foi dito por Michelet, acrescenta que nesses tempos «o Sul da França era o centro de onde irradiava para o exterior o ocultismo básico da judiaria e os seus sonhos teosóficos.» [271] E continua dizendo: «O Conde De Cominges praticava a poligamia e, de acordo com as crónicas eclesiásticas, Raimundo VI de Tolosa, um dos mais ardentes crentes albigenses, tinha o seu harém. O movimento albigense tem sido falsamente representado como mero protesto contra a tirania da Igreja Romana; na realidade erguia-se contra as doutrinas fundamentais da cristandade e, mais ainda, contra todo o princípio de religião e moral. Pois enquanto alguns da seita declaravam abertamente que a lei judia era preferível à dos cristãos (Graetz, «History of the Jews». III. Pág. 517), para outros o Deus do Antigo Testamento era tão abominável como o «falso Cristo» que sofreu no Gólgota; o velho ódio dos gnósticos e dos maniqueus pelo Demiurgo reviveu nestes rebeldes contra a ordem social, precursores dos libertinos do século XVII e dos Iluminados do XVIII. Os nobres albigenses, com o pretexto de combater o sacerdócio, esforçaram-se por deitar abaixo todas as normas que a Igreja havia estabelecido.» [272]

O ilustre rabino Louis Israel Newman, depois de mencionar certas doutrinas antibíblicas dos cátaros, precursores dos albigenses, baseadas no dualismo maniqueu, afirma no entanto em sua obra intitulada «Influência Judia nos Movimentos da Reforma Cristã», edição citada, páginas 173 e 174, que: «O dogma central do catarismo, isto é, o dualismo da divindade, en-

---

[270] Michelet. «Histoire de France». Tomo III. Ediç. Francesa, 1879. Págs. 10 a 19.

[271] Nesta H. Webster. «Secret Societies and Subversive Movements». Ediç. cit. Cap. IV. Pág. 75.

[272] Nesta H. Webster.

contra um paralelo em certos aspectos da tradição judia»... «Tem havido no judaísmo, apesar da sua estrita predisposição monoteista, um dualismo nativo, baseado em material da Haggadah e ainda em porções apocalípticas do Antigo Testamento»... «Durante os séculos em que o catarismo floresceu, nós encontramos um recrudescimento da discussão judia sobre o dualismo, na Cabala contemporânea.» E na página 176 diz: «Posições paralelas podem encontrar-se, ponto por ponto, entre as opiniões dos cátaros e a Cabala.» [273] E não deve esquecer-se que a heresia dos albigenses, além de ser uma derivação da catarense, conservou como esta o dualismo teológico.

A influência dos judeus cabalistas sobre os cátaros e albigenses e sobre o seu dualismo teológico é aceita por distintos escritores judeus; por outro lado aparece evidente que, no movimento dos albigenses, o judaísmo não teve escrúpulos ao impor sobretudo em suas infantarias uma teologia aparentemente antijudia, em que se blasfemava horrivelmente contra Jeová, como agora não têm escrúpulos em propagar o ateísmo nos países comunistas.

Mas tal coisa era explicável. Como na Europa desses tempos as grandes massas cristãs da população eram intensamente antijudias, não se podiam controlar com um movimento filo-semita, por isso, para atraí-las, era necessário rodear a seita, principalmente nas suas baixas esferas, de um ambiente que fizesse crer aos incautos que os judeus nada tinham que ver com o movimento; e o meio mais adequado para o conseguir, era blasfemar contra Jeová, renovando as teorias gnósticas que o identificavam com o malvado Demiurgo e tomando doutrinas do maniqueísmo. Além disso, como os dirigentes da seita eram judeus secretos, cobertos com a máscara do cristianismo, à primeira vista não se podia perceber, como aconteceu séculos depois com a franco-maçonaria ou os carbonários, que muitos deles eram judeus, posto que aparecessem bem disfarçados, esgrimindo a sua origem cristã, seus nomes cristãos e seus apelidos, de acordo com a região.

Mas a Santa Igreja não só descobriu que a seita era dirigida por criptojudeus, mas ainda que essa ideologia, aparentemente anti-hebreia nas baixas esferas, ia sendo transformada pouco a pouco, até chegar aos círculos superiores da seita, onde se chegava a afirmar que a lei judia, quer dizer, a religião judia, era melhor que a cristã.

Na franco-maçonaria do século XVIII também se ia sucessivamente transformando nos diferentes graus ascendentes a

---

[273] Rabino Louis Israel Newman. «Jewish Influence on Christian Reform Movements». Ediç. cit. Págs. 173 a 176.

ideologia dos iniciados, que começavam por ingressar numa associação oficialmente cristã, na qual aparentemente se proibia aos judeus o ingresso nas suas fileiras e que pouco a pouco, mediante leituras de livros, conferências, liturgia, cerimonial e doutrinação especial nos diferentes graus, à medida que o mação ia ascendendo, ia transformando sua ideologia, mudando o anti-semitismo que vigorava na sociedade desses tempos, em filojudaísmo. Por esse meio, conseguiram os judeus secretos, cobertos com o disfarce do cristianismo, formar na maçonaria legiões de aliados, dispostos a organizar as revoluções liberais e a promulgar as leis que emancipavam os judeus públicos e os igualavam em direitos políticos e sociais ao resto da população, deitando abaixo os Cânones da Igreja e as leis civis, que havia séculos eram o baluarte da sociedade cristã. Quando os judeus clandestinos, por meio da maçonaria e do liberalismo, conseguiram extirpar na sociedade dos séculos XVIII e XIX o sentimento antijudeu que imperava, terminaram com a farsa e suprimiram das constituições maçónicas os artigos que proibiam a entrada dos judeus na maçonaria, a qual bem depressa se viu inundada nos seus postos dirigentes por israelitas, profusamente abertos da sua religião, perante a surpresa de alguns homens livres, como Benjamim Franklin, que se alarmaram com essa invasão.

Para terminar com a heresia dos albigenses, vamos inserir um interessante dado sobre os seus princípios, fornecido pelo rabino Jacob S. Raisin, na sua obra intitulada «Reacções Gentias aos Ideais Judeus», onde se lê o seguinte: «A revolução contra a jerarquia foi especialmente forte entre os albigenses. Apareceram primeiro na Aquitânia em 1010 e em 1017 ouvimos falar deles como uma sociedade secreta em Orleães, de que eram membros dez cónegos de uma igreja e um confessor da Rainha. Pouco depois, encontramo-los em Liège e Arras, em Soissons e Flandres, em muitas províncias de Espanha, em Inglaterra, Alemanha e Itália, sem exceptuar Roma, onde se lhes uniram não poucos da nobreza e o povo afectuosamente. Chamavam-lhes homens bons (Bons hommes)». Continua dizendo depois o citado rabino que «apesar das repressões ordenadas pela Igreja, os hereges persistiam em seu desatino e continuavam pregando suas doutrinas e conseguiam êxitos ganhando alguns Bispos e nobres.» [274]

Os dados que nos proporciona o fervoroso rabino são muito interessantes, pois dão-nos oportunidade de fazer finca-pé numa das tácticas estilizadas pelo judaísmo, para a fundação dos seus

[274] Rabino Jacob S. Raisin. «Gentile Reactions to Jewish Ideals». Ediç. cit. Cap. XVII. Págs. 454 e 455.

movimentos subversivos dentro da cristandade. Estes movimentos constituem-se inicialmente por um grupo de judeus secretos, cobertos com a máscara do cristianismo, com o que, aparentemente, não se recebeu judeus no núcleo, embora o sejam todos. Além disso, costumam adornar a sociedade secreta nascente ou o movimento público que surge, com padres católicos se se trata de um país católico, ou protestantes ou ortodoxos segundo o caso. Podem fazê-lo fàcilmente, visto que a quinta coluna hebreia introduzida no clero lhes proporciona os sacerdotes, cónegos ou padres da maior jerarquia que necessitem. Esta medida tem por objectivo conseguir que os fiéis cristãos, ao ingressar na associação, julguem que é muito boa, pois se faz parte dela um piedoso padre ou um ilustre Cardeal, é claro que se trata de algo de bom. Os padres quinta-colunistas são, pois, utilizados nestes casos como isca para atrair incautos. Assim, a heresia albigense começou com padres e até com um confessor de sua Majestade a Rainha e depois continuou adornando com bispos os seus secretos conventículos para lhes dar aparência de bondade e atrair mais fàcilmente o povo ingénuo.

O mesmo sistema adoptaram séculos depois na franco-maçonaria, à qual, nos seus primeiros graus, deram aparência de instituição cristã e de sociedade filantrópica, e cujas lojas foram adornadas com sacerdotes, cónegos e até padres da maior jerarquia, o que permitiu ao judaísmo desorientar a Igreja e os cristãos durante muito tempo e iniciar na seita milhares de enganados, sendo principais responsáveis de tal engano os padres criptojudeus, mações militantes, que serviram de anzol para atrair incautos.

Quando a Santa Sé e as monarquias se deram conta da fraude e o Papa excomungou os mações, já a fraternidade havia adquirido tal força universal que não foi possível nem à Igreja nem aos reis conter o seu esmagador impulso, pois o embuste inicial havia dado resultados decisivos. Actualmente ainda em Inglaterra e nos Estados Unidos os judeus subterrâneos continuam apresentando a maçonaria como instituição cristã, e associação filantrópica nos seus primeiros graus, fazendo inclusivamente alarde de que é estranha à política, para que os cavaleiros anglo-saxões, uma vez prestados os juramentos, continuem sendo atraídos à ratoeira e de forma inconsciente sirvam de dóceis instrumentos ao judaísmo, mantendo dessa forma a Sinagoga de Satanás o seu domínio sobre essas duas grandes potências.

Quanto ao comunismo, a judiaria observa parecidos sistemas. Há padres cripto-hebreus introduzidos na Igreja Católica, nas protestantes e ortodoxas do Oriente, filiados nos partidos comunistas, tratando de desorientar os cristãos ao querer fa-

zer-lhes crer que o comunismo não é tão mau e que se pode pactuar com ele. A missão destes judas é adormecer o mundo livre para que afrouxe a sua defesa, e debilitar a resistência anticomunista dos povos de que tais padres se dizem pastores, para com isso facilitar o triunfo definitivo do comunismo judaico. As tácticas do judaísmo a este respeito são em essência as mesmas, tanto na época dos albigenses como nos nossos dias. E, é claro, quanto mais altas jerarquias possa escalar dentro do clero a quinta coluna cripto-hebraica, maiores serão os estragos que em todos os sentidos faça a cristandade.

Também as chamadas confraternidades judeo-cristãs que têm surgido na actualidade, as encontramos adornadas com padres quinta-colunistas, de tão hipócrita como aparente piedade, aqueles que, com a sua presença em tais organizações, enganam e atraem os muitos jerarcas da Igreja bem intencionados, que, ignorando os secretos fins de tais confraternidades, que são os de converter os seus membros cristãos em satélites do judaísmo, dão a sua adesão a elas, com o que aumenta, como é natural, a desorientação dos fiéis, que são mais fàcilmente atraídos pelas ditas associações, para levá-los depois a servir de instrumentos da Sinagoga de Satanás, nas actividades que realiza para esmagar os patriotas que lutam contra ela em defesa da Igreja e dos povos ameaçados pelo imperialismo judaico.

CAPÍTULO TRIGÉSIMO

O JUDEU, O MAIS PERIGOSO INIMIGO DA IGREJA. OS VALDENSES.

No século XII, ao mesmo tempo que o judaísmo tentava controlar o Papado por intermédio do judeu Cardeal Pierleoni e se organizava a primeira revolução republicana que se assenhoreou de Roma, a seita dos albigenses preparava em segredo a mais gigantesca revolução conhecida até então, com o fim de desintegrar o cristianismo. Simultâneamente organizavam-se outras seitas, tendentes todas elas a dominar a Europa, aniquilar a ordem de coisas imperantes e destruir a Santa Igreja.

O judaísmo não se limitou pois a organizar uma só seita, um só movimento revolucionário, mas criou na sombra vários, diferentes entre si, com diversidade de ideologias e princípios, úteis para controlar gentes de todos os gostos; de tal maneira que, se a alguns não lhes satisfazia o programa, os dogmas ou as crenças de uma seita, podiam agradar-lhe os de outra; e se fracassava alguma, outra chegaria ao triunfo desejado. De qualquer forma, todas em conjunto, ajudavam-se em segredo umas às outras, embora tivessem programas ao que parece contraditórios e incompatíveis. Assim começou o judaísmo a praticar outra das suas tácticas tradicionais que lhe tem dado tão bom resultado e que com a experiência de séculos aperfeiçoou cada vez mais, consistente em não confiar todas as suas possibilidades de vitória a uma só organização, mas a muitas, de variadas e até contraditórias ideologias, capazes de captar a simpatia de gentes dos mais variados gostos ou maneiras de pensar. O mesmo que faz nos nossos dias, ao organizar desde partidos democratas cristãos e da extrema direita, sem importar o nome que se lhes dê, até partidos centristas, socialistas, anarquistas ou comunistas; e desde organizações maçónicas, teosóficas e espirituais, até associações de rotários ou de «boys-scouts», além de muitas outras que seria longo enumerar e que autorizados escritores têm demonstrado que estão controladas pelo judaísmo internacional. Dessa forma, pode a Sinagoga domi-

nar gentes das mais diversas tendências e ideologias e controlar os povos cristãos e gentios, facilitando o triunfo dos seus planos de domínio mundial.

Antes de entrarmos no estudo de outras seitas heréticas que, juntamente com a dos albigenses, fizeram parte dessa grande revolução criptojudia do século XII, que esteve a ponto de conquistar a Europa e aniquilar a Igreja, citaremos duas autoridades hebreias indiscutíveis, que nos falam do papel que desempenharam os israelitas nas heresias dessa época.

A «Enciclopédia Judaica Castelhana», falando da opinião que a Igreja formava sobre a origem das heresias medievais, confirma o que foi afirmado por padres e escritores católicos de diversas épocas, que asseguravam que «os judeus eram os pais de todas as heresias»; com efeito, textualmente diz: «Da mesma maneira que a Inquisição acusou os judeus de haverem instigado as heresias medievais, assim todos os movimentos heterodoxos da Reforma eram aos olhos da Igreja fruto de uma conspiração judia e os seus iniciadores e chefes, judaizantes.» [275] Sendo evidente que nem a Santa Igreja nem a Inquisição mentiam, além de que tinham provas suficientes para fundamentar estas afirmações.

A este respeito, o rabino Lewis Browne, na sua interessante «História dos Judeus», num capítulo que tem por título «O desmembramento da Igreja» e por subtítulo «Como os judeus ajudaram o aparecimento da Reforma Protestante», assevera que: «Era mais que uma espinha. Dispersa como estava por todas as terras de cristandade, a Sinagoga operava em todas as partes, como uma rede de pequeníssimas espadas, que feriam o sentido de auto-suficiência da Igreja. Isto explica por que é que a Igreja não concedia descanso ao judeu. Ele era o seu mais perigoso inimigo, uma vez que para onde quer que emigrasse, ele fomentava as heresias.» [276]

Este culto rabino, além de confessar com absoluta franqueza a maior das verdades, ao assinalar que os judeus são os mais perigosos inimigos da Igreja, dá-nos a chave do que para muitos tem sido um grande mistério, isto é, o que se refere à rápida difusão, por diferentes países, das heresias medievais, da maçonaria depois e, finalmente, do comunismo marxista. Na realidade, estando as organizações judias dispersas há muitos séculos por todo o mundo, como uma «rede de pequenas espadas», com homens influentes em todos os países, com bem ar-

---

[275] «Enciclopédia Judaica Castelhana» Ediç. cit. Tomo III. Vocábulo *Cristianismo*.

[276] Rabino Lewis Browne. «The Story of the Jews». Jonathan Cape Limited. Londres, 1926. Pág. 207.

reigado poder financeiro em todas as partes, é-lhes sumamente fácil propagar e dar carácter internacional, com velocidade assombrosa a qualquer movimento subversivo, público ou secreto, ou a qualquer outro tipo de associação. Só uma instituição como a Sinagoga, de raízes milenárias em distintas partes do mundo, tinha possibilidade de dar ràpidamente proporções internacionais a tantos movimentos perversos com qué intentou e continua pretendendo dominar os povos e destruir as suas liberdades por meio da sua arma favorita: o engano.

Para nos referirmos a outro dos grandes movimentos heréticos que, no século XII, ameaçaram derrubar toda a ordem social, política e religiosa existente, vamos recorrer uma vez mais a fontes israelitas de grande autoridade.

O rabino Jacob S. Raisin, falando dos valdenses, diz: «Outro grupo heterodoxo teve origem em Valdo, um rico comerciante de Lião. Era um diligente estudante da Bíblia e encarregou dois sacerdotes de a traduzirem para francês. Desejoso de pôr em prática o conselho de Jesus ao jovem rico, distribuiu a sua riqueza pelos pobres e também por aqueles de quem a havia adquirido, e fez votos de pobreza (1176). O seu exemplo foi seguido por muitos dos homens da cidade e os «Pobres de Lião», como eram conhecidos os valdenses, encontraram muitos imitadores, não só no Norte da França, mas em Espanha e na Itália.» [277]

Como se poderá observar, a bandeira desta seita não podia ser mais atractiva, sobretudo para as classes pobres da população, que eram a maioria, como sempre. A aparência de santidade e pureza de que se revestiu o seu chefe não podia ser mais cativadora. Tudo isso contribuiu para que a potência revolucionária do movimento fosse gigantesca. É compreensível que grandes massas de fiéis fossem pescadas com uma fachada tão limpa, tão pura e benéfica para as classes humildes. Mas depois ia aparecendo o veneno. O mesmo citado rabino diz que: «Para estes devotos discípulos dos ebionitas, a Igreja Romana era a Mulher Escarlate do Apocalipse e o seu culto idolátrico (às imagens) como os cultos que ela havia estabelecido.» [278]

Entretanto, até aqui tudo fazia crer que se tratava de um movimento de imaculada pureza, acaudilhado por homens que repartiam suas riquezas e que seguiam ao pé da letra as normas da perfeição ditadas por Cristo Nosso Senhor, lutando contra as imoralidades do clero, motivo por que pretendiam comparar a Santa Igreja com a Mulher Escarlate do Apocalipse. É

[277] Rabino Jacob S. Raisin. «Gentile Reactions to Jewish Ideals». Ediç. cit. Cap. XVII. Pág. 455.

[278] Ob. cit. Ediç. cit. Cap. XVII. Pág. 455.

lógico que grandes massas, enganadas por tais aparências, hajam sido arrastadas à heresia.

Por outro lado, as suas doutrinas afastavam-se menos da ortodoxia que as dos cátaros e albigenses, que eram gnósticos e maniqueus, e por isso eram mais fáceis de aceitar pela maioria dos fiéis. Quem iria imaginar que por detrás de tanta beleza se encobria uma nova e sinistra tentativa de judaizar a sociedade cristã e dominá-la?

Para usarmos uma vez mais uma fonte indiscutível, que descreva o posterior caminho tomado por este movimento de aparência meramente filantrópica, utilizaremos de novo essa obra oficial do judaísmo que é a «Enciclopédia Judaica Castelhana», a qual, referindo-se aos valdenses, diz: «Os valdenses, seita que surgiu por 1170, em Lião, sob a chefia de Pedro Valdo, representam aquele aspecto do movimento bíblico, em cujo terreno havia de brotar o protestantismo de Hus, Münzer, Zwinglio e outros reformadores dos séculos posteriores. Essa heresia alcançou expansão considerável desde Lião e Provença até Lorena e Valónia, pelo norte, e até Hungria e Morávia, pelo leste. Seguramente que não é mera coincidência que a cunha fosse a cidade de Lião, como a dos Passagiles fosse Milão, grandes centros um e outro da vida e influência judia... A Bíblia valdense, conservada em alguns exemplares (Manuscritos de Cambridge, século XIV, e de Grenoble), continha não menos de 32 livros hebreus. Era lida nos conventículos secretos, sob a direcção de pregadores ou barbas, nome que se crê ser de origem hebreia. Os valdenses consideravam-se como o verdadeiro Israel ou, segundo expressão do seu chefe Muston, Israel dos Alpes. Comba e Muston falam do êxodo e dispersão dos crentes. Pedro Valdo é «o Moisés desse pequeno povo que saiu do país da servidão» e «o Pai, o Abraão de Israel dos Alpes antes de se converter no seu Moisés.» Os barbas valdenses enviavam missionários a Itália «para pregar o arrependimento e alimentar as ovelhas dispersas de Israel perseguido nos vales dos Alpes». Os próprios barbas, muito versados nas ciências, nas línguas e nas Escrituras, comparavam-se com os Anciãos de Israel, cujas «paróquias consistiam nas dispersas tribos de Israel dos Alpes, de que eles eram os levitas e juízes.» [279]

A táctica dos hebreus de acusar os seus inimigos precisamente do que eles faziam chegou ao cúmulo nos ataques lançados pela hebraica heresia dos valdenses contra a tradição da

---

[279] «Enciclopédia Judaica Castelhana». Ediç. cit. Tomo III. Vocábulo *Cristianismo*.

Santa Igreja, fundamentalmente antijudia. Diziam eles, segundo afirma o rabino Louis Israel Newman, que: «A tradição da Igreja era a tradição dos fariseus» que é a frequente acusação dos hereges. «Os valdenses da Lombardia afirmavam que a saída da Igreja Romana era lícita, porque já não era a Igreja de Jesus Cristo, mas que estava governada sòmente por escribas e fariseus.» [280]

Depois, nas páginas 236 e 237 da citada obra, o mencionado rabino, ao tratar da «associação pessoal de judeus e valdenses», repisa que existe a coincidência de que cidades em que os judeus eram numerosos e influentes, como Lião e Metz, fossem focos importantes da heresia valdense, para depois ir afirmando: «Não só durante os séculos XII e XIII os valdenses e judeus se agruparam juntos», e na página 238 da citada obra diz: «À margem da evidência de que houve relação pessoal entre os judeus de Provença e os valdenses no século XIII existe também a evidência de que durante o século XV os husitas e os judeus estiveram em frequente contacto e os husitas e os valdenses estavam ligados directa e indirectamente»... «Durante o século XVI, antes e depois do começo da Reforma, as relações pessoais entre os judeus e os últimos valdenses multiplicaram-se»... «E tão tarde como no século XIX encontramos os valdenses e os judeus agrupados não em relações espirituais mas em governamentais. Assim, na Itália, em 13 de Setembro de 1849, foi criada uma Comissão Ministerial com o propósito de reorganizar a administração particular de valdenses e judeus.» [281]

Finalmente citaremos outro dado interessantíssimo que nos proporciona o historiador israelita Gerson Wolf que afirma que no século XV os judeus foram incluídos numa acusação, que lhes imputava estarem coligados numa conspiração em companhia dos husitas e valdenses contra as forças então governantes. [282] Este judeu foi perseguido pelo Governo austríaco por haver escrito um livro de tendências subversivas intitulado «A Democracia e o Socialismo».

Elementos valiosos sobre a referida conjura hebreia encontram-se na informação contida no «Livro de Actas da Faculdade de Teologia da Universidade de Viena», e concretamente na acta

---

[280] Rabino Louis Israel Newman. «Jewish Influence on Christian Reform Movements». Ediç. cit. Pág. 229.

[281] Rabino Louis Israel Newman .Ob. cit. Ediç. cit. Pág. 236 a 238.

[282] Gerson Wolf. «Studien zur Jubelfeier der Wiener Universitaet». Edição Viena, 1865. Págs. 22 e 23.

de 10 de Janeiro de 1419, pelo que os que tiverem interesse em aprofundar o estudo sobre esta conspiração judia, husita e valdense do século XV para derrubar a ordem de coisas então existente, podem recorrer ao documento original acabado de citar. [283]

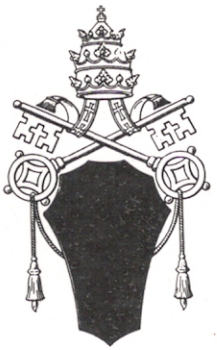
[283] «Livro de Actas da Faculdade de Teologia da Universidade de Viena». MSS. Acta de 10 de Janeiro de 1419.

MAURICE PINAY

COMPLÔ CONTRA A IGREJA

TOMO

IV



TOMO IV

COMPLÔ CONTRA A IGREJA MAURICE PINAY

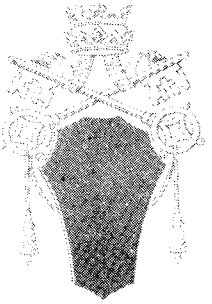
MAURICE PINAY

COMPLÔ CONTRA A IGREJA

Do original em italiano publicado em Roma em 1962.

TOMO

IV



REVISÃO EDITORA LTDA
BRASIL – 1994

PARROQUIA DEL SAGRARIO METROPOLITANO

APARTADO 469 TELEFONO 3-55-01

HERMOSILLO, SONORA, MEXICO

Habiendo leído el libro publicado en Roma en 1962 COMPLOT CONTRA LA IGLESIA que fue distribuído entre todos los Padres Conciliares, no encontrando en él nada que se oponga a la fe y buenas costumbres, no tengo inconveniente en conceder el IMPRIMTUR CANONICO que se me ha pedido para la edición española que se está publicando en México.

Abril 18 de 1968.

+ Juan Navarrete
Arz. de Hermosillo

JUAN NAVARRETE

ARZOBISPO DE HERMOSILLO

CAPÍTULO TRIGÉSIMO PRIMEIRO

O GRANDE PAPA GREGÓRIO VII (HILDEBRANDO) DESTRÓI UMA TEOCRACIA JUDAICA NO NORTE DE ITÁLIA

Outro dos movimentos subversivos criados pela quinta coluna judia introduzida na cristandade foi o dos passaggi, sabatários ou circuncisos. Esta seita progrediu mais, como é natural, no Norte de Itália e Sul da França, ou seja, nas regiões da Europa mais infiltradas nesses tempos pela Sinagoga. No que diz respeito à judaização do cristianismo, pode considerar-se que a referida seita constituiu a ala esquerda do complexíssimo movimento revolucionário criptojudeu do século XII.

Para darmos uma ideia do que era este movimento subversivo, transcreveremos literalmente interessantes passagens da «Enciclopédia Judaica Castelhana» já citada: «A seita dos passaggi, sabatários ou circuncisos brotou em solo lombardo, tradicionalmente propício a heterodoxias de carácter filojudaico. Muito antes de surgir, entre 844 e 1058 aproximadamente, reinou sobre Milão e as comarcas adjacentes uma teocracia, fundada por Angilberto de Pusterla e José de Ivres e que se amoldava fielmente ao Pentateuco. O seu santuário em Caroccio encerrava uma Arca da Aliança. O povo era governado por capitães (juízes) e levitas (sacerdotes) e toda a vida política e espiritual levava o signo do Antigo Testamento, da mesma forma que, mais tarde, a das comunidades anabaptistas e puritanas da Europa e do Novo Mundo. Esta teocracia foi derrubada por Gregório VII logo após a sua ascensão ao Pontificado. Os judeus da Lombardia ocupavam uma posição de primeiro plano. Tinha adquirido fama histórica a família de Pierleoni que havia de dar à Igreja o Papa Anacleto II (1130-1138) e à casa real da Sicília uma rainha na pessoa da esposa de Rogélio II. A influência judia na Lombardia era tal que em muitas cidades os cristãos honravam o sábado em vez do domingo e que inclusivamente os cátaros da região, ao contrário dos provençais, aceitavam partes do Antigo Testamento. O arrianismo havia deixado sulcos profundos no Norte de Itália e a tolerância que dis-

pensou aos judeus beneficiou grandemente a condição destes, ao mesmo tempo que preparou o ambiente para numerosas seitas antipapistas, entre as quais sobressaíam as judaizantes. É indubitável que a mais importante dentre estas, a dos passagginos, sofreu forte influxo do florescente judaísmo lombardo.» [284]

Este parágrafo deve ler-se várias vezes para se poder apreciar toda a sua transcendência em diversos aspectos. Por nossa parte, limitamo-nos a ver aqui uma confirmação mais do que a tolerância para com os judeus, que, segundo confessa a Enciclopédia hebreia, preparou o ambiente às numerosas seitas antipapistas, como deram em chamar-lhes os israelitas.

Essa tolerância a um inimigo mortal significa pois dar-lhe liberdade de acção para que destrua a Igreja e domine os povos cristãos.

Por outro lado, um dos maiores Papas que a Igreja tem tido, Gregório VII, o famoso Hildebrando, deu-nos o exemplo do que deve fazer-se contra o domínio judaico: ao subir ao Pontificado, a primeira coisa que fez foi combater e esmagar a teocracia judaizante estabelecida em terras cristãs do Norte de Itália. Oxalá todos imitássemos a atitude deste grande Papa na luta que temos de sustentar contra as forças comunistas e ateias acaudilhadas pelo mesmo inimigo que Gregório VII aniquilou!

Referindo-se às crenças dos passaggi, continua dizendo a mencionada «Enciclopédia Judaica»: «Sua doutrina prescrevia a observância literal da Lei Mosaica, da circuncisão, as leis dietéticas, as festas, etc, mas repelia os sacrifícios de acordo com o rabinismo de então... Aceitavam a Jesus e o Novo Testamento, que procuravam harmonizar com o Antigo, adquirindo este com o tempo uma importância predominante, à medida, segundo se supõe, que progredia a erudição hebraica.» [285]

Aqui, a Enciclopédia judia dá-nos um elemento que nos confirma uma vez mais o desenvolvimento dessa táctica, consistente em iniciar os movimentos para atrair cristãos e gentios com uns postulados, para depois ir torcendo de rumo pouco a pouco às organizações à medida que se vão preparando os atraídos a aceitar essa evolução. É muito compreensível que, por mais influência judia que houvesse então no Norte de Itália, era difícil às primeiras conseguir que os cristãos, sabendo que os Apóstolos haviam derrogado a Lei judia e dado ao Novo Testamento a primazia, aceitassem entrar numa seita que lhes dizia tudo ao contrário, negando com isso a doutrina de São Paulo

---

[284] «Enciclopédia Judaica Castelhana». Ediç. cit. Tomo III. Vocábulo *Cristianismo.*

[285] Enciclopédia cit. Ediç. cit. Tomo III. Vocábulo *Cristianismo.*

e dos Apóstolos. Era necessário ir por etapas, e à medida que a «erudição hebraica» dos neófitos progredia, devido aos ensinamentos que lhes davam na seita, iam-se preparando para aceitar a inversão total de termo, dando vigência à abolida Lei Mosaica e assegurando a preferência do Antigo Testamento sobre o Novo. Desta forma dava-se um passo enorme no sentido da judaização ideológica dos cristãos e do seu fácil domínio pelo imperialismo hebreu.

Mas deixemos que continue falando a Sinagoga por intermédio da sua obra monumental citada: «Era opinião geral entre os passagginos que «a lei dos judeus é melhor que a lei dos cristãos». Desde logo repudiavam o dogma da Trindade. Assim, o seu chefe Bonacurso declarou: «Dizem (os passagginos) que Cristo, o filho de Deus, não é igual ao Pai e que o Pai, o Filho e o Espírito Santo, as três pessoas da Trindade, não são um só Deus, nem uma só substância, e Muratoni afirma: «Pois dizem que Cristo é uma primeira e pura criatura», ou seja, que Cristo foi criado por Deus.» [286]

O rabino Louis Israel Newman, na sua obra «Influência Judia nos Movimentos de Reforma do Cristianismo», diz, referindo-se aos passagginos, o seguinte: «A seita dos passagginos representa na sua forma mais óbvia e tangível o aspecto judaizante dos movimentos heterodoxos na cristandade durante os séculos XII e XIII. No preciso momento em que a Igreja Católica parecia firmemente consolidada, surgiram vigorosos movimentos de desacordo para lhe disputar a sua autoridade. Uma quantidade de seitas apareceu no século XII, que se mantiveram apesar de todos os esforços feitos para as destroçar.» [287]

Aqueles que não aprofundaram estas questões chegam a confundir esta seita de cristãos judaizantes e circuncisos, observadores do sábado e da Lei Mosaica em todo o seu rigor, com os falsos cristãos criptojudeus, de sangue, chamados na terminologia inquisitorial hereges judaizantes.

No entanto, a Inquisição Pontifícia, com os seus meios eficazes de investigação, chegou a ter uma ideia bem clara da diferença, e, ainda que soubesse que os passagginos, sabatários ou circuncisos estavam controlados pelos hebreus de sangue, e praticassem uma religião mais afim do judaísmo que do catolicismo, distinguia-os plenamente dos israelitas pròpriamente ditos. Os Arquivos da Inquisição de Carcassonne, no Sul da França, entre outros, proporcionam-nos a prova de que o Santo Ofício estava muito bem informado a tal respeito. Entre as perguntas

---

[286] Enciclopédia cit. Ediç. cit. Tomo III. Vocábulo *Cristianismo*.

[287] Rabino Louis Israel Newman. «Jewish Influence on Christian Reform Movements». Ediç. cit. Pág. 255.

dirigidas pelos inquisidores aos presos judeus ou aos falsos conversos do judaísmo, chamados relapsos, figurava a seguinte: «De que forma diferente os judeus circuncisam os cristãos de como circuncisam os hebreus?» (*Quomodo circumcidunt christianos aliter quam suos? Interrogatoria ad Judaeos).* [288] Mais ilustração sobre este ponto dá-nos um tratado sobre os hereges escrito no século XIII, que faz também a devida distinção quando afirma: «Notem que os judeus circuncisam os seus próprios filhos de forma diferente do método que utilizam com os nossos adultos cristãos quando os fazem judaizar, considerando que eles cortam a estes sòmente meio círculo na cabeça de sua pele, e não o círculo total, como fazem com os seus próprios rapazes.» [289]

É que, como o estudaremos mais extensamente no segundo tomo desta obra, a religião judia é radicalmente racista, é só para o povo escolhido, e os prosélitos da porta, quer dizer, gentios convertidos pretensamente ao judaísmo, conservam-nos sempre fora das verdadeiras organizações hebreias, utilizando-os simplesmente como satélites e instrumentos vis dos verdadeiros judeus de sangue, em organismos inferiores, que, embora dotados de toda a aparência das comunidades e sinagogas israelitas, são simples ratoeiras para atrair incautos e tê-los bem dominados, visto que estas organizações estão controladas por judeus clandestinos de sangue, e os ingénuos prosélitos ou judeus espirituais são eliminados radicalmente dos círculos secretos de onde se dirigem os importantes assuntos do imperialismo hebraico. O objectivo de ter controladas, na sua maioria, estas pantomimas de organizações israelitas, por criptojudeus de sangue, com aparência de prosélitos ou israelitas espirituais, é para que estes últimos tenham a sensação de que se governam por si mesmos, ignorando que estão influenciados pelo círculo oculto de hebreus sanguíneos que fazem parte destas comunidades, e as controlam de diversas formas, utilizando os prosélitos como simples instrumentos do imperialismo judeu, tal como empregam os mações ou os comunistas, mas fazendo crer a tais incautos que fazem parte da élite que dirige os assuntos da Sinagoga, para que com isso lutem com maior devoção ao serviço da sua causa.

---

[288] Arquivos da Inquisição de Carcassonne. Citados por I. Vaissette. «Histoire Generale de Languedoc». VIII. Preuves de Vol. III c. 987-88.

[289] «Tractactus haeres pauper de Lugd». Anónimo. In «Martene». v. c. 1794.

CAPÍTULO TRIGÉSIMO SEGUNDO

QUINTA COLUNA JUDIA NA IGREJA ORTODOXA RUSSA

Antes de entrar na Rússia, o judaísmo penetrou na Ucrânia, onde adquiriu grande força. As repressões efectuadas contra a acção subversiva dos hebreus trouxeram como consequência que estes, em grandes quantidades, se convertessem fingidamente ao cristianismo, primeiro da Igreja Ortodoxa Grega e depois da russa, sendo, como na catolicidade, os principais propagadores dos movimentos herético-revolucionários em tais Igrejas.

Acerca de um destes movimentos subversivos que fez estremecer a Igreja e a cristandade russas, informa-nos a citada obra oficial do judaísmo, a Enciclopédia Hebreia que vimos estudando: «A essência judia latente nos passagginos, ficou manifesta no desenvolvimento que a sua doutrina havia de alcançar entre os *shidovstvuyushtchiye* (judaizantes) da Rússia no século XV. Esta seita, que teve o seu primeiro apóstolo no judeu Shkariya de Kiev e que conquistou inclusivamente os príncipes e alto clero moscovitas, acreditava que Cristo ainda não havia aparecido, e que, se aparecesse, não o faria como filho de Deus em substância, mas através de seus actos benéficos, como Moisés e os Profetas.» [290]

Como poderá ver-se, esta seita propagou-se pelo mundo católico e depois foi introduzida por um judeu dentro da Igreja Ortodoxa Russa; outras, pelo contrário, como os cátaros, nasceram ao que parece em terras do Império Bizantino e propagaram-se à catolicidade. A gravidade da crise pode apreciar-se com a afirmação feita pedo judaísmo através da sua enciclopédia citada, de que a heresia judaizante, fundada por um hebreu, conquistou em grande parte o alto clero moscovita em pleno século XV, isto é, há mais ou menos quinhentos anos.

---

[290] «Enciclopédia Judaica Castelhana». Ediç. cit. Tomo III. Vocábulo *Cristianismo*.

Também no vocábulo *Rússia,* do Tomo IX da «Enciclopédia Judaica Castelhana», faz-se menção deste poderoso movimento herético, dizendo que a versão eclesiástica «o atribui a influxo directo de pregadores judeus» e que outras fontes «tendem a relacioná-lo com as seitas sabatárias, muito espalhadas no Sul e no Ocidente da Europa na era da Reforma», das quais, afirma a referida «Enciclopédia Judaica», tinham «nexos indiscutíveis com o judaísmo». Cita depois essa obra monumental da Sinagoga o que diz Dubnow a tal respeito: «Durante o mesmo período surgiu em Moscovo, como resultado de uma propaganda secreta do judaísmo, um movimento religioso conhecido com o nome de heresia judaizante. De acordo com cronistas russos, o iniciador dessa heresia foi o douto judeu Sjaria (Zejarya) que, junto com alguns correligionários, havia emigrado de Kiev para a velha cidade russa de Novgorod. Aproveitando a inquietação religiosa que então imperava em Novgorod, uma nova seita — a dos strigolniki (chamada assim pelo seu fundador Carp Strigolnik) — havia feito aparição na cidade, onde proclamou a derrogação dos ritos cristãos e até negou a divindade de Cristo. Zejarya acercou-se de vários representantes do clero ortodoxo e logrou convertê-los ao judaísmo. Os propagandistas da apostasia de Novgorod, os sacerdotes Denis e Aleksei, transferiram-se em 1490 para Moscovo e converteram ali grande número de gregos ortodoxos, alguns dos quais se submeteram inclusivamente ao rito da circuncisão. Bem depressa a heresia judaizante se instalou entre a nobreza de Moscovo e nos círculos cortesãos. Entre os seus aderentes figurou Helena, nora do Grão-Duque.»

Henadio, Arcebispo de Novgorod, denunciou a perigosa propagação da heresia judaizante e fez valentes esforços para extirpá-la da sua diocese. Em Moscovo, a luta contra a nova doutrina tornou-se extremamente difícil. Mas também ali se conseguiu finalmente contê-la, mercê da vigorosa acção de Henadio e de outros fanáticos da ortodoxia. Por decisão do Concílio Eclesiástico de 1504, apoiada pelas ordens de Ivan III, os principais apóstatas foram queimados vivos e os seus partidários encarcerados ou recolhidos em conventos. Como resultado dessas medidas, a heresia judaizante deixou de existir»... Terminava a enciclopédia judia referida com este muito interessante comentário: «As tendências judaizantes, porém, não desapareceram nunca entre o povo russo, e ocasionalmente manifestaram-se, séculos mais tarde, de forma que alarmaria o governo imperial.» [291]

A quinta coluna judia na Igreja Ortodoxa Russa foi-se for-

[291] «Enciclopédia Judaica Castelhana». Ediç. cit. Tomo IX. Vocábulo *Rússia.*

talecendo depois com as sucessivas conversões simuladas dos hebreus ao cristianismo russo. No século XVII houve grandes conversões aparentes de hebreus, que, fingindo serem bons cristãos, no fundo do seu coração e em segredo continuavam a ser hebreus e odiavam a Rússia tradicional.

Estes judeus subterrâneos foram conhecidos no judaísmo com o nome de shobatnik; e têm-se feito vários estudos sobre eles, entre os quais se pode citar o do destacado dirigente do judaísmo, distinto Chacham Joseph Israel Benjamim, que fez uma compilação de dados históricos com relação aos shobatnik e a publicou em Tlemsan, Argélia, sob o título de «Four Years War of the Poles against the Russians and Tartars 1648-1652».

O Czar Nicolau I quis solucionar o problema judeu recorrendo ao trágico erro de fazer pressão sobre os hebreus para que se convertessem ao cristianismo, o que deu o desastroso resultado de as conversões, na sua imensa maioria, serem fingidas, seguindo os israelitas a prática pública de um cristianismo insincero, enquanto que em segredo continuavam a ser tão judeus como antes e faziam ordenar de Popes os seus filhos, infiltrando-os nas jerarquias do clero ortodoxo, tal como o faziam os seus irmãos criptojudeus nos cleros católico e protestante.

É justo reconhecer, no entanto, que tanto os Czares como a Igreja Ortodoxa e o povo russo resistiram tanto quanto puderam à entrada dos hebreus na Rússia, os quais, inicialmente, se introduziram de forma clandestina, cobertos com a máscara do cristianismo, a partir da Ucrânia. E mesmo quando o fizeram em grandes massas, sobretudo a partir do momento em que a Rússia conquistou grande parte da Polónia, a Igreja Ortodoxa, o Estado e o povo continuaram a lutar heròicamente contra as comunidades hebreias que chegaram a ser as mais numerosas do mundo, até que, com a ajuda do judaísmo internacional, conseguiram os israelitas triunfar primeiro na revolução de Março de 1917 e depois na revolução bolchevique de Outubro, cujo triunfo se ficou a dever também de forma decisiva ao apoio da quinta coluna judia introduzida na Igreja Ortodoxa Russa. De outra maneira teria sido impossível que um Partido Comunista tão raquítico, que tinha, num país de mais de cem milhões de habitantes, apenas uns quantos mil partidários, houvesse podido triunfar tão rápida e fàcilmente. Venceu porque os quinta-colunistas criptojudeus, donos de posições-chave no clero ortodoxo e nos partidos e organizações direitistas centristas e da esquerda moderada, sabotaram as defesas da Rússia tradicional e, com malévolas intrigas, desprestigiaram e anularam aqueles que teriam podido salvá-la. No momento decisivo, o judeu Kerensky e seus cúmplices entregaram o poder nas mãos

da pandilha de criminosos hebreus que tiranizam o povo russo desde então até agora.

Enquanto a pandilha israelita de Lenine impunha à Rússia a sua ditadura sangrenta, mandava assassinar Arcebispos, Bispos, Popes e clérigos de toda a jerarquia, sinceros na sua fé, os quais iam sendo substituídos por judeus vestidos de sotaina, como o denunciaram ao mundo livre os intelectuais fugidos dos países dominados pela besta. Estes judeus comunistas, com hábito sacerdotal, cuja existência provaremos no segundo tomo desta obra, ocuparam o Patriarcado e os Bispados da antiga e heróica Igreja Ortodoxa Russa, a qual, embora por desgraça para nós os católicos tenha secundado o lamentável cisma de Constantinopla, lutou encarniçadamente para salvar a nação de cair nas garras da Sinagoga de Satanás.

Na actualidade, como o denunciaram à humanidade livre os Bispos exilados da autêntica Igreja Ortodoxa, tanto o Patriarca de Moscovo como os restantes padres são simplesmente agentes comunistas vestidos com roupagem clerical, que utilizam a sagrada investidura para fazer propaganda bolchevista, com o fim de facilitar de diversas formas o triunfo do comunismo, debilitando as defesas do mundo livre e querendo-o enganar com o mito de que o comunismo não persegue a Igreja e de que se pode chegar a uma convivência pacífica com o marxismo ateu, convivência que, como já sabemos, não tem outro objectivo que levar a Santa Igreja Católica a concertar pactos com o Anticristo, para desmoralizar e anular a acção dos russos exilados e dos patriotas da Polónia, Hungria, Roménia, Jugoslávia e demais países tiranizados, empenhados em lutar surda mas tenazmente por libertar suas nações do jugo criminoso e sangrento dos judeus marxistas. Estes pactos com o demónio acabariam por desmoralizar também os cristãos dos Estados Unidos, que estão fazendo tantos sacrifícios, esmagados pelos impostos, para financiar a defesa do mundo livre.

O povo norte-americano, já muito impressionado pelas traições de bastantes dos seus governantes, acabaria por se descoroçoar se se apercebesse de que a Santa Igreja lança as suas ovelhas às fauces do lobo e pactua com o diabo.

É isto que estão a planear os judeus e comunistas para o actual Concílio Ecuménico, e, segundo temos conhecimento, vão empregar com tal fim os comunistas vestidos de sotaina que usurpam as jerarquias da Igreja Ortodoxa Russa, assim como esse Conselho Mundial das Igrejas, que controla grande parte das Protestantes, e que tem sido repetidamente acusado na Imprensa dos Estados Unidos, por patriotas também protestantes desse país, de traição ao protestantismo, aos Estados Unidos e

ao mundo livre, visto que tem sido de notória cumplicidade com o Kremlin e traição ao mundo livre.

Mas a assistência de Deus Nosso Senhor à sua Santa Igreja, estamos certos de que fará fracassar uma vez mais as ameaças do dragão infernal e da sua Sinagoga, fazendo que surjam no Santo Concílio novos Santos Atanásio, Ambrósio, João Crisóstomo ou São Bernardo, que neste momento de crise façam fracassar os planos sinistros do comunismo judaico e da sua quinta coluna no clero, embora eles já cantem vitória crendo assegurado o controle do Concílio, no qual afirmam que farão aprovar reformas para arruinar definitivamente a Igreja e fazer triunfar o comunismo internacional.

Entre as manobras urdidas para preparar a derrogação da bula de excomunhão do comunismo e o estabelecimento da convivência pacífica com o Anticristo, e judiaria do Kremlin, em combinação com os padres quinta-colunistas, têm planeado que, de forma súbita, as autoridades soviéticas ponham em liberdade Bispos e padres que têm encarcerados há muitos anos, que serão passeados em triunfo pelas ruas de Roma; o envio de felicitações a S. S. o Papa e ao Santo Concílio, por parte das autoridades comunistas, e outros gestos de amizade que, pelo aparato, quebrem a vontade dos Padres do Concílio de continuar a lutar contra o comunismo, para darem a sua aprovação à política de convivência pacífica, que querem impor à Igreja, o judaísmo e seus satélites no alto clero. Os comunistas são muito bons negociantes; desejam em troca de uns quantos gestos de boa vontade que se destruam as defesas da Igreja contra o marxismo e se estabeleça uma ilusória convivência pacífica, que não tem outro objectivo que afastar a Santa Igreja da luta contra o comunismo ateu, para que este possa dominar mais fàcilmente o mundo. Em troca de concessões relativamente de pouca monta, querem obter vantagens substanciais que lhes permitam conseguir a vitória sobre o mundo livre. Se realmente têm vontade de fazer as pazes com a Santa Igreja, por que não suprimem do comunismo o seu materialismo ateu? Por que não tiram às católicas Polónia e Checoslováquia o jugo da escravidão que lhes impuseram, retirando dos seus territórios as tropas soviéticas e permitindo a celebração de eleições livres? Por que não fazem o mesmo nas outras nações cristãs que têm avassalado? Por que não suprimem a difusão de propaganda anticristã e anti-religiosa, destinada a despojar de suas crenças os fiéis cristãos? Mas querem que a Igreja fique atada pràticamente de pés e mãos, deixando que a besta vermelha vá engolindo o mundo inteiro, em troca de uns quantos gestos de ilusória boa vontade, que de maneira nenhuma estão de harmonia com as concessões que em troca delas querem obter.

Um culto universitário romeno que fugiu da tirania comunista para se refugiar no Ocidente dá-nos uma valiosa informação sobre a situação actual da Igreja Ortodoxa Russa, da qual tránscrevemos a seguinte passagem: «Entre os milhares de padres assassinados pelos judeus na Rússia contam-se:

«O Metropolita Veniamin de Petrogrado.
«O Bispo Pantelimon de Polosky.
«O Bispo Nokodim de Bielgorodsky.
«O Arcebispo Grigory de Ecaterinenburg.
«O Arcebispo Leontie de Arkanghelsk.
«O Arcebispo Tihon de Voronej.
«O Metropolita Wladimir de Kiev.
«O Bispo Mitrofanis da província de Arkanghelsk.
«O Arcebispo Vasily de Chernikovsky.
«O Bispo Makarie Orlovsky do bispado russo do Norte.
«O Arcebispo Andronik de Perm.
«O Bispo Ambrozie de Wiatka.
«O Bispo Ermoghene de Tobolsk.
«O Bispo Grigorie de Novgorod.
« O Vigário Isidor de Novgorod.
«O Bispo Pimin, do Turquestão.
«O Bispo Efrem de Wladivostok.
«O Bispo Laurentius, de Nijinovgorod.

«Tal como as igrejas, foram encerrados todos os conventos, os seminários e as imprensas da Igreja. Toda a organização eclesiástica foi destroçada e proibido qualquer culto cristão. A religião (não judia, naturalmente) era considerada pelos judeus, conforme havia dito Lenine, como o «ópio do povo».

«Depois de terem destroçado tudo e assasssinado milhões e milhões de cristãos, os sátrapas judeus da Rússia comunista encontraram-se na necessidade política de reivindicação aparente da liberdade religiosa, capaz de enganar os povos cristãos ainda livres, a fim de minorar a hostilidade dos cristãos para com o regime comunista.

«Os assassinos do Kremlin (continua a informar o escritor romeno Traian Romanescu) encontraram com efeito um dos seus capaz de interpretar o papel de «Patriarca de Moscovo» e de dar a impressão de que a Igreja Ortodoxa Russa havia renascido. Este comunista, ao qual se pôs barba e sotaina, transformado em «Patriarca», não é cristão. É um judeu de Odessa, Ucrânia, e sua família era, antes da revolução, proprietária de uma casa de tolerância no porto de Odessa. A actual Igreja Ortodoxa Russa não é mais que um instrumento disfarçado do regime comunista e os seus representantes no estrangeiro, como os Bispos russos ortodoxos da América do Norte, Paris e Jerusalém, são membros do serviço secreto soviético, tão perigosos

como os espiões soviéticos que vêm ao Ocidente como diplomatas.» [292]

A exposição de factos que temos transcrito da obra «A Grande Conspiração Judia», escrita pelo universitário romeno Traian Romanescu, elucida-nos claramente como os judeus assassinaram primeiro em massa os Bispos verdadeiramente cristãos, para depois entregar *manu militari* a direcção da Igreja Ortodoxa Russa à quinta coluna judia introduzida nela. Não é pois estranho que os quinta-colunistas infiltrados no clero católico possam entender-se fàcilmente com os seus irmãos criptojudeus do clero ortodoxo. Os factos escandalosos que iremos presenciar nos meses próximos só poderão surpreender os que ignoram o que acontece por detrás dos bastidores, usando as felizes palavras de Benjamim Disraeli.

[292] Traian Romanescu. «A Grande Conspiração Judia». Ediç. cit. Págs. 222 e 223.

CAPÍTULO TRIGÉSIMO TERCEIRO

OS JUDEUS PROPAGADORES DO CULTO A SATANÁS

Um alto dirigente do judaísmo do século passado, Adolto Jacob Franck, na sua interessante obra sobre a Cabala, referindo-se à demonolatria (culto dos demónios) dos hebreus, diz: «Se no judaísmo se encontram vestígios da mais sombria superstição, há que buscar sobretudo a causa do terror que inspira por sua demonolatria.» [293]

Esta confissão de que existiu demonolatria no judaísmo é de grande valor por vir de um alto dirigente da Sinagoga, que foi nem mais nem menos que vice-presidente em Paris do Consistório Israelita, máxima autoridade hebreia de França, colaborador dos Arquivos Israelitas e também conservador adjunto da Biblioteca Imperial nos tempos de Napoleão III.

Os judeus propagaram o culto a Lúcifer, primeiro em algumas seitas gnósticas, depois por meio das seitas secretas luciferianas e satanistas e, principalmente, por meio da magia diabólica, conhecida vulgarmente como magia negra, cujas doutrinas derivam da Cabala hebreia e cujos propagadores principais em todos os tempos têm sido os israelitas, constituindo o aspecto mais perverso da dita magia a sua adoração ao demónio.

Há que esclarecer que alguns sectores judeus cabalistas têm prestado sinceramente culto a Satanás em seus conventículos secretos, mas é indubitável que a maioria dos hebreus que difundiram o satanismo, sem darem crédito a tão horrenda superstição, só a usaram como um meio eficaz de subverter a sociedade cristã e preparar a sua destruição, convertendo o mau em bom e vice-versa.

Ninguém como os israelitas tem praticado da forma mais escandalosa o apotegma de que «os fins justificam os meios».

---

[293] Adolfo Jacob Franck. «La Kabbale en la Philosophie Religieuse des Hebreux». Pág. 151.

Que melhor forma de desmoralizar a sociedade cristã na Idade Média do que fazê-la adorar Satanás e aborrecer a Deus? A maldade do judaísmo, como se vê, tem pois limites incalculáveis. Por alguma razão Cristo Nosso Senhor chamou aos hebreus «filhos do diabo» e às sinagogas, «sinagogas de Satanás».

O satanismo foi outro dos tentáculos do povo, dessa grande revolução judia do século XII, que em alguns aspectos foi tão terrível ou talvez mais que a dos tempos modernos.

A escritora inglesa Nesta H. Webster afirma que: «Até fins do século XII estendeu-se até Estíria, Tirol e Boémia, inclusivamente até Brandenburgo; no princípio do século XIII havia invadido já o Ocidente da Alemanha», dizendo também a referida escritora que, depois, se estendeu até à Itália e França. [294]

É necessário fazer notar que, na época das Cruzadas e depois delas, milhares de judeus da Alemanha e do centro da Europa se converteram fingidamente ao cristianismo, tomando apelidos das famílias desses países, com o que se infiltraram e diluiram na sociedade cristã, engrossando a quinta coluna hebreia introduzida nela.

Esta invasão de falsos conversos foi seguida como sempre da propagação de heresias e movimentos subversivos, entre os quais desempenhou papel muito importante o satanismo.

A Boémia, onde as falsas conversões haviam inundado a Igreja, chegou a ser, como o Sul da França e o Norte de Itália, um verdadeiro fulcro das heresias, ocorrendo o mesmo que actualmente ocorre com a Suiça, que chegou a ser a cunha do protestantismo judaico de Calvino e Zwinglio, tendência distinta da do protestantismo nacionalista, em muitos casos anti-semita, que teve por caudilho Martin Lutero.

Eliphas Levi descreve as cerimónias da infernal invocação, contando que, para os assistentes, «é requisito necessário profanar as cerimónias da religião de que cada um depende e espezinhar os seus símbolos mais sagrados. Esta prática chega ao seu clímax com o ultraje ao Santíssimo Sacramento. A hóstia consagrada era deitada como alimento aos ratos, aos porcos e aos sapos e profanada de forma que é impossível exprimir.» [295] Através dos séculos provocaram-se verdadeiros escândalos ao saber-se de casos de judeus ou de conversos, inclusivamente clérigos criptojudeus, que roubaram as sagradas hóstias para realizar horrendos sacrilégios com elas nos seus conventículos secretos.

Por meio da magia, conseguiram os judeus, no seu ódio ca-

---

[294] Nesta H. Webster. «Secret Societes and Subversive Movements». Ediç. cit. Cap. IV.

[295] Arthur E. Waite. «The Misteries of Magie». Pág. 215.

pital contra Cristo, induzir também os cristãos, envenenados pelas doutrinas satanistas, a que fizessem o mesmo.

Nesta H. Webster, citando Deschamps, afirma que «nessa ciência das artes do demónio, da qual os judeus foram os iniciadores« e «na qual não pode ser ignorada a Cabala judia, se faz uma compreensiva análise da situação.» [296]

Uma autoridade insuspeita de anti-semitismo, o famoso Eliphas Levi, observa que «os judeus, os mais fiéis crentes nos segredos da Cabala, foram quase sempre os grandes mestres da magia na Idade Média.» [297]

Outra autoridade insuspeita de cumplicidade com a Igreja Católica, que acusou os judeus de disseminar a magia negra, é Voltaire, que na sua «Henriade», ao descrever uma horrenda cerimónia, diz: «O sacerdote deste templo é um desses hebreus que, proscritos na superfície da Terra e cidadãos do mundo», etc. E esclarece, numa nota posta à margem deste formoso verso, que «foi ordinário que os judeus foram utilizados para as operações mágicas; e que esta antiga superstição vem dos segredos da Cabala, da qual os judeus se chamam a si mesmos os únicos depositários.» [298]

Nesta H. Webster, depois de sereno e documentado estudo, conclui que «a demonologia na Europa foi de facto essencialmente uma ciência judia.» [299]

Monsenhor Meurin, Arcebispo-Bispo de Port Louis, citando Leo Taxil e o «Manual Cabalístico do Irmão Constant», grau 30 da maçonaria, diz: «Esta informação confirma a ideia, comum a quase todos os autores que se têm ocupado da magia diabólica, de que todas as ramificações e práticas da feitiçaria têm a sua origem na Cabala judia.» [300]

Sendo evidente também que os judeus fundadoras e dirigentes ocultos da maçonaria introduziram em algumas organizações franco-maçónicas o culto de Lúcifer, como o demonstra o profundo investigador na matéria Leo Taxil, o qual, referindo-se ao grau 20 de certos ritos, diz: «O Príncipe do Tabernáculo já está preparado para tal revelação maçónica, pois no grau 20 de grande Patriarca, adorou a estrela que brilha numa nuvem de ouro, que se lhe deu a conhecer como a Estrela da Manhã, por outro nome Lúcifer, escutando a exortação do Pre-

---

296 Nesta H. Webster. Ob. cit. Ediç. cit. Cap. IV. Pág. 78.

297 Eliphas Levi. «Dogme et Rituel de la Haute Magie». 1861. II. Pág. 220.

298 Voltaire. «Henriade».

299 Nesta H. Webster. Ob. cit. Cap. IV. Pág. 80.

300 Mons. Léon Meurin, S. J. Arcebispo-Bispo de Port Louis. «Filosofia da Maçonaria». Ediç. cit. Pág. 230.

sidente: Sê como a Estrela da Manhã, que anuncia a vinda do dia; ide levar ao mundo a luz, no nome sagrado de Lúcifer, afastai do obscurantismo.» [301]

Sobre o objectivo que perseguem com tudo isto os hebreus, que representa uma subversão total de valores, o ilustre sábio jesuíta, Arcebispo-Bispo de Port Louis faz a seguinte descrição: «Os nossos leitores sabem que, para desviar da verdade os espíritos dos seus adeptos, os judeus cabalistas cuidaram de trocar o valor das palavras. Assim: Deus é Satã e Satã é Deus. O Bem é o Mal e o Mal o Bem. A Virtude é o Vício e o Vício a Virtude. A Verdade é a Mentira e a Mentira a Verdade. A Luz é a Treva e a Treva a Luz. A Revelação é o Obscurantismo e o Obscurantismo a Revelação. A Religião é a Superstição e a Superstição é a Religião.» [302]

[301] Leo Taxil. «Les Frères Trois Points». Vol. II. Pág. 126.

[302] Arcebispo-Bispo de Port Louis, Monsenhor Léon Meurin, S. J. «Filosofia da Maçonaria». Ediç. cit. Pág. 232.

CAPÍTULO TRIGÉSIMO QUARTO

A IGREJA E OS ESTADOS CRISTÃOS ORGANIZAM A SUA DEFESA CONTRA A GRANDE REVOLUÇÃO JUDAICA MEDIEVAL

Perante a acção subversiva levada a cabo por essa rede de sociedades secretas diirgidas pelo judaísmo, cujas actividades puseram em perigo a Santa Igreja, os estados cristãos e toda a ordem de coisas então existente, os ameaçados apressaram-se a organizar uma defesa efectiva, em que participaram vários Papas sucessivamente, e, de forma destacada, o grande Inocêncio III, São Domingos de Gusmão, São Francisco de Assis, os Concílios Ecuménicos III e IV de Latrão e outros Sínodos Provinciais.

O mais assombroso foi que na organização desta eficaz defesa tenha tomado parte também um livre pensador, um incrédulo, inimigo encarniçado de S. S. o Papa Inocêncio III, ao compreender que a Europa estava prestes a sucumbir nas garras sangrentas dos judeus e de suas heresias. Referimo-nos ao Imperador Frederico II da Alemanha, que, pondo de lado suas pugnas com o Papado, teve a serenidade e a grande visão política de aquilatar em toda a sua magnitude o perigo de morte que pendia sobre as nações europeias. A Frederico importava-lhe mais talvez aslvar o seu povo que a Igreja, mas, por fortuna, a consciência desta mortal ameaça impediu que estorvasse a obra defensiva, e, o que é mais, contribuísse para ela de forma enérgica e eficaz. Oxalá que sigam o seu exemplo os patriotas alemães que lutam actualmente contra a besta, e, embora alguns possam ser incrédulos, não vão seguir a senda equívoca e nociva dos nazis ao adoptar uma posição anticristã. Os éditos do Imperador Frederico serviram em grande parte de base ao regime inquisitorial, visto que foram depois aprovados pelos Papas, demonstrando-nos a intervenção decisiva deste incrédulo, inimigo do Papado, que o perigo não só ameaçava a Igreja, mas a própria Europa, e que o regime inquisitorial foi indispensável para salvar esta de cair sob o domínio do imperialismo judaico.

A situação que actualmente atravessamos é tão grave como a do século XII, mas torna-se mais perigosa ainda se se tiver em conta que, nos nossos dias, nem as jerarquias da Igreja nem os governantes civis querem dar-se conta do perigo e preparar-se para a defesa, como se tivessem posto uma venda nos olhos; ou, quiçá, como se uma crise idêntica à que ocasionou o Cardeal criptojudeu Pierleoni se estivesse gerando na alta jerarquia, ao que parece muito minada por quinta-colunistas, dispostos, por todos os meios, a impor a venda diante dos olhos dos que poderiam salvar a Igreja e a cristandade.

Antes de passarmos ao estudo das medidas defensivas adoptadas contra o judaísmo e suas heresias nas Bulas de diversos Papas e nos Concílios II e IV de Latrão, faremos uma síntese neste capítulo das ditas medidas.

Como os judeus militantes pùblicamente impulsionavam por todos os meios as heresias revolucionárias que enfraqueciam a Europa e não desaproveitavam a menor oportunidade para conquistar e subjugar os povos cristãos, impunham-se desde logo medidas tendentes a evitar que estes estrangeiros daninhos e traidores continuassem fazendo tanto mal.

O mais importante era prevenir o seu contacto estreito com os cristãos, porque isso servia para os enganar e envenenar as suas consciências com doutrinas dissolventes. Para conseguir este fim, fizeram-se executar rigorosamente os Cânones dos Santos Concílios da Igreja, que através dos séculos haviam ordenado esta separação. Esses cânones, ainda que vigentes, estavam relegados ao esquecimento em várias regiões, bastando sòmente fazê-los cumprir pelas autoridades civis e religiosas. Posteriormente, foram sendo aprovados pelos Concílios Ecuménicos novos cânones, que conferiam vigência universal obrigatória à disposição referente ao sinal que deviam levar posto em seu vestuário os judeus, para que os cristãos os identificassem como tais e se cuidassem de suas fábulas, enganos e fraudes. Trazendo o sinal, se um hebreu intentasse pregar uma heresia ou a subversão da ordem social, ninguém lhe daria crédito, pois sabia que se tratava de um judeu tentador, contra cuja falsidade se preveniam constantemente os fiéis dos púlpitos das igrejas, e os clérigos, no ritual e na liturgia, de onde constavam frequentes alusões à perfídia judaica, entendendo-se como tal todo o conjunto de actividades subversivas, heréticas, de infiltração interna no clero da Igreja, e, em geral, todas as maldades que caracterizavam a acção do hebreu na sociedade cristã. Veio depois, para completar este quadro defensivo, a implantação do ghetto obrigatório, forçando-se os hebreus a morar num bairro especial de cada povoação, impedindo-os de viver

entre os cristãos e de os perverter com as suas deliquescentes doutrinas e intrigas.

Com o mesmo fim, foram excluídos dos Grémios de Artesãos, das nascentes Universidades e das instituições essenciais da sociedade cristã, livrando-as assim do seu domínio e evitando que as utilizassem para fazerem triunfar as suas repetidas conspirações contra a Santa Igreja e contra os infelizes povos que lhes haviam aberto suas fronteiras e oferecido cordial acolhimento.

Numa palavra, a Igreja e seus pastores aprestavam-se para cumprir com o dever de cuidar de suas ovelhas das ameaças do lobo, tal como Cristo Nosso Senhor o ordenou.

Nos nossos dias, os quinta-colunistas infiltrados na alta jerarquia do clero, pretextando supostas melhoras, pretendem que no actual Concílio Vaticano se aprovem certas reformas equivalentes a entregar as ovelhas nas garras do lobo, visto que planeiam na sombra facilitar ao comunismo a sua vitória e impedir que os povos se defendam do imperialismo dos judeus e de suas perversas conspirações, procurando que se aprovem pelo Concílio teses gerais e vagas sobre a unidade dos povos ou das Igrejas, que depois possam ser aproveitadas pelo comunismo, judaísmo, seus cúmplices e seus agentes no clero católico.

Enquanto a Santa Igreja e os estados cristãos tomavam as medidas anteriormente citadas para impedir ou quando muito diminuir a eficácia da actividade subversiva dos judeus públicos, dispensavam especialmente a sua atenção ao problema dos judeus secretos (hereges judaizantes) e dos seus movimentos subversivos (heresias diversas).

Dado que os judeus clandestinos apareciam em público como sinceros cristãos, viviam no exterior como piedosos católicos e até se infiltravam no clero, em muitos deles havia-se perdido com os séculos toda a noção e recordação de sua origem hebreia, o que tornou muito difícil localizá-los.

Infiltrados em todas as esferas da vida religiosa, política e social, eram muitíssimo mais perigosos que os hebreus que pùblicamente professavam a sua religião. Por outro lado, as seitas heréticas que organizavam funcionavam de forma parecida ao judaísmo clandestino, pois se os hereges viviam no exterior como católicos, as suas organizações e suas reuniões eram secretíssimas. Como seus ocultos directores, os judeus subterrâneos metiam-se por toda a parte, minando a sociedade cristã, sem que nem a Igreja nem o Estado pudessem evitá-lo. Só quando a conspiração estava madura e com força suficiente para dar um golpe decisivo, a seita fazia estalar uma dessas sangrentas revoluções que estremeceram e ensanguentaram a

sociedade medieval e que, se não houvessem sido aniquiladas por completo, teriam antecedido de vários séculos a catástrofe que pende agora sobre o mundo.

Era preciso pois extirpar esse tumor se os povos desejassem viver em paz, se a Igreja pretendesse salvar-se e salvar a sociedade cristã e se as nações cristãs não quisessem cair nas garras do judaísmo.

Todos compreenderam que, contra essa rede de organizações secretas, não era possível combater de outra maneira, mas sim utilizando uma organização, também de carácter secreto, capaz de destruir todos os tentáculos do polvo e sobretudo a cabeça, que é o judaísmo clandestino. Assim surgiu a ideia da constituição do Santo Ofício e da Inquisição.

A princípio, os Papas deram aos Bispos as funções inquisitoriais, mas ocupados os Prelados nos assuntos das suas dioceses, que lhes absorviam quase todo o tempo, muito pouco lhes restava para atender essas funções. A experiência demonstrou, pois, que a Inquisição episcopal era por tal motivo ineficaz, faltando-lhe além disso a devida coordenação.

O judaísmo clandestino estendera-se por todo o mundo cristão, e o mesmo acontecia com as suas heresias revolucionárias. O inimigo constituía uma organização de carácter interestatal ou internacional como se lhe chama agora, pelo que era impossível combatê-la à base de organizações de carácter local. Os tribunais civis, pelas mesmas razões apontadas, eram inadequados para alcançar os objectivos assinalados, pois os de um estado careciam de coordenação em relação aos do outro, coisa que lhes tornava impossível a organização de uma acção repressiva universal, indispensável para um inimigo que tinha tal carácter.

No meio da divisão da cristandade, desmembrada em vários Estados, alguns dos quais estavam divididos por surdas rivalidades, o Papado era o único laço de união, a única instituição de carácter interestatal que podia enfrentar um inimigo dessas proporções. A Inquisição Pontifícia foi pois indispensável para o efeito.

A princípio, alguns Bispos opuseram-se à medida, instigados pelos clérigos quinta-colunistas, mas, por fortuna, nesses tempos, o poder da quinta coluna era muito menor que nos tempos de Pierleoni e não pôde evitar a criação da Santa Inquisição Pontifícia, na qual os inquisidores funcionavam com o carácter de delegados do Papa, e que acabou por ser colocada sob a direcção de um grande inquisidor. Desta maneira, ficou constituído o organismo capaz de destruir o inimigo; e tê-lo-ia aniquilado se o judaísmo não tivesse podido capitalizar em seu proveito, por diversas vezes, a bondade natural dos Pa-

pas, abusando da sua boa fé para obter perdões gerais em benefício de criptojudeus e hereges, os quais, de um só golpe, destroçavam depois a obra realizada pelos inquisidores em muitos anos de laborioso trabalho. Esta bondade dos Papas foi aproveitada hàbilmente pelos judeus clandestinos para se salvarem de repetidas catástrofes e para poderem reorganizar-se com vista a nova investida. Assim, depois de três séculos, durante os quais a Santa Inquisição Pontifícia defendeu a Europa e a cristandade do domínio judaico, pôde a Sinagoga clandestina, perdoada uma ou outra vez, dar o golpe de princípios do século XVI, que desintegrou a cristandade e facilitou ao imperialismo judaico realizar, a partir dessa data, cada vez maiores progressos, que lhe permitiram por fim colocar a Santa Igreja e todos os povos do mundo frente da ameaça do comunismo ateu, assassino e tirânico.

O que durante esses três séculos tornou tão efectiva a defesa do sistema inquisitorial foi o haver afrontado o problema em todos os seus aspectos. A experiência havia demonstrado à Igreja que muitos sectários se mantinham impecàvelmente ortodoxos, de tal maneira que era impossível acusá-los da heresia, mas, de forma estranha, ao mesmo tempo que ostentavam indiscutível ortodoxia, prestavam aos hereges e aos movimentos herético-revolucionários um apoio tão valioso que, em muitas ocasiões, causavam mais dano à Igreja e aos povos cristãos que os próprios hereges manifestos. Numa palavra, estes indivíduos actuavam nas fileiras da ortodoxia em cumplicidade com a heresia e em benefício desta. Usando os nossos termos do século XX, podemos dizer que eram como uma quinta coluna da seita herética nas fileiras do catolicismo. E o que é mais, ostentavam a sua ortodoxia para alcançar na sociedade católica ou nas jerarquias da Igreja melhores posições, de onde realizassem um mais eficaz trabalho de espionagem em benefício da heresia e onde causassem mais estragos à Igreja, prestando os mais valiosos serviços à seita de que formavam parte.

Estes indivíduos, que sem serem hereges manifestos ajudavam de alguma forma a heresia e seus adeptos, foram chamados pela legislação canónica e pela Inquisição «fautores de hereges» ou «fautores da heresia», podendo ser castigado o seu delito com a degradação imediata, se se tratava de clérigos, e todos com as penas de prisão, confiscação de bens e até de morte, segundo os danos que haviam causado à sociedade cristã e à Igreja com o seu apoio directo ou indirecto à heresia. Aqui não se tratava meramente de um assunto religioso, pois não se tratava de demonstrar se o indivíduo era ortodoxo ou heterodoxo, mas um assunto meramente político, porque o que havia

que examinar era se de alguma forma o clérigo secular tinha ajudado a heresia e os hereges.

Ao dar este passo, a Santa Igreja e os Príncipes puseram o dedo na ferida e começaram a enfraquecer os movimentos revolucionários do judaísmo até derrotá-los por completo, uma vez que, até essa altura, o segredo dos triunfos judaicos estava radicado na acção da sua quinta coluna, quer dizer, dos fautores da heresia, que, mantendo-se impecàvelmente ortodoxos, escalavam as altas jerarquias do clero, para ajudar dali o judaísmo e suas heresias, ao mesmo tempo que, com intrigas e condenações, anulavam os verdadeiros defensores da Igreja.

Em fins do século XII, a Santa Igreja e os estados cristãos dirigiram todo o rigor da sua acção repressiva contra estes quinta-colunistas, podendo uma vez mais triunfar dos seus mortais inimigos, embora fosse apenas por três séculos mais. Pelo contrário, em nossos dias, estes fautores da heresia, Cardeais, Bispos e Padres de qualquer jerarquia, embora façam alarde de ortodoxia, ajudam por diversas formas os progressos dos movimentos e das revoluções maçónicas ou comunistas, atraiçoando a Igreja e as suas respectivas pátrias, sem que nenhuma degradação lhes sobrevenha por tão criminoso trabalho; ao mesmo tempo que, com furor inexplicável, atacam os governantes cristãos que defendem os seus países do comunismo, da maçonaria e do judaísmo ou condenam e desprestigiam os anticomunistas que procuram lutar contra uma ditadura vermelha.

Esta foi a razão capital dos triunfos maçónicos e comunistas no mundo católico, pois, ficando impunes, estes sucessores de Judas Iscariote aumentam cada vez mais a sua força, ameaçando já apoderar-se da Igreja inteira. Nos tempos da Inquisição Pontifícia, teriam sido sem dúvida encarcerados, degradados das ordens sacerdotais e nalguns casos até relaxados ao braço secular para sua execução. Sòmente assim, a cristandade, depurada desses quinta-colunistas, pôde fazer frente com êxito a todas as investidas do inimigo.

Mas a Santa Igreja e os estados cristãos não pararam aqui na sua obra de defesa, pois havendo alguns qué, sem serem hereges nem fautores de heresias, os encobriam, estabeleceram penas severas contra esses simples encobridores, fossem clérigos ou seculares.

Com isso fortaleceram-se grandemente as defesas da Igreja e da sociedade cristã, porque quando começou a degradação de clérigos fautores e encobridores de hereges e seu enérgico castigo, foram diminuindo os casos de Cardeais, Arcebispos, Bispos ou clérigos de outras jerarquias que ajudavam os movimentos herético-revolucionários, porque sabiam que, ao fazê-lo,

perdiam o posto e sofriam duros castigos. Nos nossos dias, um Arcebispo pode ajudar impunemente a maçonaria e o comunismo e atraiçoar a Igreja, porque sabe que, ainda que com os seus actos facilite o triunfo de uma sangrenta revolução maçónica ou comunista, sendo por isso responsável depois pelo assassínio de padres e da perseguição da Igreja, continuará a ocupar còmodamente a sua cadeira episcopal como se nada se tivesse passado. Em tudo isto devemos meditar, nós os que tanto interesse temos em salvar a Santa Igreja.

CAPÍTULO TRIGÉSIMO QUINTO

UM ARCEBISPO E SETE BISPOS PROCESSADOS POR ADORAREM LÚCIFER

Para darmos uma ideia da indignação popular que existia na Europa contra os movimentos heréticos, pelas razões antes apontadas, inseriremos o que o historiador anticatólico e inimigo da Inquisição, Henry Charles Lea, reconhece a tal respeito. Refere-se a um Cónego de Langres, que, acusado de heresia, havia sido enviado pelo Papa para que fosse examinado pelo Arcebispo de Sens e pelo Bispo de Nevers e que se desculpa em Roma, dois anos depois, nos seguintes termos: «Havia tido medo de se apresentar perante os seus juízes na altura designada, porque o sentimento popular contra a heresia era tão forte, que não só queimavam a todos os hereges, mas a todos os suspeitos de heresia, pelo que suplicava lhe dessem a protecção papal e licença para purgar sua culpa devidamente em Roma. Inocêncio de novo o enviou com ordens para que os Prelados lhe dessem um salvo-conduto e protecção até que o seu caso fosse devidamente decidido.» [303]

Este e outros factos do mesmo tipo mostram que as exortações dos Papas e dos Príncipes ao povo para que combatesse a heresia e denunciasse os hereges tornavam muito difícil o trabalho pernicioso dos clérigos envolvidos nestes movimentos subversivos, visto que, não obstante a sua investidura eclesiástica, expunham-se a ser queimados pelas massas populares.

É natural que, numa situação destas, os clérigos quinta-colunistas que antes traíam impunemente a Igreja e facilitavam os progressos das revoluções judaicas agora tivessem de se refrear, diminuindo consideràvelmente as possibilidades que a quinta coluna tem sempre de causar estragos à Igreja e aos estados cristãos.

Para a Santa Igreja, era e continua a ser mais perigoso

[303] Henry Charles Lea. «A History of the Inquisition of the Middle Ages». Ediç. cit. Tomo I. Pág. 307.

um clérigo que ajude hipòcritamente as heresias ou movimentos revolucionários anticristãos que um secular, visto que o clérigo, pela grande autoridade que lhe dá a sua investidura, tem possibilidade de causar maiores danos à causa católica. Por isso, na legislação canónica e civil que se aprovou contra as heresias, impôs-se a todos os fiéis a obrigação de denunciar imediatamente não só os hereges como os fautores de heresia, incluindo os clérigos, qualquer que fosse a sua jerarquia.

O citado escritor H. C. Lea, considerado como o mais importante historiador adverso à Inquisição, cita-nos um caso muito ilustrativo a esse respeito: «Em 1318, Jean de Drasic, Bispo de Praga, foi mandado a Avinhão, pelo Papa João XXII, para responder pela acusação feita por Frederico de Schonberg, Cónego de Wyscherad, que denunciava o Prelado como um fautor da heresia. A queixa estabelecia que os hereges eram muito numerosos e que tinham um Arcebispo e sete Bispos e que cada um deles possuia trezentos discípulos. O que se dizia acerca de suas crenças indicava que eram simultâneamente valdenses e luciferianos.» [304]

Como se vê, um fervoroso Cónego, cumprindo com o seu dever, acusou a tempo esse Bispo de Praga, não por herege, mas por ser fautor da heresia, quer dizer, porque, fazendo-se passar por ortodoxo, ajudava os movimentos subversivos, o que provocou que o Papa João XXII, que tanto lutou contra os judeus e hereges de todo o tipo, mandasse deter o Bispo traidor, enviando-o a Avinhão para que respondesse pela acusação.

É também interessante verificar que nessa região, segundo a acusação apresentada pelo piedoso Cónego, havia um Arcebispo e sete Bispos luciferianos, ou seja, adoradores de Lúcifer. Isto mostra-nos que os problemas que então ameaçavam a sociedade cristã eram tão graves como os actuais, só com a diferença de que, então, tanto a Santa Igreja como os estados cristãos se defendiam eficazmente do inimigo, enquanto que actualmente esses Bispos e Cardeais comunistas ou que favorecem o comunismo e a maçonaria o fazem livremente, com grave prejuízo para a Igreja e para os povos que nela têm depositado sua fé e confiança. É preciso reconhecer que S. S. o Papa João XXII é digno de toda a veneração e elogio, visto que neste, como noutros casos, obrou sempre com rapidez e energia contra os clérigos, sem distinção de jerarquia, que traíam a Santa Igreja.

---

[304] Autor cit. Ob. cit. Tradução francesa de Salomão Reinach. Paris, 1901. Tomo II. Pág. 515.

Compreendeu que o mal que podia fazer um Bispo luciferiano ou cúmplice dos luciferianos tinha de ser maior que o que poderia causar um simples secular; como na actualidade é maior o dano que causa um Prelado cúmplice do comunismo que o que pode causar um civil.

Esclarece depois Lea que os valdenses e os luciferianos, apesar de sua ideologia tão distinta, se haviam dado a mão, e que estes últimos esperavam que Lúcifer reinaria algum dia. [305]

Este estranho contubérnio entre duas seitas de ideologias tão opostas assemelha-se muito aos entendimentos que se notam agora entre alguns partidos chamados católicos e os socialistas marxistas, a quem por isso fazem o jogo de forma por de mais suspeita. A causa é a mesma. O judaísmo tem sido mestre em formar associações de diferentes ideologias para poder controlar indivíduos das ideias mais opostas e dos gostos mais distintos, mas quando é necessário unir forças contra os bons e conseguir o triunfo de suas revoluções, vêem-se na necessidade de constituir essas estranhas alianças, que constituem por vezes pedra de escândalo para os que desconhecem os segredos do judaísmo. O facto é que as associações de partidos de tão diversas tendências ficam controladas por um mesmo poder oculto que é o judaísmo subterrâneo.

Este Bispo de Praga, Jean de Drasic, fautor de hereges, parece ser digno antecessor do Arcebispo Beran, de Praga, Primaz da Checoslováquia, o qual, ao dar o comunista Gottwald o seu golpe de estado para implantar a ditadura bolchevique na Checoslováquia, recebeu o caudilho vermelho na Catedral com um *Te Deum,* perante a perplexidade geral do clero e dos católicos desse país. Com isto, e proibindo aos cristãos combater o regime comunista, o Arcebispo Primaz colaborou eficazmente para consolidar o triunfo da ditadura socialista do comunismo; e se bem que depois grande parte do Episcopado checo, indignado pela traição, se rebelou contra o Arcebispo Primaz, a desorientação que tudo isso provocou nas consciências dos católicos facilitou o triunfo do comunismo. Desde então, a Checoslováquia está tiranizada pelos vermelhos, que assassinaram grande quantidade de clérigos e cristãos.

Como pode ser justo que pela acção de clérigos traidores sejam assassinados e encarcerados os clérigos fiéis e perseguida a Santa Igreja? Mas Beran pagou sua traição. Depois de o terem aproveitado, os comunistas encarceraram-no. Que podem esperar os quinta-colunistas do clero de um regime socialista em que caudilhos da revolução soviética como Trotzky, Zinovief, Kamenef e milhares de outros foram depois assassinados

[305] Henry Charles Lea. Ob. cit. Tradução francesa. Tomo II. Pág. 515.

por seus irmãos de raça judia, Yagoda, Beria e Estaline? É penoso ter de recordar o que fez um Arcebispo Primaz em nossos tempos, mas mais penoso é que, para o triunfo comunista que ele facilitou, hajam sido assassinados tantos clérigos fiéis e sofra a Igreja tão penosa opressão na Checoslováquia. Por isso é preciso assinalar o mal; assim, os que puderem fazê-lo, devem tomar medidas para evitar que estas dolorosas traições se repitam.

Voltando ao virtuoso Papa João XXII, é evidente que o seu zelo em defender os fiéis das tentações do demónio se demonstra uma vez mais com o ocorrido a respeito de João Muscata, Bispo de Cracóvia, a quem o benemérito Pontífice aplicou uma severa reprimenda, não porque fosse herege ou cúmplice dos sectários, mas simplesmente por sua «brandura» e negligência, a favor das «quais» os hereges se haviam tornado audazes em sua diocese. [306]

Como se poderá compreender, com este tipo de Papas, a cristandade e a Humanidade nunca se teriam visto ameaçadas tão cruelmente pelo desastre que defrontam agora, e ter-se-ia evitado também tanta perda de almas para a Santa Igreja e tanto derramamento de sangue para os povos cristãos.

Parecerá estranho que tenha havido Bispos e Arcebispos luciferianos ou cúmplices do luciferianismo, como nos parece raro que na actualidade haja Cardeais ou Bispos que sejam criptocomunistas ou que, dizendo-se ortodoxos, ajudem o comunismo ateu. Na realidade, um homem que por piedosa vocação entrou muito jovem no sacerdócio, que foi escalando a jerarquia até chegar a Arcebispo ou Cardeal e que passou uma vida inteira ao serviço de Cristo, que possibilidade poderia ter de cair em tais aberrações? Que interesse poderia ter em ajudar naquelas épocas a causa do luciferianismo e agora a do comunismo ateu e assassino de sacerdotes? Este foi um problema sobre o qual os cristãos de todos os tempos sempre se interrogaram. O inimigo poderá dizer que sendo as aberrações luciferianas ou comunistas a verdade, e a Igreja o erro, induziram as primeiras a oferecer o seu apoio a muitos clérigos da maior jerarquia; mas, além disto, será notòriamente absurdo já explicámos como os factos puseram a claro que, uma vez introduzidos no clero os fanáticos judeus, cobertos com a máscara do cristianismo, realizam no seio do dito clero as mais perversas actividades de sabotagem em benefício dos interesses judeus ou de suas acções subversivas; por outro lado, esta é a actividade normal de todas as quintas colunas que no mundo têm existido, sendo a mais importante a criptojudia, dada a sua

[306] Henry Charles Lea. Ob. cit. Trad. francesa. Ediç. cit. Tomo II. Pág. 516.

milenária antiguidade e sua universalidade. Quando a Inquisição pôde investigar com eficácia casos deste género, verificou que esses clérigos de alta jerarquia que propagavam ou ajudavam as mais horrendas heresias, eram judeus secretos, ou, usando termos modernos, clérigos quinta-colunistas do judaísmo. Na realidade, esta é a explicação mais lógica de muitos casos tão surpreendentes como escandalosos.

Se na actualidade existisse um tribunal com meios de investigação tão eficazes como os da Inquisição, estamos certos de que se averiguaria que são judeus em segredo muitos desses Cardeais, Arcebispos, priores de conventos, Cónegos, sacerdotes e frades que com tanto empenho e ardor, se bem que com excessiva hipocrisia, favorecem os progressos e triunfos da maçonaria e do comunismo, ou defendem os judeus com um fanatismo e eficácia que jamais põem na defesa da Santa Igreja. É muito difícil conceber que homens que dedicaram toda uma vida à sagrada profissão do sacerdócio possam favorecer de boa fé movimentos tão desprestigiados, tão notòriamente criminosos e tão contrários à fé cristã e a toda a forma de moral. O mais natural é que sejam alguns desses judeus conspiradores que propiciam os ditos movimentos e que foram infiltrados desde a infância no clero como membros da quinta coluna.

Se um judeu (Pierleoni) foi capaz de chegar a Cardeal e de usurpar o trono de São Pedro, nada de estranho tem que os que escalem as altas jerarquias do clero actual utilizem sua investidura para ajudar o triunfo das revoluções judaicas e para destruir as defesas da Igreja, como o fizeram seus predecessores da Idade Média, segundo foi comprovado pela Inquisição e pelas autoridades civis e eclesiásticas daqueles tempos.

Na realidade, foi mais a acção dos clérigos traidores que a dos hereges das infantarias que obrigou a Santa Sé a organizar a Inquisição Pontifícia de forma eficaz, pois o Papa compreendeu que o maior perigo para a Igreja e para os povos cristãos provinha dos clérigos hereges, sobretudo daqueles que, mantendo-se ortodoxos aparentemente, ajudavam os movimentos subversivos.

O famoso historiador da Inquisição, Henry Charles Lea, cuja obra está baseada em crónicas, arquivos e documentos da época, afirma: «Disse-se algumas vezes que a Inquisição foi fundada a 20 de Abril de 1233, dia em que Gregório IX publicou duas bulas, fazendo da perseguição da heresia a função especial dos dominicanos... De facto, o objectivo imediato parece ser a castigo de sacerdotes e outros eclesiásticos, em relação aos quais havia uma queixa de que favoreciam os hereges, instruindo-os sobre o que deveriam fazer para lograr o exame, ocultando suas crenças e fingindo ortodoxia»... A outra bula está

dirigida «aos priores e frades da Ordem dos Pregadores Inquisidores», e, depois de aludir aos filhos de perdição que defendem a heresia, prossegue: «Portanto tu, ou qualquer de vós, onde quer que vos aconteça predicar, têm poder, a menos que eles desistam ao serem admoestados de tal defesa (dos hereges) de privar os clérigos de seus benefícios para sempre, e proceder contra eles, e contra os demais, sem apelo, pedindo ajuda, se for necessário, ao braço secular, e vencendo as oposições, se for preciso, com as censuras da Igreja, sem apelo.» [307]

[307] Ripoll 1.45.47 — C. 8-8, Sexto. v. 2. — Gregorius P. P. IX. Bulas «Ille humani generis; licet ad capiendos Potthast. Núm. 9143, 9152, 9235. Arquivo da Inquisição de Carcassonne (Doat XX XI-21 e 25) cit. por Henry Charles Lea. «A History of the Inquisition of the Middle Ages». Nova Iorque. Tomo I. Cap. VII. Pág. 328 e 329.

CAPÍTULO TRIGÉSIMO SEXTO

O CONCÍLIO III DE LATRÃO EXCOMUNGA E DESTITUI BISPOS E CLÉRIGOS QUE AJUDEM OU NÃO SE OPONHAM FORTEMENTE AOS HEREGES

O Papa havia posto o dedo na ferida. Era necessário um organismo especial que combatesse as actividades traiçoeiras dos clérigos, que mantendo-se na aparência ortodoxos ajudavam no entanto por diversas formas os movimentos subversivos do judaísmo, os quais, nesses tempos, tomavam a forma de heresias. Para isso, lançou mão de um corpo idealista de lutadores, que foram dedicados exclusivamente a combater as revoluções, escolhendo primeiro os frades dominicanos, a que se juntaram depois os franciscanos.

Os Prelados, absorvidos nos trabalhos de suas dioceses, não dispunham do tempo necessário para este género de actividades e o mesmo se podia dizer dos restantes membros do clero secular. Em contrapartida, as Ordens de São Domingos e São Francisco, organizadas à base de homens idealistas, com voto de pobreza e um grande zelo na defesa da Igreja e da cristandade, digno de imitação no clero, então regra geral apático e acomodatício como o dos nossos tempos, estavam indicadas para levar a cabo a gigantesca luta que iniciava a Santa Igreja contra os judeus e suas heresias.

Esses monges, que haviam renunciado ao mundo e às riquezas, eram incontroláveis pelo suborno, que foi sempre a arma decisiva dos hebreus para frustrar a defesa que, contra eles, organizaram, através dos séculos, os outros povos. Os judeus chegaram a comprar a peso de ouro disposições favoráveis para eles, de reis, nobres e altos membros do clero secular, mas o Papa compreendeu que fracassariam nas suas tentativas de fazê-lo, tratando com frades, os quais, além do voto de pobreza, viviam em suas comunidades com ausência de luxo e sujeitos a muito severas disciplinas de austeridade e sacrifício. Não podia ser pois mais inteligente e adequada a resolução da Santa Sé. Por coincidência, São Francisco de Assis e São Domingos de

Gusmão haviam fundado as suas beneméritas Ordens precisamente para salvar a Santa Igreja da catástrofe que a ameaçava, pelo que as dotaram de uma organização adequada, tendente a cumprir essas finalidades.

É verdade que já a Inquisição Episcopal havia funcionado antes e inclusivamente um começo de Inquisição Pontifícia, mas Henry Charles Lea tem razão em sustentar que a definitiva Inquisição Pontifical nasceu com essas duas beneméritas Bulas, que encarregavam os frades mendicantes da tarefa que lhe competia.

Outro problema que urgia solucionar era aquele que se relacionava com os monges que tinham ocupado todo o dia em orações e actividades impostas por sua Regra, que lhes absorviam todo o tempo nesses piedosos misteres, sem que pudessem dispor do suficiente para realizar uma acção eficaz de luta contra as forças do Anticristo. Os Papas compreenderam este grave problema e permitiram aos frades inquisidores que se especializaram neste género de actividade que dedicassem todo o tempo necessário para fazer a guerra de morte que empreenderam contra os judeus e seus satélites de outras heresias; ainda que, com isso, ficasse enormemente reduzido o tempo que dedicavam à oração e demais misteres impostos pela Regra. Esta acertada medida pôs ao serviço directo da defesa da Igreja legiões de frades, cuja actividade foi decisiva para o triunfo da mesma sobre as forças de Satanás.

Além disso, nos frades inquisidores conferia-lhes o Papa plenos poderes para que pudessem vencer as resistências, que sempre foram enormes, uma vez que a quinta coluna judia introduzida no clero não ia deixar-se anular sem uma resistência encarniçada. Dava-lhes também a possibilidade de receber ajuda do braço secular, quer dizer, das autoridades civis, para que aquilo que não pudessem conseguir pelo convencimento, o obtivessem com o uso da força. São Francisco de Assis e São Domingos, com a fundação das suas Ordens mendicantes, conseguindo vencer, como é sabido, a oposição de certos Bispos, contribuiram eficazmente para completar essa rede formidável de defesa que salvou a Santa Igreja e os povos da Europa de caírem nas garras do judaísmo, nos três séculos em que os Papas apoiaram em geral este estado de coisas.

No entanto, é justo fazer notar que, embora alguns Bispos de suspeitosa conduta se opusessem tenazmente tanto à fundação das Ordens de São Francisco e São Domingos como depois ao estabelecimento da Santa Inquisição, a imensa maioria dos Prelados, impregnados de virtude e santo zelo pela defesa da ordem cristã, apoiou e aplaudiu o nascimento das referidas instituições. É natural que a quinta coluna judia in-

troduzida no clero haja tratado de impedir a Santa Igreja da criação de tais defesas, destinadas a destruir a quinta coluna e a impedir que continuasse a causar tantos prejuízos. Todavia, todas as mentiras, tretas e calúnias dos quinta-colunistas, todas as suas sugestões e intrigas organizadas junto dos Papas e dos Concílios, quer para impedir a constituição de tais defesas, quer para desprestigiar e anular os defensores leais da Europa e da cristandade, fracassaram rotundamente perante a atitude firme e bem orientada de Papas do calibre de Inocêncio III, de Gregório IX ou de João XXII, pelo que foi possível que esta luta feroz terminasse uma vez mais com a vitória da Santa Igreja e a derrota da Sinagoga de Satanás.

Para que possamos dar-nos conta da imensa transcendência deste triunfo, basta comparar o obscuro século XII e os primeiros anos de XIII, que decorreram no meio da anarquia, de sangrentas lutas intestinas, da tremenda cruzada contra os albigenses, de «complots» sinistros e crimes constantes dos criptojudeus e dos seus instrumentos, os hereges, com o século XIII, que depois da ressonante vitória do catolicismo passou à História com o justo nome de «Século de Ouro da Igreja». Isto foi possível devido às medidas de defesa eficaz que adoptaram os povos europeus acaudilhados pela Santa Sé, na luta contra a Sinagoga de Satanás. Se não se tivessem adoptado tais medidas, o século XIII teria adquirido os caracteres sinistros que tem o sombrio século XX, e que as garras do judaísmo e das suas actuais heresias, a maçonaria e o comunismo principalmente, estão a ponto de estrangular a Humanidade.

Era também muito perigosa para a Santa Igreja e para a Europa a acção dos seculares, que, fingindo-se católicos de impecável ortodoxia e nalguns casos até inimigos da heresia, estavam no entanto em secreto contubérnio com ela, ajudando os sectários e os seus empreendimentos revolucionários dentro das próprias fileiras da ortodoxia, com o que causavam sérios prejuízos a esta.

Foram sem dúvida tais fautores de hereges, os precursores desses dirigentes seculares, ao que parece muito católicos, que hoje em dia, fingindo grande lealdade e adesão à Santa Igreja, utilizam partidos políticos democratas cristãos ou de tipo católico e direitista, que baptizam com muitos diversos nomes, para fazerem o jogo à maçonaria e ao comunismo, facilitando o triunfo das empresas que estes patrocinam. Há os que inclusivamente invadem e se apoderam da benemérita Acção Católica para realizar tão perversas actividades. Naqueles tempos este tipo de traidores que cometiam o delito de «ajudar os hereges», ainda que aparentemente se fingissem de católicos, foram também combatidos pela Santa Igreja com toda a ener-

gia, como fautores da heresia, tal como os clérigos que incorressem no mesmo procedimento.

O célebre e grande Concílio Ecuménico III de Latrão, iniciado no ano de 1179 na Basílica que usa esse nome, além de aprovar em seu Cânone XXVI uma série de medidas tendentes a evitar a estreita convivência entre cristãos e judeus, afirmando categòricamente que convém apartar os cristãos dos judeus que se admite viverem entre os povos cristãos «apenas por humanidade», entendeu condenar não só os hereges mas os que, sendo ortodoxos, ao menos em aparência, os ajudassem ou encobrissem.

Em seu Cânone XXVII, referindo-se aos hereges, diz: «Que já não exercem sua maldade ocultamente como outros, mas que manifestam o seu erro pùblicamente e atraem ao seu acordo os simples e os débeis. A eles e aos defensores deles e aos encobridores, decretamos que fiquem sob excomunhão, e proibimos que não os tenha ninguém em suas casas ou em sua terra ou pretenda exercer negócio com eles, sob pena de excomunhão. Mas aqueles que tiverem caído neste pecado, nem sob o pretexto de nossos privilégios, nem pelos indultos, nem por qualquer outra causa, possa ser feita oferenda por eles, nem possam receber sepultura entre cristãos.» [308]

Vê-se pois que nem só os hereges eram sancionados com a pena de excomunhão, mas todos os que os ajudassem ou os encobrissem, incluindo seculares e clérigos, porquanto este cânone estabelece as sanções contra tais delinquentes, sem fazer distinção sobre seu estado e condição.

Os dirigentes que lutam nos seus países por impedir que a maçonaria ou o comunismo os subjugue vêem-se constantemente atacados traiçoeiramente pelas costas, quando os supostos dirigentes católicos, clérigos ou seculares, dizendo servir a Igreja, na realidade estão ajudando hipócrita mas eficazmente ao triunfo das revoluções maçónicas ou comunistas ou actuam em favor das ditaduras que em muitos lugares as ditas seitas heréticas conseguiram estabelecer sobre os povos cristãos. Se os dirigentes anticomunistas, antimações ou antijudeus não atacarem o inimigo de dentro com a mesma energia e eficácia que ao inimigo de fora, acabarão por sucumbir vítimas dos assaltos traiçoeiros dos quinta-colunistas.

Por isso, além de desmascarar pùblicamente por meio da Imprensa ou de folhetos esses falsos cristãos que ajudam o inimigo, devem criar um organismo especial que acumule pro-

[308] Concílio Ecuménico III de Latrão. Cânone XXVII. Comp. de «Acta Conciliorum et Epistolae Decretales ac Constitutiones Summorum Pontificum». Studio P. Jeanni Harduini, S. J. Vol. VI. Parte II.

vas que demonstrem sua cumplicidade com a maçonaria ou com o comunismo ateu, segundo o caso, para que iniciem contra eles, perante os tribunais eclesiásticos, um processo canónico, acusando-os de hereges ou, se a sua ortodoxia fingida não o permite, quando muito de fautores da heresia, quer dizer, de cúmplices do comunismo ou da maçonaria. Dando a estes processos a publicidade adequada na Imprensa e enviando a Roma uma comissão que se encarregue de demonstrar a verdade, poder-se-á paralisar a acção destruidora que nas fileiras católicas realizam estes quinta-colunistas e evitar-se-á com isso que os bons sejam destruídos por dois fogos: o da esquerda judaica e o da direita criptojudaica, cúmplice em segredo da referida esquerda. Todos os partidos políticos defensores de suas respectivas nações devem pôr especial empenho nisto, se não quiserem sucumbir esmagados pela tradicional técnica da tenaz que utiliza o criptojudaísmo desde há muito tempo, permitindo-lhe a dominação de um povo atrás de outro e a destruição dos patriotas e dos autênticos defensores da cristandade. Devem dispor de peritos em direito canónico, pois existem inúmeros cânones de diferentes Concílios e Bulas dos Papas com os quais se podem basear acusações deste tipo contra os sucessores de Judas. Se não quiserem recorrer ao procedimento eclesiástico, ao menos que os desmascarem pùblicamente por todos os meios, até se conseguir que o público se defenda deles.

No final do dito Cânone XXVII aparece uma sanção adicional terrível contra os clérigos, não só sobre aqueles que ajudem os hereges, mas que simplesmente não «se oponham aos tais fortemente», consistindo o dito castigo na destituição fulminante de seus postos, inclusive das sés episcopais, no caso de se tratar de Bispos. O sagrado cânone, referindo-se aos hereges nele mencionados, ordena: «Mas os Bispos ou Presbíteros, que se não oponham aos tais fortemente, sejam castigados com privações de seu ofício, até que obtenham misericórdia da Sé Apostólica.» [309]

Esta é a resolução tomada por um dos Concílios Ecuménicos mais famosos e autorizados da Santa Igreja, o Concílio III de Latrão. Portanto, se nele se castiga com a destituição de seus postos os Bispos e clérigos que não se opunham fortemente aos hereges, que não merecerão esses Cardeais, Bispos e clérigos, que, além de se não oporem às heresias maçónicas ou comunistas, as ajudam de diversas formas, sendo os principais responsáveis dos triunfos da maçonaria e do comunismo

---

[309] Concílio Ecuménico III de Latrão. Cânone XXVII. Comp. de «Acta Conciliorum et Epistolae Decretales ac Constitutionis Summorum Pontificum». Ediç. cit. Vol. VI. Parte II.

judaicos nas últimas décadas e constituindo-se na principal arma secreta e fulminante que possuem essas seitas para conseguir suas vitórias? Para se salvar, a cristandade em nossos tempos necessita de pôr em prática estas defesas que a livraram em outros tempos, porque se o não fizer assim caminharemos para uma catástrofe certa.

Também é preciso realçar o papel que as ordens monásticas poderiam voltar a desempenhar agora na salvação da Santa Igreja e da Humanidade. Essas legiões de homens que tudo sacrificaram para servir a Deus podem agora, como na Idade Média, ser uma vez mais factor decisivo na vitória das forças do bem. Mas a dificuldade é novamente a mesma; as Regras rigorosas e a oração absorvem-lhes a maior parte do tempo ou, melhor dizendo, a quase totalidade, não lhes deixando a possibilidade de intervir na luta contra a Sinagoga de Satanás e suas novas heresias: a maçónica e a comunista. Nós apreciamos em tudo o que valem as Regras e as orações das ordens religiosas; mas não só a Santa Igreja como o mundo inteiro se estão a afundar, e cremos que, como no tempo dos Concílios de Latrão, chegou agora o momento de tomar uma resolução heróica. É agora urgente que, como então, se modifiquem as Regras das ordens, de forma a permitir aos frades dedicar parte do seu tempo, ou, se fosse possível, a maior parte do mesmo, à luta activa contra o comunismo, a maçonaria e a Sinagoga de Satanás, como o fizeram os monges inquisidores franciscanos e dominicanos na Idade Média, e como o realizaram depois os jesuítas. É inconcebível que enquanto o mundo se afunda, a Santa Igreja se vê ameaçada de morte e as próprias ordens monásticas afrontam perigo de extermínio, essas numerosas legiões de homens superiores, que estão dispostos a dar tudo por Deus, estejam paralisadas, sem tomar parte activa numa luta cujo resultado será vital para elas mesmas. A sua intervenção directa nesta nova cruzada poderia ser decisiva, sobretudo se se tomar em conta que cada ordem religiosa é em si mesma uma organização de carácter internacional e que os inimigos de Cristo, da sua Igreja e da Humanidade estão organizados internacionalmente, e só com associações do mesmo tipo se podem combater eficazmente. Que Deus Nosso Criador inspire os Padres Gerais e demais jerarcas das ditas ordens, para que tenham a coragem e tomem a resolução suprema de se colocar à altura das circunstâncias, adaptando as suas Regras às actuais e imperiosas necessidades. Claro é que terão de tropeçar com insidiosa e enérgica oposição da quinta coluna judia introduzida no clero e, sobretudo, dos criptojudeus infiltrados no seio das ditas ordens, cujas actividades características se apalpam em muito maior grau naquelas que mais teme a Sinagoga,

como a Companhia de Jesus, e em ínfimo grau noutras, mas agora, como nos séculos XII e XIII, os bons devem fazer um esforço supremo para vencer todos os obstáculos, sendo indubitável que os religiosos que com valor e resolução se lancem a tão nobre tarefa, ainda que se vejam combatidos como o foram o próprio São Domingos de Gusmão e São Francisco de Assis, contarão com a ajuda de Deus para triunfar.

CAPÍTULO TRIGÉSIMO SÉTIMO

O GRANDE PAPA INOCÊNCIO III E O FAMOSO CONCÍLIO IV DE LATRÃO IMPÕEM COMO BOM E OBRIGATÓRIO AQUILO QUE OS JUDEUS CHAMAM RACISMO E ANTI-SEMITISMO

S. S. o Papa Inocêncio III, reconhecido com justiça como um dos maiores Pontífices da Santa Igreja, desempenhou indubitàvelmente primeiríssimo papel na luta para salvá-la da demoníaca revolução criptojudia, incrementada no século XII, ao mesmo tempo que tornava possível o florescimento da cristandade no século XIII, que com toda a razão foi chamado o «Século de Ouro da Igreja». Mas para conseguir tudo isto era necessário primeiro combater eficazmente e dominar o inimigo capital do cristianismo, e de toda a Humanidade, isto é, a Sinagoga de Satanás, e, neste terreno, o ilustre Papa distinguiu-se, como em todas as suas santas empresas. Não é pois de estranhar que o rancor hebraico lance contra o benemérito Pontífice as mais venenosas invectivas.

O grande dirigente judeu Moses Hess, precursor do sionismo, colaborador de Karl Marx, de quem depois se separou e que teve tanto como este uma influência decisiva no mundo israelita do século passado e no desenvolvimento das ideias socialistas, disse sobre o Papa Inocêncio III, na sua obra intitulada «Roma e Jerusalém», textualmente o seguinte: «Desde que Inocêncio III concebeu o diabólico plano de destruir os judeus, que nesse tempo trouxeram a luz da cultura espanhola à cristandade, obrigando-os a coser uma insígnia de opróbrio nas suas roupas, processo que levou até ao recente plágio de um menino judeu, sob o regime do Cardeal Antonelli, a Roma papal converteu-se numa invencível fonte de veneno contra os judeus.» [310]

É no entanto importante fazer notar que a S. S. o Papa Ino-

[310] Moses Hess. «Rome and Jerusalem». *Translated and edited by rabbi* Maurice J. Bloom. Nova Iorque, 1958. Princípio do prefácio do autor, na página a que corresponde o número 7.

cêncio III lhe aconteceu o mesmo que a muitos homens piedosos que em princípio desconhecem em toda a sua magnitude a maldade judaica. Bombardeados pela hábil intriga dos hebreus, que lhes falam de injustiças, de atrocidades, e de que os israelitas não são maus como os pintam, acabam por crer que é indevido atacá-los, o que na realidade não tem sido mais que uma natural defesa dos povos por eles agredidos. Assim, no princípio do seu pontificado, Inocêncio subiu ao trono de São Pedro movido de compaixão para com os judeus, ditando em 1199 uma série de medidas tendentes a assegurar aos hebreus protecção no exercício do seu culto e na integridade da sua vida, do seu corpo e de suas propriedades. Influia sem dúvida também nesta política a ideia que acariciaram primeiro São Bernardo e depois o famoso ministro castelhano, Álvaro de Luna, de que era necessário evitar fazer-lhes aos judeus a vida impossível, obrigando-os a converter-se fingidamente ao cristianismo, com o que o judaísmo adquiria uma forma mais temível e perigosa. Era preferível que fossem hebreus declarados e não falsos cristãos que destruiam por dentro a Igreja. Esta ideia inspirou a política de alguns Papas que ofereciam tolerância e certa protecção aos judeus públicos, enquanto que por outro lado combatiam a ferro e fogo os cristãos judaizantes, criptojudeus que minavam a cristandade e ameaçavam destruí-la. Mas como no caso de Pio IX e de outros ilustres Pontífices, os golpes traidores dos hebreus e a comprovação de que estes eram o motor das heresias, obrigaram Inocêncio III a modificar a sua inicial política de benevolência.

Que de coisas não haverá ensinado a dolorosa experiência a este grande Papa, para o fazer trocar em poucos anos a sua inicial política de protecção aos hebreus por esse «diabólico plano para destruir os judeus», que o destacado e autorizado jerarca israelita Moses Hess atribui a Sua Santidade, o qual, por sua vez, demonstrou no Concílio IV de Latrão que estava disposto a combatê-los com a energia necessária para salvar a Igreja!

Com o fim de conseguir o objectivo, procurou estruturar devidamente a defesa da Santa Igreja perante os seus mortais inimigos, mediante uma reforma adequada e, para solucionar o assunto da liberdade da Terra Santa e outras questões capitais, convocou um novo Concílio Ecuménico, que é talvez o mais famoso dos reunidos pela Igreja, o Concílio IV de Latrão, que até esta data continua sendo luz que ilumina as consciências dos católicos. Além dos prelados, abades e priores que assistiram a ele, concorreram o Imperador de Constantinopla, os Reis de França, Inglaterra, Aragão, Hungria. Sicília, Jerusalém, Chipre, outros Príncipes destacados e Embaixadores de outros

Estados, inaugurando-se o Sínodo Universal em 11 de Novembro de 1215.

Que diferentes são essas inovações e reformas aprovadas em Latrão das que no próximo Concílio Vaticano pretendem impor os que estão servindo os interesses do judaísmo e do comunismo! Enquanto aquelas tendiam a fortalecer a Igreja na sua luta contra a sinagoga e suas heresias, as que agora reclamam o judaísmo e o comunismo, por intermédio dos seus agentes no alto clero, têm por objecto destruir as tradições básicas da Santa Igreja, impedir aos católicos toda a defesa contra o imperialismo judaico e abrir-lhe as portas ao comunismo, tudo naturalmente disfarçado como sempre com postulados tão formosos na aparência como enganosos, que só são utilizados como meio de encobrir finalidades ocultas, que tendem aos objectivos antes indicados. Pretextando lutar pela unidade dos povos, ou pela unidade cristã, postulados sublimes com os quais todos estamos de acordo, os quinta-colunistas desejam colocar a Santa Igreja sobre bases falsas que facilitem no futuro o triunfo dos seus ancestrais inimigos. O que interessa a estes não é precisamente modernizar a Igreja e adaptá-la aos tempos modernos, libertando-se de tradições caducas que já não têm razão de ser, mas precisamente destruir aquelas tradições que constituem a maior fortaleza para a Santa Igreja e que melhor a defendem contra os assaltos dos seus inimigos. Nós não nos opomos às reformas que facilitem à Igreja o cumprimento da sua missão e a reforcem contra os seus piores inimigos, que são o comunismo ateu e o judaísmo; o que consideramos um perigo mortal são essas pretensas reformas que tendem precisamente a conseguir o contrário, quer dizer, a facilitar a derrota da Igreja frente aos referidos adversários que também o são da humanidade livre.

O Concílio IV de Latrão deu vigência universal à disposição aprovada por Sínodos Provinciais, de que os judeus fossem assinalados por forma a poderem distinguir-se dos cristãos. Assim, o Cânone LXVIII ordena: «Para que não possam ter escape ou desculpa do abuso de tão daninha mistura «decretamos que os tais de ambos os sexos, em toda a província de cristãos e em todo o tempo, se distingam pùblicamente dos outros povos pela qualidade do vestuário, havendo-lhes sido isto mesmo mandado também por Moisés.» [311]

Este Concílio de Latrão é o que mais protestos e furor contra a Santa Igreja tem provocado sempre entre os hebreus,

[311] Concílio Ecuménico IV de Latrão, Cânone LXVIII comp. da «Acta Conciliorum et Epistolae Decretales ac Constitutiones Summorum Pontificum». Compiladas pelo P. Joannis Harduini, S. J. Paris, MDCCXIV. Tomo VII. Fólio 70.

sem tomarem em conta que essa Lei de Moisés, que eles dizem com tanto zelo observar, lhes ordenou se assinalassem pelo trajo, como o afirma o Santo Sínodo. Mas é que os judeus cumprem a Lei de Moisés no que lhes convém, e desobedecem-lhe também no que lhes faz jeito. Se, pela aprovação desse cânone, tanto se desgostam com a Santa Igreja, deveriam, se fossem lógicos, desgostar-se também com Moisés, que lhes deu essa ordem. Mas este mandato de inspiração divina haveria de ter as suas razões bem fundadas. Com efeito, quem pertence a uma organização virtuosa e boa pode ufanar-se de levar um uniforme, que perante todo o mundo o honre como membro da referida instituição; pelo contrário, se pertence a uma associação perversa, o uniforme será indubitàvelmente sinal de opróbrio perante todas as pessoas. Vê-se que o mandato de Deus pela boca de Moisés estava baseado na sua infinita previsão e sabedoria, uma vez que se a nação hebreia cumprisse com os seus mandamentos e obrasse com virtude, o sinal nas vestes seria um motivo de honra e orgulho; pelo contrário, se obrasse com maldade e perfídia, o dito sinal sê-lo-ia de vergonha e desonra, e serviria para que os demais povos se precavessem dos assaltos desse povo-seita perverso, que, de ser o escolhido por Deus, acabou, por suas maldades, convertido na Sinagoga de Satanás.

Por sua vez, o Cânone LXIX, confirmando leis canónicas anteriores, ordenou que os hebreus fossem eliminados dos postos de governo, visto que isso lhes permitia exercer funesto domínio sobre as nações cristãs. Com efeito, o dito sagrado Cânone LXIX manda: «— Para que não intervenham os judeus nos ofícios públicos. — Sendo assaz absurdo que o blasfemo de Cristo exerça a força do poder sobre os cristãos, sobre isto já decretou providamente o Concílio Toledano. Nós, por causa da audácia dos transgressores, o renovamos neste capítulo. Proibindo que os judeus intervenham nos ofícios públicos, já que por esse motivo são lesados muitos cristãos. Mas se alguém os admitir a tal ofício, mandamos que por Concílio Provincial (que prescrevemos seja celebrado cada ano) seja reprimido com o rigor que convém, uma vez que haja sido dado o aviso. E do mesmo modo lhe seja negada a sociedade dos cristãos nos comércios e em outras coisas... E demita com pudor o ofício que irreverentemente assumiu.» [312]

O Cânone LXVII trata de reprimir a tendência judaica que já temos estudado de despojar os cristãos dos seus bens, e que na Idade Média geralmente conseguiam por meio de cruel usura.

---

[312] Concílio Ecuménico IV de Latrão. Cânone LXIX. Colecção de: «Acta Conciliorum et Epistolae Decretales ac Constitutiones Summorum Pontificum». Compiladas pelo P. Joannis Harduini, S. J. Tomo VII. Ediç. cit. Fól. 70.

Com efeito, o dito Cânone LXVII ordena: « —*Das usuras dos judeus.* — Quanto mais lesada é a religião cristã pela exacção das usuras, tanto mais gravemente cresce sobre estas a perfídia dos judeus, de tal modo que em breve tempo arruinam os bens dos cristãos. E para que não sejam agravados excessivamente pelos judeus: Decretamos em decreto sinodal que se sob qualquer pretexto os judeus arrancarem dos cristãos fortes e imoderadas usuras, lhes sejam tiradas pelos cristãos afectados enquanto satisfizerem completamente o imoderado gravame. Também os cristãos, se for necessário, proposta a apelação pela censura eclesiástica, sejam compelidos a abster-se de comércio com aqueles».

«E acrescentamos aos Príncipes que, por causa disto, não sejam lesados os cristãos, mas que tratem de conter melhor os judeus de tanto gravame.» [313]

Como se vê, este documento incontrovertível, das Actas de Latrão, e que acusa a perfídia dos judeus de arruinar depressa as riquezas dos cristãos, confirma-nos uma vez mais a tendência hebraica, baseada nos seus livros sagrados do Talmude e da Cabala, de arrebatar a cristãos e gentios os seus bens. As sinagogas têm sido, durante quase dois mil anos, mais que templos para prestar culto a Deus, os quarteis-generais da quadrilha de ladrões mais perigosa e potente de todas as idades, sendo indubitável que os demais povos têm um direito natural de legítima defesa, como o têm para cuidar de suas riquezas de qualquer outro bando de ladrões. E ninguém pode privar as nações desse direito, nem sequer os clérigos quinta-colunistas que, mais do que para servir a Deus, estão servindo os interesses do judaísmo.

Que diferente este Santo Concílio de Latrão de alguns supostos Concílios, que, ao contradizerem a doutrina e normas tradicionais da Igreja, têm sido na realidade verdadeiros conciliábulos como aqueles que, convocados pelo Papa, caíram nas garras dos hereges arrianos, ou aquele, reunido por Witiza, que já estudámos em capítulos anteriores. No Concílio Lateranense palpou-se claramente a inspiração divina, porque se respeitaram as tradições vitais e se fizeram algumas inovações, mas todas tendentes a defender as ovelhas das ameaças do lobo, e a combater este, personificado principalmente no judaísmo e seus movimentos heréticos

O Cânone LXX é dirigido contra os cristãos que em segredo são judeus, dizendo que são os tais que, embora voluntàriamente tenham tomado as águas do baptismo, não aban-

[313] Concílio cit. Colec. cit. Compilação pelo autor. cit. Ediç. cit. Tomo VII. Fólio 70.

donam o antigo homem (quer dizer, a sua anterior personalidade) para vestir o novo, e retendo as relíquias do rito anterior, juntam em tal mistura o decoro da religião cristã. Maldito o homem que entra na terra por dois caminhos, e que não deve vestir roupas tecidas com linho e lã. (À margem: Deut. 22). Decretamos que os tais sejam reprimidos pelos Prelados das igrejas, pela observância de qualquer maneira do antigo rito: Para que, aos que o arbítrio da livre vontade trouxe à religião cristã, os conserve em sua observância a necessidade de uma saudável coacção.» [314]

É interessante notar como coincide este Sagrado Cânone com a citação que fizemos de um autorizado escritor israelita, no sentido de que os marranos ou judeus secretos tinham duas personalidades, a cristã ostentosa e pública e a judia clandestina. É, pois, evidente que este diagnóstico é muito acertado, visto que o aceitam autoridades respeitáveis das duas partes em pugna. Por outro lado, vê-se claramente que nestas datas a coacção contra estes delinquentes estava a cargo dos Bispos, quer dizer, da chamada Inquisição Episcopal, o que confirma a opinião de Henry Charles Lea de que a Inquisição Pontifícia nasceu uns anos depois. Além disso, vê-se claro que é inexacta a afirmação que fazem muitos historiadores judeus de que as conversões simuladas de hebreus ao cristianismo foram obrigadas pela força, visto que aqui se fala claramente de conversões voluntárias, e se insiste neste ponto, o que demonstra que já nestes tempos as falsas conversões dos israelitas não eram forçadas, mas determinadas pelo facto de que assim convinha aos interesses dos judeus, o que se explica fàcilmente, pelas grandes possibilidades que lhes haviam aberto essas fingidas conversões, para e introduzirem na sociedade cristã e no clero, escavar os seus alicerces e facilitar a sua destruição.

Por muito menos do que aprovaram o célebre Papa Inocêncio III e o autorizadíssimo Concílio Ecuménico IV de Latrão, definindo a doutrina da Igreja, e normas a seguir, por muito menos são acusados de racismo e anti-semitismo muitos patriotas que defendem suas nações ou a Igreja do imperialismo judaico e de suas revoluções maçónicas ou comunistas. É indubitável que se este famoso Papa e o não menos célebre Concílio Lateranense tivessem existido em nossos dias, haveriam sido acusados de nazis e condenados por racismo e anti-semitismo, por esses Cardeais e Prelados que, tal como aqueles que ajudavam os adoradores de Lúcifer, e a outras judaicas heresias, es-

[314] Concílio Ecuménico IV de Latrão. Cânone LXX. Colec., de «Acta Conciliorum et Epistolae Decretales ac Constitutiones Summorum Pontificum». Compilação do P. Joannis Harduini, S. J. Paris, MDCCXIV. Tomo VII. Fólio 70.

tão mais ao serviço dos inimigos de Cristo do que da sua Santa Igreja. Por isso são tão perigosas as ponências planeadas nos escuros conventículos da Sinagoga e do comunismo que se propõem obter a condenação do anti-semitismo pelo Concílio Vaticano em preparação; porquanto, se se obedecesse à exigência hebreia, poderia parecer que a Santa Igreja se contradiz a si mesma e que o que antes disse que era bom agora diz que é mau, com gravíssimo perigo de que se quebrante a fé que nela têm os fiéis. Mas isso não importa aos agentes do judaísmo no alto clero, uma vez que aquilo que desejam precisamente é enfraquecer a fé religiosa dos católicos e conseguir que as igrejas se vão tornando desertas. Estamos certos de que os Padres do Concílio obrarão em tudo com suma cautela, estudando detidamente as Bulas Papais. Concílios Ecuménicos, doutrina dos padres e dos santos, que consideraram como boa e necessária a luta contra os judeus, para não incorrerem em contradições que causem prejuízos fatais à Santa Igreja. Terão de vencer sem dúvida a tenaz resistência da quinta coluna judia no clero, que estendeu os seus poderosos tentáculos ao Episcopado e ao Corpo Cardinalício, mas temos fé que nesta como noutras ocasiões semelhantes os bons, com a ajuda de Deus, poderão triunfar sobre os maus.

CAPÍTULO TRIGÉSIMO OITAVO

FRADES, FREIRAS E PRELADOS CRIPTOJUDEUS

O historiador inglês do século passado, James Finn, na sua citada obra «Sephardim or the History of the Jews in Spain and Portugal», referindo-se aos judeus que viviam em ambos os países, cobertos com a máscara do catolicismo, assegura: «Eles assumiram apelidos heráldicos, adquiriram as cruzes da cavalaria, ascenderam aos Bispados, e, mais ainda, chegaram a ser juízes na Inquisição, permanecendo ainda judeus. Orobio declarou que em Amsterdão conheceu judeus que faziam penitência vicarial nas sinagogas, pelos seus irmãos simuladores que eram franciscanos, dominicanos e jesuítas em Espanha.» [315]

Esta obra, que foi editada pela Imprensa da Yard na Catedral Anglicana de São Paulo, confirma-nos o que autores hebreus já têm afirmado, no sentido de que os judeus clandestinos se infiltraram na Ordem de São Domingos, para depois se introduzirem por sua vez no Santo Ofício da Inquisição, com o fim de espiar por dentro a organização secreta destinada a destruí-los e paralisar ou, quando muito, a tornar ineficazes as suas actividades, sendo esta outra das tácticas tradicionais da sinagoga, consistente em infiltrar-se nas polícias secretas destinadas a combatê-la, para evitar as possibilidades de uma luta eficaz contra o judaísmo. Assim o fizeram com a Okrana czarista e se diz que também o conseguiram com a Gestapo, apesar de todas as precauções tomadas para evitá-lo, uma vez que ambas as polícias, tal como a Santa Inquisição, conheciam o problema da infiltração judia e tratavam de precaver-se contra ela.

A infiltração criptojudia dentro dos postos de juízes inquisitoriais de que fala a obra inglesa mencionada punha nas

---

[315] James Finn. «Sephardim or the History of the Jews in Spain and Portugal». London Printed, por J. G. F. *and* J. Rivington. St. Paul's Church. Yard London, 1841.

mãos dos hebreus a possibilidade de tornar ineficaz a luta do Santo Ofício contra o criptojudaísmo.

O autorizado escritor judeu Cecil Roth, na sua célebre «História dos Marranos», conta-nos a curiosa história de um judeu secreto que tomou as sagradas ordens ingressando no clero e também do culto que a Sinagoga rendia a Frei Diogo da Assunção, criptojudeu português, culto que era mais intenso na cidade de Coimbra. Com efeito Roth diz: «Havia ali um considerável grupo de cristãos novos ligados à famosa Universidade, dos quais, todos ou quase todos, eram adeptos devotos da fé ancestral. À cabeça deles estava António Homem, um dos indivíduos mais dotados da sociedade culta da sua época... bisneto de Moisés Boino (Buenos), mercador e médico judeu do Porto... Foi criado por sua mãe, Isabel Nunes de Almeida, que pertencia a uma velha família cristã. Educaram-no os jesuítas e estudou na Universidade da sua cidade natal, onde se graduou em Direito Canónico, em 1584. Em 1592, obteve um cargo na Faculdade. Durante a grande peste de 1599, prestou valiosos serviços, que lhe valeram um benefício eclesiástico, para gozar do qual ingressou nas Sagradas Ordens... Em 1614 designou-o a Universidade professor de Direito Canónico. Como tal, chegou a gozar de uma reputação inigualada. Alguns dos seus tratados conservam-se manuscritos. Com motivo da proposta canonização da Rainha Isabel de Portugal, foi convidado em 1612 a emitir o seu parecer a esse respeito. Conquistou, ao mesmo tempo, considerável prestígio como pregador e confessor... Não obstante, no período em que alcançou o zénite da sua fama como teólogo, António Homem volveu o espírito dirigente do grupo marrano, que florescia em Coimbra e que compreendia algumas das mais distintas figuras da Universidade. Figuravam entre eles André d'Avelar, leitor de Matemáticas, autor de um par de obras científicas, frade como Homem...». [316]

Depois de seguir o citado historiador hebreu e mencionado os destacados catedráticos da Universidade, que formavam parte do bloco de falsos católicos, judeus secretos, continua referindo-se a outro membro do círculo marrano: «Francisco de Gouveia havia nascido em Lisboa, em 1580. Depois de realizar brilhantes estudos, foi nomeado leitor de Direito Canónico da Universidade de Coimbra, assim como Arquidiácono de Vila Nova de Cerveira, além de outros cargos menores que retinha. Havia já escrito um livro importante, e estava para publicar

[316] Cecil Roth. «História dos Marranos». Editorial Israel. Buenos Aires. Ano 1946-5706. Cap. VI. Pág. 117 e 118.

vários outros. O inquisidor geral tinha-o em muita estima e recomendou-o especialmente ao Papa.» [317]

Num regime inquisitorial anti-semita como era nesses tempos o católico português, os factos narrados pelo israelita Cecil Roth mostram-nos de que forma o chefe dos hebreus secretos de Coimbra encobria as suas actividades criptojudias, introduzindo-se no clero da Santa Igreja, quer dizer, numa posição influente de organização inimiga, conseguindo por este meio ser incluído como professor de Direito Canónico e obter uma grande reputação de pregador e confessor. Imagine-se um sacrílego criptojudeu usando na sua qualidade de frade o confessionário como meio de espionagem! Se bem que isto seja horrendo, inúmeros documentos, tanto de fonte judia como eclesiástica, revelam-nos a abundância de casos similares, constituindo uma das causas que obrigaram muitas ordens religiosas a aprovar os chamados Estatutos de Limpeza de Sangue, com os quais se proibia o acesso nas ditas ordens a católicos descendentes de judeus, porque se tinham múltiplas provas de que quase todos eram judeus em segredo.

Como é natural, a ordem dos frades pregadores foi a que mais rigorosamente aplicava os Estatutos de Limpeza de Sangue, pois sendo especialista na luta contra o judaísmo, via com mais clareza que os outros a sua necessidade.

No entanto, vimos já que apesar disso, segundo confissão de autorizados escritores hebreus, os marranos chegaram a infiltrar-se na dita ordem e chegaram a ser juízes da Inquisição.

Isto deveu-se sem dúvida ao facto de, não obstante no Império Espanhol, assim como no português, se ter obrigado toda a gente a fazer uma árvore genealógica de várias gerações, houve grande quantidade de criptojudeus cuja identidade se não descobriu pela simples razão de muitas conversões fingidas, como temos visto, se haverem realizado pelo menos mil anos antes da elaboração dessas árvores genealógicas, tornando pràticamente impossível remontar-se até tão remotas idades.

Portanto, se em Portugal, Espanha e seus respectivos impérios ficaram judeus sem identificar, apesar das árvores genealógicas remontarem a seis ou mais gerações, é fácil supor o que se haverá passado na Alemanha nazi, onde se limitaram a fazer a investigação só em três gerações. É claro que grande seria a infinidade de judeus secretos infiltrados no regime nazi com a qualidade de arrianos.

Os factos demonstraram que nos vastos domínios ultramarinos dos Impérios Espanhol e Português foram descobertos

[317] Cecil Roth. «História dos Marranos». Editorial Israel. Buenos Aires. Ano 1946-5706. Cap. VI. Págs. 117 e 118.

pela Inquisição judeus clandestinos, tanto no alto clero como nos postos de governo e demais sectores da vida social, judeus que apareciam como cristãos velhos, quer dizer, como católicos limpos de sangue hebreu, com direito de acesso em todas as partes e também com direito a ocupar postos dirigentes de toda a índole.

Voltando à relação do historiador israelita Cecil Roth, sobre a organização dos judeus secretos de Coimbra (Portugal), aquele anota textualmente: «Algumas outras pessoas relacionadas com a Universidade erám também membros do pequeno grupo que incluia meia dezena de cónegos, vários médicos proeminentes e numerosos sacerdotes.

«Celebravam serviços (sinagogais) regulares numa casa do Largo das Olarias, em Coimbra, a que concorriam duas dezenas de pessoas, entre as quais alguns estudantes da Universidade. Conduzia-os um tal Diogo Lopes da Rosa. António Homem parece ter actuado como rabino.»

«O segredo foi finalmente atraiçoado. Em 24 de Novembro de 1619, a Inquisição prendeu Homem e enviou-o a Lisboa para que o julgassem. Depois de quatro anos e meio de prisão, sentenciaram-no à morte, por ser um herege contumaz e negativo. Morreu garrotado no auto-de-fé celebrado em Lisboa em 5 de Maio de 1624, sem haver de nenhum modo querido confessar sua culpa, e o seu corpo foi entregue às chamas ao mesmo tempo que outros oito membros do círculo (um dos quais morrera na prisão) foram entregues ao poder secular. Figuravam no grupo dos sacerdotes»... [318] Em continuação, o citado historiador israelita fornece dados interessantes; e, referindo-se a outro marrano do grupo, António d'Avelar; diz: «Seus dois filhos e quatro filhas, três das quais eram monjas, foram submetidos a processo por judaizantes»... «O escândalo teve vasta repercussão. Em 30 de Abril de 1629, os tribunais portugueses dirigiram-se a Filipe III informando-o de que em recentes autos-de-fé celebrados por eles haviam figurado além de três frades e alguns jesuítas três cónegos de Coimbra; outros seis, todos eles nomeados pelo Papa, encontravam-se sob prisão. O Rei foi, pois, convidado a não permitir que nenhum cristão novo (quer dizer, católico de sangue judeu) gozasse daí em diante de benefícios ou ingressasse nas Sagradas Ordens...» [319]

A narração que nos oferece este famoso historiador judeu faz-nos ver como um frade católico, na aparência fervoroso, catedrático de Direito Canónico, de grande fama como pregador

[318] Cecil Roth, Ob. cit. Cap. VI. Pág. 110.

[319] Cecil Roth. «História dos Marranos». Editorial Israel. Buenos Aires. Anos 1946-5706. Cap. VI. Págs. 119 e 120.

e confessor, além de ser o chefe dos judeus secretos de Coimbra, era, ao que parece, o rabino da sinagoga secreta instalada numa casa particular. Também nos mostra como ao grupo clandestino pertenciam frades, freiras, jesuítas e até Cónegos do respeitável Cabido Eclesiástico.

A Inquisição, durante seis séculos, com os seus eficazes meios de investigação, localizava e descobria este tipo de organizações judias clandestinas e suas infiltrações no clero da Santa Igreja, destruindo-as e pondo-as fora de combate, mas ao ser anulada primeiramente a Inquisição Pontifícia no século XVI e depois as Inquisições Espanhola e Portuguesa nos fins do século XVIII e princípios do XIX, as nações cristãs viram-se privadas das instituições que as defendiam contra as sinistras infiltrações e actividades da quinta coluna judaica, com o que se explica o facto de que, a partir desse momento, as revoluções cripto-hebraicas hajam conseguido em pouco tempo progressos gigantescos, ao contar agora para seu triunfo com a cumplicidade de um verdadeiro enxame de clérigos, que primeiro facilitaram os triunfos maçónicos e agora facilitam os do comunismo ateu.

A cristandade e o mundo inteiro necessitam de novas instituições que, se bem que adaptadas aos tempos modernos, sejam tanto ou mais eficazes que a Inquisição, para defender a Humanidade das acções de conquista do imperialismo judaico.

O fanatismo das mulheres israelitas, o mesmo que se manifesta nessas «leaders» vermelhas anticlericais, manifestavam-no essas freiras criptojudias que ingressavam nos mosteiros cristãos com a fanática missão de ajudar a triunfar os seus irmãos judeus.

A citada publicação da Editorial Israel, de Buenos Aires, confessa claramente o facto da existência dessa infiltração de criptojudias nos conventos de religiosas. Com efeito, diz: «Podia fazer-se uma longa lista de freiras e frades, alguns dos quais sofreram às mãos da Inquisição, ou concluíram sua vida como judeus», e na nota I desta mesma página pode ler-se: «Cabe mencionar a família de Manuel Pereira Coutinho, cujas cinco filhas eram freiras no Convento da Esperança, em Lisboa, enquanto que seus filhos viviam como judeus em Hamburgo, sob o nome de Abendana. Entre outras notáveis figuras eclesiásticas espanholas do século XVII de extracção judia deve mencionar-se o famoso dramaturgo e novelista Juan Perez de Montalván, íntimo amigo de Lope de Vega e que era sacerdote e notário do Santo Ofício.» [320]

Entre os clérigos quinta-colunistas que foram queimados

[320] Autor cit. Ob. cit. Págs. 73 e 74.

pela Inquisição houve alguns que são tidos como mártires pelo judaísmo internacional. Entre eles pode citar-se o famoso Frei Diogo de Assumpção, do qual diz o historiador hebreu Cecil Roth o seguinte: «Um dos mais ilustres mártires da Inquisição Portuguesa foi Frei Diogo da Assumpção, jovem frade franciscano, nascido em Viana, em 1579. Tinha em suas veias só uma pequena porção de sangue judeu... Foi-lhe impossível manter os seus pontos de vista em reserva. Como a sua situação se tornasse perigosa, intentou fugir para Inglaterra ou França, mas foi preso no caminho. Levado à presença do tribunal da Inquisição, confessou voluntàriamente as acusações feitas contra ele e manifestou a princípio arrependimento, mas mudou depois de atitude e orgulhosamente confessou-se adepto da Lei de Moisés... Em 3 de Agosto de 1603, aos vinte e cinco anos de idade, queimaram-no vivo em Lisboa...». «Um grupo de marranos de Portugal formou uma associação religiosa em sua memória, chamada, a fim de afastar toda a suspeita, «Irmandade de São Diogo», que mantinha uma lâmpada perpètuamente suspensa diante da Arca da Lei de uma sinagoga, num lugar de maior liberdade religiosa. Deste modo, o sangue de uma vítima fertilizou e vigorizou a fé dos criptojudeus.» [321]

Nos tempos inquisitoriais, a organização do Santo Ofício, perita em problemas de judaísmo clandestino, descobria com frequência os quinta-colunistas que fazem agora e desfazem na Santa Igreja sem que ninguém o impeça, visto que as defesas da cristandade foram destruídas ou permanecem paralisadas e o inimigo interno causa todo o género de estragos, levando-nos ràpidamente para a escravidão comunista. Por outro lado, vê-se que basta uma pequena porção de sangue judeu para que um frade cristão possa ser um secreto israelita fanático, capaz de morrer por essa tenebrosa causa.

Voltando às freiras católicas criptojudias, o citado historiador israelita continua dizendo: «As 231 pessoas condenadas a aparecer em autos públicos em Portugal no decurso de oito anos, de 1619 a 1627, incluiam quinze doutores da Universidade, dois dos quais eram catedráticos; outros onze graduados, vinte advogados e igual número de notários e médicos, e por sobre todos, quarenta e quatro freiras e quinze clérigos beneficiados, entre eles sete cónegos.» [322]

Em outras ocasiões, a carreira sacerdotal serve aos judeus secretos para escusá-los de confessar-se a clérigos sinceros. Este recurso é-lhes indispensável, sobretudo para a confissão das

[321] Cecil Roth. Ob. cit. Ediç. cit. Pág. 116.

[322] Cecil Roth. «História dos Marranos». Editorial Israel. Buenos Aires. 1946-5706. Cap. IV. Pág. 74.

crianças que, pela sua idade, são incapazes de guardar segredos e que por isso, no decorrer dos seus primeiros anos, são cristãos sinceros por ignorarem por completo que seus pais são judeus clandestinos. Quando aos treze anos ou depois, os jovenzitos são preparados para a sua iniciação secreta no judaísmo, pode acontecer que em alguns deles se tenham arreigado de tal forma as crenças cristãs, que recorra, em consulta, como é natural, ao seu confessor, Seria pois perigosíssimo que o confessor dos adolescentes fosse um clérigo de verdade, que, ao conhecer o grande segredo dos judeus clandestinos, poderia escandalizar-se e vigiar estreitamente o penitente, refutando-lhe os erros judaicos e reafirmando-lhe a sua fé católica; mas, pelo contrário, se o confessor deste é também marrano, poderá ser o factor decisivo para que o menino titubeante tome a resolução definitiva. Nos tempos da Inquisição, isto era problema de vida ou de morte para as famílias dos cristãos novos, visto que todo o menino estava obrigado, sob ameaça de excomunhão, a denunciar ao Santo Ofício toda a tentativa de seus pais para o iniciar no judaísmo; e uma indiscrição do rapaz com o confessor podia trazer como consequência que este convencesse o rapaz da necessidade de que o dito jovem denunciasse o facto à Inquisição, com perigo grave para toda a família.

A este respeito, o citado escritor hebreu Cecil Roth, na edição norte-americana da sua mencionada obra, publicada pela Jewish Publication Society of America, assegura que um judeu inglês «que morreu nos Estados Unidos em 1890», disse com respeito aos judeus clandestinos portugueses do século passado: «Muitas casas, incluindo os criados, eram judias e em alguns distritos as famílias judias eram muito numerosas e frequentemente um jovem se fazia sacerdote, de modo que pudesse figurar como o confessor das famílias no circuito...» [323] Noutro lugar falaremos extensamente de como escritores hebreus de grande autoridade nos narram o procedimento para iniciar secretamente no judaísmo os jovens de famílias criptojudias, que havendo sido baptizados e havendo vivido como cristãos durante a sua infância, chegado o momento oportuno são iniciados em imponente e macabra cerimónia na tenebrosa seita do judaísmo.

Sobre a vigilância estreitíssima que exercia a Inquisição sobre os cristãos de raça judaica e em geral sobre toda a população, com o fim de descobrir onde pudesse haver judaísmo clandestino, o distinto historiador hebreu Frederick David Mo-

[323] Cecil Roth. «A History of the Marranos». Jewish Publication Society of América. Filadélfia, U. S. A. 1932. Pág. 359.

catta, que no século passado foi presidente da Jewish Historical Society of England, na sua obra «Os Judeus de Espanha e Portugal e a Inquisição», escrita em 1877, atesta: «Os infelizes marranos, por fora os mais devotos entre toda a população católica, continuaram a seguir, no mais profundo segredo, as observâncias da sua antiga fé, apesar do imenso perigo que isso implicava. Os delatores eram tão grandemente beneficiados pelas suas delações, e as suspeitas eram tão fàcilmente adquiridas que ninguém saía a salvo das detracções dos criados da sua casa, de secretos inimigos ou de irmãos descuidados. As maiores precauções difìcilmente asseguravam aos cristãos novos das suspeitas de mostrarem sintomas de uma tendência para o judaísmo. Suas roupas, trajos e especialmente sua comida eram cuidadosamente vigiados». Continua o citado historiador hebreu assegurando que se vigiava a forma como observavam o rito católico, sua conduta nos sábados e festividades judias, que seus olhares e gestos eram diligentemente observados e que frequentemente alguma acção involuntária era denunciada, com o que o procurado pelos familiares do Santo Ofício era ouvido à porta, ao apresentar, e levada a vítima aos calabouços por meses, anos e quiçá para sempre... «assim passaram gerações sobre gerações de judeus secretos, confundindo-se com todas as classes da sociedade e ocupando todas as funções do Estado e especialmente da Igreja.» [324] E esta rigorosa vigilância era levada a cabo apesar de os clérigos criptojudeus, para não inspirarem suspeitas, se manifestarem em geral como anti-hebreus, já que qualquer defesa que fizessem dos judeus bastava para que a Inquisição os considerasse suspeitos de praticar em segredo o judaísmo e lhes iniciasse o processo respectivo, para esclarecer a verdade. Em nossos tempos os clérigos cripto-israelitas defendem os judeus impunemente, porque não existe uma Inquisição ou alguma instituição moderna adequada que investigue e aclare as práticas ocultas do judaísmo.

Noutra parte da sua obra, o prestigiado presidente da Sociedade Judaica de Estudos Históricos de Inglaterra afirma: «É certo que os conversos ostensivamente se ajustavam ao credo da fé católica, tomando novos nomes, enchendo suas casas com crucifixos e imagens de santos e outros símbolos do cristianismo, e acorrendo com regularidade à Igreja»... para concluir que apesar de tudo isto muitos eram descobertos pela Inquisição. [325]

---

[324] Frederick David Mocatta. «The Jews in Spain and Portugal and the Inquisition». London. 1877. Pág. 96.

[325] Frederick David Mocatta. Ob. cit. Ediç. cit. Pág. 29.

Nestas condições, é fácil supor quão difícil seria aos criptojudeus desenvolver com eficácia os seus movimentos revolucionários, pelo que lhes foi preciso, como primeira etapa, acabar com a Inquisição ou reduzi-la à impotência, antes que o primeiro golpe subversivo tivesse resultados positivos e duráveis.

Uma das obras antijudias mais importantes do século XVII foi a célebre «Centinela contra Judíos, puesta en la torre de la Iglesia de Dios», escrita pelo virtuoso monge franciscano Frei Francisco de Torrejoncillo, que foi superior (prior) de vários conventos da Ordem de São Domingos, entre eles os de São Bartolomeu de Valência de Alcântara. Nossa Senhora de Rocamador e Nossa Senhora de Montecelli del Hoyo, tendo sido também secretário de três distintos padres provinciais. Narra ele textualmente, referindo-se aos clérigos criptojudeus, na sua obra citada: «No Convento de São Jerónimo, diz Velazquez que enganando um deles aos frades, o elegeram superior e prelado, e dissimuladamente praticava seus ritos e cerimónias, até que descoberto e preso pela Inquisição foi queimado pùblicamente e desde então fizeram grandes leis e estatutos, assim naquele mosteiro como em toda a ordem, de que nenhum de esta raça seja admitido em seu hábito»... «No Reino de Múrcia, um superior chamado Prefecto numa ordem religiosa, pregava de dia com grande fervor a lei de Cristo e de noite, com outro judeu que havia feito porteiro do seu colégio, saíam a ensinar a Lei de Moisés aos judeus a uma casa, e muitos deles com seu doutor foram queimados e outros morreram nos cárceres.» [326]

Aqui temos outro doutor da lei, isto é, rabino secreto, que para melhor esconder a sua personalidade, livrar-se de suspeitas e conseguir maior liberdade de movimentos, ordenou-se frade, chegando a superior da ordem, com o que podia desenvolver clandestinamente suas actividades como rabino. Mas a Inquisição sabia bem que o maior perigo estava no alto clero e a todos os vigiava, acabando por descobrir que o piedoso superior da ordem religiosa era um dirigente judeu clandestino e, localizando também os seus fregueses, foram queimados ou morreram nos cárceres.

E continua dizendo o padre Torrejoncillo: «Um desejava ser prelado e hipòcritamente dizia aos outros que não o queria, e vendo os outros que parecia que recusava, lhe deram o ofício. Depois confessou o seu judaísmo.» [327]

---

[326] Frei Francisco de Torrejoncillo. «Centinela contra Judios puesta en la torre de la Iglesia de Dios». Madrid. 1674. Págs. 195 e 196.

[327] Autor cit. Ob. cit. Ediç. cit. Pág. 196 e 197.

A informação que nos dá o ilustre padre guardião da ordem franciscana obriga-nos a comentar um facto, comprovado por outros escritos e documentos dos tempos inquisitoriais, referente às Regras aprovadas pelas ordens monásticas, no sentido de negar as jerarquias aos que as ambicionavam, normas que foram estabelecidas em grande parte para evitar a infiltração dos criptojudeus nas mesmas, mas que foram hàbilmente evitados por estes e que o continuam sendo em nossos dias.

Na realidade, os varões santos, os melhores, não aspiram a tais jerarquias, enquanto que os frades judeus secretos, fingindo não fazê-lo, trabalham hàbilmente em equipa por obtê-las, até se apoderarem dos postos dirigentes daquelas ordens religiosas que mais lhes interessa controlar. O mesmo acontece com os Bispados, pois os melhores sacerdotes, os mais virtuosos, os mais piedosos, não manobram para obterem as cadeiras episcopais, negando-se inclusivamente com frequência a aceitá-las quando lhes propõem, ao contrário dos judeus secretos, que ajudando-se uns aos outros e com influências dos seus em Roma, conseguem escalar fàcilmente as altas jerarquias da Igreja.

Quando existia a Inquisição, ela se encarregava de reprimir no possível estas infiltrações, processando inclusivamente a famosos Arcebispos e Bispos, convictos de praticar em segredo o judaísmo, mas quando esta defesa da cristandade foi aniquilada, já nada contém a infiltração organizada da quinta coluna nas altas jerarquias da Igreja. É por isso que vemos tantos Cardeais, Arcebispos, Bispos, Cónegos, Provinciais de ordens, priores de conventos, etc., que de forma inexplicável ajudam os inimigos da Igreja, quer se trate dos judeus da maçonaria ou do comunismo. Se desejamos que esta situação não termine numa catástrofe, é urgente que as autoridades competentes organizem a tempo uma nova defesa contra estas infiltrações e contra todas as outras actividades traidoras da quinta coluna.

O culto jerarca da Ordem de São Francisco, em sua obra citada, continua assegurando que: «Um tesoureiro da Santa Igreja (catedral) de Córdova deu a entender que estava extasiado numa procissão muito solene que se fazia e muito pouco depois disto foi queimado, e suas figura e insígnias vêem-se hoje naquela Santa Igreja e de então para cá há grandíssimo cuidado de que não tenha nela ofício algum que seja cristão novo»... «Outro, em Córdova, sendo vigário do Senhor Bispo, revolveu toda aquela Santa Igreja em grandes pleitos e dissensões entre os cristãos velhos e havendo algumas causas que passavam perante ele como juiz, sempre dava sentença em favor dos cristãos novos; mas isto é mandato de sua lei, o favorecer-se uns e outros contra os cristãos; seja como for, que tudo

contra estes o têm por muito justo, ainda que seja matar-nos»... Assegura o padre Torrejoncillo também o seguinte destes fariseus: «Desejam os judeus nos almoços ou jantares o melhor lugar e nas igrejas querem os melhores assentos»... «Mesmo em Valladolid houve outro cristão novo num colégio que levantou grandes dissensões entre quinze colegiais nobres que ali estavam, do que resultou alguns pensarem que teve princípio o costume antigo que houve e há no Colégio de Santa Cruz, de fazer memória deles (os criptojudeus) na Quinta-feira Santa, na cerimónia que fica dita no capítulo quinto deste livro.» [328]

O perigo gravíssimo que os cristãos novos afrontavam, que por se precipitarem demasiado iniciavam secretamente os seus filhos no judaísmo sendo ainda muito jovens, é-nos revelado pelo seguinte relato do padre Torrejoncillo: «Confessando um religioso a um menino pela obrigação da Quaresma, lhe perguntou como se chamava, e o menino disse: «Padre, pergunta-me o nome de casa ou o de fora?» «O de casa te pergunto», e o rapaz disse: «O de casa, padre, é Abraão, e o de fora, Francisquito.» [329]

É pois muito explicável que as famílias de falsos cristãos, aderidas em segredo ao judaísmo, demorem a iniciação na sinagoga de seus filhos baptizados e educados como cristãos, até uma idade em que não possam cometer indiscrições e tratem sempre de pôr-lhes um confessor e director espiritual criptojudeu, sujeitando-os, prèviamente, à sua recepção no judaísmo, a uma série de provas que mostrem que estão capacitados para guardar os segredos mais recônditos. Em tudo isto, a experiência de séculos foi indo aperfeiçoando os sistemas que empregam os criptojudeus em todo o mundo; e como não existe uma Inquisição ou qualquer outra organização defensora do povo que vigie esta seita diabólica, os perigos em nossos dias, para os marranos, são mínimos.

A ignorância do povo sobre estas questões faz com que inclusivamente as naturais imprudências que nunca faltam lhe passem inadvertidas. Por exemplo, a nós aconteceu-nos em Espanha um caso curioso: um indivíduo da Acção Católica, muito inimigo do regime do General Franco e partidário de Gil Robles, dizia-nos em certa ocasião: «Eu sou fervoroso católico, apostólico, marrano.» Como nós lhe observássemos que não entendíamos isso de marrano, alarmou-se muito e disse: «Equivoquei-me, foi um *lapsus linguae*, quis dizer romano. O senhor sabe que às vezes diz-se uma coisa por outra.» E é natural, os judeus são homens como todos, não deuses; e cometem constantes im-

[328] Frei Francisco de Torrejoncillo. Ob. cit. Ediç. cit. Págs. 192 a 198.

[329] Ob. cit. Ediç. cit. Pág. 111.

prudências, mas como o povo já nada sabe de tudo isto e não existe por outra parte uma organização destinada a descobrir e destruir a perversa seita, essas indiscrições passam inadvertidas. Nos tempos da Inquisição, esse membro da Acção Católica seria denunciado ao Santo Ofício pelo seu interlocutor e teria sido detido imediatamente pelo indício fundamentado de se tratar de um marrano, quer dizer, de um judeu secreto.

Na Espanha e na Hispano-América, os criptojudeus do século XX, por graça, dizem-se entre si: «católicos, apostólicos, marranos», em vez de «católicos, apostólicos, romanos», que é o costume; e é lógico que alguma vez a força do hábito os faça cometer indiserições deste tipo, carecidas da importância na actualidade pelas razões que assinalámos.

A obra monumental do judaísmo moderno, a citada «Enciclopédia Judaica Castelhana», refere uma citação de Limborch, que em sua «Amica Collatio» declara: «Os mosteiros e conventos estão cheios de judeus; muitos dos Cónegos, inquisidores e Bispos descendem também de judeus. Em grande número eles são no fundo do seu coração judeus convencidos, ainda que, para não renunciarem aos bens deste mundo, pretendam crer no cristianismo.» [330]

Como se vê, esta citação, confirmada por uma obra oficial do judaísmo, coincide inteiramente com o asseverado por outras fontes não menos sérias.

Se bem que, no segundo tomo desta obra, iremos tratar, com base em documentos e fontes incontrovertíveis, a tragédia da infiltração judaica nas igrejas protestantes, adiantaremos aqui um dado que casualmente temos à vista e que demonstra que o problema da quinta coluna judia no clero é fenómeno universal, que atinge todas as confissões religiosas. Com efeito, a obra monumental judia que estamos citando, no vocábulo *Holanda,* diz textualmente: «Muitos neocristãos se inclinaram desde 1550 para o calvinismo e outras observâncias reformadas. Sabe-se por exemplo que um tal Marco Perez, de origem judia, era presidente do Consistório Calvinista em Anveres.» [331]

Isto demonstra que não se tratava de uma mera inclinação, mas de um claro afã de domínio, visto que o referido Consistório era, nem mais nem menos, o supremo Conselho Eclesiástico do Calvinismo em Anvers, sendo precisamente um marrano o seu presidente, quer dizer, a máxima autoridade do mesmo.

---

[330] «Enciclopédia Judaica Castelhana». Ediç. cit. Tomo IX. Vocábulo *Sefardies*. Pág. 512. Col. 2.

[331] Ob. cit. Ediç. cit. Tomo V. Vocábulo *Holanda*. Pág. 284.

Estas infiltrações judias no cristianismo tiveram por vezes consequências perigosas para os governantes cristãos. A mesma enciclopédia judaica que estamos citando oferece-nos outro dado interessante. Em seu vocábulo *Gaden Stephan*, aliás Daniel ou Danila Yevlevich, diz: «Médico da corte do Czar no século XVIII... mudou de religião várias vezes e ingressou finalmente na Congregação Ortodoxa Grega... foi horrìvelmente assassinado devido à sua amizade com os boiardos que provocaram o derrubamento do Czar.» [332]

Outro dado que nos proporciona essa obra oficial do judaísmo é o seguinte: «Aleksei Protopop, sacerdote russo e um dos chefes da seita judaizante de Kiev, Novgorod, Pakov e Moscovo (1425-1448). Provàvelmente foi discípulo do Caraita Zejarya... Ivan III, Grão-Duque de Moscovo, nomeou-o chefe da Catedral da Assunção em Moscovo, onde conseguiu converter numerosos personagens da Corte e da Igreja.» [333]

Tratando a dita enciclopédia do judeu Bar Hebraeus, cujo nome cristão foi Gregório Abul Faradash, assinala: «Historiador e jerarca da Igreja siríaca, de ascendência judia. Ver Bar Hebraeus.» [334]

E, por sua vez, no dito vocábulo *Bar Hebraeus* encontra-se o seguinte: «Bar Hebraeus (Gregório Abul Rafadell ou Aber-al-Faradash), chefe da Igreja Jacobita da Síria, historiador, filósofo, teólogo e médico, nasceu em Melitene, em 1226, morreu em Maraga, Pérsia, em 1286. Filho de Aarão, médico judeu converso, chegou a ser Bispo de Guba (1246), Alepo (1253) e chefe da Igreja Jacobita, da Pérsia, em 1264, escreveu grande número de obras em árabe e siríaco sobre história, filosofia, medicina, gramática, comentários bíblicos e um livro de histórias e crónicas que contém anedotas e ditos ingénuos, parte deles referentes aos sábios hebreus. Traduziu-a para inglês E. A. W. Budge, em 1899. [335]

Noutro lugar, a referida obra monumental do judaísmo assegura que «Abraham Rabi, prior dos monges descalços, prosélito, foi queimado em 1270.» [336]

«Alexander Michael Salomón, judeu converso, primeiro Bispo anglicano em Jerusalém... educado religiosamente na Alemanha, estudou ciências rabínicas e, em 1820, depois de chegar a Inglaterra, desempenhou funções de cantor na sinagoga de Plymouth. Em 1825 foi baptizado... Foi nomeado superin-

---

332 Ob. cit. Ediç. cit. Vocábulo *Gaden*, etc. Tomo V. Pág. 25.

333 Enciclopédia cit. Ediç. cit. Tomo I. Pág. 157.

334 Idem. Idem. Vocábulo *Grécia*. Tomo V. Pág. 152.

335 Idem. Idem. Vocábulo *Bar Hebraeus*. Tomo II. Pág. 76. Col 2.

336 Idem. Idem. Vocábulo *Abraham Rabi*. Tomo I. Pág. 43.

tendente do clero inglês e das suas congregações na Síria, Mesopotâmia, Egipto e Abissínia.» [337]

Não queremos cansar o leitor com a infinidade de dados que temos sobre esta matéria, mas com o que fica dito poderá julgar sobre a extensão universal da quinta coluna judia no clero e também sobre o perigo mortal que significa não só para a Igreja Católica mas para toda a cristandade.

Antes de terminar este capítulo queremos mencionar um facto lamentável. Nalguns países, em que os patriotas protestantes ou ortodoxos estão a lutar heròicamente contra a infiltração comunista em suas Igrejas, ao darem-se conta de que certos jerarcas da Igreja Católica ajudam ao triunfo do comunismo, cometem o erro fatal de querer culpar o catolicismo globalmente daquilo que fazem os quinta-colunistas infiltrados no seu clero. Semelhante atitude é tão injusta como a que, na inversa, assumiriam os católicos culpando os protestantes e ortodoxos, anticomunistas, em sua grande maioria, das traições que cometem diàriamente contra suas respectivas pátrias e contra o mundo livre os quinta-colunistas infiltrados no clero e na direcção das Igrejas Ortodoxas e Protestantes.

É por isso preciso que todos os autênticos cristãos, que pelo mesmo motivo terão de ser anticomunistas, nos demos conta de que tanto a Igreja Católica como as Protestantes e Ortodoxas são por igual vítimas da acção destruidora de um mesmo inimigo: a Sinagoga de Satanás, que, por meio de suas infiltrações no clero das diversas Igrejas, favorece os triunfos da revolução comunista e ateia, dirigida ocultamente por essa mesma Sinagoga. O facto de estarmos ameaçados por um mesmo perigo e por um mesmo inimigo deveria fazer-nos compreender a necessidade imperiosa que temos de unir nossas forças contra o inimigo comum. Enquanto permanecermos divididos por ódios religiosos, raciais ou nacionais, os judeus, chamados por São Paulo «inimigos de todos os homens», ir-nos-ão derrotando uns atrás dos outros, até que consigam escravizar-nos a todos, da mesma forma que fizeram com os infelizes povos que caíram sob o jugo comunista.

Por elementar espírito de conservação, devemos pois unir nossas hostes num esforço de carácter mundial, único capaz de enfrentar com possibilidades de êxito um inimigo que actualmente tem não só um poder mundial, mas a supremacia em todo o planeta, devido ùnicamente à desunião que existe entre todos nós, os verdadeiros cristãos e os gentios.

Da nossa união ou desunião pode depender o triunfo ou a

---

[337] Enciclopédia cit. Ediç. cit. Vocábulo *Alexander Michael Salomón*. Tomo I. Pág. 211.

derrota. Nossa aliança no terreno político é relativamente fácil, visto que se não estamos cegos e queremos salvar-nos, temos de considerá-la como uma necessidade urgente.

Quanto à união de todos os cristãos na ordem teológica, ainda que o ideal apostólico que a todos nos anima para uns se antolha muito difícil e para outros factível, mas, em todo o caso, é evidente que, se cristãos, católicos, protestantes e ortodoxos, lograrmos aliar-nos na ordem política contra o imperialismo judaico, contra a sua revolução comunista e contra a sua quinta coluna introduzida em nossas igrejas, esta luta contra o ateísmo materialista do comunismo será o melhor preparativo para uma aproximação maior na ordem teológica, mediante uma amistosa discussão que a todos permita ver onde está a verdade.

Que diferente este modo de desejar a unidade cristã daquele que estão planeando os agentes do judaismo e do comunismo no clero católico, para pôr à consideração do próximo Concílio Vaticano II!

Com o fim de conseguir a união dos cristãos, tratam de destruir as tradições básicas da Igreja, fundamento da sua principal defesa contra a revolução judaico-comunista que pretende destruí-la, para que, uma vez varridas, possa o marxismo ateu e materialista dominar mais fàcilmente o mundo católico.

Iguais fins perseguem os movimentos análogos chamados de unidade cristã, que dirigem os quinta-colunistas criptojudeus, que, sendo também criptocomunistas, controlam muitas Igrejas protestantes. Trata-se, nestes casos, de utilizar simplesmente o ideal sublime da unidade cristã, com o fim sinistro de favorecer, numa ou noutras formas, o triunfo da revolução judaico-comunista. Em outros casos, o que procuram é controlar as Igrejas que ainda não dominam, mediante esses Conselhos Nacionais ou Mundiais de Igrejas, para favorecer de diversas maneiras o triunfo do comunismo e atacar, desprestigiando os patriotas que defendem os seus povos das agressões da fera.

Tendências para a união dos cristãos contra o comunismo surgem também entre protestantes e ortodoxos. O grande patriota presbiteriano, Reverendo Dr. Carl McIntire, concebeu a maneira de combater com eficácia a manobra que acabámos de descrever, fundando nos Estados Unidos um Conselho Americano de Igrejas Cristãs e um Conselho Internacional de Igrejas Cristãs (protestantes anticomunistas), para poder combater com eficácia o chamado Conselho Nacional de Igrejas (dos Estados Unidos) e o Conselho Mundial de Igrejas, ambos ao serviço do Kremlin.

Por fortuna, são muitos os pastores e jerarcas protestantes

que, com zelo, cristãos estão a lutar desesperadamente por libertar suas igrejas das garras da quinta coluna comunista infiltrada nelas.

O mesmo ocorre no campo das Igrejas Ortodoxas. Para darmos conta da gigantesca luta que se trava no dito terreno, vamos transcrever o que o ilustre Bispo ortodoxo Alejo Pelypenko disse na sua obra intitulada «Infiltração Comunista nas Igrejas Cristãs da América» (edição de Buenos Aires, 1961, Pág. 232): «E quando o Patriarca de Moscovo colabora com toda a classe de sectários, os quais, na realidade, combatem os sacerdotes de Cristo, financia os espiritistas que nem sequer são cristãos, pois não reconhecem que Cristo é Deus, nem crêem na sua Ressurreição. Então, por que é que nós, os ortodoxos, não poderíamos colaborar com os nossos irmãos católicos e unir-nos com eles numa frente comum para a luta contra as forças do inferno? Temos de recordar que se sob os persistentes ataques do Kremlin e do Patriarca de Moscovo se derrubasse a unidade e se debilitasse a força da Igreja Católica, nenhuma das Igrejas Ortodoxas ficaria livre, mas sim se converteria em escrava de Moscovo.»

Em seguida, referindo-se à I. C. A. B. (Igreja Católica Apostólica Brasileira), controlada pela Igreja Ortodoxa do Kremlin, diz: «Estou considerando tudo isto ao publicar o presente livro. Tenho elementos irrefutáveis sobre o trabalho pernicioso da I. C. A. B., que não o é sòmente para a Igreja Católica, mas também para todo o povo brasileiro, e tenho não só o direito de escrever e falar abertamente, pois que é um dever sagrado para mim. Quem dera que o meu exemplo fosse seguido por muitos outros para que se unam numa frente anticomunista. Porque a força está sòmente na unidade.» [337 bis]

ATENTADO CONTRA A INDEPENDÊNCIA E A LIBERDADE DOS POVOS

Como estudaremos mais detidamente no segundo tomo desta obra, a Sociedade das Nações e a Organização das Nações Unidas, pese aos ideais nobres que disseram sustentar, foram controladas em pontos básicos por judeus e mações colocados em posições-chave de carácter burocrático e também em muitas representações nacionais de Estados, das mais diversas tendências ideológicas na primeira, e de tendência comunista, anticomunista ou neutralista na segunda. Nos três grupos os ju-

[337 bis] O Bispo ortodoxo Alejo Pelypenko. «Infiltração Comunista nas Igrejas Cristãs da América». Ediç. Buenos Aires. 1961. Pág. 232.

deus e mações têm posições importantes, visto que se infiltram secretamente quando podem em todos os lados, utilizando todos esses postos-chave para favorecer o triunfo do imperialismo judaico e da sua revolução comunista ou para hostilizar junto dos governos patriotas de importância, que o judaísmo não domina. Dessa forma, a Liga das Nações e a Organização das Nações Unidas, que muito bem poderiam ter feito para salvaguardar a paz do mundo e favorecer a progresso da Humanidade, fracassaram, porquanto, com frequência, foram utilizadas pelo judaísmo, maçonaria ou comunismo, com fins muito diversos daqueles que justificaram a sua existência.

Mas o ideal do imperialismo hebreu foi sempre o de criar um superestado mundial que lhe permita exercer domínio sobre os Estados que ainda não conseguiu conquistar; e uma das medidas que considera o judaísmo indispensável para preparar tão ambicioso projecto foi o de criar uma polícia mundial controlada pela Organização das Nações Unidas, que tendo jurisdição para actuar dentro de todos os Estados, sirva, segundo dizem, para preservar e manter a paz mundial e a harmonia entre os povos, fins estes aparentes que só servirão para encobrir os verdadeiros, que são:

I — Ter outra nova quinta coluna do judaísmo introduzida nas nações cristãs e gentias, gozando do apoio pleno da Organização das Nações Unidas, visto que será um órgão oficial desta.

II — Utilizar a dita polícia universal como meio de espionagem contra os Estados que o imperialismo judaico ainda não domina, uma vez que tal polícia será controlada por agentes judeus, mações ou comunistas, como acontece com quase todos os corpos burocráticos da Organização das Nações Unidas, ainda que os ditos agentes militem aparentemente nas mais diversas tendências políticas, desde a direita até à extrema esquerda, segundo a táctica secular da Sinagoga.

III — Utilizar a dita polícia mundial como foco de infecção nos Estados para favorecer as conspirações e golpes revolucionários que a quinta coluna judia ou criptojudia organize em tais nações.

IV — Empregar essa polícia universal para combater e esmagar os movimentos patriotas que em todos os Estados lutem contra o comunismo ou para libertar os seus povos das garras e domínio do imperialismo hebreu.

Como se vê, essa polícia mundial, em mãos de uma Organização das Nações Unidas, satélite da Sinagoga, seria uma das mais importantes medidas tomadas pelos hebreus para destruir os restos da independência das nações e da liberdade dos povos.

Este assunto pensávamos deixá-lo como muitos outros para o segundo tomo desta obra, mas uma desagradável notícia que nos deram antes de terminar este capítulo obrigou-nos a incluí-lo na última parte do mesmo.

Tanto à Sociedade das Nações como depois à Organização das Nações Unidas, quis o judaísmo convertê-las nesse superestado, com poderes suficientes para suprimir a independência dos povos, mas as resistências provocadas pelo zelo de muitas nações em salvaguardar a sua soberania, obrigou o imperialismo hebreu a reconhecer essa soberania, com o fim de poder englobar nas ditas associações de Estados a grande maioria ou a totalidade deles, muitos dos quais se teriam negado a tomar parte em tais associações, se se houvesse atentado contra a sua independência. Por isso, o judaísmo viu-se obrigado a estabelecer essas duas organizações superestatais com poderes muito limitados. Tudo isso foi aceite transitòriamente, enquanto que de forma paulatina podiam ir-lhes conferindo maiores poderes até suprimir por completo a soberania dos Estados. E um dos passos preparatórios para realizar essa finalidade é a projectada polícia mundial, com direito a funcionar e exercer jurisdição no seio dos diferentes Estados do mundo. O que nos pareceria inusitado e incrível, se a fonte que nos informa não nos tivesse demonstrado que as suas anteriores informações foram todas confirmadas pelos factos; é que agora tratam de utilizar, nem mais nem menos para propor ao mundo a formação dessa polícia mundial, Sua Santidade João XXIII, o Papa agora reinante. Projectam utilizar essas fortes influências que afirmam ter no Vaticano para conseguir que semelhante proposição se inclua nalgum documento definindo doutrina da Santa Igreja. Dessa forma, planeiam conseguir que a Santa Sé se converta numa espécie de satélite da Sinagoga de Satanás, que inclusivamente lhe sirva de porta-voz cada vez que se julgue conveniente utilizá-la, para que em nome da Santa Igreja haja proposições ou definições de doutrina, que favoreçam, directa ou indirectamente, os planos políticos do judaísmo internacional, incluindo neles, como é natural, os relacionados com a condenação dos patriotas que lutam contra o imperialismo hebreu, ou com medidas que, de uma ou de outra forma, facilitem o triunfo do socialismo marxista e da política do Kremlin. Estes projectos judaicos, além de satânicos, parecem-nos monstruosos e demonstram uma vez mais que assim como os escribas e fariseus constantemente estavam tentando a Cristo Nosso Senhor, procurando fazê-lo cair em erro, para depois terem argumentos para o aniquilar, os sucessores dos ditos escribas e fariseus, tendo herdado os sistemas de seus antecessores, tratam de armar ciladas constantemente aos máximos jerarcas eclesiásti-

cos, para que, se cairem nelas, lhes ofereçam os argumentos que necessitam para desprestigiar a Santa Igreja e preparar a sua desintegração. No actual Pontificado, a Sinagoga de Satanás está a comportar-se como nos tempos de alguns Antipapas criptojudeus ou satélites do judaísmo, pois já crê ter quase tudo nas suas mãos. Mas com o que não contam é com a assistência que Cristo Nosso Senhor tem dado sempre à sua Santa Igreja, a qual sempre fez fracassar as conjuras infernais da Sinagoga. Por exemplo, nos tempos de S. S. Pio IX, as forças judaico-maçónicas já cantavam também vitória. Chegaram a jactar-se que o referido Papa era maçon. Mas Deus Nosso Senhor iluminou a tempo o Vigário de Cristo, que acabou por abrir os olhos, descobrindo as infames intrigas do judaísmo.

Entre as medidas que fazem ver claramente sua mudança de política destaca-se a de haver encerrado os judeus, uma vez mais, no ghetto. Noutras ocasiões, o Pontificado foi capturado por Cardeais criptojudeus ou satélites da Sinagoga, que iludiam todas as ordens, mas, em tais casos, a assistência de Deus à sua Santa Igreja se manifestou, iluminando e dando força a outros jerarcas da mesma, que souberam organizar Santos Concílios e convencer os padres da necessidade de desconhecer o seu carácter de Papas aos sucessores de Judas Iscariote, declarando-os Antipapas e, como no caso de Pierleoni, nulos todos os seus actos, declarações doutrinárias e ordenações de clérigos; ainda que tenham estado durante muitos anos ou toda uma vida em Roma, sentados no trono de São Pedro e hajam sido eleitos por uma maioria de duas terças partes dos Cardeais. O caso de outro conhecido Papa, o primeiro João XXIII, que convocou primeiro o Santo Concílio de Roma, em 1 de Abril de 1412 e depois o Concílio Ecuménico de Constanza, em 1413, é também revelador. Acusado pelo Santo Sínodo Universal, na sua sétima sessão de 2 de Maio, de ser herege, simoníaco, escandaloso e incorrigível e, na sessão de 29 do mesmo mês, que foi a décima segunda, se acrescentavam às acusações anteriores, as de ser notório simoníaco, delapidador dos bens e direitos de muitas igrejas, escandaloso por seus detestáveis e desonestos costumes, pertinaz e réu de outros muitos crimes, terminou o Santo Concílio por destituir o referido João XXIII do seu cargo de Papa e privando-o de todo o governo. Foi tudo o que se conseguiu, como no caso do Antipapa Pierleoni, pela ajuda militar que prestaram ao Santo Concílio alguns poderosos Chefes de Estado cristãos, que compreenderam que era um dever salvar a Santa Igreja e suas nações da ameaça que sobre elas pendia.

A história da Santa Igreja mostra-nos que a assistência divina a esta se tem manifestado de muito distintas maneiras,

mas livrando-a por fim, sempre, das mais perversas ameaças dos seus inimigos. Por alguma razão Cristo Nosso Senhor nos prometeu que «as forças do inferno não prevalecerão contra ele».

CAPÍTULO TRIGÉSIMO NONO

INFILTRAÇÃO JUDEO-MAÇÓNICA NA SOCIEDADE DE JESUS

A «Enciclopédia Judaica Castelhana», citando Limborch, diz literalmente: «Em Amsterdão e noutras cidades encontram-se agostinhos, franciscanos, jesuítas e dominicanos, que são judeus.» [338]

Como temos podido verificar, os judeus clandestinos invadem em geral todas as jerarquias do clero secular e todas as ordens monásticas. No entanto, com respeito a estas últimas, é preciso fazer notar a preferência que sempre mostravam em infiltrar-se e controlar aquelas que, para os seus planos perversos, são mais perigosas, uma vez que, controlando-as, as podem anular. Assim, no século XIII, em que a Ordem do Templo constituia para eles um grandíssimo perigo, empenharam-se em invadi-la até conquistar silenciosamente os seus altos comandos, desviando-a de suas finalidades e utilizando-a contra a Igreja e as monarquias cristãs, o que foi um verdadeiro desastre, que motivou a rápida acção do Papado e da monarquia cristã dissolvendo a ordem e executando o seu Grão-Mestre, para salvar a cristandade de uma catástrofe.

Na idade Média, deram preferência à infiltração nas ordens em que se formavam os quadros de comando da Inquisição Pontifícia, para poder anular a capacidade de luta desta, mas como os franciscanos e dominicanos eram especialistas no conhecimento do problema judeu e mestres na luta contra o judaísmo, ainda que invadidos como temos visto, puderam defender-se.

Nos tempos modernos, a ordem que mais lutou contra as empresas judaicas revolucionárias, maçonaria, espiritismo, teosofia, comunismo, etc., foi a benemérita Companhia de Jesus. Isto deve-se a que muitos dos seus integrantes, longe de terem

---

[338] «Enciclopédia Judaica Castelhana». Ediç. cit. Tomo IX. Vocábulo *Sefardies*. Col. 2. Pág. 512.

todo o tempo absorvido em regras rigorosas e orações, têm livre o tempo necessário para dedicar-se a lutas político-sociais.

É natural que, desde o seu nascimento, hajam intentado os judeus infiltrar-se de forma maciça e apoderar-se da santíssima obra de Santo Inácio.

Nos seus princípios, como é sabido, a ordem dos Jesuítas desempenhou papel decisivo na Contra-Reforma. Devido a ela, reconquistaram-se a Polónia e outros Estados para o catolicismo; e se bem que depressa os cristãos novos que a inundaram se apoderassem de postos-chave na mesma, os autênticos jesuítas lutaram com heroísmo contra a besta judaica e conseguiram que se aprovasse um estatuto que, como os das outras ordens, proibia o acesso à Companhia de católicos descendentes de judeus.

Actualmente ainda existe uma disposição proibindo a entrada na ordem aos que descendam de judeus até à terceira geração, mas que se converteu em letra morta, porque se se investigar a árvore genealógica dos falsos católicos criptojudeus dos nossos dias, grande parte deles poderá demonstrar que descende de cristãos há dez ou mais gerações, devido às falsas conversões de seus antepassados com anterioridade.

Até este momento, temos visto em fontes judias ou católicas de reconhecida seriedade que a existência de jesuítas traidores, que em segredo praticavam o judaísmo, tem sido fenómeno frequente em diversas épocas. Vamos ampliar a seguir, ainda que em resumo, dada a brevidade desta obra, o estudo deste lamentável assunto.

Entre as actividades que os jesuítas criptojudeus têm praticado figura destacadamente a de intentar, com intrigas, que a benemérita Companhia, fundada para defender a Igreja, faça precisamente o contrário, quer dizer, que em vez de combater os inimigos da Igreja, lute contra os maiores defensores desta, para os abaterem e abrirem o caminho aos adversários. Como é natural, a primeira coisa que fizeram estes criptojudeus disfarçados em jesuítas foi tratar de lançar a Companhia contra o que, em tempo, era o baluarte principal da cristandade, ou seja, a Inquisição. Este facto vamo-lo comprovar com citações tomadas de fontes judias que gozam da maior autoridade na Sinagoga moderna.

A «Enciclopédia Judaica Castelhana», em seu vocábulo *Bahia,* falando dos falsos cristãos criptojudeus do Brasil, diz: «É altamente provável a presença de criptojudeus na Baía desde o próprio dia da sua fundação, uma vez que os portugueses, necessitados de colonos nas suas possessões do hemisfério ocidental, se serviam dos suspeitos cristãos novos. Outros muitos marranos emigraram para o Brasil a fim de escapar à Inquisi-

ção»... «O seu papel foi também importante no tráfico de escravos africanos, nascido da necessidade de importar trabalhadores mais resistentes que os indígenas para o duro labor nas plantações. Além de plantadores, fabricantes e mercadores havia alguns médicos judeus. Durante os primeiros decénios da colonização portuguesa, os marranos da Baía gozaram de relativa liberdade, apesar da actuação de agentes do Santo Ofício de Lisboa. As autoridades, atentas aos interesses económicos e fiscais da Metrópole, observaram atitude tolerante com a conivência dos jesuítas opostos então à Inquisição. Os marranos celebravam serviços religiosos (em segredo) e mantinham rabinos.» [339]

Aqui temos um caso em que a heróica organização de Santo Inácio, fundada para defender a Igreja de seus inimigos, estava a ser desviada e induzida a fazer precisamente o contrário, opondo-se à Inquisição, que era a principal defesa da Igreja, e tolerando os inimigos desta. Também se vê aqui uma vez mais a participação dos judeus no odioso tráfico de escravos negros, que foi uma das suas actividades mais produtivas nos séculos anteriores.

É preciso verdadeiro cinismo para que os actuais falsos cristãos, criptojudeus do Brasil, cujos antepassados capturaram em África como feras ou compraram como animais os desventurados negros, dignos de melhor sorte, agora acaudilhem os movimentos socialistas e comunistas no Brasil, apresentando-se como redentores das massas negras ou mulatas da população, que seus antepassados trouxeram acorrentadas e destinadas à escravatura. É necessário que negros e mulatos brasileiros abram os olhos e saibam que aqueles que reduziram seus antepassados à odiosa servidão são os mesmos que agora querem levá-los à pior das escravaturas, a comunista, enganando-os com o sonho de redimi-los e forjar-lhes um paraíso. Isso mesmo aconteceu com os seus antepassados que, enganados por mercadores criptojudeus de escravos, acreditando nas suas mentirosas promessas e esperando ser conduzidos a uma vida melhor, despertavam um belo dia com as correntes da escravidão, quando era já demasiado tarde para se libertarem.

Vamos abordar outro dos muitos casos deste tipo no mesmo Brasil, já que a este país temos dedicado pouco espaço nesta obra. Esta terrível luta que vamos referir ocorreu cem anos depois da que acabámos de analisar. Os dados tomámo-los de outra fonte judia autorizada, como é o historiador hebreu mais famoso dos tempos actuais, Cecil Roth, que na sua «História dos

[339] «Enciclopédia Judaica Castelhana». Ediç. cit. Tomo II. Vocábulo *Bahia*. Págs. 42 e 43.

Marranos», depois de narrar a repressão contra os judeus secretos, realizada ao Brasil pelo Santo Ofício, continua dizendo textualmente: «Nesse tempo um raio de esperança atravessou as nuvens. Um interregno produzido no cargo de Grande Inquisidor, desde 1653 até 1672, embora não influísse nas actividades do tribunal, diminuiu em muito a sua autoridade. Entretanto havia tomado armas em defesa dos cristãos novos nada menos que António Vieira, o distinto jesuíta que havia merecido o sobrenome de Apóstolo do Brasil. Aconselhou João IV a suprimir as confiscações e a remover as diferenças que ainda subsistiam entre cristãos novos e velhos. Sua liberdade de opinião malquistou-o com o Santo Ofício. Depois de sofrer uma prisão de três anos (1665-1667), os seus escritos foram condenados e ele mesmo penitenciado formalmente. A sua experiência dos horrores do Santo Ofício aumentou-lhe a simpatia pelos oprimidos. Foi a Roma, onde, na cidadela do cristianismo, atacou a Inquisição Portuguesa como um tribunal ímpio, inspirado mais pela codícia que pela piedade, que condenava o inocente com tanta frequência como o culpado e era inimigo dos melhores interesses cristãos.

«A Companhia de Jesus, ressentida pelo tratamento de que havia sido alvo um dos seus membros mais distintos, apoiou a sua causa. Alentados pela feição que tomavam os acontecimentos, os neocristãos apelaram para a Coroa a fim de que fizesse algumas reformas definitivas, inclusive o livre perdão das pessoas submetidas a processo e a modificação do procedimento inquisitorial pela adopção de formas mais humanas usuais em Roma. Em recompensa por tão moderadas concessões, ofereciam-se a pagar anualmente vinte mil cruzeiros, a colocar 4000 soldados na Índia e a enviar cada ano um reforço de 1200 e outros 300 adicionais em caso de guerra. A Inquisição protestou enèrgicamente, mas o apelo estava apoiado por muitos dos maiores magnates do reino, inclusive pela Faculdade da Universidade de Coimbra (que, como vimos, estava infestada por criptojudeus) e pelo Arcebispo de Lisboa em pessoa. Foi aprovada em consequência e enviada a Roma para decisão final. Ali, Francisco de Azevedo, representante dos cristãos novos, preparou, junto com Vieira, uma impressionante denúncia da qual transparecia que a Inquisição Portuguesa não era mais que um instrumento de opressão, que enriquecia com a chantagem e era motivo de medo de toda a pessoa de sangue não cristão. Os últimos sustentavam, eram todos fervorosos católicos, condenados por negativos, quer dizer, porque negavam o judaísmo ou reconciliados como resultado de uma falsa confissão. Depois de uma longa luta, os cristãos novos ganharam a partida. Em 3 de Outubro de 1674, o Papa Clemente X suspendeu as activi-

dades dos tribunais portugueses e ordenou o envio dos casos importantes a Roma. Como os inquisidores se recusassem a cooperar na investigação realizada depois, sob pretexto de que revelaria os segredos do procedimento, foi pronunciado um interdito contra eles e por último, em 27 de Maio de 1679, foram suspensos dos seus cargos. O alívio foi só momentâneo. Em 22 de Agosto de 1681 removeu-se a suspensão, depois de haverem sido dispostas algumas reformas de pouca importância. A renovação das actividades em Portugal celebrou-se com procissões triunfais e iluminações de gala. Em Janeiro do ano seguinte celebrou-se em Coimbra o primeiro auto-de-fé depois do interdito. Foi superado poucos meses mais tarde em Lisboa, onde, em 10 de Maio, quatro pessoas morreram queimadas, três delas vivas por impenitentes. Entre os últimos incluia-se um advogado de Avis, Miguel Henriques (aliás, Isaac) da Fonseca, que insistiu em que se lhe chamasse Misael Hisneque de Fungeca; António de Aguiar (aliás, Aarón Cohen Faya), de Lamunilla perto de Madrid, e Gaspar (aliás, Abraham) Lopes Pereira, chorados todos pelos literatos de Amsterdão como mártires.» Continua narrando o famoso historiador israelita os autos-de-fé em que foram queimados diversos judeus secretos, culminando esta terrível luta da seguinte forma, descrita pelo investigador hebreu: «A renovação foi assinalada por uma ordem de Setembro de 1683 que desterrava do reino todas as pessoas reconciliadas por judaizantes, dentro do impossível termo de dois meses. Deviam, porém, deixar seus filhos menores de sete anos, até que provassem que viviam como verdadeiros cristãos em seus novos lares. O rápido crescimento das comunidades da diáspora observada por aquele tempo deveu-se em parte a essa medida, suspensa só ao estalar a guerra com a França em 1704.» [340]

Depois afirmam, tanto este como outros ilustres historiadores hebreus, que, apesar disso, o judaísmo clandestino pôde sobreviver em Portugal e Brasil, o que significa que puderam burlar a repressão inquisitorial.

O caso que acabámos de analisar é um significado exemplo de como a Sinagoga de Satanás utilizou a Companhia de Jesus para destruir as defesas da Santa Igreja, contrariando os propósitos de Santo Inácio de Loyola e outros beneméritos fundadores da ordem. Esclarece-nos também ao assinalar-nos o facto grave de um mau jesuíta ou um grupo de maus jesuítas, que podem empenhar-se numa luta injusta contra os autênticos defensores da Igreja e arrastar depois toda a ordem, utili-

[340] Cecil Roth. «História dos Marranos». Tradução espanhola. Editorial Israel. Buenos Aires. 1946-5706:7. Cap. XIII. Págs. 257, 258 e 259.

zando o nobre espírito de solidariedade que caracteriza a benemérita Companhia para com os seus integrantes. Permitimo-nos com todo o respeito e apreço que nos merece a ordem dos Jesuítas dar o grito de alerta contra tal tipo de manobras frequentes nestes tempos aziagos.

Mas há mais: o interesse especial de pôr a Sinagoga de Satanás em infiltrar-se e controlar a Companhia de Jesus fica demonstrado numa obra oficial da franco-maçonaria que acabamos de receber, enviada por esse grupo de piedosos clérigos latino-americanos, que, impelidos pelo nobre afã de salvar a Santa Igreja, nos tem estado a enviar a copiosa biblioteca da América, tão inapreciável e útil para a rápida elaboração deste livro, ao poupar-nos viagens custosas e buscas bibliográficas que teriam retardado consideràvelmente a publicação desta obra. Referimo-nos ao «Dicionário Enciclopédico Abreviado da Maçonaria», elaborado pelo mação de grau 33, Lorenzo Frau Abrines, que em seu vocábulo *Pascalis ou Pascualis* diz textualmente: «Pascalis ou Pascualis (Martinez). Teósofo judeu e célebre iluminado, chefe da seita dos martinistas... Formou uma escola de cabalistas, dando-se a conhecer pela primeira vez em 1754 como criador de um rito filosófico clerical e jesuítico a que deu o nome de Rito dos Eleitos Coens... Dos seus escritos deduz-se que a doutrina de Martinez Pascalis se baseia na tradição cabalística dos judeus.» [341]

Referindo-se o dito dicionário maçónico a este mesmo rito, em seu vocábulo *Eleitos Coens,* observa literalmente: «Eleitos Coens. Nome de um rito filosófico clerical e ultrajesuítico fundado em 1754 por um judeu português chamado Martinez Pascalis. Coens em hebreu significa sacerdotes.» [342]

Das tentativas repetidas da judeo-maçonaria para se infiltrar e controlar a Companhia de Jesus, dá-nos uma evidência outro rito maçónico criado com tão sinistro fim. Com efeito, o referido dicionário enciclopédico oficial da maçonaria, em seu vocábulo *Estrita Observância,* ensina: «Estrita Observância. Nome de um rito que se dividiu em muitíssimos mais e que constitui a mais completa expressão do sistema templário na maçonaria. Este rito foi a terceira inovação maçónica dos jesuítas, os quais alimentaram entre os seus adeptos a esperança de entrar na posse das riquezas dos antigos templários. A história cronológica dos seus Grãos-Mestres corresponde à história

---

[341] Lorenzo Frau Abrines. M. Grau 33 do Rito Escocês Antigo e Aceite. «Dicionário Enciclopédico Abreviado da Maçonaria». Segunda Edição, da Companhia Geral de Edições, S. A. 22 de Novembro de 1960. México, D. F. Pág. 349. Colunas 1 e 2.

[342] Autor cit. Obra cit. Ediç. cit. Col. I. Pág. 156.

dos Gerais da Companhia de Jesus. O rito da Estrita Observância foi estabelecido de maneira definitiva na Alemanha entre os anos de 1760 e 1763 pelo irmão Carlos Gathel, Barão de Hund, que acrescentou à ordem um grau aos seis que a princípio se haviam estabelecido. O rito ficou organizado nos graus seguintes: Aprendiz, Companheiro, Mestre, Mestre Escocês, Noviço e Templários, que se dividia nas classes: Eques, Socios e Armiger e Eques professus.» [343]

O facto de que, desde a sua fundação, haja nomeado, ao que parece neste rito destinado a controlar jesuítas, um novo Grão-Mestre, cada vez que era eleito um novo Padre Geral da ordem, indica a persistência com que o judaísmo e seu satélite, a maçonaria, quiseram infiltrar e dominar a santa obra de Santo Inácio.

Por outro lado, esse desejo muito especial de ligar esse rito maçónico com a ordem templária, é muito significativo. Não devemos esquecer que a Ordem do Templo, fundada para defender a Santa Igreja dos seus inimigos, foi infiltrada pela Sinagoga de Satanás, até que os criptojudeus conseguiram alcançar os seus postos dirigentes, desviando-a então de suas primitivas finalidades e convertendo-a em grave perigo para a Igreja e para os povos cristãos. É preciso também tomar em conta que, nos processos seguidos contra os templários, ficou evidente o esforço feito para se encobrirem com habilidade, ainda que controlada a cristã ordem pelo inimigo; nos seus círculos oficiais e visíveis continuava sendo aparentemente adstrita à Santa Igreja, enquanto que em círculos secretíssimos se envolviam os templários cristãos mais fáceis de controlar para os irem pouco a pouco despojando de suas crenças religiosas, até os converterem em satélites secretos do judaísmo.

As infiltrações da Sinagoga e da maçonaria dentro da Companhia de Jesus perseguem visìvelmente idênticas finalidades, pois, ao que parece, o que este rito maçónico-templário de jesuítas pretende é converter a Companhia de Jesus numa nova Ordem do Templo, que, conservando na sua estrutura visível e oficial o seu carácter de ordem religiosa católica, acabe por ser dominada secretamente pelos inimigos da Igreja e utilizada depois para destruir os defensores desta, facilitando o triunfo do judaísmo e dos seus satélites, a maçonaria e o comunismo.

O valioso documento maçónico que estamos a analisar informa-nos de que, inclusivamente, outros ritos cismáticos da maçonaria, chamados pelo mesmo bastardos, mas controlados também por judeus cabalistas, foram organizados para infil-

[343] Autor cit. Dicionário cit. Pág. 182 e 183. Colunas 1 e 2.

trar e dominar a benemérita obra de Santo Inácio de Loiola. Com efeito, no seu vocábulo *Clérigos da Estrita Observância* podemos ler textualmente o seguinte: «Clérigos da Estrita Observância. Nome de um rito jesuítico e bastardo, composto por cabalistas, alquimistas, nigromantes e membros da Companhia de Jesus.» [344] Ao que parece, este é um rito maçónico produto de um cisma operado no Rito da Estrita Observância, que, segundo indica o mencionado «Dicionário Maçónico», foi dividido por cismas.

Na realidade, sendo ambos os ritos de origem hebreia, é preciso fazer notar que no judaísmo ocorrem com frequência divisões internas, traduzidas em cismas que cada facção hebreia provoca na organização maçónica dominada inicialmente pela célula secreta judia, que é repartida pela sua própria dissenção. O facto de neste rito maçónico, destinado a controlar jesuítas, haver nigromantes nada tem de estranho, visto que já demonstrámos que foram os hebreus os principais propagadores do culto de Lúcifer e da magia negra. Por outro lado, nos processos de muitos templários, chegou-se a descobrir que em certos círculos secretíssimos da Ordem se prestava culto ao demónio, embora a estrutura pública e visível da Ordem do Templo aparecesse tão cristã e ortodoxa como nos seus bons tempos.

Os impressionantes factos que estamos descrevendo, tomados de obras oficiais do judaísmo e da maçonaria, fazem-nos ver claramente a diabólica insistência da Sinagoga de Satanás em infiltrar e dominar a Companhia de Jesus, que nos tempos modernos foi para eles a ordem católica mais combativa e perigosa, para a utilizar depois contra a Santa Igreja, como o fizeram há mais ou menos sete séculos com a Ordem Templária.

Mas o que mais interessaria ao mundo católico saber é até que ponto o judaísmo conseguiria os seus propósitos de converter a Companhia de Jesus em seu satélite. A inexistência actual de um Tribunal da Santa Inquisição ou de uma instituição similar, que com meios eficazes pudesse averiguá-lo, impede-nos de efectuar uma investigação adequada a tal respeito. Não obstante, certos factos demonstram-nos que existe um processo perceptível de judaização em alguns sectores da Ordem de Santo Inácio: há jesuítas que se dedicam de forma inexplicável a defender os judeus e a Sinagoga de Satanás em prejuízo da cristandade; há jesuítas que, em lugar de combaterem os inimigos da Igreja, os favorecem por todos os meios possíveis, enquanto por outro lado atacam de forma cruel e anticristã os de-

[344] Lorenzo Frau Abrines. M. M. Grau 33 do Rito Escocês. «Dicionário Enciclopédico Abreviado da Maçonaria». Ediç. cit. Pág. 113. Col. 2.

fensores da Igreja, sobretudo os que lutam com eficácia e tenacidade contra o judaísmo, a maçonaria e o comunismo; há jesuítas que favorecem o triunfo das revoluções maçónicas e comunistas, realizando trabalho subversivo e tenaz contra os poucos governos católicos que existem no mundo; e o que é ainda mais estranho de tudo é que quando os bons e lutadores jesuítas que por fortuna ainda abundam defendem a Igreja dos seus inimigos, sobretudo do judaísmo, da maçonaria ou do comunismo, vêem-se hostilizados de forma inexplicável no seio da sua própria ordem por outros jesuítas, que organizam intrigas contra eles, até que logram anulá-los ou conseguir que os superiores os impeçam de continuar a lutar contra os inimigos da Igreja; noutros casos, ilustres jesuítas de grande inteligência e que por sua grande capacidade poderiam fazer muito bem à Companhia e à cristandade vêem-se postergados e pràticamente anulados, perdendo a Ordem e a Santa Igreja a oportunidade de aproveitar o rendimento eficaz de homens tão valiosos. Tudo isto dá a impressão de que o inimigo tem já muito metida a cauda na benemérita obra de Santo Inácio.

Mas esperamos que a ordem dos jesuítas ainda possa salvar-se dos assaltos dos seus inimigos, visto que a maioria dos seus componentes são homens virtuosos e católicos sinceros, que ingressaram nela para servir Deus; e que, se os quinta-colunistas criptojudeus e seus cúmplices mações conseguiram algumas vezes realizar progressos nas suas tentativas de conquistar essa fortaleza, foi porque o executaram no mais profundo segredo e empregando sempre os mais hábeis enganos. Acreditamos sinceramente que, dando o grito de alerta e desmascarando o inimigo, oferecemos a nossa humilde ajuda aos virtuosos jesuítas, que podem ainda salvar a Companhia de uma possível catástrofe.

Como o leitor poderá dar-se conta, nestes dois últimos capítulos utilizamos dados extraídos de fontes oficiais do judaísmo e da maçonaria que não podem ser apontados de anti-semitismo ou de fanático clericalismo, mas os que quiserem aprofundar o estudo destas matérias, e sobretudo dos meios utilizados em diferentes épocas pelos frades e monjas criptojudeus para poder exercitar suas práticas na vida rigorosa dos conventos, podem satisfazer plenamente o seu anseio investigando nos arquivos da Santa Inquisição, a que nos referimos noutro lugar da presente obra.

Tanto no arquivo da Torre do Tombo, em Portugal, como no de Simancas, em Espanha, nos anteriormente mencionados de Itália, de França e de outras nações do mundo, encontram-se documentações manuscritas originais de inumeráveis processos levantados pelo Santo Ofício contra jesuítas, dominica-

nos, franciscanos, frades e monjas das diversas ordens religiosas, figurando entre eles até priores de convento e dignatários das ordens, convictos e confessos de praticar em segredo o judaísmo na vida aprazível dos mais rigorosos conventos. Tudo isto nos pareceria incrível se não confirmássemos, a par da confissão do lado judeu e maçónico, a existência de milhares de processos inquisitoriais que confirmam, com abundância de dados, esta horrenda realidade, processos nos quais se pode entender o labor subversivo que realizavam e as horríveis blasfémias que proferiam em segredo contra Cristo Nosso Senhor e a Santíssima Virgem estes frades e monjas que, na aparência, levavam com santa resignação a regra de suas ordens religiosas.

Antes de terminar este capítulo, cremos urgente chamar a atenção dos organizadores de associações e partidos políticos patrióticos sobre o perigo de que o judaísmo e a maçonaria se infiltrem em tais organizações e cheguem a controlá-las ou, quanto muito, a levá-las ao fracasso. Muitos ingénuos crêem que a infiltração de tais inimigos carece de importância; outros, não menos inocentes, imaginam que é muito fácil evitar tal invasão. Os que com lamentável candidez pensem uma ou outra coisa devem atender a que o clero católico e as ordens religiosas, por diversos motivos, são instituições muito mais sólidas e difíceis de infiltrar que os simples partidos e associações políticas de nossos tempos; e que, se o judaísmo conseguiu introduzir-se nos primeiros, inclusivamente nos tempos em que a Inquisição punha todo o seu empenho em impedi-lo, com maior razão poderá a Sinagoga infiltrar-se em associações políticas ou sociais, em que não existe voto de castidade, voto de pobreza, voto de obediência, vida de claustro rigorosa, disciplina absoluta e tudo aquilo que nas ordens religiosas tem travado, ainda que não impedido, a infiltração mortal dos inimigos da Humanidade.

Devem, pois, os chefes dos movimentos políticos utilizar todos os meios ao seu alcance para impedir aos judeus o ingresso nas suas fileiras, e também aos descendentes de judeus e aos mações ou comunistas, visto que, se não o conseguirem, o inimigo introduzido no interior dos ditos movimentos poderá levá-los ao fracasso. Podemos assegurar que a capacidade de triunfo de uma associação política, cristã ou gentia, depende em grande parte de que possa alcançar a vitória antes de a infiltração judia, maçónica ou comunista poder frustrá-la.

A necessidade de eliminar os cristãos descendentes de hebreus radica-se no facto demonstrado através dos séculos de que, na sua imensa maioria, são só cristãos em aparência, mas

judeus em segredo, como evidenciámos por documentos e fontes de indiscutível veracidade no decurso desta obra.

Trata-se de uma triste realidade política demonstrada até à saciedade, não de preconceitos raciais, que, como cristãos, estamos muito longe de abrigar, pois como seguidores do Divino Jesus consideramos todos os homens iguais perante Deus e perante a Lei; mas uma coisa é carecer de preconceitos raciais e outra, muito diferente, é deixar-se invadir, sabendo-o, pela quinta coluna de um inimigo que quer escravizar-nos ou destruir-nos. Ao defendermo-nos de tal invasão, estamos simplesmente exercendo um direito natural de legítima defesa.

CAPÍTULO QUADRAGÉSIMO

AS CONJURAS DA HISTÓRIA E DOS RITOS

Os judeus converteram a falsificação da História num dos grandes segredos dos seus triunfos, quiçá no mais importante de todos. Sem ela, o imperialismo judaico, em vez de estar a dominar quase todo o mundo, teria seguramente sido derrotado pelas instituições e povos ameaçados, como ocorreu várias vezes através da Idade Média, quando tanto a Santa Igreja como as nações cristãs conheciam o inimigo que as acossava e podiam por isso defender-se. Esse conhecimento provinha principalmente das crónicas e estudos históricos eclesiásticos e civis, que narravam de forma autêntica as tentativas anteriores do judaísmo para dominar os cristãos, explorá-los, apoderar-se de seus governos, destruir a Santa Igreja, provocar cismas, organizar heresias demolidoras ou conspirar contra os povos cristãos.

Com o conhecimento da verdade histórica, as gerações de cristãos e gentios podiam identificar sempre os seus principais inimigos, acautelar-se contra eles e fazer fracassar os seus renovados planos subversivos e dominadores. Da mesma forma, com o conhecimento da verdade histórica, os sacerdotes e dignidades da Santa Igreja davam-se conta plena de que o mais encarniçado inimigo de Cristo e da cristandade era o judaísmo satânico, ficando assim em condições de defender a Igreja de todos os seus avanços, pois para se vencer um inimigo a primeira coisa de que se necessita é conhecer a sua existência. Não há nada tão perigoso como um adversário que logra esconder sua inimizade ou sua identidade, visto que, neste caso, poderá aniquilar a sua vítima com golpes de surpresa decisivos. Quando a vítima não conhece os planos de agressão do seu inimigo, estará incapacitada não só de preparar uma defesa mas até de conceber a sua necessidade. E já não falamos de quando nem sequer se conhece a existência do adversário.

O imperialismo judeu compreendeu-o muito a tempo e, por isso, gastou energias gigantescas numa série de movimentos

herético-revolucionários, com intenções de conquista política, ainda que sangrentamente derrotados com perdas enormes para a Sinagoga de Satanás. Estes infaustos resultados ensinaram-no a dedicar com verdadeira atenção parte de suas energias a um trabalho organizado a longo prazo, para falsificar a história civil e religiosa dos cristãos, depurando-a de tudo aquilo que se relacione com as conspirações, agressões ou movimentos revolucionários de judeus, até conseguir a eliminação nos textos de História de toda a alusão à participação dos judeus nas referidas actividades, que desde há séculos têm realizado e preparado com perseverança e energia dignos de melhor causa.

Se se quiser comprovar estes assertos, pode fazer-se um estudo comparativo entre a versão que dão dos mesmos factos as crónicas e histórias medievais e a que dão as histórias elaboradas na nossa época. Pode encontrar-se sem dificuldade, ao levar a cabo a confrontação, que destas últimas foram cuidadosamente eliminadas todas e cada uma das alusões feitas nas crónicas medievais referentes à participação dos judeus em «complots», revoltas, crimes, traições ao rei e à nação respectiva, etc., quando os textos modernos de História deveriam reproduzir a verdade tal como está consignada nas fontes que lhes serviram de base.

O mesmo ocorre com os textos históricos da Santa Igreja Católica. Os clérigos que se interessam por este género de estudos que façam uma minuciosa comparação entre as histórias e crónicas da Igreja, escritos de padres, bulas, actas de concílios, elaboradas entre os séculos I e XV da era cristã sobre factos ocorridos nesses tempos, e as narrações históricas que sobre esses mesmos factos se têm escrito na nossa época; podemos augurar-lhes o maior assombro perante as misteriosas omissões das histórias modernas da Igreja, que eliminam cuidadosamente toda a alusão feita em crónicas e documentos antigos que lhes serviram de antecedente sempre que se trate da intervenção dos judeus nas heresias e movimentos de toda a ordem, contra a Igreja e os Papas ou nos crimes e conjuras contra os povos cristãos.

É evidente que nos textos de História de diversos países há vários erros sobre uns ou outros factos, mas o que é sumamente estranho e revelador é que em todos ou quase todos os textos modernos fossem eliminadas precisamente, como curiosa coincidência, todas as referências que figuram nas histórias, crónicas e documentos medievais sobre a intervenção subversiva e daninha dos judeus nos acontecimentos históricos dessa época. Será ridículo pensar que tão geral como permanente circunstância seja devida a casualidade, a uma espécie de arte de magia que fez desaparecer dos textos de História sòmente

um sector das actividades sociais; exactamente aquele cujo conhecimento pelas novas gerações serviria para mantê-las alerta e com o ânimo disposto a defender-se do judaísmo. Vê-se, pois, que houve um trabalho organizado através dos séculos para ir eliminando das novas fontes históricas tudo o que pudesse prejudicar os judeus nos seus planos de domínio mundial.

Qualquer investigador sério poderá observar que esta mutilação das crónicas e textos históricos foi sendo mais frequente e generalizada à medida que os judeus, e principalmente os falsos conversos ao cristianismo, se foram infiltrando na sociedade cristã e adquirindo nela maior influência; e, pelo que respeita à história da Igreja, as mutilações foram sendo maiores quanto maior foi a afluência de cristãos-novos, criptojudeus, que se introduziram no clero da Santa Igreja, com o fito de se apoderarem dela por dentro e de a enfraquecer com cismas e heresias.

Assim, por exemplo, podemos observar que, até ao século XI da era cristã, as crónicas e documentos fazem menção da daninha e destrutiva participação dos judeus nos acontecimentos sociais, como fazèm alusão aos demais acontecimentos históricos interessantes, mas que a partir do século XV começaram a aparecer, como escritos por cristãos e até por clérigos católicos, textos históricos cujos autores eram em geral judeus conversos ou descendentes de conversos, textos nos quais se começavam a eliminar cuidadosamente as alusões às maldades dos hebreus, mencionadas, no entanto, noutras crónicas escritas por verdadeiros cristãos. Chegou-se, nos ditos textos, a omitir qualquer dado referente à participação de judeus em alguns acontecimentos e até, inclusivamente, se chegou a falsificar certos factos.

O mais grave do caso é que, à medida que os historiadores e cronistas criptojudeus, descendentes dos falsos conversos ao cristianismo, iam mutilando os textos de História e as crónicas da sua época, os historiadores autênticamente cristãos, percorrendo o caminho mais fácil, documentavam-se nessas fontes já mutiladas, sem terem a curiosidade de recorrer a dados mais antigos e fidedignos, que consignavam os acontecimentos sem supressões mal-intencionadas. Assim poderá comprovar-se que, já no século XIX, quase nenhum texto de História, seja eclesiástico ou civil, mesmo elaborado por pessoas de boa fé, aparece com referências à nociva actuação dos judeus nos séculos anteriores. Chegámos à triste situação de ter de recorrer aos textos de História judia, destinados ao consumo interno da Sinagoga, para reconstruir em grande parte a verdadeira história da Santa Igreja.

Ante o facto incontrovertível de que, na actualidade, tanto a História da Igreja que se estuda nos seminários como a civil que se estuda em escolas e universidades estão incompletas e deformadas, por lhes faltar tudo aquilo que podia dar uma ideia de quem são os mais constantes e piores inimigos da Igreja e da Humanidade, é verdadeiramente urgente que se ponha especial empenho, de quem tenha recursos financeiros para o fazer, em financiar a dedicação de investigadores, livres de toda a suspeita de cumplicidade com o judaísmo, para que se dediquem a reconstruir a verdadeira história da Santa Igreja e também a autêntica história da Europa. Desta forma, conseguir-se-á que as novas gerações de civis e eclesiásticos se livrem dessa escura venda que têm diante dos olhos e estejam em constante alerta, prontos para se defenderem dos novos embates e conspirações perpetrados pelo inimigo, sendo decisivo que se ponha empenho capital em conseguir que nos seminários destinados a formar os futuros clérigos da Igreja se os instrua a fundo sobre os perigo judeu, como se fazia em séculos anteriores, uma vez que um clero que nem sequer conhece a conspiração mortal urdida contra a Igreja pelos seus mais poderosos inimigos será incapaz de defender a Igreja e os seus fiéis das garras do lobo, perdendo tal clero a sua função vital que lhe confiou Cristo Nosso Senhor, ou seja cuidar das ovelhas contra o lobo. Por isso, autorizamos os bispos e directores de seminário que queiram impor esta obra como livro de texto para os seminaristas a que o façam, fazendo dele traduções e edições, sem lhes cobrarmos direitos de autor.

A Santa Igreja, em sua liturgia e em seus ritos, faz constante referência à perigosidade dos judeus, à sua perfídia e ao seu ódio perverso contra Cristo e sua Igreja. Esta prevenção incomoda muito os judeus, porque supõe um alerta constante sobre aquilo que eles quiseram varrer da mente dos cristãos: a sua perversidade e perigosidade, das quais há que cuidar-se muito. Por isso, agora querem dar um passo incrível pela sua audácia, aproveitando-se do actual Concílio Ecuménico com o fim de elaborar, por meio da sua quinta coluna, no seio da Santa Igreja, uma verdadeira reforma, que consiste em modificar a liturgia e os ritos, eliminando todas as alusões à perversidade e perigosidade dos hebreus.

Com isto, os judeus e seus cúmplices dentro do clero pretendem reforçar a venda que puseram há tempos nos olhos dos cristãos e de seus jerarcas religiosos, que, ignorando quem é o inimigo capital da Igreja e da cristandade, nem sequer têm possibilidade de defender-se.

Assim, o judaísmo fàcilmente poderá continuar realizando

os seus demolidores avanços no intento de escravização e aniquilamento da Santa Igreja de Cristo e da Humanidade.

É preciso ter em conta que todos os zelosos clérigos que elaboraram com cuidado a liturgia e os ritos, assim como a Santa Igreja, que durante séculos os fez seus, tiveram fundadíssimas razões para fazer certas alusões muito claras contra os judeus. A Santa Igreja, ao havê-las aceitado, longe de equivocar-se, como pretendem os que estão fazendo o jogo do judaísmo, esteve, como instituição divina que é, de todo acertada.

A outra parte deste mesmo plano, consistente em eliminar a tradição como fonte de revelação, foi estudada noutros capítulos, nos quais se insistiu em que o objectivo principal desta infame manobra é apenas o de eliminar como doutrina da Igreja a que foi estabelecida em bulas, cânones conciliares e doutrina dos Padres, de tendência profundamente antijudia ainda que as razões aparentes aduzidas sejam muito distintas.

CAPÍTULO QUADRAGÉSIMO PRIMEIRO

OS ERROS NAZIS E IMPERIALISTAS

A queda da Rússia nas mãos do comunismo, os assassínios de milhões de cristãos pelos judeus soviéticos e os golpes de Estado marxistas na Hungria e na Baviera nos fins da Primeira Guerra Mundial criaram na Europa um estado de justo alarme, ante a ameaça iminente de ser submetida e escravizada pela avalancha vermelha, que parecia incontível, sobretudo como resultado das cumplicidades do governo criptojudeu de Londres e do triunfo nos Estados Unidos das tendências isolacionistas.

A participação visível e predominante dos judeus não só na revolução comunista da Rússia mas também nas da Hungria e Alemanha fez que os patriotas de muitos Estados europeus abrissem os olhos, dando-se conta plena de que a conspiração vermelha era um simples instrumento do imperialismo judaico. Escritores monárquicos russos já haviam dado ao mundo a voz de alerta, fazendo-o também depois patriotas franceses, romenos, espanhóis, norte-americanos, alemães e outros mais de diferentes partes do mundo e de diversas raças e religiões, que coincidiam em assinalar o mesmo perigo.

Quando parecia que a Europa ia ser conquistada pelo imperialismo judaico e sua revolução comunista, começaram a surgir no Velho Continente distintas organizações patrióticas, intentando salvar suas nações do iminente perigo, o que teriam talvez conseguido se a principal delas, o Partido Nacional Socialista Alemão, não se houvesse extraviado por caminhos equívocos, que iam, com o tempo, ser causa decisiva de este ressurgimento europeu se frustrar lamentàvelmente.

Todos os povos têm o direito de exercer sua legítima defesa contra as agressões do imperialismo hebreu. Se os nazis se tivessem limitado a intentar a salvação do seu povo e da Europa frente à mortal ameaça, nada poderia reprovar-se-lhes, e quiçá tivessem tido êxito em tão louvável empresa. Infelizmente incrustaram no Movimento Nacional Socialista tendências agressivas contra outros povos e outras raças, com carácter francamente imperialista.

O próprio racismo hebreu não seria perigoso se se limitasse a tomar medidas internas para o melhoramento da sua raça ou conjunto racial, inclusive a proibição de matrimónios mistos no seio do povo judeu nada nos interessaria. O que torna perigoso e inaceitável o racismo israelita é o seu carácter agressivo e imperialista, que se cultiva com vista a conquistar e escravizar outros povos e que se exerce em prejuízo dos legítimos direitos de outras raças.

O mesmo pode dizer-se, em certa medida, do racismo nazi. Ninguém desconhece as grandes qualidades da raça nórdica, nem o direito que pode ter o povo alemão de melhorar as excelências da sua raça, ou melhor dizendo, do conjunto racial que o integra. Ninguém pode tão-pouco negar-lhe o direito de defender-se do imperialismo hebreu, menos ainda a Santa Igreja, que durante dezanove séculos tem vindo lutando de forma tenaz e heróica contra as arremetidas da Sinagoga de Satanás. O que é inadmissível é que um nacionalismo ou uma chamada higiene racial se encaminhem por sendas imperialistas, lesando e até atropelando os direitos legítimos de outros povos. A injusta invasão da Polónia, o monstruoso pacto com a Rússia para repartir o território polaco, a conquista armada da Boémia e da Morávia, as agressões contra os povos neutrais, a sobrestimação da superioridade alemã e a subestimação das qualidades de outros povos, tão fomentadas pelos nazis e que tanto prejudicaram as suas relações, até com os seus próprios aliados, não foram mais que uma consequência lógica do racismo de tipo imperialista que conseguiu avassalar o Movimento Nacional Socialista e que tanto se assemelha em certos aspectos com o racismo imperialista dos hebreus.

Outra grave consequência do anterior foi o ocorrido na Ucrânia, que recebeu os alemães como salvadores e havia sido para eles um dos mais leais e valiosos aliados contra o Kremlin, mas que depressa se tornou em inimiga, devido à política de conquista e avassalamento realizada nesse país pelos nazis, pois estes, em vez de chegarem como libertadores, chegaram como cruéis conquistadores.

No racismo nazi há que fazer uma devida distinção entre o aspecto meramente defensivo e o agressivo e imperialista. Com respeito ao primeiro, consistente na eliminação dos judeus dos postos de governo e em geral das valiosas posições que tinham dentro da sociedade alemã, os nazis não fizeram mais do que a Santa Igreja Católica havia ordenado em diferentes ocasiões nos últimos catorze séculos como medida para defender a cristandade da acção conquistadora e subversiva da infiltração hebreia.

Os escritos dos Padres da Igreja, diversas Bulas Papais e

cânones conciliares oferecem-nos provas evidentes da luta travada pela Santa Igreja para eliminar dos postos públicos e de toda a posição dirigente nos Estados cristãos os judeus, que sempre deles se aproveitaram para destruir o cristianismo e subjugar os povos cristãos. Já estudámos que a Igreja empregou todos os meios possíveis, inclusive o de separar os hebreus da vida social e familiar dos cristãos, pelo que este aspecto do racismo nazi nos é impossível criticar, visto que, ao fazê-lo, censuraríamos a Santa Igreja, posição que como católicos não podemos adoptar. Pelo contrário, o aspecto agressivo e imperialista do racismo nazi, esse, sim, é de todo censurável e condenável, pois, se a chamada raça nórdica, com seu grande génio científico, artístico, político, etc., deve conservar, cultivar e utilizar suas qualidades excelsas para bem e serviço de toda a Humanidade, jamais poderá dirigi-las para subjugar e escravizar os homens de outras raças, como pretenderam os nazis.

Com semelhante maneira de pensar, era impossível conceber que a aliança concertada entre a Alemanha nazi e o império japonês fosse sincera e eficaz, uma vez que também os nacionalistas nipónicos baseavam o seu movimento libertador num imperialismo racista, tão extremista e perigoso como o nazi, pretendendo, nem mais nem menos, que a raça amarela dominasse o mundo dirigido firmemente pelos japoneses. Em aras de tão infausto ideal iniciaram essa brutal guerra de agressão contra a China e cometeram atropelos contra outros povos. Como era possível que em tais condições pudessem colaborar leal e eficazmente ambos os imperialismos? A essa falta de colaboração adequada por parte de ambos os aliados se deve, em grande proporção, a sua derrota na passada guerra mundial. E se bem que seja certo que o judeu Roosevelt, como o têm demonstrado ilustres patriotas norte-americanos, fez tudo o que pôde para alentar a agressão japonesa contra Pearl Harbour, também o é que, se o regime nipónico vigente não estivesse imbuído de ambições imperialistas desorbitadas, talvez não tivesse caído no hábil ardil que lhe estendeu o judaísmo internacional.

Como já o dissemos noutro lugar, todos os grandes povos do mundo, por desgraça, tenderam para o imperialismo e até para o subjugamento de outros povos em benefício próprio. Fizeram-no os assírios, os caldeus, os persas, os gregos, os cartagineses, os romanos, os árabes, os mongóis, os espanhóis, os portugueses, os turcos, os holandeses, os franceses, os ingleses, os russos e os norte-americanos.

Neste assunto do imperialismo, poderíamos repetir a divina frase de Cristo Nosso Senhor: «Quem se sinta inocente que atire a primeira pedra.»

Todos os homens, sem distinção de raças e de religiões, devem compreender que, além de ser injusta, qualquer nova empresa imperialista é suicida, porque, ante a ameaça mortal pendente sobre todas as religiões e povos do mundo pelo imperialismo judaico e sua revolução comunista, não nos resta outro recurso, segundo nos dita o mais elementar instinto de conservação, que unirmo-nos numa só frente, ao menos no terreno político, visto que sòmente a unidade dos povos e a aliança de todas as religiões poderão formar uma coligação suficientemente forte para nos salvarmos e salvar a Humanidade da escravidão judeo-comunista que a todos sem distinção ameaça.

Esta grande aliança só poderá formar-se se existir um espírito de verdadeira fraternidade entre os povos e um pleno respeito pelos direitos naturais de cada um deles.

Seria fatal e desastroso se os movimentos libertadores contra o imperialismo judaico e sua revolução comunista, que estão surgindo em diversas nações do mundo, tomassem o carácter de nacionalismos imperialistas, porque isso impossibilitaria a unidade dos povos, tão necessária nestes momentos para poder vencer o imperialismo hebreu, levando-nos ao fracasso uma vez mais, e quando talvez seja esta a última oportunidade que teremos de salvar-nos, já que os judeus e seus satélites mações e comunistas utilizariam hàbilmente qualquer tendência imperialista de um movimento libertador antijudeu para lançar contra si os povos por ele ameaçados, como ocorreu precisamente na passada guerra mundial.

Estamos num momento decisivo para a História e temos poucos anos para podermos livrar-nos de cair na escravidão judeo-comunista. Os movimentos libertadores que em vários países lutam contra o imperialismo hebreu devem prescindir de toda a ambição imperialista, devem compreender que nestes dias essa posição é suicida e devem lutar com fervor, não só para libertar os seus povos da garra judaica mas para se unirem em sincera irmandade com outros movimentos libertadores semelhantes, com o fim de conseguir a libertação de toda a Humanidade, incluindo, como é natural, os infelizes povos já subjugados pelo totalitarismo vermelho. Frente a um mundo unido o mais estreitamente possível, sucumbirão os judeus imperialistas, mas poderão triunfar seguramente frente a uma humanidade dividida no campo político por rivalidades nacionais, raciais ou religiosas.

As rivalidades nacionais e raciais devem ser solucionadas mediante negociações pacíficas e de forma justa. Por sua vez, as diferenças de critério na ordem religiosa devem ser dirimidas dentro dos limites de uma leal e pacífica discussão teológica, que ao fim dará razão a quem a tem, mas deve evitar-se

que estes antagonismos degenerem em guerras de religião ou conflitos violentos, sempre anuladores de uma possível unidade política de todos os povos, tão necessária para extirpar, em primeiro lugar, a ameaça do imperialismo israelita e para consolidar depois a paz mundial, indispensável ao progresso e conservação do género humano.

Já anteriormente nos referimos a outro erro trágico dos nazis, que, ao empreenderem a luta contra o imperialismo hebreu, não faziam a devida distinção entre o antigo povo escolhido que nos deu Cristo Nosso Senhor, Maria Santíssima, os Profetas e os Apóstolos — e a grei dos filhos do Diabo, como chamou Jesus aos sectários da Sinagoga de Satanás, aqueles que o desconheceram e crucificaram e que perseguiram a sua Santa Igreja encarniçadamente através dos séculos. Com esta equivocada tese, os teóricos do nazismo assumiram uma posição anticristã, que ia tornar impossível a unificação da Europa, tradicional e profundamente cristã, em torno da luta que os nacionais-socialistas empreendiam contra o imperialismo hebreu, tornando assim impossível sua vitória.

Aqueles que, todavia, abriguem a cândida ideia de poder destruir o cristianismo fàcilmente, se não quiserem aceitar a ajuda divina, devem tomar em conta pelo menos os factos, pois se o poderoso Império Romano não o conseguiu em três lárgos séculos de perseguições sem misericórdia, se os judeus criminosos da União Soviética não o puderam alcançar em quarenta e cinco anos de terror sangrento, menos o poderá conseguir qualquer imperialismo moderno, que ainda por cima tenha de enfrentar ao mesmo tempo o poder oculto e gigantesco do judaísmo internacional.

Estamos mesmo à beira do abismo; e os incrédulos, inclusivamente os homens de tendências anticristãs, se não estão cegos ante a iminência do perigo, devem compreender que todos necessitamos de pôr de lado nossas fobias e nossos ressentimentos, quer sejam de ordem nacional quer religiosa, para nos unirmos e organizarmos uma defesa colectiva contra o inimigo mortal que a todos ameaça, pois, se seguirmos pensando em ódios nacionais, em vingança de agravos passados, em rivalidades religiosas, acabaremos por sucumbir ante a pressão cada vez maior do imperialismo israelita e da sua revolução comunista. É preciso que todos, inclusive os que perderam a fé religiosa façamos um esforço com o fim de conseguir essa unidade política tão necessária para nos podermos salvar.

No presente capítulo, abstemo-nos de comentar as matanças de judeus realizadas pelos nazis, já que deste assunto nos

ocupámos nos capítulos terceiro e quarto da parte deste livro intitulada a «Sinagoga de Satanás».

Devemos prescrever para sempre a guerra de um Estado contra outros, tanto por ser catastrófica para todos como por ser o caminho mais seguro para proporcionar o triunfo final ao imperialismo totalitário do judaísmo. As nossas lutas devem ser, nuns casos, de defesa contra o imperialismo hebreu, e, noutros, de libertação dos nossos próprios povos e de todos os demais que se encontrem subjugados pela garra hebreia, para que, uma vez suprimido o pior dos imperialismos que no mundo tem existido, predicando hipòcritamente a paz, mas fomentando constantemente as guerras, possam todos os países da Terra estruturar uma organização mundial, que, respeitando os legítimos direitos de todos, consolide a paz universal, fomente a verdade, o progresso da Humanidade e eleve o mais possível o nível de vida de todos os homens, sobretudo os das classes mais débeis econòmicamente, ao mesmo tempo que pugne por uma maior aproximação dos homens a Deus, princípio e fim supremo de todo o universo.

O fracasso da Sociedade das Nações e da Organização das Nações Unidas deveu-se, como o estudaremos no segundo tomo desta obra, a que ambas as instituições, embora proclamando os fins mais nobres e humanitários, foram controladas pelo poder oculto do judaísmo e da maçonaria e utilizadas para favorecer o triunfo dos planos imperialistas da Sinagoga.

Fazemos um apelo angustioso aos patriotas dos Estados Unidos e da Inglaterra para que, em caso de libertarem suas nações do jugo judaico, não sigam o caminho suicida do imperialismo. Igual apelo fazemos ao heróico Presidente Nasser, do Egipto, e aos patriotas que noutras nações do mundo lutam com o mesmo fim.

É evidente que a luta pela unidade árabe é uma causa justa, mas, se chegar a obter-se, não deve passar do nacionalismo ao imperialismo, porque então daria à judiaria internacional a magnífica oportunidade de esmagar o nacionalismo árabe, como o fez com o imperialismo nazi, ao dar à Sinagoga, sem o querer, a oportunidade de aniquilar a Alemanha nacionalista, que os próprios nacionais-socialistas haviam conseguido libertar das garras do imperialismo hebreu, elevando o nível de vida das classes trabalhadoras de forma surpreendente. Dessa maneira, o ressurgimento da Alemanha, conseguido nuns quantos anos, viu-se malogrado pelas ambições imperialistas dos próprios artífices desse ressurgimento. É que os grandes povos e os grandes chefes, quando têm êxitos repetidos nas suas empresas transcendentais, convertem-se em fácil presa do egocentrismo, que os impele a realizar às vezes os mais suicidas em-

preendimentos imperialistas. Basta recordar também o caso de Napoleão, que tirou às forças obscuras do judaísmo o domínio da Revolução Francesa, para a transformar numa empresa realmente nacional, fazendo o milagre de converter uma França em ruínas e na anarquia na mais importante potência militar da Terra. Se Napoleão não se tivesse deixado levar por impulsos imperialistas desorbitados, a sua obra teria durado muito mais tempo.

Os triunfos fazem sentir, tanto aos chefes como aos povos, uma sensação de superioridade que conduz uns e outros a uma espécie de delírio de grandeza, impelindo-os às vezes a empreendimentos imperialistas que por fim os levam à ruína. O imperialismo judaico aproveita todas estas circunstâncias para lançar os restantes povos na luta e na guerra contra aquelas potências e chefes que estorvam ou põem em perigo os planos de domínio da Sinagoga de Satanás.

CAPÍTULO QUADRAGÉSIMO SEGUNDO

PAPAS, PADRES DA IGREJA E SANTOS LUTAM CONTRA OS JUDEUS E CONDENAM-NOS. A VERDADEIRA DOUTRINA DA IGREJA SOBRE OS JUDEUS

O grande Papa Gregório VII, o famoso Hildebrando, grande reformador e organizador da Santa Igreja, em carta dirigida ao Rei Afonso VI de Castela, em 1081, dizia textualmente:

«Admoestamos Sua Alteza para que cesse de tolerar que os judeus governem sobre os cristãos e exerçam autoridade sobre eles. Porquanto permitir que os cristãos estejam subordinados aos judeus e estejam sujeitos ao seu arbítrio é o mesmo que oprimir a Igreja de Deus e exaltar a Sinagoga de Satanás. Desejar agradar aos inimigos de Cristo significa ultrajar o próprio Cristo.» [345]

No entanto, este grande Papa opôs-se terminantemente a que se exercesse pressão sobre os hebreus para que se baptizassem, pois sabia o perigo que representavam as falsas conversões: e tomou medidas para evitar este tipo de erros, protegendo os judeus contra o excessivo zelo proselitista de alguns fanáticos.

O grande Papa Gregório VII lutava, pois, sem descanso por impedir que os judeus exercessem domínio sobre os cristãos, visto que, segundo ele, isso equivalia a oprimir a Santa Igreja e a exaltar a Sinagoga de Satanás. Mas, mais ainda, afirmava que agradar a esses inimigos de Cristo era ultrajar Este. Que poderão dizer a este propósito os quinta-colunistas que estão fazendo na actualidade absolutamente o contrário do que ordenou o Papa Gregório VII? Aquilo que sustentava firmemente este famoso Pontífice, um dos mais célebres que haja tido a Igreja em toda a sua história, é o mesmo por que pugnam aqueles que lutam actualmente contra o imperialismo judaico e que por isso são chamados de anti-semitas. isto é, por impedirem que os israelitas exerçam domínio sobre os cristãos, ul-

[345] Papa Gregório VII. Regesta IX. — 2.

trajando com isso a Cristo e sua Igreja e prejudicando gravemente as nações cristãs.

Santo Ambrósio, Bispo de Milão e grande Padre da Igreja, disse à sua grei que a sinagoga «era uma casa de impiedade e um receptáculo de maldades que o próprio Deus havia condenado». [346]

E quando as massas cristãs, em consequência das pérfidas acções dos hebreus, não puderam reprimir sua ira e queimaram uma sinagoga, Santo Ambrósio não só os desculpou completamente como acrescentou: «Eu declaro que deitei fogo à sinagoga ou pelo menos ordenei a essas pessoas que o fizessem. ... E se me objectam que eu não deitei pessoalmente fogo à sinagoga, eu respondo que começou a ser queimada por sentença de Deus.» [347] E não devemos esquecer que Santo Ambrósio de Milão está reconhecido pela Santa Igreja como modelo de bispo, digno de imitar, e como um dos exemplos mais preclaros da caridade cristã. Isto demonstra que a Caridade não deve utilizar-se para proteger as forças do mal.

São Tomás de Aquino, conhecendo o perigo que significavam os judeus na sociedade cristã, aceitava que os hebreus fossem sujeitos a perpétua servidão.

Um escritor filossemita que se queixa disso afirma textualmente: «Aquino aceitou o ponto de vista imperante nesses tempos, de que eles deveriam ser obrigados a viver em perpétua servidão.» [348]

A opinião a este propósito de São Tomás de Aquino está plenamente justificada. Se os judeus em todos os países que habitam estão constantemente conspirando por mandato da sua religião para conquistar o povo que lhes ofereceu generosa hospitalidade, se, além disso, pugnam por despojá-lo dos seus bens e por destruir suas crenças religiosas, não existe outra alternativa que expulsá-los do país ou deixá-los viver nele sujeitos a dura servidão que os mantenha manietados e impedidos de causar tanto mal.

Outro grande luminar da Igreja universal, Duns Escoto, o Doctor Subtilis, foi ainda mais longe que São Tomás de Aquino ao propor à cristandade uma solução do problema judeu com base na destruição completa da diabólica seita. A este respeito, um famoso rabino queixa-se de que Duns Escoto «sugeriu que os filhos dos judeus fossem baptizados à força e que os pais que recusassem converter-se fossem transportados para uma ilha

---

[346] Santo Ambrósio, Bispo de Milão. Grande Padre da Igreja. Carta XI ao Imperador Teodósio.

[347] Santo Ambrósio. Carta citada.

[348] Malcolm Hay. «Europe and the Jews». Boston, 1960. Capítulo IV. Pág. 91.

onde se lhes permitiria que continuassem observando sua religião até ao cumprimento da profecía de Isaías acerca do *residuo que regressará* (H. 22)». [349]

Como se vê, a ideia de confinar os judeus de todo o mundo numa ilha, onde vivessem segregados, sem poder causar dano aos outros povos, não é original de Hitler, mas de um dos mais famosos e autorizados Doutores da Santa Igreja.

Mas São Luís, Rei de França, modelo de santidade e de carídade cristã, que teve a generosidade de devolver a um rei vencido os territórios que lhe havia conquistado, coisa que ninguém fazia espontâneamente nesses tempos, ao tratar dos judeus, era de opinião de que quando ultrajassem a religião cristã o melhor que podia fazer-se era enterrar-lhes uma espada no corpo o mais fundo possível. [350] Para entender o ponto de vista de São Luís, há que ter em conta que, nesses tempos, toda a acção subversiva e toda a conspiração dos hebreus contra as nações cristãs tomava principalmente o aspecto de heresia e ataque à religião cristã, o que se explica numa época em que a questão religiosa era fundamental para cristãos e judeus, ficando todos os assuntos políticos subordinados a ela O imperialismo judaico, ainda em nossos dias, continua conservando uma base profundamente religiosa, como já o demonstrámos anteriormente.

Santo Atanásio, grande Padre da Igreja, sustentou que «os judeus já não eram o povo de Deus, mas os chefes de Sodoma e Gomorra». [351]

São João Crisóstomo, outro grande Padre da Igreja, referindo-se a todas as calamidades ocorridas aos judeus em diferentes épocas, afirmou: «Mas os judeus dizem que são os homens quem lhes tem provocado estas desgraças e não Deus. E tem sido exactamente o contrário, pois é de facto Deus quem lhas tem provocado. Se vós (judeus) as atribuís aos homens, devieis reflectir que, embora supondo que os homens se hajam atrevido a realizá-las, eles não teriam tido força para executar tais acções se Deus não o houvesse desejado.» [352]

São João Crisóstomo, há mais ou menos mil e quinhentos anos, definiu claramente o que eram os judeus, denunciando-os

---

[349] Rabino Jacob Salomão Raisin. «Gentile Reactions to Jewish Ideals». Edição citada. Capítulo XIX. Pág. 525.

[350] Rabino Louis Israel Newman. «Jewish Influence on Christian Reform Movements». New Iork, 1925. Págs. 61 e 62. Rabino Jacob Salomão Raisin. Obra citada. Capítulo XVIII. Pág. 482 e 483.

[351] Santo Atanásio «Tratado da Encarnação». 40, 7.

[352] São João Crisóstomo. «Sexta Homilia contra os Judeus».

como «nação de assassinos», «luxuriosos, rapaces, vorazes, pérfidos ladrões».

Depois, referindo-se o grande Padre da Igreja à tradicional táctica judaica de se queixarem de que os homens lhes fazem a guerra e os destroem, querendo apresentar-se sempre como vítimas inocentes dos outros homens, afirma: «Sempre que o judeu vos disser: foram os homens que me fizeram a guerra, foram os homens que conspiraram contra nós; respondei-lhes: os homens não vos teriam feito a guerra se Deus não o houvesse permitido.»

Outro dos pontos de doutrina católica sustentada por São João Crisóstomo é que «Deus odeia os judeus» [353] porque Deus odeia o mal, e os judeus, depois de haverem crucificado Cristo Nosso Senhor, converteram-se no mal sumo. Sustenta em geral o ilustre Santo a tese doutrinal de que «um homem crucificado por vossas mãos foi mais forte que vós e vos destruiu e dispersou», afirmando que os judeus continuarão sendo castigados pelos seus crimes até ao fim do mundo. As coisas terríveis que temos visto no século, onde quer que os judeus tenham imposto a sua ditadura comunista, comprovam amplamente o que há mais de mil e quinhentos anos afirmou São João Crisóstomo ao assinalar que os judeus são um criminoso bando de ladrões e assassinos, sendo compreensível que o justo castigo de Deus sancione com frequência suas sangrentas maldades. Confirma-se também em nossos dias o que afirmou esse grande Padre da Igreja, no sentido de que sempre que Deus os castiga, destruindo-os ou fazendo-lhes cair em cima as calamidades profetizadas na Sagrada Bíblia, culpam os outros homens dos terríveis sucessos que eles com seus próprios crimes provocaram.

O célebre Bossuet, Bispo de Meaux, escritor e orador sagrado cuja posição na história da Santa Igreja é bem conhecida, lutou também enèrgicamente contra os judeus, a quem, do púlpito, maldizia: «Ó raça maldita! Vossa petição será contestada com muita eficácia, o sangue vos perseguirá até aos vossos mais remotos descendentes, até que o Senhor, cansado já de vos castigar. tome conta de vossos miseráveis restos no fim dos tempos.» [354]

Como se vê, o ilustre teólogo do catolicismo considera que só serão salvos nos últimos tempos uns restos miseráveis do judaísmo: e coincide com São João Crisóstomo e outros Padres da Igreja, em que os desastres que sofrem os judeus são fruto

[353] São João Crisóstomo. «Homilias contra os Judeus». Malcolm Hay. «Europe and the Jews». Edição citada. Pág. 30 e 31.

[354] Bossuet. «Sermão para Quinta-Feira Santa», Oeuvres II. 628.

do deicídio e de suas maldades. Em seus «Discursos sobre a História» e em diversos sermões, chama repetidamente Bossuet aos hebreus «raça maldita» sobre a qual caiu e continuará pendendo a «vingança divina» e que será sempre objecto «de desprezo por parte dos demais povos». [355] Bossuet também sustentou que «os judeus eram objecto do ódio de Deus». [356] Bossuet, neste caso, não fez mais que repetir a doutrina tradicional da Igreja sobre os judeus, que querem agora reformar os agentes da Sinagoga no alto clero, substituindo-a por uma doutrina filojudia completamente herética.

Se Bossuet, piedoso e sábio Bispo luminar da Igreja Católica, tivesse vivido em nossos dias, também haveria sido acusado pelos clérigos criptojudeus de racista e anti-semita.

Bossuet conhecia a fundo a perfídia judaica, como a conheciam bem todos os Padres da Igreja. Se os hebreus, desde a crucificação do Senhor, não houvessem observado através dos séculos uma conduta tão criminosa, ninguém se incomodaria em acusá-los e condená-los por suas maldades. Eles, com a sua maneira de proceder, são os únicos responsáveis pelas reacções que se lhes deparam por toda a parte. Se um homem não quer que o acusem de assassino e ladrão, basta que se abstenha de cometer essa classe de delitos, mas se, pelo contrário, rouba, mata ou conspira, nada de estranho tem que os povos afectados pelos seus crimes lhos lancem no rosto. No entanto, os judeus têm o cinismo de protestar e gritar ao Céu, simplesmente porque lhes imputam as suas próprias conspirações e seus múltiplos delitos contra os outros homens e nações.

Necessita-se de ter bem arreigada a hipocrisia farisaica que lhes vem por herança para rasgar as vestimentas quando se lhes apontam as verdades.

Outro grande Santo da Igreja, famoso por sua piedade e caridade cristã, que ao mesmo tempo foi um dos seus mais ilustres Papas, São Pio V, no primeiro ano do seu pontificado, alarmado pela acção subversiva dos hebreus, manifestou por forma enérgica a sua convicção de que era preciso obrigar os judeus a usar um sinal visível que os distinguisse dos cristãos, para que estes pudessem precaver-se das suas manhosas prédicas. Com efeito, em bula com data de 19 de Abril de 1566, confirmava o que fora ordenado por Bulas de Papas anteriores e pelos Santos Concílios, mandando que todos os judeus varões deviam usar como identificação um *birrete* e as mulheres

---

[355] Bossuet. «Discours sur l'Histoire Universelle». Parte II. Capítulo XXI. Jules Isaac. «Jesus e Israel». Pág. 372.

[356] Bossuet. Citado por Malcolm Hay. «Europe and the Jews». Edição citada. Pág. 174.

um simples sinal, esclarecendo: «3. — E para acabar com toda a dúvida acerca da cor do *birrete* que hão-de usar os varões e do sinal das mulheres, declaramos que essa cor há-de ser o que comummente se chama *gialdo* (amarelo)» e depois de ordenar aos prelados que fizessem publicar e observar a Bula, diz: «5. — A todos os príncipes seculares e aos demais senhores e magistrados temporais, rogamos, instamos e conjuramos pelas *entranhas* de misericórdia de Jesus Cristo, impondo-se-lhes como em ordem à remissão de seus pecados, que em tudo quanto fica dito apoiem e favoreçam os patriarcas, primazes, arcebispos e bispos e castiguem os violadores com penas temporais.» [537]

Além disso, como os judeus dos Estados Pontifícios, por meio de fraudes e usuras, se estivessem assenhoreando da propriedade de raiz, este Papa, canonizado Santo, viu-se obrigado a promulgar a Bula Cum Nos Nuper, de 19 de Janeiro de 1567, segundo do seu Pontificado, confirmando as de Papas anteriores, ao proibir aos israelitas adquirir bens de raiz, obrigando-os a vendê-los num prazo peremptório, sob pena de, desobedecendo a este respeito uma vez mais às Bulas Papais, lhes confiscarem os ditos bens de raiz. De tão interessante documento extraímos estes passos eloquentes: «Como há pouco nós, renovando a constituição do nosso predecessor o Papa Paulo IV, de feliz memória, publicada contra os hebreus, entre outras coisas havíamos estabelecido e mandado que os hebreus, tanto na nossa cidade de Roma como em algumas outras cidades, territórios e lugares sujeitos ao domínio temporal da Santa Igreja Romana, estavam obrigados a vender aos cristãos os bens de raiz por eles possuídos dentro do prazo que lhes fixasse o magistrado... e que, se os ditos hebreus faltaram em algo acerca disto e do anterior, decretamos... que podiam ser castigados segundo a qualidade do delito, na dita cidade, por nós ou nosso vigário ou outros em que delegaremos; e nas cidades e territórios e lugares sobreditos pelos magistrados, como rebeldes e réus do crime de lesa-magestade, e que desconfie deles o povo cristão, conforme o arbítrio nosso e do vigário, delegados e magistrados.» Noutra parte da Bula, referindo-se Sua Santidade a diversas fraudes cometidas pelos judeus, ordena: «Assim, pois, nós, querendo, como convém, remediar estas fraudes e prover a que aquilo que havemos ordenado produza efeito no que foi dito espontâneamente, com perfeito conhecimento e em pleno exercício da potestade apostólica, retiramos completamente aos hebreus e do seu domínio (e negamos qualquer direito e acção)

[537] Papa São Pio V, Bula Romanus Pontifex. 19 de Abril de 1566. Compilada no «Bullorium Diplomatum et Privilegiorum Sanctorum Romanorum Pontificum». Tourinensis Editio. Turim, 1862. Tomo VII. Pág. 439.

todos os bens de raiz, quaisquer que apareçam como pertencentes aos hebreus que vivam tanto nesta cidade de Roma como em todos os lugares sujeitos aos nossos domínios e ao da Sé Apostólica.» [358]

Assim se poderá compreender até que ponto haviam chegado as usuras e fraudes dos judeus e a apropriação dos bens de raiz, para que este piedoso e virtuoso Papa se haja visto obrigado, em defesa dos cristãos, a tomar medidas tão enérgicas. Não deve esquecer-se de que o Papa Pio V é um dos Pontífices que mais se destacaram por sua reconhecida santidade, e que por isso foi justamente canonizado pela Santa Igreja. Se tivesse vivido em nossos aziagos dias, os jerarcas eclesiásticos que estão ao serviço da Sinagoga de Satanás tê-lo-iam condenado por racista e anti-semita, e, se pudessem, até o teriam incluído entre os criminosos de guerra de Nuremberga, uma vez que em nossos tempos bispos, arcebispos, cardeais quinta-colunistas fulminam condenações contra todos os que pretendem defender os seus povos ou a Santa Igreja do imperialismo político ou económico dos israelitas.

Mas as Santas Bulas mencionadas e sua execução não bastaram para conter as maldades dos judeus, que em todas as terras que lhes oferecem hospitalidade chegam a constituir um perigo mortal para os povos cristãos e gentios; então este Papa, modelo de santidade e de piedade, teve a energia suficiente para intentar uma solução radical do problema, cortando pelo são, e em 26 de Fevereiro de 1569 promulgou a fulminante Bula Hebraeorum Gens, expulsando os judeus dos Estados Pontifícios. Deste valioso documento, dada a necessária brevidade desta obra, só publicaremos as partes que nos parecem mais importantes.

A este respeito diz o Santíssimo Papa: «O povo judeu noutro tempo depositário das divinas palavras, participante dos mistérios celestiais e quando superou os demais em graça e dignidade, nessa proporção por sua posterior incredulidade se fez merecedor de ser precipitado do alto, de modo que, chegado o tempo da plenitude, ingrato e pérfido, condenou indignamente o seu Redentor a morte ignominiosa... Mas a piedade cristã, compadecendo-se desde princípio desta inevitável realidade, sofreu que se alojasse em seu seio com bastante mais comodidade... Isto, não obstante a sua impiedade imbuída de todo o género de artes execráveis, chegou a tal grau que se torna necessário, com vista à saúde dos nossos,

[358] Papa São Pio V. Bula Cum Nos Nuper, de 19 de Janeiro de 1567. Compilação do «Bullorium Diplomatum et Privilegiorum Sanctorum Romanorum Pontificum». Tourinensis Editio. Turim. Tomo VII. 1862. Pág. 514 e seg.

restringir pela força uma enfermidade de tal natureza com remédio rápido. Porque omitindo as numerosas modalidades de usura, com as quais, por todas as partes, os hebreus consumiram os haveres dos cristãos necessitados, julgamos como muito evidente serem eles encobridores e ainda cúmplices de ladrões e assaltantes, que tratam de trespassar a outro as coisas roubadas ou mal obtidas ou ocultá-las até ao presente, não só as de uso profano mas também as do culto divino. E muitos, com o pretexto de tratar de assuntos de seu ofício, ambicionando as casas de mulheres honestas, as perdem com muito vergonhosos tratos; e o que é mais pernicioso de tudo, dados a sortilégios e encantamentos mágicos, superstições e malefícios, induzem muitos incautos e enfermos aos enganos de Satanás, gabando-se de predizer o futuro, tesouros e coisas escondidas... Por último, temos bem conhecida e indagada a forma tão indigna com que esta execrável raça usa o nome de Cristo, e a que ponto seja danosa aos que terão de ser julgados com o dito nome e cuja vida, pois, está ameaçada com os enganos deles. Movidos, com efeito, por estas e outras gravíssimas coisas, e comovidos além disso pela magnitude dos crimes que aumentam diàriamente para desgraça de nossas cidades, pensando ainda que a mencionada raça, com excepção de insignificantes grupos do Oriente, não é de utilidade alguma para a nossa República...» «I. — Com autoridade, por meio das presentes letras ordenamos que, dentro do termo de três meses a partir da publicação delas, todos os hebreus de ambos os sexos, estabelecidos em toda a nossa jurisdição temporal e na das cidades que a formam e na dos territórios e lugares, o mesmo que na dos *domicelli* dos barões e na de outros senhores temporais, incluídas as dos senhores que têm só poder, poder misto, poder de vida e morte, ou qualquer outra jurisdição e isenção, que saiam dos mesmos limites, sem apelação.»

Mas o Santo Padre Pio V, conhecedor de que tem sido costume dos hebreus em todo o mundo burlar em diversas formas os éditos de expulsão como o presente, e com o objectivo de evitar que nesta ocasião voltassem a iludir os mandatos desta Santa Bula, decreta na mesma penas severíssimas para os que não saiam do país no prazo fixado, estabelecendo nela que: «2. — Transcorridos os quais, onde quer que se encontrem radicados ou peregrinos, os presentes e os futuros, em qualquer cidade da citada jurisdição, em qualquer território e lugar, mesmo de *domicelli,* barões, senhores ou de outros já ditos, sejam despojados de todas as suas coisas e aplicadas ao fisco e sejam feitos servos da Igreja Romana e submetidos a servidão perpétua, devendo a dita Igreja Romana adjudicar-se sobre eles aquele mesmo direito que os demais senhores se adjudicam

para seus servos e posses. Exceptuam-se, no entanto, as cidades de Roma e Ancona, onde permitimos sejam tolerados os judeus que agora as habitam, a fim de excitar mais a recordação antes mencionada e prosseguir as negociações com os orientais e os mútuos intercâmbios com os mesmos, com a condição de se obrigarem a observar as nossas constituições canónicas e as outras de nossos predecessores; de contrário, pelo mesmo facto cairão em todas as penas que contêm as ditas constituições e que renovamos neste documento.» [359]

Esta Santa Bula traz uma importante inovação com respeito à expulsão de judeus realizada nos Estados cristãos durante os séculos anteriores. Como recordaremos, punham-se os israelitas perante o dilema de ser expulsos ou de converter-se, com o resultado de que a maioria, para evitar a expulsão, se convertia fingidamente ao cristianismo, constituindo um perigo maior para a Igreja e Estados cristãos. São Pio V, sem dúvida conhecedor disto, decreta logo a expulsão pura e simples dos Estados Pontifícios, sem lhes deixar o recurso da conversão, com que sempre a ladearam. Percebe-se que este santíssimo Papa conhecia melhor o problema judeu que muitos jerarcas civis e religiosos que o precederam. Mas vê-se que houve também pressões que convenceram Sua Santidade de que devia exceptuar da expulsão os hebreus de Roma e de Ancona, para que não se lesasse o comércio com o Oriente. Valeram-se, pois, uma vez mais deste recurso para iludir em parte a expulsão.

Outro ilustre Santo e figura principalíssima da Igreja dos primeiros séculos, São Gregório de Nysa, que tão importante papel desempenhou na defesa filosófica da fé cristã em sua célebre «Oração da Ressurreição de Cristo», acusa os judeus de serem: «Assassinos do Senhor, assassinos dos profetas, inimigos de Deus, homens que odeiam a Deus, homens que desprezam as leis, adversários da Graça, inimigos da Fé dos seus Padres, advogados do Diabo, raça de víboras, caluniadores, burlões, homens cujas mentes estão nas trevas, levedura dos fariseus, assembleia de demónios, pecadores, homens perversos, lapidadores, inimigos da honradez.» [360]

É indubitável que nem Hitler lançou jamais em tão poucas palavras tantas acusações contra os israelitas como o fez, há quase mil e seiscentos anos, este santo Bispo de Nysa, irmão do grande Padre da Igreja São Basílio, canonizado também como este por suas virtudes. E, se as incluiu na oração

[359] Papa São Pio V. Bula Hebraeorum Gens de 26 de Fevereiro de 1569. Compilação do «Bullorium Diplomatum et Privilegiorum Sanctorum Romanorum Pontificum». Tourinensis Editio. Tomo VII. Pág. 740, 41, 42.

[360] São Gregório de Nysa. «Oratio in Christi Resurrectionem». Pág. 685.

citada, é porque, como muitos outros Santos, quis lançar o grito de alerta aos cristãos para que se precavessem desta quadrilha de ladrões e assassinos, cujo êxito depende só da ignorância que tenham os cristãos acerca da sua terrível perigosidade, ignorância que querem fomentar os quinta-colunistas, clérigos ou seculares, que, em vez de estarem ao serviço de Cristo, estão sob as ordens da Sinagoga de Satanás, para, a coberto de tal ignorância, tornar possíveis os triunfos do judaísmo. Por isso é tão fácil localizar e reconhecer os judeus secretos infiltrados na acção católica ou no clero, visto que, quando se trata do perigo judeu, logo com suspeitosa insistência afirmam que ele não existe, que é um mito, um invento dos nazis ou qualquer outra fábula carecida de importância, sem outra finalidade que a de encobrir e defender a quadrilha a que secretamente pertencem esses falsos católicos, os quais, frequentemente, como descendentes dos fariseus, fazem alarde de muita piedade e apego à nossa Santa Religião, enquanto por outro lado tratam de impedir que esta se defenda do seu inimigo capital.

Sua Santidade o Papa Gregório IX, no século XIII, na luta que empreendeu contra o judaísmo em defesa da cristandade, promulgou em 5 de Março de 1223 a sua famosa Bula Sufficere Debuerat, da qual copiamos o seguinte: «Deveria ter bastado à perfídia dos judeus que a piedade cristã volvesse a aceitá-los em atenção ùnicamente à sua benevolência, eles que perseguem a fé católica e têm ignorado o nome do Senhor... Êles, ingratos às dádivas e olvidando os benefícios, mostram desprezo de tal benignidade com ímpia retribuição e em troca de dádivas nos fazem ultraje... Assim, pois, havendo sido estabelecido no Concílio Toledano e confirmado em Concílio Geral que não deve dar-se preferência ao blasfemo de Cristo, pois é absurdo em excesso que um tal seja encarregado de ter poder sobre os cristãos. Não obstante, confiam-se-lhes cargos públicos, por meio dos quais se encarniçam contra os cristãos... Têm, além disso, governantes e servas em suas próprias casas, onde se entregam a coisas inauditas que são motivo de abominação e horror para os que o sabem. E se bem que no Concílio Geral citado se cuida de que os judeus de ambos os sexos se distingam dos demais em todo o tempo e em todas as partes pelo seu vestido, apesar disso cresce na Alemanha uma grande confusão porque não se distinguem por prenda alguma. Sendo abominável que o que renasceu com a água do sagrado baptismo seja manchado com as práticas dos infiéis ou com o seu trato e que a religião cristã seja hostilizada pelo poder dos pérfidos (o que sucederia) se o blasfemo do sangue de Cristo mantivesse sujeito em servidão o redimido; portanto, com preceito manda-

mos a todos os nossos irmãos do Episcopado que façam reprimir absolutamente os excessos citados e outros parecidos dos judeus de suas dioceses, igrejas e paróquias, para que não se atrevam a levantar a cerviz submetida ao jugo da escravidão perpétua, para ultrajar o Redentor; evitando com mais rigor que não se atrevam a disputar sobre suas práticas em nenhuma forma com os cristãos, a fim de discussões de tal natureza não serem ocasião para que os ignorantes resvalem no laço do erro, que oxalá não suceda; invocando para isso, a ser necessário, o auxílio do braço secular.» [361]

Como se vê, o Papa Gregório IX lamenta-se amargamente da ingratidão dos judeus, que à bondade respondem com ultraje e envenenam as consciências dos cristãos, perseguem a fé católica, encarniçam-se contra os cristãos ao exercerem cargos públicos e entregam-se a actos que são motivo de abominação e horror; numa palavra, fazem o mesmo de sempre, durante os últimos dezanove séculos. Ao mesmo tempo, encarece que se cumpra com o disposto no Concílio Toledano e confirmado pelo Ecuménico (de Latrão), excluindo-se os hebreus dos postos públicos, obrigando-os a usar o sinal no vestido e submetendo-os a escravidão perpétua, quer dizer, acorrenta a feroz besta para que não possa causar prejuízos. Vê-se, pois, que desta vez foi na Alemanha onde, por não se cumprirem os cânones dos citados Concílios, se havia solto a besta, que estava causando estragos a coberto da tolerância dispensada.

Como pode ver-se, eram os papas quem acaudilhava a defesa da sociedade cristã contra os judeus, e esse deve ser na realidade o seu verdadeiro papel, que consiste em defender as suas ovelhas dos ataques do lobo e não entregá-las nas garras deste. Que não digam os judeus que a Igreja tem a culpa de tudo o que no passado lhes sucedeu, porque foram eles, com a sua ingratidão e acção imperialista, que provocaram tais factos, sendo evidente que, tanto a Santa Igreja como os povos agredidos, tiveram e têm sempre o direito de fazer uso da legítima defesa. Se os hebreus não querem sofrer as consequências dos seus actos de agressão, o que primeiro devem fazer é não cometê-los.

O Papa Martinho V, que ascendeu ao trono pontifical, influenciado pelas intrigas dos judeus, ao fazer aparecer estes como vítimas dos cristãos, começou a observar uma política desastrosa para a cristandade, pelo que depressa o dito Sumo Pontífice se viu obrigado a rectificar, se bem que, ao que pa-

---

[361] Papa Gregório IX. Bula Sufficere Debuerat, de 5 de Março de 1233, Compilação do «Bullorium Diplomatum et Privilegiorum Sanctorum Romanorum Pontificum», Tourinensis Editio. Tomo III. Ano 1233. Pág. 479.

rece, também sob pressão do clero descontente com a sua política.

Qualquer que haja sido a causa da mudança de atitude do dito Sumo Pontífice, a sua famosa Bula Sedes Apostolica dá-nos uma ideia da forma como corresponderam à protecção que durante algum tempo lhes dispensou o dito Papa. A referida Bula, depois de mencionar a sua política benévola para com os israelitas, diz: «Apesar disso, chegou há pouco ao nosso conhecimento por relatos dignos de fé, não sem grave perturbação do nosso ânimo, que alguns judeus de ambos os sexos que moram em Cafas e Canas, e noutras cidades de regiões de ultramar e em terras e lugares sujeitos à jurisdição dos cristãos, não satisfeitos com sua obstinação e para encobrimento da fraude e malícia, não usam nenhum sinal especial em seu vestido, pelo qual se possam conhecer como judeus. E não temendo aparentar serem cristãos, ante muitíssimos cristãos de ambos os sexos das cidades, territórios e lugares mencionados, que por isso não os podem identificar, cometem em consequência diversas coisas nefandas e crimes; entre outros, cuja só enumeração é horrenda, os crimes dos Zachi, dos Rossi, dos Alami, Mingrelli e Anogusi, que, baptizados segundo o rito grego e sob profissão de nome cristão, compram as pessoas de ambos os sexos que podem e, depois de compradas, por sua vez as vendem desapiedadamente aos sarracenos e a outros infiéis, inimigos ferocíssimos e eternos do nome cristão, por um preço ainda dez vezes maior que o preço de compra, que, convertendo-as com toda a exactidão em mercadorias, levam as ditas pessoas aos territórios sarracenos ou infiéis. [362]

Mas a ingratidão dos hebreus para com os que os protegem saltará mais à vista se lermos o que sobre o Papa Martinho V diz oficialmente o judaismo, em sua Enciclopédia já citada: «A amistosa atitude de Martinho deveu-se provàvelmente em sua maior parte aos ricos obséquios que os delegados lhe fizeram. Sem pago de contado nada se podia obter dele; cobrindo o importe era fácil conseguir tudo. Na corte papal a amizade cessa quando se esgotam as «moedas», escreveu o enviado «alemão perante o Vaticano». Seja qual for o motivo da benevolência papal, esta continuou sob Eugénio IV (1431-1447), apesar de algumas bulas hostis, que confirmaram até certo ponto a legislação antijudia antiga. Particularmente a sua Dudum ad Nostram era hostil e contribuiu para criar uma atmosfera de ghetto para a comunidade judaica. Viu-se obrigado a ceder

---

[362] Papa Martinho V. Bula Sedes Apostolica. Ano 1425. Compilação do «Bullorium» citado. Tomo IV. Ano 1425.

perante a pressão do clero espanhol e do Concílio de Basileia.» [363]

É evidente que, mesmo supondo que fosse certo terem os hebreus comprado a peso de ouro a protecção do Papa Martinho V, por um elementar sentimento de gratidão deviam calar-se e abster-se de enlamear a sua honra pela forma com que o fazem, incluindo numa Enciclopédia semelhantes insinuações.

De qualquer forma, neste como noutros casos, a política pró-judia de um papa que contrariava os cânones dos Concílios Ecuménicos, as bulas e doutrina dos papas anteriores e dos Padres da Igreja, conduziu uma vez mais a resultados catastróficos, que estiveram a ponto de afundar a Igreja e a Europa inteira na primeira metade do século XV.

Com efeito, acorrentada a besta pela enérgica política de papas e concílios anteriores, Martinho V semidesatou-a com suas condescendências; e ao mesmo tempo que o judaísmo readquiria ràpidamente na Europa um poder gigantesco, a grande revolução criptojudaica dos hussitas, que se julgava aniquilada em Constança, adquiria proporções gigantescas, ameaçando afundar a Igreja e tragar toda a Europa.

A indignação do Episcopado mundial contra o papa aumentava de forma alarmante, tomando crescente poderio a tese da superioridade do Concílio Ecuménico sobre o Pontífice, pois dizia-se que era mais fácil que falasse um homem e não todo o conjunto do Episcopado; que, além disso, a assistência de Deus à Santa Igreja produzia-se através do concílio e não do papa. Em tais condições, Sua Santidade foi pressionada para que, cumprindo o acordado no Concílio de Siena, convocasse para Basileia um novo Concílio Ecuménico.

É explicável que em tais condições, como diz Juan de Ragusa, só a palavra concílio horrorizasse tão imensamente o papa (*In immensum nomen concillii abhorrebat*). [364]

Convocado pelo Pontífice o Concílio, e já para reunir-se, uma morte súbita arrebatou a vida a Martinho V, deixando a nau da Santa Igreja batida por um mar tempestuoso nas mãos de Eugénio IV, que sofreu as consequências da política do seu antecessor.

Reunido o Sínodo em Basileia, pronunciou-se pelas teses aprovadas no Concílio de Constança, referentes a que o Concílio Ecuménico recebia a sua autoridade directamente de Deus, representando a Igreja Católica militante, motivo por que qual-

---

[363] «Enciclopédia Judaica Castelhana». Edição citada. Tomo VIII. Vocábulo «Papas». Pág. 347.

[364] Juan de Ragusa. «Monumenta Conciliorum Generalium Saeculi XV». Tomo I. Pág. 66.

quer fiel, inclusive o Pontífice, está obrigado a obedecer ao Concílio Ecuménico em tudo o relativo à fé, à extirpação de cismas e à reforma da Igreja, aprovando também que qualquer católico, incluindo o próprio papa, que desobedeça aos acordos do Sínodo Universal, deve ser adequadamente castigado e que o Concílio não pode ser dissolvido pelo papa.[365]

Além de confirmar a doutrina aprovada em Constança, o Concílio de Basileia proibia o papa de nomear novos cardeais enquanto durasse o sínodo. As coisas agravaram-se quando o Sumo Pontífice, depois de dissolver o Concílio, revogou ulteriormente o decreto de dissolução para voltar a dissolvê-lo com posterioridade; e, por sua vez, o Concílio condenou o papa e destituiu-o.

No meio desta tempestade, a revolução hussita, organizada e financiada pelos criptojudeus, fazia progressos aterradores na Europa. Tudo parecia perdido já para a Santa Igreja quando a Divina Providência, como sempre, lhe deu sua assistência por intermédio da acção de homens extraordinários que a salvaram do desastre e conseguiram não só consolidar a sua unidade como derrotar por completo a Sinagoga de Satanás e o seu grande movimento revolucionário do século XV. Entre estes clérigos que serviram de instrumento à Divina Providência para salvar a sua Igreja, destacou-se um humilde franciscano, Frei João de Capistrano, que foi quem acaudilhou a gigantesca luta que teve por resultado a vitória completa da Igreja sobre o judaísmo.

Este piedoso franciscano combateu a besta com suas prédicas e também com sua espada, que enterrou nas goelas do dragão até abatê-lo. Por isso os hebreus lhe chamam «o açoite dos judeus». Na realidade, podemos afirmar, e isto é dizer muito, que São João de Capistrano foi o chefe cristão antijudeu mais enérgico e eficaz que surgiu depois de Cristo Nosso Senhor e os Apóstolos. O destroço que causou na Sinagoga de Satanás é considerado por alguns hebreus como o mais catastrófico. No entanto, a Santa Igreja já deu o seu juízo final sobre o dito lutador, canonizando-o.

São João de Capistrano, salvador da Igreja e da Europa no século XV, merece ser considerado pelas organizações patrióticas que combatem actualmente o judaísmo como seu Santo Patrono. No Céu, ele, que ganhou uma luta similar, será o mais valioso intercessor junto de Deus em favor dos que, seguindo suas santas pisadas, lutam na actualidade por defender a Igreja e suas nações do imperialismo revolucionário da Sinagoga de Satanás.

---

[365] Juan de Segovia. «Historia Gestorum Generalis Synodi Basiliensis».

Santo Agostinho, grande Padre da Igreja, em seu tratado sobre os salmos sustenta e demonstra claramente que foram os judeus que deram morte a Cristo, e não os romanos. [366]

Militão, Bispo de Sardes, na Líbia, e uma das figuras da Igreja mais veneradas no século II, afirmou: «Mas os judeus, como o anunciavam as profecias, rechaçaram o Senhor e mataram-no, e, ainda que a sua morte estivesse predita, sua responsabilidade foi voluntàriamente aceite. Eles estão perdidos, mas os fiéis a quem Cristo predicou nos Infernos, como aos que estão sobre a Terra, participam do triunfo da ressurreição.» [367]

Santo Hipólito de Roma, contemporâneo de Orígenes, faz os judeus responsáveis das suas próprias misérias e desgraças. Foi mártir da Santa Igreja e canonizado pela mesma. [368]

São Tomás de Aquino, compreendendo a necessidade de acorrentar a besta hebreia para que não continuasse causando dano, sustentou doutrinalmente que: «Os judeus devem usar o signo distintivo segundo o Estatuto do Concílio Geral... Os judeus não podem lìcitamente reter o adquirido por usura, estando obrigados a restituir a quem hajam exterminado... Os judeus por razão de suas culpas estão em perpétua servidão, os senhores podem, portanto, tomar-lhes as suas coisas, deixando-lhes o indispensável para a vida, a não ser que o proíbam as leis santas da Igreja.» [369]

É indubitável que os quinta-colunistas que pretendem a condenação dos anti-semitas sentariam também São Tomás de Aquino no banco dos acusados.

Tertuliano, em seu tratado «Adversus Judaeos», lança contra os israelitas muito duras acusações. Em «Escorpise», afirma que «as sinagogas são os pontos donde saem as perseguições contra os cristãos» e em «Ad Nationem», referindo-se sempre aos sucessos ocorridos há mil e oitocentos anos, mas que assombrosamente coincidem com os de hoje, afirma: «Dos judeus é donde saem as calúnias contra os cristãos.» [370] Todas essas campanhas de difamação e calúnia, que têm por objecto anular os chefes anticomunistas e antijudeus, continuam socorrendo-se actualmente, como há mil e oitocentos anos, dos israelitas, sobretudo daqueles que vivem encobertos com a máscara de um falso cristianismo ou que usurpam posições de importân-

---

[366] Santo Agostinho. «Tratado sobre os Salmos». Salmo 63. v. 2.

[367] Prof. Johannes Quasten. «Patrologia». Madrid, 1961. Tomo I. Pág. 232.

[368] Prof. Johannes Quasten. «Patrologia». Edição citada. Tomo I. Pág. 470.

[369] Thomas de Aquinalis. «Opera Omnia». Edição Pasisills. MDCCCLXXX. Tábula I a-o. Tomo XXXIII. Pág. 543.

[370] Tertuliano. «Adversus Judaeos Escorpiase»; «Ad Nationes».

cia nas jerarquias do clero, nas associações católicas de seculares ou nos partidos direitistas. Dos escuros conventículos das sinagogas saem também agora, como há dezoito séculos, as perseguições contra os cristãos, sobretudo contra aqueles que lutam com eficácia frente ao comunismo e ao imperialismo judaico.

O destacado filósofo católico do século passado Jaime Balmes acusou os mercadores hebreus de introduzirem de França em Espanha, apesar do zelo da Inquisição, as Bíblias calvinistas, ocultas nas pipas de vinho francês. [371]

O próprio Santo Agostinho, grande Padre da Igreja, considerou certas matanças de judeus como castigo de Deus, afirmando que, por haverem crucificado Cristo, muitos hebreus foram depois crucificados. Assim, Tito, no sítio de Jerusalém, mandava crucificar quinhentos judeus diàriamente. [372]

Orígenes também acuso os judeus de haverem cravado Cristo na Cruz. [373]

Sua Santidade o Papa Paulo III refere-se claramente à perfídia hebraica na sua Bula Illius Vices, de 12 de Outubro de 1535, na qual condena os cristãos que em segredo praticam o judaísmo. Tomamos de tão importante bula o seguinte parágrafo: «Recebeu-se informação de que na maior parte do Reino de Portugal alguns conversos da perfídia hebraica, denominados cristãos-novos, volvem ao rito dos judeus.» [374]

Sua Santidade o Papa Paulo IV, em sua célebre Bula Cum Nimis Absurdum, de 12 de Julho de 1555, diz: «Sendo demasiado absurdo e inconveniente que os judeus, a quem a sua própria culpa sujeita a perpétua escravidão, sob pretexto de que a piedade dos cristãos aguenta e tolera a sua convivência, paguem aos cristãos com enorme ingratidão, uma vez que às graças recebidas devolvem afrontas e procuram trocar em dominação a servidão que lhes devem.» Passa depois a ordenar a Santa Bula que os judeus devem usar o distintivo ordenado e devem habitar em Aljamas (ghettos). [375]

Este ilustre Papa, além de falar uma vez mais da ingratidão judaica e da necessidade de os ter sujeitos em servidão,

---

[371] Jaime Balmes, S. J. «El Protestantismo Comparado com el Catolicismo». Tomo I. Pág. 466.

[372] Santo Agostinho. Grande Padre da Igreja. Citado por Frei Francisco de Torrejoncillo. «Sentinela contra Judeus Posta na Torre da Igreja de Deus». Edição citada. Págs. 175 e 176.

[373] Orígenes. «De principiis». IV. 8.

[374] Papa Paulo III. Bula Illius Vices, de 12 de Outubro de 1535. Caroli Cocquelines. «Bullorium Privilegiorum ac Diplomatum Romanorum Pontificum. Amplissima Collectio». Roma, 1739-1753. Tomo IV. Parte I. Pág. 132.

[375] Papa Paulo IV. Bula Cum Nimis Absurdum.

menciona como há mais de quatrocentos anos intentam dominar os cristãos, aproveitando-se da generosa hospitalidade que estes ofereciam ao admiti-los em seus territórios, ditando em consequência a ordem relativa à sua reclusão em ghettos e dispondo que usassem o distintivo para sua identificação. Indubitàvelmente que, se este ilustre Papa houvesse vivido em nossos tempos, os quinta-colunistas o teriam acusado e condenado por racismo e anti-semitismo.

Há mais de setecentos anos. Sua Santidade o Papa Inocêncio IV, em sua importantíssima Bula Impia Judaeorum Perfídia. dizia textualmente o seguinte: «A ímpia perfídia dos judeus, de cujos corações, pela imensidade de seus crimes, nosso Redentor não arrancou o véu, mas que. pelo contrário. os deixou permanecer ainda em cegueira como convém, não parando enquanto por misericórdia a compaixão cristã os recebe e tolera pacientemente sua convivência; cometem tais enormidades que causam estupor a quem as ouve e horror a quem são relatadas.» Considerando o dito Papa que o Talmude e outros livros clandestinos dos hebreus os incitavam a cometer toda a classe de maldades, ordena na mesma Bula que sejam queimados pùblicamente. Para confusão da perfídia dos judeus. [376]

Um dos Papas que com maior energia lutaram contra o criptojudaísmo foi Nicolau IV, que fulminou contra eles a sua famosíssima Bula Turbato Corde, em que encarecia aos inquisidores, clérigos e autoridades seculares que procedessem contra eles com afinco e também contra os que os defendessem, os favorecessem ou encobrissem. Esta bula foi uma das bases mais firmes da Santa Igreja medieval em sua luta contra a quinta coluna judia introduzida na cristandade, quer fossem os quinta-colunistas clérigos ou seculares, quer se identificassem como criptojudeus ou como fautores ou encobridores deles. Quer dizer, bastava que alguém defendesse um criptojudeu ou um herege, ainda que o defensor se mantivesse ortodoxo, ou que alguém os favorecesse ou encobrisse para que caísse sob a acção da Inquisição Pontifícia. Assim se compreenderá que, enquanto apoiaram firmemente o disposto nesta santa bula, como noutras do mesmo estilo e nos cânones já estudados dos Concílios de Latrão, tivesse sido muito difícil à besta judaica perfurar a cidadela cristã. Só quando Martinho V e Leão X desacataram o ordenado por estas bulas e concílios é que a Sinagoga de Satanás pôde desgarrar a cristandade, primeiro temporalmente e depois em forma até agora definitiva.

---

[376] Papa Inocêncio IV. PP. Bula Impia Judaeorum Perfidia. De 9 de Maio de 1244. Caroli Cocquelines. Bulório citado. Ediç. cit. Tomo III. Parte I. Pág. 298.

Do texto da interessante bula do Papa Nicolau IV, tomamos o seguinte:

«Conturbado o coração, ouvimos e narramos que não só alguns conversos do erro da cegueira judaica, à luz da fé cristã, têm tornado à perfídia anterior; mas que também muitíssimos cristãos, renegando a fé católica, a trocaram pelo rito judaico, coisa digna de condenação... Contra todos os que tal hajam cometido, como contra os hereges, e também contra seus favorecedores, encobridores e defensores, procedei com afinco. Quanto aos judeus que hajam induzido cristãos de ambos os sexos ao seu execrável rito, ou os aliciarem, castigai-os com merecida pena.» [377] Os autores judeus esclarecem que estes cristãos convertidos ao judaísmo eram em geral os descendentes dos conversos, que, baptizados na infância, eram introduzidos depois secretamente no judaísmo.

Por termos de encerrar o primeiro tomo desta obra, vemo-nos na necessidade de suspender a inserção de outras inumeráveis Bulas de Papas mais ilustres e que de uma forma ou outra condenam o judaísmo e constituem importante episódio da luta gigantesca que a Santa Igreja teve de sustentar durante séculos contra os hebreus. Na parte seguinte deste livro, continuaremos a estudar tão importantes documentos. Por agora, e saltando provisòriamente a tempos quase contemporâneos, transcreveremos o que o judaísmo oficialmente, por meio de sua citada Enciclopédia, diz do Papa Leão XIII, luminar dos tempos modernos:

«Leão XIII (1878-1903) foi um dos Pontífices mais ilustres, mas nunca perdoou aos judeus o seu apoio ao liberalismo italiano e europeu em geral. Identificava-os com a maçonaria e as correntes revolucionárias e apoiou os reaccionários antijudeus da Áustria e da França.» [378] Aqui temos uma vez mais a posição firme de defesa da Santa Igreja e do mundo cristão sustentada por um dos maiores papas de todos os tempos, que, pelo visto, conhecia o problema judeu a fundo e até responsabilizava os hebreus pela acção maçónica, a qual desempenhou um papel destacado nas revoluções liberais.

Com o que se expôs no presente e nos restantes capítulos deste primeiro tomo, basta para demonstrar que o que pretendem os quinta-colunistas do clero, ao pugnarem pela condenação do anti-semitismo e do racismo, é sentar no banco dos réus não só Cristo Nosso Senhor e os Apóstolos mas os

---

377 Papa Nicolau IV. Bula Turbato Corde. 5 de Setembro de 1288. Caroli Cocquelines. Bulório citado. Ediç. cit. Tomo III, Parte II, Pág. 52.

378 «Enciclopédia Judaica Castelhana». Ediç cit. Tomo VIII. Vocábulo «Papas». Col. II, da Pág. 351.

Padres da Igreja, os seus mais famosos Concílios Ecuménicos e Provinciais e seus mais ilustres papas; numa palavra, a própria Igreja. Suas perversas intenções vêem-se alentadas pela ignorância, imperante por desgraça no respeitável clero, que desconhece a verdadeira história eclesiástica. Crêem os Judas Iscariotes do século XX que, a coberto de tal ignorância, podem meter na ratoeira, com hábeis enganos, os mais piedosos e bem intencionados jerarcas da Igreja, mas sabemos que a Divina Providência impedirá um crime tão atroz e que nunca permitirá que a sua Santa Igreja se veja condenada tàcitamente pelos seus próprios jerarcas. Por nossa parte, segundo o exemplo de São Bernardo, cremos ter sido conveniente contribuir com o nosso grão de areia para impedir o triunfo da conspiração, de acordo com o seu histórico apotegma: «A Deus rogando e com o malho dando.»

Só o facto de a Santa Sé, contradizendo a doutrina estabelecida pela Santa Igreja pela forma que temos demonstrado, declarar que os «judeus réprobos» são amadíssimos aos olhos de Deus, como o planeou na sombra a Sinagoga de Satanás, e aceitar transigir e pactuar com quem nem Cristo Nosso Senhor, nem os Apóstolos, nem a Igreja em quase vinte séculos aceitaram jamais pactuar, além de constituir uma desautorização manifesta e uma condenação implícita da doutrina e da política observada ao respeito por Nosso Divino Salvador, os Apóstolos, os papas, os santos e os concílios, que tanto lutaram contra a Sinagoga de Satanás, conduziria a Igreja a uma falsa situação, na qual os seus inimigos poderiam demonstrar que se contradizia a si mesma — o que num tempo dissera que era mau diria agora ser bom, o que num tempo dissera que era negro afirmava agora ser branco — com as consequências catastróficas que é fácil imaginar. Mas isto é impossível que suceda; os pérfidos judeus que julgam que já dominaram a Santa Sé e que contam com um bloco de cardeais e prelados suficientemente poderoso para destruir as tradições essenciais da Igreja, abrir as portas ao comunismo e realizar reformas que preparem a ruína da catolicidade, acelerando a queda do mundo livre, não contam com a assistência de Deus à sua Santa Igreja, a qual fará surgir de entre os seus jerarcas os Ireneus. Atanásios, Crisóstomos, Bernardos ou Capistranos, que com a ajuda da Divina Providência a salvem uma vez mais da borrasca.

CAPÍTULO QUADRAGÉSIMO TERCEIRO

FRATERNIDADES JUDEO-CRISTÃS, LOJAS MAÇÓNICAS DE NOVO CUNHO?

Nos Estados comunistas, os judeus assassinaram e continuam assassinando milhões de cristãos; mantêm encarcerados mais milhões e escravizaram todos. Estão organizando em toda a parte movimentos subversivos e guerras civis, que provocam constantes e cruéis derramamentos de sangue; e, como todos os criminosos, vivem em pânico de receber o seu merecido castigo; por isso, espalhando milhões de dólares pelo mundo livre, tratam de evitar que tome força a natural reacção anti-judaica, tendente a impedir o triunfo comunista com um ataque efectivo à cabeça, e procuram evitar que, com o êxito dos patriotas, os judeus culpados sejam castigados e não possam continuar causando tantos males à Humanidade.

Entre os meios utilizados para impedir que a Humanidade possa defender-se eficazmente dos seus mortais inimigos, estão a fundar-se em todas as nações, ainda que à custa de enormes gastos, confraternidades ou associações de aproximação judaico-cristã. Em todo o mundo comunista não é necessário despender dinheiro com essas bagatelas, pois todo o intento cristão de se defender dos judeus é declarado anti-semitismo e considerado delito contra-revolucionário, tanto pelas leis soviéticas como pelas dos Estados satélites e, portanto, castigado com a pena de morte, em casos graves, ou com prolongada prisão, em casos leves.

Nos Estados Unidos chegaram a fundar-se igrejas mixtas, com reuniões conjuntas de judeus e protestantes, as mesmas que agora estão transplantando com algumas modalidades no mundo católico, aproveitando-se da sua infiltração secreta no clero, que lhes permite ter dentro do mesmo muitos agentes incondicionais.

Geralmente, essas confraternidades ou associações judeo-cristãs fundam-se sob o duplo patrocínio de um rabino judeu e de um clérigo católico. É certo, no entanto, que muitos sa-

cerdotes e jerarcas do clero são adulados, enganados ou atraídos com atenções e gentilezas ou fazem-nos ceder sob as mais variadas pressões, sem que muitos imaginem os verdadeiros propósitos que se buscam com estas confraternidades judeo-cristãs, mas também é indubitável que, como o presumia a Santa Inquisição e todos os jerarcas da Igreja Católica que através dos séculos têm conhecido o problema, devem considerar-se suspeitos de criptojudaísmo os sacerdotes e jerarcas que fazem o jogo por forma insistente da Sinagoga de Satanás, porque quem ajuda os piores inimigos de Cristo, inclusivamente obscurecendo a verdade e enganando os cristãos, deve ser um desses judeus inimigos de Cristo, ainda que haja camuflado a sua maldade com a sotaina ou até com o capelo cardinalício, pois assim como é de supor que um indivíduo que ajude de forma insistente uma quadrilha de ladrões e assassinos seja do bando ou, quanto menos, cúmplice, também é lógico concluir que aqueles que no clero jogam até a sua carreira eclesiástica por apoiar o pior bando de criminosos e ladrões que tem existido no mundo e que além disso são os piores inimigos da Igreja sejam membros do sinistro bando.

Com o auxílio dos seus cúmplices no clero, que surpreendem a boa fé de muitos, os hebreus conseguem que se formem essas confraternidades judeo-cristãs, cujos fins, aparentemente inofensivos, são entre outros, segundo indicam: «I. — Ensinar aos judeus e aos cristãos a estabelecer entre si relações fraternais, penetradas de mútuo respeito e sincera amizade. II — Fomentar uma melhor compreensão e mútua estima entre judeus e cristãos. III — Intensificar a aproximação espiritual entre judeus e cristãos. IV — Fomentar o conhecimento de suas mútuas crenças, tradições, culturas e modos de vida. V — Pôr todo o empenho para que em ambos os grupos reine o afecto fraternal que surge do mútuo conhecimento e trato permanente.» E logo com um descaro assombroso: «VI — Paralelamente aos propósitos já indicados, o judaísmo e o cristianismo, no que se refere aos seus ideais espirituais, procurarão unir as suas forças, formando uma frente comum, para contrariar a ofensiva permanente do materialismo actual, com sua negação de valores espirituais ou ideais que tanto judeus como cristãos vêm sustentando no decurso dos séculos», etc.

Como se vê, os fins aparentemente são magníficos e muito aptos para atrair as pessoas de boa fé, ignorantes do problema judaico, mas conservam, no entanto, escondidos o engano e a mentira, armas favoritas dos filhos de Israel. É preciso uma boa dose de cinismo para afirmar que os judeus se unem aos cristãos com o fim de lutar contra o materialismo actual, já que, como ficou demonstrado nesta obra, os judeus são os prin-

cipais propagadores do dito materialismo. Não menos cinismo é necessário para declarar que os judeus desejam estabelecer relações fraternais com os cristãos, coisa que deviam primeiro demonstrar, retirando as cadeias aos infelizes cristãos que encarceraram e têm sujeitos a dura servidão, tanto na União Soviética como nos demais Estados comunistas, e deixando de assassiná-los. O que na realidade pretendem os hebreus e seus cúmplices dentro do clero com estas confraternidades é atrair incautos e convertê-los em satélites do judaísmo, para depois os utilizar como instrumentos de ataque e destruir as organizações anticomunistas ou nacionalistas de católicos, que pretendem defender a sua pátria e a sua religião dos ataques do comunismo, da maçonaria e, em geral, do poder oculto judaico que dirige os dois primeiros.

Contra factos não há argumentos: do mesmo Boletim número 5 do ano 1960 da nossa era e ano 5720 de era judaica, publicado pela Confraternidade Judeo-Cristã da Costa Rica, donde extraímos alguns dos seus propósitos tão fraternais e inofensivos, transcrevemos agora as seguintes notícias de actividades realizadas por esta e por outras confraternidades afins,

Costa Rica: «Padre Idoate informa-nos sobre tumultos anti-semitas e acção punitiva na Costa Rica. Fevereiro-Março 1960. 1 — Os tumultos anti-semitas que com uma regularidade calculada e sincronizada surgiram durante os meses passados em várias partes do mundo fizeram também acto de presença, tartamudeante e artificial, na nossa querida Costa Rica... 2 — O Comité Judeo-Cristão tomou a resolução de se manifestar pùblicamente ante a opinião pública, para o repúdio mais completo dos mesmos. O nosso presidente (o presbítero Francisco Herrera) enviou à Imprensa uma declaração de princípios pelos quais se classifica a atitude anti-semita não só injusta como também contrária aos postulados cristãos e aos desígnios de Deus sobre a salvação do mundo. 3 — Este protesto da nossa confraternidade feita em nome do seu presidente causou um impacte muito grande na sociedade costa-riquense... e provocou uma série de manifestações magníficas em favor da causa judaica injustamente atacada...»

Uruguai. — «A Confraternidade Judeo-Cristã do Uruguai enviou diversos recortes interessantes, procedentes de diários de Montevideu, recortes que ilustram amplamente as brilhantes jornadas de solidariedade que ali se efectuaram em grandes teatros, com o fim de repudiar as manifestações anti-semitas...»

Vê-se, pois, bem claro qual é o verdadeiro objectivo nestas associações da aproximação judeo-cristã: atrair o maior número possível de católicos, que servirão de instrumento cego dos judeus, no esforço que fazem para combater e destruir os

movimentos políticos que outros católicos organizam em defesa da sua Pátria, da Igreja e da Humanidade contra a Sinagoga de Satanás.

Parecem-se estas associações com as primitivas lojas maçónicas, uma vez que nelas também se começou falando da fraternidade dos povos, de convivência pacífica das distintas crenças religiosas, de uma aproximação amistosa judeo-cristã, mas que, na realidade, o que conseguiram foi o domínio dos judeus sobre os cristãos.

Também nas lojas maçónicas os judeus se serviram dos católicos, sacerdotes, cónegos, arcebispos e até cardeais que, sendo membros da maçonaria, serviam de isco para que os católicos sinceros caíssem no engano. Os anos passam, mas as clássicas patranhas do judaísmo são as mesmas.

De igual maneira atraem incautos com o aliciante dos banquetes maçónicos, dos convívios cheios de discursos radiantes de amizade e fraternidade, enquanto os judeus acachapados que dirigem a maçonaria utilizavam com fins perversos; essa massa, contando com a cumplicidade dos clérigos católicos mações ao serviço do judaísmo, iguais aos clérigos que dirigem actualmente esses supostos movimentos de aproximação judeo-cristã.

Finalmente, nestas sociedades de aproximação e amizade judeo-cristã, assegura-se que os judeus ensinam aos cristãos qual é a sua religião, qual é o seu pensamento, mostrando-lhes livritos e folhetos, inclusivamente falsificações do Talmude, para que os católicos ingénuos vejam que a religião judaica, longe de ser má, é algo de tão boa ou mais que a cristã, confundindo-os como os judeus mações o fazem com os neófitos dos primeiros graus maçónicos, a quem ensinam uma doutrina inofensiva que nada tem que ver com a inculcada nos mais altos graus e menos ainda com o verdadeiro propósito que buscam os judeus dirigentes da seita maçónica, propósito que jamais é revelado aos cristãos que lhes servem de satélites e instrumentos. O judeu sempre foi o pai da mentira; o incrível é que haja tantos ingénuos que continuem caindo na sua rede.

CAPÍTULO QUADRAGÉSIMO QUARTO

A APROXIMAÇÃO AMISTOSA CRISTÃ-JUDAICA

Se a Santa Igreja chegasse a celebrar um convénio com o judaísmo, contradizer-se-ia a si mesma e perderia a sua autoridade perante os fiéis, ao ir contra o acordado por outros concílios da Igreja, Bulas dos Papas definindo doutrina e teses uniformes dos Padres da Igreja, segundo se viu anteriormente. No entanto, estudaremos a seguir se é possível chegar pelo menos a uma aproximação com o judaísmo, para pactuar com ele uma trégua nessa luta milenária.

Ao falarmos da conversão dos judeus, vimos como eles utilizam tão sublime aspiração da Igreja, apenas como mero ardil de propaganda entre os meios católicos, para criarem para si um ambiente de simpatia, a coberto do qual tratam logo de obter, com enganos, concessões que, embora de momento pareçam inofensivas, produzem consequências desastrosas para a Santa Igreja e para o mundo cristão.

Sabe-se que procuram que se aprove uma espécie de estatuto, fixando as relações entre judeus e católicos, sobre a base de que os judeus não ataquem a Santa Igreja, nem os cristãos o judaísmo, mas, se bem que semelhante proposta pudesse parecer prudente para os que não conhecem o problema judaico e, sobretudo, para os que, além de o ignorar em toda a sua amplitude, são de temperamento timorato, inclinados a imaginar um panorama de acordo com os seus desejos, sobre a base de uma formosa paz, na qual o tão poderoso judaísmo deixará viver pacìficamente e se absterá de combater a Santa Igreja; há, no entanto, que extrair, pelo menos agora, lições da História e recordar que o judaísmo nunca cumpre os seus pactos, que vive enganando todos, prometendo o que nunca pensa cumprir e celebrando convénios que viola quando tira proveito deles, com o único fim de debilitar o seu adversário.

Na realidade, a clássica política do comunismo, que consiste em nunca cumprir os tratados ou pactos, não é mais que uma manifestação da política judaica de mentiras e en-

ganos, coisa que não é de estranhar, uma vez que o comunismo marxista foi idealizado por judeus, organizado por judeus, dirigido por judeus, sendo a obra máxima do judaísmo moderno. Se a ninguém que se preze de sensato lhe ocorre dar crédito à palavra de um comunista ou ter confiança em convénios e tréguas pactuadas pelos comunistas, com igual razão, e ainda maior, deve considerar inútil qualquer trégua, paz ou convénio que se pactue com o judaísmo, que é o pai do comunismo e o inspirador de sua política falsa, caracterizada pela falta de cumprimento dos convénios internacionais.

Sabe-se de boa fonte judaica que o pretendido com esse estatuto que norme as relações entre cristãos e judeus, planeado nas sinistras sinagogas e no altos círculos maçónicos, para ser defendido no actual Concílio Ecuménico pelos agentes do judaísmo no seio do alto clero, não é outra coisa que fazer cair no logro, porque, ao obrigarem-se judeus e cristãos a não atacar-se mùtuamente, ficam os católicos atados de pés e mãos para defender a Igreja, o mundo livre, suas nações ou suas cristãs famílias, da acção destruidora do judaísmo, o qual, em troca, ainda que aparente não atacar directamente a Igreja e os católicos, o fará com o seu clássico sistema de atirar a pedra e esconder a mão, utilizando para isso a maçonaria, o comunismo e outras seitas subversivas que usa com tal objectivo. Numa palavra, enquanto a Sinagoga de Satanás continuar atacando a cristandade e o mundo livre por meio de suas seitas maçónicas, comunistas, etc., manifestando hipòcritamente que nada tem que ver com elas e está inocente do que fazem, irá atando de pés e mãos os católicos para que não possam exercer sequer a possibilidade de defender os seus direitos naturais, como indivíduos, contra a conspiração judaica, que, uma vez paralisada a defesa cristã, acabará por arrasá-la de todo; por isso, enquanto a trégua pactuada, a aproximação amistosa ou a paz convencionada seriam cumpridas fielmente pelos cristãos, ver-se-iam violadas pelos judeus, que se aproveitariam do auto-encandeamento dos católicos para os dominarem mais fàcilmente e conseguirem o fim que perseguem: a destruição da Santa Igreja, o aniquilamento do seu clero e a escravidão da Humanidade.

Todas estas artimanhas judaicas se devem ao alarme que os israelitas sentem, porque nos Estados Unidos, na América Latina, em todos os países da Europa, no mundo islâmico e no resto da orbe estão surgindo movimentos anticomunistas, sobretudo na América do Norte, movimentos que, se se unirem, podem salvar a Humanidade do perigo comunista e do domínio israelita, uma vez que muitos deles têm consciência de que por detrás do comunismo, por detrás da maçonaria, por detrás de

toda a acção tendente a destruir a civilização cristã, está o judaísmo como a cabeça do polvo que é necessário despedaçar, se se quiser que os tentáculos, que são o comunismo, maçonaria, socialismo e demais seitas, possam ser eficazmente vencidos, pois enquanto não se atacar a cabeça do polvo este poderá regenerar de novo os seus tentáculos.

O conhecimento da existência destes movimentos políticos de defesa, que tomam em muitos lados proporções importantes, sobretudo nos Estados Unidos, apesar das constantes calúnias que lhes lançam a Imprensa e a propaganda judaicas, qualificando-os de fascitas, clericais ou nazis, conforme os casos, é o que mais tem alarmado o judaísmo, por eles empenhado numa vasta campanha mundial, não só no seio da Igreja Católica como também das confissões protestantes ou dissidentes e noutros sectores sociais. Este movimento tende a celebrar supostos pactos entre judeus e cristãos, supostas aproximações entre uns e outros, que não têm outro objectivo senão enganar os crentes em Cristo e os homens em geral sobre a natureza da verdadeira cabeça da conspiração, para que, abstendo-se de atacá-la, possa esta prosseguir vitoriosamente até final, que é o triunfo definitivo da escravidão judaico-comunista.

A História tem demonstrado que quando se lançou um ataque eficaz e destrutivo contra a cabeça do dragão, ou seja, o judaísmo, este, colocado na defensiva, não teve tempo nem possibilidade de organizar revoluções, nem de realizar eficazmente as suas actividades destrutivas. Assim, nos momentos críticos da repressão visigótica, os judeus empenhados em subsistir não tiveram calma nem tempo de organizar heresias. O mesmo ocorreu nas épocas em que a repressão inquisitorial foi mais eficaz e colocou o judaísmo na possibilidade de desaparecer. Os judeus, para poderem prosseguir còmodamente a sua actividade subversiva, necessitam de que ninguém os ataque, evitando assim perder em sua própria defesa as energias e os recursos económicos que requerem para a acção revolucionária tendente a escravizar o mundo. Por isso, se têm empenhado em buscar meios que lhes permitam impedir que os cristãos, em defesa própria. possam contra-atacá-los, havendo urdido toda essa tramóia da aproximação e amizade judeo-cristã, de sociedades mixtas, pactos de não agressão, etc.

Se se visse uma ligeira possibilidade de sinceridade do judaísmo em seus supostos intentos de conseguir uma reconciliação entre judeus e cristãos, na base de se conhecerem melhor e de se sentarem na mesa de negociações para se conseguir limar asperezas e obter primeiro uma aproximação e depois uma paz duradoura, seríamos os primeiros a aceitar tal oferta de

entendimento e de paz, sempre que não significasse contradizer de alguma forma o aprovado pelos papas, pelos Padres da Igreja, pelos Santos Concílios, mas desgraçadamente sabe-se bem, e demonstrou-se neste livro, que o judaísmo tem utilizado sempre estas aparências de boa vontade e estes oferecimentos de amizade e de aproximação, apenas para debilitar e paralisar a defesa daqueles que, enganados, se fiam em suas promessas e caem na tradicional e secular mentira. Se alguém duvida e julga que este critério é exagerado, vamos oferecer-lhe a possibilidade de o comprovar pessoalmente: se os jerarcas eclesiásticos que servem de instrumento à quinta coluna judaica introduzida na Igreja insistem em que se chegue a essa aproximação, a esse pacto de não agressão que estipula as relações pacíficas entre judeus e católicos, seria indispensável prèviamente, para provar a sinceridade do judaísmo com respeito a essas possíveis negociações, exigir provas evidentes de que a Sinagoga está realmente resolvida a não atacar mais a Santa Igreja, nem as nações cristãs, nem a espezinhar os direitos naturais dos povos, nem a tentar destruir a civilização cristã. Se o judaísmo desse provas claras da sua sinceridade a tal respeito, então podia negociar-se com algumas probabilidades de êxito. Mas só há uma forma de o judaísmo demonstrar com provas evidentes que realmente está possuído do desejo de conciliação, de aproximação e de paz; esta consistiria em aceitar imediatamente as seguintes medidas:

I — Dissolução real e eficaz da maçonaria em todo o mundo e supressão da sua acção anticristã.

II — Dissolução real e eficaz dos partidos comunistas, socialistas marxistas e de controle maçónico, que têm vindo lutando por minar as instituições cristãs e levar, aberta ou hipòcritamente, os estados cristãos à ditadura socialista do comunismo judaico.

III — Celebração imediata de eleições livres na Rússia, na Polónia, em Cuba, na Checoslováquia e demais Estados cristãos tiranizados cruelmente pelo comunismo judaico, assim como na China, onde habitam milhões de cristãos oprimidos. Reforma imediata das Constituições de tais Estados, restabelecendo as liberdade, entre elas a religiosa, suprimindo a propaganda ateia e materialista com que os judeus envenenam as consciências dos jovens de famílias cristãs.

IV — Retirada imediata das tropas judaico-soviéticas dos países da Europa Oriental ocupados.

Se os judeus, com a execução sincera e real destas medidas prévias, demonstrassem que realmente desejam uma aproximação amistosa com a Santa Igreja e com a cristandade em geral, nós seríamos os primeiros a desejar que se negociasse

uma aproximação e a felicitar-nos por tão importante passo dado em benefício da paz mundial, que demonstraria finalmente que o coração dos hebreus começara a abrandar-se como um presságio da sua futura conversão à religião do nosso divino Salvador. Mas se, pelo contrário, prosseguem com os seus enganos a assegurar que o comunismo não é coisa judaica, que há judeus comunistas e outros auticomunistas, que não dirigem nem controlam a maçonaria e que nada podem fazer para impedir que essas seitas continuem a atacar a Santa Igreja; se dizem que nada podem fazer para tirar o jugo judaico-comunista aos povos cristãos e às Igrejas cristãs torturadas e perseguidas por ele, então ver-se-á claramente o que é que pretende na realidade a Sinagoga com a suposta aproximação, com a pretensa trégua e com o respectivo pacto que regularia as relações de cristãos e judeus; e tornar-se-ia bem claro que a única coisa que procuram com essa mentirosa proposta é manietar os cristãos para que se abstenham de atacar o dragão na cabeça (o judaísmo), enquanto as suas garras (comunismo, maçonaria, partidos socialistas, seitas, etc.) prosseguem o seu trabalho destruidor contra a Santa Igreja, a cristandade e o mundo livre.

APÊNDICE

A TENAZ SOVIÉTICO-ISRAELITA ESTRANGULA OS ÁRABES. OUTROS SEGREDOS DO JUDAÍSMO

Da obra do médico patriota polaco Luís Bialski, refugiado no mundo livre e intitulada *Segredos de Israel e da Sua Revolução Comunista,* julgámos conveniente acrescentar, como anexo final a esta nova edição da obra *Complot contra a Igreja,* os seus capítulos XV, XVI e XVII.

Entre os novos dados que sobre o judaísmo e sua revolução comunista nos traz este livro figura, de forma impressionante, todo o segredo da estratégia judia no mundo árabe, levada a cabo com cálculo premeditado pelo Estado de Israel por um lado, e a União Soviética e outros países comunistas pelo lado aparentemente contrário, que em forma de tenaz estão estrangulando os árabes, de acordo com um plano secreto, inteligente e audaz, aprovado nas organizações ocultas do judaísmo internacional que, controlando os dois braços da tenaz, ou seja o Estado de Israel e os governos judaicos da União Soviética e outros países comunistas, sob a aparência de uma luta mais escandalosa que real, entre o primeiro e os segundos, colocou os pobres árabes perante o dilema aterrador de que ou se rendem a Israel ou, para o evitar, têm de aceitar a ajuda dos comunistas, caindo paulatinamente na órbita soviética, até se converterem em seus satélites, para irem sucumbindo depois progressivamente sob o seu domínio. É claro que em semelhantes circunstâncias, qualquer destas duas coisas que aconteça será benéfica para os interesses do judaísmo internacional, e prejudicial para os árabes e para o resto da Humanidade, conquistada já em parte pelo imperialismo judeu, e ameaçado o resto pela dita conquista.

Ao presente anexo demos-lhe o título de «A tenaz soviético-israelita estrangula os Árabes», correspondente ao capítulo XVII da obra do dr. Luís Bielski citada, se bem que isso não queira dizer que os outros capítulos que transcrevemos aqui,

de tão interessante livro, traduzidos para espanhol, deixem de ter importância equivalente.

A obra mencionada proporciona também dados muito importantes, sem os quais é muito difícil entender os fundamentos ocultos da pugna entre a União Soviética e a China comunista, suas relações com o judaísmo internacional e suas repercussões no conflito árabe-israelita.

Quando nos enviaram de Roma estes três capítulos do livro de Bielski, sugerindo-nos que os acrescentássemos, como apêndice, à edição que projectávamos publicar no México do *Complot contra a Igreja,* de Maurice Pinay, opusemos a isso as seguintes objecções: em primeiro lugar, que nos parecia inconveniente acompanhar na dita edição, a uma obra baseada em tão sólida e irrefutável documentação, como é o *Complot contra a Igreja,* três capítulos de outra obra, que carece de tão forte alicerce, embora a referida obra, segundo nos garantiram, contenha outros capítulos baseados em sólida documentação; e em segundo lugar, que, ao fazê-lo, aumentaria o volume da edição, já demasiado grande. Mas os acontecimentos políticos ocorridos em relação com o conflito árabe-israelita, desde que recebemos os capítulos de Bielski, têm coincidido minuciosamente de forma tão exacta com o plano denunciado por aquele autor, que chegámos ao convencimento da completa autenticidade do dito plano e da necessidade de dá-lo a conhecer aos leitores da edição em projecto, que convertemos agora em realidade. *

México, D. F. primeiro de Setembro do ano do Senhor de 1968. — *A COMISSÃO DE SACERDOTES CATÓLICOS QUE ORDENOU ESTA EDIÇÃO.*

* *Nota do Editor:*

Considerámos de suma importância para os leitores de língua portuguesa incluir este apêndice que aparece na edição mexicana desta obra, feita por *Ediciones Mondo Libre,* em 1968.

CAPÍTULO XLV

SIONISMO E COMUNISMO

O povo de Israel é evidentemente um povo nómada. Mas ainda antes da destruição do Estado judeu pelos romanos (Ano 70 D. C.), há quase dezanove séculos, já era, como os seus irmãos de raça, os fenícios, um povo que estabelecia colónias migratórias em outras nações, ao mesmo tempo que tinha o seu próprio Estado territorial. Quando os romanos destruiram o Estado judeu e derrubaram o segundo Templo, o judaísmo, já disperso pelos diferentes povos da Terra, continuou a existir por meio das colónias israelitas que habitavam no território dos referidos povos, e que se viram reforçadas e aumentaram em número com os judeus que emigraram, fugindo ao ser destruído o seu Estado.

Todas estas colónias israelitas foram dotadas de instituïções que, como anteriormente disse, lhes deram grande solidez orgânica e política, constituindo as células básicas de que é formada a nação judia dispersa por todo o mundo, e estiveram coordenadas e dirigidas em dimensão internacional por Sínodos rabínicos, que através dos séculos se celebraram, geralmente em segredo.

Ao Rei do antigo Estado judeu e ao Grande Sanhedrin sucedeu o Nasi (príncipe ou patriarca) com autoridade suprema sobre o Israel da Diáspora. O Nasi era antes o chefe do Grande Sanhedrin. O cisma babilónico opôs-lhe o Exiliarca ou Príncipe do Desterro, que tinha tanta autoridade como o Nasi, com respeito às comunidades israelitas que seguiam a sua obediência. Em tempos de Napoleão Bonaparte, e por iniciativa deste, reuniu-se em público de novo o Grande Sanhedrin, sob a presidência do Nasi. No século XX, sairam de novo à luz pública instituições do governo mundial israelita. Depois da primeira guerra mundial vemos aparecer com tal carácter o Comité de Delegações Judias, que havia participado com êxito na Conferência da Paz, fazendo prevalecer nela os pontos de vista israelitas. Em Agosto de 1932, Setembro de 1933 e Agosto de 1934 reuniram-se em Genebra Sínodos mundiais israelitas, em

forma pública, se bem que a maior parte dos seus acordos se conservassem em segredo. Adoptaram o nome oficial de Conferência Mundial Judia. Na última delas aprovou-se organizar de forma permanente o Congresso Mundial Judeu, como órgão oficial e público permanente do governo universal da nação israelita disseminada por todo o mundo. O dito Congresso Mundial Judeu ficou definitivamente instalado na própria cidade de Genebra, no ano de 1936, pelo rabino Stephen S. Wise, presidente do antigo Comité de Delegações Judias de que já fiz menção, e faz em nome de Israel mundial uma declaração digna de tomar-se em conta, isto é, que os judeus já «não são um credo nem uma religião, mas que são um povo, *um todo judeu* que nos inclui a todos nós». Na realidade, como já o disse, actualmente estão enquadrados no Israel mundial, não sòmente as diferentes facções religiosas que antes haviam sustentado fortes pugnas entre si, por sua diversa interpretação da religião de Israel, mas também os judeus incrédulos, deístas, materialistas e ateus, que, ainda que não sejam de religião judia, fazem parte do povo de Israel, e da nação israelita, com os mesmos direitos que os judeus crentes.

Mas um dos maiores ideais do Israel Mundial da Diáspora (dispersão), foi constituir de novo, quanto lhe fosse possível, o Estado de Israel, não para que regressassem a ele todos os hebreus dispersos por todos os países da Terra, como foi dito falsamente por eles, visto que não lhes convém abandonar as posições que lhes permitiram realizar em maior ou menor grau a conquista política e económica dos povos gentios; mas simplesmente por motivos patrióticos e religiosos, e a forte tendência reivindicante de que, em maior ou menor grau, padecem os israelitas.

A reconstrução do Estado de Israel e do Templo de Salomão tem constituído para eles uma obsessão secular. No entanto, já desde o século II da era cristã houve entre os israelitas divergências a este respeito. Aqueles em que predominava o sentimento nacionalista sobre a ortodoxia religiosa continuavam sonhando com reconquistar a Palestina por meios políticos ou militares. Em contrapartida, a ortodoxia considerava um grave pecado realizar tais intentos antes da vinda do Messias prometido nas Sagradas Escrituras, que seria quem realizaria tão caros ideais. O triunfo do rabinismo depois do fracasso de Bar-Cochba (Ano 135 D. C.), no seu intento de libertar a Palestina da dominação romana, fez triunfar por muitos séculos este ponto de vista teológico da questão, considerando-se ilícito, e até em pecado grave, pretender a reconquista da Palestina antes da vinda do Messias, pelo que as tentativas mais importantes projectadas neste sentido foram acariciadas pela

série de falsos Messias que apareceram nas colónias israelitas do mundo, desde Sereno (Ano 720 da era cristã) até Sabbatai-Zevi (1626-1676 E. C.) e Jakob Frank (1757 E. C.), o que não impediu que, em algumas ocasiões, dirigentes israelitas mais nacionalistas que manietados por escrúpulos religiosos, projectassem de alguma forma o chamado regresso ao Sião e a reconquista da Palestina, sem esperar a chegada do Messias, embora desafiando a oposição e a ira da ortodoxia rabínica, cujos escrúpulos teológicos receberam no século XIX a este respeito um golpe decisivo, devido a duas causas principais.

No meio do cisma que quebrou temporàriamente a unidade orgânica e institucional do Israel Mundial, provocado pela reforma religiosa iniciada no século XVIII por Moisés Mendelssohn (Moisés Ben Mendel), que deu origem ao Movimento Hascala e ao neomessianismo de que a seguir falarei, na parte do judaísmo que permaneceu fiel à velha ortodoxia rabínica, surgiu um grande teólogo, o rabino Tzvi-Hirsh-Kalischer (1795-1874) que, com dialéctica genial, conseguiu na sua maior parte destruir os escrúpulos teológicos de que fiz menção, sustentando que era lícita e desejável a reconquista da Palestina, sem ter de esperar a vinda do Messias. As prédicas deste rabino, secundado a seguir por outros nas comunidades ainda ortodoxas, prepararam o caminho de forma decisiva ao movimento sionista que anos depois havia de surgir.

O outro factor que abriu de forma decisiva no Israel Mundial as portas ao sionismo, foi o neomessianismo, a que anteriormente fiz referência. Os seus principais sustentáculos foram os seguidores das reformas de Moisés Mendelssohn, entre êles os integrantes do Movimento Hascala e da União dos Judeus para a Ciência e a Civilização, entre os quais se contaram destacadamente o rabino Moisés Hess, o rabino Baruch Levy, um dos mentores israelitas do fundador do comunismo moderno, Karl Marx, cujo pai, apesar de se ter convertido oficialmente ao protestantismo quando Karl tinha só seis anos, em que recebeu o seu baptismo, o enviou na idade adequada a receber a educação rabínica que correspondia à tradição de sua família. Marx foi por isso mesmo um marrano (criptojudeu) em toda a extensão da palavra, e outro dos porta-vozes no seio do judaísmo da nova tendência neomessiânica, juntamente com Henri Heine, outro marrano, e o historiador israelita Graetz, que na sua obra monumental da «História dos Judeus», contribuiu para difundir o neomessianismo do judaísmo reformado. O eminente investigador francês Salluste, em sua obra intitulada «Les Origenes Secretes du Bolchevisme», dá muito valiosos dados sobre tudo isto, e insere no dito livro esse valioso documento que causou tanto alvoroço na Europa e que expõe

em toda a sua amplitude o que é a nova tendência neomessiânica no Israel Mundial. Trata-se de conhecida carta do rabino Baruch Levy ao seu discípulo Karl Marx, em que lhe expõe o que é o neomessianismo. Na dita carta o referido rabino diz-lhe: «O povo judeu, em sua totalidade, será ele mesmo o seu próprio Messias. O seu reinado sobre o Universo realizar-se-á pela unificação das demais raças humanas, a supressão das monarquias e das fronteiras que são baluartes do particularismo e o estabelecimento de uma república universal que reconhecerá em todas as partes os direitos de cidadania dos judeus. Nesta nova organização da Humanidade, sobre os filhos de Israel disseminados actualmente sobre toda a superfície da Terra, todos da mesma raça e de igual formação tradicional, chegarão sem grande oposição a ser o elemento dirigente em todas as partes, sobretudo se puderem impor às massas operárias a direcção de judeus. Assim, a favor da vitória do proletariado, passarão para mãos israelitas os governos de todas as nações ao formar-se a república universal. Então poderá ser suprimida a propriedade individual pelos governos da raça judia, que conseguirão assim administrar em todas as partes as riquezas dos povos. E assim se realizará a promessa do Talmude de que, quando chegarem os tempos messiânicos, os judeus terão sob suas chaves os bens de todos os povos da Terra.» Com estas poucas frases o rabino Baruch Levy resumia a seu discípulo, o jovem Marx, o que era o neomessianismo e a sua realização por meio da revolução comunista universal, utilizando a classe operária simplesmente como instrumento cego. Ao génio do próprio Karl Marx correspondia depois dar a estes princípios básicos o grande desenvolvimento que soube imprimir-lhes.

Mas o neomessianismo, que renunciava em definitivo à ideia de um Messias pessoal, para o substituir pela nação judia como Messias de si mesma, ao mesmo tempo que deu origem ao socialismo marxista ou comunismo moderno, tornou possível o advento do sionismo, visto que deitou por terra de um só golpe os escrúpulos rabínicos de que a reconquista da Palestina e a criação do Estado de Israel só poderiam ser realizados pelo Messias prometido. Sendo o povo de Israel disperso pelo mundo o seu próprio Messias, ao dito povo ficava encomendada a missão de restaurar na Palestina o reinado de Israel. Por isso, embora alguns membros do Movimento Hascala, destacando-se entre eles Joseph Perl, chegassem a desejar de momento por motivos políticos a restauração de uma Palestina israelita, terra povoada por árabes e na ocasião província do Império Romano, o neomessianismo, ao varrer as objecções teológicas que tantas vezes tenho mencionado, abria as portas ao sionismo entre os israelitas, que em número cada vez maior iam afas-

tando a ideia de um Messias pessoal, para adoptar a de Israel Messias de si mesmo, que de por si só haveria de restaurar o reino judeu na Palestina. Pude comprovar que até rabinos ortodoxos pensam já que o Messias é uma simples alegoria, e que o povo de Israel é em si mesmo o seu próprio Messias, independentemente do que a este respeito sustentem como opinião oficial.

O artigo da Fé do judaísmo ortodoxo que diz: «Creio firmemente na vinda do Messias, e, ainda que chegue tarde, espero diàriamente a sua chegada», [1] muitos o interpretam no sentido neomessiânico, considerando que ao dizer vinda do Messias se entende «vinda ou chegada dos tempos messiânicos». Além disso, entre os sionistas contemporâneos, os elementos neomessiânicos abundam, tendo-se considerado o sionismo como um movimento messiânico, independentemente do surgimento de um Messias pessoal. A ideia do sionismo como movimento messiânico, aceite regra geral no judaísmo, é uma ideia de tipo notòriamente neomessiânico; como neomessiânico é também o socialismo comunista de Karl Marx, tentáculos ambos do mesmo polvo israelita que procura dominar o mundo para realizar assim o seu ideal messiânico. Existem no entanto sectores ultra-ortodoxos no Israel Mundial que continuam crendo ilícita e pecaminosa a criação do Estado de Israel antes da chegada de um Messias pessoal; mas esta seita encontra-se em pequena minoria no conjunto do Israel Universal. Estes ultra-ortodoxos predisseram inclusivamente que a ira de Deus vai destruir por forma terrífica o Estado de Israel, criado de forma que contradiz os mandados divinos. Na realidade, os que mantêm tal tese, apegam-se à genuina ortodoxia rabínica sustentada durante vários séculos e modificada sòmente no século passado, da forma que expus. Para eles, se o Estado de Israel fosse destruído de forma catastrófica pelos gentios, estes actuariam em tal caso como simples instrumentos da ira de Deus. Mas como disse, este resíduo da autêntica ortodoxia judia é tão pequeno, que não pôde estorvar sèriamente o desenvolvimento e progresso do sionismo.

Voltando ao nascimento deste, é importante fazer notar a tese do rabino ortodoxo Kalischer, que, como disse, abriu as portas da ortodoxia ao sionismo, que teve também influência decisiva no rabino comunista e neomessiânico Moisés Hess, absorvido na altura em fomentar a revolução comunista do proletariado. Hess fez sua a exigência do ortodoxo Kalischer,

[1] Este artigo de Fé do judaísmo ortodoxo corresponde ao duodécimo dos treze estabelecidos pelo rabino Moisés Maimonides, um dos forjadores da actual religião israelita, e que purificou o marranismo, convertendo-se ele próprio fingidamente ao Islão.

de que se devolvesse a Palestina ao povo judeu, e, no seu livro «Roma e Jerusalém», atacava por igual os rabinos ortodoxos e reformistas, que haviam sacrificado a ideia nacional judia, e lançou a ideia de convocar um congresso judeu, que se encarregasse de colonizar a Palestina. Hess admite que na sua posição em favor de uma Palestina israelita influiu também o neomessiânico Graetz. Aqui vemos claramente no cume do sionismo, unidos, dirigentes da ortodoxia judia, no neomessianismo e do comunismo, marchando ombro com ombro. O comunista Moisés Hess morreu no ano de 1875, em que foram destruídos pela forma antes dita os escrúpulos teológicos que impediam o nascimento e desenvolvimento de um movimento sionista importante, pelo que sòmente faltava o chefe apropriado para lhe dar o impulso necessário, e este chefe foi Teodoro Herzl, cujo fanatismo israelita, à semelhança do dos fundadores judeus do comunismo moderno, Marx e Engels, o induziu a usar como eles a barba tradicional ordenada pela Thora, a cujos preceitos a tal obedeceu também o fanático marrano (criptojudeu) Fidel Castro, cujo fanatismo hebraico o levou a impor a dita barba aos membros da sua camarilha, embora para justificar tal medida a encubra com outros pretextos. O apelido Castro, como é bem sabido, é um dos mais típicos dos marranos espanhóis.

Teodoro Herzl nasceu em Budapeste, em 1860. No ano de 1896 publicou a sua obra intitulada «O Estado Judeu», com o qual conseguiu nas comunidades israelitas do mundo vencer muitas objecções e obter grande apoio para o ideal sionista, cujo nome se deve à ideia do regresso a Sião. Herzl fundou igualmente e estendeu-a pelo Universo a Organização Mundial Sionista, conseguindo dos dirigentes do Israel Mundial que realizassem o que exteriormente se conheceu como o primeiro Congresso Sionista de Basileia, mas que na realidade foi mais que isso, um verdadeiro Sínodo Universal Israelita, que como tal constituiu uma autêntica representação da nação judia disseminada pelo mundo, no qual o judaísmo internacional, além de conceder a sua aprovação ao movimento sionista, se firmou diferentes acordos relacionados com a estratégia política dos judeus no mundo, se conseguiu resolver certas pugnas que haviam surgido entre os próprios sionistas, e dominar de momento a oposição de muitos sectores israelitas contra o movimento sionista; embora não fosse possível suprimir outra série de rivalidades que, sem quebrar a unidade orgânica institucional do Israel Mundial, continuavam como sempre causando-lhes grandes danos. Entre estas últimas é digna de menção nesses tempos a que surgiu no movimento comunista, então incipiente, entre a pandilha judaica que reconhecia Lenine como chefe, e o chamado «Bund Socialista Judeu», e que con-

duziu à divisão entre bolcheviques e mencheviques do Partido Russo Social Democrata de Trabalhadores (comunista). Esta pugna, embora tendo como base uma discrepância real acerca da estratégia a seguir quanto à forma de como os judeus deveriam dirigir a revolução e a melhor maneira de a realizar, na realidade também encobria rivalidades baseadas nas ambições das medidas de mando, tanto de Lenine, como dos seus competidores. Este pleito entre judeus no nascente movimento comunista ia ser o prelúdio dos que posteriormente desgarrariam as entranhas do comunismo mundial e, por fim, do próprio judaísmo.

Regressando ao sionismo, em 1898 celebrou Teodoro Herzl, na mesma Basileia, outro congresso, ao que parece já sòmente sionista, e logo outro ainda no ano de 1899, ficando assegurado o futuro do movimento sionista mundial. O plano era, primeiro, ir invadindo a Palestina, povoada por árabes, com emigrantes judeus, até conseguir o enraizamento aí de uma população israelita suficientemente poderosa para conseguir, com o apoio de grandes potências controladas pelo judaísmo, expulsar a população árabe do território que havia ocupado durante mais de doze séculos, confiscando-lhe além disso as suas propriedades e matando-a no caso de ser necessário (cometendo assim uma gigantesca operação de genocídio). É por isso compreensível que este enorme assalto pudesse ter graves consequências políticas para muitos sectores do Israel Mundial, o que nos anos posteriores vem fortalecer a oposição ao sionismo de algumas fracções do judaísmo, principalmente do reformista ou liberal. Basileia continuou servindo de sede de grande parte dos congressos sionistas, o último dos quais, o número 22, se celebrou também nessa cidade no ano de 1946. Teodoro Herzl não sòmente sacrificou por este ideal o resto da sua vida como toda a sua fortuna pessoal, doada generosamente em benefício do ideal da sua existência. Oxalá que nisto fosse imitado, embora só em parte, por tantos burgueses gentios, alapardados e egoístas, que são incapazes de sacrificar parte do seu tempo e de sua riqueza para lutar em defesa dos seus povos, e, inclusivamente, pela sua própria riqueza pessoal, da ameaça judeo-comunista. Este egoísmo suicida da grande maioria da burguesia gentil é em grande parte a causa do desastre horrível que se suspende sobre todos os povos gentios, visto que, privados os movimentos patrióticos de defesa nacional do poder económico necessário e da indispensável colaboração dos cultos talentos da grande burguesia gentil, desanimam por debilidade, e vai em sua maioria ao fracasso, principalmente por falta do adequado financiamento, uma vez que qualquer movimento político, para poder aguentar-se e triunfar, necessita de grandes

quantidades de dinheiro de forma permanente e estável, e, ao negá-las, a burguesia egoísta condena-os a um fracasso que é suicida para essa mesma burguesia.

Em Maio de 1901, o incansável Teodoro Herzl obteve umas audiências com o Sultão da Turquia, Abdul Hamid, e com o seu Grão-Vizir, os quais aceitaram receber emigrantes israelitas em diversas partes do Império Otomano, individualmente; mas negaram-se a permitir uma emigração maciça para a Palestina como Herzl lhes pedia, pretensão que o Califa do Islão, com a sua grande visão política, compreendeu que era um perigo para o Islão na Palestina. Esta negativa valeu ao religioso e patriota Califa que o Israel Mundial e o seu títere, a maçonaria universal, lançassem contra ele uma campanha mundial de calúnias que ainda não se extinguiu em nossos dias, fazendo-o aparecer como um louco e como um dos tiranos mais sanguinários de todos os tempos. Esta negativa gerou também nos antros ocultos do Israel Mundial a ideia de que era necessária a desintegração do Império Otomano, para poder colocar a Palestina sob o domínio de uma potência títere do judaísmo, que, permitindo a emigração de centos de milhares de israelitas para a Palestina, tornasse possível a criação futura do Estado do Israel. Mas para desintegrar o Império Turco e libertar dele a Palestina, era necessária uma guerra, não bastando uma guerra balcânica, mas uma guerra em que se vissem envolvidas grandes potências navais, com poder suficiente para fazer saltar, feito em pedaços, o Império Otomano, sendo este outro dos objectivos que se propôs o Israel Mundial, ao preparar e provocar a deflagração da primeira guerra mundial, quando uns jovens israelitas sérvios assassinaram o herdeiro do trono de Áustria-Hungria, acendendo a chama necessária para desencadear o devastador incêndio, que havia de facilitar a queda das mais poderosas monarquias da Europa continental e tornar possível o triunfo da revolução comunista na Rússia. Tudo isto fez parte da colheita judia na primeira guerra mundial. Perante estes factos tão manifestos como inegáveis, é perfeitamente explicável que haja sido o judaísmo internacional o principal promotor dessa guerra. O Governo britânico, títere do judaísmo, não teve o menor escrúpulo de utilizar o nobre e justificado nacionalismo árabe, para destruir a Turquia, e depois atraiçoar esse nacionalismo árabe da forma que todos sabemos. O maquiavelismo hebreu chegou ao extremo de utilizar um grande patriota ariano, um autêntico cavalheiro inglês, Lawrence da Arábia, como elemento básico nesta manobra, enganando-o de forma vil, para que, enganado ele, pudesse por sua vez enganar os seus amigos árabes. É justo deixar anotado que Lawrence foi tão vítima do engano dos poderes israelitas de Lon-

dres, como o foram os próprios chefes árabes. Os judeus, que num tempo haviam utilizado o Império Otomano contra a Espanha antijudia e contra a cristandade europeia, e que tinham usado a Turquia como lugar de refúgio e protecção, recebendo dos seus sultões todo o género de benefícios, agora que a Turquia era um estorvo para o Israel Mundial nos seus planos de conquista da Palestina, não tiveram escrúpulos em afundar o seu antigo e generoso protector, o Império Otomano, utilizando agora exércitos cristãos como instrumentos para destruir a força que conservava a unidade islâmica, como antes haviam usado os exércitos muçulmanos para abater as potências cristãs que lutavam contra o judaísmo. E, como diz justificadamente Maurice Pinay, até quando vamos permitir os gentios, que os israelitas nos estejam utilizando como carne de canhão para nos despedaçarmos uns contra os outros, cristãos contra muçulmanos, ocidentais contra orientais, raças contra raças, nações contra nações, operários contra patrões, partidos políticos contra partidos políticos? Não é já tempo de pensarmos sèriamente em deixarmos de continuar a ser bonecos nas mãos dos nossos comuns e mortais inimigos, unindo-nos todos contra eles, e livrando-nos assim do cruel fim que a todos nos têm reservado?

A descarada participação dos israelitas na acção revolucionária, primeiro niilista, e depois marxista, contra a Rússia Imperial, trouxe, como é lógico, as naturais represálias do Governo e do povo russo sobre os agitadores, incrementando então a necessidade presente da criação do Estado judeu, onde pudessem estabelecer-se os hebreus fugitivos que não tinham asilo em outros países. E com este e com outros motivos foi-se vigorizando o movimento sionista, e o movimento de colonos hebreus para a Palestina muçulmana, sendo muito significativo que hajam sido precisamente os dirigentes neomessiânicos do Movimento Hascala na Rússia os que deram neste pais o impulso inicial ao sionismo.

A primeira guerra mundial de 1914-1918 deu oportunidade ao judaísmo que desse um passo gigantesco, para a criação na Palestina do Estado de Israel. A projectada desintegração do Império Otomano pelo judaísmo proporcionaria a este conquistar a Palestina. A Inglaterra encontrava-se na altura governada por um governo maçónico e criptojudaico. Em 1916, em plena guerra mundial, o Gabinete britânico, composto por franco-mações, prometeu ajudar o estabelecimento de um «Lar Nacional Judeu na Palestina». Em 1917, Lord Balfour, também franco-mação, fez a sua histórica declaração no mesmo sentido. Em 1919, a nascente Sociedade das Nações ficou nas mãos da franco-maconaria e do poder secreto do judaísmo. E dessa forma

conseguiram os israelitas colocar a Palestina, arrebatada à Turquia, sob mandato dado pela Sociedade das Nações à Inglaterra, regida então por um governo satélite do judaísmo e seu títere, a maçonaria, instituição esta à qual os seus chefes ocultos criptojudeus impuseram a missão de reconstruir o Templo de Salomão, sem que os mações gentios se dessem conta do significado que tem esta, em aparência, inofensiva alegoria, que, além de se referir à reconstrução real do Templo de Salomão e do Estado de Israel, significa no ESOTERISMO JUDAICO a reconstrução do poderio de Israel disperso em toda a Terra, destruído pelos Papas, os reis e as classes proprietárias e dirigentes dos povos gentios, verdadeiros assassinos de Hirão, que no esoterismo hebreu simboliza o povo de Israel, ao qual deve vingar a ordem maçónica, se bem que nesta se dê à Lenda de Hirão diversos significados, segundo os graus de iniciação maçónica, para conduzir aos franco-mações gentios enganados, como dóceis e cegos instrumentos, a uma empresa que tem por fim o domínio do mundo pelos israelitas.

Embora inicialmente os judeus britânicos patrocinassem com fervor o sionismo, ou seja, o movimento tendente à formação do Estado de Israel, e o mandato britânico sobre a Palestina servisse para facilitar a emigração em massa de mais de meio milhão de judeus para esse país, multiplicando por doze o número de habitantes israelitas da Palestina, surgiram posteriormente entre os magnates petroleiros e financeiros israelitas de Inglaterra e de outras potências ocidentais fortes oposições à instauração imediata de um Estado judeu na Palestina, pois consideravam que esta ia provocar reacções violentas no mundo árabe, que podiam pôr em perigo os interesses financeiros israelitas no Médio Oriente e, principalmente, os petroleiros; além disso, a oposição ao sionismo desde vários anos havia-se fortalecido nas comunidades reformistas do judaísmo liberal, temendo que a criação do Estado de Israel pusesse a claro que os judeus de todo o mundo eram agentes de uma nação estranha e embora em 1935 o judaísmo liberal dos Estados Unidos declarasse a sua mentalidade em matéria sionista, não cessou a oposição ao sionismo em muitas comunidades do judaísmo reformista. Tudo isto trouxe por consequência um atraso nos planos do Governo britânico, então controlado pelo poder secreto judaico, na criação imediata do Estado de Israel. Além disso, a guerra contra Hitler, que em Maio de 1939 o judaísmo tinha já planeada, aconselhava a não alinhar os árabes ao lado do EIXO ROMA-BERLIM-TÓQUIO, criando nessa altura um Estado israelita na Palestina, em prejuízo da população árabe deste país. Tudo isto motivou a declaração do Governo britânico de Maio de 1939, prometendo a sua indepen-

dência à Palestina num prazo de dez anos a partir dessa data, com salvaguarda dos interesses da maioria árabe e da minoria judia. Esta declaração do Governo britânico, apesar de haver sido inspirada pelos altos círculos dirigentes do Israel Mundial, desgostou em extremo os sionistas mais fanáticos, provocando um choque violento com as organizações mais impacientes e extremistas do sionismo, choque que, sem romper de momento a unidade institucional mundial hebreia, se traduziu em atentados terroristas de fanáticos sionistas (organizações *Irgum, Zwai, Leumi, Stern, Hagana)* destinados a forçar o Governo inglês a cumprir ràpidamente as antigas promessas de Lord Balfour. Alguns grandes magnates hebreus, que se opunham fortemente a tal plano, não só foram acusados pelos sionistas de adoradores do bezerro de ouro, como ainda sofreram atentados da parte das organizações sionistas mais fanáticas. Mas as perseguições de judeus durante a segunda guerra mundial fortaleceram dentro do judaísmo os argumentos dos sionistas em favor da criação imediata do Estado de Israel, conseguindo-se que os hebreus divididos internamente a este respeito se unificassem e se resolvessem à criação imediata do dito Estado judeu. E o Governo da Inglaterra, títere do judaísmo, acatou a ordem dos seus chefes ocultos, ao mesmo tempo que a União Soviética, convertendo-se em padrinho mais importante do sionismo, apoiava em Abril de 1947 que a questão da Palestina fosse incluída na agenda das Nações Unidas e aprovando o projecto de dividir a Palestina entre os judeus e os árabes. No dia 29 de Novembro de 1947, a Assembleia Geral das Nações Unidas, com o apoio das delegações da União Soviética e dos Estados comunistas satélites, aprovou a criação de um Estado judeu independente na Palestina, e, finalmente, o Governo britânico manifestou a sua decisão de abandonar a Palestina em 15 de Maio de 1948, em que finalizava o mandato que lhe havia conferido a Sociedade das Nações; e deu passos para realizar tal evacuação. Os israelitas não esperaram o dia 15, porque calhava num sábado, e proclamaram a independência do Estado de Israel a 14 de Maio de 1948, à tarde; sendo também muito significativo que a União Soviética foi a primeira potência que reconheceu o Estado de Israel e a que propôs a sua admissão na Organização das Nações Unidas como todos os eruditos podem recordar. O apoio comunista ao sionismo não pode ser mais claro e decisivo.

O litígio entre Estaline e o Estado de Israel, que ele patrocinara com tanto entusiasmo, teve a seguinte origem:

Depois de os judeus Roosevelt e Harry Salomão Truman terem entregue ao seu irmão israelita Estaline a Europa Oriental e a China, seguindo os planos hebreus de implantar em todo o

mundo a ditadura comunista, as ambições paranóicas de mando de Estaline fizeram-no sentir-se já quase dono do mundo, querendo converter-se, como anteriormente indicámos, em chefe supremo do judaísmo universal. Isto provocou, em fins de 1948, um rompimento entre Estaline e as comunidades judias estalinistas, por um lado, e o resto do judaísmo mundial por outro.

Nesta ocasião, as divergências com Estaline e o judaísmo estalinista, que se vinham discutindo e resolvendo durante algum tempo pela forma parlamentária descrita no capítulo XI, chegaram ao extremo do rompimento total da unidade institucional do Israel Universal. Estaline e sua seita secreta desconheceram toda a autoridade do Congresso Mundial judeu e de Bernard Baruch, sobre as comunidades israelitas da União Soviética e dos Estados satélites vermelhos da Europa Oriental, ao mesmo tempo que estendiam o cisma a todo o mundo, procurando atrair a ele o maior número de judeus. Na Rússia e Estados satélites conseguiram implantar o cisma por meio da força bruta, matando ou encarcerando todo o israelita que se opunha a ele. Em contrapartida, no mundo livre, sòmente conseguiram atrair ao cismático estalinismo uma pequena minoria fanática e activa de judeus.

Os resultados deste cisma temporal no meio do povo de Israel, disperso por toda a Terra, foram daninhos para o empreendimento deste.

No nascente Estado de Israel, os hebreus estalinistas procuraram controlar o Governo; mas fracassaram, ficando este sòlidamente nas mãos de judeus fiéis ao Congresso Mundial Judeu de Nova Iorque, e ao seu chefe oculto, Bernard Baruch. Isto enfureceu Estaline, que desencadeou tanto na União Soviética como nas ditaduras socialistas da Europa Oriental uma feroz perseguição, não sòmente contra os sionistas, mas contra os rabinos e chefes de comunidades judias, que supunha permaneciam fiéis ao comando judeu nova-iorquino, substituindo-os, na direcção das ditas comunidades, por rabinos e chefes de filiação estalinista. Encheram-se os cárceres de judeus anti-estalinistas e até foram assassinados nestas circunstâncias muitos dirigentes e governantes hebreus do mundo comunista.

CAPÍTULO XLVI

OUTRAS CONSEQUÊNCIAS DO CISMA JUDAICO-ESTALINIANO

O comando judaico de Nova Iorque por sua vez, reagiu de forma violenta contra Estaline, impondo ao seu lacaio hebreu o Presidente dos Estados Unidos Harry Salomão Truman e demais criptojudeus que controlavam ou influenciavam os governos de Inglaterra e doutras potências ocidentais, essa viragem em sua política internacional, que muitos ainda não entendem, o que salvou o mundo livre de cair ràpidamente nas mãos do comunismo, a que o conduziam as cumplicidades dos governos de Washington e Londres, manejados nesses tempos secretamente pela maçonaria e o judaísmo.

Truman e a pandilha hebreia que havia entregue a Europa Ocidental e a China a Estaline encabeçavam agora a luta para impedir que este dominasse o mundo, e em princípios de 1949 surgiu a O.T.A.N., Aliança do Atlântico do Norte, depois as alianças do Mediterrâneo, de Bagdad, e do Sudeste da Ásia. Converteu-se a O.E.A., Organização dos Estados Americanos, pràticamente numa aliança anticomunista, criando-se assim a mais gigantesca rede de aliança de toda a história da Humanidade, visto que os dirigentes judeus mundiais, recordando as matanças de judeus trotzkistas, sinovievistas, bukarinistas, etc., realizadas por Estaline, se sentiam expostos a receber o tiro na nuca, se não se apressassem a conter os avanços avassaladores de Estaline, que eles próprios haviam patrocinado. Antes disto, Truman projectara entregar a Índia e o Norte do Japão a Estaline, e estes sucessos impediram tão graves crimes. E ao ocorrer este rompimento do eixo criptojudaico Nova Iorque-Londres-Moscovo, os judeus Truman e Marshall que haviam armado sub-reptícia e sigilosamente até aos dentes o fiel colaborador de Estaline, Mao-Tse-Tung, e feito todo o possível por afundar Chang-Kai-Chek, não puderam impedir já que Estaline se apoderasse da China; mas mandaram a Sexta Frota para impedir que a Formosa caísse nas suas mãos, protegendo dessa forma o último reduto do regime nacionalista chinês,

embora impedindo-o de realizar acções opressivas contra o regime comunista, visto que durante o período deste cisma judaico transitório, se bem que o judaísmo dirigido de Nova Iorque desejasse impedir que Estaline dominasse o mundo, não desejava de maneira nenhuma destruir o comunismo, porque era destruir a sua própria obra, e isso seria perder todo o ganho pela revolução israelita mundial em 32 anos. Daqui que a política do judaísmo dirigida de Nova Iorque fosse puramente defensiva, no político e no militar, intentando recuperar a Rússia, China e Estados satélites, por meio da eliminação de Estaline e do estalinismo em geral, e sua substituição por judeus comunistas fiéis aos poderes israelitas nova-iorquinos.

Quanto a Mao-Tse-Tung, a política destes foi a princípio tratar de convertê-lo num novo Tito, ou seja, num elemento que atraiçoasse Estaline e submetesse a sua ditadura comunista aos ditos poderes hebreus com sede nos Estados Unidos.

Em tudo isto radica o segredo de muitas contradições na política de Washington, que ao mesmo tempo que mandava as tropas para a Coreia e tomava outras medidas defensivas muito eficazes e ruidosas para deter Estaline e seu colaborador Mao-Tse-Tung, se opunha a qualquer medida que significasse uma derrota completa dos comunistas, que abrisse a possibilidade de libertar os povos escravizados pelos vermelhos, e de destruir os regimes comunistas já existentes.

CAPÍTULO XLVII

A TENAZ SOVIÉTICO-ISRAELITA ESTRANGULA OS ÁRABES

Estaline, por sua vez, na luta que empreendeu contra o sionismo e o Estado de Israel, deu todo o género de apoio aos árabes, tanto com o objectivo de golpear o bando judeu rival, como para atrair progressivamente os árabes à órbita soviética e socialista. Ainda planeava este ditador hebreu utilizar a influência que os árabes têm sobre o Islão, e este sobre o mundo livre afro-asiático, para ir conduzindo este para a órbita socialista soviética, mediante o apoio a um falso terceiro mundo, que na realidade se fosse convertendo em satélite dos comunistas.

A morte estranha de Estaline, de momento, não modificou as coisas, que seguiram tal qual durante as pugnas internas que surgiram entre os seus colaboradores hebreus para se apoderarem da ditadura soviética, que como lobos esfaimados se disputaram, matando-se, encarcerando-se, ou desterrando-se para a Sibéria uns aos outros, ficando por fim senhor da situação o israelita Nikita Salomão Kruschev.

Este cisma que por alguns anos dividiu o judaísmo custou a este muito caro, visto que, entretanto, no lado comunista, destroçando todos os planos hebreus anteriores com respeito à Alemanha, Estaline rearmava a Oriental, e ao mesmo tempo armava os árabes contra o Estado de Israel. E o seu sucessor Kruschev apoiava o Presidente egípcio Nasser na sua reconquista do canal de Suez, sob a ameaça de desencadear a guerra atómica, se as potências ocidentais interviessem para impedi-lo; por sua vez, no lado contrário, o comando mundial judaico com sede em Nova Iorque, para deter os avanços de Estaline e impedir que este pudesse conquistar o mundo, fazia com que se aplicasse uma série de medidas para tornar realmente efectivo o ressurgimento económico da Europa Ocidental e do Japão, do caos económico em que os sumiu a guerra mundial, e rearmava a Europa, rodeando a União Soviética e a China Vermelha com a maior rede de alianças de todos os tempos; estabelecendo bases militares em diversos pontos do mundo, que apontavam

ao coração das potências comunistas, chegando ao ponto de cessar a guerra de morte contra o regime anticomunista do General Franco em Espanha, para negociar com ele o estabelecimento de bases aéreas no dito país, e reforçar a gigantesca rede de bases militares destinadas a aniquilar a ditadura estaliniana, no caso de que esta desencadeasse a tão temida guerra de conquista mundial. Mas não desejando paralisar de todo a expansão do comunismo, a judiaria apoiou o triunfo de Ho-Chi-Minh, que o governante israelita francês Mendès France sancionou, devido às promessas que o futuro ditador do Vietname do Norte fez de se desligar do estalinismo. Mas ante o temor de que Ho-Chi-Minh não cumprisse tais promessas, permitiu-se-lhe sòmente um triunfo limitado, mediante os acordos de Genebra, na expectativa de ver se Ho-Chi-Minh cumpria ou não as suas promessas. A habilidade do caudilho vermelho da Indochina foi fazer crer a ambos os bandos rivais que em segredo lhes era fiel, e conseguiu assim que tanto a União Soviética como as potências ocidentais subscrevessem os acordos de Genebra, que, embora constituissem só um triunfo parcial do chefe vermelho vietnamita, este se viu forçado a aprovar, mas com a intenção de os violar na primeira oportunidade que se lhe apresentasse, para se lançar à conquista do Vietname do Sul, do Laos e do Camboja. A guerra enganou Ho-Chi-Minh? Ao estalinismo do Kremlin e de Pequim ou aos poderes judaicos antiestalinianos? Não o sabemos.

O fortalecimento do mundo livre devido à luta entre os dois bandos judeus rivais, como é natural, causava cada dia mais pena e consternação nas organizações judias de ambas as fracções, que compreendiam que estavam perdendo em pleitos internos tudo o que haviam ganho com a segunda guerra mundial, e os desejos e esforços de reconciliação foram aumentando.

Ao constituir-se Kruschev em senhor absoluto da U.R.S.S., começou a tomar medidas para conseguir essa reconciliação e o fim do cisma interno judaico. Soltou os médicos judeus acusados de quererem envenenar Estaline, reabilitou todos os judeus comunistas que Estaline havia encarcerado e terminou por renegar o próprio Estaline e por desestalinizar a União Soviética e seus satélites da Europa Oriental. No entanto, os poderes judaicos nova-iorquinos continuavam desconfiando dele, por ser criatura de Estaline. Desgostoso Kruschev com isso, num dos seus ataques de fúria, apoiou o golpe dado pelo Presidente Nasser do Egipto para se apoderar do canal de Suez, deitando por terra num momento a obra de Disraeli, embora seguro de que o judaísmo com sede em Moscovo o poderia recuperar, no futuro, por meio de tropas pára-quedistas e com um assalto dos tanques e exércitos soviéticos sobre o dito canal de

Suez, ou mediante a conversão do Egipto em Estado satélite progressivamente controlado pela União Soviética.

De qualquer forma, este incidente causou ainda maior consternação nas comunidades judias de todo o mundo, nos hebreus de ambos os bandos rivais, e a instituição da reunificação interna que anteriormente mencionei, incrementou com maior êxito as tentativas de reconciliação, que por fim conseguiram liquidar o desastroso cisma, que havia detido os avanços avassaladores do comunismo.

Depois daquela viagem que fez Kruschev a Nova Iorque, em que foi hóspede nem mais nem menos do que de Bernad Baruch, chefe secreto do bando judeu antiestalinista, em cuja casa teve uma entrevista com o Presidente criptojudeu republicano dos Estados Unidos, D. David Eisenhower, fez Nikita Salomão, já na Rússia, a sua famosa declaração de que «o cidadão norte-americano mais estimado na União Soviética era Bernard Baruch». A reconciliação dos dois bandos hebreus antagónicos havia ficado selada. Há que recordar que antes desta reconciliação eram processados e até assassinados na União Soviética os dirigentes judeus que tiveram ligações com Bernard Baruch. A partir deste citado momento, as coisas haviam mudado por completo, e bem depressa o momento livre haveria de sentir os efeitos da reunificação do judaísmo universal. Desta maneira, pouco tempo depois, o Governo de Eisenhower impediria toda a acção EFICAZ, tendente a derrubá-lo. Para consumar esta traição, o criptocomunista John F. Kennedy urdiu em segredo com Nikita Salomão Kruschev a forma de justificar, ante a opinião do povo norte-americano, um tratado nefando que obrigasse os Estados Unidos a apoiar o governo vermelho de Fidel Castro contra qualquer invasão, assegurando dessa forma a consolidação do regime comunista na escravizada Cuba. Mas era necessário fazê-lo de forma que Kennedy não se desprestigiasse perante o mundo livre e o povo norte-americano. Para isso urdiam Kruschev e Kennedy, com a bênção do amo de ambos, Bernard Baruch, e a ajuda de técnicos hebreus, a comédia dos foguetões soviéticos. A U.R.S.S. mandou projécteis foguete para Cuba, ameaçando gravemente os Estados Unidos. Kennedy mandou a armada bloquear Cuba e exigiu da U.R.S.S. a retirada dos perigosos projécteis. A Imprensa controlada pelo judaísmo, secundando a comédia, fez grande alarido falando da possibilidade da eclosão da guerra atómica. O povo ianque e o mundo livre acreditaram nessa farsa e alarmaram-se. Logo surgiu a transacção salvadora. A U.R.S.S. retirava os projécteis atómicos de Cuba e os Estados Unidos comprometiam-se a garantir o governo do marrano comunista Fidel de Castro contra qualquer invasão. Foi tão hàbilmente urdida esta farsa, que

só muito poucos políticos, de aguda visão, puderam dar-se conta de que tudo isto não havia sido mais que uma manobra traiçoeira de Kennedy para assegurar a vida do regime castrista, sem se expor a perder o seu prestígio ante o povo, mas ainda a consolidá-lo com vista às eleições parciais que estavam para celebrar-se nos Estados Unidos. Desta forma, o infeliz povo cubano foi definitivamente crucificado pelo judaísmo dos Estados Unidos. Este tipo de farsas é muito frequente na estratégia revolucionária do judaísmo, pelo que os patriotas de todo o mundo devem estar alerta para se não deixarem enganar por elas.

Posteriormente, intensificaram-se as intrigas judaicas tendentes a debilitar e destruir tanto a aliança do Atlântico Norte como a aliança do Sudeste da Ásia, impedindo ao mesmo tempo qualquer acção eficaz da Organização dos Estados Americanos contra o tirano assassino comunista Fidel Castro, e acrescentando esta traição com essa campanha mundial das forças controladas pelo judaísmo, para obrigar o Governo dos Estados Unidos a abandonar o povo do Vietname do Sul nas garras da escravidão comunista e facilitar assim a queda de todo o Sul da Ásia nas mãos dos vermelhos.

Voltando aos dias da reconciliação dos poderes secretos israelitas de Moscovo e Nova Iorque é preciso acrescentar que depois de conseguida esta, da forma descrita, ia surgir para o judaísmo e sua revolução comunista um novo problema, o conflito entre a União Soviética e a China Vermelha. Como expusemos anteriormente, os judeus chegaram à China há mais ou menos dois mil anos. Devido aos matrimónios mistos com chineses, às condições do clima e da alimentação, foi-se formando, através dos séculos, uma comunidade de judeus chineses, que, segundo os escritores sobre a matéria, tem um tipo racial chinês, de forma que actualmente se confundem com os chineses autênticos. Adoptaram nomes e apelidos chineses, muitos converteram-se fingidamente ao budismo e conseguiram obter cargos tão importantes como o de Mandarim, ocultando a sua religião judia, que conservaram em segredo de geração em geração. Estes judeus marranos chineses foram os organizadores, primeiro, da maçonaria chinesa e, depois, do partido e do exército comunistas chineses. Situação similar prevalece na Coreia e no Vietname. No judaísmo são conhecidos como judeus Tiao-Kiu-Kiao. Os principais chefes comunistas na China são judeus Tiao-Kiu-Kiao. Quando o judeu Nikita Salomão Kruschev renegou Estaline, os judeus marranos do rito chinês Tiao-Kiu-Kiao, que eram, na sua grande maioria, estalinistas fanáticos, indignaram-se ante os passos que deu o seu irmão Kruschev, ditador soviético, desestalinizando a U.R.S.S., e

renegando Estaline, o homem que havia conseguido dar ao judaísmo e ao comunismo um poder antes não igualado, e consideraram traidoras e revisionistas as reformas políticas antiestalinianas aprovadas por Kruschev. Prontamente, o Governo comunista Tiao-Kiu-Kiao da China negou-se a degradar Estaline, conservando-o no seu posto de grande do marxismo, ao lado de Marx, Engels e Lenine. Mas depois, o afastamento entre os Tiao-Kiu-Kiao e os seus irmãos judeus do Kremlin foi aumentando, embora encoberto a princípio pela necessidade que tinha o regime comunista chinês da ajuda soviética e a necessidade de lavar a roupa suja em casa e impedir o escândalo mundial que se provocaria com a divisão do comunismo internacional. Mas quando os soviéticos decidiram retirar aos Tiao-Kiu-Kiao a ajuda que lhes estavam a prestar, o cisma aflorou pùblicamente de forma ruidosa. Mas, à margem desta contenda ideológica, existia, ainda mais importante, a ambição lógica de Mao-Tse-Tung de herdar o posto de chefe supremo do comunismo e da revolução judaica mundial. Para compreender bem isto, há que tomar em conta que quando Nikita Salomão Kruschev era um simples funcionário de segunda categoria na hierarquia, já Mao-Tse-Tung era, depois de Estaline, o mais poderoso chefe do comunismo mundial, sendo natural e justificado que Mao e seus aderentes pensassem com toda a lógica que a este, e não a esses empregaditos de segunda ordem do Kremlin, correspondia herdar o posto de Estaline como chefe supremo do comunismo.

O judaísmo é talvez a instituição que tomou medidas mais eficazes para conservar a união e a irmandade em suas fileiras; mas, apesar disso, os judeus são homens como todos, e não deuses, pelo que estão expostos a divisões e cismas internos, que têm surgido temporalmente através da História. O mais frequente tem sido que ambições de mando, encobertas às vezes por alardeadas discrepâncias ideológicas, hajam provocado no povo disperso cismas de maior ou menor duração, tal como tem acontecido também noutros povos da Terra; e tenho dados para prevenir que, mais que as diferenças ideológicas, é a ambição de mando de Mao e de seus partidários, por um lado, e, pelo outro, a dos actuais chefes judeus de Moscovo e Nova Iorque, que fizeram com que esta pugna se tenha ido agravando cada vez mais.

Tal como no caso de Estaline, os poderes judaicos mencionados de maneira nenhuma pretendem na sua luta com Mao-Tse-Tung, destruir o comunismo na China, visto que isso significaria fazer uma catastrófica marcha atrás nos planos hebreus de comunizar o mundo, mas sim o que pretendem é fomentar na China a rebelião contra Mao e sua camarilha, para

os derrubar e substituir por judeus comunistas Tiao-Kiu-Kiao fiéis a Moscovo e Nova Iorque e que estão descontentes com a intransigência de Mao. Por isso será impossível que o patriota marechal Chang-Kai-Chek receba auxílio dos Estados Unidos para libertar a China das garras do comunismo, enquanto o Governo de Washington continuar debaixo do controle e influência decisiva dos poderes ocultos do judaísmo, embora isso signifique para os Estados Unidos e para o mundo livre desprezar criminosamente a brilhante oportunidade que apresenta o conflito Moscovo-Pequim para libertar o Vietname do Norte, terminar vitoriosamente essa absurda guerra meramente defensiva no Vietname do Sul e até para libertar o infeliz povo chinês. O mais que o Governo de Washington fará enquanto forem títere do judaísmo será continuar impedindo que Mao conquiste a Formosa, a fim de evitar que este tome maior força; até que surja nos Estados Unidos um Presidente patriota e enérgico que possa aproveitar a pugna Pequim-Moscovo para liquidar a ameaça comunista chinesa, ajudando Chang-Kai-Chek a libertar o seu povo. Se isto chegar a acontecer, oxalá seja ainda a tempo, visto que é possível que qualquer dia se reconciliem Moscovo e Pequim, como se reconciliaram os poderes judaicos com sede em Moscovo e Nova Iorque. É tanto mais criminoso que não se haja apoiado a tempo Chang-Kai-Chek para libertar a China, e até que se haja proibido de tentá-lo, visto que tendo o judaísmo, tanto de Nova Iorque como de Moscovo, entregue a Pequim os segredos atómicos, os Tiao-Kiu-Kiao conseguiram fabricar as suas bombas atómicas e de hidrogénio, apesar da muito tardia retirada da assistência atómica soviético-norte-americana, realizada quando a rebelião de Mao-Tse-Tung tomou proporções perigosas. Mas a retirada realizou-se tarde de mais. O lógico teria sido que se houvesse esmagado a ditadura vermelha da China antes que esta tivesse podido terminar a fabricação das suas armas atómicas. Agora, a ameaça de uma guerra nuclear toma a iminência pavorosa e os responsáveis desta agressão nuclear de Pequim serão os governantes franco-mações de Washington e os judeus do Kremlin, que tornaram possível o poderio nuclear de Pequim. Mas o judaísmo internacional preferiu correr o risco de que o mundo se afunde numa guerra atómica a permitir que os patriotas da Formosa recuperem a China, porque isso teria sido para o judaísmo perder o controle dessa quarta-parte do mundo e um passo atrás desastroso na marcha da revolução comunista. Isto sabem-no muito bem Mao-Tse-Tung e sua camarilha judaica Tiao-Kiu-Kiao, e por isso se sentem tão seguros e tão agressivos, sabendo que o único perigo que têm de defrontar é o de que lhes provoquem revoltas dentro da China e tratem de im-

pedi-los de conseguir a liderança que desejam no comunismo mundial, lançando contra eles as forças comunistas de todo o mundo, coisa que procurarão evitar os Tiao-Kiu-Kiao liderados por Mao, visto que este tem partidários, embora por enquanto em minoria, entre os judeus de todo o mundo, e até entre os comunistas de todo o Orbe, e estão resolvidos a dar batalha externa ou interna aos seus rivais até a formar novos partidos comunistas pró-Pequim, onde Moscovo conseguia controlar os partidos comunistas tradicionais. Inclusivamente, na União Soviética, dizem ter adeptos os judeus pró-Pequim, entre antigos estalinistas recalcitrantes e jovens rebeldes que nunca faltam nas fileiras do judaísmo e que estão descontentes com a política dos actuais governantes israelitas da União Soviética.

E se o litígio Pequim-Moscovo recrudescesse e degenerasse em conflito bélico, a judiaria dos Estados Unidos procuraria impedir que os nacionalistas chineses pudessem aproveitar a ocasião para libertar a sua pátria da escravidão comunista. Isso pelas razões atrás mencionadas.

Com respeito ao conflito árabe-israelita, os árabes não se deram conta da mudança operada na situação, a partir do momento em que se reconciliaram os bandos hebreus rivais com chefias em Moscovo e Nova Iorque. Os árabes recordam que Estaline e seus sucessores, durante alguns anos, os ajudaram eficazmente contra o Estado de Israel e seus aliados dos governos dos Estados Unidos, Inglaterra e França, e com estes factos palpáveis adquiriram confiança nos dirigentes de Moscovo. O que os árabes ignoram é que tudo mudou a partir da citada reconciliação de Moscovo e Nova Iorque. A situação, segundo informações muito confidenciais e fidedignas de que disponho, é a seguinte na actualidade.

De comum acordo, os chefes do judaísmo mundial, tanto com sede em Nova Iorque como em Moscovo, aprovaram com respeito aos árabes e ao Estado de Israel a seguinte política:

1.° — O auxílio da União Soviética oferecido aos árabes, na época do cisma estaliniano, havia dado como resultado empurrar muitos dirigentes árabes para dentro da órbita socialista soviética, o que, em todo o caso, era benéfico aos planos do judaísmo universal para levar o mundo ao socialismo e ao comunismo.

ISTO POR NENHUM MOTIVO DEVERIA DESAPROVEITAR-SE, mas antes continuar *IMPULSIONANDO;* sobretudo pelo facto de os árabes, devido à posição de povo sagrado dentro do Islão, terem grande influência sobre o mesmo, assim como também sobre as demais nações muçulmanas, tanto da África Negra como do Sul da Ásia, tendo por sua vez as nações

islâmicas grande influência sobre o mundo chamado neutralista. O auxílio soviético aos árabes deveria continuar a ser prestado, como preço pago para os poder enlear ainda mais, e com eles o Islão e o mundo afro-asiático, dentro da órbita comunista e socialista, coisa que seria difícil de conseguir por *OUTROS MEIOS*, visto que a religião muçulmana é refractária ao comunismo ateu, e a religiosidade no Islão é muito mais intensa actualmente que na cristandade, comparando-se em muitos países maometanos com a religiosidade que existia há três séculos.

2.° — Mas este auxílio aos árabes não deveria pôr em perigo a vida, nem a expansão projectada do Estado de Israel, pois que, enquanto os judeus ocidentais movem as cordas para que os governos das grandes potências ocidentais armem Israel até aos dentes, de forma eficaz, os judeus soviéticos fornecem os árabes de forma *MENOS EFICAZ*, de maneira que percam irremediàvelmente uma nova guerra árabe-israelita no momento em que esta estalar. Guerra que, em último extremo, poderiam ganhar os hebreus com o apoio resoluto e eficiente de algumas potências ocidentais a Israel, e com uma hábil sabotagem da União Soviética, no apoio que, nos momentos decisivos, teria de prestar aos árabes, para não perder a influência sobre eles. Sabotando os próprios soviéticos o seu auxílio aos árabes nesses momentos decisivos, estes perderiam seguramente a guerra, necessária para uma maior expansão territorial do Estado judeu, que possa dar cabimento a uma maior emigração de israelitas e permita duplicar em pouco tempo o número de habitantes judeus do dito Estado de Israel.

3.° — A derrota árabe em tal guerra poderia conduzir a uma destas duas soluções, ambas boas para o judaísmo mundial: ou se chegue a conquistar totalmente o canal de Suez, os territórios entre os rios Nilo e Eufrates, e a riqueza petrolífera de vários Estados árabes, ou, se não convier dar tal passo, *DE MOMENTO*, devido a implicações internacionais daninhas, o judaísmo conseguirá obrigar os árabes, muito necessitados de ajuda exterior, a lançar-se ainda mais nos braços da União Soviética, conseguindo por um lado que as potências ocidentais continuem apoiando Israel, sugando auxílio militar e económico aos árabes e ordenando ao Governo soviético que ofereça toda a classe de ajuda militar e económica aos árabes, o que forçaria estes, *QUERENDO OU NÃO, A ENTREGAR-SE* cada vez mais *NAS MÃOS DA UNIÃO SOVIÉTICA* e a entrar mais profundamente na órbita socialista e soviética, *ATÉ CONSEGUIR COM NOVAS AMEAÇAS DE EXPANSÃO DO ESTADO DE ISRAEL* que os ditos Estados, ou pelo menos alguns deles, aceitem o estabelecimento de bases militares soviéticas no mundo árabe, a supervisão dos exércitos árabes pelos soviéticos, com o pretexto

de os melhorar, mas com o fim de os controlar; enfim, o domínio da sua riqueza petrolífera pelos soviéticos, que mais tarde permitiriam à U.R.S.S. a conquista definitiva destas terras, privando além disso o mundo livre da maior parte do seu abastecimento petrolífero.

O plano de conquista pelos hebreus de territórios árabes e, quando for possível, no futuro, de pontos vitais do mundo árabe (canal de Suez, mar Vermelho, que deve ser um novo Mare Nostrum judeu, regiões petrolíferas, etc.) não consideram os judeus realizá-lo de golpe, mas sim por partes, com períodos de paz ou de trégua intermédios, *QUE SÒMENTE DEVEM SER APROVEITADOS* para digerir as terras conquistadas aos árabes, aumentar com a imigração a população judia e o poder económico e militar do Estado de Israel. *PARA PREPARAR E REALIZAR OUTRA OFENSIVA NO MOMENTO OPORTUNO,* que pode vir por meio do braço da tenaz que convenha, ou seja, por meio de outra expansão do Estado judeu, ou de ganhos obtidos pela União Soviética e satélites comunistas, como preço da sua ajuda aos árabes, que podem ir desde a obtenção de concessões petrolíferas, de bases militares vitais, até ao controle pelo judaísmo do Kremlin dos exércitos árabes, com o pretexto de os preparar para a guerra contra Israel, até chegar à fiscalização dos governos árabes pelo Kremlin, e o derrubamento dos que se oponham a esse controle. No futuro prevê-se até a ocupação militar soviética daquelas terras árabes que não hajam sido conquistadas pela expansão do Estado de Israel.

O pretexto seria enviar exércitos soviéticos a territórios árabes, para os defender de uma agressão de Israel. Exércitos comunistas que entrariam em terras árabes, não para as defender, mas para as dominar, como quando entraram na minha pátria e noutras nações da Europa Oriental, diz-se que para as libertar dos nazis, e depois ali ficaram para as escravizar. Este plano será facilitado, se os governos árabes, ameaçados por uma nova agressão israelita, cometerem o erro suicida de pedir tropas comunistas para que os defendam da dita agressão.

Uma vantagem que o judaísmo quer conseguir a todo o custo com esta tenaz soviético-israelita sobre o mundo árabe é o reconhecimento oficial do Estado de Israel pelos árabes, e da perda consequente para os árabes dos territórios que lhes tirou o dito Estado judeu. Estes planos tão ambiciosos foram já executados em parte e continuarão a ser realizados pouco a pouco, para não causar reacções perigosas. Previu-se até a possibilidade de ter de fazer parcialmente marcha atrás nalgum ponto, mas só transitòriamente, e isto só em caso de uma reacção mundial perigosa exigir a sua conveniência, para depois voltar à carga no momento oportuno. Considerou-se tam-

bém a possibilidade de acelerar estes planos e avançar ràpidamente na sua execução quando se apresentarem oportunidades de fazê-lo sem perigo de malogro. Desta maneira, a tenaz judeo-comunista poderá facilitar ou a conquista do mundo árabe pelo Estado de Israel, *COISA MENOS PROVÁVEL POR AGORA*, ou a sua conquista pela União Soviética e o socialismo, *COISA MAIS PROVÁVEL POR AGORA*, ou uma conquista em parte conseguida pelo Estado de Israel e em parte conseguida pela União Soviética e o socialismo, *COISA QUASE SEGURA*.

Mas desde que foi concebido este maquiavélico plano, os seus elaboradores, segundo assegura a minha fonte de informações a este respeito, previram graves dificuldades que teriam de vencer, e entre estas as seguintes:

1.ª — Desde a elaboração do plano se previu a possibilidade de o judaísmo poder perder o controle que mantém sobre o governo de algum ou alguma das grandes potências ocidentais e que algum governo gentio, reaccionário, ou «ditatorial» (leia-se governo patriota), pudesse destroçar este plano, oferecendo aos Estados árabes *A AJUDA MILITAR E FINANCEIRA SUFICIENTE*, para poderem prescindir da ajuda soviética. Com isto poderia *RUIR A CHANTAGEM* soviético-israelita que anteriormente se descreveu, fugindo das mãos do judaísmo, ao menos por momentos, a oportunidade de empurrar os árabes cada vez mais para dentro da órbita soviética. Este perigo deveria conjurar-se tentando esmagar a tempo o governante ou governantes gentios que se atrevessem a dar tal passo, porquanto, se falha a tenaz da mencionada chantagem, poderia falhar todo este plano para controle judeo-comunista do mundo árabe, e, por meio deste, do mundo islâmico.

2.ª — Deverão a União Soviética e os governantes ocidentais sob controle judeu fazer todo o possível para que os árabes *NÃO PERCAM A CONFIANÇA NA UNIÃO SOVIÉTICA*, embora esta lhes falhe em tais ou quais momentos, *PELO QUE PODERÃO EMPREGAR-SE AUXÍLIOS SOVIÉTICOS DE PALAVREADO, MAIS APARATOSOS QUE EFICAZES* para suprir ou encobrir as falhas *DE FACTO*, manobra que poderá ter êxito completo se se conseguir que as potências ocidentais continuem negando ajuda aos árabes e ajudando eficazmente a Israel, visto que em tal caso, como está dito, *NÃO FICARÁ A ESTES MAIS REMÉDIO QUE LANÇAR-SE CADA VEZ MAIS NAS MÃOS DA UNIÃO SOVIÉTICA, QUEIRAM OU NÃO QUEIRAM*. Ou render-se ao Estado de Israel, reconhecendo a sua existência, e os territórios que conquistou aos árabes na Palestina, ou até fora da Palestina, quando isto for possível.

3.ª — Quando a rebelião dos criptojudeus chinos Tiao-Kiu-

-Kiao encabeçados por Mao-Tse-Tung tomam proporções de cisma consumado, os planeadores e executores deste plano sombrio previram outra possibilidade que o poderia fazer fracassar, ou seja, que a China comunista se aprestasse a *OFERECER AUXÍLIO AOS ÁRABES,* com o intuito de substituir a União Soviética e seus satélites, incluindo o falsamente neutralista Marechal Tito, na influência crescente que estes vinham adquirindo no mundo árabe. Mas tal coisa considerou-se pouco provável, dadas as poucas possibilidades que tinha a China Vermelha de igualar a ajuda financeira e em armamentos que a União Soviética poderia proporcionar aos árabes, que deveria ser aumentada por forma a não poder ser igualada por Pequim, o que obrigaria também o judaísmo a obter dos governos das potências ocidentals ajuda maior e mais eficaz a Israel que aquela que a U.R.S.S. e seus satélites dão aos árabes, para evitar, em todo o caso, que os árabes pudessem ganhar uma guerra contra Israel. Além disso, o movimento que se organizaria na China entre os judeus Tiao-Kiu-Kiao fiéis em segredo aos poderes hebreus de Nova Iorque e de Moscovo, poderia derrubar Mao ou a sua quadrilha e terminar com esse problema, ou, quando muito, criar na China Vermelha tal anarquia que a impossibilitasse de prestar qualquer auxílio aos árabes capaz de substituir a imprescindível ajuda soviética.

Como poderá observar-se, o Israel Mundial está estrangulando o mundo árabe por meio da triturante tenaz soviético-israelita, que o colocou entre a espada e a parede. O Islão, que difícilmente poderia ser conquistado pelo comunismo ateu, foi penetrado desta hábil forma e pode chegar a ser conquistado paulatinamente, se as potências do mundo livre não se apressam a impedi-lo. Tal coisa será impossível, enquanto o Governo dos Estados Unidos e outras das grandes potências ocidentais continuarem prestando ajuda económica e militar ao Estado de Israel, causando não só grandes prejuízos aos árabes, mas às suas próprias nações, que acabarão por perder em todas as hipóteses, se o Israel Mundial conseguir conquistar o mundo árabe quer seja por meio da conquista do dito mundo árabe pelo imperialismo judaico comunista, quer seja por meio da expansão territorial do Estado de Israel. O aparecimento nas grandes potências ocidentais de um ou mais chefes de Estado gentios, livres da tutela judaico-maçónica, que, compreendendo esta terrível ameaça para toda a Humanidade, se decidem a destruir de forma valorosa a criminosa tenaz soviético-israelita que oprime os árabes, oferecendo a estes a ajuda económica e militar necessária, para a sua luta de legítima defesa contra a agressão de Israel, poderia destruir os planos judeo-comunistas no Médio Oriente, visto que os árabes, já não necessitando da ajuda

soviética, livrar-se-iam das suas garras, ficando feita em pedaços a nefasta tenaz.

Ao governante ou governantes patriotas das potências ocidentais que tenham o espírito da justiça, a grande visão política e a coragem de tomar esta determinação importante e decisiva para os destinos do mundo, lhes ficarão agradecidos não sòmente os árabes e o Islão, mas os homens livres de todo o mundo. Mas é evidente que este golpe, se se levasse a cabo com a eficácia suficiente que pudesse deitar por terra os planos aqui descritos do imperialismo judaico e da revolução comunista, para a conquista dos Estados árabes e do mundo islâmico, provocaria no Israel Mundial uma reacção apaixonada contra o grande patriota que realizasse tão formosa façanha procurando afundá-lo politicamente, de estrangular econòmicamente o seu governo e recorrendo quiçá até ao seu tradicional sistema, de atentar contra a sua vida.

BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA

SANTO ATANÁSIO, Grande Padre da Igreja. **Tratado de la Encarnación.** 40. 7.

SANTO ATANÁSIO, Grande Padre da Igreja. **Historia Arrianorum ad Monachos.**

SANTO ATANÁSIO, Grande Padre da Igreja. **Contra Arrianos.**

SANTO ATANÁSIO, Grande Padre da Igreja. **Epístola de Morte Arrii.**

SANTO AGOSTINHO, Grande Padre da Igreja. **Tratado sobre los Salmos.** Salmo 63 V. 2.

SANTO AGOSTINHO, Grande Padre da Igreja. Citado por Frei Francisco de Torrejoncillo em **Centinela contra Judíos Puesta en la Torre de la Iglesia de Dios.** Madrid, 1674.

SÃO TOMÁS DE AQUINO. **Opera Omnia.** Edição Pasisills. MDCCLXXX.

RICARDO C. ALBANÉS. **Los Judíos a través de los Siglos.** México, 1939.

ABODA SARA. 26 b Tosephot.

Archivos de la Inquisición de Carcassonne. Citados por J. Vaissette em «Histoire Générale de Languedoc».

Archivos de la Inquisición de Carcassonne. Citados por Henry Charles Lea em «A History of the Inquisition of the Middle Ages». Nova Iorque. (Dont, XX-XI, 21 e 25).

Abjar Machmua. Tradução de D. Emilio Lafuente y Alcántara. Colecção de Obras Arábigas de Historia y Geografia. Real Academia de la Historia. Madrid. Tomo I.

Al-Makkari. Citado por Ricardo C. Albanés em «Los Judios a través de los Siglos» Edição citada.

Al-Makkari. Citado por Vicente Risco em «Historia de los Judíos». Edição Barcelona, 1960.

Abou-Zeid Abd-er-Rahman Ibn Khaldoun. «Histoire des Berbederes». Tradução francesa do Barão Salane. Edição Argel, 1852.

ARCEBISPO AMOLON. **Tratado contra los Judíos.**

Academia de la Historia. «Privilegios de Dicha Iglesia». G. 18.

Academia de la Historia. «Cortes de los Antiguos Reinos de León y Castilla». Madrid, 1863.

FREI JOSEPH ALVAREZ DE LA FUENTE. **Sucesión Real de España.**

Archivos Israelitas. 1864.

Almanaque de los Franc-Masones. Leipzig. 1884.

PADRE ABEL. **La Nueva Prensa Libre.** Viena, 1898.

SANTO AMBRÓSIO, Bispo de Milão, Grande Padre da Igreja. **Carta IX al Emperador Teodósio.**

JOSÉ AMADOR DE LOS RIOS. **Historia de los Judíos de España y Portugal.** Madrid, 1875.

ARRIO, **Thalia.**

JAIME BALMES, S. J. **El Protestantismo Comparado con el Catolicismo.**

BOSSUET. **Sermón para el Viernes Santo.** Oeuvres II, 628.

BOSSUET. **Discours sur L'Histoire Universelle.** Parte II, Capítulo XXI.

BOSSUET. Citado por Malcolm Hay em **Europe and the Jews.** Boston, U. S. A. 1960.

SÃO BERNARDO. Padre da Igreja. **Epístola N.º 241.**

SÃO BASÍLIO. Carta publicada por São João Crisóstomo. Biblioteca de Autores Cristãos. La Editorial Católica, S. A. Madrid. MCMLVIII.

BEDARRIDE. **Les Juifs en France, en Italie et en Espagne.** XII Edição. Paris, 1861.

Rabino LEWIS BROWNE. **Stronger than Fiction.** Nova Iorque, 1925.

Rabino LEWIS BROWNE. **The Story of the Jews.** Londres, 1926.

BATIFFOL. **Les Sources de Histoire du Concile de Nicée.** Echos d'or. 28. Edição 1925.

LEROY BEAULIEU. **Israel entre las Naciones.**

BENAMOZEGH. **Israel y la Humanidad.**

BARRUEL. **Memoires pour L'Histoire du Jacobinisme.**

Biblia Deuteronomio. Edição Scio. Madrid, 1852.

Boletim Oficial do G. O. de França. Outubro, 1962.

CARLO BO. **E Ancora Difficile Dire Ebreo.** Artigo da Revista «L'Europeo» de Milão. N.º de 26 de Agosto de 1962.

Bullorium Diplomatum et Privilegiorum Sanctorum Romanorum Pontificum. Taurinensis. Edição 1739-1753.

SÃO JOÃO CRISÓSTOMO, Grande Padre da Igreja. **Sexta Homilia contra los Judíos.**

SÃO JOÃO CRISÓSTOMO, Grande Padre da Igreja. **Homilías contra los Judíos.**

SÃO JOÃO CRISÓSTOMO, Grande Padre da Igreja. **Sources Chrétiennes.**

LIC. ALFONSO DE CASTRO. **El Problema Judío.** Editorial Actualidad. México, 1939.

CARDEAL JOSÉ MARIA CARO R. Arcebispo de Santiago, Primado do Chile. **El Misterio de la Masonería.** Editorial Difusión. Buenos Aires, 1954, 2.ª Edição.

CAPEFIGUE. **Las Grandes Operaciones Financieras.**

CUVELIER. **Histoire du Monseigneur Bertrand du Guesclin.** Manuscrita em verso pelo cronista e mandada escrever em prosa por Estonteville no ano de 1387. Tradução espanhola de Berenguer. Madrid, 1882.

Crónica de D. João II do ano de 1420. Citada por José Amador de los

Rios em «Historia de los Judios de España y Portugal». Edição citada.

Continuatio Chronici Guillemi de Nangis. Publicada no «Specilegium sive Aliquot Scriptorum qui in Galiae Bibliothecis Delituerant». Paris, Ano MDCCXXIII. Tomo III.

Codex Udalrici. Números 240 e 261.

CAVALLERA. **Le Schisme d'Antioche.** Cambridge, 1938.

Chronicon Moissiacense y Chronicon Sebastian. España Sagrada. Tomo XIII.

Concílio Ilibiterano. Citado por José Amador de los Rios em «Historia de los Judios de España y Portugal». Edição citada.

Concílio III Toledano. Cânone XIV. Compilação de Juan Tejada y Ramiro. Colecção de Cânones de Todos os Concílios da Igreja de Espanha e América. Madrid, 1859.

Concílio IV Toledano. Cânones LVIII, LIX, LX, LXII, LXIV, LXV e LXVI. Colecção citada.

Concílio VI Toledano. Cânones III e IV. Colecção citada.

Concílio VIII Toledano. Cânone III. Colecção citada.

Concílio IX Toledano. Cânone XVII. Colecção citada .

Concílio XII de Toledo. Actas, Pliego del Rey y Canon IX. Colec. citada.

Concílio XIII de Toledo. Cânone IX. Colecção citada.

Concílio XVI de Toledo. Cânone I. Colecção citada.

Concílio XVII Toledano. Actas, Pliego del Rey y Canon VIII. Colecção citada.

Concílio de Agde. Cânone LXIV. Colecção citada.

Concílio Trulano. Cânone I. Colecção citada.

Concílio II de Niceia. Cânones VIII e IX. Compilação de: «Acta Conciliorum et Epistolae Decretales, ac Constitutione Summorum Pontificum», Studio, P. Joannis Harduini, S. J. Paris, 1714.

Concílios de Epaone, Orleáns III y IV, Macon, Paris y Meaux. Citados por Graetz na «History of the Jews». Edição da Jewish Publication Society of America. Filadélfia. 5717-1956.

Concílio IV de Orleáns. Citado pelo rabino Jacob S. Raisin em «Gentile Reactions to Jewish Ideals». Philosophical Library, Nova Iorque, 1953.

Concílio II de Latrão. Cânone XXX. Compilação da «Acta Conciliorum et Epistolae Decretales, ac Constitutione Summorum Pontificum», Studio, P. Joannis Harduini, S. J. Paris, 1714.

Concílio IV de Latrão. Cânones LXVII, LXVIII, LXIX e LXX. Compilação citada. Edição citada.

Congresso Internacional de Bruxelas. 1910. Memória.

Chaniga fol. 3a 3b.

C. DE TORMAY. **Le Livre Proscrit.**

P. DESCHAMPS, Cardeal MATHIEU, Monsenhor BESSON e outros. **Las Sociedades Secretas y la Sociedad.**

DE LUCHET. **Essai sur la Secte des Illumines.**

GUTIERRE DIEZ DE GAMEZ. **Crónica de Pedro Niño Conde de Buelna.** Escrita no ano de 1495. Tirada da Edición Madrid, 1782.
L. DUCHESNE. **Compendio de la Historia de España.** Tradução espanhola do Padre José Francisco de la Isla. Madrid, 1827.
L. DUCHESNE, **Liber Pontificalis.** Edição Paris, 1955. Tomo II.
REINHART DOZY. **Histoire des Musulmans D'Espagne.** Leiden, 1932.
DUQUE DE LA VICTORIA. **Israel Manda.** Editorial Latino-Americana, S. A. México.
JOSEPH DUNNER. **The Republic of Israel.** Edição de Outubro, 1950.
LÉON DE PONCINS. **Las Fuerzas Secretas de la Revolución F. M. y Judaísmo.** Edição Fax. Madrid, 1957.
E. DRUMONT. **La France Juive.** Edição de Paris, 1888.
R. P. JUAN DE MARIANA, S. J. **Historia General de España.** Edição Madrid, 1650.
JUAN DE SEGÓVIA. **Historia Gestorum Generalis Synodi Basiliensis.**
JUAN DE RAGUSA. **Monumenta Conciliorum Generalium Saeculioli.**
Bispo HUMBERTO DE LUCCA. **Crónica en Codex Udalrici.**
RENZO DE FELICE. **Storia Degli Ebrei Italiani sotto il Fascismo.** Edição Torino, 1961.
E. DE FAYE. **Gnostiques et Gnosticisme.** Edição 1913.
FERRER DEL RIO. **Examen Histórico Crítico del Reinado de Don Pedro de Castilla.** Obra premiada por unanimidade de votos da Real Academia Espanhola. Edição Madrid, 1851.
Drive en Day. Fol. 37.
FREI FRANCISCO DE TORREJONCILLO. **Centinela contra Judíos Puesta en la Torre de la Iglesia de Dios.** Madrid, 1674.
Bispo LUCAS DE TUY. **Cronicon Era 733.**
Eben-Ha-Esser 6 e 8.
E. EBERLIN. **Les Juifs d'aujourd'hui.**
EUSÉBIO. **Vita Constantinus.**
Enciclopedia Universal Ilustrada. Espasa Calpe, S. A. Editores. Madrid--Barcelona. Copyright 1930.
Enciclopedia Judaica Castellana. Editorial Enciclopedia Judaica Castellana, S. de R. L. México, 1948.
ESTÊVÃO III, Papa. Citado pelo rabino Joseph Kastein na **History and Destiny of the Jews.** Garden City. Nova Iorque. 1936.
OTTO DE FRISINGA. **Chronica.** Tomo VII.
MAURICE FARA. **La Masoneria en Descubierto.** Editorial Hoja de Roble. Buenos Aires.
Forum Judicum. Livro XII. Título II. Lei 14. Edição da Real Academia Espanhola. 1815.
Fuero Juzgo en Latín y Castellano. Edição da Real Academia Espanhola. 1815.
JEAN DE FROISSARD. **Histoire et Chronique Memorable.** Paris, 1574.
Rabino ADOLFO JACOB FRANCK. **La Kabbale en la Philosophie Religieuse des Hebreux.**

LORENZO FRAU ABRINES M. M. Grao 33 Rito Escocês Antigo e Aceite. **Dicionário Enciclopédico Abreviado de la Masoneria.** Cía. Gral. de Ediciones, S. A. México, 1960. II Edição.

JAMES FINN. **Sephardim or the History of the Jews in Spain and Portugal.** Londres, 1841.

NICOLE GUILLES. **Les Anales et Chroniques de France.** Paris. 1666.

GEVATKIN. **Studies of Arrianisme.**

SÃO GREGÓRIO, Bispo de Tours. **Historia Francorum.**

GREGOROVIUS FERDINAND. **Geschichte der Stadt Rom im Mittelalter.** Tradução italiana de Renato Manzato. Turim.

GREGÓRIO VII, Papa. **Regesta IX - 2.**

GRAETZ. **History of the Jews.** Edição da Jewish Publication Society of America. Filadélfia 5717-1956.

GREGÓRIO IX, Papa. Bula **Sufficere Debuerat**, de 5 de Março de 1233. Compilação do Bullorium Diplomatum et Privilegiorum Sanctorum Romanorum Pontificum. Tourensis. Editio. Tomo III. Ano de 1233.

GREGÓRIO IX, Papa. Bulas: **Ille Humani Generis; e Licet ad Capiendos Potthast.** N.os 9143, 9152, 9235. Arquivo da Inquisição de Carcassonne (Doat XX, XXI, 21 e 25). Citado por Henry Charles Lea. **A History of the Inquisition of the Middle Ages. Nova Iorque.** Edição citada.

P. GAXOTTE. **La Revolución Francesa.**

BERNARD HUTTON. Revista francesa **Constellation.** N.º 167 do mês de Março de 1962.

VON HAUGWITZ. **Memórias.**

JOANNIS HARDUINI, S. J. **Acta Conciliorum et Epistolae Decretales, ac Constitutione Summorum Pontificum.** Edição Paris, 1715.

LEON HALEVY. **Resumen de la Historia de los Judíos.**

SANTO HILÁRIO. História 2. 20 Frag.

Hechos de los Apóstoles. Biblia Scio. Edição Madrid, 1852.

J. CH. HEFELE. **Histoire Générale des Conciles.** Tomo I.

PAUL HAY, SEIGNEUR DE CHARTELET. **Histoire de Monseigneur Bertrand du Guesclin.** Edição Paris, 1666.

MOSES HESS. **Rome and Jerusalem.** Traduzido e editado pelo rabino Maurice J. Bloom. Nova Iorque, 1958.

MALCOLM HAY. **Europe and the Jews.** Boston, U. S. A. 1960.

SANTO IRENEU. **Adversus Haereses.**

INOCÊNCIO IV, Papa. Bula **Impia Judaeorum Perfidia**, de 9 de Maio de 1244. Compilação do Bullorium Privilegiorum ac Diplomatum Romenorum Pontificum. Amplissima Collectio. Caroli Cocquelines. Roma, 1739-1753.

Ibn-el-Athir. Crónica **El Kamel.**

JULES ISAAC. **Jesus et Israel.**

APÓSTOLO SÃO JOÃO. **Evangelio.** Bíblia. Edição citada.

APÓSTOLO SÃO JOÃO. **Apocalipsis.** Bíblia. Edição citada.

SALVATORE JONA. **Gli Ebrei in Italia durante il Fascismo.** Milão, 1962. **Jebamoth.**

SÃO JERÓNIMO. Catálo citado por Adricomio.

Jewish Encyclopedia. New York and London. Funk and Wagnalls Company. MDCCCI.

Monsenhor JOUIN. **Le Peril Judeo Maçonnique.** 5 Volumes. Paris, 1919-1927.

J. ET J. THAURAUD. **Causerie sur Israel.**

KADMI-COHEN. **Nomades** (Éssai sur l'ame juive). 1929.

W. KOCH. **Coment L'Empereur Juliane Tacha de Fonder une Église Paienne.** Artigos publicados pela «Revue de Philosophie de L'Histoire». N.º 6 do ano 1927-1335 e N.º 7 do ano 1928-485.

JOSEF KASTEIN. **History and Destiny of the Jews.** Traduzido do alemão por Huntley Paterson. Nova Iorque, 1933.

Kabala ad Pentateucum. Fol 97. Col. 3.

LEON KAHN. **Los Judíos de Paris durante la Revolución.**

LATSIS. **Terror Rojo.** Jornal de 1 de Novembro de 1918.

Apóstolo SÃO LUCAS. **Evangelho.** Biblia Scio. Edição citada.

L'Osservatore Romano de 19 de Abril de 1956. Roma.

B. LLORCA, S. J., R. GARCIA VILLOSLADA, S. J. e F. J. MONTALBAN, S. J. **Historia de la Iglesia Católica.** Madrid, 1960.

ELIPHAS LEVI. **Historia de la Magia.**

ELIPHAS LEVI. **Dogme et Rituel de la Haute Magie.**

N. LEVEN. **Cinquante Ans d'Histoire. L'Alliance Israelite Universal.** Paris, 1911.

LABRIOLLE. **La Reaction Paienne.** 1934.

PEDRO LOPEZ DE AYALA. **Crónica del Rey Don Pedro.** Anos I, II, III, IV, V e seguintes. Esta crónica foi manuscrita pelo autor na segunda metade do século XIV.

RUFUS LEARSI. **Historia del Pueblo Judío.** Tradução espanhola da Editorial Israel. Buenos Aires. Escrita com a ajuda da Jewish History Foundation, Inc.

HENRY CHARLES LEA. **A History of the Inquisition of the Middle Ages.** Nova Iorque, 1958.

HENRY CHARLES LEA. **Histoire de L'Inquisition au Moyen Age.** Tradução francesa de Salomón Reinach. Paris, 1901.

Livro de Actas da Faculdade de Teologia da Universidade de Viena. MSS. Acta de 10 de Janeiro de 1419.

R. LAMBELIN. **Las Victorias de Israel.**

LEÃO XIII, Papa. Carta Encíclica **Humanum Genus,** de 20 de Abril de 1884.

Les Cahiers de L'Ordre. N.os 3 e 4 do ano de 1926.

Los Judíos. Obra publicada pela Sociedad Hebraica Argentina. 1956.

PROSPER MERIMEE. **Histoire de Don Pedro.** Edição Paris, 1848.

Monsenhor LÉON MEURIN, S. J., Arcebispo-Bispo de Port-Louis. **Filosofia de la Masonería.** Editorial Nos. Madrid, 1957.

MICHELET. **Histoire de France.** Edição francesa 1879. Tomo III.
SÃO GREGÓRIO MAGNO, Papa. Citado por Graetz na **History of the Jews.** Edição citada.
FREDERICK DAVID MOCATTA. **The Jews in Spain and Portugal and the Inquisition.** Londres, 1877.
GOUGENOT DES MOUSSEAUX. **Le Juif, le Judaïsme et la Judaïsation des Peuples Chrétiennes.**
MARTINHO V, Papa. Bula **Sedes Apostolica,** do ano de 1425. Compilação do Bullorium Diplomatum et Privilegiorum Sanctorum Romanorum Pontificum. Tourensis Editio. Tomo IV. Ano de 1425.
S. P. MELGUNOV. **Le Terreur Rouge en Russie.**
ESTEBAN J. MALANNI. **Comunismo y Judaísmo.** Edição La Mazorca. Buenos Aires, 1944.
Apóstolo SÃO MARCOS. **Evangelho.** Scio Biblia. Edição citada.
Apóstolo SÃO MATEUS. **Evangelho.** Scio Biblia. Edição citada.
MATTER. **Histoire du Gnosticisme.** Edição 1844.
DEAN MILMAN. **History of the Jews.** Eviriman's Library. II Edição.
MARCELINO MENENDEZ Y PELAYO. **Historia de los Heterodoxos Españoles.** Edição do Conselho Superior de Investigações Científicas. Madrid, 1946.
SÃO GREGÓRIO DE NYSA. **Oratio in Christi Ressurrectionem.**
NICOLAU IV, Papa. Bula **Turbato Corde,** de 5 de Setembro de 1288. Caroli Cocquelines. Bullorium citado.
ALFRED NOSSIG. **Integrales Judentum.**
SÃO GREGÓRIO NACIANCENO. Padre da Igreja. **Oratio I en Julianum.**
Rabino LOUIS ISRAEL NEWMAN. **Jewish Influence in Christian Reform Mouvements.** Nova Iorque, 1925.
ORÍGENES. **De Principiis,** IV-8.
SÃO PIO V, Papa. Bula **Romanus Pontifex,** de 19 de Abril de 1566. Compilação Bullorium Diplomatum et Privilegiorum Sanctorum Romanorum Pontificum. Edição citada.
SÃO PIO V, Papa. Bula **Cum Nos Nuper,** de 19 de Janeiro de 1567. Bullorium e edição citada.
SÃO PIO V, Papa. Bula **Hebraeorum Gens,** de 26 de Fevereiro de 1569. Bullorium e edição citada.
PAULO III, Papa. Bula **Illius Vices,** de 12 de Outubro de 1535. Caroli Cocquelines. Bullorium e edição citada.
PAULO IV, Papa. Bula **Cum Nimis Absurdum,** de 12 de Julho de 1555. Cocquelines. Bullorium. Edição citada.
PIKE. **La Moral y el Dogma en el Rito Escocés.**
Apóstolo SÃO PAULO. **Epístola a Tito.** Biblia Scio. Edição citada.
Apóstolo SÃO PAULO. **Epístola I a los Thesalonicenses.** Biblia Scio. Edição citada.
Apóstolo SÃO PAULO. **Epístola a los Gálatas.** Biblia Scio. Ed. citada.
Apóstolo SÃO PAULO. **Epístola II a los Corintios.** Biblia Scio. Ed. citada.

Apóstolo SÃO PEDRO. **Epístola II.** Biblia Scio. Edição citada.
DEBORAH PESSIN. **The Jewish People.** Livro II. Edição da United Synagogue Commission on Jewish Education. Nova Iorque, 5712-1952.
Prima Vita Urbani V. Publicada por Baluzius em «Vitae Paparum Avenionesium» Edição Paris, 1693.
Processos de Luís de Carvajal El Mozo. Edição Oficial do Arquivo Geral da Nação. México, 1935.
Profecias de Isaías. Biblia Scio. Edição citada.
Profecias de Ezequiel. Biblia Scio. Edição citada.
Profecias de Oseas. Biblia Scio. Edição citada.
Profecias de Amós. Biblia Scio. Edição citada.
Profecias de Daniel. Biblia Scio. Edição citada.
ISIDORO PACENSE. **Chronicon.**
Prof. JOHANNES QUASTEN. **Patrologia.** Biblioteca de Autores Cristianos. La Editorial Católica, S. A. Madrid. MCMLXI.
PABLO ROSEN, **Satán y Cia.**
ADOLPHE RICOUX. **L'Existence des Loges de Femmes.** Paris, 1891.
Revue International des Sociétés Secrètes. Editada em Paris. N.º 2 do ano de 1913 e N.º 8 do ano de 1926.
TRAIAN ROMANESCU. **La Gran Conspiración Judia.** III Edição. México, 1961.
CECIL ROTH. **Storia del Popolo Ebraico.** Milão, 1962.
CECIL ROTH. **Historia de los Marranos.** Editorial Israel. Buenos Aires, 1946. Ano Judeu 5706.
CECIL ROTH. **A History of the Marranos.** Filadélfia, U. S. A. 1932.
VICENTE RISCO. **Historia de los Judíos.** Edição de Barcelona, 1960.
ERNESTO ROSSI. **II Manganello e l'Aspersorio.** Firenze.
Dr. ROHLIENG. Sacerdote católico. **Die Polemik des Abbinismus.** Citado por Ricardo C. Albanés em «Los Judíos a través de los Siglos». Edição citada.
RAGON. **Maçonnerie Occulte.**
Rabino JACOB S. RAISIN. **Gentile Reactions to Jewish Ideals.** Philosophical Library. Nova Iorque, 1953.
RIPOLL. I, 45, 47 C 8 — 8 Sexto V 2.
WERNER SOMBART. **Les Juifs et la Vie Economique.**
SALLUSTE. **Les Origenes Secrètes du Bolchevisme.** Henry Hein e Karl Marx. Paris.
Sepher-Ha-Zohar (Cabala Judia). Tradução de Juan de Pauly. Paris.
Scio. Bíblia. Edição Madrid. 1852.
Scio. Tablas Cronológicas. Bíblia. Edição citada.
Scio. Anotaciones autorizadas a la Sagrada Bíblia. Edição citada.
SAMUEL SCHWARZ. **Os Cristãos-Novos em Portugal no Século XX.** Lisboa, 1925.
Shabbat. Fol. 89. Col. 2.
ABRAHAM LEON SACHAR. **Historia de los Judíos.** Edição Ercilla. Santiago do Chile, 1945.

SOROMENO. **História Eclesiástica.**
R. V. SELLERS. **Eustatius of Antioch and his Place in the carly Christ Doctrine.** Cambridge, 1928.
Sumario de los Reys de España. Compêndio inserto na edição de Llaguno y Amirola da Crónica de Don Pedro Niño. Madrid, 1782.
SITGES. **Las Mujeres del Rey Don Pedro.** Edição Madrid, 1910.
TERTULIANO. **Adversus Judaeos.**
TERTULIANO. **Escorpiase.**
TERTULIANO. **Ad. Nationes.**
TERTULIANO. **In Apologet.** Livro V e Orosio. Livro VII.
TALMUDE BABILÓNIA. **Tratado Sanhedrin,** Fol. 88, Col. 2.
TALMUDE BABILÓNIA. **Tratado Sanhedrin,** Fol. 89, Col. 1.
TALMUDE BABILÓNIA. **Tratado Sanhedrin,** Fol. 104, Col. 1.
TALMUDE BABILÓNIA. **Tratado Schabb.** Fol. 20, Col. 1.
JUAN TEJADA Y RAMIRO. **Colección de Cánones de Todos los Concilios de la Iglesia de España y América.** Madrid. 1859.
RODERICUS TOLETANUS. **De Rebus Hispaniae.** Livro III.
RODERICUS TOLETANUS. **Rerum in Hispania Gestarum.** Livro III.
Bispo LUCAS TUDENSIS. **Chronicon en Hispania Ilustrata.** Tomo IV.
Bispo LUCAS TUDENSIS. **De Altera Vita Adversus Albigenses Errores.**
Dr. EZEQUIEL TEYSSIER. **México, Europa y los Judíos.** Editorial Claridades. México MCMXXXVIII.
Tractatus Haeres Pauper de Ludg. Anónimo. Em Martene. V. C. 1794.
LEO TAXIL. **Les Frères Trois Points.**
VOLTAIRE. **Henriade.**
VOGELSTEIN UND RIEGER. **Geschichte der Juden in Rom.** Edição 1896.
VACANDARD. **La Vie de Saint Bernard.**
VAISSETTE. **Histoire Général de Languedoc.**
MATEO VILLANI. **Historia.** Florença, 1581, Livro I.
ARTHUR E. WAITE. **The Mysteries of Magie.**
Westsalicher Merkur. Diário de Munster. N.° 405, de 6 de Outubro de 1926.
Rabino WIENER. **Die Juwisechen Speisegsetz.** Citado por Ricardo C. Albanés. Obra citada. Edição citada.
NESTA H. WEBSTER. **Secret Societies and Subversive Movements.** Londres, 1924.
WILLIAM THOMAS WALSH. **Filipe II.** Edição Espasa Calpe. Barcelona.
J. M. WATTERICH. **Vitae Romanorum ab Exeunte Saeculo IX usque ad Finen Saeculi XII.** Leipzig, 1862.
GERSON WOLF. **Studien zur Jubelfeier der Wiener Universitaet.** Viena, 1865.
JOHN YARKER. **The Arcane Schools.**